UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

Rachel Tupynambá de Ulhôa

SERRO E DIAMANTINA COLONIAIS: UMA RELEITURA DA PRÁTICA MUSICOLÓGICA DE CURT LANGE

Belo Horizonte

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

Rachel Tupynambá de Ulhôa

SERRO E DIAMANTINA COLONIAIS: UMA RELEITURA DA PRÁTICA MUSICOLÓGICA DE CURT LANGE

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Linha de Pesquisa Música e Cultura, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Professora Doutora Edite Maria Oliveira da Rocha

Belo Horizonte

2022

U38s Ulhôa, Rachel Tupynambá de.

Serro e Diamantina coloniais [manuscrito]: uma releitura da prática musicológica de Curt Lange / Rachel Tupynambá de Ulhôa. - 2022.
417 f., enc.; il.

Orientadora: Edite Maria Oliveira da Rocha.

Linha de pesquisa: Música e cultura.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música.

Inclui bibliografia.

1. Música - Teses. 2. Musicologia. 3. Lange, Francisco Curt, 1903-1997. 4. Serro (MG). 5. Diamantina (MG). I. Rocha, Edite. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Música. III. Título.

CDD: 780.072

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária: Aline Pimenta Almeida CRB/6 - 3416

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE MÚSICA
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese defendida pela aluna **Rachel Tupynambá de Ulhôa**, em 09 de junho de 2022, e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:

_____

Profa. Dra. Edite Maria Oliveira da Rocha

Universidade Federal de Minas Gerais

(orientadora)

_____

Prof. Dr. Loque Arcanjo Júnior

Universidade do Estado de Minas Gerais

_____

Prof. Dr. Modesto Flávio Chagas Fonseca

Universidade Federal de São João del-Rei

_____

Prof. Dr. Paulo Augusto Castagna

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

_____

Prof. Dr. Renato Pereira Torres Borges

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Documento assinado eletronicamente por **Edite Maria Oliveira da Rocha**, **Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 09/06/2022, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Loque Arcanjo Junior**, **Usuário Externo**, em 09/06/2022, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Renato Pereira Torres Borges**, **Usuário Externo**, em 09/06/2022, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Paulo Augusto Castagna**, **Usuário Externo**, em 28/07/2022, às 20:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Modesto Flávio Chagas Fonseca**, **Usuário Externo**, em 04/08/2022, às 18:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1488944** e o código CRC **4A37943E**.

Para minha família: companheira e incentivadora de todas as horas e desafios

AGRADECIMENTOS

O meu ingresso em 2017 na pós-graduação da UFMG e a conclusão do doutoramento em 2022, foi para mim uma conquista que me encheu de entusiasmo e alegria. Ele começa e termina com o incentivo e apoio contínuo da minha família. Agradeço minha irmã Martha, com seu profissionalismo, doação, e compromisso com a pesquisa e a ciência, muito obrigada pelo inestimável apoio, estímulo, muitas conversas e incentivo; aos meus filhos Adriano e Angélica, Tereza Raquel e Vinícius, e minha enteada Alice, minha mãe Cecy e meu irmão Flávio, pelo amor que transborda; e, meu marido Wallen, companheiro das inúmeras viagens entre Montes Claros e Belo Horizonte e das muitas horas de dedicação aos estudos e à escrita da tese.

Nessa linda e desafiadora jornada, não posso deixar de agradecer ao Professor da UNIRIO José Nunes que muito contribuiu na minha decisão de assumir como objeto de pesquisa a música no período colonial em Diamantina.

Agradeço imensamente a receptividade e abertura das Professoras Doutoras Jussara Rodrigues Fernandino, Maria Betânia Parizzi Fonseca e Patrícia Furst Santiago, e Ana Claudia de Assis, sem as quais não vivenciaria o maravilhoso processo de ensino e pesquisa oferecido pela Escola de Música.

A minha orientadora, a Professora Doutora Edite Rocha, pela acolhida como sua orientanda, seu valioso acompanhamento, ensinamentos, compreensão, amizade e todo o incentivo.

Aos meus Professores ao longo do curso: Ana Cláudia de Assis, Eduardo Pires Rossi, Edite Rocha, Flávio Terrigno Barbeitas, Glaura Lucas, Leonardo Rosse, Loque Arcanjo Júnior, Patrícia Furst Santiago e Sérgio Freire Garcia, pelas discussões, reflexões, aprendizagem e exemplos.

Aos Professores Doutores: Aline Azevedo, Ana Claudia de Assis, Loque Arcanjo Júnior, Modesto Flávio Fonseca, Paulo Castagna e Renato Borges, por aceitarem participar da minha banca de qualificação e defesa, por lerem tão cuidadosamente meu trabalho, bem como por suas valiosas colaborações.

Aos secretários da Pós-Graduação Geralda Martins Moreira e Alan Antunes Gomes por todo o suporte e atenção inestimáveis; bem como à Professora Luciana Monteiro de Castro Silva Dutra e Flávio Barbeitas, coordenadores da Pós-Graduação por ocasião da minha frequência nas disciplinas oferecidas.

Aos colegas do Time Edite, pelo companheirismo, troca, incentivo, e muitos favores prestados: Aline Azevedo, Amanda Gomes, Boris Suñol, Carol Malaquias, Evandro Archanjo, Felipe Novaes, Filipe Nolasco, Lis Mendes, Natália Braga, Rodrigo Pardini, Thaís Rabelo e Vinícius Eufrásio.

Aos colegas de trajetória no curso, particularmente a Ariadne Paixão, Celina Delamarco, Elenis Guimarães, Jayme Lacerda (*in memoriam*) e Maria Tereza Neves.

Aos meus amigos que torceram pelo êxito da empreitada, especialmente Alba Janes, Eliane Maria Pereira, Claudia Simões Oliveira, Iraceníria Silva, Patrícia Peres, Rita Lafetá, Rosa Marta Piau e Soraia Narciso Soares.

Aos meus colegas docentes e ex-alunos da Universidade Estadual de Montes Claros e do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez, instituições que integrei e fazem parte da minha vida profissional e afetiva.

A Universidade Federal de Minas Gerais. Uma grande honra e um grande compromisso de levar a marca de uma instituição de excelência. Um privilégio cursar uma pós-graduação da qualidade oferecida que me faz sentir pronta a retribuir o muito aprendido, sempre com a certeza da importância da universidade pública brasileira. Agradeço a instituição, em especial as equipes da Escola de Música, Biblioteca Central e do Acervo Curt Lange.

.

RESUMO

O objetivo geral da tese é avaliar a prática musicológica de Francisco Curt Lange (1903-1997) por meio dos seus documentos de pesquisa (bibliografia consultada, correspondência expedida e documentação cartorial), acerca da música em Serro e Diamantina coloniais. O texto está dividido em quatro capítulos independentes, cada um desenvolvendo objetivos específicos, que se articulam progressivamente para chegar à avaliação pretendida. Em cada um dos capítulos são utilizados referenciais pertinentes às questões investigadas, principalmente na perspectiva da musicologia (Modesto Flávio Fonseca, 2013 e Paulo Castagna, 2004; 2008a; 2008b), com o auxílio complementar da história, em especial a noção de documento-monumento de Jacques Le Goff (2013) e a escrita de si, desenvolvida por Ângela de Castro Lopes (2004). No primeiro capítulo buscamos compreender a produção bibliográfica acerca da música no período colonial mineiro, entre 1940 e 2021, identificando os principais autores, formatos e categorias. No segundo, visamos reconstruir a cronologia e as especificidades da trajetória de pesquisa de Curt Lange, acerca da prática musical de Serro e Diamantina coloniais, a partir da análise da correspondência entre 1956 e 1986, enviada pelo musicólogo a pessoas diretamente ligadas às referidas localidades, bem como a facilitadores da publicação do resultado de suas pesquisas. No terceiro capítulo buscamos conhecer a bibliografia básica utilizada por Lange, na construção do texto do Livro VIII da Coleção História da música na Capitania Geral de Minas Gerais dedicado a Vila do Príncipe do Serro Frio e Arraial do Tejuco, destacando os seus principais argumentos, escolhas e ênfases. E, finalmente, no quarto capítulo procuramos atualizar a interpretação dos dados contidos na documentação, referentes à prática musical no Serro e Diamantina coloniais, coletados e acondicionados no Acervo Curt Lange da UFMG - ACL/ UFMG (Série 10 - Subsérie 10.3 - Pastas 10.3.35 e 10.3.39). A tese que adotamos é que Curt Lange escreveu uma história parcial da música em Serro e Diamantina coloniais, focalizando sua interpretação na vida e obra de um único compositor, que considerou comparável aos grandes compositores europeus. Isso limitou a sua visão dos registros das práticas musicais contidas nos documentos cartoriais pesquisados, o que impactou consideravelmente a sua interpretação acerca do lugar social dos músicos "mulatos" do período colonial mineiro. Consideramos que Lobo de Mesquita, sem perda da qualidade estético-musical da sua obra, era um "mulato" que exercia o ofício de músico, estando sujeito ao peso da sua condição de artesão, no contexto da sociedade estamental do período. Em contraposição à visão emancipadora e até glamorosa proposta pelo musicólogo, a reinterpretação dos dados aponta muito mais para uma relação de dependência e subordinação, tanto entre os músicos e as organizações de leigos da época, quanto entre os mesmos e o Senado da Câmara. Adicionalmente, concluímos que a narrativa histórica proposta por Curt Lange não é a única a ser contada, pois encontramos indícios de outras histórias da música em Serro e Diamantina coloniais, que ainda estão por ser investigadas.

Palavras-chave: Musicologia; Música no período colonial mineiro; Francisco Curt Lange; José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita; Acervo Curt Lange; Serro e Diamantina

ABSTRACT

The general objective of the dissertation is to evaluate the musicologist practice of Francisco Curt Lange (1903-1997) through his research documents (consulted bibliography, sent correspondence and registry documents), on music in colonial Serro and Diamantina. The text is divided in four independent chapters, so that each chapter develops specific objectives, progressively articulated towards the intended evaluation. Each chapter utilizes references that are pertinent to the matter, mainly on the perspective of musicology (Modesto Flávio Fonseca, 2013 e Paulo Castagna, 2004; 2008a; 2008b), with complementary resource of history, especially the concept of monument-document by Jacques Le Goff (2013) and of self-writing, developed by Ângela de Castro Lopes (2004). In the first chapter we seek to understand the bibliography on colonial period Minas music, published between 1940 and 2020, identifying the main authors, formats and categories. In the second chapter, we intend to reconstruct the chronology and specificities of Curt Lange's research trajectory on musical practice in colonial Serro and Diamantina, based on the analysis of correspondence from 1956 to 1986, sent by the musicologist to people directly connected to the place, as well as facilitators of the publication of his research results. In the third chapter we access the basic bibliography used by Lange when he worked on the text of Book VIII of Collection of History of Music in the General Province of Minas Gerais (Coleção História da música na Capitania Geral de Minas Gerais) dedicated to Vila do Príncipe do Serro Frio and Arraial do Tejuco, highlighting his main arguments, choices and emphasis. Finally, in the fourth chapter we seek to update the interpretation of data contained in the documents referring to musical practice in colonial Serro and Diamantina, collected and stored in the Curt Lange Archives at UFMG – ACL/UFMG (Series 10 – Subseries 10.3 – Folders 10.3.35 and 10.3.39). The thesis we adopt is that Curt Lange wrote a partial history of music in colonial Serro and Diamantina, while focusing his interpretation on the life and oeuvre of one single compositor, who he considered as comparable to the great European compositors. By doing so, he limited his vision on the register of musical practices contained in the researched registry documents, with considerable impact on his interpretation of the social standing of mixed race musicians in colonial Minas. We consider that Lobo de Mesquita, in no detriment to the aesthetic-musical quality of his oeuvre, was a mixed race person who exerted the office of music, being subjected to the weight of his condition as a craftsman, in the context of class society of the period. Against the emancipating and even glamorous vision proposed by the musicologist, the reinterpretation of data points rather to a relation of dependence and subordination, both among musicians and the layman organizations at the time, as also among the musicians and the Chamber Senate. Furthermore, we conclude that the historical narrative proposed by Curt Lange is not the only one to be told, since we have found indications of other histories of music in colonial Serro and Diamantina, which are still to be investigated.

Key-words: Musicology; Music in Minas colonial period; Francisco Curt Lange; José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita; Curt Lange Archive; Serro and Diamantina.

RÉSUMÉ

Le propos générale de cette thèse est d'évaluer la pratique musicologique de Francisco Curt Lange (1903-1997) à travers ses documents de recherche (bibliographie consultée, correspondance envoyée et documentation notariale), sur la musique coloniale Serro et Diamantina. Le texte est divisé en quatre chapitres indépendants, chacun développant des objectifs spécifiques, qui sont progressivement articulés pour aboutir à l'évaluation prévue. Dans chaque chapitre, sont apportés des référenciels pertinents aux questions étudiées, surtout du point de vue de la musicologie (Modesto Flávio Fonseca, 2013 et Paulo Castagna, 2004; 2008a; 2008b), avec l'aide complémentaire de l'histoire, en particulier la notion de document-monument de Jacques Le Goff (2013) et auto-écriture, développée par Ângela de Castro Lopes (2004). Dans le premier chapitre, nous cherchons à comprendre la production bibliographique sur la musique à l'époque coloniale de Minas Gerais, entre 1940 et 2020, en identifiant ses principaux auteurs, formats et catégories. Dans le second, nous visons à reconstituer la chronologie et les spécificités de la trajectoire de recherche de Curt Lange, sur la pratique musicale des Serro et Diamantina coloniaux, à partir de l'analyse de la correspondance entre 1956 et 1986, envoyée par le musicologue à des personnes directement liées au lieux susmentionnés, ainsi qu'à des facilitateurs de la publication des résultats de leurs recherches. Dans le troisième chapitre, nous cherchons à connaître la bibliographie de base utilisée par Lange, dans la construction du texte du livre VIII de la Collection Histoire de la Musique à la Capitania Geral de Minas Gerais octroyé à Vila do Príncipe do Serro Frio et Arraial do Tejuco, mettant en évidence ses principaux arguments, choix et accents. Et, enfin, dans le quatrième chapitre, nous cherchons à mettre à jour l'interprétation des données contenues dans la documentation, se référant à la pratique musicale dans le Serro colonial et Diamantina, recueillie et classée dans la Collection Curt Lange de l'UFMG - ACL/ UFMG (Série 10 - Sous-série 10.3 - Dossiers 10.3.35 et 10.3.39). La thèse, par nous adoptée, est que Curt Lange a écrit une histoire partielle de la musique à Serro et Diamantina coloniaux, concentrant son interprétation sur la vie et l'œuvre d'un seul compositeur, qu'il considérait comparable aux grands compositeurs européens. Cela a limité sa perspective des registres des pratiques musicales contenues dans les documents notariés enquêtés, ce qui a considérablement impacté son interprétation de la place sociale des musiciens mulâtres à l'époque coloniale de Minas Gerais. Nous considérons que Lobo de Mesquita, sans perdre la qualité esthétique et musicale de son travail, était un mulâtre qui pratiquait le métier de musicien, étant soumis au poids de sa condition d'artisan, dans le contexte de la société de l'époque. A l'opposé de la vision émancipatrice, voire de glamour, proposée par le musicologue, la réinterprétation des données pointe bien plus vers un rapport de dépendance et de subordination entre les musiciens et les organisations laïques de l'époque, qu'entre eux et le Sénat de la Chambre. De plus, nous concluons que le récit historique proposé par Curt Lange n'est pas le seul à être raconté, car nous trouvons des indices d'autres histoires de la vie musicale à Serro et Diamantina coloniaux, qui doivent encore être étudiés.

Mots clés: Musicologie; Musique à l'époque coloniale de Minas Gerais; Francisco Curt Lange; José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita; Collection Curt Lange; Serro et Diamantina

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cópia da dedicatória de Curt Lange no Livro VIII a pessoas de Diamantina..... 168
Figura 2 – Cópia do registro de livros a serem fotografados por Assis Alves Horta..... 178
Figura 3 - Cópia de instruções de Curt Lange a Assis Alves Horta de recibo a ser enviado ao Chefe de Gabinete do Ministério da Educação 180
Figura 4 - Cópia do registro de próprio punho de Curt Lange..... 195
Figura 5 – Cópia das instruções ao fotógrafo Geraldo Miranda de documentos a serem fotografados – Irmandade do St. Sacramento do Serro..... 197
Figura 6 – Cópia de trecho da afirmação de Curt Lange a João Brandão Costa da impossibilidade de Manoel de Costa Dantas ter sido Mestre de Capela na Vila do Príncipe do Serro do Frio 212
Figura 7 – Cópia de detalhe da solicitação de alterações no texto do Livro VIII dirigida ao Conselho Estadual de Cultura (Gerson Gonçalves) 217
Figura 8 – Texto musical de uma Modinha brasileira (letra: Tomás Antônio Gonzaga), coletada e transcrita por Von Martius..... 230
Figura 9 – Ilustração denominada de O Batuque realizada como ilustração do texto do Livro Viagens pelo Brasil de Spix e Martius 232
Figura 10 - Ilustração denominada de Festa da Rainha – Minas Gerais realizada como ilustração do texto do Livro Viagens pelo Brasil de Spix e Martius..... 241
Figura 11 - Capa e Sumário da Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional..... 246
Figura 12 - Queixa contra o Intendente dos Diamantes João Inácio do Amaral Silveira 247
Figura 13 - Trecho de Transcrição A estrutura familiar e domiciliária em Vila Rica no alvorecer do século XIX, escrito por Iraci del Nero da Costa..... 250
Figura 14 - Cópia da Transcrição de trecho do Livro Memória do Serro Antigo (1928) 254
Figura 15 - Cópia da Transcrição de trecho do Livro Memória do Dr. Couto (1800) 256
Figura 16 Cópia da Transcrição – Existência dos Teatros no Arraial do Tejuco 260
Figura 17 - Detalhe da interrogação de Curt Lange pela ausência de informações do registro..... 265
Figura 18 - Cópia da transcrição de registros de pagamento a Lobo de Mesquita apontados por Assis Alves Horta – Livro de Receitas e Despesas da Ordem Terceira do Carmo..... 267
Figura 19 - Cópia da transcrição de registros de pagamento de aluguel á Ordem Terceira do Carmo por Emerico Lobo de Mesquita por Assis Alves Horta..... 267
Figura 20 - Cópia de Transcrição pagamento de chumbo para o Órgão do Carmo – conjunto documental Bibliografia Colaboradores - Assis Alves Horta..... 269

Figura 21 - Cópia de Transcrição Decisão da Ordem Terceira do Carmo quanto aos "mulatos", mouros e judeus –conjunto documental Bibliografia Colaboradores - Assis Alves Horta 271
Figura 22 - Cópia de Transcrição Termos de Posse de Tereza, escrava de Lobo de Mesquita e Thomázia Anofre [Onofre] Lírio –conjunto documental Bibliografia Colaboradores - Assis Alves Horta 272
Figura 23 - Cópia de Transcrição de listagem de fotos a serem tiradas da Irmandade do Santíssimo Sacramento 274
Figura 24 – Cópia de transcrição do registro de pagamento carpinteiros e tábuas para a caixa do órgão do Carmo – Arraial do Tejuco 294
Figura 25 - Cópia de Transcrição de recibo com o valor total do pagamento pela construção do órgão do Carmo – Arraial do Tejuco..... 295
Figura 26 - Cópia de Transcrição de doação do Sarg. Maria Jozé da Silva Oliveira – Construção do órgão do Carmo – Arraial do Tejuco..... 296
Figura 27 – Cópia de Transcrição Recibo de Antônio da Costa Homem – Ordem Terceira do Carmo – 2 de junho de 1829 – Arraial do Tejuco..... 299
Figura 28 - Cópia da Transcrição do registro da compra de Caixas de Guerra Ir. N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco..... 319
Figura 29 - Cópia da transcrição do registro da compra de Pífanos – Ir. . N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco 319
Figura 30 - Cópia da transcrição do registro de pagamentos diversos – Irmandade N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco..... 320
Figura 31 - Cópia de transcrição do registro de valores pagos para alimentação dos integrantes da Festa do Rosário – Arraial do Tejuco 321
Figura 32 - Cópia de transcrição do registro de pagamentos da música, instrumentos e de Licença para Festa, Reinado e Dança – Ir. do Rosário – Arraial do Tejuco. 322
Figura 33 - Cópia de transcrição do registro de pagamento de licença para tocar caixas na Festa do Rosário – Arraial do Tejuco..... 322
Figura 34 - Cópia de transcrição do registro de pagamento pela Festa e ao tocador de caixa - 1844/1845..... 323
Figura 35 - Cópia da transcrição do Termo de Entrada de Custódio Alvez da Costa – Confraria das Mercês (07.08.1793) Arraial do Tejuco..... 330
Figura 36 - Cópia da transcrição Termo de Entrada de Jozé de Lafois – Confraria das Mercês (25.10.1795). Arraial do Tejuco..... 331
Figura 37 - Cópia da transcrição do Termo de Entrada de Jozé Antônio Ribeiro Morão – Confraria das Mercês (31.07.1803) Arraial do Tejuco 332
Figura 38 - Cópia da transcrição do Termo de Entrada de João de Azevedo Coutinho – Confraria das Mercês (05.10.1793). Arraial do Tejuco 334
Figura 39 - Cópia de transcrição Termo de Posse novos membros da Mesa da Ir. de N.S. do Amparo (2.11.1784) Arraial do Tejuco 345
Figura 40 - Termo de Posse de 24.02.1795 - Ir. de N. S. do Amparo – Arraial do Tejuco 346
Figura 41 - Cópia da transcrição de Registros de Curt Lange de Termos de Posse de 1795 – Ir. N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco..... 346

Figura 42 - Detalhe de cópia da transcrição de Termo de Ajuste Ordem Terceira do Carmo com Lobo de Mesquita celebrado em 17.07.1789. Arraial do Tejuco 354
Figura 43 - Cópia da transcrição do Termo de Entrada de Thereza Onofre do Lívio Escrava de Lobo de Mesquita (12.11.1793). Arraial do Tejuco..... 360
Figura 44 - Termo de Entrada de Lobo de Mesquita (25.01.1788) – Confraria das Mercês – 362
Figura 45 - Cópia de transcrição Termo de Posse novos membros da Mesa da Ir. de N.S. do Amparo (2.11.1784) Arraial do Tejuco 365
Figura 46 - Termo de Posse de 24.02.1795 - Ir. de N. S. do Amparo – Arraial do Tejuco 365
Figura 47 - Cópia da transcrição de Registros de Curt Lange de Termos de Posse de 1795 – Ir. N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco..... 366
Figura 48 – Detalhe de cópia de transcrição do Termo de Ajuste de Lobo de Mesquita com a Ordem Terceira de Vila Rica – 1º de setembro de 1798 368
Figura 49 - Cópia de transcrição do Termo de Ajuste de substituição de Lobo de Mesquita por Francisco Gomes da Rocha 15 de outubro de 1800. Vila Rica..... 369
Figura 50 - Listagem elaborada por Curt Lange de composições de Lobo de Mesquita com a respectiva duração..... 370

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos de análise da produção de musicólogos brasileiros 69
Quadro 2 – Trabalhos de visão geral acerca do desenvolvimento da musicologia no Brasil e América Latina 69
Quadro 3 - Histórias da Música no Brasil – Década de 1990 a 1990 71
Quadro 4 – Quantitativo geral da produção bibliográfica acerca, ou afins, da música no período colonial mineiro 75
Quadro 5 - Formato da produção bibliográfica acerca, ou afins, da música no período colonial mineira 76
Quadro 6 - Categorias da produção bibliográfica acerca, ou afins, da música no período colonial mineira 78
Quadro 7 – Tipos de publicação da produção bibliográfica acerca, ou afins, da música no período colonial mineira 79
Quadro 8 - Acesso da produção bibliográfica acerca, ou afins, da música no período colonial mineira 80
Quadro 9 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Décadas de 1940 e 1950 81
Quadro 10 – Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 1960 83
Quadro 11 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 1970 85
Quadro 12 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 1980 88
Quadro 13 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 1990 (1990-1996) 93
Quadro 14 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 1990 (1997-1999) 94
Quadro 15 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 2000 (2000-2002) 102
Quadro 16 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 2000 (2003-2006) 103
Quadro 17 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 2000 (2007-2009) 104
Quadro 18 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 2010 (2010-2014) 115
Quadro 19 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 2010 (2016-2019) 116
Quadro 20 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – 1º ano da Década de 2020 117
Quadro 21 Quantitativo de títulos e pesquisadores de 2010 a 2020 157

Quadro 22 – Conjunto documental – Bibliografia – Classificação Relatos de Viagem 228
Quadro 23 - Conjunto Documental Bibliografia – Revistas 245
Quadro 24 - Conjunto documental Bibliografia - Memorialistas 251
Quadro 25 - Conjunto Documental Bibliografia - Colaboradores 262
Quadro 26 - Síntese das informações Ordem Terceira do Carmo – Transcrição de Assis Alves Horta 263
Quadro 27 - Relação de registros de pagamento a músicos apontados por Assis Alves Horta – Livro de Receitas e Despesas da Ordem Terceira do Carmo 265
Quadro 28 - Relação de registros de pagamento a J. J. E. Lobo de Mesquita apontados por Assis Alves Horta – Livro de Receitas e Despesas da Ordem Terceira do Carmo – Arraial do Tejuco 266
Quadro 29 - Conjunto documental Bibliografia – 273
Quadro 30 Detalhamento dos Livros de Registros das sete Irmandades e Confrarias de Diamantina (Arraial do Tejuco) e Serro (Vila do Príncipe do Serro do Frio) 283
Quadro 31 - Cronologia de arquivamento da documentação das Irmandades e Confrarias no Acervo Curt Lange/ UFMG 285
Quadro 32 - Agrupamento Documental – Ordem Terceira do Carmo 288
Quadro 33 - Documentos de Abrangência Geral – Ordem Terceira do Carmo – Arraial do Tejuco 290
Quadro 34 - Construção do órgão da Ordem Terceira do Carmo – Arraial do Tejuco 293
Quadro 35 – Documentos referentes a organista Ana Maria dos Santos Mártires – Ordem Terceira do Carmo – Arraial do Tejuco 297
Quadro 36 - Agrupamento documental da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco 300
Quadro 37 - Detalhamento dos cinco livros de Receita e Despesa da Ir. do St. Sacramento do Arraial do Tejuco 301
Quadro 38 - Agrupamento Documental da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio 303
Quadro 39 - Agrupamento Documental da Irmandade de N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco 313
Quadro 40 - Cronologia de Livros oficiais da Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco 324
Quadro 41 - Conjunto Documental - Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco 325
Quadro 42 –Documentos de Abrangência Geral – Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco 326
Quadro 43 – Documentos de Entrada de Irmãos Músicos - Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco 328
Quadro 44 - Trechos dos Termos de Entrada de Irmão Músicos da Confraria das Mercês. Arraial do Tejuco 329
Quadro 45 - Documentos referentes a Igrejas e imagens – Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco 335

Quadro 46 – Documentos referentes às Novenas e Festas – Confraria das Mercês. Arraial do Tejuco 336
Quadro 47 – Documentos referentes a doação do órgão das Mercês – Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco 337
Quadro 48 – Conjunto documental da Ir. de N. Senhora do Terço – Arraial do Tejuco 339
Quadro 49 Agrupamento de Documentos da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo da Capela de Nossa Senhora do Amparo – Arraial do Tejuco 341
Quadro 50 - Agrupamento de Documentos do Senado da Câmara da Vila do Príncipe do Serro do Frio do Frio 347
Quadro 51 – Registros de ganhos de Lobo de Mesquita das Irmandades e Confrarias do Arraial do Tejuco 350
Quadro 52 - Documentos referentes a Lobo de Mesquita – Ordem Terceira do Carmo. Arraial do Tejuco 351
Quadro 53 – Documentos referentes a Lobo de Mesquita – Confraria das Mercês. Arraial do Tejuco 358
Quadro 54 – Documentos referentes a Lobo de Mesquita - Diversos 367

LISTA DE FIGURA

Tabela 1 – Estrutura do Livro VIII – História da Música na Capitania Geral de Minas Gerais – Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco 36
Tabela 2 - Marcos das Correspondências enviadas ao Grupo de Diamantina por Curt Lange 170
Tabela 3 - Visão geral da documentação da Subsérie 10.3 376

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 - Quantidade de documentos acondicionados no ACL/ UFMG das sete Irmandades e Confrarias de Diamantina (Arraial do Tejuco) e Serro (Vila do Príncipe do Serro do Frio) 282
Gráfico 2 – Valores nominais pagos aos Rabequistas da Ir. Do Santíssimo Sacramento - período de 1769 a 1783 305
Gráfico 3 - Registros de pagamentos nominais 1775 a 1800 - St. Sacramento - Arraial do Tejuco 306
Gráfico 4 - Registros de pagamentos nominais 1803 a 1838 – St. Sacramento do Arraial do Tejuco 307
Gráfico 5 - Comparação dos gastos com a música em relação aos gastos totais da Irmandade – St. Sacramento – Arraial do Tejuco 308
Gráfico 6 - Gastos com a música Irmandade do Santíssimo Sacramento – período de 1760 a 1803 – Arraial do Tejuco 309
Gráfico 7 - Gastos com a música Irmandade do Santíssimo Sacramento – período de 1804 a 1838 – Arraial do Tejuco 311
Gráfico 8 - Comparativo valores gastos com a música Santíssimo Sacramento do Serro e do Tejuco 312
Gráfico 9 - Valores da música da Festa do Rosário entre 1751 – 1787 315
Gráfico 10 - Valores da música da Festa do Rosário entre 1788 – 1808 316
Gráfico 11 - Valores da música da Festa do Rosário 1809 – 1845 316
Gráfico 12 – Gastos com a Música – Irmandade de N. Senhora do Terço – Arraial do Tejuco 340
Gráfico 13 - Ordenado de Lobo de Mesquita entre 1786 e 1798 – Ordem Terceira do Carmo Arraial do Tejuco 353
Gráfico 14 - Comparação de valores pagos a Lobo de Mesquita e João Simões Rosa. 355
Gráfico 15 - Finanças de Lobo de Mesquita no St. Sacramento do Arraial do Tejuco 356
Gráfico 16 – Registros de pagamento de músicos da Ir. de N. S. do Terço do Arraial do Tejuco 364

SUMÁRIO

Introdução ____ *21*

O Musicólogo Francisco Curt Lange ____ **30**

O livro VIII da Coleção História da Música na Capitania de Minas Gerais ____ **35**

Documentos/ Monumentos ____ **58**

1. Produção bibliográfica: panorama musicológico acerca da música no período colonial mineiro ____ ***63***

1.1 Produção bibliográfica da década de 1940 e 1950 ____ **81**

1.2 Produção bibliográfica da década de 1960 ____ **83**

1.3 Produção bibliográfica da década de 1970 ____ **85**

1.4 Produção bibliográfica da década de 1980 ____ **87**

1.5 Produção bibliográfica da década de 1990 ____ **92**

1.6 Produção bibliográfica da década de 2000 ____ **102**

1.7 Produção bibliográfica da década de 2010 ____ **115**

1.8. Considerações finais do capítulo ____ **159**

*2. **Refazendo caminhos: Registros da trajetória de pesquisa nas correspondências de Curt Lange*** ____ ***162***

2.1 Correspondências ao Grupo de Diamantina ____ **172**

2.1.1 Brasil - Grande Temporada – 11 de março de 1956 a 31 de março de 1960 ____ 172

2.1.2 Exterior I – 06 de maio a 12 de outubro de 1960 ____ 190

2.1.3 Brasil – Curta Temporada I – 27 de setembro a 19 de outubro de 1964 ____ 191

2.1.4 Uruguai - Montevideo – I: 24 de janeiro de 1967 a 19 de julho de 1969 ____ 193

2.1.5 Brasil – Curta Temporada II – 29 de setembro a 13 de dezembro de 1972 ____ 195

2.1.6 Montevideo Uruguai II – 15 de janeiro de 1973 a 31 de janeiro de 1984 ____ 201

2.2 Facilitadores da publicação de pesquisas ____ **214**

2.3 Considerações Finais do Capítulo ____ **218**

3. Fontes consultadas: a bibliografia utilizada por Curt Lange ____ ***223***

3.1 Bibliografia - Relatos de Viagem ____ **227**

3.2 Bibliografia - Revistas ____ **244**

3.3 Bibliografia - Memorialistas ____ **251**

3.4 Bibliografia - Colaboradores ____ **261**

3.5 Bibliografia - Textos de Curt Lange e anotações Diversas ____ **273**

3.6 Considerações finais do Capítulo ____ **275**

*4. **Ajustes e oitavas de ouro: os documentos de pesquisa acerca de Diamantina e Serro coloniais*** ____ ***277***

4.1 Irmandades, Confraria e Senado da Câmara ____ **281**

4.1.1 Irmandade de Nossa Senhora do Monte do Carmo do Arraial do Tejuco - Ordem Terceira do Carmo (1758-1856) 287
4.1.2 Irmandades do Santíssimo. Sacramento da Capela de Sto. Antônio do Arraial do Tejuco (1759-1839) e do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe (1768-1819) 300
4.1.3 Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (1751 – 1854) 313
4.1.4 Confraria de Nossa Senhora das Mercês dos Homens Crioulos do Arraial do Tejuco (1770 – 1854) 323
4.1.5 Irmandade de N. S. do Terço da Capela de Sto. Antônio do Arraial do Tejuco (1770-1844) 338
4.1.6 Irmandade de Nossa Senhora do Amparo da Capela do Amparo (1779-1791) 341
4.1.5 Senado da Câmara da Vila do Príncipe do Serro do Frio 347

4.2 José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita 348
4.2.1 Lobo de Mesquita na Ordem Terceira do Carmo 351
4.2.2 Lobo de Mesquita no Santíssimo Sacramento da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco 354
4.2.3 Lobo de Mesquita na Confraria de Nossa Senhora das Mercês 357
4.2.4 Lobo de Mesquita na Irmandade de N. S. do Terço da Capela de Sto. Antônio do Arraial do Tejuco (1770-1844) 363
4.2.5 Lobo de Mesquita na Irmandade de Nossa Senhora do Amparo da Capela do Amparo (1779-1791) 364
4.2.6 Lobo de Mesquita: Diversos 366

4.3 Considerações finais do capítulo 371

Considerações Finais 377

Fontes 386

Série 2.1 – Correspondências enviadas 386

Série 10.03 –Documentos de pesquisa – Estudos e transcrições 391

Referências bibliográficas 396

Introdução

Nascida em Montes Claros - sertão do Norte de Minas Gerais, terra plana de sol quente e grandes extensões com criação de gado - sempre tive atração pela temperatura amena de Diamantina, no Alto Jequitinhonha, com seu passado de mineração, suas ladeiras, casario e igrejas. Musicalmente ambas as cidades cultivam a tradição das festas religiosas em homenagem ao Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário, exceto pelas reminiscências da música sacra do período colonial ausentes no norte de Minas. Um costume bem representativo desta herança musical é a marcha fúnebre, executada durante a procissão do enterro na Semana Santa, por exemplo. Observamos que não só em Diamantina, mas também em São Gonçalo do Rio das Pedras (Distrito do Serro), e recentemente soubemos que em Buenópolis, já na região central do Estado de Minas Gerais, a marcha fúnebre da procissão do enterro é a mesma, bem como a coreografia da representação da guarda romana.

Decidindo ingressar no doutoramento na Universidade Federal de Minas Gerais vi a oportunidade de estudar a música religiosa de Diamantina. Meu projeto inicial investigaria as habilidades necessárias para compor e tocar a música do período colonial mineiro. Um dos suportes teóricos era a bibliografia de Francisco Curt Lange, musicólogo que na década de 1940 foi responsável pela "descoberta" da música sacra na Minas Gerais colonial, e consequentemente em Diamantina e Serro setecentistas.

Ao ser aceita na Escola de Música na linha de pesquisa música e cultura, tendo a oportunidade de conhecer o Acervo Curt Lange (ACL – UFMG) mais à fundo, fiquei impressionada com a sua riqueza. O meu interesse transformou-se, mas sem deixar de lado Diamantina e a música deste período. Pesquisar no ACL – UFMG se tornou uma "aventura" em direção ao período colonial mineiro, esperada com ansiedade, com a possibilidade de mergulhar em um mundo de documentos e informações. Cheguei a brincar com meus colegas de pós-graduação que visitar o acervo era como ir encontrar uma pessoa que revelaria pequenos e valiosos registros acerca da prática musical em Diamantina e Serro.

Vários foram os momentos marcantes do nosso percurso no doutoramento. As aulas, seminários, encontros com a nossa mentora e orientadora, Profa. Dra. Edite Rocha, e com os seus demais orientandos, onde encontrei colegas que se transformaram em amigos de jornada. Durante dois anos e meio me desloquei, de Montes Claros para Belo Horizonte, todas as semanas dos semestres letivos, com o maior prazer, pois ia ao encontro da troca de experiências, do debate e da construção de conhecimento. Era um mundo que se descortinava.

Minha trajetória profissional e acadêmica tinha como suporte, até então, as teorizações e reflexões ligadas à área da educação musical. Demorei um pouco para perceber que essa era uma vantagem, uma vez que na minha caminhada profissional e acadêmica tive oportunidade de exercitar a democratização de acesso à arte e à cultura. Nessa trajetória é de suma importância estar aberto para a estética do outro, a sua música e os significados a ela atribuídos. Atua-se em um processo de ensino aprendizagem de ampliação de horizontes estéticos, onde se alia a incorporação dos conhecimentos musicais locais com a apropriação dos conhecimentos da música de massa, da popular e da erudita, trabalhando com a apreciação, a performance e a composição musical. A noção de música não se restringe a uma única estética. Apesar de acreditar que a denominada grande música deve estar acessível para o grande público, não a entroniza em detrimento das demais músicas, considerando ser fundamental na formação de todos a diversidade estética musical.

Descrevi brevemente minha concepção de educação musical por entender que o conhecimento e às práticas já vivenciadas garantiram que eu me encontrasse com a musicologia de abordagem histórica com uma escuta ampliada, receptiva às mais variadas estéticas. Mas o desafio se mostrou grande. Dominar o campo conceitual da musicologia foi a primeira meta! As disciplinas da grade curricular, particularmente as específicas da área, nos apresentaram uma bibliografia básica que por sua vez nos levou às complementares. Nesse processo, foi muito importante também, além da elaboração de trabalhos para as disciplinas obrigatórias e eletivas do doutoramento, a elaboração de artigos para participação em eventos científicos da área, um estímulo colocado por nossa orientadora Profa. Dra. Edite Rocha, já nos primeiros encontros.

Uma feliz coincidência se apresentou. Iniciamos o doutoramento no segundo semestre de 2017, mesmo semestre em que a Universidade Federal de São

João Del-Rei propunha a realização do I Encontro de Musicologia Histórica do Campo das Vertentes (EMHCV). Compreendemos ao participar, a grande oportunidade que tivemos para conhecer um panorama da musicologia histórica no Brasil. Nesse encontro, tivemos a oportunidade de apresentar o nosso primeiro artigo, com a coautoria com a Dra. Edite Rocha e conhecemos pessoalmente pesquisadores os quais estávamos nos aproximando de suas teorizações. Citamos três deles: Prof. Dr. Paulo Castagna, Prof. Dr. André Guerra Cotta e o Prof. Dr. Modesto Fonseca (organizador do evento).

O artigo apresentado nesse primeiro encontro, possui grande vínculo com a proposta inicial voltada para a transmissão do conhecimento no Serro e em Diamantina coloniais[1]. À época estávamos reunindo mesmo que indiretamente, registros das "práticas didático-musicais no período colonial mineiro (1710 a 1810) no Distrito Diamantino"[2]. Nosso objetivo foi, além de aprofundar as pesquisas nos registros documentais e bibliográficos de Curt Lange sobre o tema, iniciarmos "um processo de estudo e análise comparativa com a produção coetânea verificando a receptividade deste tema (a transmissão do conhecimento musical) nos trabalhos gerados subsequentemente pelos musicólogos dedicados a pesquisa na Minas Gerais setecentista"[3].

No entanto, no decorrer das pesquisas realizadas foi constatada a existência de grande quantidade de material documental que extrapolava em muito o tema da transmissão de conhecimento, referentes ao Serro e Diamantina coloniais acondicionadas no ACL-UFMG[4]. Esse material foi identificado na Série 10 – Documentos de Pesquisas, Subsérie 10.3 – Estudos e Transcrições, Pastas 10.3.35 e 10.3.39. Localizamos 98 documentos com os mais variados conteúdos ligados à

---

[1] DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite Maria Oliveira. *O Ensino e a transmissão do conhecimento musical setecentista no Distrito Diamantino pesquisas, repercussão e receptividade dos estudos de Curt Lange.* In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, I, 2017, São João del-Rei. *Anais*... São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2017, p. 337-351.

[2] DE ULHOA e ROCHA, 2017, p. 337

[3] Ibidem

[4] Para nossa incursão nos documentos do ACL-UFMG, foi particularmente importante encontramos um único exemplar xerocopiado do Inventário da Subsérie 10.3, elaborado em 2002 com a coordenação geral da Professora Rosangela Pereira de Tugny, e coordenação técnica de André Guerra Cotta. Foi a partir das informações nele contidas que selecionamos os documentos que dizem respeito diretamente ao nosso tema de pesquisa, podendo também dimensionar as etapas para nossos estudos posteriores.

prática musical nas duas localidades. Essa constatação ampliou o nosso escopo de pesquisa e impactou no artigo apresentado no II EMHCV (2018)[5]. Nessa segunda investida, passamos a discutir as alternativas e consequências de uma releitura dos registros destes documentos "a partir de um novo olhar sobre a historiografia musical na segunda metade do setecentos e primeira metade do oitocentos em Minas Gerais"[6]. Trabalhamos com os "registros das despesas com a música das Irmandades do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio (1768 a 1819), e da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco (1759 a 1839)"[7]. Estudando pormenorizadamente esse material percebemos a possibilidade de "extração de dados não tratados pelo musicólogo, podendo estes ainda subsidiar reinterpretações à luz de premissas teóricas contemporâneas"[8]. Assim, deixamos de lado nossa pretensão inicial e passamos a ter como objeto de pesquisa os registros das práticas musicais nos 98 documentos, referentes à Diamantina e ao Serro, acondicionados no ACL-UFMG.

Estaríamos apenas seguindo os passos de Curt Lange? Os resultados preliminares apontavam que não. Estávamos nos utilizando do material por ele a nós legado, mas nossas conclusões estavam se mostrando diferenciadas. Vamos a alguns exemplos. Ao contrário da posição de Curt Lange que considerava o lugar social de José Emerico Lobo de Mesquita (c.1746 – 1805), de destaque dentro da sociedade colonial, na nossa interpretação, o papel de Lobo de Mesquita, sem perda da qualidade estético musical da sua obra, era de um "homem comum que exercia o ofício de músico, estando sujeito ao peso da sua condição de artífice na sociedade estamental do período"[9]. Em consequência do seu entendimento Curt Lange considerava, ainda, que a relação não só de Lobo de Mesquita, mas de todos os demais músicos "mulatos"[10] com os contratadores de prestação de serviços de

---

[5] DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite Maria Oliveira. *Irmandades do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio e da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco*: proposta de uma releitura de fontes documentais por Curt Lange. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, II, 2018, São João del-Rei. *Anais*.... São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2018, p. 271-286.

[6] DE ULHOA e ROCHA, 2018, p. 271

[7] Ibidem

[8] Idem, p. 285

[9] DE ULHOA e ROCHA, 2018, p. 272

[10] Nos utilizaremos do termo "mulato" grafado entre aspas, para marcar que o termo integra o conceito de Curt Lange designado "mulatismo musical" (vertente da ideologia racial em música, que

música, era uma relação pacífica e emancipadora. Nesse mesmo aspecto nossos estudos apontaram muito mais para uma relação de dependência e subordinação entre os músicos prestadores de serviço de música, com o Senado da Câmara do Serro e as Irmandades religiosas analisadas,

Esse trabalho nos motivou a aprofundar nossos estudos dos documentos referentes ao Serro e Diamantina coloniais. E foi o que fizemos, os resultados preliminares foram apresentados no III EMHCV (2019)[11]. Nesse artigo apresentamos um relato parcial do mapeamento, categorização e classificação dos documentos referentes a Diamantina e Serro (séculos XVIII e princípio do XIX). Como já aqui destacado, dois são os dossiês (pastas) por nós selecionados: o de número 10.3.35, com 48 documentos totalmente dedicados a Diamantina e ao Serro, e o 10.3.39 integrado por 73 documentos dos quais 50 são referentes às duas localidades. Após estudar todo o conteúdo destes documentos chegamos à conclusão que era necessário reuni-los em categorias[12]. Nesse processo percebemos também que cada documento possuía características diferenciadas em sua forma e conteúdo o que nos levou a propor uma classificação dos mesmos.[13] Essa organização do material se mostrou essencial para nossa análise, reunindo os documentos de forma lógica, tornando o estudo e análise bastante satisfatória, especialmente porque pudemos perceber as micro realidades dentro de um montante de informações considerável. No referido artigo para o terceiro encontro, aplicamos essa organização em 45 documentos que se referem especificamente às

---

traz "a ideia de raça como fator essencial de identidade cultural" – VACCARI, 2021, p. 39), amplamente utilizado na bibliografia da musicologia de abordagem histórica. Optamos por fazê-lo na medida que atualmente, especialmente nos trabalhos de abordagem decolonial, o termo é considerado pejorativo por ter sido cunhado para "designar tanto homens como mulas", se originando "provavelmente, da expressão "cor de mula". A primeira referência escrita do termo em português se dá segundo Jack Forbes (1993, p. 158) em 1576. Para uma discussão mais aprofundada ver FORBES, Jack. Africans and Native Americans: the language of race and the evolution of red-black people. Illinois: University of Illinois 1993.

[11] DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite Maria Oliveira. *Mapeamento, Categorização e Classificação Documental na Série 10.3 do Acervo Curt Lange da UFMG*: Irmandades e Confrarias. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, III, 2019, São João del-Rei. *Anais*.... São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2019a, p. 277-287.

[12] Chegamos a três categorias distintas: 1) Irmandades, Confrarias e Senado da Câmara; 2) Bibliografia; 3) Lobo de Mesquita (DE ULHOA e ROCHA, 2018, p. 279).

[13] Chegamos a seis classificações: 1) Transcrições Seletivas; 2) Documentos de Referência; 3) Fragmentos; 4) Listagens; 5) Notas; e 6) Notas Articuladas (DE ULHOA e ROCHA, 2018, p. 281).

Irmandades e Confrarias do Serro e de Diamantina coloniais. No capítulo quatro desta nossa tese apresentamos os estudos e análises na íntegra.

Nos cabe, entretanto, salientar que ao privilegiar o registro da sua correspondência e armazenamento da sua documentação de pesquisa, Curt Lange "atribui valor informacional ao volume de seus apontamentos pessoais, dando a eles significado [e] permitindo uma análise não só da performance de pesquisa, mas das decisões e representações na sua produção acerca deste conteúdo"[14].

Assumimos como um dos focos da nossa análise um ponto nevrálgico na obra de Curt Lange, o lugar social dos músicos "mulatos" na sociedade do período colonial mineiro. Para Curt Lange o lugar social de Lobo de Mesquita é correlato à qualidade da sua música. Como veremos no desenvolvimento de nossa tese, para acomodar as suas teorizações acerca da distinção social atribuída ao músico "mulato" na sociedade colonial, o musicólogo cunha a ideia de uma classe média, um lugar intermediário entre dois lados da estrutura estamental da época, formado, por um lado de uma imensa maioria de escravizados, e por outro, dos senhores e da elite administrativa.

Outro fator que chamamos à atenção na narrativa de Curt Lange, e que abordaremos ao longo deste trabalho, é o fato de o musicólogo teuto-uruguaio preencher as lacunas das informações acerca de Lobo de Mesquita com ilações sem qualquer tipo de comprovação. É sabido que não há necessidade de documentação comprobatória de tudo. Entretanto, os argumentos a partir de indícios precisam ter coerência. As suposições acerca da posição socioeconômica do Lobo de Mesquita parecem baseados numa visão romântica e até fantasiosa sobre o grande compositor. Nem os compositores europeus tiveram uma vida com toques de glamour conforme sugerido por Curt Lange acerca da vida do músico e compositor. Mozart morreu na miséria, Schumann dependia da carreira de pianista da mulher para sobreviver, Bach teve suas músicas descobertas quando sua viúva começou a vendê-las pela qualidade do papel, entre outros muitos exemplos. Imagina uma sociedade tão hierárquica quanto a brasileira, mais ainda na colônia e em relação a músicos "mulatos". Na nossa avaliação a música de Lobo de Mesquita, estava

[14] DE ULHOA e ROCHA, 2018, p. 284

inserida em uma comunidade artística de artífices que compunham para um objetivo específico. A Música era impulsionada por uma demanda de cunho religioso, muitas vezes ligada a uma obrigação junto à coroa e à administração portuguesa. Portanto, uma música funcional onde o artesão músico não era considerado e sim a sua música, que não deveria fugir dos parâmetros estabelecidos pelo *status quo*. O artesão músico estava nos interstícios da sociedade estamental sujeito a regulação dos senhores e da elite administrativa da colônia. Submetido aos leilões públicos sua música era contratada pelo menor preço apresentado, o que para nós revela o descaso para com a qualidade musical que certamente era garantida pela noção estética de cada compositor, e unificada pelas Corporações Musicais. Às práticas musicais eram parte da ostentação de riqueza, integrante das festas religiosas. Daí considerarmos que o resultado musical não era somente estético, uma vez que era uma música de função ritualística. Consideramos, nessa perspectiva que o músico de ofício, era considerado em um status limítrofe, válido pelo seu trabalho, mas invisível em suas necessidades.

Destacamos, ainda, que empregamos como estratégia a estruturação dos registros dos gastos com a música, sempre os apresentando esquematicamente em quadros e gráficos ilustrativos. Nosso objetivo foi dar visibilidade a esses gastos facilitando a visualização e a comparação entre os mesmos. Um exemplo da pertinência desta estratégia foi a possibilidade de visualizarmos que os gastos com a música na Vila do Príncipe do Serro do Frio e do Arraial do Tejuco, não foram tão expressivos, como afirma Curt Lange. Essa afirmação é comprovada mediante a comparação do montante total de gastos realizados com as festas religiosas, dos quais a música fazia parte. Essas e outras colocações que defenderemos ao longo de nossa tese demonstram, ao nosso ver, a possibilidade inequívoca de reanálise dos dados coletados e transcritos por Curt Lange.

Nosso processo de construção do escopo da nossa tese não para por aí. Na nossa qualificação apresentamos para a banca o *Capítulo 4 – Ajuste e oitavas de Ouro: os documentos de pesquisa acerca de Diamantina e Serro Coloniais*. Nele apresentamos uma atualização da interpretação dos dados contidos na documentação referente às duas localidades coletadas e acondicionadas no ACL-UFMG.

Contudo, alguns dos documentos que integravam as pastas 10.3.35 e 10.3.39 não foram contemplados nessa atualização de reinterpretação. Ficaram de fora deste primeiro estudo os documentos que continham as transcrições de trechos dos livros utilizados por Curt Lange como basilares da narrativa acerca do Serro e de Diamantina coloniais. Os reunimos em outro capítulo, o de *Capítulo 3 - Fontes Consultadas: A bibliografia utilizada por Curt Lange na construção da História da música em Serro e Diamantina coloniais*. O nosso objetivo ao realizar esse estudo foi conhecer, a bibliografia básica por ele utilizada na construção do texto do Livro VIII da Coleção História da música na Capitania de Minas Gerais dedicado à Vila do Príncipe do Serro Frio e ao Arraial do Tejuco, destacando os seus principais argumentos, escolhas e ênfases.

Nesse ínterim, percebemos a clara necessidade de se conhecer o estado da arte acerca da música no período colonial mineiro, sendo que nossos estudos compuseram o *Capítulo 1 - Produção bibliográfica: panorama musicológico acerca da música no período colonial mineiro*, que teve como objetivo compreender a produção bibliográfica acerca da música no período colonial mineiro, identificando e especificando os principais autores, modalidade e categorias desta produção da década de 1940 à década de 2020.

Mas o ACL-UFMG continuou a nos seduzir. A vontade de continuar as pesquisas era grande. Entretanto, sabíamos que se não nos concentrássemos no material já selecionado poderíamos não terminar nosso trabalho no tempo regulamentar do doutorado. Contudo, não resistimos a um apelo: conhecer o conteúdo das cartas trocadas entre Curt Lange e o que denominamos de Grupo de Diamantina, selecionado pela dedicatória que o musicólogo faz às pessoas que auxiliaram direta ou indiretamente na elaboração do Livro VIII. Tivemos a oportunidade, antes da Pandemia que assolou o planeta de realizar uma pesquisa na Série 2 – Correspondências, Subsérie 2.1 Correspondências Enviadas. Estudando o material percebemos que nossa pesquisa ficaria enriquecida com a possibilidade de registrar a trajetória de Curt Lange referente às pesquisas em Diamantina e no Serro. Na falta de maiores detalhes em alguma bibliografia, as cartas enviadas por Curt Lange ao Grupo de Diamantina detalhavam o processo por ele vivido. Eis que elaboramos os *Capítulo 2 - Refazendo caminhos: Registros da trajetória de pesquisa nas correspondências de Curt Lange,* com a finalidade de reconstruir a cronologia e

as especificidades da trajetória de pesquisa de Curt Lange, acerca da prática musical de Serro e Diamantina coloniais, a partir da análise da correspondência existente, entre 1956 e 1986, enviada a pessoas diretamente ligadas às referidas localidades, bem como a facilitadores da publicação do resultado de suas pesquisas.

A construção de cada um dos quatro capítulos se mostrou bastante frutífera, impactando no escopo da nossa tese que se amplia. Em um primeiro momento consideramos que nosso objeto de estudo fossem os registros das práticas musicais nos documentos transcritos por Curt Lange. Percebemos, entretanto, que estávamos na realidade estudando os registros contidos no material de pesquisa de Curt Lange, (cartas, bibliografia e documentos). Trata-se de lidar com o assunto por uma ótica ampliada, movendo o foco da pesquisa dos registros das práticas musicais e colocando ênfase na própria prática musicológica. Essa alteração nos faz assumir como objetivo geral do nosso trabalho, avaliar a prática musicológica e a construção da história da música em Serro e Diamantina colônias de Francisco Curt Lange (1903-1997), por meio do estudo e reinterpretação dos seus documentos de pesquisa. Por consequência adotamos como título da nossa pesquisa: *Serro e Diamantina coloniais: uma releitura da prática musicológica de Curt Lange*.

Dentro deste escopo a nossa tese é que Curt Lange escreveu uma história parcial da música em Serro e Diamantina coloniais, focalizando sua interpretação na vida e obra de um compositor que considerou comparável aos grandes músicos europeus. Isso limitou a sua visão dos registros das práticas musicais contidas nos documentos cartoriais pesquisados, o que impactou consideravelmente na sua interpretação acerca do lugar social dos músicos "mulatos" do período colonial mineiro.

Sendo construídas à medida em que aprofundamos nosso conhecimento do material no acervo, foram três as nossas questões de pesquisa:

1) um estudo dos registros contidos no material de pesquisa de Curt Lange, (cartas, bibliografia e documentos) revela a sua prática musicológica?

2) até que ponto estamos alinhando e revendo os procedimentos metodológicos da pesquisa musicológica de abordagem histórica à luz de novas tendências? e,

3) é compreendida, pela musicologia brasileira, a importância da revisita às fontes para as narrativas que estabelecemos ou construímos da música na história hoje?

Essas são perguntas que nos esforçamos para responder. Nossa pretensão foi realizar uma crítica à prática musicológica de Curt Lange que pudesse abrir possibilidades interpretativas. Uma pesquisa que não se encerra, mas que procura indicar caminhos para a pesquisa acerca da música no período colonial mineiro, ou se não, que reflita sobre a musicologia histórica praticada acerca do tema. Como poderá ser observado ao longo do nosso trabalho, optamos por discutir a prática musicológica de Curt Lange embasados no escopo teórico da musicologia. Diante da nossa trajetória consideramos coerente essa opção tendo em vista o nosso interesse em nos aprofundarmos em suas teorizações.

Julgamos pertinente apresentar nesta introdução, em primeiro lugar uma contextualização acerca de Curt Lange, na sequência uma síntese acerca do Livro VIII uma vez que esse é a produção de Curt Lange que permeia todo o nosso trabalho e posteriormente, as teorizações de Jacque Le Goff acerca dos documentos monumentos. Vamos a elas.

O Musicólogo Francisco Curt Lange

O musicólogo Franz Kurt Lange, alemão de nascimento (Eilenburg – Saxônia 1903) passa a se chamar Francisco Curt Lange quando se muda para Buenos Aires em 1923. Em 1928 se casa e passa a residir em Montevideo, sendo que entre muitas viagens, idas e vindas, lá faleceu (Montevideo – Uruguai, 1997). O vínculo com o Brasil se inicia no bojo de seu projeto denominado de Americanismo Musical quando estabelece contato com países latino-americanos, bem como inicia suas pesquisas sobre a música latino-americana. O americanismo teve como um dos seus resultados a publicação de seis volumes do *Boletín Latino-Americano de Música* – BLAM[15]. O sexto e último volume, publicado no Rio de Janeiro em 1946, inteiramente dedicado

[15] BLAM I -1935 – Montevideo; BLAM II – 1936 – Lima; BLAM III -1937 – Montevideo; BLAM IV – 1938 – Bogotá; BLAM V- 1941 – Montevideo.

ao Brasil, inclui o texto de Curt Lange, *La música en Minas Gerais – Un informe preliminar*[16]*.*

Para a publicação do BLAM VI Curt Lange passou uma de suas temporadas no Brasil. Nos anos de 1940 e 1941 em parceria com Hans-Joachim Koellreutter editou a *Revista Música Viva.* Em 1944 tem acesso aos primeiros manuscritos musicais do setecentos mineiro, mudando os rumos da historiografia musical do Brasil, e passando a fazer parte da sua musicologia. Foram particularmente frutíferas as pesquisas do musicólogo nas cidades mineradoras mineiras nos anos de 1944 a 1946, e 1956[17].

É grande a contribuição de Curt Lange para a musicologia brasileira. Além de trazer a público informações detalhadas acerca da música profissional praticada no período colonial mineiro, sendo um marco na instauração de uma musicologia científica no país[18], restaura um número expressivo de manuscritos musicais[19], os quais estão acondicionados desde 1982 no Museu da Inconfidência em Ouro Preto, Minas Gerais[20]. Significativo também é o seu trabalho de divulgação da música mineira setecentista, realizado por meio de publicações científicas, palestras e cursos na América Latina, Europa e nos Estados Unidos[21]. Não menos importante é o largo material acumulado em sua vida pessoal e profissional, que desde 1995 está disponibilizado para pesquisa no Acervo Curt Lange da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG[22]. Esse tem sido fonte para trabalhos acadêmicos[23] e

---

[16] ALGE, Barbara. The influence of German Musicology in the Work of Francisco Curt Lange. *Revista OPUS,* Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 9-38, 2014

[17] ALGE, 2014, p. 14

[18] Para uma discussão mais aprofundada do assunto ver CASTAGNA, 2004; 2008a, 2008b.

[19] Para um entendimento detalhado dessa coleção, ver: COTTA, André Guerra. *História da Coleção Curt Lange*. Rio de Janeiro, 2009, 466f. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2009.

[20] Ver: https://museudainconfidencia.museus.gov.br/acervo-arquivistico/ Acesso em abril de 2022

[21] Assim como a Barbara Alge (2014), nos impressiona a organização, a quantidade de transcrições de documentos, e a expressiva rede de sociabilidade formada por Curt Lange, sem o auxílio do computador e da internet.

[22] O ACL-UFMG está organizado em Séries e Subséries sendo o material acondicionado em dez series: 10.1) Bibliografia; 10.2) Miscelânea; 10.3) Estudos e Transcrições; 10.4) Artigos e Originais recebidos por pesquisadores; 10.5) Transcrições e Edições de Obras Musicais; 10.6) Domenico Zipoli; 10.7) Originais e Avulsos de Curt Lange; 10.8) Inventários; 10.9) Excertos Musicais; 10.10) Recortes da Imprensa (ANDRÉ COTTA, 2005, p. 70-74).

[23] Listagem de títulos disponível: https://www.ufmg.br/rededemuseus/acl/?page_id=762 Acesso em abril de 2022

científicos[24], sendo extensa a lista de pesquisas que se utilizam dos documentos acondicionados no Acervo. Analisando os trabalhos listados no seu site, observamos que vários são os enfoques dos trabalhos, sendo preponderantes: as pesquisas que usaram como fonte a correspondência de Curt Lange com compositores e intelectuais contemporâneos brasileiros[25], bem como com diversos profissionais estrangeiros; os trabalhos que enfatizam as discussões teóricos conceituais que de alguma forma se conectaram ou fizeram parte do trabalho de Curt Lange[26]; as pesquisas que se concentraram nos manuscritos musicais coletados pelo musicólogo; as análises e interpretações da formação, recuperação e organização dos documentos acondicionados no Acervo; e, finalmente as pesquisas que se concentraram especificamente no trabalho do musicólogo[27].

Curt Lange não perdeu ao longo da sua vida na América Latina o contato com a Alemanha. Na correspondência acondicionada no ACL-UFMG estão várias cartas trocadas entre o musicólogo e colegas alemães. Destaque para uma carta de 1950 enviada pelo musicólogo a Friedrich Blume (1893-1975), onde registra que estava retomando, após o fim da Segunda Guerra Mundial, o contato com o "berço da musicologia e da cultura musical"[28].

Barbara Alge (2014), relata que encontrou em suas pesquisas cartas dirigidas à Alemanha onde se observam referências diretas à musicologia na América Latina e a visão de si próprio como seu fundador. Em uma das cartas relata a condição da musicologia na América Latina, que descreve como "caótica e difícil em comparação com a Alemanha"[29], enquanto em outra anuncia sua intenção de viajar para a Europa, em busca da "verdadeira cultura após trinta e dois anos de atividade científica"[30]. Para seu irmão escreve orientando-o a fazer menção a ele

---

[24] Listagem de títulos disponível: https://www.ufmg.br/rededemuseus/acl/?page_id=776
[25] São prioritários personagens como: Cláudio Santoro, Camargo Guarnieri, Luiz Heitor Corrêa Azevedo, Levindo Lambert, Mário de Andrade, Villa Lobos e Guerra Peixe.
[26] Citamos as discussões acerca dos conceitos de música barroca, colonial mineiro, nacionalismo, mulatismo e americanismo musical, além da análise do contexto socioeconômico cultural de Minas Gerais no período colonial.
[27] Rui Mourão, 1990; Heidtmann Fürst, 1991; Jorge Velazco, 1992; José Maria Neves, 1997; Luis Monteiro, 1998; Gerard Béhague, 2001; Paulo Castagna, 2004; Guerra Cotta, 2004; Aldo L. Leoni, 2007; 2010; Diósnio M. Neto, 2008, 2010, 2011;
Barbara Alge, 2014.
[28] ALGE, 2014, p. 18
[29] Ibidem
[30] Ibidem

como “o irmão exótico que introduziu a musicologia na América Latina e ajudou a estabelecer a musicologia nos Estados Unidos”[31]. Em carta em 1961 diz diretamente: “Sou um cientista que abriu o mundo latino-americano à musicologia histórica e comparativa em 1935”[32].

O musicólogo André Guerra Cotta (falecido em 2021), que foi um dos coordenadores do ACL-UFMG, considera que a obra de Curt Lange é seletiva, na medida em que coletou exclusivamente o que considerou de relevância histórica. Denomina de “Arquivologia musical” seu reconstruir histórico da música colonial a partir dos documentos que coletou[33].

A formação alemã do musicólogo[34] não nos deixa estranhar a grande influência que essa tem na sua obra, que reflete “uma perspectiva eurocêntrica, evolucionista, positivista, comparativa, colonialista [...]”[35]. Como salienta Paulo Castagna (2000), Curt Lange não considerou a importância de Portugal na música do período colonial mineiro[36]. Em um carta de 1977, o musicólogo teuto-uruguaio explicita a sua defesa da musicologia nos moldes germânicos, quando escreve que, “em Portugal e Espanha eles não queriam basear a musicologia no modelo alemão, porque ‘a mentalidade lá era bem diferente’”[37]. Corrobora este alinhamento de Curt Lange com a musicologia alemã a sua ideia, não concretizada, de lançar um *Monumenta Musicae Brasiliae,* provavelmente inspirada pelos Monumentos da Arte

---

[31] ALGE, 2014, p. 18
[32] Ibidem
[33] COTTA, André Guerra. *O Tratamento da Informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros*. Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2000, 293f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação. Escola de Biblioteconomia. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Belo Horizonte, 2000.
[34] “Na Alemanha, Lange estudou com Arthur Nikisch (maestro), Karl Straube (órgão), e Rudolf Ibach (acústica e construção de piano); e com os musicólogos Adolf Sandberger, Paul Mies, Ludwig Schiedermair, Ernst Bücken, Fritz Oeser, Erich Maria von Hornbostel, Curt Sachs, Arnold Schering, Georg Schünemann, Max Seiffert e Hermann Abert. Se Lange alguma vez escreveu uma dissertação sobre polifonia holandesa [esse trabalho não foi encontrado em seus arquivos nem seu diploma de musicólogo], é segundo vários autores influenciado pelos escritos do musicólogo holandês Charles Jean Eugène van den Borren. Para além da música, Lange interessou-se também pela literatura e filosofia alemãs (Goethe, Hölderlin, Rilke, Schiller e Zweig na literatura; Nietzsche e Kant na filosofia; e Rudolf Steiner na antroposofia) bem como pelos Estudos Romanos. Foi o romancista Karl Vossler (Munique) que finalmente motivou Lange a mudar-se para a América Latina em 1923” (ALGE, 2014, p. 12)
[35] ALGE, 2014, p. 18
[36] CASTAGNA, 2000, p. 70
[37] ALGE, 2014, p. 18

Musical Alemã apresentados por seus professores Herman Abert e Max Seiffert[38]. Em um áudio cassete digitalizado no ACL-UFMG, está registrado que Curt Lange considerava que os músicos "mulatos" do setecentos teriam sido altamente influenciados, por meio das partituras por eles importadas da Europa[39], de música praticada no velho continente, particularmente a dos impérios prussio-alemão e austro-húngaro[40].

Não há como negar o pioneirismo de Curt Lange em desenvolver no país os primeiros estudos histórico-musicais "propriamente científicos"[41]. A sua "pesquisa arquivística com finalidades musicológicas"[42] voltada para o "[...] levantamento, transcrição e estudo da documentação cartorial e religiosa de interesse musical"[43] impulsionou a musicologia no Brasil, apesar de seus trabalhos serem "[...] essencialmente orientados para uma historiografia positivista, evolucionista e eurocêntrica [...]"[44], sendo sua narrativa permeada pelo interesse em "[...] mostrar o "nível" e a "qualidade da música [...]"[45] especialmente a que "descobriu", o que limitou "[...] sua compreensão do significado de vários fenômenos com os quais se deparou"[46].

Consideramos que a admiração por Lobo de Mesquita por parte de Curt Lange era genuína. Contudo, ao tentar explicar como aquela música e intensa atividade poderia ter existido e prosperado na Minas setecentista, usou as ferramentas teóricas que dispunha pela sua formação, o que o fez, por exemplo lançar a hipótese que o músico só poderia ter sido português, desconsiderando a possibilidade que a colônia poderia ter favorecido o aparecimento de compositores autóctones.

---

[38] ALGE, 2014, p. 18
[39] Essa afirmação de Curt Lange tem como única evidência o fato de ter encontrado partituras eruditas europeias em alguns dos arquivos por ele pesquisados.
[40] LANGE, 1982, *apud* AGE, 2014, p. 22
[41] CASTAGNA, Paulo. A musicologia enquanto método científico. Revista do Conservatório de Música da UFPel, Pelotas, n. 1, 2008a. p. 17
[42] CASTAGNA, Paulo. Avanços e perspectivas na musicologia histórica brasileira. Revista do Conservatório de Música da UFPel, Pelotas, n.1, 2008 b, p. 36.
[43] CASTAGNA, 2008b, p. 36
[44] Ibidem
[45] Ibidem
[46] Ibidem

Finalmente, assim como a Barbara Alge (2014), nos impressiona a organização, a quantidade de transcrições de documentos, e a expressiva rede de sociabilidade formada por Curt Lange, sem o auxílio do computador e da internet. Graças a esse cuidado de Lange em produzir e documentar suas atividades de pesquisa, é que hoje podemos examinar criticamente esse material propondo novas interpretações.

O livro VIII da Coleção História da Música na Capitania de Minas Gerais

A produção bibliográfica de Curt Lange sobre a música colonial mineira é extensa! Conforme mostraremos no capítulo 1, iniciando em 1946 e indo até 1982 (ou seja, durante quatro décadas), o musicólogo teuto-uruguaio publica seus trabalhos divulgando os resultados de sua pesquisa. Seu último texto muito nos interessa! Trata-se de uma publicação onde são divulgados o resultado das suas investigações nas cidades de Serro e Diamantina acerca da música no período colonial. O denominamos de Livro VIII, uma vez que Curt Lange assim nomeia a quarta e última publicação integrante da Coleção História da música na Capitania Geral de Minas Gerais[47]. Dedicado inteiramente às práticas musicais e à contextualização sociocultural da Vila do Príncipe do Serro do Frio (atual Serro) e Arraial do Tejuco (atual Diamantina), possui 470 páginas, tendo sido publicado pelo Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, com sede em Belo Horizonte, em 1982.

[47] Segundo Paulo Castagna (2008, p. 36) dos dez volumes planejados por Curt Lange, somente seis foram publicados, sendo esses: **[1]** Volume I: História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais (Século XVIII) A Música nas Irmandades de Vila Rica - Ouro Preto (Freguesia de Nossa Senhora do Pilar) **[2]** Volume II: Irmandade de São José dos Homens Pardos; **[3]** Volume IV: Antônio Dias - Freguesia de Nossa Senhora da Conceição **[4]** Volume V: As obrigações e Arrematações de Música pelo Senado da Câmara de Vila Rica; **[5]** Volume VII: As danças públicas coletivas e as danças dramáticas das Corporações de Ofício em Minas Gerais; **[6]** Volume VIII: História da Música na Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco.

Tabela 1 – Estrutura do Livro VIII – História da Música na Capitania Geral de Minas Gerais – Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco

PARTE 1 - INTRODUÇÃO	
A Vila do Príncipe do Serro do Frio	
Documentação comprobatória (Serro do Frio - 02 Irmandades)	
O Arraial do Tejuco	
PARTE 2 (2 TEXTOS)	
Texto 01 - A música erudita na Capitania Geral de Minas Gerais com ênfase na Vila do Príncipe do Serro do Frio e do Arraial do Tejuco	
Texto 02 - José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita	
Seção 1	José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita
Seção 2	O órgão da Igreja do Carmo
Seção 3	A organista Cega Ana Maria dos Santos Mártires
Seção 4	Outros Organistas no Arraial do Tejuco
PARTE 3 – DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS	
(Arraial do Tejuco - 6 Ir. e Confrarias)	
PARTE 4 - ANEXOS	
Cópias de documentos	
Fotos	

Fonte: LANGE, 1982

O Livro VIII é dividido em quatro partes (Tabela 01). Uma primeira onde apresenta o que denomina de Introdução à música na Vila do Príncipe do Serro do Frio[48], acompanhado de sua documentação comprobatória[49], que consiste na cópia das transcrições do livro de registros de duas Irmandades do Serro do Frio. E um segundo texto, também denominado de introdução, agora sobre o Arraial do Tejuco[50].

Como também explicitado na Tabela 01, encontra-se um texto acerca do Arraial do Tejuco, (parte 02 do livro). Contudo, antes da documentação comprobatória, (que é deslocada para a parte 3 do livro), referente à documentação das seis Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras da localidade, precedidos cada um de um pequeno texto de análise da documentação[51], dois títulos são apresentados, O primeiro trata-se de um texto mais abrangente onde o musicólogo discute a música erudita na Capitania Geral de Minas Gerais com ênfase na Vila do

[48] LANGE, Curt, 1982, p. 11 -32
[49] Idem, p. 33-65
[50] Idem p. 67-87
[51] Idem p. 177-431

Príncipe do Serro do Frio e do Arraial do Tejuco[52]; e, o segundo é dedicado a José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita[53], onde o autor procura reconstruir a trajetória do músico no Serro, Tejuco, Vila Rica e finalmente no Rio de Janeiro. Quatro seções estão contidas dentro deste último texto: os apontamentos referentes a Lobo de Mesquita; a apresentação do órgão da Igreja do Carmo; a atuação da organista cega Ana Maria dos Santos Mártires, sucessora de Lobo de Mesquita no Órgão do Carmo; e, outra seção que apresenta os demais organistas do Tejuco, em especial Antônio da Costa Homem, último organista da Igreja do Carmo no período analisado por Curt Lange.

Para concluir, o autor apresenta uma espécie de anexo, uma quarta parte do livro, também de caráter comprobatório, contendo cópias de documentos oficiais, como o Traslado dos autos da inquirição [...], sobre as condutas do intendente dos diamantes João Inácio do Amaral Silveira[54]; de informações acerca da Irmandade de Santa Cecília[55]; das transcrições de documentos dos festejos no Tejuco no século XIX[56]; das descrições de trechos de livros dos viageiros que estiveram no Tejuco, no período de 1808-1818[57], e posteriormente sem paginação, cópias de documentos como por exemplo, o Termo de Entrada de lobo de Mesquita na Confraria das Mercês dos homens crioulos em 25 de janeiro de 1788, bem como de manuscritos musicais do compositor, como a parte do violino da Antífona de Nossa Senhora. São apresentadas também cópias de fotografias das igrejas, inclusive a da antiga Matriz de Santo Antônio de Diamantina, derrubada em 1931 para dar lugar a atual Catedral de Diamantina.

Curt Lange oscila em dois extremos, ora fundamentando suas conclusões por meio da leitura e interpretação dos registros encontrados em documentos, ora preenchendo lacunas da falta de documentação com conjectura de um mundo onde o "mulato", seu principal personagem, vive uma vida de lutas, mas de conquistas e certo glamour. Damos como um exemplo a chegada de Lobo de Mesquita a Vila Rica

---

[52] LANGE, Curt, 1982, p. 89-109
[53] Idem p. 111-175
[54] Idem, p. 433-436
[55] Idem p. 439-445
[56] Idem p. 449-451
[57] Idem p. 453-465

em 1798. Comprovada essa por meio da sua assinatura como prestador de serviços à Ordem Terceira do Carmo daquela cidade, complementa o musicólogo que certamente Lobo de Mesquita fez fama no Arraial do Tejuco, fama essa que deve ter sido conhecida em Vila Rica, uma vez que apesar da falta de uma imprensa oficial a informação circulava na colônia.

> Sem dúvida havia estabelecido desde o Tejuco contatos prévios com amigos e admiradores. Ninguém, dentre os professores da arte da música do Brasil daqueles anos, pode ter ignorado a sua fama de compositor. Não constituiria segredo para ninguém a sua permanência de aproximadamente vinte anos no Tejuco. O homem colonial, mesmo sem o recurso de jornais, por se ter proibido a instalação da Imprensa no Brasil, achava-se sempre bem informado[58]

São abordadas também as características das práticas musicais, sendo essas apresentadas na medida em que o musicólogo interpreta os registros dos documentos encontrados. Percebemos que a sua visão, marcada pelo determinismo racial é em certa medida idealizada, tendo em vista que preenche as informações faltantes com a sua opinião particular. A trajetória de Lobo de Mesquita, como veremos, é um exemplo desta postura. Detalhes da vida do compositor são sugeridos por Curt Lange, sempre no sentido de ressaltar suas qualidades pessoais, o reconhecimento ao seu talento, bem como o seu engajamento e destaque social. Um outro aspecto da abordagem assumida por Curt Lange é a sua certeza da vinculação estética da música produzida no Distrito Diamantino, particularmente a de Lobo de Mesquita, com a música coeva executada na Europa, particularmente a germânica.

Genuinamente admirador da música, especialmente de Lobo de Mesquita, Curt Lange especula sobre o lugar do "mulato" na sociedade estamental mineira. Não há dúvida de ter havido no Brasil colonial um favorecimento dos "mulatos". O historiador Luiz Felipe de Alencastro (2000)[59] comenta que desde as primeiras décadas da colonização os "mulatos" tiveram um tratamento diferenciado no Brasil, ao contrário do que acontece na América do Norte (com características de segregação) e em Angola, onde havia miscigenação, mas não havia mestiçagem. Os

---

[58] LANGE, 1982, p. 144

[59] ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. 5ª reimpressão. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

"mulatos" foram usados como mão-de-obra qualificada tanto na pecuária (os curraleiros caboclos, "mulatos" e cafuzos do São Francisco e do Maranhão participando nas guerras contra os índios e repovoando os sertões) quanto militarmente (o chamado corpo dos Henriques, formado nas investidas contra os invasores holandeses, mas que também combatem em Palmares e participam de batalhas em Angola)[60]. O que não quer dizer que um tratamento melhor dos "mulatos" por conta de sua mão-de-obra qualificada signifique uma ascensão social, como interpretado por Curt Lange. Uma visão, que como veremos mais à frente no texto que segue, permeia toda a sua narrativa.

O texto denominado "Introdução acerca da Vila do Príncipe do Serro do Frio" é baseado nos Livros de Felício dos Santos *Memórias sobre o Distrito Diamantino (1956)*[61] e de Dário da Silva *Memórias sobre o Serro Antigo (1928)* [62], bem como de um artigo do próprio Curt Lange publicado na *Revista Barroco*, "As Danças coletivas públicas no período Colonial brasileiro e as Danças das corporações de ofícios em Minas Gerais"[63]. A seção narra o histórico de criação da Vila do Príncipe do Serro do Frio (1714), bem como a instauração da sua paróquia (1724), com a ressalva que desde 1715 já havia sido nomeado o vigário da igreja matriz, bem como que a localidade já contava com um Senado da Câmara atuante, sendo a Vila autônoma jurídica e administrativamente. Sem uma indicação precisa da fonte desta informação, discorre o autor também acerca da chegada dos primeiros músicos, afirmando que esses chegam à localidade tão logo foi criado o povoado, sendo os padres e esses primeiros músicos responsáveis pela formação dos músicos subsequentes[64]. Nessa primeira seção referente ao Serro do Frio, Lange extrai trechos do livro de Dário da Silva (1928), que discorre a respeito da criação dos regimentos de "mulatos", sendo registrado que Lobo de Mesquita ingressou em um deles, no Tejuco.

---

[60] ALENCASTRO 2000, p. 346

[61] DOS SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias sobre o Distrito Diamantino*. 3ª Edição. Rio de Janeiro; Edição do Cruzeiro, 1956.

[62] DA SILVA, Dario A. F. *Memórias sobre o Serro Antigo.* Edição do autor. Serro: Tipografia Serrana, 1928.

[63] LANGE, Francisco Curt. As Danças coletivas públicas no período Colonial brasileiro e as Danças das corporações de ofícios em Minas Gerais. *Revista Barroco*, Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros – UFMG, n. º 01. p. 15-62, 1969.

[64] LANGE, 1982, p. 13

Extraindo informações dos convites e festas oficiais, emanadas pelo Senado da Câmara de Vila Rica que recolheu durante suas pesquisas em Ouro Preto, o autor ilustra a sua narrativa sobre o que denomina de danças coletivas públicas ou de danças das corporações de ofício. São folguedos realizados nas festas oficiais, em comemoração aos mais variados eventos ligados à coroa portuguesa, financiadas pelas várias ocupações laborais existentes nas diversas localidades das capitanias brasileiras, tais como "[...] ourives, mechanicos [mecânicos], alfaiates, sapateiros, carpinteiros e os ferreiros [...]"[65]. Quanto às danças, essas eram constituídas de marujadas com cantigas do mar "[...] eram índios trajados de pano de cor urucum, trançados de pena de ema cantando cantigas do sertão [...] velhos e velhas em par de danças [...], eram fingidos romeiros cantando cousas [coisas] da Terra Sancta [Santa]"[66]. Lamenta Curt Lange que não tenham sido preservadas as músicas e as coreografias de tais dança, segundo esse, "uma tradição arcaica"[67] que foi transformada ao longo dos anos.

Uma série de Termos de Ajuste são apresentados também, extraídos de Dário da Silva (1928), sendo realizada uma síntese das informações contabilizando, particularmente, os gastos com a música. Atenção é dada às informações ligadas a Lobo de Mesquita, chegando o musicólogo à conclusão que o músico deve ter se mudado da Vila do Príncipe para o Arraial do Tejuco entre 1778-1779. Na falta de órgão na Vila do Príncipe afirma, o autor, que o músico tocava violino, atuando também como regente, uma vez que era denominado de professor da arte da música[68]. Salienta, ainda, que deve ter havido cravos no Serro Colonial, sendo que certamente o músico os tocava. Ressalta, contudo, que caso "ele [Lobo de Mesquita] houvesse nascido no Serro, tornar-se-ia bastante evidente que estudou durante anos em Lisboa"[69].

As páginas que seguem[70] são dedicadas às transcrições dos registros de gastos com a música, extraídos do Livro de Despesa da Irmandade do Santíssimo

---

[65] LANGE, 1982, p. 18
[66] Ibidem
[67] Ibidem
[68] Idem, p. 32
[69] Ibidem
[70] Idem, p. 35-50

Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio, seguido das transcrições dos Termos de Entrada dos Professores da Arte da Música da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês e São Benedito[71].

Damos destaque a três sínteses apresentadas por Curt Lange compiladas dos textos de Dario da Silva (1928). A primeira é uma síntese da quantidade de músicos e seus instrumentos, sendo levantada a presença de 12 regentes, 26 vozes e 35 instrumentistas, com destaque para os apontamentos encontrados referentes ao compositor Paiva Quintanilha, do qual afirma possuir alguns manuscritos. A presença da clarineta no rol de instrumentos é salientada com surpresa, uma vez que na Europa esse instrumento estava em voga nessa mesma época, fato que o faz concluir da ligação dos professores da arte da música com o que estava de mais moderno naquele continente[72].

A segunda síntese se refere às festividades oficiais contratadas pelo Senado da Câmara do Serro do Frio, para a realização das festividades da Irmandade do Santíssimo Sacramento, sendo elas a de Nossa Senhora da Conceição, da Semana Santa e Corpo de Deus, apesar do musicólogo registrar quatro festas oficiais nos anos de 1766 e 1805. Referência também é feita a Lobo de Mesquita e à sua presença nos registros nos biênios de 1777/1778 e 1783/1784 "recebendo valores superiores aos demais músicos"[73], destacado o fato que no período o músico já estava residindo no Arraial do Tejuco[74]. A versatilidade do músico Felipe da Costa Ribeiro é destacada dada a sua atuação como cantor (contralto e tenor), instrumentista (rabeca e rabecão) e como regente, uma característica que vai se mostrar intrínseca aos agrupamentos musicais do período. Um possível vínculo entre professor e alunos é salientada por meio do apontamento de um triple [soprano aprendiz] vinculado ao nome do mesmo músico[75].

E, por fim, a terceira síntese dos registros sobre os gastos com a música, onde o musicólogo compila a relação de festividades, os nomes ocasionais dos

---

[71] Dessa irmandade, até o momento, não encontramos nenhum documento nas pastas pesquisadas no ACL- UFMG (10.3.35 e 10.3.39).
[72] LANGE, 1982, p. 25
[73] Idem, p. 26
[74] Idem, p. 27
[75] Ibidem

músicos, compositores e regentes, a quantidade de músicos por festividade, bem como os valores pagos à música pela Irmandade do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio do biênio 1768-69 a 1818-19.

Importante destacar que o pesquisador narra que em sua ida ao Serro, encontrou a situação da matriz extremamente precária, tendo tido na ocasião oportunidade de se encontrar pessoalmente com o Arcebispo da Arquidiocese de Diamantina Dom José Newton de Almeida Baptista, que atendeu prontamente o seu pedido de melhor acondicionar os livros da Irmandade do Santíssimo Sacramento entre 1768 até 1819[76].

Os livros de Dario da Silva (1928) e de Joaquim Felício dos Santos (1956), utilizados na introdução referente à Vila do Príncipe do Serro do Frio, e de John Mawe – *Viagens ao interior do Brasil*[77] (1944), dão sustentação ao texto de Curt Lange referente ao Arraial do Tejuco**.** O musicólogo discorre acerca do histórico da expedição bandeirante que descobriu ouro na região em que seria futuramente o Distrito Diamantino, bem como sobre a formação do povoado que surgiu rapidamente em torno da extração. O Arraial do Tejuco teve como sede de comarca a Vila do Príncipe do Serro do Frio, onde eram sediados o Senado da Câmara, o Ouvidor e o Clero, com a ressalva que esse último era subordinado a Mariana[78].

A seguir, são enumeradas as principais características da exploração dos Diamantes, sendo destacadas quatro etapas. A primeira foi denominada de Capitação[79], não se tendo a data precisa da descoberta dos diamantes, sendo tomada como data o ano de 1729. A segunda etapa, denominada de Demarcação, se inicia em 1734, com a criação oficial do Distrito Diamantino, tendo como marco a criação da intendência dos Diamantes, época em que houve a necessidade de se investir na agricultura e nas corporações de ofícios para suprir a demandas da população cada vez maior, em um território demarcado militar e administrativamente em 75 léguas quadradas, delimitação onde não se podia entrar ou sair sem prévia autorização[80].

---

[76] LANGE, 1982, p. 24
[77] MAWE, JONH. *Viagens ao interior do Brasil*. Tradução de Solena Benavides Viana. Rio de Janeiro: Ed. Zélio Valverde, 1944
[78] LANGE, 1982, p. 72
[79] Ibidem
[80] Idem, p. 73-74

Com a decisão de mudar a cobrança do quinto, pela coroa portuguesa, foi estabelecida a terceira etapa da extração, marcada pelo contrato dos diamantes. Houve dois contratadores famosos, sendo o primeiro Felisberto Caldeira Brant, que trouxe para o Arraial do Tejuco "bem-estar, luxo, moralidade e educação, introduzindo ali o gosto pela música e dança"[81]. Não menos luxuosa é a fase do Contratador João Fernandes de Oliveira, muito rico, e que fica famoso pelo seu relacionamento com Xica da Silva. Sendo congregado da Ordem Terceira do Carmo é "construtor e doador da Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo"[82] e do educandário de moças Recolhimento de Macaúbas. Destaque é dado para a realização de óperas no Palácio de Palha, que segundo consta foi sua residência com Xica da Silva.

Com o fim do contrato de Portugal com João Fernandes, criou-se o regime da Real Extração, instaurado em 1771, quarta e última etapa da exploração dos diamantes. Conhecido também como Regimento Diamantino, passa a contar com a autoridade de um Intendente e de um fiscal. Referência é feita, pelo autor, ao Intendente João Inácio do Amaral Silveira e seu Fiscal João da Cunha Sotomaior pelas registros das queixas a eles realizadas e pelo seu gosto "notoriamente da música profana erudita"[83]. Famoso é o primeiro intendente brasileiro, Manuel Ferreira de Bittencourt, "décimo-segundo e último dos que estiveram à frente da Extração"[84]. Na sua gestão houve a visita dos viajantes Spix e Martius, John Mawe, e Saint-Hilaire, sendo registrado que esse último participou de um dos marcantes saraus e bailes na sua residência, a Quinta dos Caldeirões.

Para Curt Lange o "fabuloso desenvolvimento econômico que teve lugar no Distrito Diamantino"[85] é um dos elementos que ajudam a explicar a riqueza cultural e musical vivida no período colonial mineiro. Destaca, entretanto, desconsiderando vários aspectos ligados à questão, a importância de se conhecer o processo de decadência econômica vivida com o declínio da extração, e a importância dos "mulatos" e pretos "que mantiveram em alto o trabalho, o esforço físico e de

---

[81] LANGE, 1982, p. 74
[82] Idem, p. 75-76
[83] Idem, p. 78
[84] Idem, p. 79
[85] Idem, p. 79

inteligência [...] substituindo agudos contrastes sociais e vergonhosas opressões por situações mais equilibradas e de maior liberdade"[86]. Essa visão se contrapõe ao conteúdo de um documento apresentado pelo próprio Curt Lange que aponta, entretanto, que na Ordem Régia de 1725 é salientada a condição social bastante restrita do "mulato", uma vez que "não poderia sair eleito Juiz ou Vereador, nem na governança da terra, nestas Minas Gerais, homem algum que seja mulato, dentro do 4º grau e da mesma forma casado com mulata"[87].

Contextualiza o musicólogo o papel das organizações de leigos na sociedade da época, ressaltando o seu protagonismo na construção das igrejas, em sua decoração, na compra e instalação de sinos e, especialmente, na realização de cultos litúrgicos onde a música tinha suma importância. Criadas sob o regime do padroado, aquelas organizações possuíam gestão própria por meio de sua mesa administrativa, eleita anualmente, mas, sendo supervisionada, pelo lado da igreja no "aspecto espiritual", pelo Examinador sinodal e pelo Visitador Geral da Comarca, e pelo lado da administração nos "aspectos temporais", pelo Provedor dos Bens das Fazendas dos Defuntos e Ausentes, Capelas e Resíduos[88]. Os dois poderes estavam sempre em conflito, acusando-se mutuamente de um interferir nos assuntos do outro, sendo que ambos "[...] nem sempre toleravam excessos nos gastos, ou a contabilidade deficientemente conduzida, com lançamentos errados e outros omitidos"[89]. Havia grande concorrência entre as organizações de leigos, especialmente as dos brancos mais ricas, sendo verificada grande rivalidade para a realização da festa mais bonita e suntuosa, particularmente ao orago de cada organização, o que levava a grandes excessos e "[...] sacrifícios pecuniários dos irmãos para contribuir com a conclusão de um altar, na fundição de um sino, na construção de um órgão"[90].

O texto "Em torno à música erudita das Minas Gerais" e com particular ênfase referente à Vila do Príncipe do Serro do Frio e do Arraial do Tejuco, esclarece o que Curt Lange considera os inúmeros temas que "caracterizam o surto da

---

[86] LANGE, 1982, p. 80
[87] Idem, p. 22
[88] Idem, p. 83
[89] Ibidem
[90] Idem, p. 84

atividade musical em Minas Gerais"[91]. Esse texto nos dá a impressão de ser pensado como a introdução do projeto do musicólogo de publicar doze volumes dedicados à música em Minas Gerais. Ele diz textualmente: "cada um dos doze volumes que formam esta obra trata de regiões diferentes [...] o leitor pode, em cada volume, esquecer facilmente as determinantes básicas, únicas e muito originais, dos motivos que caracterizam o mulatismo musical [...]"[92].

Para o pesquisador, uma localidade da capitania não era isolada da outra, sendo as partituras intensamente compartilhadas, bem como a transferência de residência dos músicos frequentes, particularmente entre as localidades próximas como Mariana e Ouro Preto, Serro e Diamantina, São João del Rei e Prados.

Destaca enfaticamente o autor que "os professores da Arte da Música se achavam perfeitamente capacitados para vencer qualquer dificuldade vocal, instrumental e de conjunto, tanto com relação a música composta por eles ou vinda da Europa"[93], atuando tanto com a música profana quanto com a litúrgica.

O musicólogo destaca que não encontrou música (manuscritos ou partituras) nas igrejas no decorrer das suas pesquisas, pelo fato que as partituras ficavam com as corporações musicais, uma vez que a música era a elas contratada pelo clero, senado da câmara (e aqui acrescentamos as irmandades, confrarias e ordens terceiras), e que por sua vez "levavam a música a executar-se na igreja, que respeitava o seu repertório"[94].

Se ressente Curt Lange, da precariedade dos apontamentos nos livros oficiais das organizações de leigos, realizados pelos escrivães, tesoureiros e procuradores das suas mesas gestoras, particularmente do Arraial do Tejuco, uma vez que na Vila do Príncipe os registros estavam mais detalhados. Considera-se, que aqueles poderiam ter registrado com mais acuidade não só os gastos com a música, mas os nomes dos professores da arte da música. Esclarece que particularmente na fase pioneira da extração dos diamantes, a denominada capitação em torno de 1729, era de suma importância que se tivesse apontamentos acerca da atividade musical e dos responsáveis por ela, para um melhor delineamento do surgimento da música

---

[91] LANGE, 1982, p. 89
[92] Idem, p. 89
[93] Ibidem
[94] Idem p. 90

religiosa, por ele considerada erudita, no Distrito Diamantino. Aponta Curt Lange que inicia sua pesquisa no período correspondente à segunda etapa da extração, conhecida como Demarcação do Distrito Diamantino em 1734, uma ocasião em que no Tejuco "já se tinha estabelecido um forte núcleo profissional"[95]. Considera que no período, o músico profissional era completamente integrado à sociedade da época, um chefe de família, engajado social e culturalmente, atuante em todas as esferas (civil, religiosa e militar), e apto a desempenhar sua função nos mais variados espaços onde houvesse música.

> Nas Vilas onde o músico profissional se tinha estabelecido, presidindo um núcleo familiar, ficava incorporado à vida social e artística, participando de acontecimentos religiosos, de festas oficiais, de música de solau [sarau], de casamentos, de enterros, da música empregada nas extensas danças dramáticas e nas danças populares, havendo-se incorporado também os melhores à música militar[96].

Para o autor, a sociedade Tejucana é profundamente marcada pelo determinismo racial. O branco se ocupava das atividades ligadas a exploração e comercialização dos diamantes, os "mulatos", em maior quantidade, eram ligados aos ofícios (sendo que o musicólogo destaca somente os artísticos, não citando as demais atividades consideradas manuais), e os pretos escravizados, atuavam na extração, nas atividades domésticas "ou, quando forros, a atividades diversas"[97]. Salienta Curt Lange que é esse o aspecto que mais lhe interessa, uma vez que quer demonstrar que a atividade musical ficou nas mãos dos "mulatos", já que os brancos não tinham interesse em atividades manuais, preocupando-se exclusivamente em ganhar fortuna com o diamante. Outra tese do musicólogo é que ao branco coube aceitar a projeção do artífice "mulato", uma vez que esse assumiu "um verdadeiro monopólio no exercício das artes [...] proliferam muito bem trajados, nas festividades de todas as irmandades de brancos"[98]. Ênfase a esse aspecto é dada pelo musicólogo que considera, a partir de um registro da confecção de uma cabeleira `a moda europeia para Francisco Gomes da Rocha (1745-1808), que "o músico trajava-

[95] LANGE, Curt, 1982, p. 91
[96] Ibidem
[97] Idem, p. 94
[98] Idem, p. 95

se com elegância quando atuava nos festejos das igrejas [...]"[99]. Considera ainda que o "mulato" circulava com total liberdade, sendo sua remuneração, com a música, considerada satisfatória, podendo inclusive encomendar de Lisboa obras musicais de grandes mestres coetâneos, bem como, no caso de alguns, possuir um escravizado ou alugá-lo especialmente para carregar os seus instrumentos. A "mulata" tinha muito mais liberdade que a mulher branca, geralmente impedida de sair de casa, tendo casos inclusive de mulheres "mulatas" que atuavam e cantavam, sendo o Brasil o primeiro país latino-americano que exportou dançarinas e cantoras[100]. Os músicos "mulatos", afirma Curt Lange, utilizavam o latim na liturgia com perfeição, sendo que tanto na música erudita quanto na popular compunham, improvisavam, modulavam e realizavam o transporte com propriedade.

> Jamais em região alguma se escreveram tantas Ladainhas à Virgem e o Menino, jamais tantos dobrados brilhantes de surpreendentes processos modulatórios. Pode se dizer que o caso Minas Gerais foi e continua sendo, para sempre, único na história das artes universais e musicais[101].

Ressalta o musicólogo que o livro de Joaquim Felício dos Santos não aborda aspectos sociológicos, tratando, infelizmente, somente de questões político econômicas e administrativas, deixando de fora da sua narrativa "numerosas características que se referem à formação religiosa, à constituição de capelas e igrejas, irmandades, confrarias e ordens terceiras, sem referir em nada as manifestações artísticas [...]"[102]. Considera que certamente esse não era um dos objetivos de Felício dos Santos, e que foram os viajantes John Mawe, Spix e Martius, além de Saint-Hilaire, que o auxiliaram a reconstruir muitos dos aspectos culturais da sociedade da época. Nesse sentido, continua Curt Lange, cabe salientar que a quantidade de Igrejas e Capelas no Arraial do Tejuco, sete no total, e levando em conta que em cada uma delas se fazia música, deve ter levado o Distrito Diamantino a uma elevação cultural sem precedentes no Brasil. Defende o autor em complementação à sua tese, embora saliente que não tem documentação

---

[99] LANGE, 1982, p. 97
[100] Idem, p. 98
[101] Ibidem
[102] Idem, p. 93

comprobatória, que tal elevação cultural deve ter impactado no bem-estar da classe média integrada pelos "mulatos", refletindo positivamente inclusive na "inferior, a dos pretos escravos e forros"[103]. Não desconsidera que o "mulato" teve que "abrir caminho em meios saturados de velada ou aberta resistência ou desprezo"[104], mas que alguns alcançaram destaque social por meio da sua música, sendo mundialmente admirados após os inúmeros concertos que fez, das obras de músicos "mulatos" por ele restauradas, em "catedrais, igrejas de renome e salas de concerto"[105].

A ascensão social dos "mulatos", concomitante com a profissionalização e consolidação da música profissional no período colonial, foi realizada em três etapas, segundo o musicólogo. A primeira, da qual pouco se sabe, se dá com a chegada dos primeiros músicos à Vila do Príncipe e posteriormente ao Arraial do Tejuco. Sustenta que esses, os músicos, acompanharam o movimento dos mineradores em busca de veios de extração e do clero que "dava cumprimento a sua missão evangelizadora"[106]. Considera, o musicólogo, que diferentemente da Bahia e de Pernambuco onde os primeiros músicos eram portugueses, Minas Gerais já deve ter recebido músicos "mulatos" formados no Nordeste, atraídos pelas possibilidades de melhores ganhos. Pondera que há a possibilidade de terem migrado também para Minas Gerais, professores da arte da música brancos, inclusive não sendo descartado a probabilidade de padres terem participado das primeiras formações de novos músicos, que por sua vez formaram as Corporações musicais. A segunda fase da consolidação do meio profissional no período colonial é marcada pela intensa atividade musical, sendo lembrado, pelo autor, que há registros que em 1750 em Vila Rica, se celebrou as exéquias de D. João V, concomitantemente com as mesmas celebrações na corte portuguesa. E por fim, a terceira etapa do processo de ascensão social dos "mulatos" que se dá, segundo o autor, quando é verificada a atuação de vários músicos compositores notáveis nas diversas localidades da capitania de Minas Gerais[107].

---

[103] LANGE, 1982, p. 94
[104] Idem, p. 95
[105] Ibidem
[106] Ibidem
[107] Idem, p. 98-99

Voltando na descrição acerca das Corporações Musicais, essa é, na interpretação de Curt Lange, uma preservação de uma estrutura de ensino e prática musical vinda da Europa. Uma corporação de músicos tinha um regente, também instrumentista ou cantor, como coordenador dos processos educacionais entre um mestre e seus discípulos. Quando uma corporação ou agrupamento musical não possuía uma sede própria, a casa do regente era o local de ensaios, onde seus integrantes tinham parte da sua formação musical e se preparavam para as respectivas apresentações, bem como eram guardados e constantemente reabastecidos com novas obras musicais, o acervo de cada organização.

O documento formal de contratação de uma corporação musical com o Senado da Câmara ou com um Irmandade ou Confraria era o Termo de Ajuste, que podia se dar como resultado ou não de uma arrematação, espécie de leilão, que era realizado uma vez ao ano ou quando necessário, para atender a demanda da música para as festas religiosas ou festas públicas, sendo o vencedor "quem deste o menor lance, em reuniões públicas [...]"[108]. A grande dificuldade em se relacionar os músicos participantes de um dado evento era que o Termo de Ajuste somente era assinado por um regente, que por sua vez contratava os demais músicos, salvo nas arrematações com o Senado da Câmara onde, particularmente após 1755, era obrigatório se relacionar no Termo de Ajuste os músicos e instrumentos contratados. O regente era quem recebia também o pagamento referente à música contratada, cabendo a ele *a posteriori* a divisão dos valores com o grupo formado, que podia pertencer a uma única corporação, ou ainda por músicos de várias delas.

Esclarece Curt Lange que as informações por ele coletadas na Vila do Príncipe foram escassas, se resumindo aos livros de registros da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Contudo, no Arraial do Tejuco encontrou um farto material envolvendo cinco Irmandades e Confrarias (1. Ordem Terceira do Carmo; 2. Confraria de Nossa Senhora das Mercês; 3. Ir. de N. Senhora do Rosário; 4. Ir. de N. Senhora do Terço; e, 5. Irmandade de N. Senhora do Amparo), bem como um variado conjunto de livros de registros, tais como Livro de Receita e Despesa, de Termos, de Entrada de Irmãos e de Eleições.

---

[108] LANGE, 1982, p. 114

Nessa listagem não é citada uma sexta irmandade que será abordada na seção "Documentação do Livro VIII" onde o musicólogo apresenta as transcrições do material que coletou, a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de St. Antônio do Arraial do Tejuco. Salienta que nessa documentação encontrou muitos detalhes sobre a atividade musical das duas localidades. Destaque é dado para a Irmandade de Nossa Senhora do Amparo que tinha José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita como congregado bem como "parece ter agrupado os músicos locais em uma Presidia (sucursal) da Irmandade de Santa Cecília com sede em Vila Rica"[109]. Interessante é um quadro elaborado por Curt Lange cruzando informações acerca das seis irmandades do Tejuco, e a função desempenhada por 51 nomes de músicos. Esses 51 músicos são listados como 4 organistas, 2 afinadores, 1 sineiro, 13 cantores, 3 instrumentistas e 31 regentes. Esclarece que esses números não são precisos uma vez que todo regente "era ao mesmo tempo músico, fosse cantor ou instrumentista"[110].

Com a decadência da extração, aponta o autor, que se deu nas diversas localidades com maior ou menor intensidade, os professores da arte da música migraram para o Rio de Janeiro, caso do músico Lobo de Mesquita. Os que permaneceram conviveram com uma queda da remuneração da música a patamares cada vez menores. Salienta, entretanto, que há casos curiosos onde se percebe "que as remunerações continuavam no mesmo nível, como também as quantias dos fornecimentos de música às respectivas irmandades e ordens"[111], situação essa, que para o autor, merece "futuramente um estudo especial, porque dependia de numerosos fatores econômicos"[112]. Finalizando a seção, destaca Curt Lange, que a música antiga Minas Gerais foi abandonada sendo substituída pelas "[...] estrondosas bandas regidas por italianos, com novo repertório e novo instrumental"[113]. Contudo, pondera o musicólogo que os professores da arte da música mineiros se destacavam nos mais variados cenários musicais, tornando Minas Gerais sinônimo de boa

[109] LANGE, 1982, p. 100
[110] Idem, p. 103
[111] Idem, p. 105
[112] Ibidem
[113] Idem, p. 107

música e de bons músicos, ademais com o seu descobrimento da escola de compositores mineiros que ficou conhecida em "todo o mundo civilizado"[114].

A seção inteiramente dedicada ao músico José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, com uma incursão em temas relacionados ao Órgão da Igreja de Nossa Senhora do Carmo é bem abrangente. Procura cobrir a vida do músico do seu nascimento, para Curt Lange, provavelmente, mas não comprovadamente, no Serro (1746), até seu falecimento no Rio de Janeiro (1805). Considera que sua formação musical se deu no Serro, mas como não conseguiu comprovação, pode ter sido também no Nordeste ou em Lisboa. Registra Curt Lange que Geraldo Dutra de Moraes, em um "folhetim" sob nome "Música Barroca Mineira" sustenta, sem apresentar os documentos comprobatórios, que Lobo de Mesquita "nasceu na Vila do Príncipe do Serro do Frio, a 12 de outubro de 1746, sendo filho natural do português Joseph Lobo de Mesquita e da sua escrava Joaquina Emerenciana"[115]. E mais, foi aluno do Mestre de Capela na Matriz do Serro, Padre Manuel da Costa Dantas. Curt Lange ao checar essas informações não encontrou o volume dos livros de batistério que comprovariam a data do seu nascimento e sua filiação, nem o nome do Padre Dantas como vinculado à Matriz do Serro, mas sim como padre no Arraial do Tejuco. Causa estranheza ao autor que era impossível que na Matriz do Serro houvesse um Mestre de Capela, cargo possível somente na Catedral de Mariana. Ademais, pondera Curt Lange, nos documentos que pesquisou das Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras e mesmo do Senado da Câmara nunca viu menção a um Mestre de Capela, sendo poucas as oportunidades que aparecem nomes de padres. A chegada de Lobo de Mesquita ao Tejuco também é para o autor de data incerta. Contudo, para nós parecendo muito mais factível de ocorrer em um principado austríaco do que em um Arraial colonial das Minas Gerais supõe Curt Lange que Lobo de Mesquita se transferiu para o Arraial a convite de alguma família abastada sem preocupação com gastos. Essa cena poderia, no máximo, ocorrer na fase do Contrato dos Diamantes, única fase que se evidencia esse tipo de atitude, o que não é o caso.

---

[114] LANGE, 1982, p. 109
[115] Idem, p. 112

> É fora de dúvida que respondeu [Lobo de Mesquita] a um convite formulado por vários dos abastados chefes de família, que trouxeram atores, professores de música e dança sem lhes importar a despesa de viagem nem o ordenado, com o exclusivo fim de brindar as suas famílias, e a si mesmos, com esses elementos de cultura e entretenimento[116].

Após registrar que a caligrafia de Lobo de Mesquita era "esmerada", sendo encontrada no cabeçalho de cada um de suas obras o seu título e ano de criação, mas sem a indicação do local de composição, considera difícil tentar chegar a uma data estabelecendo o motivo da ida de Lobo de Mesquita para o Tejuco. Casado com Tomázia Onofre do Lírio, certamente uma "mulata" como ele, conforme o musicólogo[117], alugou duas casas que pertenciam à Irmandade do Santíssimo Sacramento, por "exorbitante aluguel" que chegou a 50 oitavas de ouro, sendo identificado por meio dos registros que essa casa passou por reparos em 1785 e 1786. O pagamento dos aluguéis sempre feitos com atraso, apesar de o músico ter conseguido colocá-lo em dia. Curt Lange atribui os atrasos a "[...] uma situação geral, que devia ser imposta mais à decadência da mineração [...] do que a uma situação estritamente pessoal"[118]. Tendo em vista o alto valor pago pela casa deduz que os reparos foram solicitados por Lobo de Mesquita, sendo provável, na opinião do pesquisador, que o padrão de moradia do músico fosse alto,

> [...] uma tendência ao bem-estar, a casa espaçosa, respondendo a aspiração de possuir uma sala ou saleta onde dar aulas aos seus alunos. [...] teria assim a escola um caráter de conservatório no sentido antigo, contando com um só professor e um assistente que se incumbiam da variedade de ensinos práticos na voz, no instrumento, na harmonia, contraponto, fuga e composição"[119].

Um registro concreto é a citação do pagamento a Lobo de Mesquita "do seu trabalho" no valor de 20 (vinte) oitavas de ouro, próximo ao término da construção do órgão em 1785, sendo que no biênio 1786-1787 é apontado o seu primeiro ordenado como organista na Irmandade do Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco. Curt Lange calcula os recebimentos e gastos de Lobo de Mesquita,

---

[116] LANGE, 1982, p. 98. p. 115
[117] Idem, p. 119
[118] Idem, p. 119
[119] Idem, p. 116-117

contabilizando-os do biênio 1783-1784 a 1797-1798. Registra que o músico recebeu no Santíssimo Sacramento ao todo 512;1/2;2[120] (quinhentos e doze oitavas e meia de ouro e dois vinténs), e da Ordem Terceira do Carmo, apenas o valor de 305;1/2 (trezentas e cinco oitavas e meia de ouro). Um quadro com registros anuais é apresentado com os ganhos nas duas organizações de leigos que chegam a 818;*;2 (oitocentos e dezoito oitavas de ouro e dois vinténs), e os gastos com o aluguel de uma casa que somam 428 (quatrocentos e vinte e oito) oitavas de ouro, ficando um saldo de 390;*;2 (trezentos e noventa oitavas de ouro e dois vinténs). Isso posto, conclui o musicólogo que Lobo de Mesquita não poderia ter sobrevivido com um valor tão pequeno ao longo de quinze anos (1783-1798), devendo seu vencimentos virem de outras fontes como por exemplo, do ensino de música particular para as moças das famílias abastadas[121]. Investiga também a presença de Lobo de Mesquita em outras Irmandade, chegando à conclusão que na Irmandade de Nossa Senhora do Terço, não recebeu nenhum pagamento pois essa era muito pobre, bem como não recebeu também da Congregação das Mercês, uma vez que nela ingressou como irmão.

Quanto à ida de Lobo de Mesquita para Vila Rica, afirma Curt Lange que essa deve ter se dado em 1798, pois esse foi o ano que o músico assina Termo de Ajuste com a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Vila Rica, prestando serviços à ordem até 1800. Assume o seu lugar Francisco Gomes da Rocha, uma vez que Lobo de Mesquita parte para o Rio de Janeiro, segundo o pesquisador, "às pressas", conclusão a que chega por seu ordenado só ser contabilizado pela Ordem em setembro de 1801. Após analisar o Termo de Ajuste entre Lobo de Mesquita e a Ordem Terceira de Vila Rica, considera que as condições da prestação de serviços são muito abusivas, o que para o autor não é de se estranhar uma vez que a ordem Terceira do Carmo nunca foi pródiga em remunerar os serviços com a música nem nos anos áureos da mineração[122]. Considera que Gomes da Rocha e Lobo de Mesquita tinham uma convivência fraterna uma vez que o primeiro possui um manuscrito dos *4 Tractus para Sábado Santo,* composta por Lobo de Mesquita no

---

[120] Essa é a grafia por extenso dos valores em oitava de ouro (valores cheios), seguida pelas frações de oitava e pelos vinténs
[121] LANGE, 1982, p. 121
[122] Idem, p. 146

Arraial do Tejuco em 1783. No manuscrito há o registro com a caligrafia de Gomes da Rocha que essa era de sua propriedade[123].

Narra Curt Lange suas buscas aflitivas pelo destino tomado por Lobo de Mesquita ao sair de Vila Rica. Além de procurar pelo músico em localidades próximas que possuíssem órgão, como Caeté, Mariana, São João del Rei e Tiradentes, com a colaboração de Manuel de Paiva Junior, também procurou por Lobo de Mesquita na própria Vila Rica, nos registros da Ordem Terceira e nas Irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora das Mercês de Cima e de Baixo.

Destaca que quem localizou Lobo de Mesquita em outra Irmandade da então Vila Rica foi o historiador Tarquínio José Barboza de Oliveira, que publica em 1979 um artigo onde registra que o músico e sua esposa se vincularam no ano que chegaram a Vila Rica à Confraria dos Santíssimos Corações de Jesus, Maria, José, Senhor do Matosinhos e São Miguel das Almas. Uma nota nos registros da Confraria aponta que Lobo de Mesquita faleceu no Rio de Janeiro em 1805.

Consideramos importante registrar as considerações do historiador porque Tarquínio Oliveira apresenta uma visão da situação financeira de Lobo de Mesquita antagônica à de Curt Lange. Em primeiro lugar considera que Lobo de Mesquita era branco, o que é refutado por Curt Lange que argumenta que o nome da esposa de Lobo de Mesquita "não é nome de mulher branca, soando claramente a mulata"[124], além do fato que no Tejuco o músico se vincula, como irmão, à Confraria das Mercês dos Homens Crioulos e à Irmandade da Capela do Amparo, de homens e mulheres pardos. Outra "divergência de critério" para usar as palavras do próprio Curt Lange é que o historiador "sustentava que a vida do músico era muito sacrificada, com ganhos limitados e até míseros"[125]. Nesse aspecto, defende Curt Lange que certamente esse foi um cenário geral de penúria do final do século XVIII quando Lobo de Mesquita deixa o Tejuco. Sem apresentar qualquer documentação ou indicar a fonte, argumenta que muitos dos professores da arte da música tinham casa própria e eram proprietários de um ou mais escravizados, sendo que no campo artístico se podia atuar tanto na música religiosa como na profana, correspondente

[123] LANGE, 1982, p. 146
[124] Idem, p. 153
[125] Idem, p. 154

as músicas de bailes e saraus, sendo ambas muito férteis no período. Continua a argumentar em defesa de uma situação financeira confortável e uma distinção social de Lobo de Mesquita, sob os argumentos que em todas as profissões existem várias situações distintas. Salienta, ainda, que o "mulato", aqui no sentido amplo, assim como o branco que não fossem abastados, integravam a classe média da sociedade colonial. Essa proposta de Curt Lange, de uma classe intermediária na sociedade estamental, não é bem elucidada nos parecendo mais uma forma do musicólogo distinguir, mais uma vez, a condição do "mulato". Por fim, aponta, que um músico, um "mulato", atuava em várias frentes profissionais, sendo usual um músico, integrar uma tropa auxiliar, atuando concomitantemente na música erudita (música litúrgica), tocar em conjuntos de câmara, casamentos, enterros além de conjuntos populares, e ainda como professor[126].

Mas foi em uma viagem de avião do Uruguai para o Rio de Janeiro onde teria dois dias de intervalo com destino aos Estados Unidos que Curt Lange, enfim consegue encontrar os registros que comprovam o paradeiro final de Lobo de Mesquita. O musicólogo, tendo em mente a informação que Lobo de Mesquita faleceu no Rio de Janeiro em 1805, resolve visitar a Ordem Terceira do Carmo a fim de pesquisar nos seus registros. Enfim encontra nos Livros de Termos e Despesas da Ordem o destino do músico. Encontra o registro que em 16 de dezembro de 1801 o músico assina um Termo de Ajuste como organista junto à Ordem Terceira. Segundo a análise de Curt Lange suas obrigações em comparação com as assinadas com a Ordem Terceira de Vila Rica são "leves e o pagamento razoável, inclusive pela fixação de quotas trimestrais"[127]. Levanta que o último pagamento ao músico foi registrado nas "Despesas diárias da Ordem, do período de 1804 para 1805, [...]" tendo recebido certamente a sua viúva, o valor de 20 mil réis"[128]. Enfim está desvendado por Curt Lange a trajetória de Lobo de Mesquita.

Cumprida essa tarefa, o musicólogo passa a discutir acerca das características e influências na música não só de Lobo de Mesquita, mas de Francisco Gomes da Rocha, Parreira Neves e Marcos Coelho Neto. A pergunta que o

---

[126] LANGE, 1982, p. 155-156
[127] Idem, p. 161
[128] Idem, p. 164

pesquisador faz: "Acaso não sentimos [nos compositores acima] influências nitidamente germânicas e, em particular, mozartianas"[129]? Enquanto Curt Lange considera que é muito acertada o rótulo de barroco e barroco-mineiro para a escultura, pintura e na literatura, visto que muitas das obras destas manifestações artísticas foram iniciadas no século XVIII não cabendo ao século XIX alterar o seu estilo, combate em relação a música a expressão "música barroca mineira" uma vez que considera que a música não foi aprisionada nesse ambiente estilístico podendo emancipar-se, "chegando a um pré-classicismo num meio que permaneceu no barroco"[130]. Uma falha de muitos que se descobre por não se conhecer "as atitudes do compositor mineiro [...] um homem novo, pujante, que deu fisionomia, estrutura e vida pulsante a uma região e uma época inesquecível pela sua estranha e violenta evolução"[131].

Destaca-se que o autor só comenta uma vez acerca da orquestração nos manuscritos de Lobo de Mesquita, quando salienta a inclusão da clarineta. De acordo com Curt Lange, o instrumental das obras de Lobo de Mesquita foi se modernizando ao longo do período de composição, sendo que instrumentos mais antigos iam sendo substituídos pelos "precedentes das bandas que então se multiplicavam no interior [...]"[132].

Voltando à discussão acerca do estilo da obra de Lobo de Mesquita, Curt Lange afirma que sua obra é muito variada, sendo encontrados vários estilos composicionais, o que o musicólogo atribui ao contato com obras europeias que "tomou como exemplo", transitando entre "[...] ressaibos do barroco e um aberto pré-classicismo [...][133]".

Quanto aos instrumentos disponíveis no Tejuco, o autor acredita que Lobo de Mesquita estava bem servido, sendo observado que a instrumentação das obras litúrgicas era contrastante, com a ressalva que em muitas das suas obras se observa a presença do baixo contínuo quando esse não era mais usual

---

[129] LANGE, 1982, p. 168
[130] Idem, p. 168
[131] Idem, p. 169
[132] Ibidem
[133] Idem, p. 170

> [...] por exemplo, para a Semana Santa, concebidas para quatro vozes mistas, violoncelo obrigado, cravo e órgão, ou simplesmente para um destes instrumentos de tecla, além dos tradicionais recursos empregados nas Missas, Te Deum, Ofício de defuntos, e obras menores nas quais se acham as cordas completas, com as infalíveis trompas e mais alguns instrumentos de sopro. E mesmo assim na Dominica in Palmis e na música de 4ª, 5ª e sexta-feira, sábado, e Ressureição, o material instrumental se apresenta completo[134].

Um fato intriga Curt Lange, o de não ter encontrado uma única folha para órgão, nem para outro instrumento de teclas, o que leva o musicólogo a questionar o significado de "tocar órgão" no mundo religioso colonial mineiro. Fica do autor a promessa de se publicar um dos volumes da série dedicados à análise das composições por ele descobertas, o que infelizmente não se concretizou[135].

Para concluir, voltemos a três temas também tratados por Curt Lange no Livro VIII, a construção do órgão do Carmo; a organista cega Ana Maria dos Mártires; e, outros organistas no Arraial do Tejuco. A quantidade de órgãos do Tejuco, segundo Curt Lange, foram três. Um *portavit,* doado por Conrado Caldeira Brant à Igreja de Nossa Senhora das Mercês e dois construídos pelo Padre Almeida Silva, para a Matriz de Santo Antônio e para a Igreja do Carmo. O órgão da Matriz de Santo Antônio já se encontrava em situação precária quando a igreja foi demolida, em 1931, para dar lugar à atual Catedral de Diamantina. O órgão do Carmo, hoje em atividade após um belíssimo trabalho de restauração, foi construído entre os anos de 1782 e 1787, tendo custado "hum conto e trezentos e vinte mil réis" (1:200$000), a serem pagos em duas parcelas[136]. Quanto à organista cega Ana Maria dos Mártires, Curt Lange considera que foi aluna de Lobo de Mesquita. Contudo, não apresenta nenhuma evidência documental, pois se tivesse com certeza o musicólogo a colocaria em evidência. Branca e pobre pagou as suas taxas anualmente até 1797 quando a mesa da Ordem Terceira do Carmo decide por sua isenção por tocar gratuitamente o órgão. Foi sucessora de Lobo de Mesquita até sua morte em 1806[137].

---

[134] LANGE, 1982, p. 171
[135] Idem, p. 171-173
[136] Idem, p. 125-127
[137] Idem p. 127-129

Outro organista que Curt Lange considera que também foi aluno de Lobo de Mesquita é Antônio da Costa Homem, substituto de Ana Maria dos Santos Mártires. Assume a função em 1805-1806. Seu ordenado foi de apenas 18 (dezoito) oitavas de ouro, sendo que esse foi diminuindo se encerrando em 1828-1829. Falece no Arraial do Tejuco em 1843[138].

Por fim Curt Lange regista que na Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco quem substitui Lobo de Mesquita por um ano e meio (1798-1800) foi o regente Felipe da Costa Neri[139].

Documentos/ Monumentos

Jacques Le Goff (1924-2014), considerado um dos principais historiadores da Nova História fundamenta o nosso entendimento conceitual acerca da documentação que ora estudamos. O texto que dá suporte historiográfico para nosso estudo, "Documento Monumento" (2013)[140] está inserido no livro do autor publicado em 1988 *História e Memória,* que contém ensaios escritos entre 1977 e 1982 para a Enciclopédia *Einaudi*. No centro da discussão está o conceito de história, entendida como à memória coletiva em seu formato científico, sendo tanto o documento quanto o monumento partes integrantes desta memória[141].

Utilizado desde a antiguidade clássica, o documento, para a escola positivista do fim do século XIX e princípio do XX, é o registro do ocorrido historicamente, do fato do passado, equivalente geralmente ao testemunho escrito, o texto. Nesse contexto, o melhor historiador será o pesquisador mais fiel ao conteúdo do texto documental, considerado uma prova histórica. O documento, na escola positivista, se torna indispensável. A concepção positivista, dentro de uma crítica documental tradicional, tinha na busca da autenticidade seu maior interesse,

---

[138] LANGE, 1982, p. 137-138
[139] Idem p. 136
[140] LE GOFF, Jacques. Documento Monumento. In: LEITÃO Bernardo *et al*. *História e Memória*. 7ª edição revisada. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2013. p. 462-476
[141] LE GOFF, 2013, p. 462

se preocupando especialmente com a datação da documentação e, por conseguinte com a sua cronologia[142].

Já para os integrantes da *Revista Annales d'histoire économique et sociale* (1929), fundadores da Nova História, o documento escrito é um das várias possibilidades de registro da história, sendo ótimo para o pesquisador quando esse existe e está acessível, se não tudo o que "[...] demonstra a presença, atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem"[143] é um documento. Os *Annales* davam início a uma crítica em profundidade à noção de documento. Os documentos como fontes inquestionáveis, uma verdade para os positivistas, passam a ser considerados vestígios da história, não falando mais por si mesmo, mas devendo ser interrogados, escrutinados pelos historiadores. O paradigma agora é a história problema que questiona criticamente o presente para compreender o passado. Não se quer uma história que narre os acontecimentos, mas uma história interdisciplinar, na denominação de "Marc Bloch", uma história que seja "ciência dos homens no tempo"[144].

Documento passa a ser não somente o documento escrito, mas também as imagens, os sons e as ilustrações. Esse alargamento da abrangência do documento foi fundamental para a revolução documental ocorrida a partir de 1960. O interesse da história e da memória coletiva não são mais os grandes feitos, narrativas e figuras históricas de destaque, mas a documentação de massa que fala do homem comum e registra o corriqueiro. Essa transformação ocorreu paralela à revolução tecnológica provocada pela invenção do computador. Nasce a história quantitativa que alterou o estatuto do documento onde o "dado já não existe por si próprio, mas em relação com a série que os precede e os segue. É o valor relativo que se torna objetivo e não sua relação com uma inapreensível substância real"[145]. Essa revolução do documento promoveu uma nova unidade da informação "em lugar do **fato** [grifos nosso] que conduz à história linear, a uma memória progressiva, ela privilegia o

---

[142] LE GOFF, 2013, p. 468-479
[143] Idem, p. 467
[144] BLOCK, Mark, 1933, p. 86 *apud* LE GOFF, 2013, p. 470
[145] FURET, François, 1974, p. 47-48 *apud* LE GOFF, 2013, p.468

dado [grifos nosso], que leva à série e a uma história descontínua"[146]. À memória coletiva se torna um patrimônio cultural.

> O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite á memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa[147].

A transformação do documento em monumento se dá pelo seu uso ideológico, "[...] o que transforma o documento em monumento é sua utilização pelo -poder"[148]. Todos os documentos são impregnados de ideologia, não sendo possível a existência de um documento "objetivo, inócuo, primário"[149]. Um documento não é inofensivo, é antes de tudo uma composição da sociedade que o produziu, assim como das sociedades que o replicaram. Corporifica o empenho das sociedades em legar para as futuras gerações uma imagem de si mesma. Deve ser estudado em todas as suas dimensões, particularmente as ideológicas, sendo fundamental analisá-lo criticamente sem separá-lo do conjunto documental do qual é integrante[150].

> Um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos monumentos. [...] Ele é testemunho de um poder polivalente ao mesmo tempo que cria-o[151].

Cabe ao historiador conseguir desconstruir o documento monumento, investigando como foi a sua construção e quais as ideologias por trás da sua estruturação, por meio de uma crítica interna, em busca das intencionalidades que levaram a sua elaboração, conscientes ou inconscientes. Um documento monumento

---

[146] LE GOFF, 2013, p. 469
[147] Ibidem
[148] LE GOFF, 2013, p. 469
[149] Idem, p. 472
[150] Ibidem
[151] Idem p. 474

é construído com uma finalidade. Resta ao historiador decifrar esta intenção motivadora colocando em evidência o seu caráter de monumento[152].

O historiador ao escolher um documento em detrimento a outros, do conjunto de acontecimentos do passado, eleva o documento selecionado à condição de testemunho histórico. A sua intervenção ao selecionar o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos "neutra" do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. "[...] Todo documento é monumento, mas no "limite, não existe um documento verdade[153]".

Produto de um centro de poder, de uma senhorio quase sempre eclesiástico, um cartulário[154] deve ser estudado numa perspectiva econômica, social, jurídica, política, cultural, espiritual, mas sobretudo enquanto instrumento de poder. O desafio é sempre a construção de uma " [...] erudição capaz de transferir o documento monumento do campo da memória para o campo de ciência histórica"[155].

A importância de nos determos nas teorizações de Le Goff está no fato que Curt Lange, quer seja por meio de correspondência ou de seleção de registros específicos, caminha em direção a um processo de monumentalização histórica. Ao selecionar os manuscritos musicais que iriam compor sua coleção, ele os monumentaliza. Só entra para essa seleção de monumentos manuscritos de obras congêneres as eruditas europeias. Outro fato que merece observação é o cuidado que o musicólogo tem ao guardar cuidadosamente seus documentos, correspondência, livros, e até mesmo seus artefatos de trabalho. Para nós isso

---

[152] LE GOFF, 2013, p. 473-474
[153] Idem, p. 473-474
[154] Derivado do latim *chartularium*, designa livros, códices ou rolos onde se transcreviam, por extenso ou de forma abreviada, documentos manuscritos que chegavam a uma instituição medieval como mosteiros, catedrais, igrejas, palácios, universidades e escolas com objetivo de facilitar a consulta dos documentos ou para evitar sua perda e de sua informação. Normalmente os documentos aí transcritos não seguiam ordem de assunto ou de data. Os mais antigos ainda existentes são do século VIII. Os cartulários eram feitos inicialmente de pergaminho e depois de papel. https://www.dicionarioinformal.com.br/cartul%C3%A1rio/
[155] LE GOFF, 2013, p. 475

mostra, inconscientemente ou não, uma intenção de monumentalizar o seu próprio trabalho. O que não tira obviamente o grande valor, e a sua erudição, em organizar a massa documental e disforme de dados que coleta até chegar à proposição de uma determinada história da música.

Na nossa pesquisa vimos que a narrativa histórica proposta por Curt Lange não é a única a ser contada, na medida em que o musicólogo produz uma história da música linear que tem origem na música europeia e de alguma forma se difunde nas Minas Gerais. O que percebemos, até pelas lacunas documentais, é que Curt Lange propôs uma história da música para a Capitania Geral de Minas Gerais, mas deixou indícios que existem outras que estão ainda para ser contadas.

1. Produção bibliográfica: panorama musicológico acerca da música no período colonial mineiro

As pesquisas acerca da música no período colonial mineiro ainda são significativas como já chegaram a ser no âmbito da musicologia brasileira? Essa é a pergunta central que buscamos responder neste primeiro capítulo. Apresentaremos nosso estudo da bibliografia especializada acerca do assunto de aproximadamente oito décadas de produção bibliográfica. Da segunda metade da década de 1940, séc. XX, até o ano de 2021, séc. XXI. Antes, porém, discutiremos brevemente acerca da musicologia como ciência; apresentaremos um pequeno cenário da musicologia de abordagem histórica no Brasil e, finalmente, algumas observações sobre a história da musicologia no Brasil. Para tanto, nos utilizaremos de três textos de Paulo Castagna (2004[156], 2008a[157]; 2008b[158]), que apesar de serem da década de 2000 nos apresentam reflexões bem atuais.

O estabelecimento da musicologia como ciência foi influenciado pelo positivismo de Auguste Comte (1798-1857). Nesse, o conhecimento é obtido por indução a partir de fatos verificáveis. Cabe salientar que de certa maneira há um componente positivista na pesquisa em música, especialmente na linha de história e documentação, uma vez que ela é construída a partir de fontes documentais. A diferença está na interpretação destes fatos a partir da visão de mundo evolucionista do século XIX. Este tipo de musicologia positivista perdurou até meados do século XX, se preocupando "essencialmente com os fatos musicais, sua organização e o estudo do seu funcionamento [...] sem uma suficiente reflexão sobre o seu significado".[159]

A partir de 1960-70, em conexão com a história e estudos literários, surge a chamada Nova Musicologia, voltada para a interpretação crítica dos fenômenos

---

[156] CASTAGNA, Paulo. Em direção a uma história da musicologia no Brasil. In: FÓRUM DO CENTRO DE LINGUAGEM MUSICAL, VI, 2004, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ECA-USP, 2004b, p. 69-81.
[157] CASTAGNA, Paulo. A musicologia enquanto método científico. *Revista do Conservatório de Música da UFPel*, Pelotas, n. 1, 2008a. p. 7-31.
[158] CASTAGNA, Paulo. Avanços e perspectivas na musicologia histórica brasileira. *Revista do Conservatório de Música da Universidade Federal de Pelotas - UFPeL*, Pelotas, n. 1, p. 32 – 57, 2004d.
[159] CASTAGNA, Paulo, 2008a, p. 12

musicais e não seu ordenamento cronológico. Muito presente na época, a nova musicologia fez surgir na musicologia clássica, mesmo na catalogação e na edição de fontes, uma "visão crítica, reflexiva e interpretativa"[160].

Tomando como ponto de partida o verbete sobre musicologia da versão impressa do *New Grove* de 1980[161], Paulo Castagna apresenta a subdivisão da musicologia em nove especialidades[162]. Reitera como a nova musicologia trouxe consigo a tendência em mesclar e aproximar as especialidades na segunda metade do século XX, inclusive com maior contato entre a musicologia e etnomusicologia[163].

Por nossa parte, destacamos que a versão do verbete sobre Musicologia do *Grove Music Online*, de janeiro de 2014[164], acrescenta à definição comentada por Paulo Castagna a mudança de perspectiva que ocorreu nas duas últimas décadas do século XX. O objeto da musicologia é ampliado de apenas música como um produto para música como um processo, envolvendo compositor, intérprete e ouvintes. Tal ampliação de foco tem levado à adaptação de conceitos e métodos de outras disciplinas das humanidades. Além da história e da crítica literária, já incorporadas anteriormente, envolve aspectos teórico-metodológicos da antropologia, linguística, sociologia e, mais recentemente, política, estudos de gênero e teoria cultural. Este leque mais amplo de questões tem levado:

> Mais e mais musicólogos a cruzar fronteiras e reconsiderar os limites de sua pesquisa, não apenas aquela que separou a música clássica da popular, as tradições escrita e oral, mas também a musicologia histórica de outras disciplinas, incluindo etnomusicologia e teoria musical[165].

Tendo clareza que uma análise da produção musicológica brasileira, mesmo que em caráter preliminar, não pode ser entendida por meio de uma cronologia linear sendo suas fronteiras não rígidas, ao contrário, fluidas e interpenetrantes,

---

[160] CASTAGNA, Paulo, 2008a, p. 13
[161] DUCKLES, Vincent, *et al*. Musicology. In: SADIE, Stanley (ed.). The new Grove dictionary of music and musicians. London Publ. Lim., 1980. v.12, p. 836-863.
[162] 1. Método Histórico; 2. Método teórico e analítico; 3. Crítica textual; 4. Pesquisa arquivística; 5. Lexicografia e terminologia; 6. Organologia e iconografia; 7. Interpretação histórica; 8. Estética e Crítica; 9. Dança e história da Dança. Castagna Paulo, 2008ª, p. 15
[163] CASTAGNA, Paulo, 2008a, p.15
[164] DUCKLES, Vincent; PASLER, Jann. The nature of musicology. Grove Music Online. 31 jan. 2014. Oxford University Press.
[165] DUCKLES, Vincent; PASLER, Jan, 2014

relacionamos uma certa periodização proposta por Paulo Castagna, que nas suas palavras, é uma "[...] tentativa de identificar e compreender o significado das principais mudanças que a disciplina passou no país [...]"[166].

Iniciemos pela fase literário-musical. Localizada nas décadas de 1900 a 1950 é caracterizada pela elaboração de histórias da música que podem ser enquadradas "[...] em uma espécie de gênero intermediário entre literatura e ciência[167]. Nessa, autores reconhecem, a exemplo de Luís Heitor Corrêa de Azevedo (1905-1992), uma "carência de informações objetivas sobre a prática e produção musical brasileira que acabava por limitar seus próprios trabalhos"[168].

Além das histórias da música, Castagna aborda a publicação do tomo 6 do *Boletín Latino-Americano de Música* (1946)[169], "por ter reunido trabalhos que procuravam sair do enfoque meramente literário-musical, para investigações mais profundas sobre o patrimônio musical brasileiro"[170]. Nesta publicação é realçada a contribuição de Francisco Curt Lange (1903-1997) sobre a música em Minas Gerais, sendo adotado o texto *La Música en Minas Gerais; Un informe preliminar*[171], como inaugural da musicologia histórica no Brasil. Para Paulo Castagna, Curt Lange, pesquisando a contratação dos músicos pelo senado da câmara, irmandades e ordens terceiras, e, procurando entender os fenômenos relacionados à prática musical do setecentos mineiro, foi o primeiro musicólogo interessado na história brasileira que "[...] deixa de olhar de uma maneira utilitária para a história, como manancial de informações e práticas para a estruturação de uma música nacional[172].

A pesquisa de Curt Lange demonstrava que o marco anteriormente considerado nas histórias da música existentes, que davam como inicial da música

---

[166] CASTAGNA, Paulo, 2008b, p. 33-34
[167] Castagna cita: Guilherme de MELLO (1908), Renato ALMEIDA (1926), Vincenzo CERNICHIARO (1926), Mário de ANDRADE (1941), Renato ALMEIDA (1942), Maria Luiza de Queirós Amâncio dos SANTOS (1942), Francisco ACQUARONE [c.1948] e Luís-Heitor Corrêa de AZEVEDO (1956).
[168] CASTAGNA, Paulo, 2008b, p. 34
[169] Para uma discussão sobre o Boletim e o movimento de Americanismo Musical criado por Lange ver a comunicação de Ana Cláudia de Assis e Rafael Felício Silva Godoi nos *Anais* do XXVI Congresso da ANPPOM, de 2016, no link: https://www.anppom.com.br/congressos/index.php/26anppom/bh2016/paper/viewFile/3935/1231, acesso em 03 de fevereiro 2022.
[170] CASTAGNA, Paulo, 2008b, p. 35
[171] LANGE, Francisco Curt. La música en Minas Gerais – Un informe preliminar. *Boletín Latino-Americano de Música*. Brasil, Imprensa Nacional, VI, 1946. p. 409-494.
[172] CASTAGNA, Paulo, 2008b, p. 36

erudita no Brasil a obra de José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), fora um equívoco, dada a sua "descoberta" de uma prática musical no Brasil no setecentos mineiro.

No entanto, como ressalta Paulo Castagna, o musicólogo teuto-uruguaio se dedica principalmente à "pesquisa arquivística, a arquivologia e a edição musical"[173]. Sua orientação vai ao encontro de "uma historiografia positivista, evolucionista e eurocêntrica, com manutenção do interesse biográfico e muito mais ênfase nos compositores do que em sua música"[174]. Esses enfoques limitaram "sua compreensão do significado de vários fenômenos com os quais se deparou"[175]. Entretanto, como pioneiro do esforço de pesquisa com fins musicológicos no país e como responsável pelo aceleramento da transição de uma musicologia literária para uma musicologia científica, desencadeia uma nova fase da musicologia brasileira, onde se tornou usual a utilização de "métodos propriamente musicológicos e não apenas histórico ou literário"[176].

A musicologia brasileira adentra na década de 1960, sendo observada até a década de 1980, especialmente na musicologia de abordagem histórica, uma grande ênfase no período colonial brasileiro. Tendo o período como foco, Francisco Curt Lange possibilitou o conhecimento acerca da prática musical anterior ao século XIX, e os musicólogos que o precederam, atuantes nas décadas de 1960/1980, tornaram conhecidos compositores e sua produção musical por meio da divulgação de seus repertórios. Contudo, a pesquisa era individualizada, sem vínculo com o meio acadêmico, não sendo verificada a troca de experiências entre os pesquisadores, um cenário que tinha como pano de fundo o objetivo de se evitar o "choque de interesses"[177]. O principal foco da pesquisa musicológica deste período era a investigação da "grande música do passado", e a construção da biografia dos seus compositores por meio da compilação de informações históricas, catálogos de obras e análise de repertório, particularmente nos compositores cuja produção era factível

---

[173] CASTAGNA, Paulo, 2008b, p. 35
[174] Ibidem
[175] Idem, p. 37
[176] Idem, p. 38
[177] CASTAGNA, Paulo, 2008b, p. 42

de ser vinculada "aos seus contemporâneos europeus de destaque"[178]. O período é marcado pelo que Paulo Castagna denomina de "exclusivismo autoral", onde cada musicólogo estudava a produção musical de um dado compositor[179]. Esse exclusivismo autoral gerou como consequência uma "concepção centralizadora da musicologia" de abordagem histórica, uma tendência que foi preponderante até o princípio da década de 1990.

No Brasil somente na década de 1990 se inicia a "superação do positivismo", apesar da musicologia considerada positivista não ter ainda produzido material suficiente que pudesse gerar a aplicação de uma musicologia mais crítica e reflexiva, salienta Paulo Castagna. A impulsão na musicologia brasileira do período foi, segundo o autor, capitaneada pelos Programas de Pós-Graduação, eventos acadêmicos/ científicos regulares e periódicos acadêmicos. Se estabelece uma musicologia que – em vista do número pequeno de pesquisadores na área – precisa acumular o processo de descrição e sistematização do grande número de fundos documentais existentes no país, além de, paralelamente, dar início ao estabelecimento de uma musicologia mais crítica e reflexiva. A influência da musicologia internacional e o acesso crescente à produção musical, impulsionam as transformações rumo a uma nova musicologia. É verificada uma ampliação considerável no escopo do trabalho de toda uma nova geração de musicólogos[180]. Esse movimento trouxe para a área novas questões como a atenção aos princípios éticos da pesquisa, respeito aos fundos documentais, rigor metodológico, sendo verificada uma "ampliação do número de pesquisadores e da difusão da pesquisa em todo o país"[181]. Conclui Paulo Castagna que a década de 1990, com a consolidação da pesquisa musicológica nas instituições de ensino superior do país, marca a institucionalização da musicologia no Brasil[182].

---

[178] CASTAGNA, Paulo, 2008b, p. 40
[179] Castagna Paulo 2008b, p. 4, cita: "manifestando essa tendência no Brasil, Francisco Curt Lange concentrou-se principalmente nas obras de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746?-1805), Cleofe Person de Mattos nas composições de José Joaquim Nunes Garcia (1767-1830), Régis Duprat na música de André da Silva Gomes (1752-1844) e Jaime Diniz na produção de Luís Álvares Pinto (c.1719-c.1789) e Damião Barbosa Araújo (1778-1856) [...].
[180] CASTAGNA, Paulo, 2008a, p. 13
[181] CASTAGNA, Paulo, 2008b, p. 33
[182] Idem, p. 41-42

Posto esse cenário da musicologia até a década de 1990, é importante levantarmos também as considerações de Paulo Castagna acerca da história da musicologia no Brasil, e a defesa do musicólogo da importância de se estabelecer no país uma linha de pesquisa que se dedique ao tema. Consideramos, apesar dos idos dezesseis anos de publicação do texto, que essa é uma importante reflexão. A disseminação do processo de sua realização e, certamente, suas conclusões são cruciais para a área como um todo e para cada pesquisa musicológica em particular. É inevitável, de acordo com Paulo Castagna, que dentro de uma visão crítica na musicologia brasileira se tenha uma compreensão dos "valores, métodos, concepções, interesses, resultados e impactos da musicologia, não como parâmetros absolutos destinados a uma utilização prática, mas relativizados a partir de uma perspectiva histórica"[183]. Alerta o musicólogo: "uma pesquisa iniciada sem a preocupação com os modelos metodológicos do presente e do passado corre o risco de repetir concepções ultrapassadas, com o agravante de essa repetição ser feita de forma inconsciente"[184].

Elaborar uma história da musicologia significa utilizar "critérios metodológicos da história aplicados ao estudo do desenvolvimento da pesquisa musicológica"[185]. Sendo difundida internacionalmente, no Brasil não se verifica, ainda, "[...] uma consciência metodológica deste tipo de abordagem[...]"[186].

Um dos enfoques encontradas no país são os estudos acerca da produção de musicólogos, sendo Mário de Andrade[187] um dos autores mais estudados. Vários musicólogos tiveram sua produção analisada, conforme o Quadro 01.

---

[183] CASTAGNA, Paulo, 2004, p. 70
[184] Idem, 2008a, p. 09
[185] Idem, 2004, p. 70-71
[186] Idem, p. 70-71
[187] Paulo Castagna, 2004, p. 72 cita: Estudado por Flavia Camargo TONI (1987, 1990 e 1991); Álvaro CARLINI (1950); Antônio Alexandre BISPO (1991).

Quadro 1 – Trabalhos de análise da produção de musicólogos brasileiros

Década	Ano	Autor		Musicólogo analisado
1930	1934	Andrade MURICY		Mário de Andrade (1893-1945)
1960	1969	Gumercindo SARAIVA		Luis da Câmara Cascudo (1898-1986)
1980	1983	Vasco MARIZ	sobre	Mario de Andrade Renato Almeida (1895-1981), Luis Heitor C. de Azevedo (1905-1992)
	1985a 1985b	Dulce Martins LAMAS		Luis Heitor Correa de Azevedo
	1989	Maria Helena Maestre GIOS		João da Cunha Caldeira Filho (1900-1982)
1990	1990	Rui MOURÃO		Francisco Curt Lange (1903-1997)

Fonte: Paulo Castagna, 2004, p. 72 Compilação Rachel de Ulhôa

Outra vertente são as produções com uma abordagem mais ampla da musicologia no Brasil, e, capitaneados por Curt Lange, na América Latina. Estão listados no Quadro 02 os principais trabalhos nesta vertente.

Quadro 2 – Trabalhos de visão geral acerca do desenvolvimento da musicologia no Brasil e América Latina

Década	Ano	Autor	Título
1950	1957	Renato ALMEIDA	Musicologia
1970	1970	Francisco CURT LANGE	*Passado, presente y futuro de la musicologia en A, Latina*
	1977		O processo de musicologia na América Latina
1980	1989	Gerard BEHÁGUE	*Desarrolho de La música y musicologia brasileña*
	1985	Arnaldo CONTIER	Música e ideologia no Brasil
1980	1988	Henrique E. G. PEDROSA	A metodologia marxista na historiografia da música no Brasil
1990	1995	Paulo CASTAGNA	Musicologia brasileira e portuguesa: inevitável integração

Fonte: Paulo CASTAGNA, 2004, p. 72 Compilação Rachel de Ulhôa

Já as histórias da música no Brasil foram editadas de 1908 a 1990, ou seja, no decorrer de todo o século XX. Essas podem ser agrupadas em três fases distintas[188] (Quadro 03). A primeira iniciada nas décadas de 1900 e 1910 abordava

[188] CASTAGNA, Paulo, 2008a, p. 17

tanto à música erudita quanto a folclórica, sem, contudo, fazer nenhuma referência a música popular urbana[189]. Os autores, do período, "[...] tinham interesse quase somente literário, estando ainda distantes do que se poderia denominar musicologia"[190]. Na segunda fase, décadas de 1940 e 1950 são percebidas, o início de uma preocupação musicológica, sendo observada, no entanto, uma ênfase somente na música erudita[191]. Á partir de 1970, inicia uma terceira fase mais científica, ocorrendo nessa a divisão entre estudos de música popular e estudos de música erudita[192].

Paulo Castagna conclui que muito ainda tem que ser feito para chegarmos a uma história da musicologia no país. Para o autor, se evidencia a prática de estudos mais sistemáticos, que certamente contribuirão para consolidar a área., sendo premente se concretizar uma reflexão que favoreça o crescimento da área em bases cada vez mais conscientes e fundamentadas em sua própria história[193]

[189] CASTAGNA, Paulo, 2008b, p. 33
[190] Ibidem
[191] CASTAGNA, Paulo, 2008a, p. 17
[192] Ibidem
[193] Ibidem

Quadro 3 - Histórias da Música no Brasil – Década de 1990 a 1990

Década		Ano	Título da obra	Autor
Abordagem Literária				
1900	1	1908	*A música no Brasil*	Guilherme Theodor Pereira de MELLO
1920	2	1926	*História da música brasileira*	Renato ALMEIDA
	3	1926	*Storia dela musica nel Brasile*	Vicenzo CERNICHIARO
	4	1929	*Compêndio de História da música*	Mario de ANDRADE
Início da preocupação musicológica				
1940	5	1941	*Música no Brasil*	Mario de ANDRADE
	6	1942	*Origens e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil*	Maria Luiza de Queiróz Amâncio dos SANTOS
	7	1942	*História da música brasileira (segunda edição)*	Renato ALMEIDA
	8	c. 1948	*História da Música Brasileira*	Francisco ACQUARONE
	9	1948	*Compêndio de história da música brasileira*	Renato ALMEIDA
1950	10	1950	*Música e músicos do Brasil*	Luís Heitor Correa de AZEVEDO
	11	1956	*150 anos de música no Brasil*	Luís Heitor Correa de AZEVEDO
	12	1957	*Música do Brasil*	Eurico Nogueira FRANÇA
Fase científica				
1970	13	1974	*Pequena História da música popular*	José Ramos TINHORÃO
	14	1974	*História da música brasileira*	Bruno KIEFER
	15	1977	*Música brasileira contemporânea*	José Maria NEVES
	16	1977	*Panorama da música popular brasileira na "Belle Époque"*	Ary VASCONCELOS
1980	17	1981	*História da música no Brasil*	Vasco MARIZ
	18	1981	*Música popular – do gramofone ao rádio e tv*	José Ramos TINHORÃO
	19	1983	*The music of Brazil*	David P. APPLEBY
1990	20	1990	*História social da música popular brasileira*	José Ramos TINHORÃO
	21	1990	*Raízes da música popular brasileira*	Ary VASCONCELOS

Fonte: Paulo CASTAGNA, 2004, p. 73; 2008a, p. 17

Com vistas a alcançar o objetivo deste primeiro capítulo de compreender a produção bibliográfica acerca da música no período colonial mineiro, identificando e especificando os principais autores, formatos e categorias desta produção da década de 1940 ao ano de 2021, reunimos as produções referentes ao período. A cada leitura, fomos percebendo que os autores procuravam, assim como nós, levantar o que já havia sido escrito sobre o assunto. Ficou evidente que o levantamento da produção acerca da música no período colonial mineiro já havia sido exaustivamente realizado, com sucesso, por vários musicólogos na sua trajetória de pesquisa. Todos refaziam o percurso já trabalhado pelos pesquisadores que os precederam para então conduzir a sua pesquisa. Um bom exemplo deste método de trabalho é encontrado na tese de Modesto Fonseca (2013) "*Um caminho para a análise de estilo*: a expressão para a declamação do texto da Antífona Salve Regina em obras de compositores setecentistas mineiros"[194]. O autor realizou um excelente levantamento da bibliografia acerca da música no período colonial mineiro com um diferencial que nos chamou a atenção: a sua classificação por categoria. Assim, inspirados pelo musicólogo chegamos à conclusão que não iniciaríamos o levantamento do conhecimento acerca da música no período colonial mineiro dos seus primeiros trabalhos e sim a partir do levantamento de Modesto Fonseca (2013), ampliando a sua categorização e atualizando a sua listagem até o ano de 2021. Decidimos trabalhar em busca de três objetivos: 1) identificar, a partir da bibliografia listada por Modesto Fonseca (2013), os principais trabalhos acadêmicos/ científicos acerca da música no período colonial mineiro; 2) estruturar a listagem de estudos por décadas/ano, autor, formato, categoria, tipo de publicação e forma de acesso a bibliografia; e 3) interpretar os dados estruturados identificando as características da produção bibliográfica levantada.

Não tendo a pretensão de abarcar toda a produção do período e sabendo que, com certeza, a relação de textos apresentada é sempre incompleta, especialmente porque na atualidade os trabalhos acerca da música no período não

---

[194] FONSECA, Modesto Flávio Chagas. *Um caminho para a análise de estilo*: a expressão musical para a declamação do texto da antífona Salve Regina em obras de compositores setecentistas mineiros. Rio de Janeiro, 2013, 291f. Tese (Doutorado em Música). Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2013.

se concentram exclusivamente na área de música, iniciamos nossa busca nos anais eletrônicos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música - ANPPOM, bem como nos também anais eletrônicos dos I, II e III Encontro de Musicologia Histórica do Campo das Vertentes[195]. Também utilizamos as revistas acadêmicas: *Música em Contexto*[196]; *Per Musi*[197]; e *Modus*[198]. Essas buscas iniciais nos levaram para uma rede bibliográfica que não só confirma a relação de Modesto Fonseca (2013) como acrescenta significativa produção ligada à música no período colonial mineiro. Cabe destacar, ainda, que além dos textos em si, examinamos nas referências bibliográficas de cada texto trabalhos acerca do tema. Essa estratégia nos possibilitou estabelecer, com segurança, os textos de referência a serem mencionados. Importante, ainda, ressaltar que felizmente, visto que não estão disponíveis na internet, encontramos em um texto de Paulo Castagna (2010)[199], um índice alfabético dos textos impressos nos Anais dos Encontros de Musicologia Histórica de Juiz de Fora (1994-2008), importante espaço de difusão e publicização acadêmica/ científica da música no período colonial mineiro.

A rede bibliográfica levantada foi nos mostrando outras revistas vinculadas às instituições de ensino superior, algumas já extintas, que deram espaço para a publicação de artigos do período. São referenciadas as Revistas *Art* e *Universitas* da Universidade Federal da Bahia - UFBA; Revista *Barroco* da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; Revista *Música* da Escola de Comunicação e Arte – ECA e Revista *História* da USP, Revista *ARTEunesp* e *Labirinto e nós*: *imagem ibérica em Terras da América* da Universidade Estadual Paulista; *Revista do Conservatório de*

---

[195] Encontro idealizado em 2017 e realizado pela Universidade Federal de São João del Rei, coordenado pelo Professor Modesto Fonseca e equipe do Departamento de Música daquela Universidade.

[196] A Revista *Música em Contexto* foi uma publicação inicialmente impressa e, posteriormente, somente online, do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/Música/about. Acesso em julho de 2021.

[197] *Per Musi* – Revista Acadêmica de Música – on-line – Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: http://música.ufmg.br/permusi/permusi/port/index.html. Acesso em julho de 2021

[198] Revista *Modus* – Periódico da Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG. Disponível em: http://revista.uemg.br/index.php/modus. Acesso em julho de 2021

[199] CASTAGNA, Paulo. Índice alfabético dos textos impressos nos *Anais* dos Encontros de Musicologia Histórica de Juiz de Fora (1994-2008). São Paulo, 2010. 8p. (não publicado). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333392835. Acesso em agosto de 2021.

Música da Universidade Federal de Pelotas – UFPel; a *Revista Brasileira de Música* da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A Fundação Nacional de Arte – FUNARTE também faz parte deste circuito, com a *Revista de Estudos Marianos*. Essa pesquisa nos levou também a relacionar trabalhos apresentados em eventos científicos como o Simpósio Brasileiro de Pós-Graduação em Música da UNIRIO – SIMPOM; o Congresso da Associação Brasileira de Musicologia - ABMUS; e, o Colóquio de pesquisa em música da Universidade de Ouro Preto – UFOP.

Além da importância dos espaços de publicização de trabalhos acerca da música no período colonial mineiro nas revistas especializadas e em anais de eventos científicos são de suma relevância a defesa de dissertações e teses. Fica evidenciado a importância dos cursos de pós-graduação das instituições de ensino superior públicas do Brasil. Destacamos em conformidade com a sua vinculação aos trabalhos levantados, o mestrado e doutorado da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – USP, do Conservatório Brasileiro de Música – CBM Rio de Janeiro, do Programa de Pós-Graduação em Música da – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, e, o Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Consideramos pertinente ressaltar os esforços de alguns pesquisadores que publicaram suas pesquisas em editoras comerciais, bem como a relevância do papel das instituições governamentais como a Imprensa Oficial de Minas Gerais e do Museu da Inconfidência de Ouro Preto. Cabe destacar ainda a importância de instituições privadas, como por exemplo a Fundação da Arquidiocese de Mariana – FUNDARQ.

Para efeito metodológico elaboramos quadros demonstrativos onde estruturamos a bibliografia encontrada por década, por quantitativo, formato, categoria, tipo de publicação e finalmente, disponibilidade de acesso.

Quadro 4 – Quantitativo geral da produção bibliográfica acerca, ou afins, da música no período colonial mineiro

Fonte: MODESTO FONSECA (2013); RACHEL DE ULHÔA (2021)
Compilação Rachel de Ulhôa

No Quadro 04 podemos visualizar a distribuição do quantitativo destes trabalhos. De um total de 171 (cento e setenta e uma) produções, se verifica que o crescimento da bibliografia acadêmico/ científica acerca da música no período colonial mineiro se dá em um crescendo que vai de 01(uma) produção em 1940 e 1950, a 49 (quarenta e nove) trabalhos na década de 2010. Esse crescendo é observado também nas décadas intermediárias. Na década de 1960 encontramos 05 (cinco) produções, na de 1970 06 (seis). Na década de 1980 é verificado um salto quantitativo na produção que totaliza 19 (dezenove) trabalhos. Mais um salto numérico é observado na década de 1990 que totaliza trinta e nove produções. Contudo, é na década de 2000, que se verifica um pico expressivo na produção de trabalhos afins à música no período colonial mineiro que reúne 53 (cinquenta e três) produções.

Optamos por fazer, a exemplo de Modesto Fonseca (2013) uma classificação de toda a produção bibliográfica. Nosso objetivo foi estabelecer critérios para a inserção da produção, facilitando a nossa futura análise.

Iniciemos com o item formato. O objetivo foi delimitar quais as principais formas de sua apresentação. Definimos os seguintes formatos, autoexplicativos: 1) mimeografado/ xerox/ apostila; 2) Anais de evento científico; 3) artigo de revista/ jornal; 4) capítulo de livro; 5) vídeo/ CD; 6) dissertação; e, 7) tese. Observando o Quadro 5 temos um panorama quantitativo da produção reunida por formato.

Quadro 5 - Formato da produção bibliográfica acerca, ou afins, da música no período colonial mineira

Formato da produção									
a. 2020	5		4		1				
2010	42		20	11	2	2		3	4
2000	53	1	17	12	4	7	1	7	4
1990	39		14	10	1	5	1	8	
1980	19		10	4		3		1	1
1970	6	1		2		3			
1960	5		1	4					
1950	1					1			
1940	1			1					
Década	171	2	66	44	8	21	2	19	9
	Total	Mimeo. xerox	Anais de evento	Artigo revista / jornal	Cap. de livro	Livro	Vídeo/ CD	Dissert.	Tese
		1	2	3	4	5	6	7	8

Fonte: MODESTO FONSECA (2013); RACHEL DE ULHÔA (2021).
Compilação Rachel de Ulhôa

Conforme pode ser observado no Quadro 05, fica evidente que no total, o formato que reúne a maioria dos trabalhos publicados é a de n. 02 - Anais de eventos científicos, com um total de 66 (sessenta e seis), produções encontradas ao longo de oito décadas, 1940 a 2010, e o primeiro ano de 2020. Em seguida, os trabalhos publicados em n. 03 - Artigos de revista/ jornal, que totalizam 44 (quarenta e quatro) trabalhos encontrados. Já o de n. 05 - Livros publicados, ao longo das mesmas décadas, chegam a 21 (vinte e um). Por fim, damos destaque a de n. 07 - Dissertações que chegam a 19 (dezenove) trabalhos defendidos no período. Os demais formatos, n. 01 – Mimeografados ou xerox, n. 04 – Capítulo de livro, n. 06 –

Vídeo/ CD, e n. 08 – Teses de doutorado, não contabilizam nas oito décadas, mais o ano analisado, mais que 10 trabalhos.

Passando para a categoria produção, ponto comum com Modesto Fonseca (2013), utilizamos e respeitamos a sua classificação da produção em 5 categorias: 1) Estilo[200]; 2) História/ sociedade[201]; 3) Acervo/ arquivo/fonte[202]; 4) Edição Musical[203]; 5) Performance Musical[204]. Entretanto, percebemos que as pesquisas foram ficando cada vez mais específicas sendo necessário estabelecer mais três categorias: 6) Partituras/ manuscritos[205]; 7) Músico/ compositor[206]; e 8) Reflexões críticas[207].

[200] A categoria estilo está originalmente na tese de Modesto Fonseca (2013) classificada como estilo/ fonte. Consideramos que como o musicólogo na categoria Acervo/ arquivo/ fonte também utiliza o termo "fonte" optamos por somente utilizar Estilo. Essa categoria é utilizada para categorizar a produção que realiza análise estilística/musical.

[201] Estão na categoria História ou sociedade, pesquisas envolvendo: o contexto social que a música está inserida; as especificidades e peculiaridades sócio-histórica-culturais do período, a inserção social de compositores e músicos; os impactos da prática musical na sociedade; práticas musicais em manifestações religiosas específicas; fenômenos sociais dos quais a música está inserida.

[202] Integram a categoria Acervo / arquivo / fonte: Histórico e contextualização da criação de museus e arquivos (suas especificidades, localização, acesso e trabalhos realizados); da análise comparativa entre dois ou mais museus/ arquivos; ou da arquivística.

[203] Fazem parte dessa categoria Edição musical as temáticas: restauração; catalogação; tratamento da informação; edição musical

[204] Pertencem à categoria Performance musical: execução/ interpretação de peças musicais.

[205] Reservamos essa categoria para as obras que se dedicam ao estudo e elaboração de catálogos e livros de partituras

[206] Refere-se aos trabalhos que têm como principal objeto um músico em particular

[207] Estão nessa categoria os textos sobre reflexão e crítica ligados à música no período colonial mineiro que não se adequam a categoria música/ sociedade. Citamos como exemplo: teoria da música; terminologia; tratamento da informação; reflexões musicológicas e historiográficas.

Quadro 6 - Categorias da produção bibliográfica acerca, ou afins, da música no período colonial mineira

Categorias da produção									
a. 2020	5							1	4
2010	42	7	10		3	2		2	18
2000	53	12	13	2	4		5	9	8
1990	39	11	13	1	2	1	5	3	3
1980	19	8	9			1		1	
1970	6	1	5						
1960	5	1	3					1	
1950	1						1		
1940	1		1						
Década	171	40	54	3	9	4	11	17	33
	Total	Estilo/ Fonte	Hist./ Socie.	Acer/ Arq. / Fonte	Ed. Musical	Perf. Musical	Part./ manus.	Músico /Comp.	Reflexões Análises
		1	2	3	4	5	6	7	8

Fonte: MODESTO FONSECA (2013); RACHEL DE ULHÔA (2021).
Compilação Rachel de Ulhôa

Como se pode perceber no Quadro 06 as categorias n. 01 – Estilo, com 40 (quarenta) trabalhos, n. 02 – História/ sociedade, com 54 (cinquenta e quatro) produções concentram o maior número de publicações, aparecendo em 3º lugar a categoria n. 08 – Reflexões críticas com 33 (trinta e três) produções, com o destaque para a década de 2010 com 18 (dezoito) textos. Podemos perceber ainda ao analisarmos os quantitativos verificados que a categorização de n. 03 – Acervo, arquivo e fonte com 3 (três) trabalhos, de n. 04 – Edição musical com 9 (nove) produções, e de n. 05 –. Performance musical com 4 (quatro) produções, são em número bem menor em relação às demais categorias. Chama a atenção, ainda, a categoria de n. 07 – Músico/ compositor que contabilizou 9 (nove) produções na década de 2000, ou seja, mais da metade da produção da categoria na década.

Quadro 7 – Tipos de publicação da produção bibliográfica acerca, ou afins, da música no período colonial mineira

Tipo de publicação							
a. 2020	5			1		4	
2010	42		17	1	4	20	
2000	53	1	21	7	7	17	
1990	39	1	17	5	3	13	
1980	19		4	3	2	10	
1970	6		2	2			2
1960	5	1	3				1
1950	1	1					
1940	1			1			
Década	171	4	64	20	16	64	3
	Total	IES Estra.	IES Nac.	Gover.	Ed. Preivada	Fest. Cong.	Jornal/ Avulso
		1	2	3	4	5	6

Fonte: MODESTO FONSECA (2013); RACHEL DE ULHÔA (2021).
Compilação Rachel de Ulhôa

Passemos para o Quadro 7 que nos possibilita visualizar quantitativamente as categorias de instituições onde foram publicados os trabalhos analisados. Inserimos os seguintes tipos: instituição estrangeira, instituição nacional, governamental (para instituições vinculadas ao estado), editora privada, publicações vinculadas a festivais, congressos, simpósios ou seminários ligados à área e, finalmente, jornais ou publicações avulsas. Nesse contexto, podemos observar a grande atuação das instituições de ensino superior nacionais, bem como a publicação em festivais/ congressos, sendo cada um são responsáveis pela publicação de 64 (sessenta e quatro) trabalhos ao longo do período analisado

Finalizando, o Quadro 8 mostra o quantitativo de produções que foram disponibilizadas on-line na internet. Conforme demonstrado em números, somente na década de 2010 ocorre uma democratização do acesso aos trabalhos publicados, uma tendência geral, não exclusiva da área e sim um movimento geral de acesso à informação.

Quadro 8 - Acesso da produção bibliográfica acerca, ou afins, da música no período colonial mineira

Acesso on-line			
a. 2020	5	5	
2010	42	40	2
2000	53	25	28
1990	39	8	31
1980	19	1	18
1970	6		6
1960	5	3	2
1950	1	1	
1940	1		1
Década	171	83	88
	Total	Sim	Não
		1	2

Fonte: MODESTO FONSECA (2013); RACHEL DE ULHÔA (2021).
Compilação Rachel de Ulhôa

Visto um panorama geral da produção acerca da música no período colonial mineiro, passamos à análise década por década, iniciando pela década de 1940 e 1950 (Quadro 9).

1.1 Produção bibliográfica da década de 1940 e 1950

Quadro 9 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Décadas de 1940 e 1950

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato							Categoria								Publicação						Acesso on-line	
					Datilog./ Xerox / Apostila	Anais de evento científico	Artigo revista / Jornal	Capítulo de Livro	Livro	Dissetação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Catalogo/ Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Músico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Encontro/ Seminário/ Cong.	Jornal/ Avulso	Sim	Não
1	40	1946	LANGE, Francisco Curt	*La Música em Minas Gerais: Un informe Preliminar*			1						1									1					1
1	50	1951	LANGE, Francisco Curt	*Archivo de música religiosa de La Capitania Gerais. Brasil, siglo XVIII* (Partituras)					1								1			1						1	

Fonte: MODESTO FONSECA (2013); RACHEL DE ULHÔA (2021).
Compilação Rachel de Ulhôa

Conforme pode ser visualizado no Quadro 06 sobre a produção das décadas de 1940 e 1950, quem inaugura os trabalhos acerca da música colonial mineira é Francisco Curt Lange. O musicólogo é o único autor das publicações encontradas (LANGE, 1946; 1951). Em 1946 publicado no *Boletín Latino Americano de Música* – BLAM VI, organizado pelo musicólogo e inteiramente dedicado ao Brasil, vem à luz o artigo *La música em Minas Gerais*: Un informe preliminar[208]. Já em 1951, o *Archivo de música religiosa de La Capitania Gerais. Brasil. Siglo XVIII (partituras)*[209]*.* A publicação da década de 1940 foi inserida na categoria História/Sociedade (FONSECA, 2013), sendo essa uma revista, publicação da imprensa nacional brasileira, não estando disponível on-line. Já a publicação de 1951 reúne as primeiras partituras coletadas e transcritas por Curt Lange, tendo o livro de partituras sido publicado em 1951, pelo Departamento de Musicologia, da *Universidad Nacional de Cuyo*, Mendoza, Argentina.

É evidente que na década de 1940/ 50 se inauguram os trabalhos acerca da música no período colonial mineiro, sendo sintomático que somente trabalhos de Curt Lange são encontrados. Consideramos também que é pertinente salientar que, quando colocamos foco na instituição de publicação dos dois trabalhos do período, que ambos são publicados por intermédio de Francisco Curt Lange, diríamos até que com empenho da sua parte. Um pela Universidade Nacional de *Cuyo* e outro no Boletim Latino Americano de música dedicado ao Brasil, uma articulação de Curt Lange para compor a série de volumes dedicados a países da América Latina. Consideramos, assim, que esse é um indicativo da forma exógena que o tema é enfocado. Ou seja, ainda como resultado da iniciativa e articulação pessoal de Curt Lange, uma ação que vem de fora, ainda não internalizada, como fazer musicológico no Brasil.

---

[208] LANGE, Francisco Curt. La música en Minas Gerais – Un informe preliminar. *Boletín Latino-Americano de Música*. Brasil, Imprensa Nacional, VI, 1946. p. 409-494.

[209] LANGE, Francisco Curt. *Archivo de música religiosa de La Capitania Gerais. Brasil, siglo XVIII*. Mendoza: Escola Superior de Música. Departamento de Musicologia. Universidad Nacional de Cuyo, 1951.

1.2 Produção bibliográfica da década de 1960

Quadro 10 – Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 1960

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato							Categoria							Publicação						Acesso on-line	
					Datilog./ Xerox / Apostila	Anais de evento científico	Artigo revista / Jornal	Capítulo de Livro	Livro	Dissetação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Músico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Encontro/ Seminário/ Cong.	Jornal/ Avulso	Sim	Não
1	60	1965	MEDAGLIA, Júlio	A música em Minas Gerais			1						1												1		1
2		1965	LANGE, Francisco Curt	Os compositores na Capitania Geral das Minas Gerais			1											1			1					1	
3		1966	LANGE, Francisco Curt	A organização musical durante o período colonial brasileiro		1							1							1						1	
4		1967	LANGE, Francisco Curt	A música na vila real de Sabará			1						1								1						1
5		1969	BEHAGUE, Gerard	Música 'barrôca' mineira: problemas de fontes e estilística			1					1									1					1	
Total da produção						1	4					1	3					1		1	3				1	3	2

Fonte: MODESTO FONSECA (2013); DE ULHÔA (2021)

Pode ser observado no Quadro 10, na década de 1960 dois outros musicólogos iniciam a sua produção acerca da música no período colonial mineira: Júlio Medaglia[210] com um artigo de jornal; e, Gerard Béhague[211], que inaugura o interesse pela categoria Estilo (FONSECA, 2013) também, com um artigo publicado na *Revista Universitas* da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Contudo, a maioria da produção da década ainda é de Curt Lange O musicólogo apresenta dois artigos, um inserido na categoria História/sociedade (FONSECA, 2013) e outro na categoria Músico/compositor discutindo sequencialmente: "Os compositores da Capitania Geral de Minas Gerais"[212], "A organização musical durante o período colonial mineiro"[213], e por último "A música na Vila real de Sabará"[214]. Dos cinco textos da década, três se encontram disponíveis na internet.

Relevante destacar que dos cinco trabalhos do período, Francisco Curt Lange publica dois deles na *Revista de Estudos Históricos* da Faculdade de História, Ciências e Arte de Marília (1965;1967); e, Gerard Béhague, como anteriormente colocado, publica um trabalho na *Revista Universitas* da Universidade Federal da Bahia – UFBA (1969). Diante deste contexto podemos concluir que se inicia em 1960 o processo de ampliação do raio de alcance das produções acerca da música no período colonial mineiro, com o início do processo de penetração do tema nas instituições de ensino superior brasileiras.

---

[210] MEDAGLIA, Júlio. A música em Minas Gerais. *O Estado de Minas* – Suplemento Literário. Belo Horizonte, 10 de julho de 1965.
[211] BÉHAGUE, Gerard. Música "barrôca" mineira: problemas de fontes e estilística. *Revista Universitas*, Universidade Federal da Bahia, volume 2, n.2, p. 133-158. 1969.
[212] LANGE, Francisco Curt. Os compositores na Capitania Geral das Minas Gerais. Separata da *Revista Estudos Históricos*, n. 3 e 4. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1965.
[213] LANGE, Francisco Curt. A organização musical durante o período colonial brasileiro. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, V, Coimbra Portugal, Gráfica Coimbra, 1966.
[214] LANGE, Francisco Curt. A música na vila real de Sabará. *Revista Estudos Históricos*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras n. 5, p. 97-198, 1967.

1.3 Produção bibliográfica da década de 1970

Quadro 11 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 1970

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato							Categoria								Publicação							Acesso on-line	
					Datilog./ Xerox / Apostila	Anais de evento científico	Artigo revista / Jornal	Capítulo de Livro	Livro	Dissetação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Catálogo/ Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Músico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Encontro/ Seminário/ Cong.	Jornal/ Avulso	Sim	Não
1	70	1971	BEHAGUE, Gerard	Música mineira colonial à luz de novos manuscritos			1					1												1		1
2		1976	LANGE, Francisco Curt	Um fabuloso redescobrimento: para a justificação da existência da música erudita no p. colonial brasileiro			1						1								1						1
3		1978	BARBOSA, Elmer Corrêa	O ciclo do ouro, o tempo e a música do barroco católico					1				1								1						1
4		1979a	LANGE, Francisco Curt	H. da música nas irmandades de Vila Rica: Freguesia de N. S. do Pilar do Ouro Preto					1				1									1					1
5		1979b	LANGE, Francisco Curt	A música na Irmandade de São José dos Homens Pardos ou Bem Casados					1				1									1					1
6		1979	OLIVEIRA, Tarquínio J. B.	A música oficial em Vila Rica, 1772-1796	1								1											1			1
				Total da produção	1		2		2			1	5					1			2	2			2	1	6

Fonte: MODESTO FONSECA (2013); DE ULHÔA (2021)

Detalhado no Quadro 11 observamos que dos três autores da década de 1960, dois são também atuantes na década de 1970: Gerard Béhague (1971) e Francisco Curt Lange (1976; 1979ª; 1979b). Juntam-se a esses, Elmer Corrêa Barbosa (1978), e Tarquínio José Barbosa de Oliveira (1979). À exceção do Trabalho de Tarquínio Oliveira (1979), cujo texto, "A música oficial em Vila Rica (1772 – 1796)"[215] é datilografado, as demais publicações da década se enquadram no formato livro ou artigo de revista/ jornal.

Também presente na lista de autores da década anterior, Gerard Béhague (1971) apresenta o texto intitulado "Música mineira colonial à luz de novos manuscritos"[216], agora na *Revista Barroco* da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, se enquadrando na categoria Estilo.

Francisco Curt Lange (1976; 1979a; 1979b), detém o maior número de produções, com a publicação de um artigo e dois livros na década de 1970. O artigo é denominado "Um famoso redescobrimento: para a justificação da existência da música erudita no período colonial brasileiro"[217], publicado na *Revista de História* da Universidade de São Paulo. E os dois livros são duas edições da Coleção História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais. O primeiro, "História da Música nas Irmandades de Vila Rica: freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto"[218], uma publicação do Conselho Estadual de Cultura – Imprensa Oficial de Minas Gerais. O segundo, "A música na Irmandade de São José dos Homens Pardos ou Bem Casados"[219], publicado no Anuário do Museu da Inconfidência – Ouro Preto.

Em 1978, pela Fundação Nacional de Arte e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro é publicado mais um livro com o título "O ciclo do ouro, o tempo e

---

[215] OLIVEIRA, Tarquínio José Barbosa de. *A música oficial em Vila Rica, 1772-1796*. Ouro Preto: texto datilografado, 1979.

[216] BÉHAGUE, Gerard. Música mineira colonial à luz de novos manuscritos. *Revista Barroco,* Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, vol. 3, p. 15-27, 1971.

[217] LANGE, Francisco Curt. Um fabuloso redescobrimento: para a justificação da existência da música erudita no período colonial brasileiro. *Revista de História*, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, ano 26, v.54, n.107, p. 45-67, 1976.

[218] LANGE, Francisco Curt. *História da música nas irmandades de Vila Rica: Freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto*. Coleção História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais. v.1. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, Conselho Estadual de Cultura. 1979a. 458 p.

[219] LANGE, Francisco Curt. *A música na Irmandade de São José dos Homens Pardos ou Bem Casados* - Coleção da História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais. v. 2. Ouro Preto: Anuário do Museu da Inconfidência, ano III, p. 11-231, 1979b. 224 p.

a música do barroco católico,[220] organizado por Elmer Corrêa Barbosa (1978) com a assessoria no trabalho de campo de Adhemar Campos Filho, Aluízio José Viegas, e catalogação das músicas do séc. XVIII por Cleofe Person de Mattos.

Se na década de 1960 se percebe um processo de ampliação do raio de alcance das produções acerca da música no período colonial mineiro, sendo verificado que os autores se inscrevem em revistas publicadas pelas instituições públicas brasileiras, na década de 1970 esse processo se intensifica, sendo incluído como instituições de publicação, órgãos governamentais. Das seis publicações, duas são realizadas por instituições governamentais - Curt Lange (1979a e 1979b) - e duas por instituições de ensino superior brasileiras. - Curt Lange (1976) e Elmer Corrêa Barbosa (1978). Esse movimento, acreditamos, demonstra a consolidação deste movimento que será cada vez mais otimizado.

1.4 Produção bibliográfica da década de 1980

[220] BARBOSA, Elmer Corrêa (Org.). O ciclo do ouro, o tempo e a música do barroco católico. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – MEC – Funarte. 1978. 459 p.

Quadro 12 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 1980

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato							Categoria								Publicação						Acesso on-line	
					Datilog./ Xerox / Apostila	Anais de Ev. científico	Artigo revista/ Jornal	Capítulo de Livro	Livro	Dissetação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Catálogo/ Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Músico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Encontro/ Seminário/ Cong.	Jornal/ Avulso	Sim	Não
1	Oitenta	1980	NEVES, José Maria	Situação e problemática da música mineira colonial.		1						1												1			1
2		1981	DUPRAT, Régis	O estanco da música no Brasil Colonial			1						1								1						1
3		1981	LANGE, Francisco Curt.	H. da música nas irmandades de V. Rica: Freguesia de N. S. da Conceição de Antônio Dias					1				1									1					1
4		1982	LANGE, Francisco Curt.	H,M na Capitania das Minas Gerais - Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco					1				1									1					1
5		1983	DUPRAT, Régis	A música brasileira do século XVIII e a definição do seu estilo			1					1									1						1
6		1983	NEVES, José Maria	José Maurício e os compositores mineiros setecentistas			1											1				1					1
7		1984	COMBAT, Heitor	Estudo sobre a distribuição dos naipes na obra "Tercio"		1						1												1			1
8			FONSECA, M. da Conceição Rezende (a)	Música mineira nos Séculos XVIII e XIX		1						1												1			1
9			FONSECA, M. da Conceição Rezende (b)	A história e o Museu da Música da Arquidiocese de Mariana, MG		1							1											1			1
10			FONSECA, M. da Conceição Rezende ©	Museu da Música da Arquidiocese de Mariana, Minas Gerais		1							1											1			1
11			NEVES, José. Maria	A música bras. setecentista através de manuscritos perten. a arq. musicais portugueses.		1						1												1			1
12			MAGNANI, Sérgio (a)	Histórico de um trabalho de restauração de obras musicais do século XVIII		1							1											1			1
13			MAGNANI, Sérgio (b)	Restauração de Ave Regina Angelorum de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita.		1						1												1			1
14		1985	TONI, Flávia Camargo	Música nas Irmandades da Vila de São José e o Capitão Manoel Dias de Oliveira.						1			1								1					1	
15			COMBAT, Heitor	Um "Magnificat" de J.J. Emérico Lobo de Mesquita (1746-1805)		1						1												1			1
16		1987	VIEGAS, Aluízio José	Música em São João Del-Rei de 1717 a 1900			1						1										1				1
17			COMBAT, Heitor	Atualização execução de peças musicais do setecentos mineiro – problemas e soluções		1										1								1			1
18		1989	CRESPO FILHO, Silvio Augusto	Contribuição ao estudo da caracterização da música em Minas Gerais no século XVIII							1	1									1						1
19			FONSECA, M. da Conceição Rezende	A música na história de Minas Colonial.					1				1										1				1
				Total da produção		10	4		3	1	1	8	9			1		1			4	3	2	10		1	18

Fonte: MODESTO FONSECA (2013) e DE ULHÔA (2021)

.

A produção da década de 1980, compilada no Quadro 12, é mais que o dobro da década de 1970, de 7 (sete) produções em 1970, passando para 19 (dezenove).

Dos 10 trabalhos apresentados em Eventos e publicado em Anais, um é publicado no Seminário sobre Cultura Mineira Colonial promovido pelo Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais. Trata-se do estudo de José Maria Neves (1980), que inaugura a produção da década, com o título "Situação e problemática da música mineira colonial"[221]. Entretanto, são o primeiro, segundo e terceiro Encontros Nacionais de Pesquisa em Música, ocorridos em Mariana (1984), São João Del-Rei (1985) e Ouro Preto (1987), que contribuíram para este percentual significativo. Em Mariana são apresentados a maioria dos trabalhos. Três são apresentados por Maria da Conceição Resende Fonseca (1984a; 1984b; 1984c). São seus títulos: "Música mineira nos Séculos XVIII e XIX"[222], categorizado como História/ sociedade; "A história e o Museu da Música da Arquidiocese de Mariana"[223]; e, "Museu da Música da Arquidiocese de Mariana, Minas Gerais"[224], categorizados como Estilo. O maestro Sérgio Magnani (1984a; 1984b) apresenta dois trabalhos. Por tratarem da discussão acerca da restauração de manuscritos do setecentos mineiro foram categorizados em Estilo. O primeiro com o título "Histórico de um trabalho de restauração de obras musicais do Século XVIII"[225]; e, o segundo intitulado "Restauração de *Ave Regina Angelorum* de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita"[226]. José Maria Neves (1984) contribui com um trabalho nesse encontro. Com o título "A música brasileira setecentista vista através de manuscritos pertencentes a arquivos musicais

---

[221] NEVES, José Maria. *Situação e problemática da música mineira colonial*. In: SEMINÁRIO SOBRE CULTURA MINEIRA COLONIAL. 1980, Belo Horizonte. *Anais*... Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, Imprensa Oficial, 1980. p. 93-108

[222] FONSECA, Maria da Conceição Rezende. Música mineira nos Séculos XVIII e XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais*... Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984a. p. 39-42

[223] FONSECA, Maria da Conceição Rezende. A história e o Museu da Música da Arquidiocese de Mariana, MG. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais*... Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984b. p. 43-49.

[224] FONSECA, Maria da Conceição Rezende. Museu da Música da Arquidiocese de Mariana, Minas Gerais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais*... Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984c. p. 51-59.

[225] MAGNANI, Sérgio. Histórico de um trabalho de restauração de obras musicais do Século XVIII. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais*... Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984. p. 103-104

[226] MAGNANI, Sérgio. Restauração de Ave Regina Angelorum de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais*... Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984b. p. 105-115.

portugueses"[227], se insere na categoria Acervo/ arquivo/ fonte. Completa os trabalhos do I Encontro Nacional de Pesquisa em Música Heitor Combat (1984) que apresenta o texto, "Estudo sobre a distribuição dos naipes na obra Tércio"[228]. Como bem indica o título foi categorizada em Estilo. Como os demais trabalhos que foram publicados nos Anais do I Encontro Nacional de Pesquisa em Música de 1984, não estão disponíveis na internet. Mais dois textos de Heitor Combat (1985; 1989) compõem o grupo de trabalhos publicados em Anais na década de 1980. O primeiro, "Um "Magnificat" de J. J. Emerico Lobo de Mesquita (1746-1805)"[229] apresentado no II Encontro Nacional de Pesquisa em Música, realizado em São João del Rei; e, o segundo "Atualização execução de peças musicais do setecentos mineiro – problemas e soluções"[230] no III Encontro Nacional de Pesquisa em Música, realizado em 1987 em Ouro Preto. Esse último trabalho é o primeiro trabalho enquadrado na categoria Performance musical.

Os dois primeiros trabalhos acadêmicos/ científicos que registramos na nossa pesquisa foram apresentados na década de 1980. O primeiro, em 1985, é uma dissertação de mestrado de Flávia Camargo Toni, com o título "Música nas Irmandades da Vila de São José e o Capitão Manoel Dias de Oliveira"[231], defendido na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP. O segundo, defendido em 1989, é uma tese de doutorado de Sílvio Augusto Crespo Filho intitulado "Contribuição ao estudo da música em Minas Gerais no século XVIII"[232]

---

[227] NEVES, José Maria.A música brasileira setecentista vista através de manuscritos pertencentes a arquivos musicais portugueses. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA I, 1, 1984, Mariana. *Anais*... Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984. p. 137-160.

[228] COMBAT, Heitor. Estudo sobre a distribuição dos naipes na obra "Tércio". In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais...* Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984. p. 117-130.

[229] COMBAT, Heitor. Um "Magnificat" de J.J. Emerico Lobo de Mesquita (1746-1805). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, II, 1985, São João del Rei, MG, *Anais...* Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1987. p. 67-87.

[230] COMBAT, Heitor. Atualização e execução de peças musicais do setecentos mineiro –problemas e soluções. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, III, Ouro Preto, 1987. *Anais...* Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1989, p. 103-116.

[231] TONI, Flávia Camargo. Música nas Irmandades da Vila de São José e o Capitão Manoel Dias de Oliveira. São Paulo, 1985, Dissertação (Mestrado em Artes). Departamento de Informação e Cultura (CBD), Escola de Comunicação e Artes ECA, Universidade de São Paulo, 1985.

[232] CRESPO FILHO, Sílvio Augusto. *Contribuição ao estudo da música em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

Quatro revistas publicam textos sobre a música colonial mineira na década. A *Revista Art* da Universidade Federal da Bahia – UFBA, publica dois textos, ambos de Régis Duprat (1981; 1983), sendo o primeiro "O estanco da música no Brasil Colonial"[233], e o segundo "A música brasileira do século XVIII e a definição do seu Estilo".[234] Completa a quantidade de artigos publicados em revistas, o trabalho de Aluízio José Viegas (1987), com o título de "Música em São João del-Rei de 1717 a 1900"[235], publicado pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*. Encerram a listagem de artigos em revistas, agora na *Revista Mauricianos*, um estudo de José Maria Neves (1983) com o título "José Maurício e os compositores mineiros setecentistas".[236]

Os livros publicados na década de 1980 são quatro. Dois são publicações de Curt Lange integrantes da Coleção História da Música na Capitania Geral de Minas Gerais. O primeiro "História da música nas irmandades de Vila Rica: Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias"[237]; e, o segundo "História da música na Capitania Geral de Minas Gerais: Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco"[238], são publicações do Conselho Estadual de Cultura. O terceiro livro da década foi publicado por uma editora comercial por Maria Conceição Resende Fonseca, com o título "A música na história de Minas Colonial"[239].

Na década de 1980 é verificada a inserção das pesquisas acerca da música no período colonial mineiro na pós-graduação das universidades públicas

---

[233] DUPRAT, Régis. O estanco da música no Brasil Colonial. *Revista Art*, Universidade Federal da Bahia, Salvador, n. 8, p. 3-19, 1981.

[234] DUPRAT, Régis. A música brasileira do século XVIII e a definição do seu estilo. *Revista Art*, Universidade Federal da Bahia, Salvador, v. 7, p. 3-8, 1983.

[235] VIEGAS, Aluízio José. Música em São João del-Rei de 1717 a 1900. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, São João del-Rei, n. 5, 1987.

[236] NEVES, Jose Maria. José Maria *José Maurício e os compositores mineiros setecentistas*. José Cândido de Andrade Muricy. (Org.). Estudos Mauricianos. Rio de Janeiro: FUNARTE. Instituto Nacional de Música. Projeto Memória Musical Brasileira, v. 1, 1983, p. 55-64.

[237] LANGE, Francisco Curt. *História da música nas irmandades de Vila Rica: Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias*. Coleção História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais. v.5. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. Conselho Estadual de Cultura. 1981. 256p.

[238] LANGE, Francisco Curt. *História da música na Capitania Geral de Minas Gerais*: Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco. Coleção História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais, v.8. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. Arquivo Público Mineiro. Conselho Estadual de Cultura, 1982. 470p.

[239] FONSECA, Maria Conceição Resende. *A música na história de Minas Colonial.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

brasileiras, tendo sido publicados os primeiros trabalhos como resultado dos cursos de pós-graduação (um mestrado e um doutorado). Fica evidenciado, também, o aumento do quantitativo de pesquisadores interessados no tema, de quatro na década anterior para dez na década de 1980. Destes, diferente das décadas anteriores, encontramos as duas primeiras pesquisadoras com trabalhos apresentados. Outra constatação é que cinquenta e dois vírgula sessenta e três por cento (52,63%) da produção, ou seja, 10 trabalhos, são apresentados em Seminários/ Congressos e, por conseguinte têm seus resultados publicizados em âmbito nacional, por meio da sua apresentação e publicações em anais de eventos científicos. Destaque pode ser dado aos três Encontros Nacionais de Pesquisa em Música, realizados subsequentemente em Mariana, São João del Rei e Ouro Preto, todos capitaneados pela Universidade Federal de Minas Gerais, sob a coordenação da Professora Sandra Loureiro. Observamos, ainda, a ampliação significativa dos trabalhos com ênfase na categoria Estilo. De um texto na década de 1970 correspondente a 14,28% (um trabalho de um total de sete), passa na década de 1980 para oito trabalhos (de um total de 19) que correspondem a quarenta e dois vírgula dez por cento (42,10 %) de textos categorizados como Estilo. Verificamos o interesse em aspectos musicais tais como: categorização de Estilo, distribuição e análise de naipes e instrumentos musicais; análise de manuscritos e partituras; composição musical; características estilísticas; retórica; prosódia musical; e, análise de obras específicas.

1.5 Produção bibliográfica da década de 1990

Quadro 13 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 1990 (1990-1996)

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato								Categoria								Publicação						Acesso on-line	
					Datilog./ Xerox / Apostila	Anais de Evento científico	Artigo revista	C. de Livro	Livro	Vídeo/ CD	Monografia/ Dissetação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Catálogo/ Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Músico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Encontro/ Seminário/ Cong.	Jornal/ Avulso	Sim	Não
1	Noventa	1990	CRESPO FILHO, Silvio Augusto	O hinno a 4 de Março s Coelho Netto - Uma análise			1						1									1					1	
2			LANGE, Francisco Curt	La música em Minas Gerais: Um informe preliminar				1						1										1				1
3		1991	CASTAGNA, Paulo	O manuscrito de Piranga			1											1				1					1	
4			DUPRAT, Régis; BALTAZAR, Carlos Alberto (org)	Acervo de Manuscritos músicais: C. F. Curt Lange V. 1 Comp. Mineiros					1						1								1					1
5			WERLANGE, Guilherme	Estilo e personalidade na música do ciclo do ouro em Minas Gerais			1						1								1							1
6			DOTTORI, Mauricio	Análise do Moteto "O vos omnes" a dois coros de Manoel Dias de Oliveira.			1						1									1					1	
7			DOTTORI, Mauricio	Ensaio sobre a Música colonial mineira							1		1									1						1
8		1993	BRANDÃO, Domingos Sávio Lins.	O sentido social da música em Minas colonial.							1			1								1						1
9			CRESPO FILHO, Silvio Augusto	A Antífona Virgo Prudentíssima de Francisco Gomes da Rocha.			1											1				1						1
10			DIAS, Sergio	Sobre a existência, nas Minas Gerais, de uma Escola de Compositores Setecentistas							1		1									1						1
11			NEVES, Jose. Maria	Elementos da tradição oral na música sacra mineira		1														1					1			1
12		1994	CROWL JR., Hanry Lamott	A Presença da Música Portuguesa no Brasil Colônia.		1								1											1			1
13			DIAS, Sérgio.	Música Colonial Brasileira		1								1											1			1
14			KATER, Carlos	Análise e música brasileira dos séculos XVIII e XIX.		1							1												1			1
15			MONTEIRO, Maurício.	Apolo e Dionísio na Música Colonial Mineira		1														1					1			1
16			PIRES, Sérgio Mecedo	Lobo de Mesquita e a Música Colonial Mineira							1								1			1						1
17			SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos	Capitão Manoel Dias de Oliveira – parca documentação para uma longa vida.		1													1						1			1
18		1995	MONTEIRO, Maurício	João de Deus de Castro Lobo e as práticas musicais nas associações religiosas de MG.							1								1			1						1
19		1996	BINDER, Fernando P.; CASTAGNA, Paulo A	Teoria musical no Brasil: 1734-1854.			1													1		1					1	
20			CASTAGNA, Paulo	Um manuscrito musical brasileiro para os impropérios da "Adoração da Cruz"			1											1				1					1	
21			CARDOSO, André	8ª. Lição para as matinas de quarta-feira Santa, [...] edição Crítica.							1					1						1						1
22			DIAS, Sergio. (Org.).	A Originalidade da Música Mineira do Período Colonial					1				1											1				1
De 1990 a 1996						6	7	1	2		6		7	4	1	1		3	3	3	1	12	1	2	6		5	17

Fonte: MODESTO FONSECA (2013) e DE ULHÔA (2021)

Quadro 14 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 1990 (1997-1999)

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato								Categoria								Publicação						Acesso on-line	
					Datilog./ Xerox / Apostila	Anais de Evento científico	Artigo revista/ Jornal	C. de Livro	Livro	Vídeo/ CD	Monografia / Dissertação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Catálogo/ Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Músico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Encontro/ Seminário/ Congr.	Jornal/ Avulso	Sim	Não
23	Noventa	1997	CONTIN, Neri Rodrigues	Do Musical na Quarta-Feira de Trevas em São João Del Rei (Matinas e Laudes).							1		1									1						1
24			MORETZSOHN, Julio	Missa a 4 vozes para Quarta-feira de Cinzas [...] Lobo de Mesquita - um estudo interpretativo.							1						1					1						1
25			NEVES, José Maria. (Org.).	Catálogo de obras Música Sacra Mineira					1									1					1					1
26			NEVES, José Maria. (a)	Música sacra mineira: seleção de partituras					1									1					1					1
27			NEVES, José Maria. (b)	Presença de Curt Lange		1								1											1			1
28			OLIVEIRA, Manoel Dias de	Bajulans. Estudo e edição de Rubens Ricciardi		1										1									1		1	
29			RICCIARDI, Rubens.	Motetos Bajulans e Popule Meus de Manoel Dias de Oliveira.		1							1												1		1	
30			VOLPE, Maria Alice	Ir. e ritual em MG durante o Período Colonial: o Triunfo Eucarístico de 1733			1							1											1			1
31		1998	BRANDÃO, Domingos Sávio Lins	Música, estilo e sociedade colonial mineira		1								1											1			1
32			DIAS, Sergio	Por Uma Análise da Música Mineira Setecentista [...] Uma Nova Percepção das Suas Fontes		1							1												1			1
33			GONTIJO, Clovis Salgado	Forma e estilo na música colonial brasileira e na música europeia dos séculos XVII e XVIII		1							1												1			1
34			MONTEIRO, Maurício	Uma introdução sobre a musicologia no Brasil (o caso da música colonial mineira).		1								1								1						1
35			VIEGAS, Aluízio José	O teatro e a ópera no período colonial		1								1											1			1
36		1999	DUPRAT, Régis (org.)	Música do Brasil Colonial (II)					1					1									1					1
37			DUPRAT, Régis	O estanco da música no Brasil Colonial			1							1								1						1
38			NEVES, José Maria	Arte, artesanato e tradição oral na música colonial brasileira.			1							1									1					1
39			KANJI, R.; MARANHÃO, R.; CASTAGNA, P.; VOLPATO, R	História da música brasileira						1				1										1			1	
De 1997 a 1999						8	3		3	1	2		4	9		1	1	2				4	4	1	6		3	14
De 1990 a 1996						6	7	1	2		6		7	4	1	1		3	3	3	1	12	1	2	8		5	17
Total da produção						14	10	1	5	1	8		11	13	1	2	1	5	3	3	1	16	5	3	14		8	31

Fonte: MODESTO FONSECA (2013); DE ULHÔA (2021)

Passemos agora para a análise dos dados contidos no Quadro 13 (Década de 1990 – anos 1990 -1996) e Quadro 14 (Década de 1990 – anos de 1997 – 1999). Se na década de 1980 ocorreu a inserção das pesquisas acerca da música no período colonial mineiro nas pós-graduações de universidades públicas brasileiras, na década de 1990 se dá a consolidação deste movimento. Oito são as defesas realizadas na década envolvendo várias categorias.

Inseridos na categoria Estilo encontramos três dissertações de mestrado. Defendido em 1992, na Escola de Escola de Comunicações e Artes - ECA / USP, têm-se a pesquisa de Maurício Dottori (1992), com o título "Ensaio sobre a Música colonial mineira"[240]. No ano seguinte, agora no Conservatório Brasileiro de Música – CBM Rio de Janeiro, Sérgio Dias (1993), defende a dissertação intitulada "Sobre a existência, nas Minas Gerais, de uma Escola de Compositores Setecentistas (subsídios para uma introdução ao fenômeno musical mineiro da segunda metade do século XVIII)".[241] E, finalmente, a última dissertação desta categoria foi defendida por Neri Rodrigues Contin (1997), com o título "Do Musical na Quarta-Feira de Trevas em São João Del Rei (*Matinas e Laudes*)"[242] no então Programa de Pós-Graduação em Música Brasileira da UNIRIO.

Na categoria História/ sociedade encontramos uma dissertação, a de Domingos Sávio Lins Brandão (1993) "O sentido social da música em Minas colonial"[243] defendida no Departamento de Sociologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

---

[240] DOTTORI, Mauricio. *Ensaio sobre a Música colonial mineira*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

[241] DIAS, Sergio. *Sobre a existência, nas Minas Gerais, de uma Escola de Compositores Setecentistas* (subsídios para uma introdução ao fenômeno musical mineiro da segunda metade do século XVIII). Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em Música). Conservatório Brasileiro de Música - CBM, Rio de Janeiro, 1992.

[242] CONTIN, Neri Rodrigues. *Do Musical na Quarta-Feira de Trevas em São João Del Rei (Matinas e Laudes).* Rio de Janeiro, 1997, Dissertação (Mestrado em Música Brasileira). Programa de Pós-Graduação em Música Brasileira. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNIRIO. Rio de Janeiro, 1997.

[243] BRANDÃO, Domingos Sávio Lins. *O sentido social da música em Minas colonial*. Belo Horizontes, 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1993. Monografias: Acervo Curt Lange, v. 267, 1993.

As próximas quatro dissertações estão inseridas em três categorias. Duas dissertações foram categorizadas no segmento Música/ compositor: a de Sérgio Macedo Pires (1994), intitulada "Lobo de Mesquita e a Música Colonial Mineira"[244], e a de Maurício Monteiro (1995), "João de Deus de Castro Lobo e às práticas musicais nas associações religiosas de Minas Gerais (1794-1832)"[245]. Trabalhando com edição crítica e, portanto, categorizada no segmento Edição musical temos a dissertação de mestrado de André Cardoso (1996). Defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Música Brasileira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO, tem como título "8ª. Lição para as matinas de quarta-feira Santa, uma atribuição de autoria entre Jerônimo de Souza Lobo e José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita e edição Crítica"[246]. Finalizando a produção no formato dissertação, temos a de Júlio Moretzsohn (1997), com o título "Missa a 4 vozes para "Quarta-feira de Cinzas com violoncelo *obbligato* e órgão de J. J. Emerico Lobo de Mesquita - um estudo interpretativo"[247], defendida na UNIRIO pelo Programa de Pós- Graduação em Música Brasileira, a qual inserimos na categoria Performance musical.

Analisando a bibliografia levantada, percebe-se que os pesquisadores acerca da música no período colonial mineiro apropriam-se significativamente dos espaços de difusão e discussão especializada. Trabalhos são apresentados e publicados no Anais do VI (1993) e X (1997) Encontros da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música – ANPPOM (1993), bem como no I (1994) e III (1998) Encontros de Musicologia Histórica de Juiz de Fora, assim como no I Simpósio Latino Americano de Musicologia (1998).

---

[244] PIRES, Sérgio Macedo. *Lobo de Mesquita e a Música Colonial Mineira*. Belo Horizonte, 1994. Dissertação (Mestrado em Música). Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário - CBM-CEU, Rio de Janeiro, 1994.

[245] MONTEIRO, Maurício. *João de Deus de Castro Lobo e* às *práticas musicais nas associações religiosas de Minas Gerais (1794-1832*). São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1995.

[246] CARDOSO, André. *8ª. Lição para as matinas de quarta-feira Santa, uma atribuição de autoria entre Jerônimo de Souza Lobo e José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita e edição Crítica*. Rio de Janeiro, 1996. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música Brasileira. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNIRIO. Rio de Janeiro, 1996.

[247] MORETZSOHN, Júlio. *Missa a 4 vozes para Quarta-feira de Cinzas com violoncelo obbligato e órgão de J. J. Emerico Lobo de Mesquita* - um estudo interpretativo. Rio de Janeiro, 1997. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO, 1997.

Iniciemos por dois textos, em acordo as suas características, inseridos na categoria Reflexões críticas. O primeiro é de José Maria Neves (1993) intitulado "Elementos da tradição oral na música sacra mineira"[248], apresentado na ANPPOM; e, o segundo é de Maurício Monteiro (1994), "Apolo e Dionísioo na Música Colonial Mineira"[249] , apresentado no I Encontro de Musicologia Histórica de Juiz de Fora – EMH Juiz de Fora.

Do mesmo modo apresentados no I EMH Juiz de Fora, mas agora inseridos na categoria História/ sociedade estão os trabalhos de Harry Lamott Crowl Júnior (1994), "A Presença da Música Portuguesa no Brasil Colônia"[250]; e, de Sérgio Dias, "Música Colonial Brasileira"[251].

Ainda na categoria História/ sociedade só que apresentados no III EMH – Juiz de Fora estão, Domingos Sávio Lins Brandão (1998) com o título "Música, estilo e sociedade colonial mineira"[252]; Maurício Monteiro (1998) com o trabalho "Uma introdução sobre a musicologia no Brasil (o caso da música colonial mineira)"[253]; e, Aluízio José Viegas (1998), com o trabalho "O teatro e a ópera no período colonial em São João-del-Rei"[254].

Agora, na categoria Estilo foram apresentadas comunicações nos Encontros de Musicologia Histórica de Juiz de Fora: Carlos Kater (1994) com "Análise e música

---

[248] NEVES, Jose Maria. Elementos da tradição oral na música sacra mineira. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, VI, Rio de Janeiro,1993. *Anais*... Rio de Janeiro: ANPPOM, 1993. p. 215-216.

[249] MONTEIRO, Maurício. Apolo e Dionísio na Música Colonial Mineira. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA JUIZ DE FORA, I, 1994. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1995, p. 71-75.

[250] CROWL JR; Harry Lamott. A Presença da Música Portuguesa no Brasil Colônia. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, I, 1994. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1995. p. 19-34.

[251] DIAS, Sergio. Música Colonial Brasileira. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA JUIZ DE FORA, I, 1994. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró- Música, 1995, p. 11-18.

[252] BRANDÃO, Domingos Sávio Lins. Música, estilo e sociedade colonial mineira. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, III, 1998. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1999. p. 53-69.

[253] MONTEIRO, Maurício. Uma introdução sobre a musicologia no Brasil (o caso da música colonial mineira). In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, III, 1998. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1999, p. 103-114.

[254] VIEGAS, Aluízio José. O teatro e a ópera no período colonial em São João-del-Rei. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, III, 1998. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1999, p. 258-270.

brasileira dos séculos XVIII e XIX"[255], no I encontro; Sérgio Dias (1998), "Por Uma Análise da Música Mineira Setecentista Através de Uma Nova Percepção das Suas Fontes"[256] no III Encontro; e, Clovis Salgado Gontijo, com o trabalho "Forma e estilo na música colonial brasileira e na música europeia dos séculos XVII e XVIII"[257], também no III Encontro. Encerram os textos levados a Juiz de Fora, a pesquisa na categoria Músico/compositor, de Olinto Rodrigues dos Santos Filho (1994), "Capitão Manoel Dias de Oliveira – parca documentação para uma longa vida"[258].

Contudo, ainda, temos na década mais três textos publicados em anais de eventos. O primeiro apresentado no Simpósio Latino-Americano de Musicologia, realizado em Curitiba, por José Maria Neves (1998) "Presença de Curt Lange"[259]; o segundo, que categorizamos de Estilo, exposto por Rubens Ricciardi (1997) "Motetos Bajulans e Populе Meus de Manoel Dias de Oliveira"[260] no X Encontro da ANPPOM em Goiânia, também inserido na categoria Estilo; e, o terceiro, categorizado como Edição musical, "Bajulans de Manoel Dias de Oliveira (1997). Estudo e edição de Rubens Ricciardi"[261], também apresentado no X Encontro da ANPPOM em Goiânia.

Outro formato que teve um aumento expressivo de produção na década de 1990 foi o de Revista/ Jornal, com dez artigos no total. Inseridos na categoria Estilo temos três trabalhos. De Sílvio Augusto Crespo Filho (1990), publicado na *Revista*

---

255 KATER, Carlos. Análise e música brasileira dos séculos XVIII e XIX. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA JUIZ DE FORA. I, 1994. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música de Juiz de Fora, 1995. p. 35-53.

256 DIAS, Sergio. Por Uma Análise da Música Mineira Setecentista Através de Uma Nova Percepção das Suas Fontes. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, III, 1998. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1999, p. 23-34.

257 GONTIJO, Clovis Salgado. Forma e estilo na música colonial brasileira e na música europeia dos séculos XVII e XVIII. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, III, 1998. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1999, p. 33-36.

258 SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. Capitão Manoel Dias de Oliveira – parca documentação para uma longa vida. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA JUIZ DE FORA. I, 1994. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música. 1995. p. 54-61.

259 NEVES, José Maria. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, I, 1998, Curitiba. *Anais*... Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1998. p. 14-18.

260 RICCIARDI, Rubens Russomanno. Moteto *Bajulans* e *Populе* Meus de Manoel Dias de Oliveira. In ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, X, 1997, Goiânia. *Anais*... ANPPOM, 1997. p. 275-284.

261 OLIVEIRA, Manoel Dias de. *Bajulans*. Estudo e edição de Rubens Ricciardi. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, X, 1997. Goiânia, *Anais*... ANPPOM, 1997. p. 281-282.

Música da Universidade de São Paulo – USP, "O Hinno a 4 de Marcos Coelho Netto"[262]. Agora, publicado na *Revista de Música Latino-Americana* da Universidade do Texas, a pesquisa de Guilherme Werlang (1991) "Estilo e personalidade na música do ciclo do ouro em Minas Gerais"[263]; e, por último o trabalho de Maurício Dottori (1992), "*Ut Rhetorica Música* – Análise do Moteto "*O vos omnes*" a dois coros de Manoel Dias de Oliveira"[264], publicado na *Revista Música* da USP.

Na última década do século XX ainda temos mais sete artigos que dividimos em três categorias. Na categoria Partituras/ manuscritos, encontramos três produções. A primeira, um trabalho de Paulo Castagna (1991), "O manuscrito de Piranga (MG)"[265], publicado na *Revista Música* da ECA- USP. Publicado na mesma revista, registramos o artigo "A Antífona Virgo Prudentíssima de Francisco Gomes da Rocha"[266], por Sílvio Augusto Crespo Filho (1993). Quanto ao terceiro trata-se de um artigo também de Paulo Castagna (1993) sob o título "Um manuscrito musical brasileiro para os impropérios da "Adoração da Cruz" de Sexta-Feira Santa"[267], publicado na *Revista ARTEunesp*. Mudando agora para a categoria Reflexões críticas temos um artigo de Fernando Binder e Paulo Castagna (1996) sob o título "A Teoria musical no Brasil: 1734-1854"[268]. Encerram os artigos publicados, na década de 1990 em revista, mais três textos, agora na categoria História/ sociedade. Com o título "Irmandades e ritual em Minas Gerais durante o Período Colonial: o Triunfo Eucarístico de 1733"[269], uma produção de Maria Alice Volpe (1997), publicado na *Revista Música* ECA-USP. Reeditado por Régis Duprat (1999) "O estanco da música

---

[262] CRESPO FILHO, Sílvio Augusto. O Himno a 4 de Marcos Coelho Netto – Uma Análise. *Revista Música.* São Paulo, v. 1, n. 2, p. 69-78, 1990.
[263] WERLANG, Guilherme. *Estilo e personalidade na música do ciclo do ouro em Minas Gerais*. In: *Latin American Music Review.* v. 12, nº.2, Autumn-Winter. University of Texas Press, 1991.
[264] DOTTORI, Mauricio. Ut Rhetorica Música – Análise do Moteto "O vos omnes" a dois coros de Manoel Dias de Oliveira. *Revista Música*, São Paulo, vol.3, n.1. p. 53-69, 1992.
[265] CASTAGNA, Paulo. O manuscrito de Piranga (MG). *Revista Música*, São Paulo, Departamento de Música da ECA-USP, v.2, n.2, p. 116-133, 1991.
[266] CRESPO FILHO, Sílvio Augusto. A Antífona Virgo Prudentíssima de Francisco Gomes da Rocha. In*: Revista Música*, São Paulo, v. IV, nº2., p. 131-15, 1993.
[267] CASTAGNA, Paulo. Um manuscrito musical brasileiro para os impropérios da "Adoração da Cruz" de Sexta-Feira Santa. *ARTEunesp*, São Paulo, n.12, p. 75-105, 1996.
[268] BINDER, Fernando; CASTAGNA, Paulo. Teoria musical no Brasil: 1734-1854. *Revista Eletrônica de Musicologia*, Curitiba, vol. 1, nº2, 1996
[269] VOLPE, Maria Alice. Irmandades e ritual em Minas Gerais durante o Período Colonial: o Triunfo Eucarístico de 1733. *Revista Música*, São Paulo, v. 8, n. 1/2, p. 5-55, 1997.

no Brasil Colonial"[270], publicado na *Revista Labirinto e nós*: imagem ibérica em terras da América. E, de José Maria Neves (1999), "Arte, artesanato e tradição oral na música colonial brasileira"[271], publicado na Arte *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Ainda nessa década, de 1990, encontramos o célebre artigo de Curt Lange, publicado em espanhol em 1946, agora em português, "A música em Minas Gerais: um informe preliminar"[272], disponibilizado como um anexo, no livro de Rui Mourão (1990), *O Alemão que descobriu a América*.

Cinco são os livros publicados. Categorizado como Acervo/ arquivo/ fonte, organizado por Régis Duprat e Carlos Alberto Baltazar (1991), o livro "*Acervo de manuscritos musicais*: Coleção Francisco Curt Lange Volume I – Compositores mineiros dos séculos XVIII e XIX"[273]. Na categoria Estilo "A Originalidade da Música Mineira do Período Colonial"[274] de Sérgio Dias (1996). E inserido na categoria Partituras/ manuscritos dois textos de José Maria Neves (1997a; 1977b). O primeiro "Catálogo de obras Música Sacra Mineira"[275]; e, o segundo "*Música sacra mineira*: seleção de partituras"[276]. Encerram os livros publicados na década, "Música do Brasil Colonial (II)"[277], organizado por Régis Duprat (1999) com a coordenação técnica de Carlos Alberto Baltazar.

Por fim, completam os 39 trabalhos que levantamos na década de 1990, a coleção de vídeos de Ricardo Kanji, Ricardo Maranhão, Paulo Castagna e Reinaldo

---

[270] DUPRAT, Régis. O estanco da música no Brasil Colonial*. In*: Neide Marcondes e Manoel Belloto (orgs.). *Labirintos e nós: imagem ibérica em terras da América*, São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 1999. p. 53-74.

[271] NEVES, José Maria. Arte, artesanato e tradição oral na música colonial brasileira. *Arte - Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. TRAVASSOS, Elizabeth (Org.). Rio de Janeiro – IPHAN. nº 28. p. 174-197. 1999.

[272] LANGE, Francisco Curt. A música em Minas Gerais: um informe preliminar. In: MOURÃO, Rui. *O Alemão que descobriu a América*. Belo Horizonte: Itatiaia. Anexo, 1990, p. 99-179.

[273] DUPRAT, Régis; BALTAZAR, Carlos Alberto (Org.). *Acervo de manuscritos musicais*: *Coleção Francisco Curt Lange. Volume I – Compositores mineiros dos séculos XVIII e XIX*. Museu da Inconfidência. Acervo de Manuscritos Musicais, Coleção Francisco Curt Lange. Belo Horizonte, Ouro Preto, Ed. da UFMG, 1991.

[274] DIAS, Sergio. (Org.). *A Originalidade da Música Mineira do Período Colonial*. Rio de Janeiro: Inédito, 1996. 267p.

[275] NEVES, José Maria. (Org.). *Catálogo de obras Música Sacra Mineira*. 1. ed. v. 01. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1997.

[276] NEVES, José Maria. *Música sacra mineira: seleção de partituras*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997. v. 1. 319p.

[277] DUPRAT, Régis. *Música do Brasil Colonial (II)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 1999a.

Volpato (1999), integrado por dez volumes disponíveis na internet, intitulada "História da música brasileira"[278]

Isso posto, podemos afirmar que a década de 1990 foi fecunda em quantidade de títulos apresentados, de 19 na década de 1980 para 39, bem como das categorias de sua inserção. Salientando que não consideramos uma categoria mais importante do que a outra, mas como um indicativo da ênfase de cada título analisado consideramos que o fato de termos inserido três produções na categoria reflexões críticas se deve ao fato de termos considerado que esses trabalhos extrapolam a categoria história/ sociedade, ou seja, se trata de uma ampliação dos interesses de pesquisa da área. Essa ampliação é verificada também na categoria Partituras/ manuscritos que publicou dois livros e três artigos acerca de manuscritos do período; e, as categorias Acervo/ Arquivo/ Fonte e Catálogo/ Edição musical recebem um trabalho cada, sendo que na década anterior, não tiveram trabalhos que se enquadrassem nas mesmas. Evidencia-se, também, a consolidação da inserção da pesquisa na pós-graduação brasileira, com a apresentação de oito defesas de dissertação de mestrado. Percebemos, ainda, uma apropriação, por parte dos musicólogos de abordagem histórica de espaço em eventos científicos, caso da apresentação de trabalhos da disciplina no VI (1993) e X (1997) Encontros da ANPPOM, e no I Simpósio Latino-americano de musicologia (1998), bem como da criação de espaços específicos, como o I (1994) e III (1998) Encontros de musicologia histórica de Juiz de Fora. Outra evidência é o aumento expressivo de trabalhos publicados em revistas das pós-graduações, com destaque para a *Revista Música* ECA/ USP. Por fim, entendido por nós como uma iniciativa para aproximação com as graduações em música bem como a democratização do acesso às informações acerca do período, a constatação da elaboração de vídeos de alta qualidade sobre a música no período colonial mineiro e sua posterior vinculação via internet.

---

[278] KANJI, Ricardo; MARANHÃO, Ricardo; CASTAGNA, Paulo; VOLPATO, Reinaldo. História da música brasileira. São Paulo: Telebrás, Cepec, Frontlog, Vídeo. 10v. 1999.

1.6 Produção bibliográfica da década de 2000

Quadro 15 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 2000 (2000-2002)

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato								Categoria								Publicação						Acesso on-line	
					Mimeog./ Xerox / Apostila	Anais de Evento científico	Artigo revista/ Jornal	C. de Livro	Livro	Vídeo/ CD	Dissertação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Catálogo/ Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Músico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Encontro/ Seminário/ Congr.	Jornal/ Avulso	Sim	Não
1	2000	2000	CASTAGNA, Paulo	O estilo antigo na prática musical religiosa paulista e mineira dos séculos XVIII e XIX.								1	1									1					1	
2			CASTAGNA, Paulo	Imprecisões do termo "música colonial".			1													1		1					1	
3			COTTA, André Guerra	O Tratamento da Informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros							1				1							1					1	
4			DUPRAT, Régis	O estanco da música no Brasil colonial			1							1									1				1	
5			NEVES, José. Maria (a)	Música Sacra Mineira: Biografias, estudos e partituras					1									1					1					1
6			NEVES, José Maria (b)	A música religiosa no Brasil colonial		1								1											1			1
7			RICCIARDI, Rubens Russomano	Manuel D. de O., um compositor brasileiro dos tempos coloniais – part. e documentos.								1							1			1					1	
8			RICCIARDI, Rubens Russomano	Manuel Dias de Oliveira: esboço biográfico e a partitura de "Eu vos adoro		1													1						1			1
9		2001	CASTAGNA, Paulo	Estilo antigo e estilo moderno na música antiga latino-americana.				1					1											1			1	
10			CASTAGNA, Paulo	O 'estilo antigo' no Brasil, nos séculos XVIII e XIX		1							1												1		1	
11			DE PAULA, Rodrigo Teodoro.	Música e Representação nas Cerimônias de Morte: [...] Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX.		1								1											1		1	
12			DUPRAT, Régis	A Música Sacra no Brasil Colonial e Imperial			1							1									1					1
13		2002	CASTAGNA, Paulo.	As claves altas na prática musical religiosa paulista e mineira dos séculos XVIII e XIX.			1						1									1					1	
14			CASTAGNA, Paulo.	Sábado Santo: Restauração e Difusão de Partituras. [Matinas do Sábado Santo de [...] Lobo de Mesquita)					1									1						1				1
15			COTTA, André Guerra	Para além das barras duplas: [...]sobre as práticas musicais nas novenas dos séculos XVIII e XIX			1							1										1			1	
16			DIAS, Sérgio	Considerações sobre a originalidade da música mineira setecentista		1							1												1			1
17			DUPRAT, R.; BIASON, M. A.	Acervo de manuscritos musicais: coleção Francisco Curt Lange: compositores anônimos					1									1				1					1	
18			FAGERLANDE, Marcelo	O Baixo contínuo no Brasil: A Contribuição dos tratados em língua portuguesa.								1	1									1						1
19			JUNQUEIRA GUIMARÃES, Maria Inês	O Catálogo Temático da obra de Lobo de Mesquita		1										1									1			1
20			MIRANDA, Daniela	Músicos de Sabará: a pratica musical religiosa a serviço da câmara (1749-1822).							1			1								1					1	
21			NEVES, José Maria	Música Sacra Mineira: biografia, estudos e partituras.					1					1									1					1
De 2000 a 2002						6	5	1	4		2	3	6	7	1	1		3	2	1		8	4	3	6		12	9

Fonte: MODESTO FONSECA (2013); DE ULHÔA (2021)

Quadro 16 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 2000 (2003-2006)

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato								Categoria								Publicação						Acesso on-line	
					Mimeog./ Xerox / Apostila	Anais de Evento científico	Artigo revista/ Jornal	C. de Livro	Livro	Vídeo/ CD	Dissertação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Catálogo/ Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Músico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Encontro/ Seminário/ Congr.	Jornal/ Avulso	Sim	Não
1	2000	2000	CASTAGNA, Paulo	O estilo antigo na prática musical religiosa paulista e mineira dos séculos XVIII e XIX.								1	1									1					1	
2			CASTAGNA, Paulo	Imprecisões do termo "música colonial".			1													1		1					1	
3			COTTA, André Guerra	O Tratamento da Informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros							1				1							1					1	
4			DUPRAT, Régis	O estanco da música no Brasil colonial			1							1									1				1	
5			NEVES, José. Maria (a)	Música Sacra Mineira: Biografias, estudos e partituras					1									1					1					1
6			NEVES, José Maria (b)	A música religiosa no Brasil colonial		1								1										1				1
7			RICCIARDI, Rubens Russomano	Manuel D. de O., um compositor brasileiro dos tempos coloniais – part. e documentos.								1							1			1					1	
8			RICCIARDI, Rubens Russomano	Manuel Dias de Oliveira: esboço biográfico e a partitura de "Eu vos adoro		1													1					1				1
9		2001	CASTAGNA, Paulo	Estilo antigo e estilo moderno na música antiga latino-americana.				1					1											1			1	
10			CASTAGNA, Paulo	O 'estilo antigo' no Brasil, nos séculos XVIII e XIX		1							1												1		1	
11			DE PAULA, Rodrigo Teodoro.	Música e Representação nas Cerimônias de Morte: [...] Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX.		1								1											1		1	
12			DUPRAT, Régis	A Música Sacra no Brasil Colonial e Imperial			1							1									1					1
13		2002	CASTAGNA, Paulo.	As claves altas na prática musical religiosa paulista e mineira dos séculos XVIII e XIX.			1						1									1					1	
14			CASTAGNA, Paulo.	Sábado Santo: Restauração e Difusão de Partituras. [Matinas do Sábado Santo de [...] Lobo de Mesquita)					1									1						1				1
15			COTTA, André Guerra	Para além das barras duplas: [...]sobre as práticas musicais nas novenas dos séculos XVIII e XIX			1							1										1			1	
16			DIAS, Sérgio	Considerações sobre a originalidade da música mineira setecentista		1							1												1			1
17			DUPRAT, R.; BIASON, M. A.	Acervo de manuscritos musicais: coleção Francisco Curt Lange: compositores anônimos					1									1				1					1	
18			FAGERLANDE, Marcelo	O Baixo contínuo no Brasil: A Contribuição dos tratados em língua portuguesa.								1	1									1						1
19			JUNQUEIRA GUIMARÃES, Maria Inês	O Catálogo Temático da obra de Lobo de Mesquita		1										1									1			1
20			MIRANDA, Daniela	Músicos de Sabará: a pratica musical religiosa a serviço da câmara (1749-1822).							1			1								1					1	
21			NEVES, José Maria	Música Sacra Mineira: biografia, estudos e partituras.					1					1									1					1
De 2000 a 2002						6	5	1	4		2	3	6	7	1	1		3	2	1		8	4	3	6		12	9

Fonte: MODESTO FONSECA (2013) DE ULHÔA (2021)

Quadro 17 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 2000 (2007-2009)

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato								Categoria								Publicação						Acesso on-line	
					Mimeog./ Xerox / Apostila	Anais de Evento científico	Artigo revista/ Jornal	C. de Livro	Livro	Vídeo/ CD	Dissertação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Músico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Encontro/ Seminário/ Cong.	Jornal/ Avulso	Sim	Não
43	2000	2007	BÉHAGUE, Gérard.	Música" barrôca" mineira: problemas de fontes e estilística			1						1									1					1	
44			CASTAGNA, Paulo (coord.).	Patrimônio Arquivístico-Musical Mineiro						1					1								1					1
45			LEONI, Aldo Luiz	Os que vivem da arte da música: Vila Rica, século XVIII							1			1								1					1	
46			MAGALHÃES, Beatriz Castro	Pesquisa musicológica do espaço colonial brasileiro: [...] desenvolvimento no espaço contemporâneo.			1													1		1					1	
47			PIRES, Sérgio Macedo	A edição crítica do Te Deum mais conhecido de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita			1									1						1						1
48		2008	BIASON, Mary. Angela	Os músicos e seus manuscritos			1											1				1					1	
49			CASTAGNA, Paulo.	Avanços e perspectivas na musicologia histórica brasileira			1							1								1					1	
50			JUNQUEIRA GUIMARÃES, Maria Inês	"José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita				1											1				1					1
51			MACHADO NETO, Diosnio	Administrando a festa: Música e Iluminismo no Brasil colonial							1			1								1						1
52			MORESTZOHN, Julio Cesar	As missas de J.J. Emerico Lobo de Mesquita: um estudo estilístico								1	1									1						1
53		2009	CUSICK, Suzanne	Gênero e música barroca			1													1		1					1	
De 2007 a 2009							6	1		1	2	1	2	3	1	1		1	1	2		8	2				6	5
De 2000 a 2002						6	5	1	4		2	3	6	7	1	1		3	2	1		8	4	3	6		12	9
De 2003 a 2006					1	11	1	2	3		3		4	3		2		1	6	5	1	4	1	4	11		7	14
Total da Produção					1	17	12	4	7	1	7	4	12	13	2	4		5	9	8	1	21	7	7	17		25	28

Fonte: MODESTO FONSECA (2013); DE ULHÔA (2021)

Chegamos à década de 2000. Três quadros foram necessários para o registro da produção da década. No Quadro 15 estão registrados os anos 2000 - 2002, Quadro 16 as produções de 2003 a 2006 e finalmente o Quadro 17 os trabalhos de 2007 a 2009. Ao analisarmos a produção da década é evidente um crescimento quantitativo dos trabalhos acerca da música no período colonial mineiro. De 39 produções na década de 1990, chegamos a 53 na década de 2000. Um crescimento de 36,89 % (trinta e seis vírgula oitenta e nove por cento). Contudo, esse crescimento à exceção das teses de doutorado que são defendidas em 2000, ao contrário da década de 1990 que não conta com nenhuma defesa de tese, seguem as tendências da década anterior, ou seja, de consolidação da inserção do tema música no período colonial mineiro na pós-graduação das instituições públicas de ensino superior do país. Chegamos a essa conclusão diante das defesas de sete dissertações e quatro teses, encontradas na década, bem como da participação de pesquisadores com seus trabalhos, em eventos científicos correlacionados ao tema, e a consequente publicação de seus anais. Consideramos pertinente salientar que os anos de 2007, 2008 e 2009 não se verifica a participação da disciplina em nenhum evento de cunho científico o que certamente pode ter falsamente indicado que a década foi menos frutífera em sua produção, uma vez que são nesses eventos que ocorrem a circulação de informações, a promoção de debates e a troca de experiência, bem como é dada publicidade às pesquisas realizadas. No entanto, os anos anteriores foram muito prolíferos na participação de eventos, conforme poderá ser constatado ao longo desta seção. Outra categoria que detalharemos, mais adiante, que teve um crescimento expressivo foi a categoria Artigos de Revista/ jornal. De dez trabalhos na década de 1990, para 13 trabalhos na década de 2000, sendo verificado também a diversificação de revistas ligadas às pós-graduações. Consideramos, ainda como um diferencial da década a ampliação das pesquisas com foco na música do período, havendo, inclusive o primeiro estudo da área sob a perspectiva de gênero. É verificada uma expressiva publicação de títulos e de partituras frutos de pesquisas em acervos e manuscritos, como resultado das discussões do seu estilo, da análise crítica de edições musicais ou da restauração. Ademais a identificação das características estilísticas da música é muito discutida sendo por nós percebido dois grupos de análise: as que procuram identificar os elementos internos da música setecentista mineira e as que buscam apontar similaridade de elementos e

influências da música europeia coetânea na produção musical do período colonial. Também consideramos por bem salientar o incentivo de autarquias governamentais como o Museu da Inconfidência, bem como do Arcebispado de Mariana, por intermédio da FUNDARQ à pesquisa arquivística e à organização e publicização de seus acervos, particularmente as partituras e manuscritos. Por fim, nos chamou a atenção a proliferação de trabalhos (nove ou 16,98 %), realizados por diferentes pesquisadores e sob vários olhares acerca da música de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita.

Iniciemos a análise dos dados, pelas teses e dissertações. Poderemos observar que tais defesas são realizadas inicialmente em área afins à música para posteriormente serem defendidas pelos programas de pós-graduação dos departamentos de música das instituições públicas de ensino superior.

Sete são as dissertações de mestrado defendidas na década. Inserida na categoria Acervo/ arquivo/ fonte, temos a dissertação de André Guerra Cotta (2000) com o título "O Tratamento da Informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros"[279] Defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Escola de Biblioteconomia da UFMG, está disponível no Repositório da instituição. Na mesma universidade, só que da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas por meio do seu Departamento de História temos, dois anos depois, a dissertação de Daniela Miranda (2002), inserida na categoria História/ sociedade, intitulada "Músicos de Sabará: a prática musical religiosa a serviço da câmara (1749-1822)"[280]. Em 2004 junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, defende a sua dissertação intitulada "Música e Brasil – Uma interpretação histórica dos primeiros usos do barroco"[281],

---

[279] COTTA, André Guerra. *O Tratamento da Informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros*. Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2000, 293f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação. Escola de Biblioteconomia. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Belo Horizonte, 2000.

[280] MIRANDA, Daniela. *Músicos de Sabará: a prática musical religiosa a serviço da câmara (1749-1822)*. Belo Horizonte. 2002. 168 p. Dissertação Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História. Universidade Federal de Minas Gerais.

[281] REMIÃO, Cláudio Roberto Dornelles. Cláudio. *Música e Brasil – uma interpretação histórica dos primeiros usos do barroco*. Rio Grande do Sul, 2004. 157f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

Cláudio Roberto Dornelles Remião (2004). Já no ano de 2006, duas foram as dissertações defendidas junto à Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerias – UFMG. A primeira, na categoria Estilo, a dissertação de Robson Bessa Costa (2006), "O baixo contínuo no Officio de Defuntos de Lobo de Mesquita"[282]. A segunda, da categoria Reflexões críticas, "Música e Representação nas Cerimônias de Morte em Minas Gerais (1750-1827) - Reflexões para o estudo da memória sonora na festa"[283], defendida por Rodrigo Teodoro de Paula (2006). Encerram os mestrados da década de 2000 duas dissertações. A primeira, muito citada na bibliografia, de Aldo Luiz Leoni (2007), "Os que vivem da arte da música: Vila Rica, século XVIII"[284], inserida na categoria História/ sociedade, defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, disponível on-line no repositório da Universidade. A segunda, com o título ". Administrando a festa: Música e Iluminismo no Brasil colonial"[285], defendida na Escola de Comunicação e Artes – ECA, da Universidade de São Paulo – USP, por Diósnio Machado Neto (2008).

Mas é a intensificação das defesas de teses de doutorado um dos diferenciais da década. Três delas classificadas na categoria Estilo. De Paulo Castagna (2000), "O estilo antigo na prática musical religiosa paulista e mineira dos séculos XVIII e XIX"[286], pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - USP; de Marcelo Fagerlande (2002), "O Baixo contínuo no Brasil: A Contribuição dos tratados em língua portuguesa"[287], defendida junto à

---

[282] COSTA, Robson Bessa. *O baixo contínuo no Officio de Defuntos de Lobo de Mesquita*. Belo Horizonte, 2006, 171 f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

[283] DE PAULA, Rodrigo. *Música e Representação nas Cerimônias de Morte em Minas Gerais (1750-1827)* - Reflexões para o estudo da memória sonora na festa. Belo Horizonte, 2006, 157f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2006.

[284] LEONI, Aldo Luiz. LEONI, Aldo Luiz. *Os que vivem da arte da música*: Vila Rica, século XVIII. Campinas, 2007. 185f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2007.

[285] MACHADO NETO, Diósnio. *Administrando a festa: Música e Iluminismo no Brasil colonial*. 2008, 470f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Comunicação e Artes – ECA, Universidade de São Paulo – USP, 2008.

[286] CASTAGNA, Paulo. *O estilo antigo na prática musical religiosa paulista e mineira dos séculos XVIII e XIX*. São Paulo, 3v. 989f. 2000, Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2000a.

[287] FAGERLANDE, Marcelo. *O Baixo contínuo no Brasil:* A Contribuição dos tratados em língua portuguesa. Rio de Janeiro, 2002, 221 f. Tese (Doutorado em Música). Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO, 2002.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; e, por Júlio Moretzsohn (2008), com o título "As Missas de J. J. Emerico Lobo de Mesquita - um estudo analítico e estilístico"[288]. Completa a listagem das teses da década a pesquisa de Rubens Russomanno Ricciardi (2000), na categoria Músico/ compositor, com o título "Manuel Dias de Oliveira, um compositor brasileiro dos tempos coloniais – partituras e documentos"[289].

Destaque também deve ser dado aos trabalhos apresentados em eventos científicos. Com 17 produções, três a mais que na década de 1990, encontramos textos publicados acerca da música no período colonial mineiro, nas edições, IV (2000), V (2002), VI (2004), e VII (2006), do Encontro de Musicologia Histórica de Juiz de Fora; nos XIII (2001) e XVI (2006) Congressos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música – ANPPOM; no I Colóquio Brasileiro de Arquivologia e Edição Musical (2003); no 7º Colóquio de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Música da UFRJ (2007); e, em Lisboa, no I Colóquio Internacional da Música no Brasil Colonial, e na XXI Jornada *Gulbenkian* de Música Antiga.

Inseridos na categoria Edição musical estão os trabalhos de Carlos Alberto Figueiredo (2006) A estemática e a edição de obras brasileiras do século XVIII e XIX"[290]; bem como o de Sérgio Macedo Pires (2007), "A edição crítica do Te Deum mais conhecido de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita"[291]; e, por último Paulo Castagna (2004) "Níveis de organização na música religiosa católica dos séculos XVIII e XIX: implicações arquivísticas e editoriais"[292].

---

[288] MORETZSOHN, Júlio. *As Missas de J. J. Emerico Lobo de Mesquita* - um estudo analítico e estilístico. Rio de Janeiro, 2008. 651f. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO, 2008.

[289] RICCIARDI, Rubens Russomanno. *Manuel Dias de Oliveira, um compositor brasileiro dos tempos coloniais – partituras e documentos*. São Paulo, 2000, 142f. Tese (Doutorado em Música). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2000.

[290] FIGUEIREDO, Carlos Alberto. A estemática e a edição de obras brasileiras do século XVIII e XIX. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, VI, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004. p. 101-124.

[291] PIRES, Sérgio Macedo. A edição crítica do Te Deum mais conhecido de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. In: COLÓQUIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UFRJ, 7º, Rio de Janeiro. *Anais* ... Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

[292] CASTAGNA, Paulo. Níveis de organização na música religiosa católica dos séculos XVIII e XIX: implicações arquivísticas e editoriais. In: COLÓQUIO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA E EDIÇÃO MUSICAL, I, Mariana (MG), Julho, 2003. *Anais*... Mariana: Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, 2004. p. 79-104.

Os trabalhos inseridos na categoria Estilo são quatro. Iniciemos pelo trabalho de Paulo Castagna (2001) "O 'estilo antigo' no Brasil, nos séculos XVIII e XIX"[293]. Em seguida, de autoria de Sérgio Dias (2002) "Considerações sobre a originalidade da música mineira setecentista"[294]. Dois anos depois Edmundo Hora (2004), apresenta "O que podemos compreender a partir da ornamentação do Adagio da Sonata "Sabará"[295]. Encerra essa categoria, o artigo de Edilson Assunção Rocha (2006) "A missa grande de Antônio dos Santos Cunha: influência operística na obra de um compositor colonial mineiro"[296].

Passemos agora para os artigos inseridos na categoria História/sociedade. Totalizam três artigos nesta categoria. O primeiro é de autoria de José Maria Neves (2000), "A música religiosa no Brasil colonial"[297]; seguido pelo de Rodrigo Teodoro de Paula (2001), "Música e Representação nas Cerimônias de Morte: Perspectivas para uma abordagem da música religiosa em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX"[298]; e, finalizando o artigo "Perspectivas para o estudo da ópera e teatro musical no Brasil do período colonial ao primeiro reinado"[299] do pesquisador Rogério Budasz (2006).

---

[293] CASTAGNA, Paulo. O estilo antigo no Brasil, nos séculos XVIII e XIX. COLÓQUIO INTERNACIONAL A MÚSICA NO BRASIL COLONIAL, I, Lisboa, 2000. *Anais*... Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 171-215.

[294] DIAS, Sérgio. Considerações sobre a originalidade da música mineira setecentista. IN: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, IV, 2000. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2002. p. 143-172

[295] HORA, Edmundo. O que podemos compreender a partir da ornamentação do Adagio da Sonata "Sabará". IN: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, V, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2004. p. 298-307.

[296] ROCHA, Edilson Assunção. A missa grande de Antônio dos Santos Cunha: influência operística na obra de um compositor colonial mineiro. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XVI, 2006, Brasília. *Anais*... ANPPOM, 2006. p. 1003-1008.

[297] NEVES, José Maria. A música religiosa no Brasil colonial. In: JORNADAS GULBENKIAN DE MÚSICA ANTIGA, XXI, 2000, Lisboa. *Anais*... Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000b. p. 186-196.

[298] DE PAULA, Rodrigo Teodoro. *Música e Representação nas Cerimônias de Morte*: Perspectivas para uma abordagem da música religiosa em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. In. ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XIII, 2001, Belo Horizonte. *Anais....* ANPPOM, v. II, p. 455-461.

[299] BUDASZ, Rogério. Perspectivas para o estudo da ópera e teatro musical no Brasil do período colonial ao primeiro reinado. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, VI, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004. p. 22-37.

Na categoria Edição musical encontramos o trabalho de Maria Inês Junqueira Guimarães (2002), com o título "O Catálogo temático da obra de Lobo de Mesquita"[300].

Quatro são os artigos, apresentados em eventos científicos, que inserimos na categoria Músico/ compositor. Rubens Russomanno Ricciardi (2000) abre a categoria com o artigo "Manuel Dias de Oliveira: esboço biográfico e a partitura de 'Eu vos adoro'."[301]. Já Paulo Castagna (2004; 2004), apresenta dois trabalhos nessa categoria. O primeiro, "Pesquisas iniciais sobre os mestres da capela diocesanos no Bispado de Mariana (1748-1832)"[302]. O segundo, "Uma análise paleo arquivística da relação de obras do arquivo musical de Florêncio José Ferreira Coutinho"[303]. Finaliza o subgrupo Aluízio José Viegas (2004) que apresenta o trabalho "O inventário de um músico são-joanense do século XVIII: Lourenço José Fernandes Braziel"[304].

Conclui a relação de artigos de eventos científicos da década de 2000, três trabalhos inseridos na categoria Reflexões críticas. O primeiro, "O Canto da Verônica nas cidades históricas mineiras: um estudo de literatura musical comparada"[305], de Maria da Consolação Anunciação (2004). O segundo é de autoria de Daniela Miranda (2004) sob o título "Músicos de Sabará: a música religiosa a serviço da Câmara

---

[300] GUIMARÃES, Maria Inês. O Catálogo Temático da obra de Lobo de Mesquita. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, IV, 2002. *Anais*... Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2002., p. 173-190.

[301] RICCIARDI, Rubens Russomanno. Manuel Dias de Oliveira: esboço biográfico e a partitura de "Eu vos adoro". *COLÓQUIO INTERNACIONAL A MÚSICA NO BRASIL COLONIAL*, *I*, Lisboa, 2000. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 235-292.

[302] CASTAGNA, Paulo. Pesquisas iniciais sobre os mestres da capela diocesanos no Bispado de Mariana (1748-1832). In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, V, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004a. p. 55-76.

[303] CASTAGNA, Paulo. Uma análise paleo arquivística da relação de obras do arquivo musical de Florêncio José Ferreira Coutinho. ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, VI, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004c. p. 38-84.

[304] VIEGAS, Aluízio José. O inventário de um músico são-joanense do século XVIII: Lourenço José Fernandes Braziel. ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, VI, 2004. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2006. p. 258-270.

[305] ANUNCIAÇÃO, Maria da Consolação. O Canto da Verônica nas cidades históricas mineiras: um estudo de literatura musical comparada. IN: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, V, 2002. Anais... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004, p. 188-197.

(1749-1822)"[306].O terceiro, de Handel Cecilio Pinto de Silva (2006), "O órgão setecentista de Diamantina: em busca da identidade deste instrumento"[307].

Outra constatação sobre a década é a manutenção, em comparação com a década anterior, das possibilidades de difusão da pesquisa em música por meio da publicação em revistas especializadas. Salientado que citamos somente os periódicos ligados a pesquisa bibliográfica, estão presentes as revistas vinculadas a instituições públicas de ensino superior, a *Per Musi* da UFMG, *Universitas* da UFBA, *Revista do Conservatório de Música da Universidade Federal de Pelotas* – UFPel, *Música em Contexto* da UNB, *Labirinto entre Nós*: imagem ibérica em terras americanas da UNESP. Encontramos também revistas ligadas a instituição de ensino particular, a *Revista Pretexto* da FUMEC – BH; e, a órgãos governamentais, a *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* – IPHAN; bem como as vinculadas a organizações particulares como a *Revista Opus Brasilienses* de Juiz de Fora e *Música Hoje* de Belo Horizonte.

Retomemos a apresentação dos trabalhos por categoria. De um total de 11 artigos, dois são os publicados em revistas na categoria Estilo, o de Paulo Castagna (2002) "As claves altas na prática musical religiosa paulista e mineira dos séculos XVIII e XIX"[308]; e, de Gérard Béhague (2007) "Música 'barroca' mineira: problemas de fontes e estilística"[309].

Já na categoria História / sociedade são cinco os artigos inseridos. Assina o primeiro e segundo artigos Régis Duprat (2000; 2001), "O estanco da música no Brasil colonial"[310], seguido de "A Música Sacra no Brasil Colonial e Imperial"[311]. O

---

[306] MIRANDA, Daniela. Músicos de Sabará: a música religiosa a serviço da Câmara (1749-1822). In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, V, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004. p. 308-321.

[307] SILVA, Handel Cecilio Pinto de. O órgão setecentista de Diamantina: em busca da identidade deste instrumento. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXI, 2006, Brasília. *Anais*... ANPPOM, 2006, p. 579 – 586.

[308] CASTAGNA, Paulo. As claves altas na prática musical religiosa paulista e mineira dos séculos XVIII e XIX. *Per Musi*. Belo Horizonte, v.3, 2002a. p. 27-42.

[309] BÉHAGUE, Gérard. Música "barroca" mineira: problemas de fontes e estilística. *Universitas,* Universidade Federal da Bahia. n. 2, p. 131, 2007.

[310] DUPRAT, Régis. O estanco da música no Brasil colonial. In: MARCONDES, Neide; BELLOTO, Manoel (orgs.). *Labirinto e Nós: imagem ibérica em terras da América*. São Paulo: Editora da Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999b. p. 53-74.

[311] DUPRAT, Régis. A Música Sacra no Brasil Colonial e Imperial. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 29, p. 243-255, 2001.

terceiro, "Para além das barras duplas: uma reflexão preliminar sobre às práticas musicais nas novenas dos séculos XVIII e XIX"[312] é de responsabilidade de André Guerra Cotta (2002). O quarto de Renato Somberg Moisés Luna (2005), com o artigo "Breve História da música antiga em Minas Gerais"[313] Finaliza a lista de artigos da categoria "Avanços e perspectivas na musicologia histórica brasileira"[314] de autoria de Paulo Castagna (2008).

Mary Angela Biason (2008) escreve o único artigo da categoria Partituras/ manuscritos, com o título "Os músicos e seus manuscritos"[315]. Finalizando o formato Artigos de revista/ jornal na categoria Reflexões críticas nos deparamos com três artigos. De Paulo Castagna (2000b) o artigo "Imprecisões do termo "música colonial"[316]. De Beatriz Castro Magalhães (2007) com o trabalho "Pesquisa musicológica do espaço colonial brasileiro: perspectivas ideológicas e mercadológicas do seu desenvolvimento no espaço contemporâneo"[317]. E por fim de Suzanne Cusick (2009), "Gênero e música barroca"[318].

A década conta ainda com a publicação de capítulos de livro. O quádruplo dos artigos publicados na década anterior, 1990, a década de 2000 vê publicados quatro capítulos de livro. Da categoria Estilo o capítulo de Paulo Castagna (2001) "Estilo antigo e estilo moderno na música antiga latino-americana"[319]. Da categoria Músico/ compositor de Maria Inês Junqueira Guimarães (2008) o capítulo "José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita"[320]; o capítulo de Rubens Russomanno Ricciardi

---

[312] COTTA, André Guerra. Para além das Barras Duplas: uma reflexão preliminar sobre às práticas musicais nas novenas do século XVIII e XIX. *Revista Música Hoje*, Niterói: Universidade Federal Fluminense – UFF. 2002.

[313] LUNA, Renato Somberg Moisés. Breve História da música antiga em Minas Gerais. *Revista Pretexto*. Belo Horizonte: FUMEC, V.6, n.1, p. 33-44. 2005.

[314] CASTAGNA, Paulo. Avanços e perspectivas na musicologia histórica brasileira. *Revista do Conservatório de Música da Universidade Federal de Pelotas - UFPeL*, Pelotas, n. 1, p. 32 – 57, 2004d.

[315] BIASON, Mary. Angela. Os músicos e seus manuscritos. *Per Musi*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. n.18, p. 17-27, 2008.

[316] CASTAGNA, Paulo. Imprecisões do termo "música colonial". *Opus Brasiliensis*, Juiz de Fora, ano 2, n. 2, p. 9, 2º semestre de 2000b.

[317] MAGALHÃES, Beatriz Castro. Pesquisa musicológica do espaço colonial brasileiro: perspectivas ideológicas e mercadológicas do seu desenvolvimento no espaço contemporâneo. *Música em Contexto*, Universidade de Brasília – UNB. 1, p. 73-89. 2007.

[318] CUSICK, Suzanne. Gênero e música barroca. *Per Musi*, Belo Horizonte, 20: p. 7-15 2009.

[319] CASTAGNA, Paulo. Estilo antigo e estilo moderno na música antiga latino-americana. In: SEKEFF, Maria de Lourdes. *Arte e Cultura: Estudos interdisciplinares.* São Paulo: Annablume, 2001.

[320] GUIMARÃES, Maria Inês. José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. In: *José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita*. CASTAGNA, Paulo (coord.). Pesquisa musicológica, edição e comentários Carlos Alberto

(2006) "Florêncio José Ferreira Coutinho e a Sexta-Feira Maior de Manhã"[321]. Por último, na categoria Reflexões críticas o capítulo de Maurício Monteiro (2006), "Na esfera dos limites, no círculo das articulações da Música em Minas colonial"[322].

Relembrando que na década de 1990 foram publicados cinco livros, na década de 2000 esse quantitativo sobe para sete livros. A categoria Partituras/ manuscritos é preponderante, com cinco publicações. José Maria Neves (2000; 2002) abre os exemplares com os títulos "Música Sacra Mineira: Biografias, estudos e partituras"[323], e, "Música Sacra Mineira: biografia, estudos e partituras. Música no Brasil – séculos XVIII e XIX"*[324].* Paulo Castagna (2002; 2003) publica mais dois livros categorizados como Partituras/ manuscritos, ambos os volumes publicados pela Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana - FUNDARQ. O primeiro, "Sábado Santo: Restauração e Difusão de Partituras (Matinas do Sábado Santo de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita)"[325]. O segundo, "Ladainha de Nossa Senhora (Ladainha em Si bemol Maior de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita): Restauração e Difusão de Partituras"[326]. O Livro sob a coordenação geral de Régis Duprat (2002) "Acervo de manuscritos musicais: coleção Francisco Curt Lange: compositores anônimos"[327], publicado pelo Museu da Inconfidência, encerra as publicações da categoria Partituras/ manuscritos.

Figueiredo, Chiquinho de Assis, Marcelo Campos Hazan, Maria Inês Guimarães, Paulo Castagna; pesquisa litúrgica e arquivística Aluízio José Viegas; Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais/ Secretaria de Estado de Cultura, 2008. 401p.

[321] RICCIARDI, Rubens Russomanno. Florêncio José Ferreira Coutinho e a Sexta-Feira Maior de Manhã. In: PAIS, José Machado; BRITO, Joaquim Pais de; CARVALHO, Mário Vieira de. *Sonoridades luso-afro-brasileiras*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2006. p. 39-46.

[322] MONTEIRO, Maurício. Na esfera dos limites, no círculo das articulações. Música em Minas colonial. In: Magalhães, F. (Curadoria); CURTI, A. H. (Coord.). *Aleijadinho e seu tempo: fé, engenho e arte.* Rio de janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2006, p. 59-63.

[323] NEVES, José. Maria. *Música Sacra Mineira: Biografias, estudos e partituras.* 2ª V.1. Rio de Janeiro: ed. FUNARTE, 2000. 384 p.

[324] NEVES, José Maria (org.). *Música Sacra Mineira*: biografia, estudos e partituras. (Música no Brasil – séculos XVIII e XIX), vol.VI. Rio de Janeiro: Funarte, 2002.

[325] CASTAGNA, Paulo. *Sábado Santo*: Restauração e Difusão de Partituras. (Matinas do Sábado Santo de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita). Belo Horizonte: Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, v. 3, 2002b. 300p.

[326] CASTAGNA, Paulo. (Org.). *Ladainha de Nossa Senhora* (Ladainha em Si bemol Maior de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita): Restauração e Difusão de Partituras. 1. ed. v.08 Belo Horizonte: Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, 2003.373 p.

[327] DUPRAT, Régis (Coord. Geral); BIASON, Mary Angela (Coord. Técnica). *Acervo de manuscritos musicais: coleção Francisco Curt Lange: compositores anônimos*. v. III. Belo Horizonte, Ouro Preto: Editora UFMG, Museu da Inconfidência, 2002

As próximas categorias contam com um livro cada uma. Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira (2003) publica por uma editora privada, o livro, "O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus"[328], na categoria Estilo. Finalizando, na categoria Músico/ compositor, André Guerra Cotta (2005) é o organizador do livro "Lobo de Mesquita no Museu da Música de Mariana: homenagem a José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746?-1805) no bicentenário de seu falecimento"[329], também pela Fundação da Arquidiocese de Mariana – FUNDARQ.

Concluímos a exposição da produção da década com duas produções em formato pouco utilizados. A primeira é uma apostila elaborada por Paulo Castagna (2003) que contém uma seção sobre "A música religiosa mineira no século XVIII e primeira metade do século XIX"[330]. A segunda é um CD publicado pelo Governo do Estado de Minas Gerais com um trabalho coordenado por Paulo Castagna (2007) intitulado "Patrimônio Arquivístico-Musical Mineiro"[331]

---

[328] OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.
[329] COTTA, André Guerra (org.). *Lobo de Mesquita no Museu da Música de Mariana: homenagem a José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita* (1746?-1805) no bicentenário de seu falecimento. Mariana: Fundação da Arquidiocese de Mariana - FUNDARQ, v. 1. 2005. 180 p.
[330] CASTAGNA, Paulo. *A música religiosa mineira no século XVIII e primeira metade do século XIX*. Apostila do curso História de Música Brasileira V. 6. São Paulo: Instituto de Artes da UNESP, 2003.
[331] CASTAGNA, Paulo (Coord.). Patrimônio Arquivístico-Musical Mineiro; Textos Introdutórios: Júnia Ferreira Furtado, Maria Inês Guimarães, CD1; Governo do Estado de Minas Gerais, 2007.

1.7 Produção bibliográfica da década de 2010

Quadro 18 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 2010 (2010-2014)

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato							Categoria								Publicação						Acesso on-line	
					Mimeog./ Xerox / Apostila	Anais de Evento científico	Artigo revista/ Jornal	C. de Livro	Livro	Vídeo/ CD/ E-Book	Monografia/ Dissertação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Músico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Festival/ Congresso	Jornal/ Avulso	Sim	Não
1	2010	2010	BRANDÃO, D.; SOUZA MELO, R.	A formação do campo artístico-musical em minas barroca			1							1								1					1	
2			FIGUEIREDO, Carlos Alberto	A edição do Salve Regina de Lobo de Mesquita segundo Curt Lange		1										1									1			1
3			CINTRA, Luciano	A constituição do produto-música no Brasil Colonial		1														1					1			1
4			LEONI, Aldo Luiz	Historiografia musical e hibridação racial			1							1								1					1	
5		2011	MACHADO NETO, Diósnio	Em vão vigiam as sentinelas: canones e rupturas na historiografia musical brasileira [...] o período colonial								1								1		1					1	
6			OLIVEIRA, Katya Beatriz de	A interpretação vocal na missa em Mi bemol de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita: [...] solo Quoniam							1						1					1					1	
7			VIANA, Fábio Henrique (a)	A paisagem sonora de Vila Rica e a Música Barroca dos Minas Gerais								1								1		1					1	
8			VIANA, Fábio Henrique (b)	Maravilha e conhecimento na arte religiosa de Minas colonia			1													1		1					1	
9			OLIVEIRA, Katya Beatriz de; RÔNAI, Laura Tausz.	A prática musical religiosa no Brasil e em Portugal [...] fundamentação para a interpretação [...] Lobo de Mesquita			1										1					1					1	
10		2012	BIASON, Mary Angela	Os festejos pelo fracasso da Inconfidência Mineira, 1792			1							1								1					1	
11			CASTAGNA, Paulo.	[...] Castro Lobo (1794-1832): do desaparecimento [...] autógrafos à transmissão de sua música pelas redes sociais			1												1			1					1	
12			DUPRAT, Regis	A música sacra no Brasil colonial: uma reflexão ontológico-hermenêutica			1													1		1					1	
13			BRANDÃO, Domingos Savio Lins	Análise Musical e Musicologia Histórica			1						1									1					1	
14			FIGUEIREDO, Carlos Alberto	Análise comparativa de quatro edições do *Rajulans* atribuído a Manoel Dias de Oliveira (1734/5 – 1813)		1							1												1		1	
15			FONSECA, Modesto Flávio Chagas	Antífona Salve Regina de J. J. Lobo de Mesquita.		1							1												1		1	
16		2013	CAMARGO, Fernando Emboaba	Florêncio José Ferreira Coutinho – compositor dos tempos coloniais – partituras e documentação							1								1			1					1	
17			FONSECA, Modesto F. Chagas	Um caminho para a análise de estilo: [...] declamação do texto da Antífona Salve Regina [...]								1	1									1					1	
18		2014	FIGUEIREDO, Carlos Alberto	Música Sacra e Religiosa Brasileira dos Século XVIII e XIX: Teorias e práticas editoriais, 1ª Edição					1							1								1			1	
19			SOARES, Eliel Almeida MACHADO N. Diósnio	Exemplos de Figuras Retóricas de Interrupção e Silêncio em José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita		1							1									1					1	
				De 2010 a 2015		5	8		1		2	3	5	3		2	2		2	5		14		1	4		17	2

Fonte: MODESTO FONSECA (2013) e DE ULHÔA (2021)

Quadro 19 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – Década de 2010 (2016-2019)

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato							Categoria								Publicação						Acesso on-line	
					Mimeog./ Xerox / Apostila	Anais de Evento científico	Artigo revista/ Jornal	C. de Livro	Livro	Video/CD	Monografia/ Dissertação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Musico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Festival/ Congresso	Jornal/ Avulso	Sim	Não
20	2010		MONTEIRO, Mauricio	Música e Identidade em Minas Gerais Colonial			1													1		1			1		1	
21		2016	RICARDO, Felipe Novaes (a)	A música sacra em Minas setecentista: a divergência em comum		1														1					1		1	
22			RICARDO, Felipe Novaes (b)	Um universo e instável equilíbrio: tensão e repouso na linquística musical do barroco mineiro		1														1					1		1	
23			RICARDO, Felipe Novaes (d)	Volutas agudas e esmeriladas: tensão e repouso na linquística musical do Barroco Mineiro				1												1				1			1	
24		2017	AGE, Barbara	Música nos tempos coloniais: um olhar a partir da prática musical em Minas Gerais hoje			1							1								1					1	
25			DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite M. O.	O Ensino e a transmissão do conhecimento musical setecentista no Distrito Diamantino [...]		1														1					1		1	
26			JUNIOR, Loque A. & SILVEIRA, S. B. M.	A música colonial mineira na musicologia e na correspondência de Francisco Curt Lange (1944 – 1946)		1								1											1		1	
27			RICARDO, F. N.; ROCHA, Edite M. O.	E. musicológico sobre o impacto da violência em MG setecentista: assimetrias, sig. Ling.e distinção social		1														1					1		1	
28			SOARES. Eliel Almenida a)	O Emprego de Elementos Retóricos na Música Colonial Brasileira				1					1											1			1	
29			SOARES. Eliel Almenida b)	O Emprego de Elementos Retóricos na Música Colonial Brasileira								1	1										1				1	
30		2018	DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite M. O.	Irmandades [...] do Arraial do Tejuco: proposta de uma releitura de fontes documentais por Curt Lange		1								1											1		1	
31			MONTEIRO, Maurício	Música e Vida Cotidiana em Minas Gerais, séculos XVIII e XIX					1					1										1			1	
32			RICARDO, F. N.; ROCHA, Edite M. O. (a)	Um duro e feio golpe: violência e música nas Minas setecentista		1														1					1		1	
33		2019	CASTAGNA, Paulo	Dificuldades do estabelecimento de autoria no catálogo de obras de João de Deus de Castro Lobo (1794-1832).		1										1									1		1	
34			DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite M. O. (a)	Na trilha de Curt Lange: um mapeamento documental na Série 10.3 [...] (ACL-UFMG)		1														1					1		1	
35			NOVAES, Felipe (a)	A música na arquitetura jurisdicional do Estado Monárquico Luso: Vila Rica em contexto		1														1					1		1	
36			NOVAES, Felipe; ROCHA, Edite. M. O (a)	Solicitações de pagamento e autos de arrematação de música em Vila Rica (1775-1812): [...]		1														1					1		1	
37			NOVAES, Felipe (b)	Vila Rica em festa (1775-1812): atuação do oficialato em música nas festividades do Senado da Câmara		1														1					1		1	
38			NOVAES, Felipe; ROCHA, Edite. M. O (b)	Mapeamento das relações sócio profissionais de oficiais músicos em Vila Rica entre 1775 e 1798		1														1					1		1	
39			NOVAES, Felipe; ROCHA, Edite. M. O - c	Oficiais músicos e qualidade social por cor em Vila Rica nos finais do Setecentos		1								1											1		1	
40			NOVAES, Felipe - c	Negociantes de fino trato: música, festas e arremates em Vila Rica (1775-1812)		1								1											1		1	
41			NOVAES, Felipe (d)	Entre santos e mosquetões: arremates de música em Vila Rica (1775-1812)							1			1								1					1	
42			SOARES, Eliel Almeida.	A retórica em quatro compositores da música colonial brasileira: [...]			1													1					1		1	
				De 2016 a 2019		15	3	2	1		1	1	2	7		1				13		3	1	3	16		23	

Fonte: DE ULHÔA (2021)

Quadro 20 - Produção bibliográfica Música do período colonial mineiro – 1º ano da Década de 2020

N.	Década	Ano	Autor	Título	Formato								Categoria								Publicação						Acesso on-line	
					Mimeog./ Xerox / Apostila	Anais de Evento científico	Artigo revista/ Jornal	C. de Livro	Livro	Vídeo/CD	Monografia/ Dissertação	Tese	Estilo	História/ Sociedade	Acervo/ Arq./ Fonte	Catálogo/ Edição Musical	Performance Musical	Partituras Manuscritos	Músico/ Compositor	Reflexões críticas	IES Estrangeira	IES Nacional	Governamental	Editora Privada	Festival/ Congresso	Jornal/ Avulso	Sim	Não
43	2020	2020	NOVAES, Felipe (a)	Florêncio Joze Ferreira Coutinho: entre dependência e autonomia (1775-1798).				1											1				1				1	
44			NOVAES, Felipe (b)	Dois de janeiro de 1762: um requerimento e outro modo de financiar a música em Vila Rica		1														1					1		1	
45			NOVAES, Felipe - C	A música na arquitetura jurisdicional do Estado Monárquico Luso: Vila Rica em contexto		1														1					1		1	
46			PARDINI, Rodrigo.; ROCHA, Edite	Um olhar através dos indícios da atividade musical das associações [...] (São João del-Rei, 1731-1750)		1														1					1		1	
47			DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite	Mapeamento, categorização e classificação documental na série 10.3 do acervo Curt Lange da UFMG [...]		1														1					1		1	
2020						4		1											1	4			1		4		5	
De 2010 a 2015						5	8		1		2	3	5	3		2	2		2	5		14		1	4		17	2
De 2016 a 2019						15	3	2	1		1	1	2	7		1				13		3	1	3	16		23	
Total da produção						24	11	3	2		3	4	7	10		3	2		3	22		17	2	4	24		45	2

Fonte: DE ULHÔA (2021)

Chegamos a década de 2010. Três Quadros contém a listagem da produção da década e do ano de 2020. O primeiro, o Quadro 18, relaciona a produção de 2010 a 2014, o segundo, o Quadro 19, de 2016 a 2019, e finalmente, o Quadro 20 com os trabalhos do ano de 2020. Lembramos que nessa sessão, após o ano de 2013, por considerarmos que até então encontramos uma bibliografia que já foi mais revista pelos pesquisadores da área, passamos a detalhar o conteúdo dos textos citados, a fim de possibilitarmos uma melhor compreensão da produção de 2014 ao primeiro ano de 2021, bem como colaborarmos para futuras pesquisas que tenham o período colonial mineiro como foco.

O formato com o maior quantitativo de publicações na década de 2010 é de Anais de eventos científicos. Dos 49 trabalhos encontrados, 22 são publicações nesse formato. Encontramos trabalhos nos Anais do VII (2008) e VIII (2010) Encontros de Musicologia História da Juiz de Fora; II Simpósio Brasileiro de Pós-graduação em Música da UNIRIO – SIMPOM (2012); V (2016), VI (2017) Encontros de Pesquisa em História da UFMG; IV Simpósio Internacional de Música Ibero-americana (SIMIBA) e I Congresso da Associação Brasileira de Musicologia – ABMUS (2016); I (2017), II (2018) e III (2019) Encontro de Musicologia Histórica do Campo das Vertentes; VI Encontro de Pesquisa em História da UFMG, 2017; 5º Nas Nuvens... Congresso de Música, 2019; XXII (2012) e XXIX (2019) Congressos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – ANPPOM.

Essa é uma modalidade, ao nosso ver, que traz artigos em categorias bem distintas. A separação por modalidades também é evidenciada, sendo nove produções consideradas na categoria Reflexões críticas; cinco em Edição musical; cinco em História/ sociedade; uma em Acervo/ arquivo/ fonte; uma em Músico/ compositor; e uma em Estilo.

Iniciemos pela categoria Reflexões críticas. Os temas dos artigos enquadrados nessa categoria são marcados pelo enfoque dado pelos seus autores que buscam abordar aspectos da música no período colonial mineiro por ângulos ainda não tratados anteriormente. Se percebe uma procura por novas abordagens mesmo quando enfocados temas já bastante explorados em décadas anteriores. Luciano Cintra (2010), por exemplo, vai pensar a música no período como um

produto. No seu artigo "A constituição do produto-música no Brasil Colonial"[332] discute a música como o resultado de um contexto social e de condições culturais que favoreceram o seu desenvolvimento.

Também inseridos na categoria Reflexões críticas Felipe Novaes Ricardo (2016a, 2016b; 2017; 2018; 2019a, 2019b), apresenta seis artigos em Anais de Congressos. O primeiro, intitulado "A música sacra em Minas setecentista: a divergência em comum"[333] no V Encontro de pesquisa em História da UFMG, com uma reflexão acerca da edição de motetos realizando uma análise comparativa, do gênero moteto europeu com peças do repertório sacro de Minas Gerais concluindo que algumas divergências de regras são observadas, sendo essas indicativos de sensibilidades musicais que possibilitaram uma maneira de se conceber e de se criar música própria na Minas Colonial"[334]. No mesmo ano, 2016, apresenta no IV Simpósio Internacional de Música Ibero-americana (SIMIBA) e I Congresso da Associação Brasileira de Musicologia (ABMUS), o título "Um universo e instável equilíbrio: tensão e repouso na linguística musical do barroco mineiro"[335]. Reflete e analisa em seu artigo a linguística musical, que considera "marcada por desvios aos procedimentos do cânone europeu [...]"[336] se utilizando em paralelo dos registros da documentação cartorial da época, que segundo o seu enfoque demonstra a violência implícita da sociedade colonial, Em seu próximo artigo, "Estudo musicológico sobre o impacto da violência em Minas Gerais setecentista: assimetrias, significados,

---

[332] CINTRA, Luciano. A constituição do produto-música no Brasil Colonial. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, VII, 2008. *Anais...* Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2010. p. 137-147.

[333] RICARDO, Felipe Novaes. A música sacra em Minas setecentista: a divergência em comum. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA UFMG, V, 2016, Belo Horizonte. *Anais*... Brasil em perspectiva: passado e presente. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016a. v. 1. p. 393-403.

[334] Ibidem

[335] RICARDO, Felipe Novaes. Um universo e instável equilíbrio: tensão e repouso na linguística musical do barroco mineiro. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE MÚSICA IBERO-AMERICANA (SIMIBA), IV, e CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSICOLOGIA (ABMUS), I, 2016b, Belo Horizonte. *Anais*... Belo Horizonte, Escola de Música da UFMG, 2016. p. 174-190.

[336] Ibidem

linguagem e distinção social"[337], Felipe Novaes e Edite Rocha (2017), se apresentam no I Encontro de Musicologia Histórica do Campo das Vertentes. No ano seguinte, Felipe Novaes (2018) apresenta o artigo "Um duro e feio golpe: violência e música nas Minas setecentista"[338], no VI Encontro de pesquisa em História da UFMG. Já em 2019, o tema de Felipe Novaes passa a ser as arrematações da música pelo Senado da Câmara de Vila Rica e o contexto de governança e diretrizes no universo imperial luso durante o Antigo Regime. Nesse sentido, apresenta no III Encontro de Musicologia Histórica do Campo das Vertentes, o artigo "A música na arquitetura jurisdicional do Estado Monárquico Luso: Vila Rica em contexto"[339]. No ano de 2019 apresenta dois trabalhos. O primeiro com a coautoria de Edite Rocha e título "Solicitações de pagamento e autos de arrematação de música em Vila Rica (1775-1812): uma abordagem metodológica"[340]. O segundo, também com a coautoria de Edite Rocha, "Mapeamento das relações sócio profissionais de oficiais músicos em Vila Rica entre 1775 e 1798"[341]. Ambos os trabalhos foram apresentados no XXIX Congresso da ANPPOM.

Edite Rocha é coautora de artigos também com Rachel de Ulhôa. Elas apresentam dois artigos publicados em Anais de eventos científicos na categoria Reflexões críticas. O primeiro foi apresentado no I Encontro de Musicologia Histórica do Campo das Vertentes. O título apresentado foi "O Ensino e a

---

[337] RICARDO, Felipe. Novaes; ROCHA, Edite Maria Oliveira. Estudo musicológico sobre o impacto da violência em Minas Gerais setecentista: assimetrias, significados, linguagem e distinção social. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, I, 2017, São João del-Rei. *Anais*... Universidade Federal de São João del-Rei: 2017. p. 302-320.

[338] RICARDO, Felipe Novaes. Um duro e feio golpe: violência e música nas Minas setecentista. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA UFMG, VI, 2017, Belo Horizonte. *Anais*...: Belo Horizonte: Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas FAFICH /UFMG, 2018, v. VI. p. 223-231.

[339] NOVAES, Felipe. A música na arquitetura jurisdicional do Estado Monárquico Luso: Vila Rica em contexto. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, III, 2019c, São João del Rei. Anais... Universidade Federal de São João del Rei, 2019c, v. 1. p. 153-167.

[340] NOVAES, Felipe; ROCHA, Edite Maria Oliveira. Solicitações de pagamento e autos de arrematação de música em Vila Rica (1775-1812): uma abordagem metodológica. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXIX, 2019, Pelotas. *Anais*... ANPPOM, 2019a. p. 1-8.

[341] NOVAES, Felipe; ROCHA, Edite Maria Oliveira. Mapeamento das relações sócio profissionais de oficiais músicos em Vila Rica entre 1775 e 1798. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXIX, 2019b, Pelotas. *Anais*... ANPPOM, 2019. v. 1. p. 1-8.

transmissão do conhecimento musical setecentista no Distrito Diamantino pesquisas, repercussão e receptividade dos estudos de Curt Lange"[342]. O trabalho é uma primeira incursão na bibliografia de Curt Lange acerca da música no período colonial mineiro. Com foco nas corporações musicais e na transmissão do conhecimento, apresenta também uma primeira exploração dos documentos acondicionados no Acervo Curt Lange na Série 3 – Documentos de Pesquisa. O segundo artigo foi apresentado acompanhado de vídeo no 5º Nas Nuvens Congresso de Música com o título "Na trilha de Curt Lange: um mapeamento documental na Série 10.3 do Acervo Curt Lange da UFMG (ACL-UFMG)"[343]. O artigo relata o estudo documental de quinze documentos da Irmandade de Nossa Senhora do Monte do Carmo do Arraial do Tejuco - Ordem Terceira do Carmo, parte integrante dos documentos das pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 – Estudos e Transcrições do Acervo Curt Lange da UFMG (ACL-UFMG). O objetivo foi levantar elementos que apontem como Curt Lange organizou as transcrições das informações documentais que sustentaram o conteúdo do Livro XVIII - Vila do Príncipe do Serro do Frio - da Coleção História da Música em Minas.

Os cinco próximos trabalhos apresentados em Anais estão na categoria Edição musical. Entre eles as comunicações de Carlos Alberto Figueiredo (2010; 2012). "A edição do Salve Regina de Lobo de Mesquita segundo Curt Lange"[344] apresentada no VIII Encontro de Musicologia Histórica de Juiz de Fora, e XXII Congresso da ANPPOM "Análise comparativa de quatro edições do *Bajulans*

---

[342] DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite Maria Oliveira. *O Ensino e a transmissão do conhecimento musical setecentista no Distrito Diamantino pesquisas, repercussão e receptividade dos estudos de Curt Lange.* In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, I, 2017, São João del-Rei. *Anais*... São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2017, p. 337-351.

[343] DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite. Maria Oliveira. Na trilha de Curt Lange: um mapeamento documental na Série 10.3 do Acervo Curt Lange da UFMG (ACL-UFMG). In: NAS NUVENS CONGRESSO DE MÚSICA, 5º, 2019, Belo Horizonte. *Anais*... Belo Horizonte: 5º-nas-nuvens-congresso-de-música, 2019b.

[344] FIGUEIREDO, Carlos Alberto. A edição do Salve Regina de Lobo de Mesquita segundo Curt Lange. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, VIII *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2010. p. 146-157.

atribuído a Manoel Dias de Oliveira (1734/5 – 1813)"[345]. Sendo todas as análises realizadas a partir de uma mesma fonte, o objetivo do autor foi aprofundar as discussões acerca da edição musical no Brasil e salientar a relevância de se utilizar edições "bem fundamentadas, tanto para o estudo como para a execução"[346].

Modesto Flávio Chagas Fonseca (2012) é o autor do próximo texto, apresentado no II Simpósio Brasileiro de Pós-graduação em Música da UNIRIO (SIMPOM) com o título "Antífona Salve Regina de J. J. Lobo de Mesquita"[347]. Analisando aspectos composicionais da Antífona, o texto visa demonstrar a possibilidade de realizar uma análise do nível "neutro"[348] sem ligações com estilos musicais europeus. Foram abordados, pelo autor, "aspectos do processo composicional como organização estrutural da obra, linguagem harmônica, estruturação fraseológica, relação texto e música, texturas, colocação do texto e relação vozes e instrumentos"[349].

Tendo também como personagem principal Lobo de Mesquita Eliel Almeida Soares e Diósnio Machado Neto (2014) apresentam no IV Simpósio Internacional de Música da Amazônia (SIMA) o artigo "Exemplos de Figuras Retóricas de Interrupção e Silêncio em José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita"[350]. Os autores colocam a retórica como fundamental para a construção do discurso musical. O objetivo é expor a utilização das figuras retóricas na obra de Lobo de Mesquita tais como o *abrupto, narrativo, aposiopesis, supirato e confutatis* que segundo os autores, comprovam a destreza de Lobo de Mesquita em utilizar tais elementos no seu

---

[345] FIGUEIREDO, Carlos Alberto. Análise comparativa de quatro edições do *Bajulans* atribuída a Manoel Dias de Oliveira (1734/5–1813). In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXII, 2012, João Pessoa. *Anais*... ANPPOM, 2012. p. 415-422.
[346] Ibidem
[347] FONSECA, Modesto Flávio Chagas. Antífona Salve Regina de J. J. Lobo de Mesquita. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO, II, 2012. *Anais*... Rio de Janeiro: SIMPON, 2012. p. 1270-1279.
[348] Ele está se referindo à partitura na concepção da semiologia musical desenvolvida por Nattiez-Molino (ver texto de Carlos Alberto Figueiredo à frente).
[349] FONSECA, 2012, p. 1270
[350] SOARES, Eliel Almeida MACHADO NETO, Diósnio. Exemplos de Figuras Retóricas de Interrupção e Silêncio em José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE MÚSICA NA AMAZÔNIA. BOA VISTA -RR (SIMA), IV, Roraima, 2014 *Anais*... Roraima, 2014, p. 350-362.

discurso musical, possibilitando a análise e conhecimento do seu processo de composição.

A próxima categoria que abordamos é História/ sociedade. Consideramos que cinco artigos publicados em Anais se enquadram nessa categoria. O primeiro deles é de Loque Arcanjo Junior e Sara Bittencourt Marcucci Silveira (2017) com o título "A música colonial mineira na musicologia e na correspondência de Francisco Curt Lange (1944 – 1946)"[351] sendo apresentado no I Encontro de Musicologia Histórica no Campo das Vertentes. O trabalho investiga a influência de Francisco Curt Lange no "imaginário" acerca das práticas musicais no período colonial de Minas Gerais, particularmente na conjuntura de "construção das políticas patrimoniais no Brasil durante o Estado Novo (1937-1945)"[352]. Destacam os autores que as temáticas, nacionalismo, americanismo musical, mestiçagem cultural e mulatismo musical são utilizados pela rede de sociabilidade construída por Curt Lange, sendo de grande importância para a análise proposta. Tem como hipótese que, por um lado, Curt Lange com o mulatismo musical foi influenciado pelas ideias de Gilberto Freyre, e em contrapartida que o referido conceito é impactado pela "criação das políticas de proteção do patrimônio histórico e artístico nos anos 1930 e 1940"[353]. Salientam que as leituras tanto de Freyre quanto a de Curt Lange não podem ser tomadas como uma "versão equivocada e que não leva em conta as tensões do processo de colonização [da época]"[354]. As duas perspectivas são para a historiografia proposta por Arcanjo e Silveira a expressão da diversidade de narrativas, reflexo da interpretação variada do nacionalismo como uma "construção arquitetada pelos próprios atores e que possuía como pano de fundo uma tensa relação entre cultura e política"[355].

---

[351] ARCANJO, Loque & SILVEIRA, Sara Bittencourt Marcucci. A música colonial mineira na musicologia e na correspondência de Francisco Curt Lange (1944 – 1946). In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, I, 2017, São João del-Rei, Anais... São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2017, p. 319-336.
[352] ARCANJO, Loque & SILVEIRA, Sara Bittencourt Marcucci, 2017, p. 320
[353] ARCANJO, Loque & SILVEIRA, Sara Bittencourt Marcucci, 2017, p. 321
[354] Idem p. 333
[355] Ibidem

O segundo artigo da categoria História/sociedade foi escrito por Rachel de Ulhôa e Edite Rocha (2018). Com o título "Irmandades do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio e da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco: proposta de uma releitura de fontes documentais de Curt Lange"[356] discute as possibilidades e impactos de uma revisita e releitura de documentos acondicionados no Acervo Curt Lange/ UFMG particularmente referente a registros das despesas com a música das Irmandades do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio (1768 a 1819), e da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco (1759 a 1839), a partir de um novo olhar sobre a historiografia musical na segunda metade do setecentos e primeira metade do oitocentos em Minas Gerais. A revisita preliminar realizada indica que ainda hoje os documentos reunidos por Curt Lange possibilitam a extração de dados não tratados pelo musicólogo, podendo estes, ainda, subsidiar reinterpretações à luz de premissas teóricas contemporâneas. Os dados revisitados apontam não só para a possibilidade de uma rediscussão do lugar de Lobo de Mesquita na sociedade estamental do período colonial mineiro, como também para a probabilidade de uma rediscussão da vida musical, especialmente no Tejuco e no Serro nesse mesmo período. Ademais a leitura inicial realizada, demonstra que a relação profissional entre as Irmandades e os Senados da Câmara com os prestadores de serviços musicais, se caracterizava muito mais como uma relação de dependência e subordinação, do que de respeito pelo talento musical. Assim, esta hipótese aponta, para uma relação de apropriação / violência, não explicitada – dado o período e as premissas teóricas a ela intrínsecas – na interpretação dada a esses dados por Francisco Curt Lange entre as décadas de 1940 a 1980[357].

---

[356] DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite Maria Oliveira. *Irmandades do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio e da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco*: proposta de uma releitura de fontes documentais por Curt Lange. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, II, 2018, São João del-Rei. *Anais*.... São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2018, p. 271-286.

[357] DE ULHÔA, Rachel; OLIVEIRA, Edite Maria, 2018, p. 284

Dois artigos de Felipe Novaes (2019a; 2019b) e um terceiro com a coautoria de Edite Rocha (2019c) encerram os artigos inseridos na categoria História/ sociedade da década. Apresentado no XXIX Congresso da ANPPOM, o artigo "Vila Rica em festa (1775-1812): atuação do oficialato em música nas festividades do Senado da Câmara"[358] tem como objetivo compartilhar os "procedimentos, resultados e conclusões"[359] de sua pesquisa de mestrado, obtido pela Escola de Música da UFMG. Conclui avaliando o contexto social de Vila Rica, em particular a contratação de músicos pelo Senado da Câmara entre 1775 e 1812, constatando uma estreita ligação entre a contratação de um dado músico e a sua projeção social na sociedade estamental da época. O autor identifica um "escalonamento nas funções e atribuições ao ofício de músico – o negociante arrematador, fiador de crédito, articulador de frentes de atuação coletiva, representante em processos legais e gestor de finanças"[360]. Entretanto, não observa "homogeneidade ou democraticidade na atuação deste conjunto profissional"[361]. Um músico de projeção tinha a seu redor vários outros de menor projeção, sendo que é verificada entre os oficiais músicos o espírito cooperativo, sendo o mercado, marcado, entretanto, por alto grau de clientelismo uma vez que "alguns atuam de maneira regular e outros não"[362]. O outro artigo de Felipe Novaes "Negociantes de fino trato: música, festas e arremates em Vila Rica (1775-1812)"[363] tem relação direta com o primeiro. Publicado no V Nas Nuvens Congresso de Música, tem como objetivo compreender o sistema de arrematações da música em Vila Rica. Analisando documentos no Arquivo Público Mineiro por meio do levantamento das solicitações de pagamento e autos de arrematação entre 1775 e 1812, encontramos dois procedimentos

---

[358] NOVAES, Felipe. Vila Rica em festa (1775-1812): atuação do oficialato em música nas festividades do Senado da Câmara. In: Congresso da CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXIX, 2019, Pelotas. *Anais*... ANPPOM, 2019b, p. 1-8.
[359] Ibidem
[360] Ibidem
[361] NOVAES, Felipe, 2019a
[362] Ibidem
[363] NOVAES, Felipe. Negociantes de fino trato: música, festas e arremates em Vila Rica (1775-1812). In: NAS NUVENS CONGRESSO DE MÚSICA, V, 2019, Belo Horizonte. *Anais*... Belo Horizonte: 5º-nas-nuvens-congresso-de-música, 2019d. p. 1-11.

envolvendo o Senado da Câmara. O primeiro onde o Senado da Câmara, por intermédio do Procurador de Vila Rica articula todas as providências envolvidas na realização das festas religiosas; e, o segundo, a realização direta da arrematação da música segundo a regulamentação vigente. Analisando esse processo, conclui que as atribuições do ofício de músico iam além das funções de compositor, regente e músico. A eles cabia no processo de arremate, entre outras funções, negociá-lo, colocar-se como fiador da transação, organizar o grupo musical responsável pela execução musical, além de assinar como representante legal do mesmo[364]. Já no artigo em coautoria com Edite Rocha, apresentado no II Colóquio de Pesquisa em Música da Universidade Federal de Ouro Preto, com o título "Oficiais músicos e qualidade social por cor em Vila Rica nos finais do Setecentos"[365] investiga nos autos da arrematação a não vinculação e nominação, da cor parda dos músicos participantes dos arremates. Coloca foco na "análise da condição social autodeclarada ou atribuída e presente na documentação cartorial"[366]. A cor parda nesse contexto é muito mais uma categoria social referente a uma camada intermediária da sociedade, do que simplesmente a cor da pele. Salienta o autor que o músico pardo, quando em disputa no processo de arremate da música junto aos Senado da Câmara possuía "um grau de qualidade social que os creditava a momentânea desvinculação de condição próxima ao estigma do trabalho cativo"[367]. Essa é uma condição diferenciada não presente em outras situações. Apesar de destacar o reduzido número de arrematantes analisados, conclui que nestes não há registro, comum em outros espaços, da cor do músico. Contudo, levanta a possibilidade de um mesmo músico ser qualificado de pardo em uma localidade e não em outra, dependendo do lugar social por ele ocupado em cada local. Assim o "acesso ou impedimento" a lugares sociais na sociedade estamental da colonial,

---

[364] Ibidem
[365] NOVAES, Felipe; ROCHA, Edite Maria Oliveira. Oficiais músicos e qualidade social por cor em Vila Rica nos finais do Setecentos. In: COLÓQUIO DE PESQUISA EM MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, II, 2019, Ouro Preto. *Anais*... Universidade Federal de Ouro Preto, 2019c. v. 1. p. 1-15.
[366] NOVAES, Felipe, 2019b
[367] Ibidem

especificamente em Vila Rica, é multifacetado, assim como é subjetiva a nomeação ou autodeclaração de cor. Esse argumento abre a discussão, pelo autor, sobre a pertinência da generalização da denominação "mulato" na teoria do mulatismo musical de Curt Lange[368].

Passemos para um artigo que inserimos na categoria Acervo/ Arquivo/ Fonte. Publicado nos Anais eletrônicos do III Encontro de Musicologia Histórica do Campo das Vertentes, o artigo "Dificuldades do estabelecimento de autoria no catálogo de obras de João de Deus de Castro Lobo (1794-1832)"[369] é de autoria de Paulo Castagna (2019). Discute os problemas na indicação segura de autoria no catálogo do compositor. Levantando os autógrafos do mestre de capela em 900 fontes manuscritas e diferenciando a "indicação de autoria" de "atribuição de autoria" e do "estabelecimento de autoria", o autor demonstra a impossibilidade de propor um catálogo integral da obra do autor.

Concluída a exposição dos artigos científicos acerca da música no período colonial mineiro na categoria Anais de evento científico, passamos para os artigos publicados em revistas especializadas. Doze são esses artigos nessa categoria, sendo: cinco na categoria História/ sociedade, quatro em Reflexões críticas, e uma produção cada nas categorias Estilo, Músico/ compositor, e, por fim, Performance musical.

Iniciemos com a categoria História / sociedade com o artigo de Domingos Sávio Lins Brandão e Raissa Anastácia (2010) publicado na Revista *Modus* da Escola de Música da UEMG, sob o título "A formação do campo artístico-musical em Minas barroca"[370]. Os autores, analisam o surgimento e consolidação das práticas musicais na Minas Gerais colonial, em particular a constituição, de uma "mestiçagem cultural", um "modo próprio de organizar e fazer música", que favoreceu, o

---

[368] NOVAES, Felipe; ROCHA, Edite Maria Oliveira, 2019

[369] CASTAGNA, Paulo. Dificuldades do estabelecimento de autoria no catálogo de obras de João de Deus de Castro Lobo (1794-1832). ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, III, São João del-Rei, 2019. *Anais*... São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2021, p. 347-396.

[370] BRANDÃO, Domingos Sávio Lins; SOUZA MELO, Raissa Anastásia de. A formação do campo artístico-musical em minas barroca. *Revista Modus*, Barbacena, EdUEMG, Ano 5, n. 7, p. 9-30. 2010.

"surgimento de um conjunto estilístico musical *sui generis*, homólogo aos vários gostos de uma sociedade multifacetada"[371]. Propõem três momentos distintos. O primeiro denominado de Período de Formação (1700-1750) é marcado pelo "pluralismo musical" que imprime a forma de viver do barroco por todo o século XVIII. A música é fator de "coesão social", estando presente não só no espaço religioso, mas também no profano com a música popular (alto uso da viola) e na música de origem africana. Momento de "coesão estética", onde a "emoção estética é criadora de solidariedade". O segundo Período de Transição (1750-1760) tem como caraterística a tentativa do clero em ordenar o espaço musical, e a resistência dos músicos que buscam se organizar para fazê-lo. São nomeados os Mestres de Capela de Mariana e das Comarcas de Serro do Frio e Sabará. O Terceiro e último é o Período de Consolidação e formação do campo artístico (1760-1810) que tem como marco a instauração pelo Senado da Câmara de Vila Rica, em 1760, do sistema de arrematação da música para as festividades oficiais da localidade. Há uma proliferação de associações livres entre músicos que disputavam os arremates públicos da música. Esse processo se dá de forma autônoma pelos grupos musicais em acordo com as regras vigentes. Esse processo leva os autores a afirmar que "os legisladores do campo artístico musical eram os próprios músicos [...] incentivados pelos Senados das Câmaras". A consolidação do campo artístico musical se dá no século XIX quando a arte/ música se torna autônoma em relação à Igreja e à corte[372].

Continuando os artigos publicados em revistas especializadas, temos o artigo "Os festejos pelo fracasso da Inconfidência Mineira, 1792"[373] escrito por Mary Angela Biason (2012) e publicado na *Revista Brasileira de Músic*a, do Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da UFRJ. Detalha a autora as festividades celebradas por ordem da coroa, de júbilo pelo insucesso da Inconfidência Mineira e o resultado do processo judicial denominado Autos da

---

[371] BRANDÃO, Domingos Sávio Lins; SOUZA MELO, Raissa Anastásia de, 2010, p. 10
[372] BRANDÃO, Domingos Sávio Lins; SOUZA MELO, Raissa Anastásia de, 2010.
[373] BIASON, Mary. Angela. Os festejos pelo fracasso da Inconfidência Mineira, 1792 *Revista Brasileira de Música*. Rio de Janeiro, Programa de pós-graduação em música da Escola de Música da UFRJ, v. 25, n. 2, p. 299-319, 2012.

Devassa realizado entre 1789 e 1792. Tendo ocorrido os primeiros festejos no Rio de Janeiro, Tiradentes e Mariana, posteriormente ocorreram em Vila Rica (Ouro Preto), São João del Rei, Sabará e Vila do Príncipe (Serro) cabeças de comarca da Capitania de Minas Gerais. Os festejos foram normatizados no Rio de Janeiro que enviou o mesmo edital para essas localidades, ficando sob a responsabilidade dos Senados da Câmara tomar as providências para o seu cumprimento. Todo um rito era realizado, incluindo um hino em ação de graças o *Te Deum Laudamus – Te Deum.* A autora detalha todo o festejo, bem como o sistema de arrematação da música para integrá-los, fazendo toda uma revisão bibliográfica sobre o tema[374].

O próximo artigo foi escrito por Aldo Luiz Leoni (2010). No trabalho intitulado "Historiografia musical e hibridação racial"[375] também publicado pela *Revista Brasileira de Música* da Escola de Música da UFRJ discute a validade do modelo interpretativo sobre a música no período colonial, que coloca a cor do músico como basilar na discussão. Inicia seu trabalho historicizando o estabelecimento da conexão arte e nacionalidade brasileira. Começa pela interpretação cultural romântica de Manuel de Araújo Porto Alegre. Nessa concepção o negro foi colocado na mesma condição do índio, uma figura passiva, meramente receptora da cultura branca. Essa interpretação é idealizada em um momento controverso: a defesa de uma identidade nacional quando o Brasil ainda estava vivendo o segundo império (1840 – 1889). Profundamente ligado à corte brasileira, Porto Alegre, defende que a culminância do processo de amadurecimento de uma música brasileira, dá-se na corte de Dom João VI, mais especificamente na Capela Real, nas obras do Padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), que é colocado no papel de primeiro músico brasileiro, com a ressalva que o autor nos seus primeiros trabalhos omite o fato do compositor ser "pardo ". Não pretendeu, Porto Alegre, igualar a obra do Padre José Maurício, um músico "pardo" às obras dos compositores europeus, apesar de designá-lo como Mozart Fluminense, muito

---

[374] BIASON, Mary. Angela, 2012

[375] LEONI, Aldo Luiz. Historiografia musical e hibridação racial. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 95-119, 2010.

menos chamar a atenção para a posição social dos pardos livres. Continua Aldo Leone sua avaliação das concepções da formação da arte brasileira analisando a de Sílvio Romero. Se na concepção romântica a tendência era colocar ênfase nas "belas artes", e, portanto, somente tinha importância considerar a alta cultura produzida por homens de destaque intelectual, o pensador Sílvio Romero concebe as artes produzidas no Brasil, como "um conjunto de todas as manifestações do povo". Considerando que a melhoria cultural e social no país viria do gradual "branqueamento da população", Sílvio Romero percebia a sociedade brasileira como o resultado da miscigenação de raças e de culturas. "Todo brasileiro seria um mestiço ou de sangue ou de ideias, resultado da junção de vários elementos: o português, o negro, o índio, o meio físico e a imitação estrangeira"[376]. Aldo Leoni registra, ainda, que nas primeiras décadas do século XX, uma significativa parcela dos escritores dedicados em pensar o período colonial brasileiro, permaneciam com uma concepção muito ligada às ideias defendidas por Manuel de Araújo Porto Alegre. Em 1908, Guilherme Theodoro Pereira de Mello (1867-1932), apesar de absorver em seu discurso a posição de Sílvio Romero, que o brasileiro, dentre eles o mestiço, era o resultado da transformação do português em seu contato com o índio e o africano, afirmava ter como objetivo "provar que o Brasil tinha características culturais próprias e uma música propriamente nacional"[377]

Já Renato Almeida (1895-1981) em 1926, deu destaque à música do Padre José Maurício, que segundo ele não possuía nenhuma influência das tradições populares. Coloca o músico na condição de primeiro músico e compositor digno de ser comentado, na medida em que no "período colonial quase nada havia que fosse digna de referência"[378]. Igualmente em 1926, Vincenzo Cernicchiaro (1858-1928), em sua cronologia da música brasileira partia da música indígena, passando para a música religiosa dos Jesuítas, para finalizar também com o Padre José Maurício. Atribuía a formação do músico também aos jesuítas, na medida em que o compositor

---

[376] LEONI, Aldo Luiz. 2010, p. 103
[377] MELO, Guilherme, 1908, p. 3 *apud* LEONI, Aldo, 2010, p. 104
[378] ALMEIDA, Renato, 1926, p. 62 *apud* LEONI, Aldo, 2010, p. 104

teria frequentado uma espécie de conservatório musical para negros na Fazenda de Santa Cruz. Já Mário de Andrade (1893-1945), continua Aldo Leoni, em 1941, destaca a importância na construção da identidade nacional brasileira da miscigenação cultural. Contudo, para Mário de Andrade, a música sacra produzida no período colonial não se enquadrava na concepção de uma música nacional brasileira. Uma manifestação artística formadora da identidade musical brasileira, necessariamente deveria nascer do artesão e do completo domínio por este das técnicas e dos materiais envolvidos na sua elaboração, evoluindo, portanto, a partir de uma manifestação artística espontânea do povo. Nesse contexto, desconsiderando a obra do Padre José Maurício, Mário de Andrade alegou que sua música não possuiria as características necessárias para ser considerada brasileira. Na mesma década e nas subsequentes, continua Aldo Leoni, as pesquisas e as consequentes publicações de Curt Lange, pelo fato de reduzirem o foco da investigação para uma região brasileira, Minas Gerais, e muitas vezes localidades, quando tratava da música nas cidades mineradoras, muda o foco da discussão teórica em torno da música colonial, anteriormente centrada na busca de uma concepção de nacionalidade e originalidade, para um enfoque regional. Segundo Aldo Leoni, a importância da obra de Curt Lange também está no fato dele ter identificado e publicizado o nome, a participação em eventos musicais, e/ ou as composições de músicos do período, começando a dar formato à música praticada no setecentos mineiro. Entretanto, Aldo Leoni comenta que o musicólogo ao tomar contato com o primeiro manuscrito que chegou às suas mãos, a Antífona de Nossa Senhora de Lobo de Mesquita, nem sequer cogitou a possibilidade de essa ter sido elaborada por um compositor da Minas Gerais colonial. Acreditou que o manuscrito provavelmente teria vindo de Pernambuco ou da Bahia. Chegou a questionar se em Minas Gerais haveria músicos qualificados para executá-la. Posteriormente, em face da importância da descoberta de registros cartoriais da prática musical ligadas às irmandades e confrarias, alterou sua interpretação acerca da origem do manuscrito e da atividade musical não só em Minas Gerais, mas em toda a colônia. Aldo Luiz Leoni destaca que por ocasião da publicação do artigo, *Un informe preliminar*, no Boletim Latino Americano dedicado ao Brasil, portanto em 1946, Curt Lange já havia

elaborado todo o seu arcabouço conceitual. Nesse artigo lamenta a dependência da música de outras disciplinas, bem como o fato de não ter trabalhado com os folcloristas nas manifestações populares no Brasil, podendo assim salvar talvez documentos musicais. Assim como Mário de Andrade, Curt Lange escreveu sobre festividades populares, chegando a afirmar que as denominadas danças dramáticas trabalhadas por Mário de Andrade tinham estreita ligação com as danças das corporações e irmandades religiosas. Para Aldo Leoni, Curt Lange conseguiu atrair o interesse para o estudo da música colonial, pelo caráter regionalizado das suas pesquisas e pela ideia contida na sua produção de "identidade" que ele chamava de "mulatismo musical", vislumbrando uma sintonia do conceito com a tese de Gilberto Freyre que defendia "a fusão racial em detrimento à fusão cultural". Contudo, ressalta Aldo Leoni, "não se trata de uma tolerância quanto à cultura negra, mas uma tolerância quanto à fusão racial, desde que "evoluísse" para uma cultura nos moldes europeus"[379]. A tese do mulatismo musical de Curt Lange levava em consideração, de acordo com Aldo Leoni, a negação da influência dos jesuítas na formação dos músicos mineiro, bem como a ideia que os compositores mineiros foram influenciados pela música europeia, na medida em que haveria uma larga circulação de partituras europeias na Capitania de Minas Gerais. O "mulato", na leitura de Curt Lange não era músico de ofício por sobrevivência, o era como uma externalização da sua "independência, emancipação e ascensão social"[380]. Contudo, Aldo Leoni ressalta que algumas declarações de Curt Lange vão contra a sua própria argumentação. Cita como exemplo algumas colocações do musicólogo, conforme a seguir:

> Um mulato emancipado, acostumado desde pequeno a interpretar a música europeia, jamais admitiria mistura de pretos batuqueiros, nem aprovaria a sua música, danças rituais, e olharia significativamente com desprezo para os reisados, tradicionais também em Minas[381].

---

[379] LEONI, Aldo Luis, 2010. p. 110
[380] Idem, p. 111
[381] Lange, Francisco Curt. A organização musical durante o período colonial brasileiro. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, V, Coimbra Portugal, Gráfica Coimbra, 1966.

Continua Curt Lange, de acordo com Aldo Leoni, "o mulato que se movia perto ou ao lado do branco, como artesão, fazendeiro, padre ou comerciante, reagia contra os pretos como se tivesse mentalidade de branco"[382].

Concluída as considerações acerca da obra de Curt Lange, Aldo Leoni passa a discutir a produção de Régis Duprat. A ele credita a inauguração de um novo ciclo nas pesquisas acerca da música no período colonial mineiro, bem como a introdução das pesquisas do tema na pós-graduação no Brasil. Passando a fornecer uma visão mais precisa do contexto sócio cultural do ambiente pesquisado, Régis Duprat na visão de Aldo Leoni, tem um trabalho relevante "para quem quer entender a música não apenas no viés estético, mas sobretudo por suas condicionantes históricas"[383]. As suas pesquisas fazem avançar o refinamento das técnicas de pesquisa e da elaboração técnica, afirma Aldo Leoni. "O artifício de usar a cor dos músicos como mote principal para a explicação da música na colônia começa a esmorecer; ou deveria"[384]. Aldo Leoni enumera vários trabalhos acerca da música colonial, sendo que aqui no deteremos especificamente nos que se referem à mineira, como os de Flávia Camargo Toni (1985), José Maria Neves (1987), Sílvio Crespo (1989), Maurício Dottori (1992), e, Domingos Sávio Lins Brandão (1993). Segundo o autor, excetuando o trabalho de Domingos Brandão que tem enfoque no contexto social do período, os demais se preocupam com aspectos estético-estilísticos do repertório mineiro. Contudo, todos "esses trabalhos foram continuadores das teses de Curt Lange"[385]. Destaque é dado por Aldo Leoni às colocações de Maurício Monteiro (1995) em sua dissertação de mestrado particularmente no capítulo "O mestiço e a música: conceitos e preconceitos", onde afirma que os "mulatos" livres formavam "uma mão de obra intermediária entre a ordem e a obediência"[386], ocupando colocações produtivas as quais não eram preenchidas nem por escravos, nem por

---

[382] Lange, Francisco Curt, 1966, p. 89
[383] LEONI, Aldo Luis, 2010. p. 113
[384] Ibidem
[385] LEONI, Aldo, 2010, p. 113
[386] Ibidem

brancos. Uma afirmação em particular, segundo Aldo Leoni, o liga às ideias de Curt Lange, quando escreve em relação ao "mulato": a "ascendência branca aproximava-o da cultura europeia; a negra lhe negava a total igualdade com os brancos"[387]. Conclui Aldo Leoni que Maurício Monteiro "observa os não brancos de forma homogênea e, apesar de não referendar a tese do mulato como identidade nacional, de certa maneira repete a base argumentativa"[388]. No entanto, afirma o autor que diminuir a questão à "mulato"/ pardo na polaridade brancos e escravizados subtrai a complexidade do contexto. A mestiçagem não determinava a natureza do ofício exercido, sendo a procedência social muito mais determinante do que a cor. E se sabe muitas vezes que o nascimento dizia mais do que a cor da pele, afirma Aldo Leoni. Ademais continua o autor "os pardos procuravam a toda ordem uma identidade social própria – nem branca nem negra"[389]. Conclui Aldo Leoni que a polaridade nacional colonial não consegue ser rompida. "Poucos pesquisadores se aventuraram pela música da Colônia num viés que privilegiasse os sujeitos históricos"[390]. As pesquisas que vieram depois de Curt Lange, na opinião de Aldo Leoni, que tiveram ênfase nos aspectos sociais da música enfatizaram nomes regionais de prestígio, com destaque na sua localidade. Assim sendo, finaliza o autor "o processo de tornar alguém notório elimina tudo aquilo que não serve a esse propósito, não significando nada se pardos ocupavam espaços que em tese eram de brancos[391].

Passemos para outro texto apresentado na década de 2010. "Música nos tempos coloniais: um olhar a partir da prática musical em Minas Gerais hoje"[392], de Barbara Alge (2017) apresentado por meio da *Revista Música em Contexto* do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília. Fazendo uma

---

[387] LEONI, Aldo, 2010, p. 113
[388] Ibidem
[389] LEONI, Aldo, 2010, p. 114
[390] Idem, p. 114
[391] Idem, p. 113
[392] ALGE, Barbara. Música nos tempos coloniais: um olhar a partir da prática musical em Minas Gerais hoje. *Música em Contexto*, Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília, volume 1, Ano XI, p. 143-171, 2017.

análise do que denomina de "narrativa historiográfica sobre a Música Colonial Mineira, Música Barroca Mineira ou, simplesmente, Música Mineira"[393], demonstra como essas narrativas têm influência nas práticas musicais em algumas localidades do estado ainda hoje. Define essa música como aquela "composta nos tempos coloniais em Minas Gerais, na maioria das vezes, com um fim litúrgico"[394]. Destaca a importância das bandas de música executantes desta música oriunda de manuscritos transcritos por especialistas. Revisitando os discursos de vários autores acerca da música no período colonial mineiro delimita a interpretação de Curt Lange que inicialmente a utiliza o termo "música em Minas Gerais", embora a circunscreva unicamente a "música litúrgica escrita no estilo da música erudita europeia e interpretada por coros de igrejas, *orquestras* e bandas de música"[395]. Contudo, destaca a autora que já na década de 1960 há questionamentos se o termo Barroco abrange o arcabouço da música "composta em Minas Gerais no estilo da música erudita europeia"[396]. Em uma produção de Carlos Kater, aponta que o musicólogo se refere ao conteúdo do Acervo Curt Lange/ UFMG que esse envolve documentos que contém "música barroca mineira". A autora passa então a comentar o trabalho de Domingos Sávio Lins Brandão, que destaca a dificuldade em delimitar conceitualmente o termo "música barroca mineira", quer seja estilisticamente, ou de forma linear em um dado período histórico. Para Domingos Brandão, o conjunto músico estilístico da música no período colonial mineiro integra o "campo da estilística europeia", contudo "re-significada, transmudada, variegada, reconceptualizada em função da nossa própria multiplicidade social"[397]. Passa a autora a discorrer sobre as considerações do musicólogo José Maria Neves. Esse considera que um dos fatores que colaborou para que os compositores mineiros compusessem com liberdade, desenvolvendo um estilo próprio de composição, se deve ao fato da coroa portuguesa ter imposto em 1750 a proibição da importação

---

[393] ALGE, Barbara, 2017, p. 143
[394] Ibidem
[395] Idem, p. 150
[396] Ibidem
[397] BRANDÃO, Domingos Sávio L. 2012, p. 32 *apud* ALGE, Barbara, 2017, p. 151

de partituras europeias, os distanciando assim das "regras e tendências europeias"[398]. Estabelece Barbara Alge uma ligação entre essa especificidade composicional dos músicos mineiros que, segundo a mesma, quando divergentes das regras europeias incorrem em "não-observâncias" ao denominado mulatismo musical. Afirma a autora que é necessário estabelecer uma diferença entre "música no Barroco mineiro" e a "Música Barroca Mineira". Segundo essa, a primeira designação está ligada ao fato que a música em Minas Gerais no setecentos se dá em um período em que particularmente na arquitetura Minas Gerais produzia uma arte barroca. Já a segunda designação, está presente quando se busca vincular de forma direta o estilo barroco, ou tomar como modelo a produção musical europeia, nas composições da denominada "música colonial mineira". Barbara Alge cita como exemplo desta correlação as colocações de vários musicólogos. De Curt Lange quando esse identifica "elementos do barroco tardio, do rococó, do classicismo e do estilo galante na Música Barroca Mineira"[399]; de Régis Duprat que salienta a presença do Barroco no uso do baixo contínuo; de Guilherme Werlang, que por sua vez destaca elementos do classicismo inicial; e, finalmente Sílvio Crespo, que aponta como barroca a expressividade da música mineira e o classicismo na sua forma. Já Domingos Sávio Lins Brandão, vai mais longe, segundo a autora, quando considera que as composições mineiras da época colonial "desafiaram as regras musicais da Europa"[400]. O musicólogo aponta, ainda, a influência africana, indígena, bem como do período "medieval da península ibérica na música do estilo modal de Minas Gerais"[401]. Quanto à terminologia "Música Colonial Mineira" geralmente se trata de um marco temporal a ser indicada pelo autor. Contudo, o termo colonial pode se tratar de uma denominação estilística ou estética, bem como uma expressão que se refere a um tempo de dependência política, econômica e cultural, no caso brasileiro,

---

[398] ALGE, Barbara, 2017, p. 152
[399] Idem, p. 153
[400] Idem, p. 154
[401] BRANDÃO, Domingos Sávio L. 2017, p. 73 *apud* ALGE, Barbara, 2017, p. 151. Nota: não listamos no nosso trabalho esse texto de Domingos Brandão, por tratar-se de um texto em alemão que tomamos contato ao estudar o presente texto de Barbara Age (2017).

da coroa portuguesa, incluída aí, segundo a autora no caso de Minas Gerais, uma mistura de estilos na música litúrgica com grande influência na composição musical. Barbara Age, nessa altura do seu artigo, passa a falar sobre a música colonial nas práticas musicais hoje. Segundo a autora Curt Lange continua impactando a musicologia brasileira, não só no discurso, mas nos trabalhos que envolvem os manuscritos musicais. Concretamente, seu legado, está no Museu da Inconfidência em Ouro Preto, Museu da Música em Mariana e outros acervos que contêm documentos de pesquisadores e compositores mineiros, tais como o Acervo Curt Lange da UFMG e o Acervo de Chico Aniceto da UEMG. Para Barbara Alge, ainda hoje chama atenção, em festas do calendário religioso em Minas Gerais, a execução de músicas que lembram os tempos coloniais, sendo as festas estruturadas em torno do modelo dramático do Barroco. Destaque é dado para a *orquestra* mais famosa na interpretação da música de Minas colonial, a Orquestra Ribeiro Bastos, da cidade de São João del Rei"[402]. Usa também como exemplo a Festa da Nossa Senhora de Nazareth, na cidade de Caeté em Minas Gerais, onde presenciou a *Novena* e a *Missa* para a Nossa Senhora de Nazareth, na comunidade chamada Morro Vermelho. Essas duas celebrações, para a autora, evocam o período colonial se confrontando com as "concepções de religiosidade moderna"[403]. As composições da festa são anônimas, ainda em manuscritos de partes individuais com textos tanto em latim quanto em português. O resultado sonoro soa peculiar uma vez que "as mulheres cantam a voz de tenor uma oitava acima e, por isso, cantam ainda mais alto [sic] do que o soprano"[404]. A banda também tem suas peculiaridades, soa "como uma fanfarra carnavalesca"[405] sendo conhecida na localidade como "a banda com o toque perfeito para as cavalhadas"[406]. Corrobora para a sonoridade os erros nas reproduções manuais dos manuscritos, exemplificado pelas segundas paralelas, bem como a mistura do coral do latim como o português. Ressalta a autora, entretanto, que a

[402] ALGE, Barbara, 2017, p. 156
[403] Ibidem
[404] Idem, p. 157
[405] Ibidem
[406] Ibidem

população não aceita outra estética sonora, que não pode ser alterada em suas peculiaridades bem como a música na missa e da novena dedicada a Santa, que só pode ser executada por ocasião da sua festa. Esse fato, leva Barbara Age a concluir que a música é de propriedade da comunidade. Continua Barbara Alge, que as celebrações ligadas ao período colonial mineira são um grande atrativo turístico para as cidades que tem tradição de eventos ligados à tradição litúrgica, sendo a música largamente usada nessas ocasiões. Destaca ainda a importância dos festivais de música colonial brasileira e música antiga, como, por exemplo, o de Juiz de Fora. Destaque é dado à importância nos grupos de música e da utilização de instrumentos antigos como o arco barroco nas cordas, viola da gamba, alaúde e/ou a viola caipira, bem como utilização do cravo em baixo contínuo. A importância dos acervos e arquivos é citada, sendo importante a análise e execução de fontes históricas, visto que influenciam consideravelmente no entendimento da cultura colonial na contemporaneidade. Já caminhando para a conclusões, ressalta a autora que encontrou na narrativa de Curt Lange, "determinismo racial, nacionalismo, evolucionismo cultural, positivismo, eurocentrismo"[407] bem como a monumentalização de obras musicais. Se referindo a considerações de Paulo Castagna a autora salienta que Curt Lange desconsiderou as estruturas econômicas e de poder, bem como negligenciou as "limitações técnicas na produção, interpretação e transmissão da música no Brasil colonial"[408].

Voltaremos aos anos iniciais da década de 2010 para discorrermos sobre quatro trabalhos que inserimos na categoria Reflexões críticas. O artigo "Maravilha e conhecimento na arte religiosa de Minas colonial"[409] foi escrito por Fabio Henrique Viana (2012), sendo publicado na Revista *Per Musi* da Escola de Música da UFMG. O inserimos na categoria reflexão/ análise pelo fato deste trazer uma investigação que visa identificar em uma pintura, uma talha e uma música do período colonial

---

[407] ALGE, Barbara, 2017, p. 166
[408] CASTAGNA, Paulo. 2008, p. 37 *apud* ALGE, Barbara, 2017, p. 158. Texto comentado na introdução deste capítulo.
[409] VIANA, Fábio Henrique. Maravilha e conhecimento na arte religiosa de Minas colonial. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.24, 2011, p. 143-150.

mineiro, os elementos utilizados com o objetivo intencional de atrair a atenção dos espectadores, nas palavras do autor de "maravilhar e ensinar os fiéis"[410]. São analisados em seus elementos retóricos a pintura em torno da nave da Matriz de Santa Luzia; o retábulo do altar mor da Capela de Nossa Senhora do Ó em Sabará, com seus entalhes; e, o Moteto dos Passos, particularmente *O vos omnes* de Manuel Dias de Oliveira para dois coros e instrumentos. Destaca o autor que a retórica no barroco é a essência da forma de pensar do "homem culto". O artista é o orador que persuade, que constrói uma narrativa, uma imagem, som ou gesto carregado de ilusão. Tinha sempre o objetivo de atrair os fiéis, os chamando para a conversão. "Mais que uma arte do engano, da ilusão e do exagero, a arte religiosa barroca é uma arte da maravilha"[411] afirma o autor.

O texto de Paulo Castagna (2012) "Produção musical e atuação profissional de João de Deus de Castro Lobo (1794-1832): do desaparecimento de seus autógrafos à transmissão de sua música pelas redes sociais[412]", publicado pela *Revista Opus* da ANPPOM é o próximo artigo a ser sinteticamente apresentado. Também inserido na categoria Reflexões críticas. Tendo o objetivo de expor os resultados parciais para a confecção de um catálogo das obras do compositor. Para tanto, foi realizada uma historiografia acerca das pesquisas a ele referentes, levantando Paulo Castagna que estas se iniciam desde 1888 antes do "advento da musicologia histórica no Brasil"[413]. Em busca da elucidação de "sua causa mortis, o desaparecimento dos seus autógrafos musicais e a transmissão de sua música até o presente"[414], realiza o musicólogo dois movimentos: o levantamento sistemático de tudo relacionado ao compositor e a estruturação do catálogo temático partindo de 700 fontes manuscritas. No levantamento das informações acerca do compositor a

---

[410] VIANA, Fábio, 2011, p. 142
[411] Idem p. 149
[412] CASTAGNA, Paulo.
Produção musical e atuação profissional de João de Deus de Castro Lobo (1794-1832): do desaparecimento de seus autógrafos à transmissão de sua música pelas redes sociais. *Revista Opus*, Revista Associação Nacional de Pesquisa e pós-graduação em música - ANPPOM, v.18, n.1, 2012, p. 9-40.
[413] Idem, p. 10
[414] Ibidem

conclusão é que a causa do seu falecimento foi a sífilis e talvez a tuberculose aos 38 anos. Na catalogação, o musicólogo chega à conclusão que o número de obras inéditas nos cerca de 20 anos de atividade musical não seria tão grande como se pensava, dado à prática da contrafação (adaptação de uma composição a outro texto) e do desdobramento (utilização de parte de uma composição em uma ou mais obras. Em uma terceira parte de seu artigo, o autor analisa o ocorrido com os autógrafos de João de Deus Castro Lobo, concluindo que a ligação entre a sua enfermidade e a destruição, por temor de transmissão dos seus arquivos, é uma hipótese. Analisando a listagem de músicas pertencentes à Catedral de Mariana conclui que a manipulação dos documentos foi realizada por pessoas vinculadas a catedral, "Tendo como evidência que a população mineira decidiu preservar a música de Castro Lobo"[415]. Contudo é ressaltado que as 40 obras sobreviventes e suas 700 cópias mais do que valiosas esteticamente deixam o marco de sua "passagem pelas redes sociais"[416]. Considera o autor que o estudo do impacto das redes sociais na transmissão musical pode mostrar a relevância de sua utilização no presente o que certamente impacta na "prática musical e na própria musicologia da atualidade"[417]. Assim, a ausência de autógrafos para o autor aumenta consideravelmente a possibilidade de transmissão independente do quantitativo de "obras ou cópias preservadas", tornando "o desejo das redes sociais mais importante que o desejo dos compositores que as produziram"[418].

Para Régis Duprat (2012) em seu texto "A música sacra no Brasil colonial: uma reflexão ontológico-hermenêutica"[419] publicado na *Revista Brasileira de Música* –UFRJ, a música sacra do período colonial é sustentada pelos textos litúrgicos do calendário religioso católico. Dada a sua riqueza linguística e semântica, os textos litúrgicos, garantem a sustentação de um discurso musical que evoluiu

---

[415] CASTAGNA, Paulo, 2012, p. 34.
[416] Idem, p. 35
[417] Idem, p. 36
[418] Ibidem
[419] DUPRAT, Régis. A música sacra no Brasil colonial: uma reflexão ontológico-hermenêutica. *Revista Brasileira de Música*. Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da UFRJ. Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 287-298, 2012.

historicamente, ou seja, música e texto religioso se conectam ganhando a música com a variedade linguística e poética do texto. "Cada frase, no latim ou no vernáculo, é carregada de sentido denso e sugestivo que desafia a imaginação e a criatividade do compositor para explorar os recursos musicais disponíveis"[420]. O autor afirma que as atividades, compreensivelmente consideradas fundamentais, de resgate e restauração dos manuscritos musicais fizeram com que as atividades de interpretação técnico-estético-estilística deste material ficassem em segundo plano. Contudo, continua o autor, essa etapa pode ser rompida, dado a disponibilidade de um grande número de fontes primárias. A passagem para uma etapa de análise já é possível, sendo sugerido que essas análises tenham como exemplo as análises semelhantes realizadas em partituras "de compositores hispano-americanos, portugueses, espanhóis e italianos da escola napolitana"[421] visto que essas tiveram grande influência "na formação do estilo e dos processos composicionais da música ibérica e, consequentemente, da América Latina"[422], sendo muito interessante estudar os movimentos teórico-estilísticos europeus que influenciaram a prática musical no setecentos no Brasil colonial. "Estudos recentes têm explorado com certa frequência a importância das fontes napolitanas e portuguesas para a nossa música do período colonial"[423]. Destaca o autor a importância do estudo da obra de André da Silva Gomes, o Tratado de Contraponto – Arte Explicada de Contraponto, bem como o Tratado de Teoria Musical de Caetano de Melo Jesus, ambos escritos nos últimos anos do setecentos. Salienta Régis Duprat que a superação de uma musicologia histórica positivista somente se dará com a realização de uma "análise historicamente informada e hermenêutica"[424], uma forma de trabalho musicológica que pode nortear os trabalhos de investigação sobre acervos, bem como preservar as fontes musicais do período colonial. O autor considera que elementos do classicismo musical estão presentes na obra de vários compositores mineiros, sendo

---

[420] DUPRAT, Régis, 2012, p. 288
[421] Idem, p. 290
[422] Ibidem
[423] Ibidem
[424] Idem, p. 291

Lobo de Mesquita um bom exemplo, apesar deste se utilizar do baixo contínuo. Verifica que ele vai abandonando gradativamente essa característica barroca, sendo que "suas melodias e temas têm sabor singelo, explorando os solos e duos em terças e sextas paralelas, em formas de construção simples"[425]. Contudo, salienta que o compositor mais afeto ao classicismo na Minas colonial é Francisco Gomes da Rocha (1754-1808), que apesar de utilizar elementos barrocos como o "cifrado caminhante e abundante; contrastes *tutti-solos* e harmonia sequencial barroca [é] o autor com maior predileção pelas formas monumentais"[426]. A Missas com 8 vozes e orquestra, em estilo contrapontístico, "de feitura irreprochável, é, seguramente, uma das obras monumentais escritas no período colonial brasileiro"[427]. Considera ainda, o autor, que o rico repertório musical do setecentos está, diversamente do que usualmente e equivocadamente se supõe, inserido no "circuito europeu da especialidade", integrando-se "inclusive na geração de métodos e tratados teóricos a serviço das atividades musicais da profissão"[428]. Outro engano, segundo Régis Duprat é limitar uma dada prática musical, a um dado território, reduzindo "a excelência da composição" e a variedade do repertório, apenas a uma localidade, como ocorreu, guardada as devidas proporções, com a produção musical ibérica do mesmo período[429].

Finalizando a categoria Reflexões críticas temos o artigo de Maurício Monteiro (2016) "Música e Identidade em Minas Gerais Colonial"[430] publicado nas *Revista Caletroscópio* do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos e Linguagem da UFOP. Enfoca as prováveis interações de identidade na música do período colonial mineiro. Defende que essa identidade é expandida particularmente pela estrutura social em torno das funções musicais dos cultos e festas religiosas.

---

[425] DUPRAT, Régis, 2012, p. 292
[426] Idem
[427] Ibidem
[428] DUPRAT, Régis, 2012, 287
[429] Ibidem
[430] MONTEIRO, Mauricio. Música e Identidade em Minas Gerais Colonial. *Caletroscópio,* Revista do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos e Linguagem. São Paulo: v. 4, p. 63-87, 2016.

Entende que as festividades são instâncias de "estabilidade social"[431] na medida em que propiciam o surgimento de uma identidade ideal construída dentro de um mundo imaginário cujas diferenças são utópicas, sendo as identidades, contudo, naquele momento, reais. O período da análise foi a segunda metade do século XVIII e as primeiras décadas do XIX, época de declínio da produção aurífera e controversamente de maior produtividade da atividade artística, segundo o autor. As instâncias propulsoras da prática musical ligada às festas religiosas eram os Senados da Câmara e as Irmandades e Confrarias, sendo imprescindível abordar essas últimas ao se discutir uma história da música mineira, com alto viés social. Considera o autor que estilisticamente a música do período em Minas Gerais não possuía uma unidade, não podendo se estabelecer uma correspondência exata entre a música praticada na Europa, uma vez que "a música dos compositores da Minas Gerais colonial redimensiona [...] a linguagem setecentista, basicamente retórica, com um princípio funcional para o culto religioso e para a vida social"[432]. Quanto à questão étnica, o autor estabelece uma discussão acerca do papel do "mulato" e do negro na música do período, enfatizando que a estrutura estamental da época estabelece uma divisão das forças produtivas[433].

Maurício Monteiro amplia as discussões apresentadas no artigo acima no seu livro que inserimos na categoria História/ Sociedade "Música e Vida Cotidiana em Minas Gerais, séculos XVIII e XIX"[434]. Aprofundando significativamente as suas considerações e análises apresenta também mais dois enfoques, a trajetória e características musicais da obra de João de Castro Lobo (1794-1832) e a atuação da Irmandade de Santa Cecília, surgida no Brasil no início do oitocentos com grande força. Aglutinadora de músicos e *Luthiers*, tem uma função reguladora e fiscalizadora dos profissionais músicos, bem como defende seus interesses.

---

[431] MONTEIRO, Maurício, 2016, p. 63
[432] Idem, p. 67
[433] Ibidem
[434] MONTEIRO, Maurício. *Música e Vida Cotidiana em Minas Gerais, séculos XVIII e XIX*. Parte I. Ouro Preto: Editora Castro Lobo. 2018. 317p.

Passemos agora para um artigo que inserimos na categoria Performance musical. Se trata do artigo de Katya Beatriz de Oliveira e de Laura Tausz Rónai (2011) sob o título "A prática musical religiosa no Brasil e em Portugal na segunda metade do século XVIII: paralelo e fundamentação para a interpretação vocal da música de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita"[435]. Publicado na Revista *Per Musi* da UFMG. Dois objetivos são percebidos no trabalho. Por um lado, no aspecto interpretativo, as autoras buscam encontrar uma justificativa para o uso de tratados europeus como basilares das interpretações da música mineira setecentista, sendo esses o de Pier Francesco Tosi (Itália - ca. 1653-1732), Giambattista Mancini (Itália – 1714-1800), Johann Adam Hiller (Alemanha; 1728-1824), Johann Joachim Quantz (Alemanha; 1673-1773) e Manoel de Moraes Pedroso (Portugal). Por outro, por meio de uma análise comparativa do solo para soprano da *Missa em Mi bemol* de Lobo de Mesquita, com duas peças de compositores italianos presentes em Portugal na segunda metade do setecentos – do compositor David Perez o solo para soprano da sua *Missa a cinco vozes*; e, de Niccolò Jommelli o primeiro movimento do moteto *Care Deus si respiro*, para soprano solo e cordas – verificam a influência da música praticada na corte portuguesa na segunda metade do setecentos, sobre a música do compositor mineiro Lobo de Mesquita.

Após a explanação sobre a música em Portugal e o cenário musical em Minas Gerais no século XVIII, as autoras realizam uma análise comparativa do solo de soprano dos três autores aqui já mencionados no tocante as melodias, os textos e seus pontos culminantes, suas respectivas traduções, a extensão vocal, os baixos, e a forma. Concluída essa análise, são relacionadas uma série de sugestões para a interpretação vocal dos solos das peças, com base nos tratados também aqui mencionados. Evitar excessos de ornamentação, bem como cuidar da acuidade da afinação, com a necessária diferenciação dos semitons maiores e menores, com diferenciação da emissão de sustenidos (duros e acentuados) e os bemóis (suaves,

---

[435] OLIVEIRA, Katya Beatriz de; RÓNAI, Laura Tausz. A prática musical religiosa no Brasil e em Portugal na segunda metade do século XVIII: paralelo e fundamentação para a interpretação vocal da música de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. *Per Musi,* Belo Horizonte, n.24, 2011a, p. 151-166.

leves e moles), a dicção clara com a valorização das palavras-chaves, bem como a realização da dinâmica com o acento de dissonâncias em detrimento das consonâncias são alguns dos aspectos abordados.

A conclusão a que se chega em relação a obra de Lobo de Mesquita tomada como base a *Missa em Mi Bemol* é que ela está alinhada com significativos aspectos da música pré-clássica praticada na Europa. Marcada pela delicadeza, elaboração singela e visível preocupação com a valorização do texto, possui harmonia simples "condizente com as condições de ensino e transmissão da música nas Minas Gerais do século XVIII"[436]. O aprofundamento das discussões é realizado por Katya Beatriz de Oliveira (2011) na dissertação de mestrado "A interpretação vocal na missa em Mi bemol de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita: por uma interpretação historicamente fundamentada, focalizando o soprano solo Quoniam"[437].

O próximo artigo é de Domingos Sávio Lins Brandão (2012) sob o título "Análise Musical e Musicologia Histórica"[438]. Uma publicação da *Revista Modus* da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG traz as reflexões do autor acerca dos benefícios da análise para a musicologia histórica, particularmente das transcrições e edições musicais. Em uma incursão bibliográfica/ conceitual, busca sustentação teórica para o seu entendimento da análise musical de abordagem cultural, como uma forma de diálogo do musicólogo com determinada obra. Considera as partituras como "documentos monumentos"[439], frutos e parte integrantes de uma dada realidade social, sendo estas, por conseguinte, representações culturais, produto de práticas sociais, resultado do esforço de uma dada sociedade ou de um indivíduo em legar para o futuro sua produção musical. Continuando sua articulação conceitual lança mão do entendimento da música como

---

[436] OLIVEIRA, Katya Beatriz de; RÓNAI, Laura Tausz, 2011, p. 163

[437] OLIVEIRA, Katya Beatriz de. *A interpretação vocal na missa em Mi bemol de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita*: por uma interpretação historicamente fundamentada, focalizando o soprano solo Quoniam. Rio de Janeiro, 2011. 241f. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de pós-graduação em música. Centro de Letras e Artes. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, 2011.

[438] BRANDÃO, Domingos Sávio Lins. Análise Musical e Musicologia Histórica, *Revista Modus,* Barbacena, EdUEMG, Ano 7, n. 10, p. 21-36. 2012.

[439] LE GOFF, Jacques, 2013, p. 538 *apud* BRANDÃO. Domingos S. Lins, 2012, p. 23.

um "fato social total"[440] e considerando, portanto, às práticas musicais registradas como extremamente significativas, por serem representações do mundo. Nesse sentido, o campo da musicologia histórica não é isolado e está intimamente ligado à história social e cultural das obras em questão, sendo, assim, o musicólogo um historiador[441]. Contudo, destaca Domingos Brandão que grande parte da produção musicológica tem, especialmente em obras históricas, não considerado o contexto sócio cultural do qual a obra foi elaborada. Assim, considera o autor que "o som é um fenômeno social"[442], sendo fundamental para uma boa análise musical estabelecer relações entre compositores, forma e gêneros musicais, observando sempre a parte em relação ao todo, a dimensão musical em relação às práticas culturais de uma dada sociedade. Nesse sentido, realiza o autor uma série de citações de autores[443] que compartilham do entendimento, para eles basilar, que a realização de uma análise musical considera que compositores, intérpretes e ouvintes "se acham condicionados por sistemas e convenções"[444]. Agora focando suas considerações na denominada "Minas Barroca", salienta que essa expressa um "intenso processo de mestiçagem cultural[445]. Defende que a produção musical do período colonial mineiro, embora integrando o campo estilístico da produção europeia, a transforma profundamente, "em função da nossa própria multiplicidade social"[446]. A música do período colonial mineiro reúne, peculiarmente, traços musicais barrocos e clássicos, ao mesmo tempo que se observa modelos arcaicos do moteto renascentista, além de cantigas modais. Essas especificidades fazem com que não possamos enquadrar a "música barroca mineira" na visão tradicional por estilos ou períodos de forma linear e evolucionista.

---

[440] MAUSS, Marcel, 2003, p. 187 *apud* BRANDÃO. Domingos S. Lins, 2012, p. 23.
[441] KERMAN, Joseph, 1987, p. 48 *apud* BRANDÃO. Domingos S. Lins, 2012, p. 24.
[442] BRANDÃO. Domingos S. Lins, 2012, p. 24
[443] BLACKING, John, 1995; Gerard BEHÁGUE, 2006;
[444] BRANDÃO. Domingos S. Lins, 2012, p. 26.
[445] Idem, p. 31
[446] Idem, p. 32.

Do autor de três publicações acerca da análise musical o musicólogo e regente Alberto Figueiredo Pinto (2017, 2020a[447], 2020b[448]), selecionamos o trabalho de 2017 para nossa análise. Se trata da segunda edição revisada do livro, "*Música sacra e religiosa brasileira dos séculos XVIII e XIX*: Teorias e práticas editorias[449]. Tendo como temática a análise textual e editorial, a publicação do livro de 359 páginas está disponível no sítio http://www.músicasacrabrasileira.com.br/. O livro pode ser reproduzido livremente, sendo obrigatória apenas a referência à autoria e à publicação. A publicação se insere na discussão contemporânea de utilização da internet, da publicização e disponibilização, de versões de textos e livros on-line, de publicações que anteriormente, dadas as suas características físicas, cristalizavam as informações contidas em páginas impressas, dirigidas especialmente a um público especializado. Alternando discussões teóricas e aplicações práticas, o livro pode ser considerado, como menciona o musicólogo David Cranmer no prefácio, um "manual" de apoio para pesquisadores interessados na gama de aspectos envolvidos na edição de manuscritos, bem como para docentes, tendo em vista que pode ser utilizado como material didático, na formação de profissionais ligadas à manipulação de acervos e arquivos musicais, ou de cursos onde o texto musical escrito é utilizado. A publicação coloca luz sobre a possibilidade de apropriação, do vasto acervo de manuscritos brasileiros[450] disponíveis nas diversas instituições do país e do exterior, oferecendo a instrumentistas e musicólogos ferramental, teórico e prático, indispensável para o entendimento dos mecanismos editoriais presentes nos processos de sua transmissão gráfica.

O livro está organizado em duas partes e sete capítulos. Na primeira parte o autor apresenta e discute teorias e metodologias basilares para a análise

---

[447] FIGUEIREDO, Carlos Alberto. *Três estudos sobre a Antífona Salve Regina de Lobo de Mesquita: edições. Análises e gravações*. Rio de Janeiro: S2 Books. 124 p. 2020a.
[448] FIGUEIREDO, Carlos Alberto (org.). Coleção música sacra mineira. V. I. Rio de Janeiro: FUNARTE. Ebook. 2020b.
[449] FIGUEIREDO, Carlos Alberto. *Música Sacra e religiosa brasileira dos séculos XVIII e XIX*: Teoria e práticas editoriais. 2. ed. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2017. v. 01. 359 p.
[450] O autor incentiva o acesso e apropriação do conteúdo da publicação online também de sua autoria, o *Catálogo de Publicações de Música Sacra e Religiosa Brasileira* – Obras dos séculos XVIII e XIX - CMSRB, contendo 700 itens, disponível no mencionado sítio.

qualificada de sete tipos de edições, agrupadas em três categorias (capítulos de 1 a 5). Na segunda parte são aplicados os conceitos e metodologias tratados anteriormente, em dezenove edições de música sacra e religiosa brasileira dos séculos XVIII e XIX, elaboradas por editores brasileiros (capítulos 6 e 7). Destaca-se a apresentação, de forma prática, realizada no último capítulo do livro, de questões recorrentes encontradas nas edições envolvidas, evidenciando a aplicabilidade da crítica textual e editorial, bem como a publicação de um glossário contendo a síntese de todos os conceitos trabalhados, promovendo uma melhor absorção do binômio teoria-prática, realizado de forma objetiva e didática.

Ancorado em Molino e Nattiez, Figueiredo considera a partitura, suporte físico ou digital do objeto sonoro, como catalisador do processo de investigação e análise da transmissão do fenômeno musical. Contendo parte ou a totalidade de uma obra, o fenômeno musical, caracterizado por dois extremos: o *poiético* – de sua produção pelo compositor - e o *estésico* – de sua recepção pelo executante ou ouvinte, adquire uma posição ambígua. Em um nível, denominado de *neutro*, a partitura em si integra o poiético e o estésico, na medida em que um intérprete/ executante, recria o objeto sonoro em questão, por meio da sua interpretação do texto musical. Categoria escrita das formas de registro e transmissão do discurso sonoro, o texto musical é modo preferencial de conservação da música erudita de tradição ocidental, da qual a música sacra é parte integrante. A partir da leitura da partitura (decodificação e interpretação), é possível a reflexão crítica do seu conteúdo, criando também a possibilidade de repetição, preservação e transmissão de uma obra musical. Nesse processo a partitura musical - conjunto de elementos gráficos, organizados por meio da notação musical ocidental tradicional - é o suporte físico mais utilizado. Tendo no manuscrito autógrafo como sua base, é considerado uma fonte fixa de registro do percurso da concepção da obra, até a sua primeira redação. Envolve dois tempos históricos, o passado (sua criação), e o presente (sua execução), é composto por um período intermediário que envolve vários tempos históricos em correspondência à sua ancestralidade, necessariamente emergentes nas análises musicológicas a serem realizadas.

Todo objeto musical escrito, demanda dos atores envolvidos no processo de construção do seu texto, a habilidade de decifrar os códigos da escrita musical vigente em sua cultura. Copistas e editores necessitam, ainda, dominar as principais etapas do processo de copiar uma obra musical, refinando sua habilidade de transcrever os símbolos do texto musical, bem como a capacidade de interpretar seu conteúdo musical. São fundamentais também, por parte destes: a capacidade de leitura dos modelos musicais, em questão, sua memorização e retenção, a realização de ditado interior, bem como a execução manual, substituídas hoje pela destreza e domínio dos programas de edição de textos musicais.

Editar uma obra musical requer o conhecimento das teorias e metodologias editoriais, pois o processo de edição musical decorre da pesquisa e da reflexão do editor, bem como da diferenciação dos impactos e das questões textuais, em busca da garantia da fidedignidade da fonte utilizada. São essas: **1) Edições Não Críticas** - a) Fac-similar – reprodução literal da fonte; b) Diplomática – transcrição o mais fiel possível do texto base; e c) Prática – destinada ao executante; **2) Edições Teóricas** – a) Genética – deslocamento do interesse no texto musical para o seu processo de criação, sendo importante considerar os conceitos de crítica genética, teoria de construção do prototexto e Unidade Relacional; b) Aberta – registra diferente cópias e edições de uma mesma obra, envolvendo a conceituação da Crítica das variantes; e **3) Edições Críticas** – aquelas que são resultados das investigações e procura por registros da intenção do autor, bem como da crítica textual ou da tradição e das variantes. São apresentados, ainda, como suporte metodológico, vários métodos de análise do processo de edição.

Cabe aqui salientar, que Figueiredo considera que apesar de todos os avanços e aumento significativo dos trabalhos que tem como foco a análise textual e editorial, as edições que envolvem o repertório sacro brasileiro são de difícil categorização estilística, dada a dificuldade de vinculação entre obra e seu compositor ou editor. São apresentados como exemplos dessa dificuldade, a Coleção Curt Lange do Museu da Inconfidência – Ouro Preto, que conta com trezentas obras anônimas, e o Acervo da Cúria Metropolitana de São Paulo, onde 40% das obras musicais, classificadas como músicas avulsas, são manuscritos. As pesquisas com

foco no processo composicional, editorial, e de transmissão da música sacra brasileira do século XVIII, problematiza o autor, ainda é incipiente, sendo necessária muita pesquisa, o que pode trazer muitas surpresas ao meio científico.

Um dos autores que apresenta um quantitativo significativo de produções no final da década de 2010 e princípio de 2021 é Felipe Novaes Ricardo (2016[451], 2019, 2020a[452], 2020b[453]). Reunimos aqui os seus principais trabalhos selecionando a sua Dissertação de Mestrado "Entre Santos e mosquetões: arremates de música em Vila Rica (1775-1812)"[454], para o levantamento das diretrizes do seu trabalho. Ressaltamos aqui que corremos o risco de suprimir informações preciosas.

Destacando que a maioria dos trabalhos acadêmicos acerca das arrematações da música do período colonial mineiro tem seu foco nas organizações de leigos – Irmandades e Confrarias – Felipe Novaes traz como mote de sua pesquisa o impacto das arrematações de música pelo Senado da Câmara na vida cotidiana dos oficiais músicos em Villa Rica, no período já mencionado. Procura entender o impacto desta modalidade de contratação, no campo laboral dos oficiais músicos.

Uma de suas estratégias metodológicas foi a revisão da bibliografia afeita ao estudo do provimento e custeio da música, bem como a administração portuguesa nas suas colônias. Outro viés da pesquisa foi o levantamento documental nos registros oficiais do Senado da Câmara de Ouro Preto é da Coleção Casa dos Contos, ambos acondicionados no Arquivo Público Mineiro, tendo como questão motivadora a mobilidade dos oficiais músicos na sociedade estamental colonial. Felipe Novaes os coloca no lugar intermediário entre um pólo dos brancos e do outro de

---

[451] RICARDO, Felipe Novaes. *Volutas agudas e esmeriladas: tensão e repouso na linguística musical do Barroco Mineiro*. In: Otávio Luiz Machado. (Org.). Universidade de Ideias. 1ed.Frutal: Prospectiva, v. 7, p. 40-79. 2016d.

[452] NOVAES, Felipe. Dois de janeiro de 1762: um requerimento e outro modo de financiar a música em Vila Rica. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXX, 2020, Manaus. *Anais*..., ANPPOM, 2021. p. 1-11.

[453] NOVAES, Felipe. A música na arquitetura jurisdicional do Estado Monárquico Luso: Vila Rica em contexto. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, III, 2019c, São João del Rei. Anais... Universidade Federal de São João del Rei, 2019c, v. 1. p. 153-167.

[454] NOVAES, Felipe. *Entre Santos e mosquetões: arremates de música em Vila Rica (1775-1812)*. Belo Horizontes, 2019, 258f. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019a.

classificação negra ou parda, perguntando-se como se movimentavam. Nesse sentido, considera que por mais que esses fossem protagonistas de uma música em sintonia com os parâmetros estéticos vigentes e se adequassem às exigências das instâncias contratadoras da música, esses músicos contavam exclusivamente com sua força de trabalho, seu ofício, sendo reconhecidos quando em atuação, mas tendo um lugar difuso no cotidiano. Salienta que alguns dos oficiais músicos eram letrados, não se enquadrando, portanto, na classificação de "desclassificados" proposta por Laura de Mello e Souza (1986)[455].

Felipe Novaes analisa documental e teoricamente duas modalidades de contratação da música pelo Senado da Câmara, o estanco e o arremate. Salienta que esses dois modelos são incomparáveis entre si, visto que se dão em tempos diferentes e, portanto, sob contextos sociais e políticos diferenciados. Trabalha com a ideia que o poder local em Villa Rica, particularmente o Senado da Câmara, que denomina de "concelhio" dada os seus poderes e atribuições.

O estanco é discutido, pelo autor, ancorado nos trabalhos de Régis Duprat[456]. Prática monopolista vigente nas colônias portuguesas, o estanco musical foi abandonado no decorrer do século XVIII. Trata-se da indicação anual por parte da Igreja, por meio dos Bispados, do Mestre de Capela como responsável por toda a música e formação musical na localidade. Caracterizada por uma relação hierárquica entre o Mestre de Capela e o Bispado que lhe pagava uma pensão anual, é considerado uma estratégia do padroado para controlar o "decoro das solfas" combatendo os considerados "vícios de uma sociedade mestiça e seus vínculos inerentes que contribuíram para a ruína moral no relaxamento dos costumes que permitiram a feitiçaria e o calundu"[457]. Por conseguinte, esse, o Mestre de Capela, era responsável pela contratação e pelo pagamento dos músicos integrantes de cada

---

[455] SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do Ouro*: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Graal, 1986

[456] Ao final desta tese, nas referências bibliográficas estão a indicação dos três principais trabalhos de Régis Duprat acerca do estanco musical. Régis Duprat (1981;1999)

[457] MACHADO NETO, 2008, p. 41 *apud* NOVAES, Filipe Ricardo, 2019, p. 64

festividade. Cabe ressaltar que segundo determinação do padroado português o Senado da Câmara realizava pagamentos ao clero local.

Já o arremate da música é uma modalidade que vigorou no decorrer do setecentos e princípio do oitocentos. Realizada pelo Senado da Câmara ou pelas Irmandades religiosas é um leilão anual que era realizado de forma pública para a contratação da música das festas oficiais do ano seguinte. Felipe Novaes destaca que o perfil do músico arrematador era de um "mulato" com algum grau de destaque social, sendo essa uma patente militar ou título civil. Esse único músico, o arrematador, assinava o termo de ajuste, o contrato da música, com o Senado da Câmara. Esse músico era geralmente, mas não exclusivamente, um regente, mas, sempre, o músico de maior prestígio do grupo. Felipe Novaes passa a seguir a fazer o levantamento dos itens arrematados pelo Senado da Câmara e integrantes das providências necessárias para a realização das festas oficiais da vila. Aponta quatro elementos: a garantia da iluminação pública nos dias da festa por meio da aquisição de cera para as velas; a ornamentação da Igreja Matriz; a contratação do sacristão para a ornamentação da Matriz e do vigário local para a condução das festividades; e, particularmente, os arremates para a contratação da música.

Para fins de detalhamento seleciona o músico Florêncio Jozé Ferreira Coutinho para análise das "estratégias de inserção, permanência e negociação no mercado das festividades públicas [...]"[458]. Conclui-se que o músico, entre 1775 e 1798, não se destacou no processo de arremates para a música das festividades oficiais de Villa Rica. No entanto, após a estruturação e análise de sua rede de sociabilidade, metodologia utilizada para o levantamento da zona de influência – as relações profissionais - de um oficial músico em relação aos seus pares, se observa que Ferreira Coutinho possuía grande vínculo de relação com outros oficiais músicos, inclusive o arrematante. Assim sendo, e embasado pela análise da documentação chega à conclusão que os arremates da música em Vila Rica eram um processo sistemático e consolidado alimentado continuamente não só pelo mercado

[458] NOVAES, Filipe. 2019, p. 35

da música, mas também pelo comércio de manufaturas. Contudo, identifica na relação entre o Senado da Câmara e os oficiais músicos um vínculo clientelista, uma vez que é estabelecida uma relação de dependência econômica. Já no interior da categoria se destacam elementos cooperativistas, visto que se observa vínculos de grande duração, de reconhecimento mútuo mesmo diante das várias formações de grupos para o atendimento aos arremates.

O recorte da pesquisa é de 37 anos tendo em vista dois eventos que interferiram no universo do oficialato musical. No ano de 1775 dada a reforma militar conduzida por D. Antônio de Noronha que redefine o protocolo de ordenação dos regimentos e tropas uma vez que vários soldados de baixa patente são músicos. E o ano de 1812, marco da criação em Vila Rica da Irmandade de Santa Cecília.

Passemos para a dissertação de mestrado de Fernando Emboaba Camargo (2013). Com o título "Florêncio José Ferreira Coutinho – compositor dos tempos coloniais – partituras e documentação"[459] foi por nós classificada na categoria Músico/ compositor por se dedicar inteiramente ao músico Ferreira Coutinho. Atuante em Vila Rica como timbaleiro e trombeteiro era músico profissional militar que recebia soldo; compositor, cantor e compositor atuante na Casa de Ópera de Vila Rica; bem como cantor (voz de baixo) e compositor, mestre-de-capela nos mais diversos serviços religiosos para o Senado da Câmara, bem como para as principais irmandades de Vila Rica. Além das informações acerca do músico, o trabalho traz a catalogação de obras, bem como da edição de suas partituras, com suas respectivas análises harmônicas, estruturais e estilísticas.

A análise musical enquanto metodologia de declamação do texto "Salve Regina", em composições do período colonial mineiro, é o objeto de Modesto Fonseca (2013) na tese de doutorado "Um caminho para a análise de estilo: a expressão para a declamação do texto da Antífona Salve Regina em obras de

[459] CAMARGO, Fernando Emboaba. *Florêncio José Ferreira Coutinho – compositor dos tempos coloniais – partituras e documentação.* São Paulo, 2013. 197f. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

compositores setecentistas mineiros"[460], apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. A questão problema é a possibilidade, ou não, de se definir um estilo para a música setecentista mineira. De José Maria Neves (1999) adota o ponto de vista que considera que a música produzida no Brasil colonial possui elementos particulares e diferenciados da música coetânea produzida na Europa, devendo a musicologia brasileira buscar sua caracterização no que essa música tem de essencial ao invés de buscar os reflexos do modelo europeu nessa produção. Considera a denominação da música produzida em Minas Gerais nesse período desafiante. Registra que inicialmente foi utilizado a denominação "colonial mineira"[461], uma opção de cunho histórico de Curt Lange. Posteriormente, apesar de ser difícil precisar seu surgimento, passa também a ser designada de Música Barroca (mineira no caso específico de Minas Gerais), sendo que essa denominação passa a ser questionada na década de 1960.

Ressalta que a musicologia, notadamente a implementada no Brasil pelo teuto-uruguaio Curt Lange na década de 1940 foi focada na análise de composições de expoentes do período, que acabaram se convertendo no epicentro de suas pesquisas. Essa tendência, o foco no compositor e não na sua obra, é uma tendência certamente herdada da tradição musicológica europeia. Propostas classificatórias são encontradas na musicologia brasileira, particularmente na década de 1990, segundo o autor, com declínio no início de 2001. Outra constatação da tese foi tomada de empréstimo de Carlos Kater (1994), que afirma que as análises sobre a música do período colonial foram sempre realizadas a partir de fatores externos a ela, devendo ao contrário partir de fatores internos, ao que relaciona ao conceito de Jan Larue (1970) de "pequenas dimensões" os "motivos, membros de frase e frase".

---

[460] FONSECA, Modesto Flávio Chagas. *Um caminho para a análise de estilo*: a expressão musical para a declamação do texto da antífona Salve Regina em obras de compositores setecentistas mineiros. Rio de Janeiro, 2013, 291f. Tese (Doutorado em Música). Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2013.

[461] FONSECA, Modesto, 2013, p. 10

Com Jean Jacques Nattiez (1993) e Nicolas Meeùs (1993) chega à decisão que os elementos a serem considerados na análise o serão por meio de uma rede de associações entre obras, sendo selecionadas o conjunto de seis "Salve Regina" para a análise, dos seguintes compositores: Inácio Parreiras Neves (século XVIII), Marcos Coelho Neto (1763-1823), José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (17[ ]-1805), Jerônimo de Souza (2ª met. Séc. XVIII-início do XIX), Francisco de Mello Rodrigues (2ª met. Séc. XVIII-início do XIX) e João de Deus de Castro Lobo (1794-1832).

Apresentado suas considerações e conclusões dos elementos similares entre as seis antífonas, o autor ressalta que não é seu objetivo apresentar conclusivamente quais são obras estilisticamente mineiras ou não. Considera a amostragem pequena para tanto. Contudo, enfatiza seu desejo que o trabalho apresentado contribuía para a construção de uma metodologia de análise de como abordar a música produzida na Minas Colonial.

Os dois últimos títulos foram apresentados no III Encontro de Musicologia Histórica do Campo das Vertentes têm como coautoria a Professora Doutora Edite Rocha. O primeiro de Rodrigo Pardini e o segundo de Rachel de Ulhôa. Rodrigo Pardini (2020) é autor do texto "Um olhar através dos indícios da atividade musical das associações religiosas de leigos nos registros do Senado da Câmara (São João del-Rei, 1731-1750)"[462]. Partindo das considerações de Aloizio Viegas que muito pesquisou acerca da música em São João del-Rei o texto tem como objetivo analisar evidências nos documentos do Senado da Câmara da localidade de registros das irmandades leigas acerca das festas religiosas da localidade em busca de conexões entre os músicos, o poder público e as organizações de leigos. O autor relata que selecionou 11 documentos pertencentes ao Senado da Câmara de São João del-Rei entre 1730 e 1750 referentes a sete associações religiosas de leigos e sete

[462] PARDINI, Rodrigo; ROCHA, Edite. Um olhar através dos indícios da atividade musical das associações religiosas de leigos nos registros do Senado da Câmara (São João del-Rei, 1731-1750). In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, III, 2020, São João del-Rei. *Anais*... Universidade Federal de São João del-Rei, 2020, p. 81-91.

documentos pertencentes ao Arquivo Eclesiástico de São João Del-Rei. Levantadas na documentação as festas religiosas da comunidade, o autor passa a discorrer sobre a relação entre o Senado da Câmara e as associações de leigos, chegando à conclusão, após analisar os registros de pagamento das festas religiosas, que os membros do Senado da Câmara participavam ativamente das festas promovidas pelas associações leigas. Outra conclusão após análise é que paulatinamente o Senado da Câmara passa algumas das festas de sua responsabilidade para as associações leigas. A relação entre o poder público e as organizações de leigos era estreita na avaliação do autor, uma vez que esse encontra pessoas pertencentes ao Senado da Câmara na relação de irmãos de irmandades e confrarias. Observa ainda a diminuição dos registros de pagamentos a músicos no Senado da Câmara, inferindo que isso se dá devido à transferência paulatina de responsabilidade sobre a realização dos festejos.

Deixamos por último nosso texto com a coautoria da Professora Doutora Edite Rocha, nossa orientadora neste trabalho, por apresentar parte de nosso capítulo 4 – Ajustes e oitavas de ouro: Documentos de pesquisa acerca da história da música em Diamantina e Serro coloniais. No referido capítulo descrevemos nosso estudo, descrição e reanálise dos documentos de pesquisa de Francisco Curt Lange hoje acondicionados nas pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Série 10 – Estudos e Transcrições no Acervo Curt Lange da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. No texto "Mapeamento, categorização e classificação documental na série 10.3 do Acervo Curt Lange da UFMG: Irmandades e Confrarias"[463], apresentado no III Encontro de musicologia do Campo das Vertentes relatamos um estudo preliminar, apresentando a relação dos documentos ligados às sete Irmandades e Confrarias do Serro e de Diamantina acondicionados nas referidas pastas, bem como detalhamos nossa metodologia de trabalho no mapeamento, categorização e

[463] DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite Maria Oliveira. DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite Maria Oliveira. *Mapeamento, Categorização e Classificação Documental na Série 10.3 do Acervo Curt Lange da UFMG*: Irmandades e Confrarias. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, III, 2019, São João del-Rei. *Anais*.... São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2019a, p. 277-287.

classificação desta documentação que posteriormente foi realizada com a totalidade dos documentos das ditas pastas.

É pequena a diferença quantitativa de títulos da década de 2000, com 53 (cinquenta e três), para a década de 2010 e o ano de 2020, que totalizou 47 (quarenta e sete) produções. Contudo, resolvemos detalhar o quantitativo de títulos e de pesquisadores que atuaram em cada ano da década, bem como com o ano de 2020. Observemos o Quadro 21

Quadro 21 Quantitativo de títulos e pesquisadores de 2010 a 2020

Fonte: Rachel de Ulhôa 2022

Podemos concluir que a produção anual referente à música no período colonial mineiro ficou em média de quatro e meia produções anuais. O número de pesquisadores chega ao mínimo de dois e ao máximo de sete. Uma redução considerável em relação às décadas anteriores. Nesse sentido investigamos, ainda, o nome dos pesquisadores e principal categoria da sua produção, como especificado a seguir:

- ✓ *Edição musical*: Carlos Alberto Figueiredo (2010; 2014), Paulo Castagna (2019);

- ✓ *Estilo*: Carlos Alberto Figueiredo (2012), Eliel Almeida Soares e Diósnio Machado Neto (2014), Domingos Sávio Lins Brandão (2012), Eliel Almeida Soares (2014, 2017a; 2017b); Modesto Flávio Chagas Fonseca (2012;2013);
- ✓ *Performance musical:* Katya Beatriz Oliveira (2011); Laura Tausz Rónai (2011);
- ✓ *História/ sociedade:* Aldo Luis Leoni (2010); Barbara Age (2017); Edite Rocha (2017;2018); Felipe Novaes (2019e; 2019f; 2019g); Rachel de Ulhôa (2017; 2018)
- ✓ *Reflexão crítica*: Domingos Sávio Lins Brandão (2010); Diósnio Machado Neto (2011); Edite Rocha (2017a; 2017b; 2018a; 2018b; 2019a; 2019b; 2019c; 2020); Eliel Almeida Soares (2019) Fábio Henrique Viana (2011a; 2011b); Felipe Novaes (2016a; 2016b; 2016c; 2017; 2018; 2019a; 2019b; 2019c; 2019d; 2020a; 2020b; 2020c); Luciano Cintra (2010); Loque Arcanjo Junior (2017); Maurício Monteiro (2016; 2018); Mary Angela Biason (2012); Rachel de Ulhôa (2019; 2020); Raíssa Anastásia de Souza Melo (2010); Régis Duprat (2012); Rodrigo Pardini (2020); Sara Bittencourt Marcucci (2017).

O formato com o maior quantitativo de publicações na década de 2010 e o ano de 2020 é o de Anais de eventos científicos. Dos 47 títulos, 24 são publicações neste formato. Destacamos por ter sido idealizado na década e se dedicado à musicologia de abordagem histórica o I (2017), II (2018) e III (2019) Encontros de musicologia Histórica do Campo das Vertentes capitaneado pela Universidade Federal de São João Del-Rei. Os encontros promoveram grande incentivo para a disciplina, sendo vários os artigos publicados em seus Anais Eletrônicos. Em seguida, o formato mais utilizado foi revista/ Jornal. Quanto à categoria das produções, damos destaque à categoria Reflexões críticas, sendo que os autores buscam abordar aspectos da música no setecentos e princípios do oitocentos por ângulos ainda não explorados anteriormente. Novas interpretações são apresentadas com a devida ressalva que não existe o certo ou errado e sim olhares em tempos e contextos diferenciados. Conceitos e narrativas históricas são revistos e atualizados com conceitos contemporâneos. Contudo, ainda se verificam alguns

trabalhos que resgatam abordagens consideradas superadas por discussões teóricas da década de 1990 e 2000.

1.8. Considerações finais do capítulo

Após ter analisado as décadas de 2010 e o ano de 2020 chegamos à conclusão que a construção de uma narrativa para musicologia de abordagem histórica no Brasil, continua dinâmica, mas em bases diferentes das décadas anteriores. O que percebemos claramente é uma tendência de revista as fontes que subsidiaram a produção de conhecimento sobre a música e às práticas musicais do período colonial mineiro presentes nos trabalhos até meados da década de 2010, bem como a tentativa de buscar novas fontes de informação.

Ao contrário de épocas anteriores onde alguns musicólogos se baseavam nas conclusões de musicólogos antecessores a ele, em certa medida partindo de um conhecimento monumentalizado pela réplica de informações bibliográficas, os pesquisadores estão em busca das fontes para além da bibliografia, visitando novamente os autores fundantes das pesquisas de abordagem históricas, bem como indo em busca de documentos primários. Contudo, diante do pequeno número de pesquisadores que ora se apresentam fica para nós a incerteza! Terá o tema música do período colonial mineiro se esgotado? Até quando os pesquisadores dedicados ao tema terão fôlego para levar adiante suas pesquisas? E mais, retornando a questão central deste capítulo: As pesquisas acerca da música no período colonial mineiro ainda são significativas como já chegaram a ser no âmbito da musicologia brasileira?

Acreditamos que a nossa pesquisa mostrará o quanto ainda pode ser realizado para a dinamização do conhecimento da área. Certamente, ainda podem existir lacunas na própria documentação, que ainda não foi totalmente catalogada e, portanto, continua inacessível para o público. Adicionalmente, mesmo o material já investigado pode ter informações que não foram percebidas pelos pesquisadores iniciais. Um exemplo seria a documentação referente aos contratos da música

coletados por Curt Lange. Tendo em vista que fez uma única visita ao acervo físico, contando posteriormente com a ajuda de colaboradores, não há como afirmar que toda a documentação foi copiada e examinada. Ademais, existem manifestações contemporâneas que têm vínculo com às práticas musicais do período colonial. Algumas destas manifestações foram ignoradas ou mal-entendidas pelos primeiros pesquisadores. Fazer um novo exame da documentação primária poderia tentar explicar a sobrevivência das manifestações na atualidade, bem como, quem sabe, apresentar indícios novos sobre a prática histórica. Mas essas são perguntas para futuras indagações.

Ao final deste capítulo acreditamos que se faz necessário enfatizar que a tendência observada nos trabalhos da musicologia de abordagem histórica de retorno às fontes também são um forte indício da revitalização das pesquisas na área. A importância deste capítulo, ao nosso ver, está em destacar essa nova tendência, avançando na análise da produção da musicologia nos nossos dias.

Finalizando essas considerações chamamos à atenção para um aspecto: em que medida a interpretação de Curt Lange da inserção de Lobo de Mesquita na sociedade estamental da época, bem como a sua leitura das práticas musicais, e do próprio contexto social do período colonial está presente na produção musicológica da música *no* período colonial mineiro?

Como pode ser verificado neste capítulo primeiro, muitos foram os trabalhos após Curt Lange. O que percebemos, mas consideramos que essa análise deva ser aprofundada em futuras indagações, é que a área apesar de inevitavelmente referenciasse em sua obra, dada a importância das suas pesquisas e produção, buscou em um primeiro momento aprofundar o conhecimento por ele produzido, em um período intermediário chama a atenção para aspectos teóricos ligados a sua interpretação enfatiza a sua importância como pioneiro das pesquisas da área mas apresenta outras teorizações e interpretações da prática musical do período colonial mineiro, enfatizando as diferentes tendências teórico-conceituais que se evidenciaram na produção musicológica das décadas de 1980 a 2000. E, finalmente, uma tendência verificada a partir da segunda metade da década de 2010, retoma o conhecimento por ele produzido, mas não se detém a esse, ou seja, não

parte da sua interpretação, da sua visão acerca do período, mas pretende voltar para além do contexto sócio-cultural e musical consolidado pela produção de Curt Lange. Quer seja partindo da documentação por ele produzida, ou buscando novas fontes, verificamos a tendência de desconstruir a monumentalização da sua obra. Veja bem, não a negar e muito menos a desmerecer, postura, é bom frisar, completamente incompatível com a pesquisa científica, mas revê-la, discuti-la às avessas. Ao contrário de partir da interpretação monumentalizada do musicólogo, partir da documentação que embasou o seu trabalho, revendo os registros, invertendo o olhar na busca pelo considerado irrelevante, pelo esquecido, pelo considerado "resto" de memória. Acreditamos que essa postura não é de confronto a obra deste importante musicólogo, mas de curiosidade científica, de investigação qualificada, visto que abre novas perspectivas para a musicologia brasileira

2. **Refazendo caminhos**: **Registros da trajetória de pesquisa nas correspondências de Curt Lange**

[...]. Se as coisas não se dizem, não se podem conhecer.
(LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.141.171)

Nessa tese, nos concentramos em um recorte do vasto trabalho de Francisco Curt Lange: suas pesquisas relacionadas a Diamantina e Serro Coloniais. Consideramos que elas têm seus resultados concretos publicados no Livro VIII da Coleção História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais – Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco. Contudo, estamos interessados em averiguar muito mais que esse resultado, o processo vivido e sua trajetória, das pesquisas até a publicação do livro. Consideramos que indícios desta trajetória são encontrados tanto nas escolhas realizadas pelo musicólogo para compor a fundamentação teórica do seu trabalho e bibliografia básica consultada, quanto nas correspondências por ele trocadas ao longo das suas pesquisas. Neste capítulo trabalhamos com as correspondências enviadas por Curt Lange a dois grupos: às pessoas ligadas a Diamantina; e aos facilitadores da publicação de suas pesquisas.

Entendemos que o processo de reconstrução de uma pesquisa vai muito além da análise do seu resultado, podendo nos mostrar aspectos que não saberíamos se nos atentássemos exclusivamente para a culminância do processo. Nesse sentido, adotamos como objetivo deste capítulo reconstruir a cronologia e as especificidades da trajetória de pesquisa de Curt Lange, acerca da prática musical de Serro e Diamantina coloniais, a partir da análise da correspondência por ele enviada, entre 1956 e 1984. Iniciamos o trabalho selecionando e digitalizando, da Série 2 – Correspondências, Subsérie 2.1 – Correspondência Expedida, as cartas enviadas por Curt Lange ao nosso grupo de interesse. Posteriormente estudamos detalhadamente o conteúdo destas cartas. Neste capítulo descrevemos seu conteúdo, enfatizando os registros nela encontrados e salientando suas especificidades.

O uso da correspondência, da relação epistolar, tem sido objeto de interesse por parte dos pesquisadores. As cartas de Francisco Curt Lange são utilizadas como

objeto central por uma extensa gama de pesquisadores, para investigar entre outros, as peculiaridades da relação pessoal e profissional entre os correspondentes, sua rede de sociabilidade, o contexto político e cultural do período de correspondência, projetos profissionais comuns ou concomitantes, movimentos e correntes musicais, bem como o campo artístico – musical do Brasil e da América Latina. Essas pesquisas de caráter histórico, enquadrando-se aí a história da música e a musicologia histórica, além de colaborarem para a elucidação de contextos específicos, têm colaborado na reconstrução da história da música no Brasil. São bons exemplos destas tendências: Ana Cláudia Assis (2006)[464]; André Guerra Cotta (2006)[465]; César Maia Buscácio (2009)[466]; Loque Arcanjo (2010[467] - 2011[468]); Flávia Camargo Toni e Valquíria Marote Cazoni (2013)[469]; Fernanda Nunes Moya (2015)[470]; Júlio Guatimosim; Natália Braga; Julia Tempesta e Edite Rocha (2019)[471]; e, Daniel Costa de Morais Quirino (2019)[472].

---

[464] ASSIS, Ana Cláudia. *Os Doze Sons e a Cor Nacional:* conciliações estéticas e culturais na produção de César Guerra-Peixe (1944-1954). Belo Horizonte, 2005. 268 f. Tese (Doutorado em História0. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas. Gerais, Belo Horizonte, 2006.

[465] COTTA, André Guerra. Correspondência pessoal como fonte histórica e musicológica. In: COLÓQUIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO, 8, n. 01, 2006, p. 1-18.

[466] BUSCÁCIO, César Maia. *Americanismo e nacionalismo musicais na correspondência de Curt Lange e Camargo Guarnieri (1934-1956).* Ouro Preto: Editora UFOP, 2010. 272 p.

[467] ARCANJO, Loque. Francisco Curt Lange e o modernismo musical no Brasil: política e redes sociais entre os anos de 1930 e 1940. *E-hum, Revista Científica*. Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes do Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH. vol.3, no.2, p. 66-81, 2010.

[468] ARCANJO, Loque. Francisco Curt Lange e Mário de Andrade entre o Americanismo e o Nacionalismo Musical (1932 – 1944). *Revista Temporalidade*. Belo Horizonte, vol. 3, n. 1, Edição 05, p. 35-57, 2011.

[469] TONI, Flávia Camargo e CAZONE, Valquíria Maroti. Mário de Andrade, Francisco Curt Lange e Carleton Sprague Smith: as discotecas públicas, o conhecimento musical e a política cultural. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,* São Paulo, n. 57, p. 181-204. 2013.

[470] MOYA, Fernanda Nunes. Francisco Curt Lange e o Americanismo Musical nas décadas de 1930 e 1940. *Faces Históricas,* v.2, p. 17-37. 2015

[471] GUATIMOSIM. Júlio; BRAGA, Natália; TEMPESTA, Julia e ROCHA, Edite. Oneyda Alvarenga e Curt Lange: análise documental de uma relação epistolar. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXIX, 2019, Pelotas. *Anais*... ANPPOM, 2019, p. 1-9, 2019.

[472] QUIRINO, Daniel Costa de Morais *Música Viva 1942*: Práticas de Cooperação Internacional e Estratégia de Consagração Cultural. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação – ANPPOM, 2019, 168 p.

Pensamos a correspondência arquivada de Curt Lange como um projeto autobiográfico do musicólogo. Uma organização metódica marcada pelo entrelaçamento das informações, solicitações e preocupações de uma rede de sociabilidade que participou efetivamente da sua trajetória de pesquisa. Quem inicialmente nos chama a atenção para essa perspectiva é André Guerra COTTA (2006)[473]. O pesquisador destaca que uma autobiografia, é uma "escrita auto referencial ou escrita de si". Referindo-se ao "indivíduo moderno", ela acontece quando o "cidadão comum, aparece na construção de uma memória socialmente reconhecida"[474]. Veremos mais adiante que essa afirmação se enquadra perfeitamente nas correspondências de Curt Lange. Pessoas comuns e integrantes de sua rede de sociabilidade, que não teríamos como conhecer sem analisar a sua correspondência, se mostram atores participantes, por vezes decisivos, para a trajetória de pesquisa de Curt Lange durante décadas.

A escrita de si, possui a subjetividade de quem a escreve. Esse, constrói a "sua verdade", devendo o historiador que analisa seu discurso identificar a "ótica" que o seu registro assume, implícita na forma como o autor se manifesta. Uma carta é um documento onde "não trata de dizer o que houve, mas de dizer o que o autor diz do que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento"[475]. Associada a essa subjetividade presente na escrita em si, estão as características que lhe são peculiares tais como a relação do autor com seu texto, seus objetivos e perspectivas na construção voluntária ou involuntária do próprio eu, como também, a relação que é estabelecida com o receptor, a quem ele se dirige[476]. Essa escrita está impregnada pelo desejo de perpetuar-se, de "construir

---

[473] COTTA, André Guerra. Correspondência pessoal como fonte histórica e musicológica. In CADERNOS DO COLÓQUIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO, v.08, n. 01, 2006, p. 1-18.
[474] COTTA, 2006, p. 04
[475] GOMES, Ângela de Castro (Org.) Escuta de si, escrita da História. In: *História em reflexão* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 14
[476] Idem, p. 22

uma identidade"[477] para tempos futuros, em um desejo de "forjar a sua gloria"[478] sendo que, "o desejo de guardar os próprios documentos pode indicar, o anseio de ser, *a posteriori*, reconhecido por uma identidade digna de nota"[479]. Em contraponto, entretanto, arquivar documentos que reflitam a própria vida é permitir que a imagem que a sociedade tem de determinado indivíduo possa ser contraposta com a "imagem íntima de si próprio" sendo essa uma ato de resistência na possibilidade de arquivar a si mesmo, do "arquivamento do eu"[480].

As cartas enviadas por Curt Lange denotam uma visível intenção de mais do que mostrar o seu trabalho de pesquisa em Minas Gerais, no nosso caso especialmente em Diamantina, em demonstrar o valor deste trabalho, não só no tocante à importância dos seus descobrimentos, mas no fato de ter sido ele, Curt Lange, o descobridor. Isso é perceptível nas colocações do musicólogo que demonstram que outra pessoa não teria a *expertise* para identificar o valor dos documentos e manuscritos encontrados, podendo somente ele separar a "música boa da música ruim". Outro aspecto que ficou evidenciado é a característica de informar exaustivamente a sua agenda de compromissos aos seus correspondentes, bem como em narrar a um dado interlocutor que já colocou a outro à par de uma dada informação, narrando todas as providências tomadas em relação a um determinado fato. Outro aspecto que consideramos pertinente destacar é a intenção de Curt Lange, talvez inconsciente, de construir uma imagem para a posteridade. Uma forma de garantir que seu trabalho, seu esforço e suas conquistas pudessem ser relembrados. Finalmente, mas não menos importante, outro aspecto que para nós se evidencia na leitura do conteúdo das correspondências de Curt Lange é a utilização da narrativa das suas conquistas para contrapor os efeitos negativos que

---

[477] RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou ... In: Escrita de si, escrita da História. *Revista História em Reflexão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas – FGV, 2004, p. 35.
[478] Ibidem
[479] Idem, p. 35
[480] ARTIERES, Philippe, 2004. p. 11.

possam ter decorrido das críticas a seu trabalho, uma polêmica conhecida como o Caso Curt Lange.[481]

Além das considerações a partir de Ângela Gomes sobre a escrita de si, destacamos ainda as colocações de Pierre Bourdieu (1998) sobre o que denomina de "Ilusão biográfica".[482] Nas narrativas sobre si mesmo, se observa um procedimento de auto apresentação pública, uma "oficialização de uma representação privada da própria vida do sujeito deste discurso"[483], devendo ser considerado "mesmo dentro de um caráter técnico-profissional, a intenção precípua deste sujeito de publicização de sua vida"[484]. Os relatos autobiográficos, geralmente, mesmo que parcialmente, contêm a intenção de atribuir sentido, "de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva"[485] A ilusão bibliográfica está justamente em pensarmos essa trajetória de forma linear.

Nessa perspectiva podemos alegar, visto o volume e a organização de suas cartas tanto expedidas como recebidas, que Curt Lange, ao longo de sua vida, arquivou intencionalmente suas correspondências, e podemos dizer todos os seus documentos, construindo uma imagem de si mesmo, validando esse relato enquanto construía seu grande acervo. Não que esta seja uma tarefa fácil e linear. Múltiplas são as possibilidades de investigação e vários são os caminhos que a vasta rede de sociabilidades de Curt Lange evocam. Tivemos que ser muito firmes para não nos deixarmos seduzir pelas possibilidades de desdobramentos na sua correspondência. Como afirma Pierre Bourdieu no seu conceito central de "História da Vida": "[...] uma narrativa de um trajeto, um percurso orientado [...] que tem um começo [...] etapas e um fim [...]"[486].

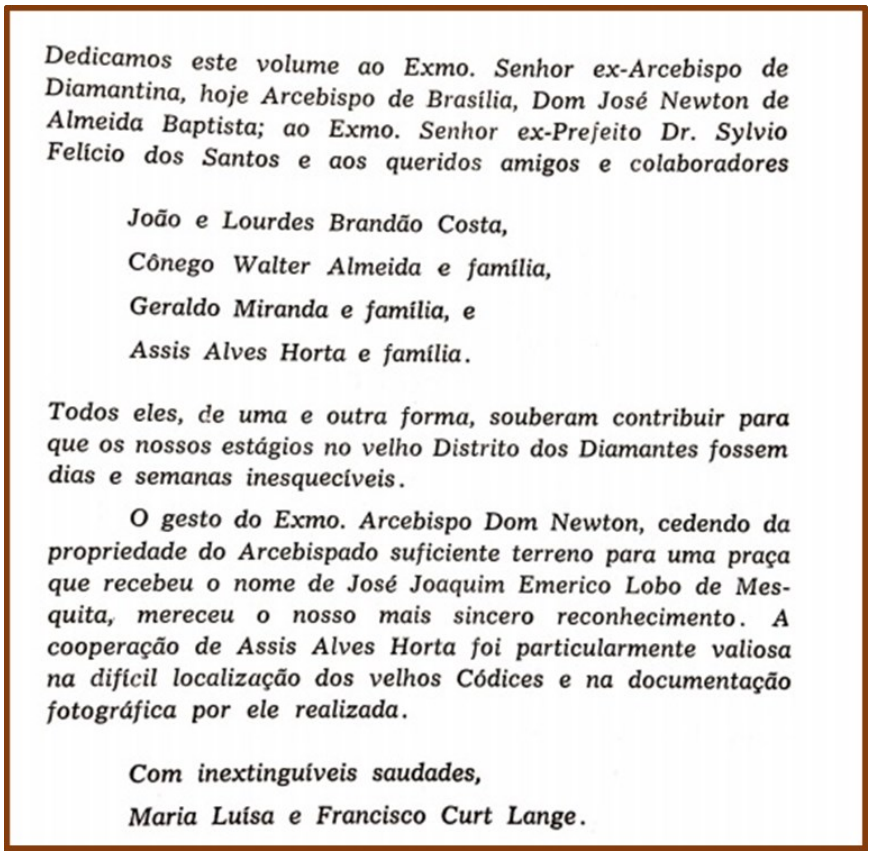
---

[481] Para o conhecimento abrangente desse assunto ler REMIÃO, Claudio Roberto Dornellas. *O caso Curt Lange: análise de uma polêmica (1958-1983)*. Porto Alegre, 2018. 329p. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Programa de pós-graduação em História. Escola de Humanidades. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2018.
[482] BOURDIEU. Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1988. p. 183-191.
[483] Idem, p. 184
[484] Idem, p. 24
[485] Idem, p. 184
[486] Idem, p. 183

Lançamos como metodologia para levantar a trajetória de Curt Lange para a construção do seu texto sobre a prática musical de Diamantina e Serro, a busca pelos seus contatos em Diamantina. Conforme pode ser verificado na figura 01, a página de agradecimentos e dedicatória que o musicólogo faz no Livro XVIII - *História da Música na Vila do Príncipe do Serro do Frio e no Arraial do Tejuco* - Coleção História da Música na Capitania de Minas Gerais, contém uma série de nomes, sete ao total, que consideramos como o Grupo de Diamantina,

Levando em consideração essa listagem partimos para a pesquisa nas correspondências enviadas por Curt Lange acondicionadas na Série 2. São essas: 1) autoridades eclesiásticas - Dom José Newton Almeida Batista, Arcebispo de Brasília, 29 (vinte e nove) correspondências expedidas, de 1956 a 1986; e o Cônego Walter Miranda, Pároco de Diamantina, 10 (dez) correspondências expedidas, de 1960 a 1980; 2) autoridades políticas - Sylvio Felício dos Santos, Prefeito de Diamantina - uma correspondência expedida em 1960; e, 3) colaboradores – Assis Horta Brandão – 29 (vinte e nove), correspondências expedidas entre 1956 a 1981; e Geraldo Miranda três correspondências expedidas em 1972.

Figura 1 - Cópia da dedicatória de Curt Lange no Livro VIII a pessoas de Diamantina



Dedicamos este volume ao Exmo. Senhor ex-Arcebispo de Diamantina, hoje Arcebispo de Brasília, Dom José Newton de Almeida Baptista; ao Exmo. Senhor ex-Prefeito Dr. Sylvio Felício dos Santos e aos queridos amigos e colaboradores

João e Lourdes Brandão Costa,
Cônego Walter Almeida e família,
Geraldo Miranda e família, e
Assis Alves Horta e família.

Todos eles, de uma e outra forma, souberam contribuir para que os nossos estágios no velho Distrito dos Diamantes fossem dias e semanas inesquecíveis.

O gesto do Exmo. Arcebispo Dom Newton, cedendo da propriedade do Arcebispado suficiente terreno para uma praça que recebeu o nome de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, mereceu o nosso mais sincero reconhecimento. A cooperação de Assis Alves Horta foi particularmente valiosa na difícil localização dos velhos Códices e na documentação fotográfica por ele realizada.

Com inextinguíveis saudades,
Maria Luísa e Francisco Curt Lange.

Fonte: LANGE, Curt Lange. *História da Música na Capitania Geral de Minas Gerais* – Volume XVIII – Villa do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco. Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura. 1982, 470 p

Cabe salientar que trabalhamos no Acervo no ano de 2020 identificando e escaneando a correspondência de Curt Lange destinada a essas sete pessoas. Entretanto, não tivemos a oportunidade de trabalhar na correspondência recebida. Duas foram as questões: a UFMG, como as demais instituições de ensino superior do país, ficou fechada para trabalhos presenciais, tendo em vista a pandemia mundial da Covid-19 que se estende no Brasil desde março de 2020. Em junho de 2021 a UFMG em acordo com o seu plano de contingência à fase I passa a permitir, respeitadas as medidas sanitárias de prevenção, a entrada física na instituição, no nosso caso na Biblioteca Central e no Acervo Curt Lange. Nessa oportunidade fomos

ao Acervo, por dois dias[487], tiramos algumas dúvidas dos documentos que tínhamos e coletamos as correspondências enviadas a mais três pessoas que identificamos como chave para a publicação do dos livros da Coleção História da Música na Capitania de Minas Gerais, sendo esses: Rui Mourão, Cláudio Rubião e Gerson Silvestre Alencar Gonçalves que serão objeto de uma seção em separado denominada "Facilitadores para a publicação da pesquisa" Analisemos inicialmente o conteúdo das correspondências do Grupo de Diamantina

Após organizarmos as correspondências enviadas por Curt Lange ao Grupo de Diamantina por data, chegamos a alguns marcos temporais não contínuos (Tabela 02). De 1956, data do envio da primeira correspondência para o denominado Grupo de Diamantina, a 1984 data da última, cinco são os marcos encontrados. Nesse ínterim Curt Lange esteve no Brasil, em três ocasiões, permanecendo por quatro anos na primeira temporada, aproximadamente um mês na segunda, e, por volta de dois meses na terceira. Essas estadias foram intercaladas por períodos de residência em Montevideo e viagens no exterior.

[487] Nossos agradecimentos a Natália Braga, profunda conhecedora da Série 2. Ela nos acompanha ao Acervo, nos instruindo acerca da localização e pesquisa na Série 2. Sem o seu inestimável auxílio não conseguiríamos completar a nossa pesquisa.

Tabela 2 - Marcos das Correspondências enviadas ao Grupo de Diamantina por Curt Lange

Nome	Período
Brasil - Grande Temporada (4 anos)	11 de março de 1956 a 31 de março de 1960
Exterior I (5 meses)	06 de maio a 12 de outubro de 1960
Brasil – Curta Temporada I (23 dias)	27 de setembro a 19 de outubro de 1964
Uruguai – Montevideo I (2 anos)	24 de janeiro de 1967 a 19 de junho de 1969
Brasil – Curta Temporada II (2 meses e meio)	29 de setembro a 13 de dezembro de 1972
Uruguai – Montevideo II (11 anos)	15 de janeiro de 1973 a 31 de janeiro de 1984

Fonte: Elaboração da autora

Antes de iniciarmos a análise das correspondências enviadas por Curt Lange ao Grupo de Diamantina consideramos pertinente registramos as datas de suas viagens de pesquisa ocorridas majoritariamente entre os anos de 1945 a 1958[488]. É importante ainda registrar que foi em 1944 que Curt Lange tem acesso, de forma completamente ocasional, ao primeiro manuscrito, trazido por um músico residente em Nova Lima – Minas Gerais, ao saber que um alemão estava comprando música antiga. Assim, chega às mãos do musicólogo no Hotel em Belo Horizonte onde estava hospedado, nada menos que a *Antífona de Nossa Senhora* de Lobo de Mesquita. Este chega acompanhado de uma série de manuscritos do século XIX. Em 1945 Curt Lange volta a Minas Gerais para coletar inúmeras informações acerca da prática musical setecentista. Rui Mourão (1990) registra que o musicólogo relata a importância da leitura do livro *Arraial do Tejuco cidade de Diamantina* de Ayres da Mata Machado para o entendimento da origem de Lobo de Mesquita. No referido livro encontra-se uma cópia de um termo de ajuste entre Lobo de Mesquita, como organista, e o construtor do órgão da Igreja do Carmo Padre Manoel de Almeida

[488] MOURÃO, Rui. *O alemão que descobriu a américa*. Belo Horizonte: Itatiaia. Brasília: Instituto Nacional do Livro. 1990, 179p.

Silva. Para Curt Lange esse é um documento que comprova o vínculo do músico com Diamantina setecentista[489]. Em 1946 após a publicação do *Boletim Latino Americano de Música* BLAM VI dedicado ao Brasil, e o seu retorno para o Uruguai, Curt Lange retorna ao Brasil, a Minas Gerais e a Diamantina em diversas oportunidades, em datas infelizmente não registradas por Rui Mourão (1990). Nessas viagens o musicólogo "visitava sempre os arquivos das irmandades, os das pequenas ermidas, os das câmaras da municipalidade e procurava localiza músicos, antigos mestres de banda e seus descendentes"[490]. Em 1956 começa a correspondência com o grupo de Diamantina. Em 1958 quando Curt Lange volta ao Brasil, agora como contratado da UNESCO, "àquela altura, praticamente todos os arquivos mineiros haviam sido visitados e a música existente, recolhida ou examinada"[491]. Consideramos pertinente para finalizar, registramos a partir das informações extraídas de Rui Mourão (1990, as informações acerca das metas de viagem a Minas Gerais por Curt Lange. Segundo o livro do biógrafo de Curt Lange, o objetivo central de suas visitas a Diamantina e Serro era o de "estudar os mecanismos institucionais que favoreceram a fecundidade musical do século XVIII"[492], em Minas Gerais. Curt Lange

> Aprofundou o estudo do processo de arrematação do Senado da Câmara, procurando entender com maior clareza a estrutura e funcionamento das irmandades, confrarias e ordens leigas e recolheu o material para escrever a *História da Música na Capitania de Minas Gerais,* planejada para quatorze volumes[493]

[489] MOURÃO, Rui, 1990, p. 26-35
[490] Idem p. 33
[491] Idem p. 35
[492] Ibidem
[493] Ibidem

2.1 Correspondências ao Grupo de Diamantina

2.1.1 Brasil - Grande Temporada – 11 de março de 1956 a 31 de março de 1960

A correspondência de Curt Lange para o Grupo de Diamantina iniciou em 1956. Em carta para o então Arcebispo de Diamantina de 11 de março de 1956, nos chama a atenção as observações do próprio Curt Lange, que esse levava consigo, da cidade de Ouro Preto, expressivo número de Livros de Despesas e de Receitas. A carta a Dom José Newton, segundo Curt Lange, foi escrita após uma curta viagem àquela cidade, bem como de uma pausa no trabalho de microfilmagem de cerca de 250 registros. Informando que buscava recursos junto ao governo brasileiro, para suas pesquisas, pede ajuda ao Arcebispo, afirmando que qualquer ajuda financeira seria bem-vinda[494].

Nesse mesmo dia, 11 de março de 1956, em uma correspondência destinada a Assis Alves Horta verificamos que o ponto mais relevante é o registro que, "por descuido", junto a partituras "emprestadas" pelo Regente da Banda do Terceiro Batalhão, Arnulfo Lisboa, Curt Lange leva consigo uma Ladainha de Lobo de Mesquita. Contudo, o musicólogo tranquiliza Assis Horta dizendo que tinha feito "camaradagem" com o chefe do batalhão e que com certeza ele entenderia o "descuido". Afirma que escreveria para esse, explicando a situação e solicitando o empréstimo de mais partituras. Fato também é a afirmação de Curt Lange que um copista da universidade [de Corsila – Uruguai] realizaria todas as transcrições musicais das partituras coletadas em Ouro Preto e certamente das de Diamantina. Cabe o registro deste teor:

> Mando hoje a sua Excelência o Arcebispo o volume das obras de Minas Gerais. Trouxe do Sr. Arnulfo Lisboa, da Banda do Terceiro Batalhão, sem percebê-lo, aquela ladainha de Jozé Joaquim. Vou escrever-lhe para pedir desculpas, mas como fiz camaradagem com o Chefe do batalhão, vou aproveitar para pedir emprestado outras

[494] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.070.036 – Corsila Mendonça - 11 de março de 1956 – Arcebispo de Diamantina – Dr. José Newton de Almeida Batista.

> obras para serem copiadas no correr dos próximos meses pelo meu copista na Universidade, e devolvê-las de imediato. Estou seguro que ele vai aceitar[495].

Mais dois registros estão presentes nessa correspondência. O primeiro é a referência velada ao fato que Curt Lange intercederia por Assis Horta em alguma questão junto ao governo brasileiro bem como articularia para que esse fosse designado como fotógrafo de uma possível exposição internacional de arte religiosa que se realizaria em Buenos Aires. O segundo registro é a demonstração de vínculo entre Curt Lange e Vasco Mariz, uma vez que se verifica a solicitação que Assis Horta adquira um remédio na farmácia de Diamantina enviando o mesmo para a casa do diplomata no Rio de Janeiro[496].

Em 23 de março outra carta é enviada para Assis Horta. A promessa realizada para interceder a favor de Assis Horta é reiterada, sendo registrado que Curt Lange já havia conversado sobre Assis Horta na presidência da república, tendo sido essa articulação realizada com "Celso Brant[497], pessoa que o musicólogo afirma ter em grande conta. Informado tal fato, Curt Lange aconselha Assis Horta a "não fazer ostentação pública da sua contrariedade ao governo Juscelino", para que não houvesse nenhum impedimento para as tramitações do caso do fotógrafo. Um pós-escrito é verificado com a solicitação de encaminhamento de correspondência, até agora não encontrada por nós que estaria anexada a essa carta, dirigida ao chefe do 3º Batalhão com a solicitação de empréstimo de partituras.

> Mando com você uma carta ao simpático Chefe do 3º Batalhão com saudações e um pedido de prestação [empréstimo] de músicas e peço-lhe de entregar a mensagem em quanto [quando] lhe seja

---

[495] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.070.055 – Rio de Janeiro - 11 de março de 1956 – Assis Alves Horta – Fotógrafo.
[496] Ibidem
[497] Celso Teixeira Brant – 1º Secretário do Vice-Governador mineiro Clovis Salgado. Posteriormente quando Clóvis Salgado assume o Ministério da Educação Celso Brant assume sua chefia de gabinete, cargo que exerce de 1956 a 1958, Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Celso_Brant acesso em maio de 2021

> possível. Nunca conheci o nome dele e esqueci de perguntar a você[498].

Uma carta a Assis Alves Horta encerra as correspondências enviadas em 1956[499]. Informa que já transcreveu diversas obras de Lobo de Mesquita, estando finalizando a transcrição da Grande Missa dele que é de "uma beleza de conteúdo e qualidade". Nesse ponto destaca sua incredulidade ao fato de Lobo de Mesquita com uma obra de grande relevância ter sido da região das Minas, Salienta Curt Lange se referindo a lobo de Mesquita:

> É incrível ter vivido e creado [criado] esse homem, ainda misterioso pela falta de documentação, tão longe dos centros culturais. Esta Missa, junto com outras obras, demonstram [demonstra] tratar-se talvez do maior compositor da época colonial[500].

Pretendia Curt Lange voltar ao Brasil para "salvar mais materiais e adiantar as reconstruções até chegar, ao menos, a umas 100 obras mineiras daquela época"[501].

Já no ano de 1958, uma carta ao Arcebispo de Diamantina é expedida em 14 de janeiro[502]. Traz a notícia que Curt Lange havia sido nomeado como representante da UNESCO no Brasil, sendo expresso que tinha por incumbência concluir as pesquisas no Brasil, bem como de efetivar publicações. Deixa claro que a finalidade da correspondência é comunicar a intenção de realizar um concerto em Diamantina e pedir ajuda ao Arcebispo reforçar essa possibilidade junto ao Ministro da Educação e ao Presidente da República, bem como da sondagem da possibilidade de ajuda financeira, por parte do Arcebispo, para a hospedagem de 120 pessoas[503].

---

[498] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.070.180 – Rio de Janeiro - 23 de março de 1956 – Assis Alves Horta - Fotógrafo
[499] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.246 – Mendonça - 30 de dezembro de 1956 –Assis Alves Horta – Fotógrafo
[500] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.246
[501] Ibidem
[502] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.070.037 –Rio de Janeiro 14 de Janeiro de 1958 – Arcebispo de Diamantina – Dom José Newton de Almeida Batista
[503] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.070.037

Em 29 de janeiro de 1958[504], parecendo responder a uma correspondência do Arcebispo, Curt Lange demonstrando bastante intimidade com Celso Brant, então Chefe de Gabinete do Ministro da Educação, a quem se refere somente como Celso, sugere ao Arcebispo uma programação para o Concerto de Música Religiosa do século XVIII. O programa com três obras de Lobo de Mesquita "insigne compositor e organista, o maior músico que jamais atuou nas Américas no século XVIII" deveria estrear na Igreja do Carmo. Quanto à *Antífona de Nossa Senhora*, a *Missa em Mi bemol* e o *Te Deum*, escreve; "São três obras másculas, verdadeiras joias, cada uma escrita em estilo diferente"[505]. Comenta que o Arcebispo possui um órgão *Hammond* sugerindo que esse possa atuar, na ocasião da realização do concerto, no lugar do órgão original, mas que deva, contudo, passar por uma criteriosa afinação. O segundo concerto, esclarece Curt Lange, deveria ser na Catedral, com a performance de compositores mineiros. Sugere ainda ao Arcebispo que deva escrever para o Presidente da República informando sobre essa programação e solicitando transporte e hospedagem para coro e orquestra. Sugere ainda que convêm escrever ao ministro e ao chefe de gabinete Celso Brant. Esclarece Curt Lange que "todos eles são entusiastas e não haverá problema, mas a sua carta será sumamente apreciada por eles"[506]. Curt Lange vai além nos pedidos ao Arcebispo. Solicita que para que o Presidente não considere que o concerto em Diamantina seja mais um concerto, para diferenciá-lo dos demais dos muitos que deve receber, que ele mencione a seu respeito; que ele, Curt Lange, descobriu "essas obras e que se trata duma estreia no Tejuco, depois de 170 anos"[507]. Nessa mesma carta Curt Lange solicita ainda mais um favor ao Arcebispo. Tendo em vista que naquele ano de 1958, em julho, ocorreria o Congresso Internacional de Música Sacra, que ele escrevesse para o Ministro das Relações Exteriores Macedo Soares solicitando que esse, por sua vez solicitasse ao Embaixador em Paris para que durante o congresso fosse realizado um concerto

---

[504] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.208 – 29 de janeiro de 1958 – Arcebispo de Diamantina – Dom José Milton [Newton] de Almeida Baptista
[505] Ibidem
[506] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.208
[507] Ibidem

especial sobre a música religiosa mineira, bem como uma conferência dele, Curt Lange, acerca do "fenômeno de Minas Gerais"[508].

Por volta de três meses depois, em 1º de abril de 1958[509], outra carta é expedida por Curt Lange para o Arcebispo. Demonstra que os preparativos para o Concerto estão adiantados. Anunciando que chegará a cidade dia 09, sem indicação do mês, informa que não sabe ainda aonde vai se hospedar, e sabendo da inauguração de um novo hotel na cidade, informa que escreveu ao prefeito de Diamantina pedido que "reserve habitação para três pessoas, ou seja, para a senhora, a filha e quem subscreve"[510]. Contudo, pede ao Arcebispo para reforçar que ele e a família não tinham hospedagem em Diamantina. Relata Curt Lange que o maestro argentino Rodolfo Kubik, que iria reger os concertos, já estava ensaiando em Belo Horizonte. Em um pós-escrito informa, e aqui o trata formalmente, que o Dr. Celso Brant, considerava que ele Curt Lange, deveria proferir uma palestra, na véspera do concerto no Hotel Acaiaca. Entretanto conclui Curt Lange que deixa "este assunto nas suas mãos e as dos seus auxiliares"[511], provavelmente se referindo aos preparativos necessário à realização de tal Palestra[512].

A correspondência de 10 de maio de 1958[513] comprova a não realização do Concerto de Diamantina. Escreve Curt Lange:

---

[508] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.208

[509] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.267 – Belo Horizonte - 01 de abril de 1958 – Arcebispo de Diamantina – Dom José Milton [Newton] de Almeida Baptista

[510] Ibidem

[511] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.267

[512] De acordo com a relação de concertos constante no livro de Rui Mourão (1990, p. 70-71), cinco foram os concertos regidos pelo maestro argentino: 1) 19 de abril de 1958, em Belo Horizonte, no Teatro Metrópole, Sociedade Coral de Belo Horizonte e Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos; 2) 20 de abril de 1958, em Ouro Preto, sem indicação de local, Sociedade Coral de Belo Horizonte e Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos; 3) 27 de abril de 1958, em Ouro Preto, sem indicação de local, Sociedade Coral de Belo Horizonte e Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos; 4) 1º de maio de 1958 novamente em Belo Horizonte com a mesma estrutura. Destaca-se que em 29 de setembro desse mesmo ano, o regente realiza um concerto em Buenos Aires no Salão Nobre da Faculdade de Direito e Ciências Sociais da Universidade Nacional de Buenos Aires, com o Coro Polifônico da Rádio Nacional e Orquestra Sinfônica Nacional. Mais concertos são realizados nesse ano com a regência de Edoardo di Guarnieri (14 e 15 de junho no Rio de Janeiro, e Padre Jaime Diniz no Recife, 30 de agosto e 13 de setembro). O programa inclui obras de compositores mineiros. Dentre eles, Lobo de Mesquita.

[513] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.363 – Belo Horizonte - 10 de maio de 1958 – Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista

> Fiz o humanamente possível para salvar o concerto de Diamantina, reclamando ante os poderes públicos o auxílio para o transporte [...] Fui, finalmente, abandonado por todos, para deixar a estrita verdade [...][514].

A carta segue com a descrição do seu desapontamento trazendo, contudo, a informação da realização de um concerto em Ouro Preto. Relata os bastidores do concerto em forma de desabafo

> [...] muitos sinsabores [dissabores] tiveram que ser suportados, começando com cantores e cantoras (quase todos iletrados), membros de orquestra (rebeldes e preguiçosos, além de incultos) até o maestro, nervoso, agressivo e insultivo demais com toda a gente. Menos mal que tudo saiu bem e o concerto em Ouro Preto constituindo apoteose, como maior acontecimento cultural da semana.[515]

Apesar do seu descontentamento com a não realização do Concerto de Diamantina, Curt Lange coloca para o Arcebispo a sua vontade de marcar o vínculo de Lobo de Mesquita com a Igreja do Carmo. Destaca, ainda, que chegou à conclusão que a atuação do referido músico fica mais clara à medida que analisa documentação coletada bem como em relação a sua "cor" [destaque nosso], "pois não ingressou no Santíssimo Sacramento nem no Carmo (seguramente por impedimento), mas sim na Confradia [Confraria] das Mercês, em 1788, Confraria dos Crioulos [grifos nosso][516].

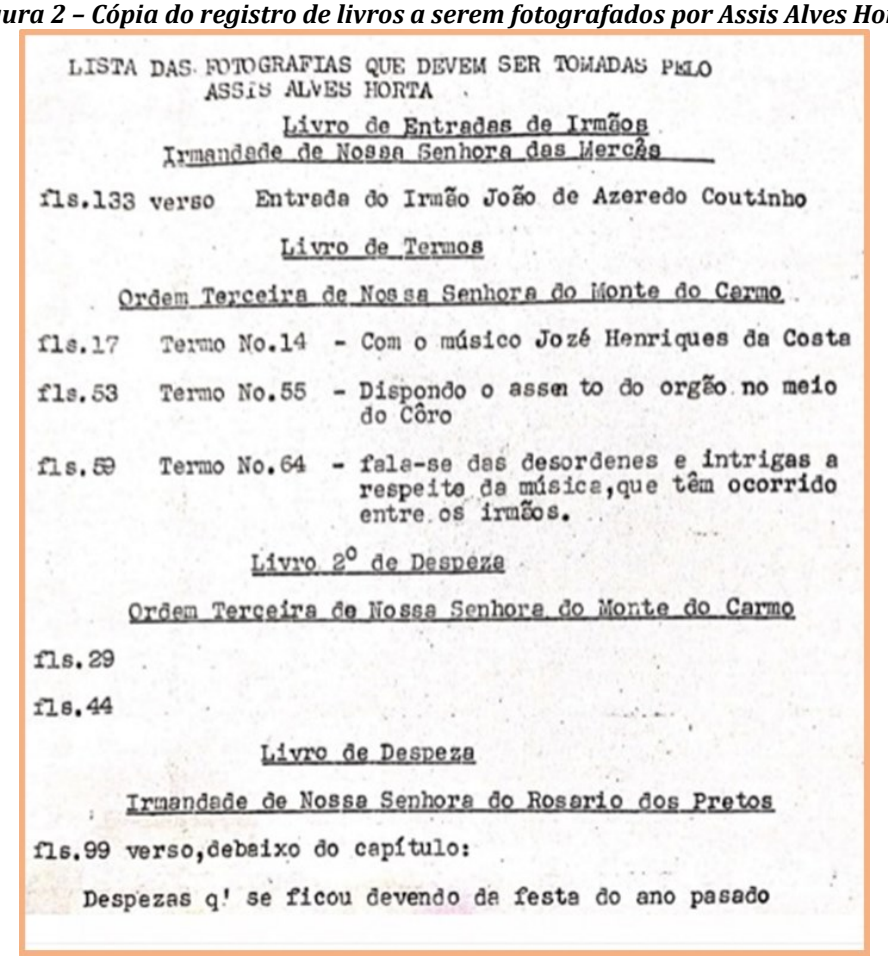
Já a correspondência enviada a Assis Alves Horta[517] é de trabalho. Relata Curt que a correspondência tem como finalidade "emendar alguns erros" em relação às fotografias e o recibo de pagamento enviados. A seguir, esclarece Curt Lange para o fotógrafo, a diferença entre partes musicais, geralmente encontradas em Diamantina e de uma partitura, registrando que encontrar essa última na localidade é pouco usual na época. Conclui o assunto informando que contabilizou "707 folhas de música, mas não de partituras"[518]. Passando às fotografias também esclarece

---

[514] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.363
[515] Ibidem
[516] Ibidem
[517] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.079.081 – Belo Horizonte – S/D - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
[518] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.079.081

como deveriam ser os detalhamentos dos recibos, e deixa claro que sentiu-se bastante "desiludido" pelo fato de Assis Horta ter se esquecido de fazer várias fotografias dos livros de registros, indicando as mesmas em anexo a carta, de forma detalhada conforme reproduzido abaixo[519].

Figura 2 – Cópia do registro de livros a serem fotografados por Assis Alves Horta



LISTA DAS FOTOGRAFIAS QUE DEVEM SER TOMADAS PELO ASSIS ALVES HORTA

Livro de Entradas de Irmãos
Irmandade de Nossa Senhora das Mercês

fls.133 verso Entrada do Irmão João de Azeredo Coutinho

Livro de Termos

Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo

fls.17 Termo No.14 - Com o músico Jozé Henriques da Costa

fls.53 Termo No.55 - Dispondo o assento do orgão no meio do Côro

fls.59 Termo No.64 - fala-se das desordenes e intrigas a respeito da música, que têm ocorrido entre os irmãos.

Livro 2º de Despeza

Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo

fls.29

fls.44

Livro de Despeza

Irmandade de Nossa Senhora do Rosario dos Pretos

fls.99 verso, debaixo do capítulo:

Despezas q' se ficou devendo da festa do ano pasado

Fonte: **LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.079.081**

Mais duas correspondências no ano de 1958 são enviadas a Assis Alves Horta. Todas em torno de uma mesma temática. O envio de fotografias de registros dos livros oficiais das Irmandades e Confrarias, algumas delas bem específicas com indicação de pontos particulares nos registros. Ressalta a necessidade que as fotografias a serem enviadas devem ser bem identificadas, sem a presença da

[519] Ibidem

identificação, da marca, do fotógrafo. Conclui esclarecendo quanto a normas e procedimentos para o envio de recibos de pagamento delas. Destacamos:

> Com o fim de não passar por alto nenhuma fotografia das que ficaram marcadas com o papel em sua página correspondente, seria bom você percorrer cada um dos livros para constatar, pelos papelinhos ali colocados, se as respectivas páginas estão reproduzidas[520].

O detalhamento das fotografias já enviadas é verificado da parte de Curt Lange e pode ser identificada no trecho abaixo: "Você me falou de dez recibos do organista António da Costa Homem. Revisei a minha documentação e eu tenho só oito registros copiados"[521].

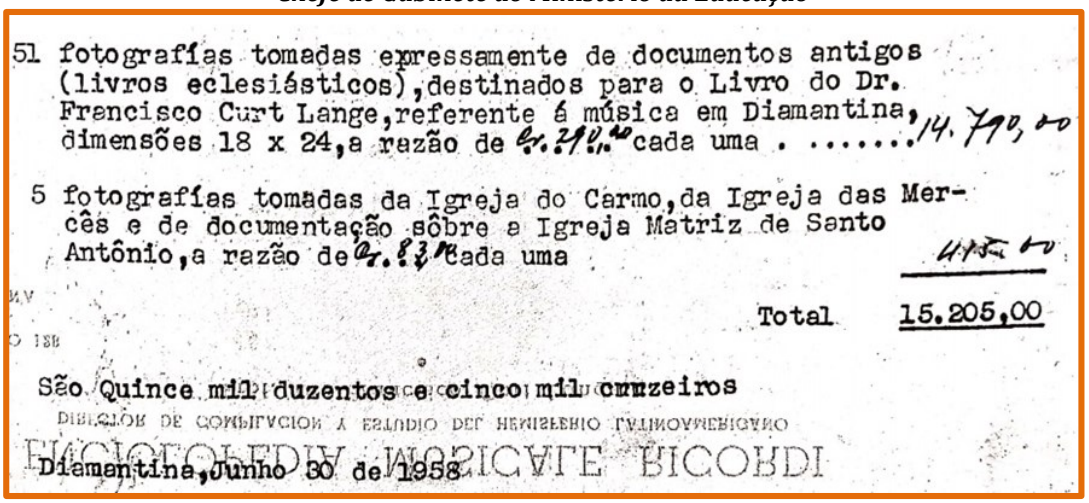
Assis Alves Horta cumpre com todas as solicitações, o que pode ser observado na correspondência seguinte, junho de 1958, visto que Curt Lange agradece pelo envio das fotografias solicitadas. Nessa correspondência informa Curt Lange, ainda, a saída do Celso Brant e entrada no cargo de chefia de gabinete do Ministério da Educação de Ferreira da Costa. Encontramos expressamente a instrução de elaboração dos recibos, conforme o Figura 03.

---

[520] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.079.081

[521] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.080.243 – Belo Horizonte – 30 de junho de 1958 – Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

Figura 3 - Cópia de instruções de Curt Lange a Assis Alves Horta de recibo a ser enviado ao Chefe de Gabinete do Ministério da Educação



51 fotografías tomadas expressamente de documentos antigos (livros eclesiásticos), destinados para o Livro do Dr. Francisco Curt Lange, referente á música em Diamantina, dimensões 18 x 24, a razão de Cr. 270,00 cada uma 14.790,00

5 fotografías tomadas da Igreja do Carmo, da Igreja das Mercês e de documentação sôbre a Igreja Matriz de Santo Antônio, a razão de Cr. 83,00 cada uma 415,00

Total 15.205,00

São Quinze mil duzentos e cinco mil cruzeiros

Diamantina, Junho 30 de 1958

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.080.243

A correspondência ao Arcebispo de Diamantina de 5 de fevereiro de 1959 demonstra que Curt Lange retoma com empenho a tentativa de realizar um concerto com as músicas de Lobo de Mesquita em Diamantina. Contudo, deixa claro, que acha "difícil levar à prática seu desejo" apesar de afirmar que trabalhará para a realização deste Concerto. Sugere Curt Lange ao Arcebispo que esse deveria oficializar ao Dr. Clovis Salgado[522] o pedido de participação no programa, bem como deveria pedir o transporte dos integrantes do coro e instrumentistas. A seguir discorre sobre o programa a ser realizado e da impossibilidade de utilização do grupo (orquestra e coro) que realizou os concertos de Belo Horizonte[523] e Ouro Preto[524], sugerindo a utilização do Madrigal Renascentista[525] e membros da Orquestra Sinfônica

[522] Na ocasião Ministro da Educação, passando a ser Ministério da Educação e Cultura em março de 1967

[523] 19 de abril e 1º de maio de 1958 – Sociedade Coral e Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos com Regência de Rodolfo Kubik. (MOURÃO, 1990, p. 70-71).

[524] 20 e 27 de abril de 1958 – Sociedade Coral e Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos com Regência de Rodolfo Kubik. (MOURÃO, 1990, p. 70-71).

[525] O Madrigal Renascentista é um coro do tipo profissional fundado em Belo Horizonte no ano de 1956 pelos maestros Carlos Alberto Pinto Fonseca, Carlos Eduardo Prates e Isaac Karabtchevsky. Sob a regência do último, realizou 3 turnês internacionais e apresentou-se na Missa de Inauguração da Capital Federal, Brasília, a convite do então presidente Juscelino Kubitschek. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Madrigal_Renascentista (acesso maio de 2021).

Brasileira - OSB do Rio de Janeiro, sendo estes regidos pelo maestro Isaac Karabtchevsky[526].

Nesse mesmo ano, em 5 de fevereiro, o musicólogo escreve para João Brandão Costa[527] então Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Diamantina. Curt Lange coloca expressamente a sua vontade de receber o título de cidadão honorário de Diamantina, justificada por suas pesquisas e sua importância na descoberta e divulgação da obra de Lobo de Mesquita.

> [...] gostaria que um Prefeito esclarecido de Diamantina me nomeasse, na ocasião [de se colocar uma placa em homenagem a Lobo de Mesquita na Igreja do Carmo], filho honorário daquela cidade, por mim tão querida, aspiração a que pretendo ter certo direito, pois **descobri o maior compositor das Américas** [grifos nosso], tenho-o historiado e procurado não só salvar a sua obra dispersa, como restaurá-la e divulga-la no mundo inteiro[528].

Em 15 de março de 1956, em carta ao mesmo João Brandão Costa[529], Curt Lange registra que foi informado pelo Arcebispo de Diamantina e posteriormente confirmado por meio de um telegrama oficial da concessão do título de Cidadão Honorário de Diamantina. Insinuando que sabe quem articulou a distinção a ele concedida, reafirma seus propósitos de seguir firme em suas pesquisas. Enfatiza que o título, a ele concedido, vem em boa hora uma vez que poderá ser contraposto com a onda de difamação a que está sendo alvo. Informa, ainda, que irá ao Uruguai pretendendo voltar a Minas Gerais no começo de maio[530].

Também destinada a João Brandão Costa a correspondência de 22 de março[531] manifesta os agradecimentos de Curt Lange pela concessão do título de Cidadão Honorário de Diamantina. A desilusão com as articulações políticas com o

---

[526] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.401 – Rio de Janeiro - 5 de fevereiro de 1959 - Arcebispo de Diamantina – Dom José Newton de Almeida Batista
[527] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.080.269 – Rio de Janeiro - 5 de fevereiro de 1959 – Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa
[528] Ibidem
[529] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.080.269
[530] Ibidem
[531] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.080.287 – Rio de Janeiro - 22 de março de 1959 – Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

alto escalão do governo brasileiro já começam a ser evidenciadas destacando o musicólogo que faz três meses que não se encontra com o ministro da educação que segundo ele está muito mal assessorado. Sugere a João Brandão que seria necessário aproveitar a oportunidade [certamente a concessão do título de cidadão honorário] para "obrigar o Presidente para que restaure o órgão do Carmo com um técnico europeu, mas só por sugerências ou indicações de pessoa autorizada, para não cair em mãos incompetentes ou ladrões de dispositivos antigos"[532]. Se refere novamente às placas alusivas a Lobo de Mesquita enfatizando que na Igreja de Santo Antônio, o músico atuou mais intensamente, por 16 anos, mas que seria conveniente colocá-la em uma igreja existente[533].

Quatro correspondências são dirigidas ao Arcebispo de Diamantina Dom José Newton. Uma primeira, de 29 de agosto de 1959[534] relata o momento de indecisão de Curt Lange, tendo em vista que o seu contrato com a Unesco está aproximando do seu final, sendo necessário a tomada de decisão quanto ao seu destino, sua ida para a Europa ou para os Estados Unidos. Dificuldades financeiras são relatadas visto que, segundo Curt Lange, o governo brasileiro não estava dando suporte financeiro às suas viagens de pesquisa. Observamos uma citação ao andamento da pesquisa em São João del Rei, inserida no que Curt Lange denomina de "insensibilidade entre os políticos". Exemplifica tal fato com o relato que enviou ao então Secretário das Finanças Dr. Tancredo Neves, o pedido de ajuda financeira no valor de 50.000,00 cruzeiros, salientado que o referido político nascido em São João del Rei, não respondeu. A carta segue com dois longos parágrafos de desabafo pelo que chamou de "falta de espírito cívico do povo brasileiro"[535].

Em uma segunda correspondência em 30 de agosto do mesmo ano[536], Curt Lange coloca o Arcebispo a par da matéria de "O Cruzeiro" denegrindo seu trabalho.

---

[532] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.080.287
[533] Ibidem
[534] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.099 – Rio de Janeiro - 29 de agosto de 1959 - Arcebispo de Diamantina – Dom José Newton de Almeida Batista
[535] Ibidem
[536] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.152 – Rio de Janeiro - 30 de agosto de 1959 - Arcebispo de Diamantina – Dom José Newton de Almeida Batista

Recomenda que o clérigo leia a referida matéria com o objetivo que esse conhecesse "a envergadura desta gente". Curt Lange ainda recomenda a D. José Newton que faça chegar ao Papa os discos de Minas Gerais, bem como as obras já publicadas. Coloca que apesar de protestante tem

> [...] trabalhado pela gloria da Igreja Católica durante trinta anos [...] Entre Venezuela, Argentina, México e Brasil, os meus trabalhos em Conventos de Franciscanos e Jesuítas. Diminicos [dominicanos] e Mercedários, em arquivos dos templos do clero secular e aqui em Minas nos Arquivos privados (particulares), públicos e eclesiásticos, reuni material superior a mais de 60 volumes, dos quais espero publicar, só sobre Minas Gerais, 30 de obras restauradas e de 7 a 8 de documentários históricos, para não falar de pesquisas em São Paulo, Rio e Salvador, Recife e Olinda[537].

No mês seguinte, em setembro, a terceira carta do ano de 1959[538] ao Arcebispo de Diamantina tem como principal tema, novamente, o fim do contrato de Curt Lange com a UNESCO a se dar em 8 de janeiro de 1960. Nesse sentido, e incluindo D. José Newton, na recomendação ressalta que "devemos lutar para que não acabe esse imenso trabalho que tenho entre mãos"[539]. Sugere assim ao clérigo que um pedido de renovação, por parte de D. José Newton ao então Diretor Geral da UNESCO Vitorrino Veronese "fosse encaminhado como um pedido oficial ou oficioso do Vaticano, pela via que melhor se considerasse, pois trata-se de salvar o patrimônio da música religiosa não só do Brasil como de toda a América Latina"[540].

Se pode verificar que a iniciativa ou não foi realizada, o mais provável, pois dificilmente um Arcebispo falaria em nome do Vaticano, ou não surtiu efeito a iniciativa. Curt Lange informa a D. José Newton, que recebeu correspondência da UNESCO, primeiramente informando do término do seu contrato com a instituição em 8 de janeiro de 1960 e a recomendação de "não reagir em jornais ou revistas

---

[537] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.152
[538] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.273 – São Paulo - 07 de setembro de 1959 - Arcebispo de Diamantina – Dom José Newton de Almeida Batista
[539] Ibidem
[540] Ibidem

contra o "Cruzeiro"[541]. Segundo o musicólogo, o organismo se solidarizou com ele "dizendo que a minha obra está bem por cima das mediocridades que me atacam". Informa ao Arcebispo que ainda iria visitar várias cidades, antes do encerramento do seu contrato com a UNESCO, "[...] Vila Rica, Mariana, o Arquivo Público Mineiro de Belo Horizonte e aquelas redondezas"[542]. Outra informação era a da temporada de concertos acerca da música religiosa mineira do período colonial mineiro, na Alemanha (1960/61) e nos Estados Unidos. Informa ainda que vai dirigir o "primeiro doutorado em ciências musicais sobre a tese da obra e da personalidade do José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, de junho para agosto de 1960. Enfatiza Curt Lange que para a realização da programação estava solicitando "as despesas de viagem de ida e de volta"[543], enfatizando que essas despesas são muitas e sem as quais seria impossível ir.

Provavelmente em data posterior e próximo do aniversário de Curt Lange, 12 de dezembro[544], uma vez que essa data é citada no início da carta, esse coloca D. José Newton ao par da sua saída da UNESCO, da frustração da não efetivação da criação do Instituto Brasileiro de Musicologia e da não efetivação das publicações dos sete volumes da História da Música na Capitania Geral de Minas Gerais, apesar de salientar que o Ministério da Educação "agora quer, a toda velocidade, um volume que justifique, perante a opinião pública, o fato de me ter trazido aqui"[545]. Realiza Curt Lange, um apelo ao Arcebispo para que intercedesse junto ao fotógrafo com as seguintes questões; "1) bater novamente as chapas ou fazer melhores reproduções dos documentos sobre a organista cega que sucedeu ao José Joaquim; 2) mandar estas reproduções (2 cópias por cada uma) junto com os negativos e uma conta triplicada para eu cobrar, se for possível, esse dinheiro para ele; 3) de me indicar no

---

[541] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.031 – Rio de Janeiro - 29 de setembro de 1959 - Arcebispo de Diamantina – Dom José Newton de Almeida Batista
[542] Ibidem
[543] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.273
[544] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.303 – Rio de Janeiro - S/D - Arcebispo de Diamantina – Dom José Newton de Almeida Batista
[545] Ibidem

dorso das fotografias, ou em papel separado, o número de cada uma das folhas e o título exato do livro"[546].

Os pedidos ao Arcebispo já haviam sido cobrados de Assis Alves Horta, sendo, contudo, mais específicos. Curt Lange solicita ao fotógrafo o envio da fotografia que comprove o ingresso da escrava (Thereza Crioula) na Confraria das Mercês. Indica que essa está na página 134 - verso. Outra cobrança é acerca da organista mulher que segundo Curt Lange "a estou vendo com grande desconfiança, pois parece-me que só pôde ter acontecido no século XIX, mas não no século XVIII. Talvez errou em cem anos, salvo que me possa demonstrar o contrário [grifos nosso]"[547]. Finaliza Curt Lange sua carta solicitando que Assis Alves Horta mande as fotografias solicitadas "bem protegidas" acompanhadas pelo clamor: "[...] mas por todos os Santos, não se [me] deixe esperar por mais tempo!!!!!!.[548]"

Em 2 de setembro[549], apesar do crédito não ser dado a Assis Alves Horta no futuro, o fotógrafo envia o tão esperado material. Curt Lange parabeniza efusivamente Assis Alves Horta pela descoberta da organista da Ordem Terceira do Carmo. Confirmado por documentos, Curt Lange agora diz acreditar na existência de uma mulher organista no princípio do século XIX em Diamantina. Escreve Curt Lange:

> Chegou hoje a sua carta do 30 de agosto e com ela, o seu triunfo. Com efeito, você tinha razão e eu confesso que não podia acreditar no caso duma organista, é dizer, duma mulher. E começos de nosso século. Havia, entre a saída, até hoje sem causa conhecida, do José Joaquim, e a entrada do Costa Homem, um lapso não explicado, porque seguia-se compondo os foles do órgão sem figurar organista. Mulher tocando no coro me parecia muito estranho e sempre pensei que você errou por um século e que se tratava de uma organista entre fins de 1895-1900 e começos de nosso século. Creio que se trata de primeira mulher organista no Brasil, sem dúvida, ao menos duma mulher que não estiver num Convento,

---

[546] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.303
[547] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.230 – Salvador - 18 de agosto de 1959 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
[548] Ibidem
[549] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.082.055 – Rio de Janeiro - 02 de setembro de 1959 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

> onde devem ter existido freiras que sabiam tocar tal instrumento[550].

Aqui um registro que consideramos importante pois localiza uma provável data do "descobrimento" de parte do seu material de pesquisa é que, conforme narra Curt Lange, "o meu arquivo é principalmente de 1944, embora tenha poucos papéis de 1958, principalmente da região de Ouro Preto"[551]. No final da correspondência narra para Assis Alves Horta o que denomina de boa notícia. Um concerto da obra de Lobo de Mesquita nos EUA e outro na Alemanha, assim como a execução do *Te Deum* de Lobo de Mesquita em uma formatura da Universidade Federal da Bahia.

> "[...] embora não saiba como fazer frente economicamente aos gastos de materiais, comunico-lhe que a música mineira será estreada em Philadelfia [Filadélfia], na Alemanha (Gelsenkirchen) e em Roma, no ano vindouro [1960]. O *Te Deum* do José Joaquim Emerico foi adotado como Te Deum oficial de formatura pela Universidade da Bahia"[552].

Apesar do fim do seu contrato com a UNESCO ter se dado em janeiro, Curt Lange, de acordo com a localidade de envio das correspondências ao Grupo de Diamantina, fica no Rio de Janeiro, no mínimo até 16 de abril, data do envio de uma última correspondência ao então prefeito da cidade de Diamantina Sylvio Felício dos Santos.[553] Inicia dizendo da interrupção do seu trabalho de pesquisa e da necessidade de pelo menos 10 (dez) anos para concluir os trabalhos de Minas Gerais. Critíca a musicologia brasileira afirmando crer ter cultivado "uma ciência que ainda não é compreendida no Brasil no seu verdadeiro significado"[554], uma vez que

> [...] Minas Gerais representa o maior movimento musical de todo o hemisfério americano durante e também um bom trecho depois do período colonial. E que José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita,

---

[550] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.082.055
[551] Ibidem
[552] Ibidem
[553] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.083.217 – Rio de Janeiro - 16 de abril de 1960 – Prefeito de Diamantina - Sylvio Felício dos Santos
[554] Ibidem

> gloria de Diamantina, foi e será o maior gênio musical daqueles longínquos tempos, também em todo o hemisfério americano[555].

Ressalta, ainda, o seu laço com Diamantina, e o seu sentimento de distinção com a concessão do Título de Cidadão Honorário de Diamantina, articulado pelo Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional João Brandão Costa. Entretanto, deixa claro que o volume referente à sua história da Música [Curt Lange se refere "A minha História da Música no Arraial do Tejuco"], parte integrante da também "minha História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais, é uma obra em 10 volumes, ainda órfã de protetores". Como atividades futuras cita a edição das obras de Lobo de Mesquita, reunidos no *Monumenta Músicae Brasiliae* (*Antífona de Nossa Senhora*, *Missa Grande em Mib*, *Missa n. 2*, *Te Deum*). Finaliza destacando o cronograma dos concertos da obra de Lobo de Mesquita planejado na Universidade do Texas (junho – agosto de 1960), na Alemanha no Teatro Municipal de Gelsenkirchen (Janeiro de 1961); concerto organizado pela UNESCO a se realizar em abril de 1961[556].

Antes de sua partida do Brasil verificamos que escreve para cada um do Grupo de Diamantina. A mais longa de todas as correspondências, em 6 de março de 1960[557], é dirigida a João Brandão Costa, pessoa com quem Curt Lange estabelece um laço de amizade recíproca. Afirmando ser uma carta de despedida esclarece sobre o fim do contrato com a UNESCO em janeiro, e relembra a promessa, não cumprida, realizada por parte do Ministro da Educação em 1956 da criação do Instituto Brasileiro de Musicologia. Coloca o destinatário a par da realização dos concertos já enunciados na carta ao Prefeito de Diamantina, bem como do seu retorno para o Uruguai e futura ida para a Alemanha "[...] para responder a um convite da Academia de Ciências, por tempo ilimitado e excelente remuneração, para colaborar em trabalhos de cúpula e tomar, ao mesmo tempo, um merecido descanso

---

[555] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.083.217
[556] Ibidem
[557] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.100 - Rio de Janeiro - 6 de março de 1960 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.

e um **banho cultural** [destaques nossos][558]". Destacamos mais dois trechos da mesma correspondência. O primeiro revela que Curt Lange ainda estava em posse de documentos de Ouro Preto, ao relatar que apesar da sua vontade de voltar a Diamantina não poderia fazê-lo uma vez que tinha "[...] que empacotar, classificar os livros, ainda microfilmar documentos emprestados de Ouro Preto que devo devolver, e até lá ler outros que estão comigo"[559]. E um segundo que na nossa avaliação denota a condição desfavorável da criança e a fragilidade da infância e adolescência no Brasil da época. Escreve Curt Lange:

> [...]. Assumi a tutela duma pretinha de 6 anos, que perdeu a mãe e a irmã naquele desastre originado por uma enchente, em Carangola. E isto faz perder muito tempo, especialmente a revisão médica e a vacinação contra diversas enfermidades. Chama-se Terezinha de Jesus e é muito alegre e boazinha. Foi ideia da Maria Luísa, que viu o retrato dela numa reportagem da Globo e a pediu ao Prefeito da cidade[560].

Para seu colaborador Assis Alves Horta, solicita em uma carta escrita em 31 de março[561], do mesmo ano, o envio de novo recibo de pagamento de fotografias já enviadas. Uma novidade é encontrada: a referência ao então Cônego de Diamantina Walter Almeida e do seu achado da partitura de Lobo de Mesquita no Pão de Santo Antônio. No trecho abaixo, fica evidenciado, o sentimento de Curt Lange, que ele é a única pessoa habilitada para manusear as partituras encontradas.

> Já falei pelo telefone com o querido Arcebispo D. Newton. Soube também do achado de música de José Joaquim pelo Ver. Cônego Walter Almeida. Devem cuidar isto com o máximo de cêlo [zelo] e não deixar sair de Diamantina. Há uma Semana Santa inteira em São João del Rei, também de José Joaquim e seria muito interessante de nos cotejar isto mais para adiante.
>
> Aguardo as notícias sobre a música com o máximo de interesse. **Cuide dela** [da partitura de Lobo de Mesquita] **e não e deixe sair de Diamantina**. **Não a deixe aproveitar pelos seudo [pseudo]**

[558] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.100
[559] Ibidem
[560] Ibidem
[561] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.084.232 - Rio de Janeiro - 31 de março de 1960 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

> **musicólogos nem a empreste a ninguém** [grifos nosso]. Embora sejam cópias, e não originais do autor, têm valor e o terão até que seja possível recuperar as obras. Escrevi ao Cônego Walter hoje, recomendando a mesma coisa a ele. Não mande jamais música para o Governo, para o Ministério. Tudo isto imediatamente. Você nem imagina a bagunça que há[562].

Ao saber por Assis Alves Horta da descoberta da partitura de Lobo de Mesquita pelo Cônego Walter Almeida, em 31 de março de 1960, escreve para o Cônego[563]. Descrevendo a sua agenda futura, fora do Brasil, solicita que o Cônego a publique no "seu Jornal"[564] salientando que "[...] me é mais fácil lutar pelos meus mineiros fora do Brasil que dentro dele"[565].

Três cartas, em tom de despedida, são dirigidas ao Arcebispo Dom José Newton, sendo uma ainda no Brasil e duas no exterior. A primeira, emitida do Rio de Janeiro em 15 de abril de 1960[566], informa do concerto na Filadélfia que se deu, conforme Curt Lange "com enorme sucesso", bem como o ensaio em São Paulo da *Missa N. 2* e do *Te Deum* de Lobo de Mesquita conduzida por Júlio Medaglia Filho "jovem regente, que se apresentará como o Coro de Câmara e a Orquestra de Câmara do Teatro Municipal. Salienta ao Arcebispo que esse, Medaglia, está disposto a fazer o mesmo concerto.[567]

---

562 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.084.232
563 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.083.170 - Rio de Janeiro - 31 de março de 1960 - Cônego Walter Almeida
564 O Jornal a que se refere é o "Voz de Diamantina", inaugurado em 1931 e à época dirigido pelo Cônego Walter Lima
565 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.083.170
566 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.082.124 - Rio de Janeiro – 15 de abril de 1960 - Arcebispo de Diamantina – Dom José Newton de Almeida Batista
567 Ibidem

2.1.2 Exterior I – 06 de maio a 12 de outubro de 1960

A segunda carta a Dom José Newton, agora expedida de Montevideo em 06 de maio de 1960[568], contém a sugestão que o Arcebispo, estando em Brasília – DF, abordasse o Presidente Juscelino Kubitscheck em um momento oportuno, convencendo-o a "fixar bases definitivas para uma permanente pesquisa de difusão no Brasil".[569] Essa sugestão é reafirmada em uma terceira correspondência, agora escrita de Austin – EUA em 31 de junho de 1960[570], sendo verificada uma crítica velada ao Governo Kubitscheck próximo a terminar, segundo o musicólogo, um governo que "[...] tanto fez pelo país, distribuindo generosamente muito dinheiro, menos para mim, que lutei e continuo lutando pelo maior movimento musical americano"[571]. Usa como exemplo do seu esforço, especialmente de financiamento, do concerto a se realizar na Alemanha, onde estava com tudo articulado faltando os recursos para xerocopiar as partituras o que daria, à época, um total de 349 (trezentos e quarenta e nove) dólares[572]. Detalha que solicitou esse valor ao Itamaraty que se comprometeu a enviar o valor. Finaliza solicitando ao Arcebispo que entregue ao presidente um programa do concerto de música religiosa mineira do período colonial realizado em Austin, justificando-se

> [...] peço-lhe, pelo valor da obra, a significação que ela tem no mundo inteiro, de entregar pessoalmente esse outro programa ao Presidente.[573]

---

[568] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.083.213 - Montevideo – 06 de maio de 1960 - Arcebispo de Diamantina – Dom José Newton de Almeida Batista
[569] Ibidem
[570] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.083.269 - Austin – 31 de junho de 1960 - Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista
[571] Ibidem
[572] Valor em reais brasileiros no dia 21 de maio de 2021 a 528,00 (quinhentos e vinte e oito reais) R$184,272,00 (cento e oitenta e quatro mil e duzentos e setenta e dois reais)
[573] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.083.269

Já em Montevideo, Curt Lange escreve a João Brandão Costa[574]. O destaque é para uma solicitação de formação de um "Comitê de personalidades de Diamantina pro obra de Curt Lange"[575] [grifos do musicólogo]. É notória uma intimidade entre ambos uma vez que Curt Lange hesita em solicitar em detalhes a formação do referido comitê.

> É extremamente importante que você tome a iniciativa e, acompanhado de assinaturas importantes de Diamantina, dirija um ofício a ele, explicando a ansiedade para que os meus trabalhos possam continuar, não demore muito nisto. Se não recebo ajuda material, deveria então aceitar funções longe daqui que me distanciariam totalmente dos meus objetivos, e sendo por contrato, seria também por longo tempo[576].

Finaliza Curt Lange as cartas do período escrevendo para o fotógrafo e seu colaborador Assis Alves Horta de Montevideo em 12 de outubro de 1960[577], solicitando o envio das fotos de inauguração da Praça José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita.

2.1.3 Brasil – Curta Temporada I – 27 de setembro a 19 de outubro de 1964

Passados quatro anos após a última carta ao Grupo de Diamantina Curt Lange em 20 de setembro de 1964[578], escreve para o Cônego Walter Rocha narrando as suas viagens à Europa e aos Estados Unidos. Nesse período, segundo o musicólogo, difundiu o "nosso José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita em 250 conferências"[579], não sendo possível fazer mais por escassez de financiamento para a reprodução das partituras para solistas, coro e orquestra. Parabeniza Curt Lange o Cônego pela "decisão de não deixar salir [sair] de Minas Gerais a música que

---

574 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.082.134 - Montevideo – 20 de setembro de 1960 - – Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa
575 Ibidem
576 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.082.134
577 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.132.057 – Montevideo – 12 de outubro de 1960 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
578 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.096.009 – Belo Horizonte – 27 de setembro de 1964 - Cônego Walter Almeida
579 Ibidem

descobriu e solvó [salvou] para Diamantina"[580]. Relata ainda que deixou no Arquivo Eclesiástico de Diamantina um arquivo musical constituído de "papéis velhos de Diamantina e de outros que achei na Matriz do Serro". Registra o musicólogo que esse arquivo somado ao arquivo do Pão dos Pobres "já constitui uma coleção apreciável"[581]. Esclarece sobre a futura publicação de volumes "inéditos". Contudo, salienta que para essa publicação ainda faltava o seu acesso e análise dos Livros da Ordem Terceira de São Francisco. Finaliza com a recomendação ao Cônego Walter Almeida de procurar o senhor Aliás [Elias] Avelino Barbosa que possuía um pequeno arquivo de música antiga. Relata, ainda que restaurou diversas obras de Lobo de Mesquita, resumindo dados da vida do organista e compositor (Ida em 1798 para Vila Rica; sua atuação no Carmo, no Santíssimo Sacramento; a substituição deste, em Vila Rica, por Francisco Gomes da Rocha; a descoberta da data de sua morte, em 1805 no Rio de Janeiro nos Livros da Ordem Terceira do Carmo).

Em 19 de outubro de 1964[582], da cidade do Rio de Janeiro, Curt Lange relata a João Brandão Costa que está em uma "breve viagem de restabelecimento de contatos no Brasil"[583]. Salienta que foi nomeado Cidadão Honorário de Minas Gerais pela Assembleia Legislativa. Ressalta que está em busca por financiamento para a publicação dos 16 volumes acerca da História da Música da Capitania Geral das Minas Gerais, com partituras em separado. Demonstra a João Brandão Costa a sua intenção de levar as partituras em sua posse para Minas Gerais, afirmando que assim como a partitura de Lobo de Mesquita, encontrada pelo Cônego Walter Almeida, salvaguardada em Diamantina, pretende "também, mais adiante, **integrar o meu arquivo a Minas Gerais, o único lugar onde deve estar** [grifos nosso]".[584]

Já no ano de 1965, a 23 de maio[585], escreve Curt Lange a única correspondência do ano para o grupo de Diamantina, dirigida ao Cônego Walter

---

[580] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.096.009
[581] Ibidem
[582] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.084.164 – Rio de Janeiro 19 de outubro de 1964- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa
[583] Ibidem
[584] Ibidem
[585] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.097.330 - São Paulo – 23 de maio de 1965 - Cônego Walter Almeida

Almeida, informa que está preparando um curso de três meses pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, com 140 matriculados. Escreve, ainda, que no dia 5 de junho, no Teatro Municipal, serão tocadas três obras de Lobo de Mesquita: *Ofertório de Nossa Senhora*, *Quatro Tractus de Sábado Santo* – restaurados pelo musicólogo, *Missa em Fá*. Outra informação, um pouco confusa, é a realização de dois concertos na cidade de São Paulo, um realizado pela Orquestra Estadual de São Paulo, com a Associação Coral do Rio de Janeiro, regido pelo regente Júlio Medaglia, e por Olivier Toni, Diretor da Sociedade de Música de Câmara de São Paulo. Informa ainda, que em 10 de julho haverá outro concerto, agora no Municipal de São Paulo, apresentando o *Credo* de Parreira Neves, a *Antífona de N. Senhora* e a *Missa em Mi bemol* de Lobo de Mesquita, a *Novena de Nossa Senhora do Pilar* de Gomes da Rocha. Comenta, ainda, que não publicou os volumes e nem editou as partituras. Narra acerca de um artigo publicado no *Estado de São Paulo* assinado pelo mineiro Frederico Morais, que erroneamente atribuiu a ele, Curt Lange, a descoberta do Arquivo Pão dos Pobres.[586]

2.1.4 Uruguai - Montevideo – I: 24 de janeiro de 1967 a 19 de julho de 1969

Escreve Curt Lange no ano de 1967 uma carta para o Cônego Walter Almeida[587] e outra para João Brandão Costa[588]. Nada de muito significativo é encontrado. Em 18 de junho de 1967[589] uma outra carta é enviada a João Brandão Costa relatando o triste acidente do seu filho Herman. Contudo não deixa de falar de trabalho, registrando o grande dispêndio financeiro que já teve com as pesquisas sobre a música no período colonial mineiro. Relata, ainda, que a História da Música em Diamantina estava paralisada tendo em vista que não conseguiu acesso aos

[586] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.084.164
[587] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.121.030 – Montevideo – 24 de janeiro de 1967 - Cônego Walter Almeida
[588] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.096.059 – Montevideo – 24 de janeiro de 1967 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa
[589] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.101.252 – Montevideo – 18 de junho de 1967 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

documentos da Ordem Terceira de São Francisco. Questiona João Brandão Costa: "O amigo me poderia dizer se realmente existem ainda livros de Receita e Despesa, Inventário e outra documentação em São Francisco?"[590]

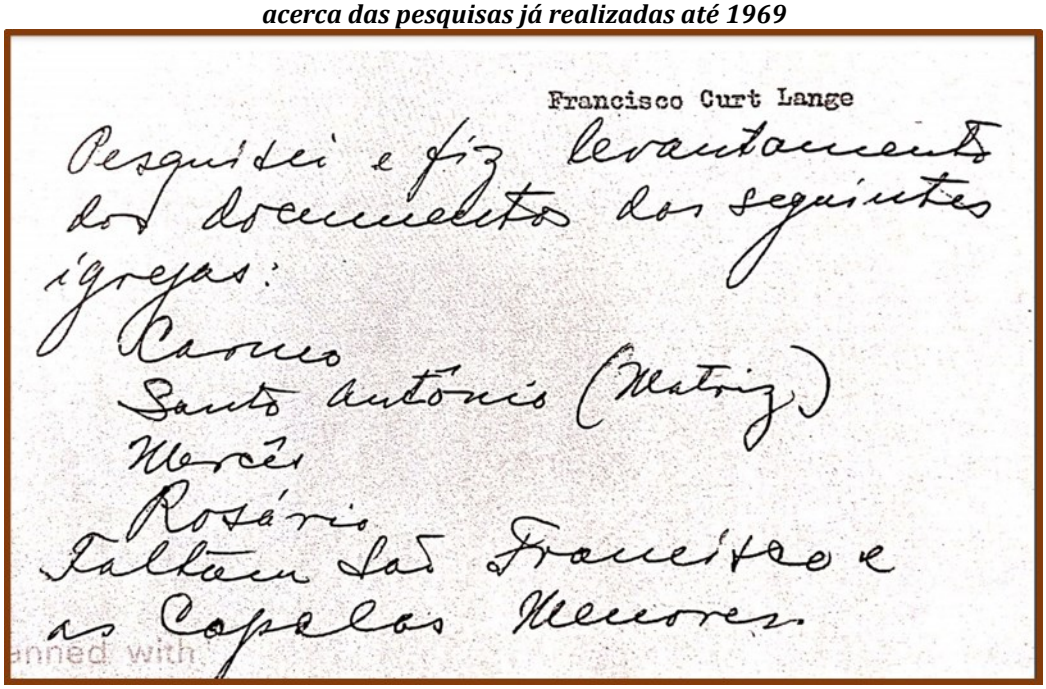
A tentativa de obter acesso aos livros da Irmandade de São Francisco é o tema de duas cartas para João Brandão Costa. Uma solicitando que este busque os documentos como um favor a ele[591] e outra, solicitando que intervenha junto a Assis Alves Horta para que o responda acerca da Ordem Terceira de São Francisco sob pena que não possa escrever o estudo, uma vez que não pode fazê-lo sem ver os livros.[592]

Encerra essa etapa de cartas enviadas de Montevideo uma correspondência em 19 de julho de 1969 destinada ao Cônego Walter Almeida. Tendo ainda como tema central os documentos da Ordem Terceira de São Francisco Curt Lange registra manuscritamente as Irmandades e Confrarias que trabalhou.[593] Conforme está registrado na Figura 04, Curt Lange em 1969 já havia realizado suas pesquisas na Igreja do Carmo, na Matriz de Santo Antônio, na Igreja das Mercês e na Igreja do Rosário.

---

[590] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.096.059 2.1.101.252
[591] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.102.124 – Montevideo – 11 de junho de 1969 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa
[592] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.106.221 – Montevideo – 19 de julho de 1969 - - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa
[593] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.097.330 – Montevideo – 19 de julho de 1969 - Cônego Walter Almeida

Figura 4 - Cópia do registro de próprio punho de Curt Lange acerca das pesquisas já realizadas até 1969


Francisco Curt Lange

Pesquisei e fiz levantamento dos documentos dos seguintes igrejas:

Carmo

Santo Antônio (Matriz)

Mercês

Rosário

Falta as Francisco e as Capelas Menores.

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.097.330

2.1.5 Brasil – Curta Temporada II – 29 de setembro a 13 de dezembro de 1972

Três anos se passaram desde a última carta ao grupo de Diamantina, quando Curt Lange escreve de Ouro Preto para João Brandão Costa, em 29 de setembro de 1972[594], registrando que está sendo financiado "por essa Fundação" [nos parece se referindo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional] Escreve o musicólogo que a finalidade é "iniciar uma longa etapa final na procura da verdade sobre a extraordinária eclosão musical desta Capitania"[595]. Relatando as conferências agendadas, registra que nos dias 16 e 17 pretende estar em Diamantina. A finalidade da viagem é "rever alguns aspectos dos meus manuscritos e poder entregar ao prelo a História da Música no Arraial do Tejuco"[596]. A novidade

[594] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.055 – Ouro Preto – 29 de setembro de 1972 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa
[595] Ibidem
[596] Ibidem

é a ida de um fotógrafo com o pesquisador para o "levantamento do arquivo do Pão dos Pobres e dos papéis que entreguei ao Museu do Arcebispado". Salienta Curt Lange que vai escrever para o Dr. Lacerda solicitando hospedagem na casa da Fundação.

Nesse mesmo dia encaminha correspondência ao Cônego Walter Almeida[597]. A finalidade é dar-lhe ciência que está no país a trabalho, que estará em Diamantina nos dias 16 ou 17, acompanhado do fotógrafo José Moreira de Souza. As aspirações de Curt Lange são expressas nesta carta, sendo mais uma longa manifestação expressa de interesse de retornar o arquivo de documentos e manuscritos para Minas Gerais bem como da exaltação do seu trabalho. Vejamos a íntegra das suas declarações:

> Um arquivo completíssimo de quanta música tem o Estado, incluindo os meus documentos que voltarão aqui na primeira oportunidade, uma vez que existam todas as garantias não só pela sua conservação, mas também para mim, pois as levei comigo para trabalhar nelas, já que não tenho posição alguma no Brasil e numa consegui que o Governo, apesar das reclamações, criasse uma Instituição. A divulgação dos mineiros, a restauração das suas obras e a formação de partituras e a execução em três continentes foi precisamente tarefa minha, realizada sempre fora dos meus trabalhos, em horas livres, noite e dia.[598]

Salientado que o Livro VIII não a contempla, mais uma vez, Curt Lange solicita informações acerca dos papéis da Ordem Terceira de São Francisco. Curt Lange solicitando ao Cônego que "tudo esteja preparado para o meu trabalho", salienta a necessidade de análise destes com o objetivo de incluir as informações coletadas no texto que segundo o musicólogo está no prelo. Informa ainda que a Imprensa Oficial publicará um Suplemento Literário a seu respeito, sendo que o musicólogo informa ao Cônego que o incluiu no rol de colaboradores.[599]

---

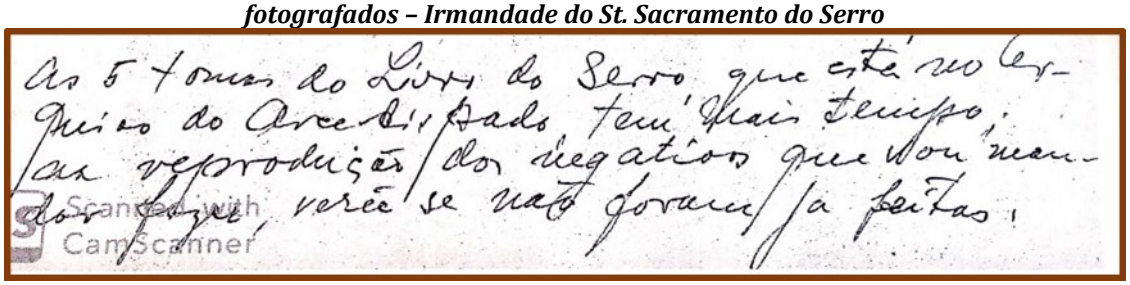
[597] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.101.251 – Ouro Preto – 29 de setembro de 1972 -- Cônego Walter Almeida
[598] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.101.251
[599] Ibidem

O teor das três próximas cartas, escritas de Belo Horizonte, ocorreram após uma provável viagem a Diamantina, pois Curt Lange se dirige ao seu colaborador Geraldo Miranda[600], onde lista providências que deveria esse tomar: tirar a foto do altar mor e dos dois altares laterais da Capela do Amparo. Salienta Curt Lange que a esposa de João Brandão Costa, D. Lourdes lhe deu duas fotografias de Nossa Senhora das Mercês. Registra ainda que deixou com o Cônego Walter Almeida dois pacotes de Música que deveriam ser fotografados e dá instruções detalhadas para tanto.

> A tinta não [nem] sempre é boa; as cópias são ruins mesmo e convêm que em alguns dos papeis sejam revistos os [as] dobrezas [dobras] que podem ocultar a cabeça duma nota, por estar rasgado e dobrado um pedacinho de papel. Vou comprar os filmes e manda-los.[601]

Ao final da carta, reproduzida na Figura 05, Curt Lange insere manualmente uma referência aos documentos da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Serro arquivada no Arcebispado que deveriam ser fotografadas a fim de dirimir dúvidas.

Figura 5 – Cópia das instruções ao fotógrafo Geraldo Miranda de documentos a serem fotografados – Irmandade do St. Sacramento do Serro



Fonte: LANGE BRUFMGBUCL 2.1.120.144

Nesse trecho Curt Lange se dedica a detalhar a forma ideal de armazenamento e registro dos dados. Nesse sentido solicita ao Cônego Walter

---

[600] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.144 – Belo Horizonte – 27 de outubro de 1972 – Colaborador - Geraldo Miranda
[601] Ibidem

Almeida[602] que faça um esforço para comprar em Belo Horizonte um arquivo de metal a fim de melhor acondicionar as partituras, as quais o musicólogo denomina de "particelas" pois essas são maiores e não ficariam bem arquivadas na forma de cartas. Explicita ainda que o Hélio Morat[603] achou mais músicas em uma estante da Biblioteca do Arcebispado e que considerava "que é preferível [que] tudo esteja com o senhor, lá no Pão dos Pobres, ou onde quer que seja".[604] Interessante observar, no trecho a seguir, uma importante recomendação acerca da correta forma de registro de dados. Esclarece Curt Lange que esse, o Hélio Morat, vai

> Iniciar lentamente um inventário das músicas segundo o meu critério profissional. Ter uma lista para nada presta. Deve-se ter um fichário com todos os detalhes, inclusive com o índice temático"[605].

Outra informação constante da carta se refere a um futuro Suplemento Literário a ser publicado com o objetivo de discorrer sobre as pesquisas e o trabalho de Curt Lange. Informa o musicólogo que entre as várias pessoas listadas para escrever, estão João Brandão Costa, o Arcebispo, o prefeito Sylvio Felício dos Santos e ele, o Cônego Walter. O referido suplemento tem como objetivo rebater as críticas a Curt Lange especialmente por Andrade Muricy, tendo a imprensa como meio de

---

[602] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.106.320 – Belo Horizonte – 29 de outubro de 1972 -- Cônego Walter Almeida
[603] Não conseguimos levantar dados sobre a pessoa citada
[604] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.106.320
[605] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.106.320

divulgação[606] . O Suplemento Literário foi publicado em 1973, tendo Rui Mourão como editor[607]. Destaca Curt Lange acerca da finalidade da futura publicação:

> Tudo se faz para duma vez por todas fazer calar, com os fatos e as testemunhas da intelectualidade brasileira (chegaram já magníficas expressões de solidariedade e fé na minha obra desde o sul até o norte do país) aqueles que me tem criticado com as piores armas possíveis, sem possuir siquer [sequer] competência, porém, uma imprensa da qual dispuseram até hoje.

Diante da possibilidade de adquirir partituras indefinidas de uma senhora que não se sabe se são "boas ou ruins"[608], Curt Lange afirma, para João Brandão Costa que "a única pessoa capaz de avaliar as coisas devidamente é o Professor Curt Lange"[609] e que somente poderá retornar a Diamantina em janeiro. Ressalta, contudo, que não pretende comprar esta música, porém, esta talvez poderia ser adquirida pelo Museu da Música. Informa ainda Curt Lange para o Diretor do IPHAN sobre a publicação futura acerca da sua "dedicação a Minas Gerais e o Brasil" discorrendo sobre a necessidade de incluir a ele e demais pessoas de Diamantina como o Cônego Walter Almeida, o Arcebispo e o Prefeito Sílvio Felício dos Santos.[610]

De Ouro Preto, em 5 de novembro de 1972, Curt Lange escreve a mais um colaborador, o fotógrafo Geraldo Miranda[611] narrando as dificuldades em relação

---

[606] De acordo com REMIÃO, Cláudio Roberto Dornelles (2018) em sua tese de doutorado O caso Curt Lange: análise de uma polêmica (1958-1983) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS, Brasil, "o caso Curt Lange foi uma polêmica relacionada à música mineira dos séculos XVIII e XIX, ocorrida no Brasil entre os anos de 1958 e 1983. Pessoas como Renzo Massarani (1898-1975), Andrade Muricy (1895-1984) e Clovis Salgado (1906-1978), os primeiros da área da música e o último da política, protagonizaram o conflito que se deu sobretudo na imprensa, principalmente em jornais do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Consistia em dois temas: a posse de manuscritos musicais mineiros por parte de Curt Lange, papeis tidos de alto valor histórico enquanto patrimônio nacional, e os critérios de edição que esse pesquisador conferia a tais documentos quando os passava para o formato em partitura moderna, processo que ele chamava de restauração". (REMIÃO, 2018, p. 4). Disponível http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8475. Acesso em agosto de 2021.

[607] LANGE, BRUFMGBUCL CURT LANGE, O DESCOBRIDOR, 1. Suplemento Literário do *Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano 8 (355), 16 de junho de 1973, 12. Il. Editor especial: Rui Mourão

[608] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.106.317 – Belo Horizonte – 29 de outubro de 1972 - Delegado da Diretoria do Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

[609] Ibidem

[610] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.106.317

[611] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.180 – Ouro Preto – 5 de novembro de 1972 – Colaborador - Geraldo Miranda

aos negativos, situação essa que discutiu tecnicamente com o senhor Zatz, dono de uma grande loja de filmes e revelações em Belo Horizonte. Relata que já escreveu o artigo para compor o suplemento literário a ser publicado, orientando Geraldo Miranda na coleta de fotografias da Capela do Amparo e das Mercês, fotografias essas que deveriam ser enviadas a Rui Mourão na Fundação de Artes de Ouro Preto.[612]

Poucos dias depois, agora em 9 de novembro, uma carta é dirigida ao Cônego Walter Almeida[613]. Registra Curt Lange que estava retornando para o Uruguai, devendo voltar ao Brasil em janeiro do ano seguinte. Sem especificar quais são as fotografias, relata da necessidade de repetir a sua reprodução visto que a primeira tentativa não tinha sido exitosa. Ressalta que se fará necessário buscar um "filme com mais contraste, para repetir a operação". Solicita ainda que o Cônego Walter não insira nos seus arquivos os "dois pacotinhos que lhe deixei" sem organizá-los reproduzindo novamente parte do material.[614] Essa passagem nos indica que o musicólogo já havia conquistado a confiança do Cônego Walter a ponto deste ceder-lhe documentos para a reprodução em fotografias.

Escrevendo novamente a Geraldo Miranda[615] relata que voltou de Ouro Preto por vários assuntos, focando nos filmes que deixou na Casa Zats para uma ampliação sendo o resultado negativo uma vez que no processamento do filme não foi utilizado um revelador correto, o que gerou a necessidade de fotografar novamente o que chama de "segundo pacote". Finaliza agradecendo pelas fotografias dos altares da Capela do Amparo e da Igreja das Mercês, enviando-as para Rui Mourão.[616]

A última correspondência ao Grupo de Diamantina é dirigida a João Brandão Costa. Relembra da busca pelos arquivos de música "de uma mulher" conhecida da

---

[612] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.180
[613] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.054 – Belo Horizonte – 9 de novembro de 1972 -- Cônego Walter Almeida
[614] Ibidem
[615] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.195 – Belo Horizonte – 10 de novembro de 1972 – Colaborador - Geraldo Miranda
[616] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.195

Dagmar" salientando que retornará a Minas Gerais, particularmente a Diamantina "para eu esgotar todas as possibilidades para a redação final da minha História da Música no Arraial do Tejuco"[617].

2.1.6 Montevideo Uruguai II – 15 de janeiro de 1973 a 31 de janeiro de 1984

Já em 1973, em 15 de janeiro, em uma carta dirigida ao Cônego Walter Almeida[618] relata os compromissos que tem no ano em curso. Salienta que está preparando o que chama "série de originais" para diversas publicações, devendo editar "após pesquisas finais, o volume sobre a História da Música no Arraial do Tejuco".[619]

No mesmo dia escreve para João Brandão Costa[620] colocando-o a par da sua agenda de palestras e concertos. Relata que um problema cardíaco, acontecido em maio do ano anterior em Ouro Preto, o fez voltar a Belo Horizonte para exames e posteriormente para Montevideo, para se submeter a uma cirurgia cardíaca. Salienta que uma volta a Minas Gerais fica inviabilizada diante das grandes despesas que teve no ocorrido.

Aproximadamente um ano depois, em junho de 1974 volta a escrever para João Brandão Costa[621] reafirmando a impossibilidade financeira de viajar a Minas Gerais. Relata a sua futura viagem à Europa, financiado pela Fundação *Gulbenkian*. Conclui solicitando a sua intervenção junto ao prefeito para a emissão do Diploma do já autorizado título de Cidadão Honorário de Diamantina.

---

[617] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.179 – Belo Horizonte – 13 de dezembro de 1972 –- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa
[618] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.142 – Montevideo – 15 de janeiro de 1973 -- Cônego Walter Almeida
[619] Ibidem
[620] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.252 – Montevideo – 27 de julho de 1973 –- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa
[621] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.122.125 – Montevideo – 3 de junho de 1974 –- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

Uma carta de 18 de setembro de 1977 para o fotógrafo e colaborador Assis Alves Horta[622] contém importante informação acerca da publicação das pesquisas de Curt Lange. Relata o musicólogo que dois órgãos governamentais, o IPHAN e o Arquivo público mineiro o convidaram para publicar os primeiros volumes da Coleção História da Música na Capitania Geral de Minas Gerais. Certamente os volumes I[623] e II[624] da Coleção publicados dois anos depois em 1979,

> Agora tanto o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Minas e o Arquivo Público Mineiro convidaram-me para lhes remeter, da minha enorme quantia de obras inéditas sobre Minas, para cada um Instituto um livro.[625]

Nesse contexto sintetiza o musicólogo a situação dos seus arquivos sobre Congonhas do Campo. Mencionando que tem qualquer coisa da Irmandade do Rosário sendo que essa "deve ter sido muito pobre", bem como pequenas informações da Irmandade do Santíssimo Sacramento entre 1803 em diante, sendo essa também muito pobre. Registra também que possui informações sobre o órgão do Bom Jesus extraídas da "Revista do Arquivo Público Mineiro no ano de 1903, volume VIII, em páginas 446-47".[626]

Salienta Curt Lange para Assis Alves Horta que uma outra pessoa a não ser esse poderia "fazer um trabalho de expulgar [expurgar] do Livro de Receitas e Despesas desta Irmandade uma relação de despesas em música, que somente se pode obter lendo linha pós linha"[627]. O questiona se esse vai ainda para Congonhas do Campo e caso vá poderia fazer o favor de "someter [submeter] os livros de receita e despesa a uma revisão. Registra ainda que "infelizmente, só poderia mencioná-lo

---

[622] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.132.137 – Montevideo – 18 de setembro de 1977 –- - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
[623] LANGE, F. Curt. *História da Música nas Irmandades de Vila Rica. Freguesia Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto.* Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1979, 459 p.
[624] LANGE, F. Curt. A música na Irmandade de São José dos Homens Pardos ou Bem Casados. *Anuário do Museu da Inconfidência*, Ouro Preto. V.6 7-142, 1979 (História da Música na Capitania Geral de Minas Gerias, v. 2). Apresentação de Rui Mourão
[625] Ibidem
[626] Ibidem
[627] Ibidem

devidamente no livro como colaborador e agradecer a sua cooperação [...] no trabalho sobre Diamantina eu vou dedicar a você a homenagem correspondente".[628]

Em resposta a uma pretensa correspondência de Assis Alves Horta, Curt Lange agradece o envio de informações interessantes, em consonância com carta anterior provavelmente de Congonhas do Campo. **Regista Curt Lange que "de Diamantina nada precizo [preciso]. Tudo está feito e apenas devo colocar em limpo todo o livro"** [grifos nosso]. Concluindo coloca Curt Lange para Assis Alves Horta que aguarde sua próxima carta e que "no prólogo à História da Música no Arraial do Tejuco você terá uma lembrança bem merecida, e da mesma forma lhe mencionarei no que se refere a Congonhas".[629]

Uma única correspondência ao Grupo de Diamantina em 1978 é dirigida a João Brandão Costa[630]. Narra Curt Lange que esteve em Belo Horizonte a convite do Conselho Estadual de Cultura durante oito dias, sendo que foi a Ouro Preto finalizar sua pesquisa. Registra que a palestra foi um sucesso. Faz menção a crise enfrentada em torno da sua postura e trabalho afirmando que "os meus inimigos do Rio faz [fazem] algum tempo desapareceram e se está fazendo luz sobre a verdade dos meus descobrimentos e da minha dedicação exaustiva em Minas Gerais"[631]. Comunica, ainda, que estão em impressão dois volumes da Coleção História da Música na Capitania de Minas Gerais, o primeiro no Arquivo Público Mineiro e o segundo pelo Museu da Inconfidência, sendo que ambos devem ser publicados no ano de 1979. Faz ainda um pedido ao Diretor para que procure na Casa do Artista em Ouro Preto uma pesquisa acerca da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Serro. "Seria questão de percorrer as páginas do Livro de Receita e Despesa que se encontra no Arquivo para extrair as menções sobre atividade musical e os nomes dos respectivos músicos"[632]. Salienta que "entre outras coisas, a menção de um clarinete no conjunto

---

[628] LANGE, 1979
[629] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.132.246 – Montevideo – 25 de setembro de 1977 –- - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
[630] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.124.178 – Montevideo – 28 de julho de 1978 –- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa
[631] Ibidem
[632] Ibidem

instrumental da época é surpreendente. Não usual para o período em Minas Gerais, mas já utilizado nas orquestrações na Europa, para o musicólogo, "é a prova evidente" que também "em Minas se lhe dava a mesma importância. São coisas incríveis".[633]

Em uma carta de 12 de março de 1979[634], Curt Lange se dirige ao seu colaborador e fotógrafo Assis Alves Horta informando que Tarquínio de Oliveira concluiu que Tomázia Onofre do Lírio era na verdade esposa de Lobo de Mesquita. Essa descoberta se deu na revisão de arquivos em Ouro Preto, ao verificar o Livro de Entrada na Confraria dos Santíssimos Corações de Jesus, Maria, José, Senhor dos Matosinhos e São Miguel das Almas com o Termo de Entrada número 139 em 14 de setembro, bem como o de Emerico Lobo de Mesquita, no mesmo dia com o número 140. Curt Lange faz a ressalva que essa Confraria é de brancos, o que traz a ele uma certa dúvida. Contudo, salienta também que no final do século XVIII foi permitida a entrada de gente parda admitidos "por bom comportamento ou por serem homens distintos"[635]. Lança o musicólogo um questionamento: "como ele não entrou no Carmo do Tejuco, se do Carmo viveu e voltou a viver em Ouro Preto (1798-1800) e no Rio?"[636] Continua Curt Lange seus questionamentos. Levanto como se deu a entrada de Lobo de Mesquita na Irmandade dos Crioulos das Mercês, bem como a da sua escrava, uma organização religiosa onde também estava Caldeira Brant que exerceu a função de "protetor" tendo doado um órgão a esta? Registra que de forma não comprovada o memorialista do Serro, Geraldo Dutra de Moraes afirma que Lobo de Mesquita nasceu no Serro sendo filho natural do português Joseph Lobo de Mesquita e da sua escrava Joaquina Emerenciana a 12 de outubro de 1746. Por fim solicita Curt Lange a Assis Alves Horta que busque informações sobre Tomázia Onofre do Lírio.[637]

---

[633] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.124.178
[634] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.136.124 – Montevideo – 12 de março de 1979 –- - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
[635] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.136.124
[636] Ibidem
[637] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.136.124
[637] Ibidem

Um mês depois, em 19 de junho[638], outra carta é expedida para Assis Alves Horta por um Curt Lange, saudoso de notícias de Minas Gerais agradece ao fotógrafo pelos recortes de notícias a ele enviadas. Também agradece o envio de informações da Confraria das Mercês. Contudo ressalta que "já as possuía"[639]. Registra Curt Lange que irá se dedicar exclusivamente à História da Música no Arraial do Tejuco. Informa o autor que está trabalhando no que chama de terceiro volume sobre o Senado da Câmara e os músicos [de Vila Rica], sendo que prevê a entrega para os editores dos manuscritos ainda em 1979. Questiona, ainda, a Assis Alves Horta se Rui Mourão[640] "continua na frente dos Museus e das Casas Históricas de Minas Gerais". Finaliza reiterando ao fotógrafo que "Quando esteja pronto o volume dedicado a Diamantina, farei lugar devido a você"[641].

Também para Assis Alves Horta é a correspondência expedida em 20 de janeiro de 1980[642]. Curt Lange ressalta a sua ocupação na organização da exposição do Barroco Latino Americano em Roma, uma vez que pertence ao Comitê Científico do Instituto Italo-Latino Americano que organiza o referido evento. A celeuma em pauta é a inclusão de um artigo de Willy de Oliveira, o qual o pesquisador considera compositor e não musicólogo, e não do próprio Curt Lange na *Revista Barroco* de N. 10.[643]

No mesmo dia escreve a João Brandão Costa[644] lamentando o tempo que não se comunica com o Diretor e "Querido amigo" como a ele se dirige. Questiona a sua opinião sobre a possibilidade de articulação das autoridades políticas e eclesiásticas de Diamantina junto ao governo do estado de Minas Gerais para a

---

[638] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.138.056 – Montevideo – 19 de junho de 1979 –- - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
[639] Ibidem
[640] Rui Mourão foi quem escreveu o prologo do volume II da Coleção de História da Música de Curt Lange publicada no Anuário do Museu da Inconfidência.
[641] Ibidem
[642] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.030 – Montevideo –20 de janeiro de 1980 –- - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
[643] Encontramos um artigo de Curt Lange intitulado "Pesquisa Luso Brasileira", na citada revista publicada no ano de 1980.
[644] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.135.038 – Montevideo –20 de janeiro de 1980 –- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.

publicação da História da Música no Arraial do Tejuco e do Serro. Nesse sentido passa Curt Lange a descrever o volume detalhando o mesmo.

> Calculo o volume, que está virtualmente pronto desde faz vinte anos, talvez ainda mais, numas 300 páginas, incluindo fotografias do ambiente, das igrejas, dos documentos que são muitos, e do teto. Talvez cheguem a 350. Repito que as gravuras podem chegar a 60-70. Sem elas não haveria possibilidade de demonstrar a verdade sobre a música de Diamantina.[645]

Cerca de 8 meses depois, em 6 de agosto de 1980, escreve para o Cônego Walter Almeida[646]. Curt Lange relata para o Cônego a enorme dificuldade que está tendo para encontrar quem edite a "História da Música no Arraial do Tejuco, uma obra que faz uns vinte anos acabei [...]"[647]. Solicita informação acerca da data de inauguração da Praça José Emerico Lobo de Mesquita, e quando e por qual Decreto foi criado pela Prefeitura [sic] o Conservatório Lobo de Mesquita[648]. Sugere que uma iniciativa partindo de Diamantina pautadas em argumentos de peso busque alternativas para se publicar o livro, devendo ser formado um "comitê de notáveis" para o pleito. Relata Curt Lange nessa correspondência que Murilo Eugênio Rubião informou que o Conselho de Cultura de Minas Gerais passaria por reformulação o que inviabilizaria a publicação da História da Música na Vila do Príncipe e Arraial do Tejuco.

Contudo, em 14 de outubro de 1980[649] encontramos a sinalização dada por Curt Lange para Assis Alves Horta que o Conselho Estadual de Cultura iria publicar o volume referente à história da Música no Arraial do Tejuco e na Vila do Príncipe do Serro do Frio. O motivo principal da correspondência é pedir o auxílio do fotógrafo para ter acesso a fotografias de igrejas, do órgão e de documentos das

---

[645] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.135.038
[646] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.193 – Montevideo - 6 de agosto de 1980 - Cônego Walter Almeida.
[647] Ibidem.
[648] O Conservatório Estadual de Música Lobo de Mesquita foi criado por Decreto Governamental de Juscelino Kubitscheck, por meio da Lei n. 811 de 13/12/1951. É o 12º conservatório estadual mineiro criado segundo a mesma legislação, apesar de criado em 1951 só entrou em funcionamento em 1970.
[649] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.043 – Montevideo – 14 de outubro de 1980 - - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

Irmandades particularmente de Diamantina. Relata o musicólogo que tem "uma série muito grave de problemas, consistente na falta de fotografias tomadas naqueles anos"[650] que Assis Alves Horta o auxiliava. Relata que algumas das fotografias da época estão "esvanecidas e irreprodutíveis" faltando o essencial sobre Lobo de Mesquita e do órgão. Outros questionamentos são apresentados, tais como a existência dos livros de despesa das Irmandades de São Francisco, de Santo Antônio e da Capela do Bonfim, bem como da existência de um livro de entradas de irmão e outro de termos do Santíssimo Sacramento, uma vez que só possuía o de Receita e Despesa. Uma afirmação se destaca ao afirmar que possuía somente o livro de receita e despesa do Santíssimo Sacramento: "**A mesma coisa acontece com o Rosário, que é, naturalmente de menor interesse"[651]** [grifos nosso] Do Amparo e das Mercês creio ter tudo"[652]. Segundo Curt Lange, o Conselho Estadual de Educação deu um prazo para a entrega do manuscrito até dia 15 de dezembro. Passado esse prazo o livro não poderia ser editado uma vez que os recursos financeiros disponibilizados para o Conselho Estadual de Cultura retornam aos cofres públicos estaduais. Curt Lange informa ainda que propôs ao Presidente ou vice-presidente do Conselho que enviasse o Assis Alves Horta para Diamantina com o objetivo de "tomar todas as fotografias necessárias"[653]. Levanta também a possibilidade de financiamento da ida do fotógrafo pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, por ele encaminhado ao Presidente da instituição. Isso posto, passa Curt Lange a comentar acerca da documentação das Irmandades e Confrarias bem como do rigor técnico de extração das informações sobre a música desta documentação. Ressalta Curt Lange:

> Em algumas das suas folhas que me remeteu, você omitia a folha, a data, etc. Eu somente procede transcrevendo fielmente [grifos nosso] o texto, folha, ano, etc., a integra.[654]

---

[650] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.043
[651] Ibidem
[652] Ibidem
[653] Ibidem
[654] Ibidem

Comenta Curt Lange acerca de parte das informações constantes em uma pesquisa de 1979 realizada por Assis Alves Horta (relatada na seção Bibliografia – colaboradores) que questiona se Thomásia Onofre do Lírio e Thereza Ferreira eram também organistas assim como Ana Maria dos Santos Mártires. Curt Lange registra que Thomásia foi mulher de Lobo de Mesquita e Thereza escrava do mesmo. Destacando que não possui documentos que amparem as informações acerca da sua origem e nascimento, informa também que tem os documentos que comprovam a celebração de 13 missas em sufrágio de Lobo de Mesquita quando souberam do seu falecimento no Rio de Janeiro em 1805 bem como da sua estada em Vila Rica e no Rio de Janeiro. Registra ainda que acerca da Irmandade do Amparo não encontrou nenhuma informação sobre despesa, sabendo, entretanto, que Lobo de Mesquita foi juiz e tesoureiro de Santa Barbara[655]. Já na Confraria das Mercês o foi de Nossa Senhora da Saúde[656]. Solicita Curt Lange ao fotógrafo as duas fotografias que tem mais urgência que lhe sejam remetidas: "1. O órgão do Carmo; 2. Primeiro termo de Lobo de Mesquita com a Mesa da Irmandade do Carmo a 17 de julho de 1789, folhas 60 verso do Livro de Termos".[657] Conclui Curt Lange lamentando não poder ir pessoalmente a Diamantina, desejando que Murilo Rubião responda à sua carta, respondendo afirmativamente quanto à ida de Assis Alves Horta a Diamantina.

Vinte nove dias depois da carta de 14 de outubro Curt Lange inicia outra correspondência se referindo às solicitações nela realizadas e apontando que terá a necessidade de enviar várias outras, uma vez que "há pequenas coisas que tem relação como o meu livro"[658]. Repetindo a solicitação de envio das duas fotografias solicitadas (fachada da Igreja do Carmo e 1º Termo de Lobo de Mesquita das Mercês) informa que ainda não recebeu resposta de Murilo Rubião, sobre a solicitação de

---

[655] Uma Irmandade, no caso em tela a de Nossa Senhora do Amparo, tinham seu Santo principal de devoção, o seu orago. Contudo, outros, dois ou três, também eram reverenciados sendo que a esses, igualmente ao orago, eram realizadas festas comemorativas em um determinado dia do ano. A Irmandade de Nossa Senhora do Amparo, além de serem devotos a Santa que leva seu nome, também cultuavam Santa Barbara, e Santa Ana.

[656] Mesmo caso verificado na Irmandade do Amparo se verifica na Ordem Terceira das Mercês.

[657] Ibidem

[658] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.074 – Montevideo – 30 de outubro de 1980 - - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

financiamento para uma viagem de Assis Alves Horta a Diamantina. Relaciona Curt Lange as fotografias que possui, sendo elas: Carmo, Santo Antônio (antiga) Mercês, Amparo, Rosário e Bomfim. Desta última lamenta não ter sabido na época das suas pesquisas de campo da existência de livros de receitas e despesas, de onde poderia ter extraído informações acerca da música. O próprio Lange admite que não viu tudo sobre a Irmandade de São Francisco[659] e a de Santo Antônio. Questiona se ele tem a data correta da demolição da Matriz de Santo Antônio, se essa se deu em 1930 ou 1933. Questiona, ainda, a informação prestada pelo fotógrafo se o Padre Almeida Silva faleceu mesmo antes de concluir o órgão em 1789, uma vez que levantara que o construtor viveu para além de 1790. Pergunta também se o órgão possuía pedaleira, estando Curt Lange certo disso. A quantidade de tubos de madeira e os tubos de metal e, por conseguinte o número de registros, 16 (dezesseis) também é questionada uma vez que Curt Lange os considera muitos. Como justificativa para esses questionamentos ressalta Curt Lange que o material que detém acerca da música no Arraial do Tejuco e da Vila do Príncipe do Serro do Frio "ficou parado durante vinte e cinco anos, sem ser publicado e alguma coisa transpapelou-se ou perdeu-se. Minuciosidades, porém, são historicamente necessárias".[660]

Em 3 de dezembro de 1980[661] Curt Lange agradece a boa vontade de Assis Alves Horta pelo envio uma xerox do *Tércio*. Contudo, registra que "para decifrar a obra não presta. É ilegível."[662] Salienta que "pode ter sido escrito para Nossa Senhora do Tércio [Terço] de Santo Antônio, que era a Irmandade pobre, comparada com as outras",[663] e que um aluno enviou uma boa cópia legível tirada no Arcebispado de Mariana. Em outro trecho da carta novamente detalha a forma de coleta de informações acerca da música em uma documentação.

---

[659] Irmandade que o musicólogo não se refere no Livro referente a música em Serro e Diamantina coloniais.
[660] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.074 – Montevideo – 30 de outubro de 1980 - - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
[661] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.044 – Montevideo – 3 de novembro de 1980 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
[662] Ibidem
[663] Ibidem

> Eu vou mandar exatamente todas as instruções para movimentar-se no meio de documentos. O que eu lhe peço, não são referências apenas, mas em cada caso a transcrição fiel (grifos do autor), palavra por palavra, número de folha, dia, mês e ano, Livro a que pertence a frase, relação ou artigo extraído, sempre em transcrição fiel, mesmo quando há erros da época.[664]

Finalizando, o musicólogo lista mais uma vez a documentação que possui e a que almeja encontrar. Registra que "possui tudo" (livro de Receita e Despesa, Termos de Ajuste e Termo de Entrada de Irmão), da Confraria das Mercês e da Ordem Terceira do Carmo; Somente Termo de Ajuste, da Irmandade da Capela do Amparo; somente Livro de Receita e Despesa, da Irmandade do Santíssimo Sacramento e da Irmandade do Rosário; e que não possui nada, da Irmandade da Capela do Bonfim, de Santa Quitéria, de São Francisco e da Irmandade de Santo Antônio. Conclui esse registro salientando para Assis Alves Horta que "como está vendo, poderia aparecer alguma coisa adicional".[665]

Uma reviravolta é relatada na correspondência de 28 de novembro destinada a João Brandão Costa: não seria possível publicar o volume acerca da música na Vila do Príncipe e no Arraial do Tejuco. A verba do Conselho para o ano de 1980 havia acabado. Contudo, por meio do amigo Murilo Rubião, Curt Lange foi informado que a publicação ficaria para o ano de 1981, mas com a ressalva que seria publicada sem as fotografias, devido ao seu alto custo. Outras duas questões inquietam o musicólogo, ambas referentes ao músico Lobo de Mesquita. A primeira trata-se de uma publicação de Geraldo Dutra de Moraes que escreveu "um livrinho intitulado 'Barroco Musical Mineiro' [...] que sustenta que Lobo de Mesquita nasceu na Vila do Príncipe do Serro do Frio, a 12 de outubro de 1746, sendo filho natural do português Joseph Lobo de Mesquita e de sua escrava Joaquina Emerenciana".[666] Segundo Curt Lange nessa correspondência ele tem que "necessariamente achar essa documentação ou declará-la inexistente, pois parece-me, como outras

---

[664] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.044
[665] Ibidem
[666] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.139.187 – Montevideo – 28 de novembro de 1980 - –- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.

informações, que se trata de uma mentira."[667] Outra informação contestada e segunda inquietação do musicólogo é o fato informado também por Geraldo Dutra na referida publicação que Lobo de Mesquita ter sido aluno do "Mestre de Capela, Manoel da Costa Dantas, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Serro".[668] Ressalta Curt Lange que essa informação não é verdadeira, tendo em vista que o Padre Manoel da Costa Dantas se encontrava no período no Arraial do Tejuco. Escreve o musicólogo: "[...] se ele houcesse [houvesse] sido mestre de capela naquela Vila do Príncipe, onde houve notável atividade musical, o teria achado".[669] Salienta ainda Curt Lange que a documentação por ele coletada não possibilitou a aferição da existência de um ensino de música. Declara o musicólogo:

> Em nenhum livro dos milhares que analisei achei uma menção sobre o ensino de música. [...] em nenhum caso dos compositores e musicistas de Minas se soube de quem receberam ensino profissional da música. Os livros de Receita e Despesa se referem apenas aos gastos havidos e citam geralmente aos regentes, nem siquer [sequer] os músicos que participaram da festa.[670]

Encerra Curt Lange essa correspondência para João Brandão Costa destacando a importância de se levantar a verdade dos fatos, uma vez que "trata-se do mayor [maior] dos compositores de Minas Gerais e não de um simples músico"[671].

As correspondências enviadas por Curt Lange para o Grupo de Diamantina adentram para o ano de 1981. Em 28 de fevereiro Curt Lange escreve novamente a João Brandão Costa, agradecendo por sua preocupação com as questões ligadas a Lobo de Mesquita, uma "tarefa difícil"[672] nas palavras do musicólogo. Expressa também que a sua pressa em esclarecer aspectos confusos ligados a Lobo de Mesquita é a iminente publicação do livro sobre a Vila do Príncipe do Serro do Frio

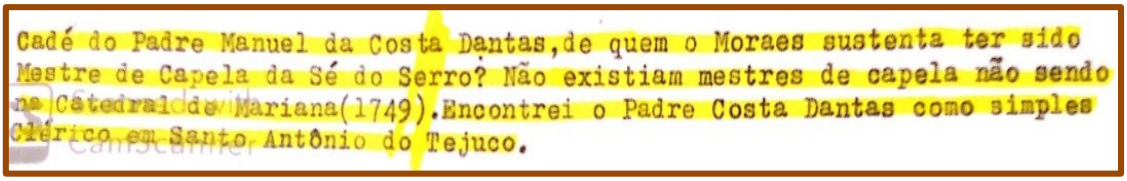
---

[667] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.139.187
[668] Ibidem
[669] Ibidem
[670] Ibidem
[671] Ibidem
[672] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.077 – Montevideo – 28 de fevereiro de 1981 - –- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.

e do Arraial do Tejuco, sendo que ainda "faltam diversas afirmações documentais que são indispensáveis".[673]

Em 5 de abril Curt Lange escreve novamente a João Brandão Costa. É uma correspondência claramente reconhecendo as contribuições do amigo. Inicia Curt Lange a correspondência agradecendo pela busca dos livros de batismo no Serro ainda existentes no Arquivo do Arcebispado de Diamantina. Relacionando os livros levantados constata que "há buracos e superposições de anos em alguns casos".[674] Solicita Curt Lange que seja feita mais uma busca nos livros que possam elucidar a data e o local de nascimento de Lobo de Mesquita. Uma pergunta é colocada em pós-escrito a essa carta e se torna relevante na medida em que deixa claro a impossibilidade de se ter um mestre de capela na Matriz do Serro uma vez que esses somente eram vinculados a Catedrais. No caso da Vila do Príncipe do Serro do Frio e do Arraial do Tejuco a Catedral era localizada em Mariana. Bom observar também que o Padre Manoel da Costa Dantas apontado por Geraldo Dutra de Moraes como Mestre de Capela na Matriz do Serro foi encontrado por Curt Lange como Clérigo da Matriz de Santo Antônio do Arraial do Tejuco.

Figura 6 – Cópia de trecho da afirmação de Curt Lange a João Brandão Costa da impossibilidade de Manoel de Costa Dantas ter sido Mestre de Capela na Vila do Príncipe do Serro do Frio


Cadé do Padre Manuel da Costa Dantas, de quem o Moraes sustenta ter sido Mestre de Capela da Sé do Serro? Não existiam mestres de capela não sendo na Catedral de Mariana (1749). Encontrei o Padre Costa Dantas como simples Clérico em Santo Antônio do Tejuco.

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.075

673 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.077
674 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.075 – Montevideo – 5 de abril de 1981 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.

A carta de 26 de agosto de 1981 também é dirigida a João Brandão Costa[675]. Informa-o do diagnóstico de câncer do pulmão da esposa de Curt Lange Maria Luísa, relatando as agruras do seu estado de saúde, sendo que está respondendo a carta enviada aproveitando uma breve saída do hospital. A novidade é que iniciou-se a impressão do livro acerca da música na Vila do Príncipe e no Arraial do Tejuco.[676] Um mês depois a preocupação com a publicação do livro é evidente, escrevendo Curt Lange a Assis Alves Horta em busca de boas fotografias que já deveriam ter sido entregues a Gerson Silvestre Alencar Gonçalves encarregado da publicação no Conselho Estadual de Cultura.[677]

Em 1º de outubro se percebe que Assis Alves Horta já havia prestado solidariedade a Curt Lange, em relação à enfermidade de Maria Luísa. Contudo, ela já havia falecido. Uma confusão é esclarecida por Curt Lange, que informa que não é o livro da música em Diamantina e Serro coloniais que está em impressão e sim o considerado volume V "dedicado a freguesia de Antônio Dias[678]. Quando sair esse vai entrar o nosso de Diamantina".[679] A reação de Curt Lange em relação à decisão do Arcebispo de Diamantina que assumiu em lugar de Dom José Newton de não dar mais acesso aos arquivos sob a guarda da arquidiocese.

> Estou desolado também pela decisão do Arcebispo atual de Diamantina, proibindo o acesso ao arquivo onde deveria ainda trabalhar-se futuramente.[680]

Finalizamos a descrição e análise das cartas enviadas pelo Grupo de Diamantina com uma correspondência de Curt Lange ao Arcebispo agora de Brasília

---

[675] LANGE, BRUFMGBUCL S/N – Montevideo – 26 de agosto de 1981 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.
[676] Ibidem
[677] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.143.269 – Montevideo – setembro de 1981 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
[678] LANGE, Francisco Curt. História da Música nas Irmandades de Vila Rica, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, Belo Horizonte. Conselho Estadual de Educação. Minas Gerais, 1981, 256 p. (História da Música na Capitania Geral de Minas Gerais, v. 5).
[679] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.142.171 – Montevideo – 1 de outubro de 1981 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta
[680] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.143.269

Dom José Newton[681]. O volume VIII da Coleção História da Música na Capitania Geral de Minas Gerais já está impresso. A gratidão de Curt Lange ao Arcebispo é evidenciada no decorrer da carta sendo claro no trecho abaixo:

> Nunca jamais esqueci aos que me deram a mão para me desenvolver em procura da verdade cultural e científica. No começo do volume deixei constância do meu agradecimento, mas também no texto fiz referência, em alguma parte (creio no capítulo dedicado a José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita), sobre o vosso desprendimento cedendo para uma Praça que leva o nome do nosso genial herói, terreno do Arcebispado.[682]

Estando do Uruguai, registra que os exemplares estão sendo enviados do Brasil. Certamente pelo Conselho Estadual de Cultura, responsável pela impressão.

2.2 Facilitadores da publicação de pesquisas

No decorrer do processo de estudo do conteúdo das cartas do Grupo de Diamantina e da descrição das especificidades dos registros da Trajetória de pesquisa nas correspondências deste grupo, percebemos que teríamos que realizar uma pesquisa suplementar em busca do preenchimento de algumas lacunas. A principal delas foram os acontecimentos anteriores à publicação do livro VIII. Nesse processo dois foram os nomes que consideramos importantes buscarmos nas correspondências enviadas de Curt Lange: Murilo Rubião e Rui Mourão. Essa medida se tornou muito frutífera e foi fundamental para elucidar vários fatos. Realizamos a pesquisa de forma cronológica sendo que apresentaremos o seu conteúdo também de forma cronológica. Vamos a elas.

Em correspondência em 1º de novembro de 1979[683] Curt Lange propõe a Murilo Rubião que articule junto ao Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais,

---

[681] LANGE, BRUFMGBUCL S/N – Montevideo – 31 de janeiro de 1984 -- Arcebispo de Brasília – Dom José Newton de Almeida Batista
[682] Ibidem
[683] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.137.158 – Montevideo – 1º de novembro de 1979 – Murilo Rubião – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais

tendo em vista que o volume I da Coleção História da Música está esgotado e que o Volume II vai ser impresso pelo Museu da Inconfidência a proposta para a impressão de todos os demais volumes. Em contrapartida solicita que seja viabilizada a sua ida periódica a Minas Gerais para mais pesquisas. Complementa a proposta a afirmação que "todos os volumes serão entregues sem restrição, apenas pedindo sejam devidamente distribuídos e me reservada uma pequena quantia [quantidade de exemplares.[684]

A proposta parece ter parcialmente prosperado, pois em carta ao mesmo Murilo Rubião em 13 de agosto de 1980[685], Curt Lange escreve que coincidentemente, após escrever ao Cônego Walter Almeida e a João Brandão Costa "diamantinenses d'alma, lhes informando da minha angústia de não poder publicar esse volume, logo de tê-lo pronto já em 1960" recebo a informação que o "volume dedicado ao Arraial do Tejuco" será publicado.[686]

Curt Lange, na articulação para a publicação do volume VIII cumpre o que havia comentado com seu fotógrafo e colaborador Assis Alves Horta, sugerindo a Murilo Rubião que custeasse, via Instituto de Patrimônio Histórico Nacional, por ser esse também "um membro da Mesa do Carmo e estar muito familiarizado com a documentação"[687] uma ida de Horta a Diamantina com o objetivo de tirar fotografias do órgão do Carmo e de documentos referentes a Lobo de Mesquita. Considera Curt Lange que o material fotográfico que acompanha o volume é particularmente valioso. Atinge umas 30 fotografias, aproximadamente. Diminuí-la seria lamentável".[688]

Em uma correspondência para Rui Mourão, Curt Lange externa que está "apavorado" com o fato dos manuscritos dedicados a Vila do Príncipe e o Tejuco não

---

[684] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.137.158
[685] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.139.206 – Montevideo – 13 de agosto de 1980 – Murilo Rubião – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais
[686] Ibidem
[687] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.042 – Montevideo – 30 de outubro de 1980 – Rui Mourão – Diretor dos Museu e Casas Históricas de Minas Gerais
[688] Ibidem

estarem totalmente completos. Nessa mesma correspondência Curt Lange envia uma grande relação de nomes para o envio de futuros exemplares do volume[689].

Destacamos que, apesar de não ter relação direta com a publicação do volume dedicado à música de Vila do Príncipe e do Arraial do Tejuco, a têm indiretamente pois trata da cessão do arquivo de manuscritos da música mineira. "Seria o ideal que o arquivo de Minas passasse ao Museu da Inconfidência e às suas mãos".[690] Essa afirmação é feita a uma pergunta realizada por Rui Mourão em uma carta em 10 de março. Nos parece que foi uma proposta, pois Curt Lange deixa claro que é o ideal que o arquivo ficasse em Minas Gerais, visto que já havia recebido proposta da Universidade de São Paulo[691]. Estabelece Curt Lange o valor de US$15.000,00 (quinze mil dólares)[692] valor por ele considerado "muito razoável, pelo fato que eu tive que comprar dos velhos mestres arquivos com música que forma alguma me interessava. Entre 50 obras habíam [haviam] geralmente duas ou três de interesse [...]".[693] Conclui Curt Lange que tinha a esperança de poder restaurar mais manuscritos, daí a resistência em abandonar o arquivo.[694] As tratativas para a venda dos manuscritos é extensa, contudo, não sendo nosso tema central não mais nos deteremos em seus detalhes.

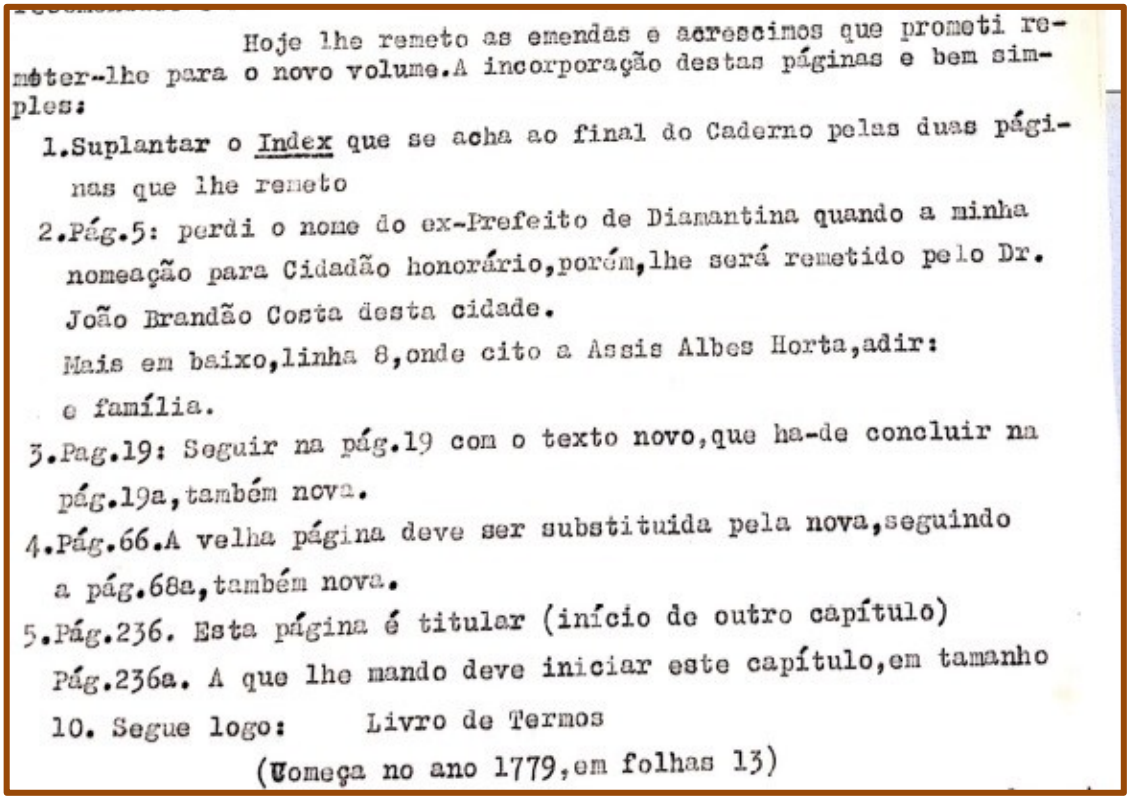
No decorrer do processo de elaboração do livro VIII, Murilo Rubião indica o Assistente Administrativo do Conselho Estadual de Cultura, com quem Curt Lange se corresponde largamente sobre detalhes da edição e distribuição do livro. Na primeira correspondência a ele enviada detalha aspectos do Livro V e do VIII. Particularmente o preocupa o papel para impressão das ilustrações. Relata que envia 22 (vinte e duas) fotografias ao total. A preocupação é comprovar aspectos

---

689 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.042
690 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.250 – Montevideo – 19 de março de 1981 – Rui Mourão – Diretor dos Museu e Casa Histórica de Minas Gerais
691 Ao final dessa correspondência Curt Lange diz literalmente: "Faz apenas 5 dias, veio outra carta de Olivier Toni, insistindo na venda do arquivo de Minas Gerais e aceitando também o setor português. É Diretor da Escola de Música, dentro do organismo de Comunicação e Artes".
692 Em reais brasileiro, a uma cotação de 5,46 no dia 23 de janeiro de 2022, o valor em reais é de R$80.700,00 (Oitenta e um mil e novecentos reais)
693 LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.250
694 Ibidem

descritos no livro particularmente as ligadas a Lobo de Mesquita tendo em vista que "houve gente que tem mentido vergonhosamente". Quanto ao texto informa Curt Lange que "ainda tem pequenas modificações".[695] Em 18 de fevereiro de 1982, temos um exemplo das correções enviadas ao Gerson Gonçalves (Figura 7)[696]. Em 19 de abril, escreve Curt Lange a ele novamente dizendo estar satisfeito com o "início da composição do volume VIII, dedicado a Diamantina e ao Serro.[697]

Figura 7 – Cópia de detalhe da solicitação de alterações no texto do Livro VIII dirigida ao Conselho Estadual de Cultura (Gerson Gonçalves)



Hoje lhe remeto as emendas e acrescimos que prometi re-
meter-lhe para o novo volume.A incorporação destas páginas e bem sim-
ples:

1.Suplantar o Index que se acha ao final do Caderno pelas duas pági-
nas que lhe remeto

2.Pág.5: perdi o nome do ex-Prefeito de Diamantina quando a minha
nomeação para Cidadão honorário,porém,lhe será remetido pelo Dr.
João Brandão Costa desta cidade.
Mais em baixo,linha 8,onde cito a Assis Albes Horta,adir:
e família.

3.Pag.19: Seguir na pág.19 com o texto novo,que ha-de concluir na
pág.19a,também nova.

4.Pág.66.A velha página deve ser substituida pela nova,seguindo
a pág.68a,também nova.

5.Pág.236. Esta página é titular (início do outro capítulo)
Pág.236a. A que lhe mando deve iniciar este capítulo,em tamanho

10. Segue logo: Livro de Termos
(Começa no ano 1779,em folhas 13)

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.143.141

---

[695] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.142.064 – Montevideo – 24 de setembro de 1981 – Gerson Silvestre Alencar Gonçalves – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais

[696] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.143.141 – Montevideo – 18 de fevereiro de 1982 – Gerson Silvestre Alencar Gonçalves – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais

[697] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.143.232 – Montevideo – 19 de abril de 1982 – Gerson Silvestre Alencar Gonçalves – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais

Uma correspondência de 24 de dezembro de 1983 a Gerson Gonçalves nos dá a certeza do sucesso da impressão do Livro VIII. Finalmente escreve Curt Lange: "chegaram num pacote os primeiros 4 exemplares".[698]

2.3 Considerações Finais do Capítulo

A correspondência cuidadosamente arquivada e catalogada por Curt Lange, reafirmamos, é claramente um projeto autobiográfico, uma escrita de si do musicólogo. Por meio das correspondências enviadas para uma rede de sociabilidade específica, o Grupo de Diamantina, estão registradas, ao longo de anos, informações profissionais e pessoais. Estão registrados sentimentos, conflitos, anseios e expectativas mais do que do musicólogo, do homem Curt Lange. Como já salientado no início deste capítulo, cidadãos comuns e autoridades eclesiásticas e por vezes políticas ligados à cidade de Diamantina, são agentes ativos na construção da memória da trajetória do musicólogo.

Identificamos várias características no conteúdo das correspondências enviadas. Um fato que é evidenciado é que as articulações de Curt Lange com as lideranças governamentais brasileiras se tornam infrutíferas. Fica claro que o musicólogo passa a se articular com o nível técnico do governo brasileiro. Destacamos, ainda, o fato de o musicólogo registrar para toda a rede de sociabilidade em questão, sua agenda de compromissos pessoais, demonstrando as dificuldades e percalços encontrados para levar a cabo os seus ideais. Fica evidente que o teuto-uruguaio investe na construção de uma imagem pessoal de seriedade, profissionalismo, engajamento e persistência. Outra faceta por nós verificada é o fato dele levar seus colaboradores a tomar determinadas atitudes em seu favor ou apoiá-las. Vejamos dois exemplos desta postura. A primeira é a sugestão que dá ao Diretor do IPHAN em Diamantina, João Brandão Costa, de indicá-lo ao Título de

---

[698] LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.147.122 – Montevideo – 24 de dezembro de 1983 – Gerson Silvestre Alencar Gonçalves – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais

Cidadão Honorário de Diamantina, o que posteriormente se concretiza. A segunda, conforme destaque abaixo, é dirigida a Rui Mourão, à época Diretor dos Museus e Casas Históricas de Minas Gerais, sugerindo o benefício que seria para sua imagem, uma suposta concessão do Título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Destaque para a frase final da mensagem, onde o musicólogo evidencia a sua opinião que se as coisas não acontecem, há que dizê-las para que se efetivem.

> Acho, pela repercussão que poderia atingir, que seria para mim benéfico se a Universidade Federal de Minas Gerais, num gesto que já poderia ter efetuado, me outorgasse o Dr. Honoris causa [...]. Se as coisas não se dizem, não se podem conhecer. (LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.141.171 – Montevideo – 23 de junho de 1981 – – Rui Mourão – Diretor dos Museus e Casas Históricas de Minas Gerais)

No conjunto das correspondências, ao nosso ver, Curt Lange constrói a sua verdade. Um bom exemplo é a tentativa de realização de um concerto grandioso em Diamantina com a obra de Lobo de Mesquita. O musicólogo não cogita em nenhum momento, pelo menos não há evidências nas correspondências analisadas, em alterar a especificação do quantitativo de músicos a se apresentar em um eventual concerto. Formata uma apresentação com orquestra e grande coral que totalizam 120 participantes, em detrimento a uma formação mais próxima de uma orquestra e coro setecentistas, que possuía em média 18 músicos. A solicitação para a viabilização do concerto ao governo federal era de transporte aéreo, e para o município, de hospedagem e alimentação para 120 pessoas. Fica, entretanto, após a não realização do concerto a imagem que o problema se deu pela falta de empenho do governo brasileiro e de Diamantina, que certamente não teve como arcar com o custo da logística de um número, à época, expressivo de participantes. Fato é que o governo federal oferece um avião para o deslocamento, certamente de pequeno porte visto o porte do aeroporto de Diamantina.

Especificamente do conteúdo das cartas referentes à trajetória de pesquisa de Curt Lange, destacamos cinco pontos. Primeiro, a demonstração de camaradagem com a maioria das pessoas com as quais o musicólogo lida ao longo da sua trajetória,

sendo um exemplo o regente da banda do Terceiro Batalhão de Diamantina. Segundo, a longa relação com o fotógrafo Assis Alves Horta, que inclui divergências entre as partes, ensinamentos acerca do método de recolha do material de pesquisa, e a grande colaboração do fotógrafo para dirimir dúvidas acerca de detalhes importantes para a publicação do livro VIII. Nesse sentido realçamos o alerta de Assis Alves Horta para a atuação da organista Ana Maria dos Santos Mártires. Alerta esse, que Curt Lange exige comprovação, sendo enviado a ele fotografias dos registros cartoriais que comprovam a atuação da organista, ainda no século XVIII, para total surpresa do musicólogo. Em terceiro, salientamos o vínculo duradouro de camaradagem entre Curt Lange e o Arcebispo de Diamantina, responsável pela criação da Praça Lobo de Mesquita, bem como o Diretor do IPHAN, João Brandão Costa, grande colaborador de Curt Lange, particularmente nos últimos anos de suas pesquisas. O quarto destaque consiste na importância de Murilo Rubião, quando presidente do Conselho Estadual de Cultura, e Rui Mourão quando Diretor dos Museus das Casas Históricas de Minas Gerais, para a viabilização das publicações de quatro volumes da *Coleção História da Música na Capitania de Minas Gerais.* Acreditamos, sem demérito da importância das publicações, que ela corria sério risco de não serem efetivadas, não fosse o fato destes dois técnicos estarem à frente de instituições, associado ao conhecimento e respeito pelo trabalho de Curt Lange. Destaque, também, para o fato já relatado da compra dos manuscritos de Lobo de Mesquita e demais compositores anônimos setecentistas, efetuado por Rui Mourão quando à frente do Museu da Inconfidência. E finalmente, o quinto e último destaque, que consiste na intenção de Curt Lange, não concretizada, de publicar o que denomina de *Monumento Músicae Brasiliae*, integrado por quatro manuscritos musicais de Lobo de Mesquita. Essa expectativa, nos remete ao texto de Jacques Le Goff sobre a distinção entre documento e monumento, pois ao nosso ver se trataria da possibilidade de se monumentalizar a obra musical de Lobo de Mesquita legando-a para futuras gerações [699].Nesse sentido, fica evidenciado, mais uma vez, o vínculo

[699] Ver Prefácio: LE GOFF, 2013

natural do teuto-uruguaio com a música e a musicologia germânica, , centrada na história dos grandes homens, sendo sua referência, sem dúvida, a cultura erudita europeia. Cabe salientar que o musicólogo consegue o feito de criar um monumento documental da música de Lobo de Mesquita, ao doar para o Museu da Inconfidência os manuscritos que pretendia pessoalmente publicar. O fizeram musicólogos à posteriori, que estudaram as mesmas e as publicaram na forma de catálogo financiados pelo governo mineiro.

Voltando a Pierre Bourdieu (1988)[700], concluímos que Curt Lange percorreu um trajeto onde tinha clara intenção de publicizar suas pesquisas, bem como divulgar o seu esforço de pesquisa acerca da História da Música em Serro e Diamantina coloniais. Inicia essa trajetória procurando convencer sua rede de sociabilidade da importância da sua pesquisa, em preencher lacunas de informações faltantes para a construção de sua narrativa, bem como articulando para garantir a publicação dos seus textos e documentos comprobatórios reunidos e sistematizados ao longo de décadas. Contudo, como já colocado, a coleta das principais informações acerca da prática musical nas localidades em tela, se encerram por volta da década de 1950, ocasião em que o musicólogo já havia recolhido a maioria das informações, documentos e manuscritos musicais, fotografando-os, principal método usado para a recolha de material, ou levando cópias se existentes. Na década de 1940 Curt Lange já tinha em seu poder a maioria dos documentos e informações acerca da prática musical em Diamantina e Serro colônias. Depois de um longo período sem trabalhar na documentação retoma as pesquisas, na década de 1970, uma vez que enfim terá a oportunidade de publicá-las. Observamos que, para tanto, ele revisa o material que tem em mãos, levantando suas lacunas. Fato é que em 1979 publica dois volumes relacionados às irmandades de Ouro Preto colonial e um terceiro em 1981 também relacionados àquela localidade. Em 1982, finalmente, publica o Livro VIII da Coleção

[700] Ver Prefácio: BOURDIEU, 1988

História da música na Capitania Geral de Minas Gerais – Villa do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco[701].

[701] LANGE, Francisco Curt. *História da música na Capitania Geral de Minas Gerais*: Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco. Coleção História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais. v.8. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, Arquivo Público Mineiro, Conselho Estadual de Cultura, 1982. 470p

3. Fontes consultadas: a bibliografia utilizada por Curt Lange

"Quem pensaria em evocar uma viagem, sem ter uma ideia da paisagem na qual ela se realiza?" (Pierre Bourdieu, 1988, p. 190)

Curt Lange reúne no Livro VIII da Coleção História da Música na Capitania Geral de Minas Gerais, as pesquisas acerca da prática musical da Vila do Príncipe do Serro do Frio, atual Serro e do Arraial do Tejuco, atual Diamantina[702]. Suas pesquisas apesar de realizadas nas décadas de 1940-1950 remontam ao setecentos e a primeira metade do oitocentos, um período que a despeito de adentrar no primeiro império é conhecido como período colonial mineiro. Ao lê-lo verificamos que o musicólogo apresenta Serro e Diamantina coloniais da sua criação ao período especificado, trazendo informações detalhadas acerca não só da prática musical, mas da sociedade estamental da época. Algumas questões surgiram no decorrer desta nossa leitura: como um estrangeiro tomou contato e reconstruiu a história destas duas localidades? Onde foi buscar essas informações? Ficou evidente que ele, à exceção de quatro viajantes estrangeiros que passaram por Diamantina e no Serro e descreveram em detalhes essa passagem, os denominados viajantes, conseguiu informações com brasileiros, em sua maioria mineiros ligados ao Serro e Diamantina, os memorialistas. Percebemos que mais do que referir-se a esses autores, Curt Lange adota a visão dos mesmos acerca da estrutura social do período colonial mineiro, ou seja, a interpretação destes da sociedade e costumes da época.

Assim, tomamos como um dos objetivos da nossa pesquisa conhecer os principais argumentos, escolhas e ênfases utilizados por Curt Lange, a partir da bibliografia básica por ele selecionada na construção do texto do Livro VIII - *Vila do Príncipe do Serro Frio e Arraial do Tejuco* - da Coleção História da música na

---

[702] LANGE, Francisco Curt. *História da música na Capitania Geral de Minas Gerais*: Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco. Coleção História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais. v.8. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, Arquivo Público Mineiro, Conselho Estadual de Cultura, 1982. 470p

Capitania de Minas Gerais. Para tanto, percebemos a necessidade de alcançarmos algumas metas. Em primeiro lugar, identificar a bibliografia básica utilizada; posteriormente, distinguir os principais argumentos e ênfases presentes nessa bibliografia; e, finalmente podermos analisar a perspectiva musicológica adotada por Curt Lange na construção do seu discurso acerca do contexto socioeconômico e cultural de Diamantina e Serro coloniais.

Nesse processo nos deparamos com mais um ingrediente: 25 documentos transcritos pelo próprio Curt Lange, acondicionados nas pastas 10.3.35 e 10.3.39 da subsérie 10.3 – Estudos e Transcrições, que por sua vez integram a Série 3 – Documentos de Pesquisa, acondicionadas no ACL/ UFMG. Estas são transcrições da bibliografia que o musicólogo utiliza no Livro VIII, muitas vezes integralmente. Uma facilidade encontrada é que em cada documento, associado a cada transcrição, Curt Lange registra a referência da sua origem. O estudo de cada documentação nos mostrou que poderíamos, e foi o que fizemos, agrupar os 25 documentos em cinco conjuntos documentais que denominamos de: 1) Relatos de Viagem; 2) Revistas 3) Memorialistas; 4) colaboradores; e, finalmente 5) Textos de Curt Lange e Anotações Diversas.

Iniciando pelo conjunto documental Relatos de viagem, utilizamos como estratégia para discorrermos sobre as informações coletadas, o próprio texto de cada livro ou artigo de revista analisado, identificando no rodapé do texto a referência do livro ou revista em questão. Por conseguinte, quando extraída a informação da transcrição de um dos documentos de Curt Lange, também no rodapé do texto, inserimos uma referência direta deste. Procuramos identificar ainda em nota, a localização das referências bibliográficas quando o musicólogo as utilizou no corpo dos textos do Livro VIII.

Antes de iniciarmos a descrição e análise de cada uma das categorias integrantes da bibliografia de Curt Lange, consideramos pertinente fazermos alguns esclarecimentos. O primeiro deles é quanto ao fato de termos inserido nesse capítulo passagens descritas pelos viajantes, as quais Curt Lange não se deteve. Resolvemos fazê-lo, e como será verificado, são prioritariamente descrições de eventos envolvendo a música do então negro escravizado no Brasil, por consideramos que

essas têm vínculo com danças inseridas nas práticas religiosas ainda hoje realizadas nas Festas de Nossa Senhora do Rosário contemporâneas. Uma pergunta fizemos nesse processo: Qual a razão de festas e eventos de tradição afro-brasileira, mais especificamente a de Nossa Senhora do Rosário, terem se mantido até os dias de hoje e outras ligadas ao Senado da Câmara do século XVIII, não terem resistido ao tempo mesmo que de forma adaptada? Essa resposta fomos encontrar a partir do momento que colocamos foco no que Curt Lange denomina de Danças Coletivas Públicas (Danças públicas), ou Danças das Corporações de Ofício (Danças dos Ofício). Essas, não são danças igualmente existentes na segunda metade do setecentos e primeira do oitocentos ligadas às Irmandades e Confrarias? Qual a diferença entre elas? Fomos assim buscar esclarecer a questão. No texto referente à Vila do Príncipe do Serro do Frio, Curt Lange[703], na descrição das festas reais ocorridas na Vila em 1786 e depois confirmadas em editais e convites para outros eventos recolhidos pelo musicólogo em Ouro Preto[704] encontramos parte da nossa resposta.

Danças de ofício ou danças públicas são danças realizadas durante as festividades oficiais emanadas da corte, e normatizadas pela administração colonial que eram financiadas e de responsabilidade dos diversos ofícios (profissões), atuantes na localidade, sendo cada uma das danças inspecionada pelo respectivo Juiz de cada ofício, podendo este aplicar multa por qualquer inconformidade ou pela não atendimento dos envolvidos na convocação. Como transcrito por Lange: "[...] Nos três dias haverá danças, que hão de dar os ourives, mechanicos [mecânicos], alfaiates, sapateiros, carpinteiros e ferreiros, sob a inspecção [inspeção] do seu repetivo [respectivo] juiz e penas de multa"[705]. Uma explicação acerca destas danças é extraída do livro de Dario da Silva por Curt Lange:

---

[703] O texto é uma síntese de outro texto de Curt Lange onde o tema é largamente explorado. Ver: LANGE, Francisco Curt. As Danças coletivas públicas no período Colonial brasileiro e as Danças das corporações de ofícios em Minas Gerais. *Revista Barroco*, Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros – UFMG, n. º 01. p. 15-62, 1969.
[704] LANGE, 1982, p. 17-21
[705] Idem, p. 17

> [...] eram marujadas respectivamente trajadas, e ordenadas cantando cantigas do mar "e naves que vem de Lisboa"; eram índios trajados de pano de urucum, trançados de penas [penas] de ema cantando cantigas do sertão; eram velhos e velhas em par de dança, cheios de cerimoniais e respeitos; eram fingidos romeiros cantando cousas [coisas] da Terra Sancta [Santa]...[706]

Percebemos, nesse ínterim, que as danças, coreografias e músicas envolvidas na Festa do Rosário não se enquadram no que Curt Lange denomina de danças públicas, ou pelo menos não estão listadas como de financiamento obrigatório pelos diversos ofícios. Chegamos à conclusão que as danças públicas e as danças inseridas na Festa de Nossa Senhora do Rosário são de natureza completamente distintas. A primeira é uma obrigatoriedade, custeada por terceiros. A segunda é totalmente financiada pela Irmandades que leva o seu nome, não contando com nenhuma outra fonte que não fosse a colaboração dos integrantes da Irmandade do Rosário dos Pretos. Contudo, uma pista se apresenta em relação a nossa pergunta do porquê as danças integrantes da festa do Rosário são ainda realizadas passados aproximadamente quatro séculos depois e as danças públicas não o são. A resposta está na sua natureza, as do Rosário fazem parte de um rito religioso que nasceu com a Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos, sendo financiada pelos irmãos da organização de leigos. Inclusive, como veremos no capítulo quatro, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos foi a única que não passou por percalços financeiros. Os valores gastos com a música sempre se mantiveram em um mesmo patamar módico, não se alterando nem mesmo na época da decadência da mineração. Esse fato também foi observado por Curt Lange, ao constatar que os gastos com a música se mantiveram até o período de 1844-45, não sendo verificada uma diminuição nesses valores. Conclui o musicólogo que o fato lhe mostrou "[...] do pendor para a música que foi característico na gente de pele escura [...]"[707]. Nós a entendemos como uma música conectada com a tradição da

---

[706] SILVA, Dario A. F. 1928, s/p, *apud* LANGE, 1982, p. 17-18
[707] LANGE, 1982, p. 380

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, fazendo parte da prática religiosa intrinsecamente.

3.1 Bibliografia - Relatos de Viagem

Os relatos de viagens são o resultado de missões pelo Brasil de estrangeiros, no oitocentos, que registraram as suas viagens e seus estudos particularmente acerca da flora, fauna e minerais (ouro e pedras preciosas), bem como da sociedade da época. Três são os documentos integrantes da categoria Relatos de Viagem (Quadro 22), com a ressalva que além destas três fontes, salientamos que são utilizados trechos do livro *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*[708] do francês Auguste de Saint-Hilaire, em passagens no corpo do texto do livro VIII, bem como de forma integral no anexo do mesmo[709], sem passar por uma transcrição prévia, como nos trechos dos demais viajantes. Já os documentos transcritos por Curt Lange são transcrições do livro *Viagens pelo Brasil*, com passagem no Distrito Diamantino em 1818, dos alemães Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) botânico, e Johann Baptist von Spix (1781-1826) zoólogo; bem como do Livro *Viagens ao interior do Brasil*, passando pela Vila do Príncipe do Serro do Frio e pelo Arraial do Tejuco por volta de 1809/ 1810, do inglês John Mawe (1764-1829), mineralogista e geólogo.

---

[708] SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil,* Tradução de Leonam de Azevedo Penna, vol. 210. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
[709] LANGE, 1982, 462-465

Quadro 22 – Conjunto documental – Bibliografia – Classificação Relatos de Viagem

Categoria		Bibliografia		
Relatos de Viagem				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Descrição
	10.3.35	10.3.39		
01	10.3.35.01		10	10 trechos (SP e MG) do livro de Spix e Martius– Viagens pelo Brasil
02	10.3.35.25		06	Réplica do documento 10.3.35.01 (somente trechos acerca de M. Gerais)
06		10.3.39.01	01	Fragmento livro de John Mawe – Viagem ao interior do Brasil

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.96 Subsérie 10.3 – ACL- UFMG Compilação Rachel de Ulhôa

A réplica de trechos da obra de Spix e Martius *Viagens pelo Brasil* (1938)[710] inauguram a série de transcrições da pasta 10.3.35[711]. Para nossa análise utilizamos uma edição diferente da utilizada pelo musicólogo, a de 2017[712]. A obra conta com três Tomos que registram a viagem que parte do Rio de Janeiro em direção a São Paulo, passa pelo território mineiro chegando até Vila Rica e a vasta região do Distrito Diamantina, envereda pelo interior a caminho de Belém, Salvador, Ilhéus, Juazeiro e São Luís do Maranhão, avança pela ilha de Marajó, pelo Tocantins, Xingu, Tapajós, rios Negro e Madeira. Os viajantes descrevem todas as festas e músicas das localidades por onde passaram, procurando também comentar sobre os costumes do lugar. Curt Lange, nas suas transcrições, seleciona somente os trechos referentes a Serro e Diamantina, inserindo-os na integra no Livro VIII[713].

Os viajantes alemães, von Spix e von Martius, vieram na comitiva de D. Leopoldina que chegou ao Rio de Janeiro em 5 de novembro de 1817. Aportaram na cidade podendo assistir a uma Festa de Nossa Senhora do Rosário comemorada por brasileiros negros. Descrevem a música como "alegre, quase jovial", o "sermão emocionante", com destaque para os "foguetões e bombas, defronte o mar tranquilo,

---

710 SPIX; MARTIUS. *Viagem pelo Brasil* (1817-1820) Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer, B. F. Ramiz Galvão e Basílio de Magalhaes. Rio de Janeiro: Ed. Instituto Histórico Geográfico Brasileira. Volumes I e II, 1938.

711 LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.01

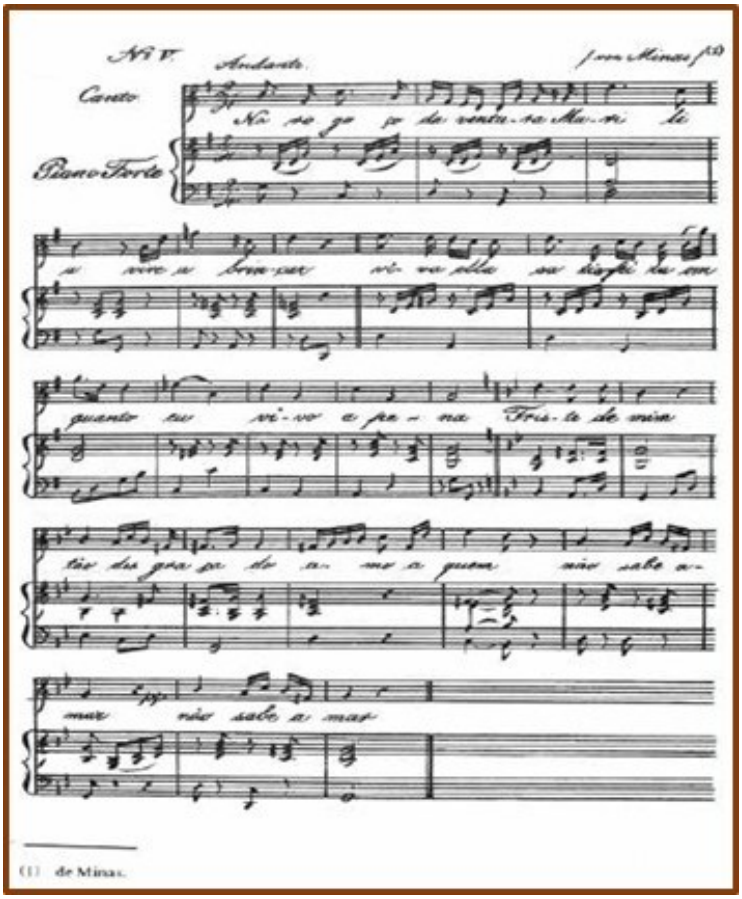
712 SPIX; MARTIUS. *Viagem pelo Brasil* (1817-1820) Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer -- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. 3v. 428 p. -- (Edições do Senado Federal; v. 244-B)

713 Textos constantes da seção Viageiros no Tejuco no período 1808 – 1818 ver: LANGE, 1982, p. 453-465

alegravam a solenidade" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.01)[714]. Já a descrição da música em São Paulo, realizada em texto de tamanho considerável, nos deixa o apontamento que a performance da modinha acompanhada pelo violão possuía um canto singelo e ingênuo. Adicionalmente são descritas as inúmeras modinhas existentes: a de origem portuguesa e a brasileira, sendo que a brasileira se diferencia da portuguesa pela "naturalidade do texto e da melodia, [...] sendo na sua maioria anônimas (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.01)[715]. Pertinente salientar que Martius transcreve para a pauta musical as modinhas e os cantos indígenas com as quais tem contato. Descrevendo os dois viajantes, as inúmeras emoções que sentiram ao presenciar esses episódios, indicavam que estavam atentos aos acontecimentos nesse período da viagem, bem como aos aspectos culturais do povo brasileiro que os cercava. Todas as passagens integrantes nos textos por nós analisados, particularmente os referentes às festas em geral e a música em particular, refletem a impressão particular dos viajantes acerca das mesmas. A título de exemplo, transcrevemos o trecho, abaixo, que ao nosso ver revela o envolvimento de Spix e Martius com a música que estavam a apreciar:

> [...] esses desafogos da alma, uma trama genuína, tranquila, que ao europeu parece tanto mais adorável e verdadeira, quanto mais ele se sentir de acordo com o ritmo idílico, elevado na riqueza e no gozo pacífico, proporcionado pela natureza que o cerca.[716]

[714] SPIX; MARTIUS, 2017, p. 74
[715] Idem, p. 180
[716] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.01

Figura 8 – Texto musical de uma Modinha brasileira (letra: Tomás Antônio Gonzaga), coletada e transcrita por Von Martius

Fonte: SPIX; MARTIUS, 2017, p. 340

Para efeito de ilustração acima na Figura 08 uma modinha, letra de Tomás Antônio Gonzaga[717], transcrita no Anexo Musical[718] do Volume I do Livro *Viagem ao Brasil*. Essa transcrição para nós é importante uma vez que demonstra que Martius conhecia música, tendo formação suficiente para transcrever para a pauta as modinhas e os cantos indígenas que escutou.

Destacamos um trecho não citado por Curt Lange na sua coleta dos assuntos ligados à música nas narrativas dos alemães. Não podemos deixar de salientar que esse é uma das poucas passagens onde a figura do "mulato" está ligado

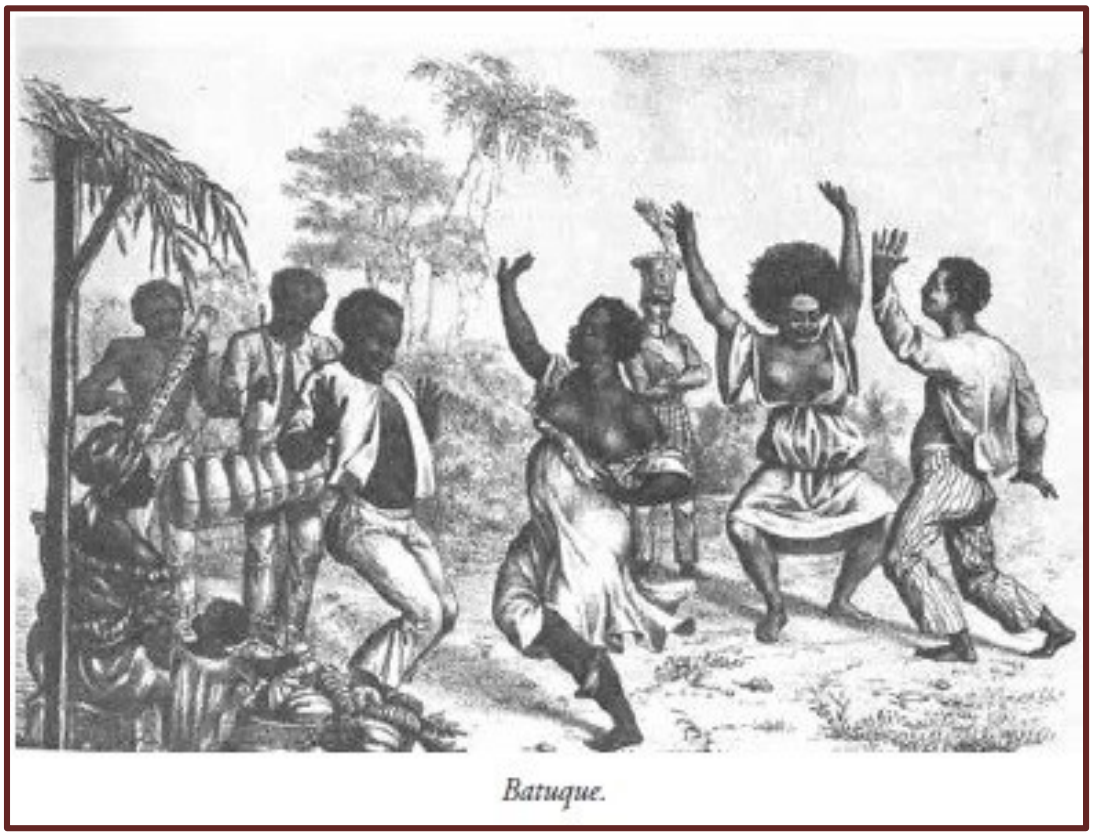
[717] SPIX; MARTIUS, 2017, p. 246
[718] Idem, p. 335 - 342

à pobreza do lugar, em oposição as passagens destacadas pelo musicólogo de prosperidade e inserção no trabalho. Relatando a passagem da comitiva pelo norte de Camanducaia, depois de passar Roseta e Campinho, ainda no estado de São Paulo, narram as agruras do caminho, em particular nesse trecho, devido às chuvas que assolavam a região, se detendo na descrição de uma das paradas noturnas para descanso da tropa. Narram que apesar da precariedade das localidades que passaram com "poucas miseráveis cabanas, habitadas em geral por mulatos"[719], onde não se poderia inclusive contar com outro alimento a não ser o leite e feijão, o brasileiro é alegre, "pronto para divertir-se"[720]. Relatam que na maioria dos lugares onde chegaram à noite, eram recebidos com as "toadas das violas, a cujo acompanhamento se cantava ou dançava"[721]. Descrevem em detalhes a dança do batuque presenciada em uma festa que foram convidados, quando as pessoas do lugar souberam que lá estavam. Narram que os moradores da localidade estavam dançando uma música em pares, que se afastam e aproximam um do outro com as mãos elevadas em movimentos "dissolutos e pantomimas desenfreadas"[722] em uma dança cujo "encanto para os brasileiros, está nas rotações e contorções artificiais da bacia, nas quais quase alcançam os faquires das Índias Orientais[723]. Os viajantes consideram a dança indecente. Esclarecem que a dança é originária da Etiópia introduzida no Brasil por escravizados, sendo que a igreja não conseguiu proibi-la. Uma gravura é inserida no texto para ilustrar o "batuque" (Figura 09). Nela nos chama a atenção, ao fundo do lado esquerdo, a ilustração de dois músicos tocando nos parece um canzá, espécie de reco-reco feito de taquara (bambu) percutido com uma vara de madeira; e, uma marimba, uma fileira de "coités" (cabaças), alinhados um do lado do outro, com pequenas tábuas em sua boca e percutidos com pauzinhos também de madeira[724].

---

[719] SPIX; MARTIUS, 2017, p. 230-231
[720] Idem, p. 230-231
[721] Ibidem
[722] Ibidem
[723] Ibidem
[724] Idem, p. 60

Figura 9 – Ilustração denominada de O Batuque realizada como ilustração do texto do Livro Viagens pelo Brasil de Spix e Martius



Fonte: SPIX; MARTIUS, 2017, p. 232

Salientamos que na seção do Livro VIII dedicada às transcrições dos trechos selecionados dos livros dos viajantes, encontramos uma pequena passagem com o título de Lagoa Dourada, que se refere a instrumentos afro-brasileiros. A cena faz parte de uma festa que os autores presenciam na localidade com esse nome nas imediações de São João Del-Rei. Não utilizada pelo musicólogo no corpo dos textos do mesmo livro, lê-se: "... os negros ali presentes formavam grupos e faziam ressoar a sua música plangente, num instrumento de madeira com fios de seda esticados, acompanhando-a o som estridente da fricção de dois paus..."[725] . Em contrapartida uma passagem ocorrida no Brejo-do-Salgado foi integralmente transcrita por Curt

[725] SPIX; MARTIUS, 1938, p. 295 apud LANGE, 1982, p. 455

Lange do texto de von Spix e von Martius, está inserida no mesmo anexo[726], bem como no corpo do texto da seção "Em torno da música erudita nas Minas Gerais [...]"[727]. O trecho é classificado pelo pesquisador como "um dos mais fascinantes episódios [...] um acontecimento simplesmente assombroso"[728]. É narrado que "um fazendeiro mulato [no trecho original: "um sertanejo [...] moreno Orfeu das Selvas [...] João Raposo"[729]], morando a vinte léguas do Salgado"[730], por ter ouvido falar dos alemães e que um deles tocava violino, para lá se deslocou com sua família, estantes musicais, instrumentos e instrumentistas, segundo Curt Lange seus escravos, podendo assim formarem um grupo completo, tendo tocado um antigo quarteto de Pleyel. Os instrumentos eram uma rabeca, um rabecão e trompas.

Mais adiante na viagem, já em Minas Gerais, descrevem os autores mais um episódio envolvendo a música. Os viajantes narram as noites musicais por eles vividas destacando que "a música fazia parte da nossa vida diária, pois não se passava noite alguma, sem que, antes de nos recolhermos, soasse o violino de um dos viajantes, ora com ingênuas modinhas regionais brasileiras, ora com melodias alemãs, que ao agradável sentimento do presente ligavam a lembrança da pátria"[731]. Essa passagem é registrada por Curt Lange que aponta da narrativa dos alemães que "os inúmeros filhos da casa se esforçavam, entretanto, por nos entreter com cantigas singelas nacionais, que acompanhavam ao som da viola"[732].

O foco do registro passa agora a ser a poesia. O poeta citado é Tomás Antônio Gonzaga, a quem denominam somente de Gonzaga. Declarando-o "mais celebrado poeta de Minas" registram que "esse Gonzaga", já havia ocupado cargo de ouvidor de São João del-Rei. O localizam historicamente, se referindo indiretamente à Inconfidência Mineira, narrando que ele "ao estalar a revolução francesa, deixou-

---

[726] Ibidem
[727] LANGE, 1982, p. 89-109
[728] Idem, p. 107
[729] SPIX; MARTIUS, 1938, p. 198 *apud* LANGE, 1982, p. 462
[730] LANGE, 1982, p. 107
[731] SPIX; MARTIUS, 2017, p. 242
[732] Idem, p. 246

se arrastar a um movimento sedicioso, e foi banido para Angola, onde morreu"[733]. Citando *Marília de Dirceu,* salientam que "muitas canções deste poeta andam na boca do povo, canções que, como aquelas, são inspiradas pela doce musa do infeliz. Uma destas, entre outras, é a que se acha no apêndice do livro dos viajantes com o texto: "No regaço, etc."[734]. Fizemos questão de observar esse trecho do livro e também da transcrição de Curt Lange, porque aqui temos o musicólogo suprimindo a frase logo a seguir a essa: "Quando um dia o Brasil tiver literatura independente, a Gonzaga caberá a glória de ter ensaiado os primeiros arpejos anacrônicos da lira, às margens idílicas do rio Grande e do romântico Jequitinhonha". Em seu lugar, ou talvez seja uma questão de edição, lê-se na transcrição de Curt Lange: "No regaço, etc., que aqui ouvimos de cantadores..."[735].

Fazendo ainda parte das narrativas referentes a São João del Rei, Curt Lange transcreve um trecho de um grande parágrafo do texto de von Spix e von Martius, onde estes descrevem a ocupação econômica dos habitantes da localidade. Destacando que anteriormente se dedicavam à procura do ouro, descrevem o processo de extração e de fundição, do valioso metal, na Vila de Campanha e na Vila de São José del Rei, hoje Tiradentes. Contudo, ressaltam que o garimpo passa a ser uma atividade exercida exclusivamente pelo povo pobre, sendo que a região muda sua atividade econômica para o "comércio do sertão que aumenta diariamente a riqueza desta pequena cidade"[736]. Narrando a intensa atividade das tropas e do comércio de víveres para o Rio de Janeiro que possibilita que a região pague grande dívida com a capital, descrevem a hospitalidade do mineiro abastado, em especial para com os viajantes devidamente recomendados.

Apesar de nessa altura da viagem só terem tomado contato, em tese, com os habitantes das capitanias do Rio de Janeiro e de parte de São Paulo, salientam os autores, que o mineiro se diferencia dos integrantes das outras capitanias,

---

[733] Idem, p. 246
[734] SPIX; MARTIUS, 2017, p. 247
[735] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.01 e 10.3.35.25
[736] SPIX; MARTIUS, 2017, p. 254

particularmente dos paulistas, descrevendo-o fisicamente como o brasileiro que em geral "possui estatura esbelta e magra, peito estreito, pescoço comprido, o rosto um tanto alongado, olhos pretos vivos, cabelo preto na cabeça e no peito"[737]. Quanto ao temperamento destacam que "[...] tem, por natureza, um certo garbo nobre, e o seu modo de tratar é muito delicado, obsequioso e sensato[...]"[738]. Já quanto ao estilo de vida consideram que "[...], é sóbrio e parece sobretudo gostar de uma vida cavalheiresca".[739] Destacam que assim como o pernambucano e ao contrário do "paulista pesadão" possui "[...] certa predileção pelos produtos e vestuário da Europa [...]"[740] e assim "como os ingleses, o mineiro faz muita questão de grande asseio no trajar e do terno branco, sobretudo nos dias de festa".[741]

Apesar de transcrever, na íntegra, o texto dos alemães no anexo do Livro VIII[742] não identificamos registros ou menção nos textos do livro acerca dos índios Coroados e Purís, exceto no comentário sobre a origem da denominação do arraial. Curt Lange adota a grafia Tejuco, sinônimo de charco, se referindo a qualquer terreno pantanoso, lamacento, lodoso, que atola. O próprio Curt Lange explica esse significado na página 70 do seu livro. Escreve o autor: "[...] uma outra bandeira aproximou-se, e vendo o lado esquerdo já ocupado, seguiu o Rio Grande acima e aos poucos deu com um pantanal impossível de atravessar. No alto deste corria um pequeno arroio, que ia perder-se a pouca distância, no Rio Grande. Deram-lhe o nome Tejuco, que na língua indígena que a maioria conhecia, significa lama"[743].

Passemos agora para os trechos transcritos por Curt Lange de mais um texto de Spix e Martius, agora do Volume II – *Viagem pelo Brasil*, no final do Capítulo II – Estada em Tejuco e excursões pelo Distrito Diamantino. O trecho que veremos a seguir é uma síntese de uma transcrição de três páginas do texto dos viajantes alemães, que descreve uma Cavalhada e um Reisado. Da mesma forma da descrição

---

737 SPIX; MARTIUS, 2017, p. 254
738 Idem, p. 255
739 Ibidem
740 SPIX; MARTIUS, 2017, p. 255
741 Ibidem
742 LANGE, 1982, p. 456-458
743 Idem, p. 70

dos índios Coroados e Purís, Curt Lange insere a descrição dos autores integralmente no anexo do livro VIII[744], mas não as utiliza nos textos descritivos do livro. A descrição da cavalhada e do reisado, pelos alemães, integram a narrativa, do impacto que ambos tiveram ao chegar ao Tejuco e depararem com a versão do Arraial das festividades em comemoração da chegada da família real ao Brasil e a coroação Dom João VI, realizadas em todo o Brasil. No Tejuco as comemorações foram convocadas pelo Intendente Ferreira da Câmara. Destacam que "Tivemos com isso ocasião de admirar o tato perfeito e fina sensibilidade do sertanejo brasileiro"[745]. Começaram a sua descrição narrando que as festas se iniciaram com um espetáculo teatral realizado em um palco construído na Praça do Mercado.

> Arautos abriam o séquito, seguia o coro de cantores e mais quatro figurões, que, representando as vastas possessões da monarquia portuguesa, traziam, decorado com os emblemas do europeu, índio, oriental, negro e americano, um globo terrestre, acima do qual estava a imagem de d. João VI. Fechava o préstito um grupo numeroso de rapazes e raparigas, vestidos como pastores, trazendo guirlandas de flores, com as quais, chegando ao teatro, enfeitaram a imagem do monarca, com as aclamações do público.[746]

O mesmo grupo de cantores passaram a executar danças, sendo que palhaços no intervalo faziam malabarismos. Quanto à peça teatral apresentada, um dramalhão, consideram-na os viajantes "menos significativa"[747], sendo destaque a pintura mural do fundo de cena, que denota "o início de belo desenvolvimento artístico no Brasil"[748].

A descrição das cavalhadas, visto que podemos dizê-lo por já tê-la visto inúmeras vezes, é descrita pelos autores com precisão. Dois grupos de homens em número par, montados em cavalos paramentados com as mesmas cores dos cavaleiros, vermelho e azul, simulam a luta entre mouros e cristãos. "Dispostos em duas filas simulam o combate, correndo uma fila contra a outra atacando-se

---

[744] LANGE, 1982, p. 458-461
[745] SPIX; MARTIUS, 2017, p. 59
[746] Ibidem
[747] Ibidem
[748] Ibidem

cavaleiro contra cavaleiro, ora com lanças, ora com espadas e pistolas"[749]. Outra disputa é o carrossel das argolinhas onde a meta é "com grande agilidade, uns após outros, enfiar o anel em rápida correria desde o camarote do intendente até ao fim da pista fronteira, onde ele estava pendurado".[750] Sempre ao som de uma fanfarra, cada cavaleiro que conseguisse a proeza de atingir a argolinha com a lança, escolhia uma dama da plateia presenteando-lhe com a mesma, sem antes contudo enviar um mensageiro, um pajem negro, que perguntava a dama se aceitava a prenda. Geralmente aceito recebia em troca uma faixa ou laço de fita, que amarrado pela dama na ponta da lança era devolvido pelo pajem ao cavaleiro. O tiro ao alvo a flores, frutos ou animais artificiais eram realizados, sendo encerrados com "corridas em fila, formando meandros, volteios e círculos, nos quais os participantes se mostraram exímios cavaleiros, e assim passaram simbolicamente da luta guerreira à amizade e ao amor cristão". [751] A cavalhada culminava com festas à noite na cidade iluminada.

Ao contrário do Cavalhada, tradicionalmente uma festa das camadas mais abastadas, o Reisado era realizado como uma atividade dos pretos na sua inserção nas comemorações. Consiste na escolha de um rei e de uma rainha pretos, sendo destacado pelos autores que esse "é um costume dos negros do Brasil nomear todos os anos um rei e sua corte"[752]. Salientam também que o rei preto não possui qualquer prestígio político, motivo pelo qual o governo luso-brasileiro não põe dificuldade alguma a essa formalidade sem significação". Escolhidos pelo voto geral, "foram nomeados o rei *Congo* e a rainha *Xinga*, diversos príncipes e princesas, com seis *mafucas* [camareiros e camareiras]"[753] que em cortejo solene foram em direção à Igreja dos Pretos, provavelmente Igreja do Rosário. Na frente o estandarte, seguidos da imagem de Jesus Cristo, de São Francisco e de Nossa Senhora, todas pintadas de preto. Acreditamos que se tratava de Nossa Senhora do Rosário e de São

---

[749] SPIX; MARTIUS, 2017, p.59
[750] Idem, p.60
[751] Ibidem
[752] Ibidem
[753] Ibidem

Benedito por serem essas imagens tradicionalmente pretas. Logo após uma banda de música integrada por negros vestidos com capas vermelhas e roxas enfeitadas de penas de avestruz. Apontam os autores que as capas estavam gastas, puídas. Tocavam o ruidoso canzá e marimbas. Nos parece que ambos os instrumentos estão ilustrados na figura 09 (página 233), sendo o canzá uma espécie de reco-reco, só que feitos de taquara conforme as informações em nota de rodapé da edição (1917) que consultamos do texto original. As marimbas são detalhadamente descritas como uma

> fila de coités ou cumbucas, dispostas entre dois arcos, segundo os tamanhos, com a abertura para cima, e sobre as quais estão tabuinhas de pouca grossura, presas por um cordel, de sorte que estas, feridas por uma espécie de baqueta, produzem som peculiar[754].

Um grande cortejo se formava atrás da banda com príncipes e princesas que tinham suas capas levadas por pajens tanto homens como mulheres. Nesse primeiro momento participaram o rei e a rainha do ano anterior carregando o cetro e a coroa; e finalmente, o novo casal real recém escolhido, ricamente vestido. Finaliza o cortejo um grande número de "gente preta levando círios acesos ou bastões forrados de papel prateado".[755] De acordo com a narrativa dos viajantes alemães, na Igreja do Rosário foi realizada a passagem da coroa e do cetro para a nova casa real, que desfila se apresentando ao mesmo tempo que observa toda a sua assistência. Concluída essa fase chega a vez da visita à casa do Intendente. Spix e Martius não deixam de perceber o nervosismo do recém coroado rei, segundo a narrativa um "negro foro e sapateiro de ofício"[756] que deixa o cetro cair, sendo esse pego pelo Intendente que lhe passa o objeto com a galhofa: - "Vossa Majestade deixou cair o cetro". Foi prestado em forma de música em uma "barulhenta toada"[757] as homenagens ao Intendente e posteriormente o cortejo saiu pelas ruas. No outro

---

[754] SPIX; MARTIUS, 2017, p. 60
[755] Idem, p. 61
[756] Ibidem
[757] Ibidem

dia a família real cercada por sua corte, solenemente sentada em cadeiras tendo "os ministros, camareiros e camareiras e os mais dignitários do reino sentados em bancos mais baixos a sua esquerda e direita receberam a visita à corte do Congo [a denominada congada]"[758] considerada estrangeira.[759]

> Diante deles, estavam colocados, em dupla fila, os músicos da banda, com sapatos amarelos, e vermelhos, meias pretas e brancas, calças vermelhas e amarelas com capinhas de seda furadas, e faziam uma algazarra infernal com tambores, pífaros, pandeiros, chocalhos e com a chorosa marimba; os dançadores anunciaram o enviado com pulos e cabriolas, com as mais singulares caretas e as mais abjetas posições, e traziam os seus presentes, apresentaram tão bizarro espetáculo, que se imaginava estar diante de um bando de macacos[760].

Em princípio não aceitando as deferências dos estrangeiros congadeiros acabam por aceitá-la anunciando "Que lhe estavam abertos o porto e o coração do rei"[761]. Após essa aceitação o rei do Congo chama um estrangeiro para assentar-se à sua esquerda passando a distribuir condecorações ao som da música considerada pelos viajantes bastante ruidosa. Por fim encerram-se os festejos com o "brado do rei dos pretos", que o seu povo todo reunido repetiu: – "*Viva El-Rei D. João VI!* "[762]. A manifestação descrita, além de ter despertado a curiosidade dos viajantes, que afinal a acompanham e a descrevem por dois dias, os leva a manifestar sua impressão de festa ruidosa e de estranhos passos. Registram ao final da descrição Spix e Martius: " – Quão interessantes são as reflexões do pensador, que, em retrospecto e visão do futuro, se ligam a essa estranha festa!"[763].

Outra manifestação cultural não transcrita por Curt Lange, naturalmente por não ter ocorrido especificamente no Tejuco, nos chama a atenção logo a seguir, sendo narrada pelos viajantes alemães como a Festa da Rainha, descrita como um exemplo de como a riqueza já havia introduzido na região uma "sociabilidade e

---

[758] SPIX; MARTIUS, 2017, p. 61
[759] Ibidem
[760] Idem, p. 62
[761] Ibidem
[762] Ibidem
[763] Ibidem

costumes amenos"[764]. Optamos por aqui inseri-la por considerar que a mesma contém elementos que ainda hoje se observam nas Festa do Divino Espírito Santo em Diamantina. Por exemplo o cortejo de adultos como Rei e Rainha seguindo de uma representação da "corte", bem como a realização ao final de um farto almoço que ao final conta com a distribuição de inúmeros doces. Segundo a narrativa, uma dona de terras dos arredores do Tejuco por ocasião de uma festa de igreja, de Nossa Senhora, devido a uma promessa realizava uma procissão convidando o pessoal dos arredores. Eles, os viajantes alemães, também foram convidados. Vestidos de gala, após a missa seguem para a casa da anfitriã que tendo o título de Rainha, uma contradição salientam os viajantes tendo em vista que a festa é um ato de contrição da sua promotora. Essa, "nomeia os seus amigos mais íntimos e a gente do séquito, formando aparatosa *corte*"[765], sendo a mesa farta, com muitos comes e bebes, especialmente os doces, e vinhos selecionados, em volta da mesa festejaram o dia inteiro. Ao final a anfitriã distribui "medalhinhas de ouro e prata". Spix e Martius concluem mais essa narrativa lembrando que "Essa *Festa da Rainha, ex-voto, [...]*– como em Portugal, na ocasião da procissão do Corpo de Deus, - passa-se até necessidade o ano inteiro, para gastar, na ostentação de fé religiosa, tudo num só dia".[766] A seguir a figura 10, uma ilustração dos autores sobre o festejo.

[764] Spix; Martius, 2017, p. 126-127
[765] Ibidem
[766] Ibidem

Figura 10 - Ilustração denominada de Festa da Rainha – Minas Gerais realizada como ilustração do texto do Livro Viagens pelo Brasil de Spix e Martius

Fonte: SPIX e MARTIUS, 2017, p. 127

Destacando que utilizamos uma edição diferente da de Curt Lange (a dele é de 1944[767], e a que adquirimos é de 1978[768]), passemos agora para as descrições de outro viajante, John Mawe, escritas em seu livro *Viagens ao interior do Brasil*. Ao longo de 81 (oitenta e uma) páginas dedicadas a Minas Gerais, duas são as citações referentes à música[769]. A primeira não registrada por Curt Lange está localizada no

[767] MAWE John. Viagens ao interior do Brasil. Tradução de Selena Benevides Viana. Introdução e notas de Cledo Ribeiro de Lessa. Ed. Zelio Valverde. Rio de Janeiro. 1944 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.01)

[768] SPIX; MARTIUS. Viagem pelo Brasil (1817-1820) Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer -- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. 3v. 428 p. -- (Edições do Senado Federal; v. 244-B)

[769] **Capítulo 10** - Permissão para visitar as minas de diamante – Notícias sobre um falso diamante oferecido ao príncipe regente – Viagem a Vila Rica p. 107 a 124; **Capítulo 11** – Origem e situação atual de Vila Rica – Notícias sobre a casa da moeda – Visita á cidade de Mariana – Excursões às Fazendas de Barro e de Castro, pretendentes a Sua Excelência o Conde de Linhares – p. 125 a 144; **Capítulo 12** – Viagem de Vila Rica ao Tejuco, capital do Distrito Diamantino – p. 143 a 162; **Capítulo**

Capítulo 12 – Viagem de Vila Rica ao Tejuco – Capital do Distrito Diamantino. Ocorre após o viajante ter passado pela atual cidade de Ouro Branco em direção ao Serro, na localidade de Conceição onde John Mawe foi muito bem recebido ficando hospedado na casa do pároco. No segundo dia, após descrição detalhada dos acontecimentos, o viajante registra: " à noite, as moças vieram cantar lindas modinhas, acompanhadas ao violão".[770] Já a citação constante da transcrição de Curt Lange[771] está localizada mais adiante no Capítulo 15 – Observações sobre o Tejuco e o Serro do Frio inserido no parágrafo dedicado ao que o autor chamou de "particularidades relativas à sua capital" ou seja ao Arraial do Tejuco. Fala da sociabilidade da família que o hospedou e das gentilezas recebidas. Descreve os trajes das senhoras que segundo ele são de artigos ingleses. Posteriormente a citação coletada por Curt Lange, relata que as mulheres saem muito pouco, geralmente para a igreja, muitas vezes de liteira, sendo destacada por John Mawe que a vida sedentária é prejudicial à saúde feminina, com o destaque que depois que formam chegaram as selas inglesas muitas saem para passeios a cavalo. Mas vamos ao trecho da transcrição que é extraído deste contexto:

> O grande afastamento de um porto de mar é a causa de não haver ainda no Tejuco um piano. Se não fosse isso, estes instrumentos aí teriam grande procura, porque **as senhoras em geral gostam de música e tocam violão com sentimento e graça**. (Grifos nossos] A dança é o divertimento favorito, e parece terem um vivo prazer com as contradanças inglesas[772].

As duas citações nos levam a concluir que o violão e a modinha eram difundidos na sociedade da época, bem como que ocorria já um declínio da música

---

13 – Visita à exploração do diamante do Rio Jequitinhonha – Descrição geral da exploração – Processo de lavagem – Volta ao Tejuco – Visita ao Tesouro – Excursão ao Rio Pardo – Notas Diversas p. 153 a 162; **Capítulo 14** - Particularidade do Distrito de Minas Novas e de Paracatu – Grande diamante encontrado no Rio Abaeté p. 163 a 165**; Capítulo 15** – observações sobre o Tejuco e o Serro do Frio – p.169 a 178; **Capitulo 16** – Impressão geral de Minas Gerais – p. 179 a 188

[770] MAWE John, 1978, p. 148

[771] LANGE, 1982, p. 453-454

[772] MAWE John, 1978, p. 150

litúrgica uma vez que os mesmos, como visitantes que são, não são convidados a participar de nada ligado à Igreja e consequentemente à música a ela vinculada.

Como vimos, várias são as informações descritas pelos viajantes que Curt Lange absorve e insere na sua narrativa. Registramos ainda, para finalizar, descrições de Auguste de Saint-Hilaire. Duas são as informações dadas pelo francês que foram incorporadas por Curt Lange ou reforçaram as informações por ele obtidas. A primeira é acerca dos regimentos militares da província com destaque para a inserção de Lobo de Mesquita na tropa regular. Cabe destacar que em alguns dos registros cartoriais ligados a Lobo de Mesquita a sua patente de alferes aparece em primeiro lugar. A segunda informação é o registro do impedimento de se elevar o Arraial do Tejuco a Vila. Esse fato é importante pois mantém uma condição que afeta a análise da prática musical na localidade uma vez que essa, diferentemente de outras localidades como Vila Rica, impede a nomeação por parte da Igreja de mestres de capela, existentes somente em sede de bispados. Esse fato, certamente corrobora a afirmação de Saint-Hilaire, que esse impedimento se deu por parte da coroa portuguesa, justamente para diminuir o poder da igreja no Distrito Diamantino, que fica dependente da Vila do Príncipe, e essa, por consequência, ao Bispado de Mariana.

O francês descreve também a beleza das igrejas e a importância das Irmandades religiosas, bem como a existência de órgãos construídos localmente. Destaque damos ao registro do sistema de cor ligados à construção de cada igreja sendo que "os negros da costa da África têm uma igreja, a de N. S. do Rosário; os negros crioulos têm outra, e os mulatos por sua vez têm a deles"[773]. Consideramos pertinente destacar ainda, o texto transcrito que explicita a beleza da igreja do Rosário e o seu sistema de manutenção pela doação dos seus fies.

> A dos negros africanos não é menos bela; eles celebram festas da padroeira com muita solenidade e todos confrades, que são numerosos, esforçam-se por economizar cada um, 600 réis por ano para oferecer à sua igreja. Uma Santa preta se vê sobre o altar-mor

[773] LANGE, 1982, p. 465

> de N. S. do Rosário, rodeada de Santos negros nos altares laterais. Os bens da igreja do Rosário são administrados por brancos e eles têm o cuidado de reaver em grosso o que os negros lhe roubaram a varejo, dizia um homem de espírito[774].

Desta última observação discorda Curt Lange, visto que insere uma nota de rodapé afirmando da retidão da administração dos brancos da contabilidade da igreja.

> Da nossa prática na leitura de inúmeros livros de Receita e Despesa depreende-se que esta administração por brancos das contabilidades da gente de cor foi sempre extremamente honesta, tendo sido exercida *ad honorem* pelo Juízes, e Escrivães designados para tal fim[775].

3.2 Bibliografia - Revistas

O Quadro 23 reúne 5 documentos agrupados como Revistas. Identificamos nos textos dos documentos a sua fonte de origem, geralmente uma revista especializada. O primeiro deles[776] é uma transcrição de citação de um trecho de um autor identificado como Luiz Jardim de artigo intitulado "A pintura decorativa em algumas Igrejas antigas de Minas. Foi extraído da Revista nº 3 do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, das páginas 63 a 102.

[774] LANGE, 1982, p. 465
[775] Ibidem
[776] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.27

Quadro 23 - Conjunto Documental Bibliografia – Revistas

Categoria		Bibliografia		
Revistas				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
01		10.3.39.27	01	Luiz Jardim. A Pintura decorativa de algumas Igrejas antigas de Minas Gerais. *Revista* 3. *Patrimônio Histórico Artístico Nacional*. RJ
02		10.3.39.33	02	Translado dos Autos da Inquisição. Conduta do Intendente dos Diamantes, João Inácio do Amaral Silveira e do Fiscal João Cunha Sotto Maior. *RACM*. Volume II. 1897.
03		10.3.39.34	01	Réplica do documento 10.3.39.33
04		10.3.39.36	01	Iraci Del Nero da Costa. A estrutura familiar e domiciliária em Villa Rica no alvorecer do século XIX. *Revista do Instituto Brasileiro* n. 19. São Paulo. 1977
05		10.3.39.38	01	Festa no Tejuco em outubro de 1815. *Revista Investigador Português*, n. XVI, dezembro de 1816

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.96 Subsérie 10.3 – ACL- UFMG Compilação Rachel de Ulhôa

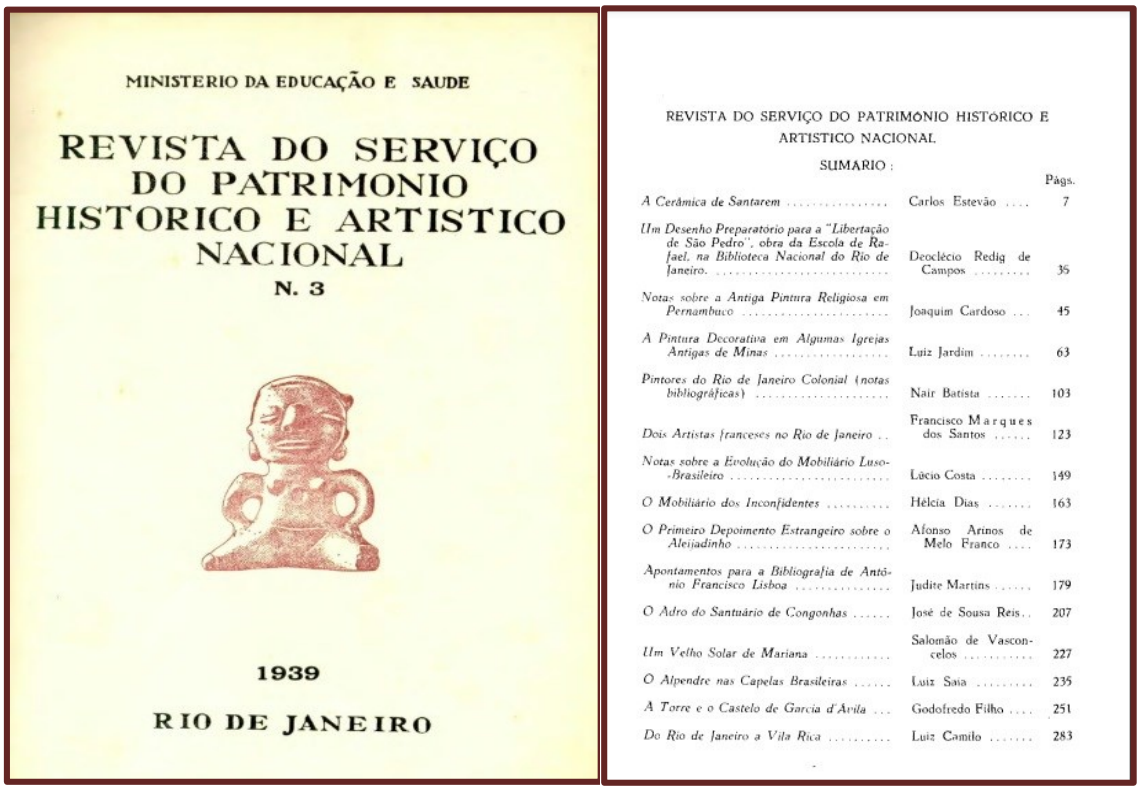
> O custo de toda a pintura [do Carmo], inclusive o douramento do órgão, feito em 1782, lá mesmo em Diamantina, pelo Padre Manuel de Almeida Silva, montou a oito mil e quinhentos cruzados, ou seja, três contos e duzentos, importância superior à que se gastou para a reconstrução de qualquer uma das igrejas de Diamantina, Santa Bárbara e Serro naquela época[777]

O documento contém ainda uma nota de próprio punho de Curt Lange com o seguinte teor: "Folhas 135 Livro Receita e Despesa – Pagou ao Guarda Mor José Soares de Araújo de pintura do retábulo do órgão – 32 oitavas de ouro". Salientado que o interesse demonstrado pelo musicólogo é a música, esse documento em particular nos faz refletir acerca da data desta matéria. Nos questionamos sobre a data da publicação que não estava registrada na transcrição. Se anterior às pesquisa e coleta de informações dos Livros de registros oficiais da Confraria do Carmo, coletados em Diamantina por Curt Lange, os apontamentos acerca do órgão, na Revista, certamente são para o musicólogo um forte indicativo da existência de uma prática musical em Diamantina. Em contrário vem somente referendar as suas conclusões. Uma pesquisa rápida na internet nos mostra que a revista é de 1939 (Figura 11). Isso nos leva a concluir, uma vez em 1946 Curt Lange já havia publicado o Informe Preliminar acerca da música em Minas Gerais, podemos afirmar que pelo menos no concernente a existência de um órgão de tubos em

[777] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.27; LANGE, 1982, p. 254-255

Diamantina construído no colonial mineiro, ele vai para as suas pesquisas com a certeza da existência de uma prática musical no período. Uma breve análise do sumário da revista (Figura 11) nos mostra que dos 15 artigos publicados, seis são referentes a Minas Gerais. Conjecturando que Curt Lange os leu podemos levantar a hipótese que em 1939 ele tem um panorama da riqueza da arte do período colonial em Minas Gerais tomando, quem sabe, contato com a descrição de uma arte, especialmente na arquitetura e na pintura bastante efervescentes e peculiares. São títulos os seguintes destaques: "O primeiro depoimento estrangeiro sobre Aleijadinho", "O mobiliário da Inconfidentes", "Apontamentos sobre a bibliografia de Antônio Francisco Lisboa", "O Adro do Santuário de Congonhas", "Um velho solar de Mariana", "Do Rio de Janeiro à Vila Rica".

Figura 11 - Capa e Sumário da Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAUDE

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

N. 3

1939

RIO DE JANEIRO

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTISTICO NACIONAL

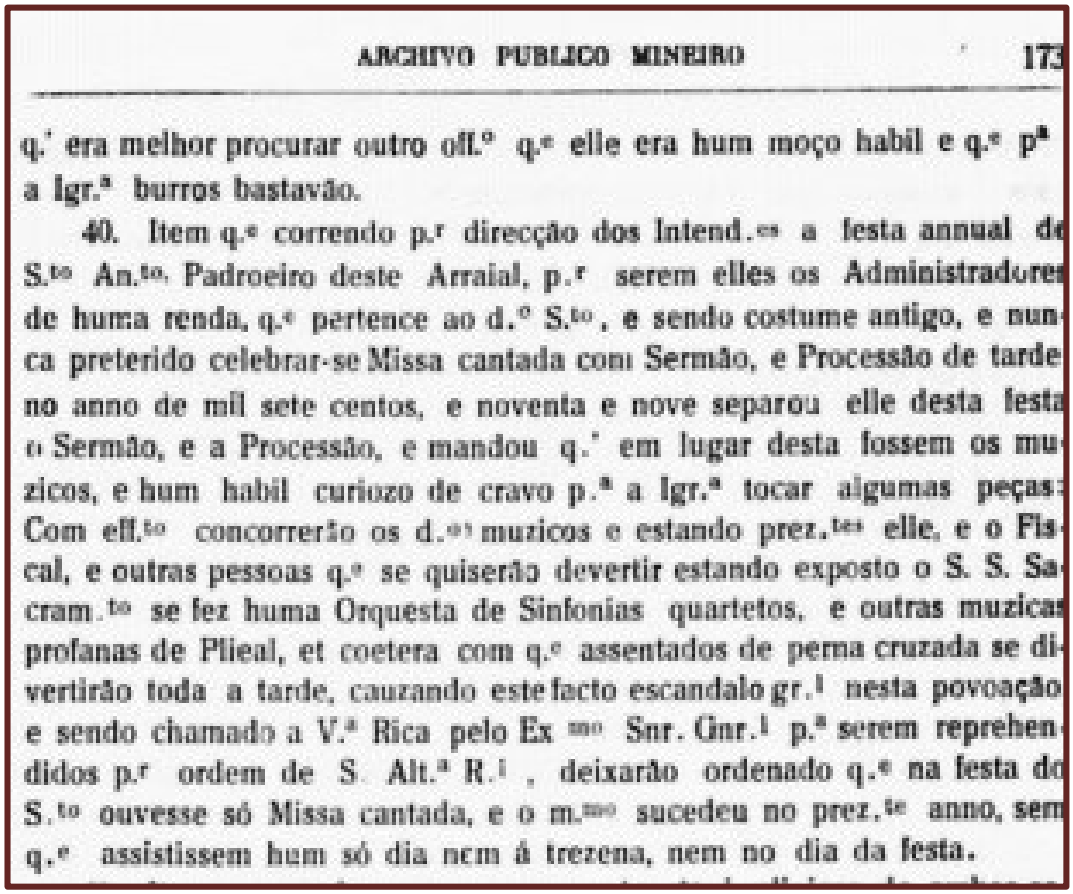
SUMÁRIO:

		Págs.
A Cerâmica de Santarem	Carlos Estevão	7
Um Desenho Preparatório para a "Libertação de São Pedro", obra da Escola de Rafael, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.	Deoclécio Redig de Campos	35
Notas sobre a Antiga Pintura Religiosa em Pernambuco	Joaquim Cardoso	45
A Pintura Decorativa em Algumas Igrejas Antigas de Minas	Luiz Jardim	63
Pintores do Rio de Janeiro Colonial (notas bibliográficas)	Nair Batista	103
Dois Artistas franceses no Rio de Janeiro	Francisco Marques dos Santos	123
Notas sobre a Evolução do Mobiliário Luso-Brasileiro	Lúcio Costa	149
O Mobiliário dos Inconfidentes	Hélcia Dias	163
O Primeiro Depoimento Estrangeiro sobre o Aleijadinho	Afonso Arinos de Melo Franco	173
Apontamentos para a Bibliografia de Antônio Francisco Lisboa	Judite Martins	179
O Adro do Santuário de Congonhas	José de Sousa Reis	207
Um Velho Solar de Mariana	Salomão de Vasconcelos	227
O Alpendre nas Capelas Brasileiras	Luiz Saia	235
A Torre e o Castelo de Garcia d'Ávila	Godofredo Filho	251
Do Rio de Janeiro a Vila Rica	Luiz Camilo	283

Fonte: Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat03_m.pdf. Acesso em março de 2021

O segundo documento[778] é uma transcrição da Inquirição retirado da *Revista do Arquivo Público Mineiro*[779]. O cabeçalho deste documento traz o seguinte texto: "Traslado dos Autos da Inquirição que mandou proceder sobre a condução do Intendente dos Diamante João Inácio do Amaral Silveira e do Fiscal João da Cunha Sotto Maior assim como a importante Administração que lhe está encarregada"[780].

Figura 12 - Queixa contra o Intendente dos Diamantes João Inácio do Amaral Silveira e do Fiscal João da Cunha



ARCHIVO PUBLICO MINEIRO 173

q.' era melhor procurar outro off.º q.e elle era hum moço habil e q.e pª a lgr.ª burros bastavão.

40. Item q.e correndo p.r direcção dos Intend.es a festa annual de S.to An.to Padroeiro deste Arraial, p.r serem elles os Administradores de huma renda, q.e pertence ao d.º S.to, e sendo costume antigo, e nunca preterido celebrar-se Missa cantada com Sermão, e Procissão de tarde no anno de mil sete centos, e noventa e nove separou elle desta festa o Sermão, e a Procissão, e mandou q.' em lugar desta fossem os muzicos, e hum habil curioso de cravo p.ª a lgr.ª tocar algumas peças: Com eff.to concorrerão os d.os muzicos e estando prez.tes elle, e o Fiscal, e outras pessoas q.e se quiserão devertir estando exposto o S. S. Sacram.to se fez huma Orquesta de Sinfonias quartetos, e outras muzicas profanas de Plieal, et coetera com q.e assentados de perna cruzada se divertirão toda a tarde, cauzando este facto escandalo gr.l nesta povoação e sendo chamado a V.ª Rica pelo Ex.mo Snr. Gnr.l p.ª serem reprehendidos p.r ordem de S. Alt.ª R.l , deixarão ordenado q.e na festa do S.to ouvesse só Missa cantada, e o m.mo sucedeu no prez.te anno, sem q.e assistissem hum só dia nem á trezena, nem no dia da festa.

***Fonte: Revista do Arquivo Público Mineiro, Volume II, Fascículo* I**

[778] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.33

[779] *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Volume II, Fascículo I, Disponível http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1097.pdf. Acesso em março de 2021

[780] Texto citado no texto do Livro VIII: LANGE, 1982, p. 106, bem como integralmente inserido no final do Livro VIII. Ver: LANGE, 1982, p. 433-436

São três trechos retirados de páginas distintas do texto, com um aspecto em comum: ter a música e os músicos como integrantes dos episódios narrados, não como protagonistas, mas como parte do ocorrido. Registrado à página 148 se encontra uma disputa entre o pároco do Tejuco e o Capelão da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, o Padre Manoel Joaquim Perpétuo. No trecho seguinte extraído da página 155 observamos a descrição de atos do Intendente e do Fiscal na festa de Santo Antônio considerados insolentes. A postura do Intendente e do Fiscal é motivo de queixa registrada conforme a transcrição.

> [...] em uma Festa de Santo Antônio se apresentaram na Igreja e o Fiscal eles se assentaram, e cruzadas as pernas uma sobre a outra, mandaram descer com insolência toda a música do coro e puseram-se ao pé de si, como se fossem eles o objeto daquela função; tocaram-se músicas profanas e nisso consumiu-se quase toda a tarde [...][781]

O próximo documento[782], detalha o registrado no documento anterior. Nesse está registrado que faz parte das "Queixas contra o Intendente João Inácio do Amaral Silveira, e o Fiscal João da Cunha Sotto Maior (Queixa 40) confirmada em interrogatório pelo Padre Faustino Gomes da Costa, Capelão da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Seguindo as indicações encontramos facilmente no sítio do Arquivo Público Mineiro todo o conteúdo das queixas, sendo que a última reproduzimos na figura 12. Nele está registrado uma "desobediência" do Intendente e do Fiscal que, estando como responsáveis da Festa do Padroeiro do Arraial do Tejuco, Santo Antônio, quebraram como o costume de celebrar missa cantada com sermão e procissão, mandando tocar-se música profana, de concerto em seu lugar. Está registrado na queixa que tanto o Intendente quanto o fiscal "de pernas cruzadas" denotando que estavam à vontade com a situação, mesmo exposto o Santíssimo, com a pessoas que queriam se divertir, foi tocado pelo grupo de músicos sinfonias e quartetos, que causou grande escândalo.

---

[781] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.33
[782] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.39

> [...] no lugar destas fossem os músicos, e um hábil curioso de cravo para a Igreja tocar algumas peças: com efeito concorrerão [concorreram] os ditos músicos e estando presentes ele, e o Fiscal, e outras pessoas que se quiseram divertir estando exposto o Santíssimo Sacramento se fez uma Orquestra de Sinfonias, quartetos, e outras músicas profanas de Plieal [Pleyel] e etcetara [etc] com que assentados de pernas cruzadas se divertiram toda a tarde causando esse fato escândalo grande nesta povoação [...][783]

Curt Lange utiliza esse ocorrido em seu texto para comprovar a "abundância de música instrumental no Tejuco, além [da existência] de um 'hábil cravista'[784]. Para nós fica evidenciado que os dois retiram os músicos da sua função litúrgica, realizada até então no coro, e os trazem para perto de si fazendo-os tocar "música profana". Como em dois lados de uma mesma moeda fica uma evidência que os músicos da época executavam tanto música litúrgica como música profana.

O último documento[785], do conjunto documental Bibliografia – Revistas, traz duas referências conforme pode ser observado na figura 13. Um mesmo trecho é extraído de John Mawe (1944), também constante da *Revista de Estudos Brasileiros* (1977). Intitulada por Curt Lange como "Mulatismo em Minas" marcada por um determinismo racial onde, segundo o texto do documento, a "educação, os hábitos e o preconceito tornaram os habitantes de Minas inaptos para a vida produtiva". A tese é que a possibilidade de enriquecimento súbito advindo de uma possível descoberta de ouro ou diamantes, fez com que o mineiro ficasse "inapto" para a vida produtiva, uma característica que está presente na maioria dos descendentes dos habitantes do período colonial. Todas as ocupações e iniciativas de caráter industrial estão nas "mãos ou de mulatos ou de negros", sendo "estas duas classes de homens" mais laborativa do que a de seus senhores[786]. Damos destaque que o texto acima é utilizado por Curt Lange em um dos textos do Livro VIII, como sustentação a sua

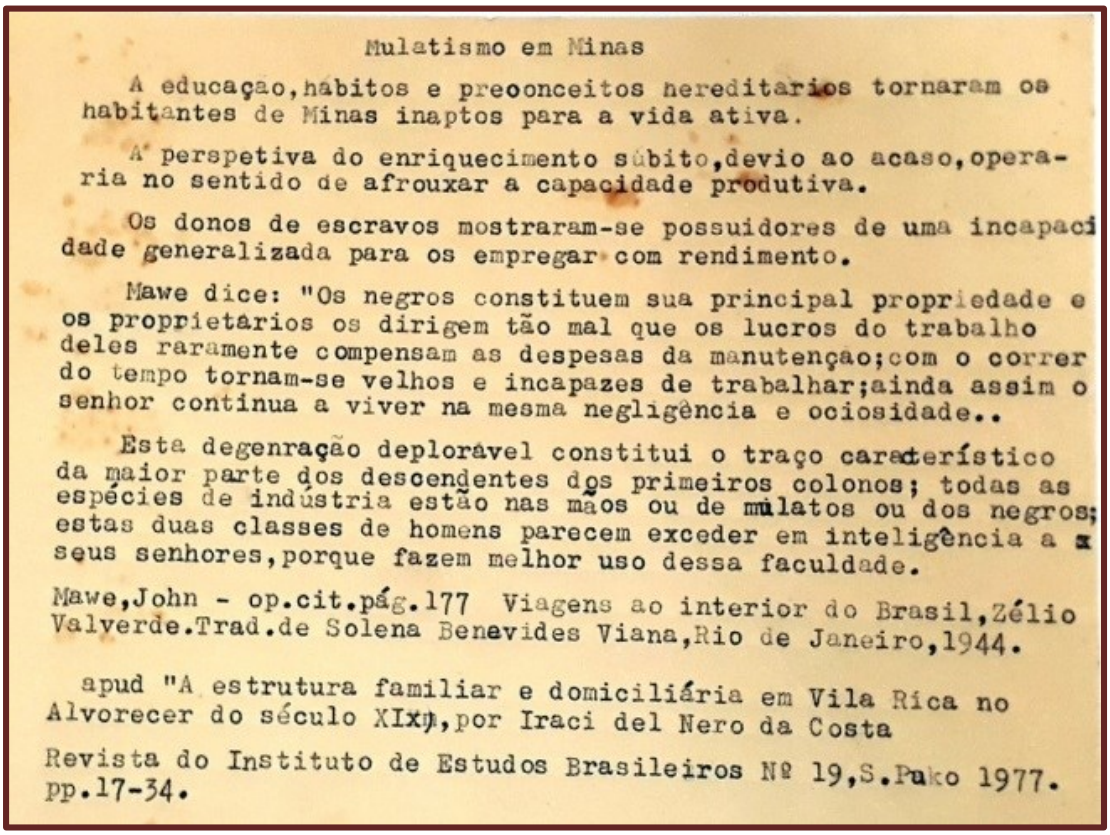
---

[783] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.33
[784] LANGE, 1982, p. 107
[785] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.34
[786] Ibidem

certeza que "[...] o mulato constituiu a verdadeira classe média naqueles acentuados contrastes sociais [...]", sendo segundo o musicólogo:

> [...] elemento que soube conduzir a decadente Minas Gerais para uma segunda etapa, na qual o branco teve de associar-se ao exemplar desempenho do mulato, começando a não desdenhar a mão-de-obra, fator predominante no século XIX[787]

Figura 13 - Trecho de Transcrição A estrutura familiar e domiciliária em Vila Rica no alvorecer do século XIX, escrito por Iraci del Nero da Costa



Mulatismo em Minas

A educaçao,hábitos e preoonceitos hereditarios tornaram os habitantes de Minas inaptos para a vida ativa.

A' perspetiva do enriquecimento súbito,devio ao acaso,operaria no sentido de afrouxar a capacidade produtiva.

Os donos de escravos mostraram-se possuidores de uma incapacidade generalizada para os empregar com rendimento.

Mawe dice: "Os negros constituem sua principal propriedade e os proprietários os dirigem tão mal que os lucros do trabalho deles raramente compensam as despesas da manutençao;com o correr do tempo tornam-se velhos e incapazes de trabalhar;ainda assim o senhor continua a viver na mesma negligência e ociosidade..

Esta degenraçao deplorável constitui o traço característico da maior parte dos descendentes dos primeiros colonos; todas as espécies de indústria estão nas maos ou de mulatos ou dos negros; estas duas classes de homens parecem exceder em inteligência a seus senhores,porque fazem melhor uso dessa faculdade.

Mawe,John - op.cit.pág.177 Viagens ao interior do Brasil,Zélio Valverde.Trad.de Solena Benevides Viana,Rio de Janeiro,1944.

apud "A estrutura familiar e domiciliária em Vila Rica no Alvorecer do século XIX",por Iraci del Nero da Costa

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros Nº 19,S.Paulo 1977. pp.17-34.

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.34

Findo os documentos referentes ao conjunto documental categorizado como Revistas, vamos a outro, denominado de Memorialistas.

---

[787] LANGE, 1982, p. 81

3.3 Bibliografia - Memorialistas

Compõem o conjunto documental que intitulamos Memorialistas, seis documentos. Esses têm a autoria de cinco memorialistas que publicaram sobre Vila do Príncipe do Serro do Frio e do Arraial do Tejuco, de cujos livros Curt Lange transcreve trechos. São eles: Dr. º José Vieira Couto Magalhães (*Memória do Dr. Couto* - 1800)[788], Dr. º Dário A. F. da Silva (*Memória sobre o Serro Antigo* 1928)[789], Joaquim Felício dos Santos (Memórias do Distrito Diamantino - 1954)[790], Ciro Arno (Memórias de um estudante - 1949)[791] e Soltar Couto (Vultos de Diamantina - 1954)[792]. O Quadro 24, lista todos.

Quadro 24 - Conjunto documental Bibliografia - Memorialistas

Categoria		Bibliografia		
Memorialistas				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Descrição
	10.3.35	10.3.39		
01		10.3.39.11	03	Frag. livro Dario A. F. da Silva – Memória sobre o Serro Antigo - 1928
02		10.3.39.12	05	Frag. livro Dario A. F. da Silva – Memória sobre o Serro Antigo - 1928
03		10.3.39.35	01	Frag. livro José Vieira Couto (memórias) – Decadência do povo mineiro - 1800
04		10.3.39.39	01	Frag. livro Joaquim Felício dos Santos – Memórias do Distrito Diamantino - 1956
05		10.3.39.41	01	Frag. livro Ciro Arno – Memórias de um estudante - 1942
06		10.3.39.49	02	Frag. livro Sotar Couto – Vultos e Fatos de Diamantina 1954

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.96 Subsérie 10.3 – ACL- UFMG Compilação Rachel de Ulhôa

Dois são os documentos com trechos extraídos da *Memória do Serro Antigo* (1928). O primeiro[793] traz informações acerca da história da criação do povoado (1702), as da transformação em Vila (1714), bem como da construção da

[788] Não encontramos a referência completa
[789] SILVA, Dário A. F da. Memoria sobre o Serro antigo. Ed. do autor. Serro: Tipografia Serrana, 1928.
[790] SANTOS, Joaquim Felício dos. Memórias do Distrito Diamantino. 4ª Edição. São Paulo: Ed da Universidade de São Paulo. 1976.
[791] Não encontramos a referência completa
[792] Não encontramos a referência completa
[793] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.11

Matriz da Vila do Príncipe do Serro do Frio[794]. Nas transcrições estão ainda as informações que as Minas do Serro do Frio pertenciam inicialmente à Comarca de Sabará, sendo que em 1731, já como jurisdição autônoma, possuía 60 casas todas cobertas de palha. Em 1768 o apontamento é que o Senado da Câmara concedeu um terreno para a Ordem Terceira do Carmo construir sua capela. Quanto à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, se registra, que os Irmãos (provavelmente da Irmandade ou Confraria) de Nossa Senhora da Purificação fizeram requerimento para erguer uma capela, inicialmente precária, sendo substituída por uma segunda em 1786 e, finalmente, dez anos depois, em 1796, a atual construção da Igreja Matriz do Serro. Entretanto, somente em 1802, seis anos após o término da sua construção foi realizado o traslado do Santíssimo da Igreja de Nossa Senhora da Purificação para a Igreja Matriz. Mais dois registros de construção de igrejas são transcritos por Curt Lange, a da Igreja do Rosário e da Igreja do Matozinhos de Santa Rita. A dedução da realização de óperas estão presente nos registros de Curt Lange a partir do apontamento que somente no adro da Matriz poderia ser erguido um tablado que pudeste "[...] a maior parte do povo ver as dictas [ditas] óperas [...]"[795]. Na segunda parte deste primeiro documento, Curt Lange transcreve informações acerca da realização em 31 de março de 1758 do "feliz sucesso da Princeza [princesa] do Brasil", em uma referência provavelmente à sua gravidez. O trecho é inserido no Livro VIII quando da descrição das festas reais[796]. Em comemoração ao fato a Vila deveria comemorar com iluminação por quatro dias, sendo que nas festas oficiais "havia na manhã Missa cantada e Sermão e na tarde Te Deum"[797] É apresentado também nesse documento a listagem das festas religiosas oficiais. Essa informação é encontrada no texto de Curt Lange acerca das mesmas sendo registrado que as "devia organizar o Senado da Câmara, responsabilizando-se pelo pagamento das

[794] LANGE, 1982, p. 11-16
[795] SILVA, Dário, 1928, s/d *apud* LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.11
[796] LANGE, 1982, p. 21
[797] SILVA, Dário, 1928, s/d apud LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.11

mesmas"[798], sendo quatro as que se achavam impostas pela Ordem Regia de 26 de maio de 1744, sendo essas:

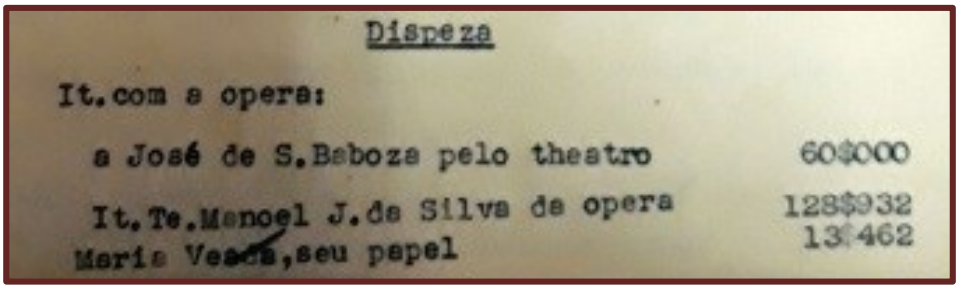
> [...] Anjo Custódio, da Santa Isabel, do Corpo de Deus e a da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição. Acrescenta-se em 1756 mais uma por Provisão Real de 13 de novembro de 1956: São Francisco de Borja. Mandado venerar pelo Santo Padre como protector [protetor] de Portugal e contra terremotos.[799]

São transcritos ainda a relação de músicos com seus instrumentos constantes esses dos termos de Ajustes com o Senado da Câmara, sendo as informações utilizadas no Livro VIII sob o título Música e Músicos da Vila do Serro do Frio[800]. Em 1738 (Padre João Caldeira – 4 vozes, harpa, cravo e rabeca 35 oitavas de ouro), 1744 (Manuel Marques. Vozes Manoel Marques, seu filho, Luis Rodrigues e Manoel Figueiredo, duas rabecas, rabecão e cravo), 1766 (Phelippe Ribeiro, 4 festas anuais, 10 músicos – quatro vozes, dois rabecões, duas rabecas e duas trompas – 120 oitavas de ouro) e 1806 (rol de músicos festas oficiais – vozes Manoel Lamarca, Vicente Lúcio, João ...). O documento é interrompido nesse ponto sendo a próxima folha uma transcrição de nomes de músicos com os valores recebidos. Em 1818 "sem a informação dos serviços prestados" consta uma relação de três nomes subscritos para as festas reais da aclamação e um item de despesas com a ópera e do teatro conforme cópia da transcrição de Curt Lange, a seguir:

---

[798] LANGE, 1982, p. 16
[799] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.11; LANGE, 1982, p. 11
[800] BRUFMGBUCL 10.3.39.11; LANGE, 1982, p. 21-24

Figura 14 - Cópia da Transcrição de trecho do Livro Memória do Serro Antigo (1928)


Dispeza

It.com a opera:

a José de S.Baboza pelo theatro 60$000

It.Te.Manoel J.da Silva da opera 128$932

Maria Vega,seu papel 13$462

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.11

O segundo documento[801] do conjunto documental Bibliografia - Memorialistas é uma réplica ampliada do anterior com o acréscimo de mais três páginas de transcrição. Iniciemos pela citação que estava incompleta no primeiro documento onde Curt Lange transcreve informações de Termos de Ajuste 1806. Completamos assim, as informações não contidas, no documento anterior, sobre o rol de músicos e festas oficiais, sendo agora possível saber que além das vozes Manoel Lamarca, Vicente Lúcio, encontramos também a de João Baptista e José Lobo. Nas rabecas são listados José Quintiliano, Antônio Soares e Phelippe Caldas; nos rabecões estão Joaquim Ribeiro Peixoto e João Baptista; nas Trompas são listados José Passos e Bento Pimentel; nas Flautas Joaquim Silveira e Camillo Caldas; e nas clarinetas Manoel Telles e Elias Coutinho. Cada músico, dos 18, recebeu 40 oitavas de ouro, o que totaliza 720 oitavas de ouro. Um valor expressivo mesmo que para várias festas.[802]. Continuando no mesmo documento se encontra um trecho longo de transcrição referente à realização de Festas Reais. Vejamos:

> [...] haverá nestas Festas Reais grande regozijos, festas da igreja e populares, luminárias. Fogos do ar e ronqueiras, danças, cavalhada, touradas, arrumamento de tropas e mais causas de alegria. O capitão-mor e os comandantes da cavalaria auxiliar, devem organizar suas tropas pois dalas [delas] há de haver suscesivas [sucessivas] e várias arumações [várias arrumações]. Os festejos hão de durar três dias seguidos; no primeiro – luminárias em todas

[801] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.12
[802] SILVA, Dário, 1928, s/d *apud* LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.12

> as casas, sem exceção de um, dando-se aos juízes vereadores, procurador almotações [?] e ao Dr. Ouvidor oito libras de cera [para a iluminação]; de manhã haverá Te Deum a que serão presentes o Senado e Cidadões [cidadãos] da Villa [vila]; de tarde haverá cavalhada, nas quais mouros e christãos [cristãos] disputarão as cousas [coisas] de costume e corrida de argolinhas; de noite fogos e morteiros. No segundo dia haverá uma preciosa festa da igreja, missa cantada com Senhor exposto, sermão e assistência do Senado, cidadãos e tropas ordinárias e extraordinárias, com os respectivos rifles para as salvas; à tarde touros idôneos pelo curro [corredor]; já à noite uma ópera. No terceiro dia haverá festa da egreja [igreja] igual à do segundo, tropas, grande assistência, e à noite outra ópera. Nos três dias haverá que hão de dar os ourives, mecânicos e alfaiates, sapateiros, carpinteiros e ferreiros, sob a inspeção de seu respectivo juiz e pena de multa. Os touros serão fornecidos pelos carniceiros tendo as pontas aparadas e embotadas, assim como darão as garrochas [?] aos toreadores [toureadores]. Todo o fogo será dado pelos mercadores da Villa [vila]; as óperas correrão por conta dos advogados, escrivães de banca e oficiais da Real Fazenda. O curro [corredor] será limpo, forrado de taboas e será dado pelos vendeiros; o tablado das óperas será dado por conta solicitadores e dos meirinhos...[803]

Essa transcrição de Curt Lange do Livro de Dário Silva (1928) é também utilizada no Livro VIII[804]. Certamente deu a Curt Lange e a nós dá também, uma visão ampla dos elementos que compunham uma Festa Real. Sua maior característica era certamente uma pretensa demonstração de alegria e de satisfação com o ocorrido com a família real, devendo toda a localidade que se envolver em um evento acontecido além-mar, demonstrando grande apreço pela realeza portuguesa, salientando que os seus custos eram arcados pelos diversos segmentos produtivos da sociedade da época. Juízes de cada categoria fiscalizavam a participação de todos. Uma festa real tinha uma duração de três dias devendo todos os membros do lugar estarem presentes. Nesses dias à noite, com a localidade devidamente iluminada, estava estipulado que em um tablado, forrado e erguido para esse fim, deveriam ocorrer óperas bem como foguetório. Na parte da tarde ocorriam as cavalhadas, corridas de argolinha e touradas. Na parte da manhã acontecia a missa cantada e

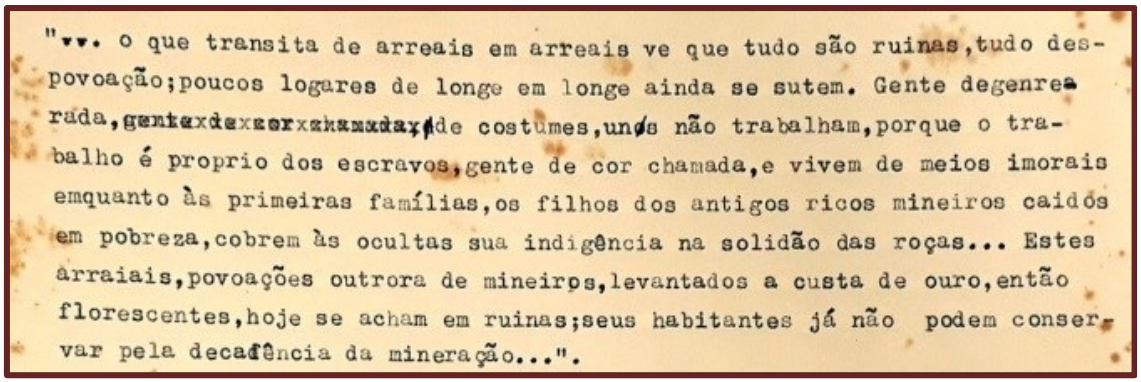
[803] SILVA, Dário, 1928, p. 94-95 *apud* LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.12
[804] LANGE, 1982, p. 17

sermão, com a presença de todos, povo, membros do senado da câmara e da cavalaria, devendo a imagem de Jesus Cristo (do senhor morto) estar exposta. Um *Te Deum* era obrigatório no primeiro dia. Constavam na programação também os desfiles das tropas que realizavam evoluções de marcha.

Mais adiante extraído das duas páginas seguintes[805] se encontra transcrita o registro da existência de danças, denominado pelo musicólogo de "danças coletivas"[806], por nós tratados no princípio deste capítulo.

O próximo documento[807] é uma transcrição das memórias do Dr. º José Vieira Couto Magalhães (*Memória do Dr. Couto* - 1800)[808]. O tema da transcrição é a decadência dos arraiais à época pelo fim da mineração, e a consequente decadência do mineiro branco e da sua recusa em fazer trabalhos que o ligassem ao trabalho realizado pelos escravizados. As localidades em ruínas são descritas, bem como a indigência dos antigos ricos que passam a morar nas roças para ocultar a sua decadência (Figura 15).

Figura 15 - Cópia da Transcrição de trecho do Livro Memória do Dr. Couto (1800)



"... o que transita de arreais em arreais ve que tudo são ruinas,tudo despovoação;poucos logares de longe em longe ainda se sutem. Gente degenrerada,gente de costumes,unos não trabalham,porque o trabalho é proprio dos escravos,gente de cor chamada,e vivem de meios imorais emquanto às primeiras famílias,os filhos dos antigos ricos mineiros caidos em pobreza,cobrem às ocultas sua indigência na solidão das roças... Estes arraiais,povoações outrora de mineiros,levantados a custa de ouro,então florescentes,hoje se acham em ruinas;seus habitantes já não podem conservar pela decadência da mineração...".

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.35

[805] LANGE, 1982, p. 96-97
[806] Lange, Francisco Curt. "As danças coletivas públicas no período colonial brasileiro e as danças das corporações de ofício em Minas Gerais". *Revista Barroco*, separata. Belo Horizonte, 1969.
[807] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.35
[808] Não encontramos a referência completa

São duas as transcrições encontradas no próximo documento, LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.39, retirado das *Memórias do Distrito Diamantino* de Joaquim Felício dos Santos (1956)[809]. A primeira datada de 1818 identificamos no Capítulo XXXI. Observamos que o musicólogo faz uma síntese de seu conteúdo, fato que atribuímos à similaridade com os fatos narrados por Spix e Martius já comentadas no início deste capítulo. O título atribuído por Felício do Santos e transcrito por Curt Lange: "Festejos no Tijuco [Curt Lange grifa Tejuco] por ocasião da Aclamação de D, João VI e os Desposórios do Príncipe D. Pedro"[810] O texto registra, e essa é uma informação replicada por Curt Lange, que o autor Felício dos Santos, sem maiores especificações, retirou a informação dos festejos em um impresso da Bahia. Segundo a narrativa o intendente Câmara[811] fez publicar no dia 28 de maio de 1818 que fossem realizados como uma "demonstração de regozijos públicos" os festejos por seis dias. Suprimindo a descrição dos quadros colocados nas janelas da intendência com motivos alusivos aos festejos, Curt Lange parte para a transcrição da informação que, iniciada com iluminação na noite do primeiro dia houve "fogos de artifícios", após "salva real", tendo soado nas "ruas melodiosas sinfonias, marchas e repetidas vivas" No dia seguinte missa cantada, pela manhã, e Te Deum à tarde. Curt Lange suprimindo a narrativa de Felício dos Santos acerca da realização de Teatro e cavalhadas, transcreve que "nos dias seguintes, danças públicas e particulares, novos espetáculos e divertimentos..."[812]. A última transcrição deste capítulo, referente à mesma festa real sendo esse trecho integralmente inserido no Livro VIII, na seção Festejos do Tejuco[813]. Encerra a transcrição: "os cavaleiros ainda queriam

---

[809] Trabalhamos com a 4ª edição do Livro, tendo acesso ainda a sua versão digital de 1868 disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Ferreira_da_C%C3%A2mara_Bittencourt_Aguiar_e_S%C3%A1. Acesso em março de 2021

[810] SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias do Distrito Diamantino*. 4ª Edição. São Paulo: Ed da Universidade de São Paulo. 1976. p. 235-238 *apud* LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.39

[811] Intendente dos Diamantes na Chamada Fase Imperial, Manoel Ferreira da Câmara Bittencourt. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Ferreira_da_C%C3%A2mara_Bittencourt_Aguiar_e_S%C3%A1 Acesso em março de 2021

[812] SANTOS, Joaquim Felício, 1976, p. 237

[813] LANGE, 1982, p. 450-451

correr, o cômico representar, os dançantes, principalmente os pretos, queriam eternamente dançar"[814]. Contudo é suprimido do texto original a informação que em todas as noites foi servida, às custas do Intendente, farta comida e bebida e que findo os seis dias o intendente considerou que o fim das festas porque o trabalho de mineração, já havia sido interrompida por tempo demais, garantindo a população que "Sua Majestade se daria por muito bem lisonjeado e satisfeito com as demonstrações que todos haviam dado o seu amor e vassalagem".[815] A segunda transcrição de Curt Lange, ainda integrante do documento em tela, cita a realização, na Quinta dos Caldeirões pertencente ao Intendente Câmara, a realização de jantares e bailes, particularmente no seu aniversário, onde boa parte do povo se dirigia[816]. Essa transcrição está inserida no texto do Capítulo XXXIII[817] que além da descrição do Tejuco em 1817, a Quinta dos Caldeirões com a sua exuberância, bem como as festas que lá se realizavam. "Em certos dias festivos, já conhecidos, grande parte do Tejuco corria à Quinta dos Caldeirões: era por exemplo nos aniversários de Câmara"[818]. Nesse contexto nos chama a atenção as citações longas que Felício dos Santos realizou de *Saint-Hilaire (1817)*, com as descrições deste último dos caminhos de chegada ao Tejuco e de seus jardins bem cuidados, ruas mal calçadas, seus grandes declives, a arquitetura, existência de vários edifícios públicos, o asseio das casas, seu mobiliário muito simples, a grande variedade dos produtos e seus bons preços das casas de negócio e a qualidade da água[819]. Destacamos uma passagem em particular onde o francês destaca a educação do mineiro em geral e do tijucano em particular: "Encontrei em Tejuco mais ilustração que em todo o restante do Brasil, mais gosto pela literatura, e o amor vivo pela instrução"[820]. Quanto a música, destaca a sua qualidade, em pé de igualdade com a praticada nas demais localidades da província, usando como referência uma missa cantada que presencia

---

[814] SANTOS, Joaquim Felício, 1976, p. 238
[815] Idem, p. 237
[816] Idem, p. 244
[817] Idem, p. 243 - 246
[818] Idem, p. 244
[819] SANTOS, Joaquim Felício, 1976 *apud Saint Hilaire*, 1817. p. 245-246
[820] Idem, p. 246

na Matriz de Santo Antônio, missa essa que a ele pareceu do mesmo nível de outra assistida na Vila do Príncipe do Serro do Frio. Ao comentário de Saint-Hilaire se acrescenta a referência a um caderno de música, provavelmente árias de óperas, com que esse presenteia a esposa do Intendente dos Diamantes. As descrições de Saint-Hilaire são apresentadas sucintamente no texto de Curt Lange, no Livro VIII, ao descrever a missa qualidade da música executada na matriz e a descrição de uma festa na Quinta dos Caldeirões[821].

> Pelo que posso julgar não são inferiores na música aos demais habitantes da Província, e uma missa com música, a que assisti em Santo Antônio, não me pareceu inferior à que eu tinha assistido alguns meses antes na Vila do Príncipe.
>
> Pouco antes da minha partida ofereci à Sr. ª Matildes da Câmara um caderno de música. Logo depois houve em casa do Intendente um concerto, no qual tocaram-se muitas belas variações das árias do caderno.[822]

Finalizando, ressaltamos a explicação de Felício dos Santos para o fato que, apesar de toda a pujança do Arraial de Tejuco, essa não seria e nem o será elevada à categoria de Vila uma vez que a suas caraterísticas como localidade central do Distrito Diamantino, comandada por um Intendente, era fato impeditivo.

> É que o Tijuco, governado por uma lei especial, não podia sair do estado de Arraial; seria incompatível com o sistema de poder despótico dos Intendentes; poder ilimitado, que não devia ser partilhado com um Senado, e outras autoridades civis e criminais que se estabeleceriam com a sua elevação à categoria de Vila. Assim o Intendente reunia todos os poderes, administrativo, contencioso, criminal [...].[823]

Esse dado para o entendimento do contexto social do Arraial do Tejuco é importante, pois impacta em dois fatores: a não existência do Senado da Câmara na localidade e a impossibilidade da existência de um Mestre de Capela, com a ressalva que nem na Vila do Príncipe contava com esse uma vez que somente em Mariana

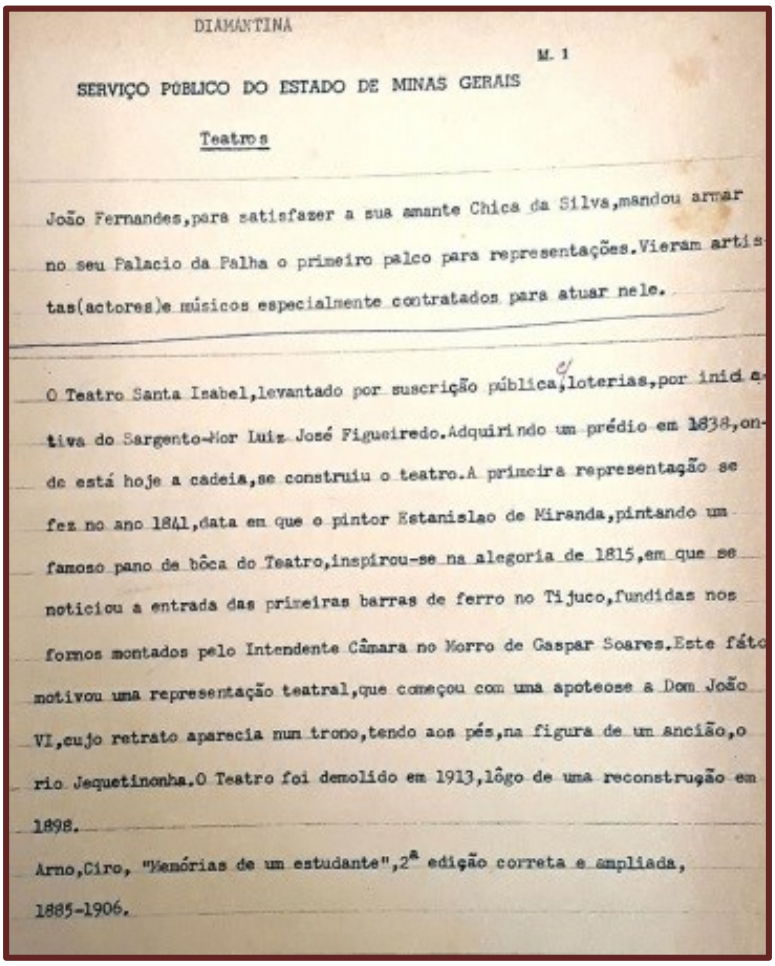
---

821 LANGE, 1982, p. 79
822 Ibidem
823 SANTOS, Joaquim Felício, 1976, p. 246

cabia tal função. Contudo, consideramos relevante destacar outro dado, a proibição da existência de ordens religiosas no Distrito do Diamante, dado que fortalece a atuação das organizações de leigos, as Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras.

O penúltimo documento[824], deste conjunto documental Bibliografia – Memorialistas, trata exclusivamente das referências à existência de teatros no Arraial do Tejuco conforme cópia de transcrição a seguir:

Figura 16 Cópia da Transcrição – Existência dos Teatros no Arraial do Tejuco



DIAMANTINA

M. 1

SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Teatros

João Fernandes,para satisfazer a sua amante Chica da Silva,mandou armar no seu Palacio da Palha o primeiro palco para representações.Vieram artistas(actores)e músicos especialmente contratados para atuar nele.

O Teatro Santa Isabel,levantado por suscrição pública,loterias,por iniciativa do Sargento-Mor Luiz José Figueiredo.Adquirindo um prédio em 1838,onde está hoje a cadeia,se construiu o teatro.A primeira representação se fez no ano 1841,data em que o pintor Estanislao de Miranda,pintando um famoso pano de bôca do Teatro,inspirou-se na alegoria de 1815,em que se noticiou a entrada das primeiras barras de ferro no Tijuco,fundidas nos fornos montados pelo Intendente Câmara no Morro de Gaspar Soares.Este fáto motivou uma representação teatral,que começou com uma apoteose a Dom João VI,cujo retrato aparecia num trono,tendo aos pés,na figura de um ancião,o rio Jequetinonha.O Teatro foi demolido em 1913,lôgo de uma reconstrução em 1898.

Arno,Ciro, "Memórias de um estudante",2ª edição correta e ampliada, 1885-1906.

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.41

[824] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.41,

Duas são as citações do documento acima: acerca do primeiro palco do Tejuco erguido pelo contratador João Fernandes para Chica da Silva em frente ao denominado Palácio de Palha; e, o Teatro de Santa Isabel, demolido em 1913 para dar lugar à cadeia pública[825]. Tendo como fonte *Memórias de um estudante do memorialista* Ciro Arno (1949), traz informações somente acerca do prédio e uma breve referência à primeira apresentação teatral realizada em 1841. Portanto, quase no final do período de recorte da nossa investigação (1710-1845)[826].

Encerrando nossa análise referente à Bibliografia - Memorialistas[827], encontramos a transcrição do livro *Vultos e Fatos de Diamantina* de Soltar Couto[828]. Nele, a biografia do músico, compositor e maestro João Batista Macedo, de apelido "Piruruca" nascido em 1857 em Diamantina e radicado em Ouro Preto[829].

3.4 Bibliografia - Colaboradores

Veremos a seguir uma categoria de documentos por nós classificados como bibliografia – colaboradores (Quadro 25), por se tratar de pesquisas ou informações realizadas por pessoas que colaboraram com Curt Lange. Nesse conjunto temos dois colaboradores: Assis Alves Horta a quem Curt Lange agradece no prefácio do Livro VIII e Francisco Basílio, que até o momento não conseguirmos levantar informações a seu respeito.

Iniciemos com três documentos que contêm pesquisas realizadas pelo fotógrafo diamantinense Assis Alves Horta de três Irmandades da Diamantina colonial. São essas: Ordem Terceira do Carmo, Santíssimo Sacramento da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco, e Nossa Senhora das Mercês.

---

[825] Trecho reproduzido na seção Festejos do Tejuco. Ver LANGE, 1982, p. 451
[826] ARNO, Ciro. Memórias de um estudante. 2ª Edição correta e ampliada. 1949
[827] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.49
[828] COUTO, Soltar. Vultos e Fatos de Diamantina. Belo Horizonte, 1954. p. 256-257
[829] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.49

Quadro 25 - Conjunto Documental Bibliografia - Colaboradores

Categoria		Bibliografia		
Colaboradores				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Descrição
	10.3.35	10.3.39		
01		10.3.39.07	03	Pesquisa realizada por Assis Alves Horta (Ordem Terceira do Carmo)
02		10.3.39.08	01	Pesquisa realizada por Assis Alves Horta (Ir. S. Sacramento)
03		10.3.39.09	01	Pesquisa realizada por Assis Alves Horta (Ir. N. Sra. Das Mercês)
04		10.3.39.42	01	Relação de partituras descrição quadro Verônica (Francisco Basílio)

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.96 Subsérie 10.3 – ACL- UFMG Compilação Rachel de Ulhôa

O primeiro documento[830], possui transcrições acerca dos músicos e órgãos do Arrayal [arraial] do Tejuco nos livros da Ordem Terceira do Monte do Carmo".[831] O texto se inicia informando que foi elaborada uma listagem, com informações de 1780, das "pessoas mais importantes de Diamantina" à época que se comprometeram a doar "esmolas" para a construção do órgão da Ordem Terceira do Carmo. Essa afirmação não temos a possibilidade de examinar uma vez que é registrado em um "xerox" desta que está anexada a pesquisa, até o momento não identificado. Contém também vários apontamentos como a página do livro onde foi extraída a informação, o nome do músico, e o valor a ele pago pela Ordem. No Quadro 26 um quadro síntese destas informações.

[830] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.07
[831] Ibidem

Quadro 26 - Síntese das informações Ordem Terceira do Carmo – Transcrição de Assis Alves Horta

Livro de Receitas e Despesas – Ordem Terceira do Carmo				
Folha	Data	Nome	Ocasião	Oitavas pagas
62 v.	1778	Pedro Nolasco de Azevedo	Festa (F) de St. Tereza	30
26	1789	Miguel Mendonça	F. da Padroeira	30
26	1792	José Henrique da Costa	F. da Padroeira	25
154	1789	Manoel Mendonça	F. da Padroeira	30
62	1778	Organista Pedro Nolasco de Azevedo	N. e F. Sta. Terezinha	30
109 v.	1781	Padre Manoel de Almeida e Silva	Feitura do órgão	1.159

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.07 Compilação Rachel de Ulhôa

Assis Horta em seus apontamentos registra que em março de 1781 foi contratado o Padre Manoel de Almeida e Silva para construir o órgão da Ordem a um valor de 1.100 (um mil e cem) oitavas de ouro correspondente a 1.320.000 (um milhão e trezentos e vinte mil) cruzados. Esse valor foi "recebido conforme livro de dívidas da ordem Terceira do Carmo em março de 1780, folha 23"[832]. Mais adiante Assis Horta repete a informação, mas com outro valor, informando que a construção do órgão foi contratada pelo valor de 1.159 (um mil, cento e cinquenta e nove) oitavas de ouro, uma diferença maior de 59 (cinquenta e nove) oitavas de ouro. O ano é o mesmo do apontamento anterior 1781. Baseando-nos na documentação das Irmandades e Confrarias trabalhadas no Capítulo 4 – Ajustes e Oitavas de Ouro, consideramos que esse valor não procede, sendo válido o apontamento de 1.100 (um mil e cem) oitavas de ouro, bem como o pagamento de 69,5 (sessenta e nove e meia) oitavas de ouro para o Guarda Mor José Soares de Araújo pela pintura e douramento da caixa do órgão, 14 (quatorze) oitavas de ouro pela madeira da caixa do órgão, e 45 pelo estanho e chumbo. De acordo com Assis Horta, todas essas informações estão na página 122 do Livro de Receita e Despesa da Ordem Terceira

[832] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.07

do Carmo. Outro apontamento ligado ao órgão é verificado na pesquisa, sendo informado que na página 128 verso, consta o pagamento de 300 (trezentas oitavas de ouro) para o Padre Manoel de Almeida e Silva.

Verificamos que o apontamento de 1771 - "foi discutido a QUESTÃO RACIAL e expulsão dos Irmãos Mouros, Judeus e casados com MULATAS: aprovado".[833] – parece ser uma interpretação de Assis Alves Horta do registro encontrado, uma vez que o texto não é compatível com a linguagem da época. Outra informação que verificamos não foi replicada nos documentos transcritos por Curt Lange é a informação que o Padre Manoel de Almeida e Silva comprou, em 1781, da Ordem Terceira do Carmo, em forma de crédito no valor a ser pago pela construção do órgão, um escravo músico de nome João Nagô, pelo preço de 80 (oitenta) oitavas de ouro. Segundo apontado essa informação está na página 109 verso do Livro de Receitas e Despesas da Ordem[834]. Essa informação também não identificamos.

[833] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.07
[834] Ibidem

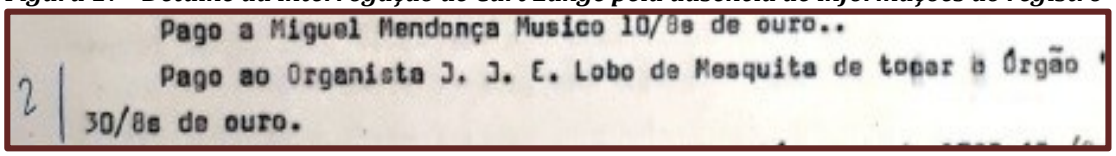
Quadro 27 - Relação de registros de pagamento a músicos apontados por Assis Alves Horta – Livro de Receitas e Despesas da Ordem Terceira do Carmo

Livro de Receitas e Despesas – Ordem Terceira do Carmo (pagamentos)				
Folha	Data	Nome	Ocasião	Oitavas pagas
62 v.	1778	Músico (M) Pedro Nolasco de Azevedo	Festa (F) de St. Tereza	30
26	1789	M. Miguel Mendonça	F. da Padroeira	30
26	1792	M. José Henrique da Costa	F. da Padroeira	25
154	1789	M. Manoel Mendonça	F. da Padroeira	30
62	1778	Organista Pedro Nolasco de Azevedo	N. e F. Sta. Terezinha	30
109 v.	1781	Padre Manoel de Almeida e Silva	Feitura do órgão	1.159
-	-	M. José Simões Rosa	-	20
-	-	M. Miguel Mendonça	-	10
145		M. José Henrique da Costa	-	40
153		M. José Henrique da Costa		40
42	1777	M. José Henrique da Costa		40
42		M. Manoel Sampaio Belo		30

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.07 Compilação Rachel de Ulhôa

Em relação às datas se destaca a sua não cronologia. Esses destaques nos parecem importantes uma vez que dificultam a reconstituição dos fatos registrados. Fica evidênciado que Curt Lange teve essa dificuldade ao analisar o documento na medida em que se identifica a inserção de pontos de interrogação ao lado das informações conforme a figura 17, logo abaixo.

Figura 17 - Detalhe da interrogação de Curt Lange pela ausência de informações do registro



Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.07

Não sabendo se foi por solicitação de Curt Lange ou se a quantidade de registros colaborou para uma maior atenção de Assis Alves Hora, se percebe uma atenção especial ao músico e organista José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746 – 1805). Contudo, assim como os demais, os apontamentos são por vezes

incompletos de informações que certamente estão presentes nos livros oficiais (Quadro 28). Fica evidenciado que Lobo de Mesquita era organista contratado pela Ordem Terceira. Isso é deduzível pelo registro do pagamento a ele realizado no biênio 1786/ 1787 referente ao "seu ordenado como organista". Outra indicação é verificada sem data e sem página correspondente, quando o pagamento se refere "do seu trabalho". Contudo, como comentado anteriormente, a maioria dos apontamentos transcritos por Assis Alves Horta estão incompletos, não ficando claro qual o registro considera para chegar à conclusão que o valor "pago ao organista até o ano de 1789 foi de 60 oitavas de ouro".

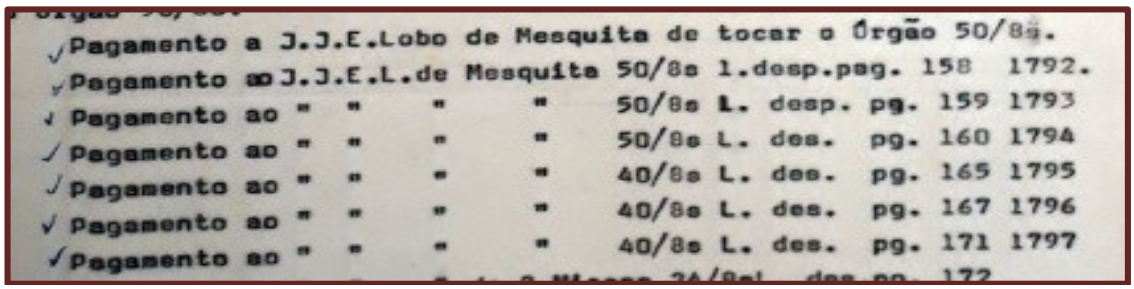
Quadro 28 - Relação de registros de pagamento a J. J. E. Lobo de Mesquita apontados por Assis Alves Horta – Livro de Receitas e Despesas da Ordem Terceira do Carmo – Arraial do Tejuco

Livro de Receitas e Despesas – Ordem Terceira do Carmo J. J. E. Lobo de Mesquita			
Folha	**Data**	**Ocasião**	**Oitavas pagas**
123 v.	-	Tocar o órgão	20
-	-	Do seu trabalho	20
139	1786/1787	Ordenado como organista	40
133	-	Assistência ao escravo José Congo (remédios)	3 e 1/4
-	-	Organista	30
-	1789	Pago ao organista até o ano de 1789	60 [?]

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.07 Compilação Rachel de Ulhôa

A indicação da tentativa de síntese dos registros de pagamento a Lobo de Mesquita é verificada. Iniciando com um registro sem indicação de data e de página de origem, segue registros que vão de 1792 a 1797 sendo que os valores pagos se iniciam em 50 (cinquenta) oitavas de ouro nos primeiros três anos e 40 (quarenta) oitavas de ouro nos três últimos (figura 18).

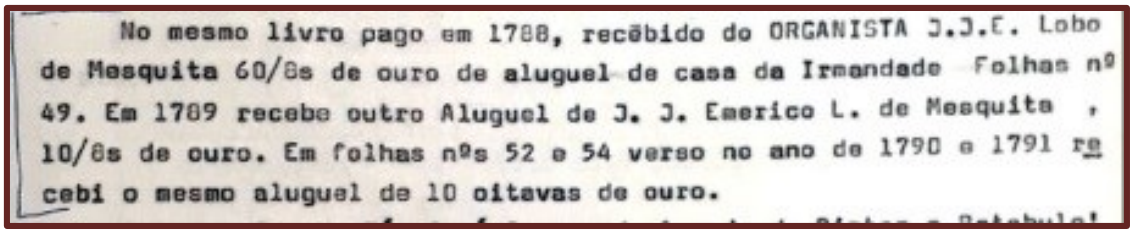
Figura 18 - Cópia da transcrição de registros de pagamento a Lobo de Mesquita apontados por Assis Alves Horta – Livro de Receitas e Despesas da Ordem Terceira do Carmo



Pagamento a J.J.E.Lobo de Mesquita de tocar o Órgão 50/8s.
Pagamento ao J.J.E.L.de Mesquita 50/8s 1.desp.pag. 158 1792.
Pagamento ao " " " " 50/8s L. desp. pg. 159 1793
Pagamento ao " " " " 50/8s L. des. pg. 160 1794
Pagamento ao " " " " 40/8s L. des. pg. 165 1795
Pagamento ao " " " " 40/8s L. des. pg. 167 1796
Pagamento ao " " " " 40/8s L. des. pg. 171 1797

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.07

Figura 19 - Cópia da transcrição de registros de pagamento de aluguel á Ordem Terceira do Carmo por Emerico Lobo de Mesquita por Assis Alves Horta



No mesmo livro pago em 1788, recebido do ORGANISTA J.J.E. Lobo de Mesquita 60/8s de ouro de aluguel de casa da Irmandade Folhas nº 49. Em 1789 recebe outro Aluguel de J. J. Emerico L. de Mesquita , 10/8s de ouro. Em folhas nºs 52 e 54 verso no ano de 1790 e 1791 recebi o mesmo aluguel de 10 oitavas de ouro.

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.07

Conforme pode ser observado na Figura 19, em um movimento contrário ao de pagamento de prestação de serviços pela Ordem Terceira, Assis Alves Horta registra o pagamento em 1788 de um aluguel de Lobo de Mesquita, a Ordem, no valor de 60 (sessenta) oitavas de ouro, e outro de 10 (dez) oitavas de ouro no biênio 1790/ 1791.

Um trecho em forma discursiva é apresentado. Prevalecem as informações acerca da organista Ana Maria dos Mártires, apesar do registro acerca de missas celebradas por intenção da alma do Padre Manoel de Almeida e Silva. O texto se inicia com o apontamento da filiação de Ana Maria como filha natural de Inácio Gomes Pinna, professor da Ordem e de Ana dos Mártires, assistente de serviços da Real Extração dos Diamantes e enteada do irmão José Ribeiro da Silva. Esse último acompanhado com o registro "fotocópia em meu poder". Continua Assis Horta que Ana Maria nasceu em 8 de setembro de 1778, tendo falecido em 1806.

Entrou para a ordem em 1778 [sic] ficando isenta de pagar a anuidade por se "ORGANISTA da Ordem por ser CEGA"[835]. Em seguida no livro de Termos dos Irmãos falecidos, Assis Alves Horta registra que encontrou uma série de missas pela alma do Padre Manoel de Almeida e Silva "[...] 51 missas [...] em 1788 a folha 122 [...] mais 6 missas [...] folhas 134 – 182 até o ano de 1898 encontrou missas pela alma do construtor do órgão". Voltando aos apontamentos ligados a Ana Maria dos Santos Mártires, encontra-se o registro que em 30 de agosto de 1806 faleceu sua mãe Ana Mártires, sendo que essa foi enterrada na sepultura sete do corpo da capela "livro de sepulturas, p. n, º 36 verso"[836]. Seguem informações confusas acerca da família de Ana Maria. Por fim Assis Horta assina o documento em 26 de outubro de 1977 registrando ao que parece o seu endereço residencial.

Terminado esse trecho, gostaríamos de chamar a atenção para fatos que serão por nós tratados no próximo capítulo, o 3 – Refazendo caminhos: Registros da Trajetória de pesquisa nas correspondências de Curt Lange. O musicólogo escreve várias vezes ao seu colaborador Assis Alves Horta orientando quanto à coleta de dados, enfatizando a necessidade de registro da fonte com a indicação precisa de sua localização documental. Por várias vezes solicita fotografias de páginas ou de registros específicos com o objetivo de tirar dúvidas acerca de informações por ele enviadas. O caso de Ana Maria dos Santos Mártires é emblemático. Curt Lange demonstra claramente seu ceticismo diante do envio das informações acerca da organista, duvidando que uma mulher pudesse ser organista no final do século XVIII. Somente muito mais tarde, quando Assis Alves Horta lhe envia fotografias dos registros que comprovam o ingresso de Ana Maria como organista da Ordem Terceira do Carmo, Curt Lange se rende à informação enviada.

O segundo documento[837] do conjunto colaboradores, também foi encaminhado por Assis Alves Horta. Contêm informações do Livro de Receitas e Despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento. A primeira, de julho de 1782, se

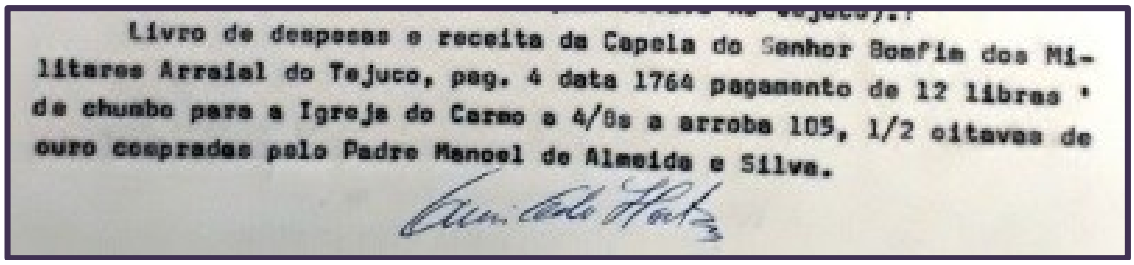
---

[835] CURT LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.07
[836] Ibidem
[837] CURT LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.08

refere à doação de 150 (cento e cinquenta) oitavas de ouro da Capela de Santo Antônio, vinculado à Irmandade do Santíssimo Sacramento. O colaborador registra que nos idos de 1930 chegou a conhecer a caixa do órgão antes da demolição da Matriz de Santo Antônio. Levanta a questão se esse órgão também teria sido construído pelo Padre Manoel de Almeida e Silva, fato que Curt Lange comprova posteriormente afirmando que "é bem possível tenha sido o seu primeiro instrumento construído para o Arraial do Tejuco, se não fez um para a Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Vila do Príncipe [...]".[838]

As anotações registradas neste primeiro documento do conjunto documental colaboradores termina com um registro vinculado à Ordem Terceira do Carmo, onde Assis Horta registra a transcrição de um pagamento em 1764 [sic] da compra pelo Padre Manoel de Almeida de 12 libras de chumbo para a sua igreja no Livro de Despesa e Receita da Capela do Senhor do Bonfim dos Militares do Arraial do Tejuco (Figura 20).

Figura 20 - Cópia de Transcrição pagamento de chumbo para o Órgão do Carmo –conjunto documental Bibliografia Colaboradores - Assis Alves Horta


Livro de despesas e receita da Capela do Senhor Bomfim dos Militares Arraial do Tejuco, pag. 4 data 1764 pagamento de 12 libras de chumbo para a Igreja do Carmo a 4/8s a arroba 105, 1/2 oitavas de ouro compradas pelo Padre Manoel de Almeida e Silva.

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.08

Consideramos que a data anotada pelo Assis Alves Horta, caso tenha ligação com a construção do órgão do Carmo teria que ser 1784, uma vez que o Termo de Ajuste para a sua construção entre o Padre Manoel de Almeida e a Ordem Terceira

[838] LANGE, 1982, p. 186

foi celebrado em 13 de fevereiro de 1782[839] e sua conclusão se deu com a assinatura de um recibo pelo construtor em 17 de março de 1788[840].

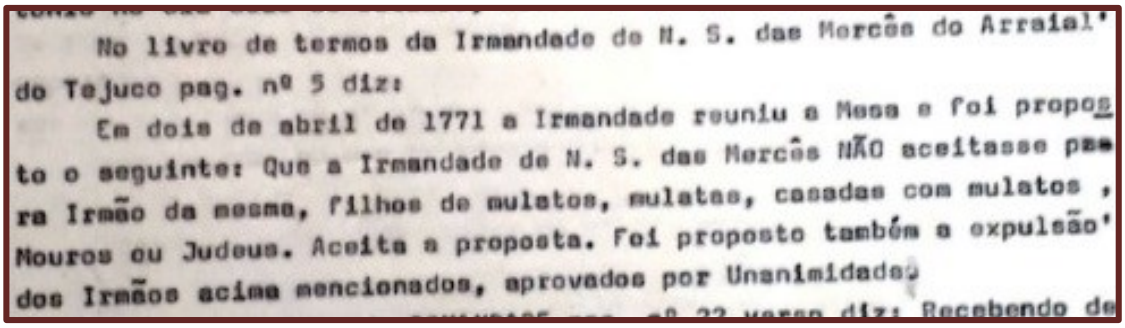
Passemos para o terceiro e último documento de colaboração de Assis Alves Horta[841], agora com cinco anotações de registros diferentes, referentes à Irmandade de Nossa Senhora das Mercês do Arraial do Tejuco.

Duas são as transcrições do Livro de Entrada de Irmãos nas Mercês. A primeira se refere a Lobo de Mesquita, sendo apontado que a sua entrada se deu em 15 de agosto [sic] de 1788, tendo o músico pago 8 ½ (oito e meia) oitavas de ouro. O dia e o mês apontados pelo Assis Horta não confere com outra transcrição de Curt Lange que indica a data de 5 de janeiro do ano citado[842]. A segunda transcrição é a informação que Conrado Caldeira Brant, "era irmão do contratador dos diamantes em 1751. O colaborador de Curt Lange, aponta que esse entra na confraria em 2 de abril [sic] também do ano de 1788, doando um órgão para a Capela. Essa informação também é encontrada nas transcrições de Curt Lange, que levanta que possivelmente o órgão doado era um instrumento pequeno, portátil, sendo essa informação, ao contrário da data e mês indicados por Assis Horta, colhida em um termo de ajuste de 27 de junho do citado ano[843].

---

[839] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.05
[840] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.14
[841] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.09
[842] Termo de Entrada na Confraria de Nossa Senhora das Mercês de Lobo de Mesquita. LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.06
[843] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04

Figura 21 - Cópia de Transcrição Decisão da Ordem Terceira do Carmo quanto aos "mulatos", mouros e judeus –conjunto documental Bibliografia Colaboradores - Assis Alves Horta



No livro de termos da Irmandade de N. S. das Mercês do Arraial' do Tejuco pag. nº 5 diz:

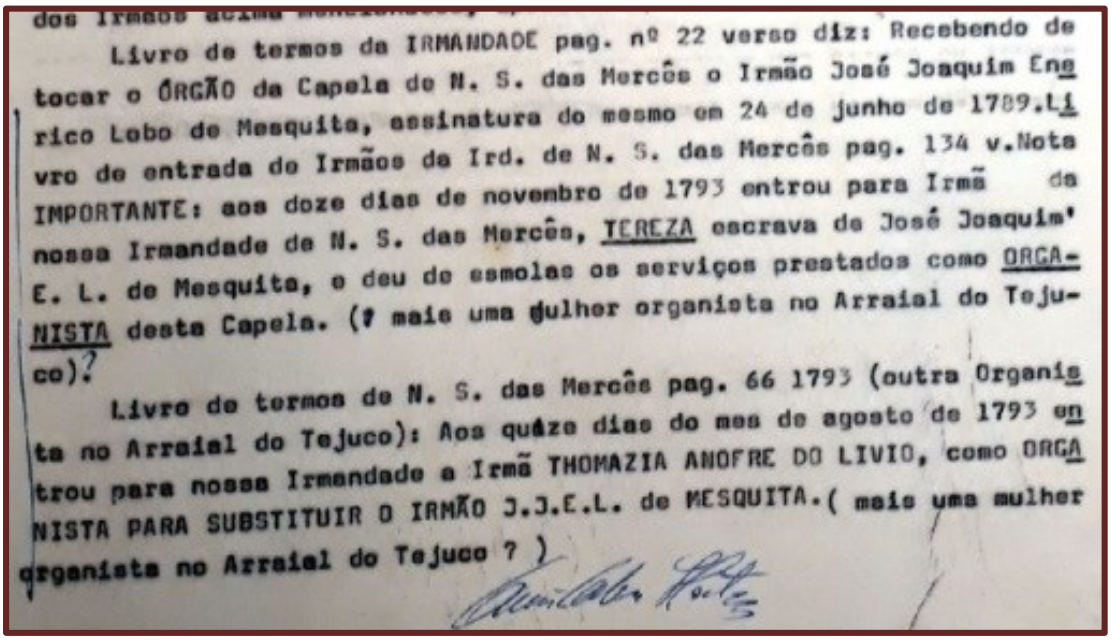
Em dois de abril de 1771 a Irmandade reuniu a Mesa e foi proposto o seguinte: Que a Irmandade de N. S. das Mercês NÃO aceitasse para Irmão da mesma, filhos de mulatos, mulatas, casadas com mulatos, Mouros ou Judeus. Aceita a proposta. Foi proposto também a expulsão' dos Irmãos acima mencionados, aprovados por Unanimidade.

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.09

Reproduzida na figura 21 a próxima transcrição do documento, registra que em 2 de abril de 1771, a confraria das Mercês decide não aceitar como irmãos "filhos de mulatos, mulatos, casados com mulatos, Mouros e Judeus, sendo aceita. Foi ainda proposto a expulsão dos irmãos acima mencionados, o que foi aprovado.

Chegamos aos dois últimos Termos de Ajuste transcritos. Ambas se revelam equivocadas. A interpretação dos registros apresentados por Assis Alves Horta, que Tereza, a escrava de Lobo de Mesquita, e Tomázia Onofre do Livio [Lírio] eram prováveis organistas da Ordem Terceira do Carmo é demonstrada por pesquisas subsequentes. O fato mais relevante é apontado pelo historiador Tarquínio Oliveira, que informa para Curt Lange que Tomázia era esposa de Lobo de Mesquita. Os registros de comprovação do fato só são por ele encontrados na década de 1980 em pesquisa na cidade de Ouro Preto, antiga Vila Rica. Conforme pode ser verificado na reprodução parcial das pesquisas de Assis Horta, tanto na referência a Tereza quando a de Tomázia se verifica o apontamento "mais uma mulher organista no Arraial do Tejuco? ".

Figura 22 - Cópia de Transcrição Termos de Posse de Tereza, escrava de Lobo de Mesquita e Thomázia Anofre [Onofre] Lírio –conjunto documental Bibliografia Colaboradores - Assis Alves Horta



dos Irmãos acima mencionados, [illegible]

Livro de termos da IRMANDADE pag. nº 22 verso diz: Recebendo de tocar o ÓRGÃO da Capela de N. S. das Mercês o Irmão José Joaquim Enrico Lobo de Mesquita, assinatura do mesmo em 24 de junho de 1789. Livro de entrada de Irmãos da Ird. de N. S. das Mercês pag. 134 v. Nota IMPORTANTE: aos doze dias de novembro de 1793 entrou para Irmã da nossa Irmandade de N. S. das Mercês, TEREZA escrava de José Joaquim' E. L. de Mesquita, e deu de esmolas os serviços prestados como ORGANISTA desta Capela. (? mais uma mulher organista no Arraial do Tejuco)?

Livro de termos de N. S. das Mercês pag. 66 1793 (outra Organista no Arraial do Tejuco): Aos quáze dias do mes de agosto de 1793 entrou para nossa Irmandade a Irmã THOMAZIA ANOFRE DO LIVIO, como ORGANISTA PARA SUBSTITUIR O IRMÃO J.J.E.L. de MESQUITA.(mais uma mulher organista no Arraial do Tejuco ?)

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.09

O último documento classificado na categoria Bibliografia – colaboradores foi enviada a Curt Lange por Francisco Bazílio, que infelizmente não conseguimos identificar maiores informações a seu respeito. Trata-se de uma listagem com 20 (vinte) partituras sem maiores informações e um pequeno trecho com a descrição do papel de Verônica na semana Santa[844].

Passemos para o último agrupamento que denominamos de Bibliografia – Textos de Curt Lange e anotações Diversas.

[844] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.42

3.5 Bibliografia - Textos de Curt Lange e anotações Diversas

Agrupamos sete documentos nessa categoria conforme o Quadro 29.

Quadro 29 - Conjunto documental Bibliografia – Fragmentos de Textos, Listagens e informações em geral

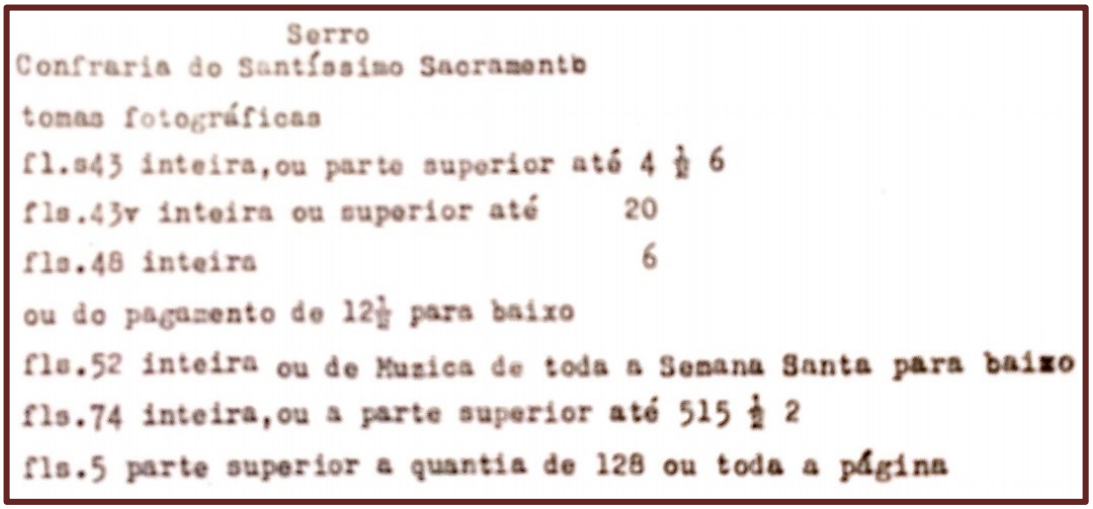
Categoria		Bibliografia		
Fragmentos de Textos, listagens e informações em geral				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Descrição
	10.3.35	10.3.39		
01	10.3.35.30		01	Fotos a serem tomadas em Diamantina e no Serro (Igrejas e documentos)
02	10.3.35.31		01	Pequeno Texto de Curt Lange (A atividade musical no Tejuco)
03	10.3.35.35		01	Vários fragmentos manuscritos (reproduz texto documento 10.3.35.31)
04	10.3.35.36		01	Fotos a serem tomadas em Diamantina e no Serro (Igrejas e documentos)
05	10.3.35.41		02	2 pequenos Texto Manuscrito
06		10.3.39.40		Apontamentos diversos. Texto do Cernecchiaro (Música índios em Poté). Lista de pessoas "ilustres" de Diamantina. Lista de funcionários do Banco da Lavoura.
07		10.3.39.50	02	Listagem músicos de Diamantina e arredores

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.96 Subsérie 10.3 – ACL- UFMG Compilação Rachel de Ulhôa

A maioria dos documentos foram produzidos por Curt Lange. Um exemplo é o primeiro documento[845]. Nele estão contidas, na sua primeira parte, uma relação nominal de 7 músicos do Arraial do Tejuco, com a indicação de página, provavelmente referentes a sua localização dentro da documentação. Já na segunda há a indicação de tomada de fotografias da Confraria do Santíssimo Sacramento de uma forma mais completa conforme ilustrado na Figura 23. As indicações são bem detalhadas. A título de exemplo, nos referimos a uma delas que diz: "Fl. [folha] 48, inteira ou do [registro de] pagamento de 12 ½ [12 e meia oitavas de ouro] para baixo".

[845] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.30

Figura 23 - Cópia de Transcrição de listagem de fotos a serem tiradas da Irmandade do Santíssimo Sacramento



Serro
Confraria do Santíssimo Sacramento
tomas fotográficas
fl.s43 inteira,ou parte superior até 4 ½ 6
fls.43v inteira ou superior até 20
fls.48 inteira 6
ou do pagamento de 12½ para baixo
fls.52 inteira ou de Muzica de toda a Semana Santa para baixo
fls.74 inteira,ou a parte superior até 515 ½ 2
fls.5 parte superior a quantia de 128 ou toda a página

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.30

O próximo documento[846] é um pequeno texto com o título "Atividade musical no Tejuco". Já o seguinte é uma reprodução do documento LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.31, ou seja, do texto que já nos referimos. Vários assuntos aparecem no documento seguinte[847], sendo que esses estão todos marcados a lápis denotando que os trechos já foram utilizados. Chegamos a um documento[848], onde se observa a relação de fotos que comporão o Livro VIII. Estão presentes a relação de fachadas de igrejas a serem tiradas, mas também de manuscritos do *Tractus* para sábado Santo e da Antífona de Nossa Senhora. O conteúdo do próximo documento[849] é um texto manuscrito que não identificamos a sua utilização. Já o penúltimo[850] além de conter um pequeno texto do livro de Cernicchiaro a página 315, traz uma listagem de "pessoas ilustres" de Diamantina, e uma listagem de nomes de integrantes da

[846] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.31
[847] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.35
[848] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.36
[849] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.41
[850] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.40

Euterpe de Santa Cecília. E o último documento[851] do agrupamento é uma longa listagem de músicas de diversas localidades. Verificando que todo o conteúdo deste último grupo de registros é replicado ou, a exemplo da relação de fotografias ou indicações de documentos, foram inseridos no Livro VIII, o que nos faz concluir que a elaboração dos documentos foi uma forma de planejar o conteúdo a ser publicado.

3.6 Considerações finais do Capítulo

As descrições integrantes da categoria bibliografia - viajantes estão ora inseridas no texto, ora não, sendo as mesmas totalmente replicadas em uma espécie de anexo inserido no final do livro VIII[852]. Tratam de aspectos gerais da cultura mineira, contendo, também, descrições mais genéricas das práticas musicais a que Curt Lange denomina de música folclórica. Cabe salientar que a não ser por um pequeno registro de Auguste de Saint-Hilaire, acerca da qualidade musical de uma missa solene com a execução de música litúrgica que teve a oportunidade de assistir no Serro, nenhuma menção é feita pelos viajantes acerca deste tipo de música. Já as transcrições da categoria bibliografia - revistas e da categoria bibliografia - memorialistas estão entremeados no corpo do texto do livro VIII. Dos memorialistas são retiradas informações acerca dos registros de gastos com a música pelas irmandades e senado da câmara do Serro, bem como os históricos do surgimento das localidades de Serro e Diamantina, bem como as principais características das sociedades locais. A categoria bibliografia - colaboradores, é integrada por documentos referentes às pesquisas em particular de Assis Alves Horta que pertencem à fase de retorno das pesquisas por parte de Curt Lange no final da década de 1970, onde o musicólogo busca dirimir lacunas da sua pesquisa inicial, sendo que essas se concentram nos documentos primários da Ordem Terceira do Carmo e nos registros acerca dos pagamentos a Lobo de Mesquita nessa Ordem

[851] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.50
[852] LANGE, 1983, p. 455 - 465

Terceira e na Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco.

Duas são as principais conclusões a que chegamos após estudarmos o conteúdo deste capítulo. A primeira é que a narrativa de Curt Lange, presente nos textos do Livro VIII, são a junção da bibliografia por ele consultada, bem como da descrição dos resultados da sua análise dos registros financeiros ligadas a cada irmandade, confraria e ordem terceira e ao Senado da Câmara do Serro, Nesse sentido podemos afirmar que a bibliografia utilizada por Curt Lange foi fundamental para dar sustentação à elaboração do Livro VIII, sem a qual ele não teria como contextualizar a estrutura socioeconômica e cultural das localidades em questão. E, a segunda, e não menos importante, é que fica claro para nós após a análise da sua bibliografia que o musicólogo inicia as suas pesquisas de campo sabendo por onde começar; ou seja, pelos registros cartoriais das irmandades, confrarias e ordens terceiras. Fica evidenciado, seguindo um padrão estabelecido nos artigos de revista e na descrição dos memorialistas, que a análise dos gastos com a música e tudo a ela relacionado, como o órgão do Carmo, por exemplo, seriam encontrados nesses registros. Daí acreditamos ter encontrado uma das explicações para o fato de Curt Lange ter ido procurar material para as suas pesquisas nas antigas igrejas e nas documentações das irmandades e confrarias. Ele tinha pistas que ali se encontrariam várias informações preciosas. Daí também o fato de suas pesquisas terem sido realizadas em um tempo curto de permanência nas duas localidades e que já no final da década de 1940 ele ter dado por concluída suas pesquisas de campo. Fato é que somente quando tem a perspectiva concreta de publicar o livro referente a Diamantina e Serro coloniais é que retoma o trabalho não por busca de novos materiais, mas para dirimir lacunas no material já coletado, solicitando aos seus colaboradores as informações faltantes.

4. Ajustes e oitavas de ouro: os documentos de pesquisa acerca de Diamantina e Serro coloniais

Chegamos ao nosso último capítulo. Trabalhamos diretamente nos registros transcritos por Curt Lange da documentação das Irmandades, Confrarias e Senado da Câmara do Serro e de Diamantina. Nele nos dedicamos a atualizar a interpretação dos dados contidos na documentação (estudos e transcrições) de Curt Lange referentes à prática musical no Serro e Diamantina coloniais coletados pelo musicólogo e hoje acondicionados no Acervo Curt Lange da UFMG (ACL/ UFMG). Para tanto dividimos nosso estudo em quatro etapas. Em primeiro lugar, selecionamos e digitalizamos todos os documentos coletados (98 ao total). Posteriormente detalhamos a sua estrutura, forma de acondicionamento e conteúdo. Passamos em seguida a descrever a sua estrutura, forma de acondicionamento e conteúdo. E, finalmente, reanalisamos os mesmos. Mas vejamos esse processo com mais vagar.

Ao analisarmos a produção bibliográfica de Curt Lange, em princípio, a sua metodologia de trabalho parece simples. Após coletar e reunir a documentação encontrada em suas pesquisas nas Igrejas, cartórios, arquivos e museus que pudestem conter documentos que viabilizassem a reconstrução da vida musical na Capitania de Minas Gerais, ele extrai e interpreta os registros contidos nesse material, construindo a sua narrativa. Passados aproximadamente nove décadas, consideramos pertinente salientar que a coleta e organização do seu material de pesquisa foi complexo. Sendo a fonte de suas pesquisas documentos primários, os documentos cartoriais com registros acerca da música das Irmandades, Confrarias e Senado da Câmara, são de propriedade, em sua maioria da Cúria do Arcebispado de Diamantina, tendo o musicólogo após trabalhar nos documentos, fotografá-los para pesquisas posteriores, ou contar com a ajuda de seus colaboradores para fazê-lo. Percebemos ao mergulhar nos registros legados pelo musicólogo a complexidade de se ligar um registro com o outro dando unidade à narrativa. Reconstruir um

passado remoto por meio de registros não é tarefa fácil requerendo atenção e cuidado. A importância de uma reanálise das transcrições de Curt Lange revela-se na possibilidade de acesso a informações passíveis de reanimar a pesquisa acerca da música no período colonial mineiro paralela ao estudo do método, forma e no tratamento dado às informações por parte de Curt Lange. Neste caso, torna-se importante tentar compreender e analisar pormenorizadamente o seu legado metodológico, a fim de revisitar as informações documentais que inspiraram toda a produção existente sobre este tema.

Com exceção dos documentos que consideramos Bibliografia, descritos no capítulo anterior, por entender que esses são transcrições de livros e artigos de terceiros que Curt Lange utiliza para reconstruir a história do Arraial do Tejuco (atual Diamantina) e da Vila do Príncipe do Serro do Frio (atual Serro), reunimos neste capítulo as transcrições dos documentos coletados por Curt Lange nessas localidade em duas seções: 4.1 Irmandades, Confrarias e Senado da Câmara e 4.2 O organista Lobo de Mesquita. Neste sentido, propomos relatar nosso estudo da estrutura e forma de organização destes documentos hoje acondicionados nas Pastas 10.3.35[853] e 10.3.39[854] da Subsérie 10.3 – Estudos e Transcrições, parte integrante da Série 10[855] – Documentos de Pesquisa do Acervo Curt Lange da Universidade Federal de Minas Gerais – ACL/UFMG[856].

Identificados 98 documentos referentes a Diamantina e ao Serro coloniais com o objetivo de facilitar o acesso ao material de estudo, optamos por digitalizar

---

[853] A Pasta 10.3.35 contém 48 documentos totalmente dedicados a Diamantina e ao Serro.

[854] A Pasta 10.3.39 contém 73 documentos dos quais 50 são dedicados as duas localidades.

[855] Foi de suma importância termos acesso a dois trabalhos produzidos pela equipe técnica do ACL-UFMG: o primeiro, o Guia Acervo Curt Lange (André Cotta, 2005) que fornece uma visão geral do seu largo conteúdo; e. o segundo particularmente importante para nossa pesquisa, o Inventário da Subsérie 10.3, elaborado em 2002 com a coordenação geral da Professora Rosângela Pereira de Tugny, e coordenação técnica de André Guerra Cotta. Foi a partir das informações contidas nesses inventários que selecionamos os documentos que dizem respeito diretamente ao nosso tema de pesquisa.

[856] O ACL é organizado em 13 Séries: 1) Coleção Bibliográfica; 2) Correspondência; 3) Vida; 4) Partituras; 5) Instrumentos musicais; 6) Instrumentos de trabalho; 7) Registro audiovisuais; 8) Iconografia; 9) Documentos raros; 10) Documentos de pesquisa; 11) Catálogo, programa e similares; 12) Homenagens; 13) Lembranças (ANDRÉ COTTA, 2005).

toda a documentação[857]. Nesse processo, diante do volume de informações nela contidos, constatamos a necessidade de estabelecermos uma estratégia para iniciar o nosso estudo, pelo que determinamos agrupar a documentação conforme sua origem ou temática. Chegamos a três categorias as quais agrupamos os documentos das duas pastas selecionadas sendo elas: (1) Irmandades, Confrarias e Senado da Câmara; (2) Bibliografia; (3) Lobo de Mesquita. Na Categoria **(1) Irmandades e Confrarias,** estão a maioria dos documentos. São transcrições de Livros de Receita e Despesa, Livros de Entrada de Irmãos e Termos de Ajuste das Organizações de Leigos das duas localidades, que agrupamos. Em **(2) Bibliografia** estão as transcrições parciais de livros ou documentos de viajantes que passaram pelas terras mineiras no período colonial, bem como escritos de memorialistas da região. Na Categoria **(3) Lobo de Mesquita**, como indica o título reunimos, documentos das Irmandades, Confrarias e Senado da Câmara com referência direta ao músico mais 13 documentos onde Curt Lange transcreve informação da origem do músico e da sua passagem por Vila Rica e pelo Rio de Janeiro. Descartamos dez documentos[858], por serem apenas cabeçalhos ou títulos.

Agrupados os documentos identificamos que esses possuíam uma aparente similaridade. Numa primeira análise a documentação parecia replicar conteúdos uns dos outros. Contudo, logo ficou perceptível que cada agrupamento, particularmente nos de maior número, na medida que a documentação avança numericamente, as anotações de Curt Lange abordam temas recorrentes em

---

[857] Essa decisão se mostrou muito acertada. Concluímos a digitalização de todo o material em dezembro de 2019. Em março, infelizmente em decorrência de uma pandemia mundial, a UFMG foi fechada, sendo implementado um sistema de atendimento remoto, via on-line. Ao final do nosso trabalho colocaremos à disposição da Direção do Acervo todo o material digitalizado para que seja disponibilizado para consulta.

[858] Desconsiderados em nossa análise dos seguintes documentos: Por conterem somente cabeçalhos ou títulos 1) 10.3.35.02; 2) 10.3.35.13; 3) 10.3.35.17; 4) 10.3.35.20; 5) 10.3.39.20 e 6) 10.3.3921. Por apenas listarem os anos sem maior detalhamento os Livros de Batistério do Serro: 7) 10.3.35.29. Por conter apenas uma pequena nota sobre Antônio Francisco Lisboa: 8) 10.3.35.34. Por conter exclusivamente uma nota com o registro da compra de um agasalho para o Conde Dom Pedro de Almeida para sua mudança do Ribeirão do Carmo para Vila Rica: 9) 10.3.35.42. Por conter a descrição de imagens de diversas localidades de Minas Gerais, bem como do registro da "demonstração das dificuldades que tivemos que vencer com a minha senhora indo por estradas intransitáveis. Nesse caso tivemos que aban-" [se encerra o texto]: 10)10.3.35.37.

documentos de conteúdo similares ou complementares. Apesar desta aparente similaridade, percebemos em cada documento características diversas. Propomos assim uma classificação que contempla a totalidade da documentação, independentemente da sua categoria segundo a estrutura do seu conteúdo. Identificamos cinco classificações: a) Transcrições Seletivas; b) Fragmentos (aplicado a categoria Bibliografia)[859]; c) Listagens; d) Notas; e, e) Notas Articuladas.

Denominamos de a) **Transcrição Seletiva**, os documentos que contêm transcrições de Curt Lange ligados à música nos livros de registros oficiais das Irmandades, Confrarias e Senado da Câmara. Adotamos o nome "seletiva" por duas razões: a primeira pelo fato que o musicólogo selecionou dentre os registros das organizações de leigos somente os apontamentos ligados à vida musical das instituições; e, segundo, porque não sabemos se as suas transcrições foram da totalidade de todos esses registros, sendo o teor de cada documento, para nós, fruto da sua seleção. Acrescentamos ainda a essa classificação (transcrição seletiva) a designação **Documentos Referência**, quando esse documento é considerado gerador dos demais, ou seja: quando esse possui um conteúdo que é parcial ou totalmente replicado por um ou mais documentos.

Quanto aos documentos classificados como **Listagens**, reunimos aqueles em que Curt Lange relaciona de forma sintetizada registros de um mesmo tema ou assunto, podendo essas informações serem transcrições selecionadas de um ou mais documentos primários. Já os classificados como **Notas** trazem transcrições geralmente sucintas se reportando a um único documento em forma discursiva. Por fim, os documentos classificados como **Notas Articuladas** foram atribuídos àqueles

---

[859] A classificação Fragmentos é dada aos documentos cujo conteúdo são pequenos textos da documentação identificada como Bibliografia. Pode-se perceber que Curt Lange realizou um levantamento bibliográfico significativo acerca da sociedade e da música no setecentos e princípio do oitocentos. Encontramos nesse material vários trechos de livros ou de documentos de registro de viagens de europeus ao Brasil, de livros e artigos de memorialistas brasileiros que escreveram acerca de suas cidades natais, bem como revistas especializadas como, por exemplo, a do Arquivo Público Mineiro – APM. Curt Lange, nessa categoria, geralmente registra a fonte de cada transcrição, referenciando autor, título da obra e página.

em que se verificou que o musicólogo compilou informações de dois ou mais documentos relacionados entre si.

A aplicação de nossa proposta de mapeamento, categorização e classificação dos 45 documentos das Irmandades e Confrarias, revelou-se produtiva para a pesquisa no sentido que percebemos a importância de realizar estudos com pequenos grupos de documentos referentes exclusivamente a um assunto, facilitando assim o entendimento da sua organização e de sua análise. A reunião de grupos de documentos afins favoreceu o estabelecimento não só de uma lógica entre a documentação, mas colocou em evidência quais foram os registros que chamaram a atenção de Curt Lange no volume de apontamentos encontrados. Neste mapeamento, foi possível evidenciar o processo de performance de pesquisa deste musicólogo em relação às informações acerca da sobre a prática musical em cada organização.

4.1 Irmandades, Confraria e Senado da Câmara

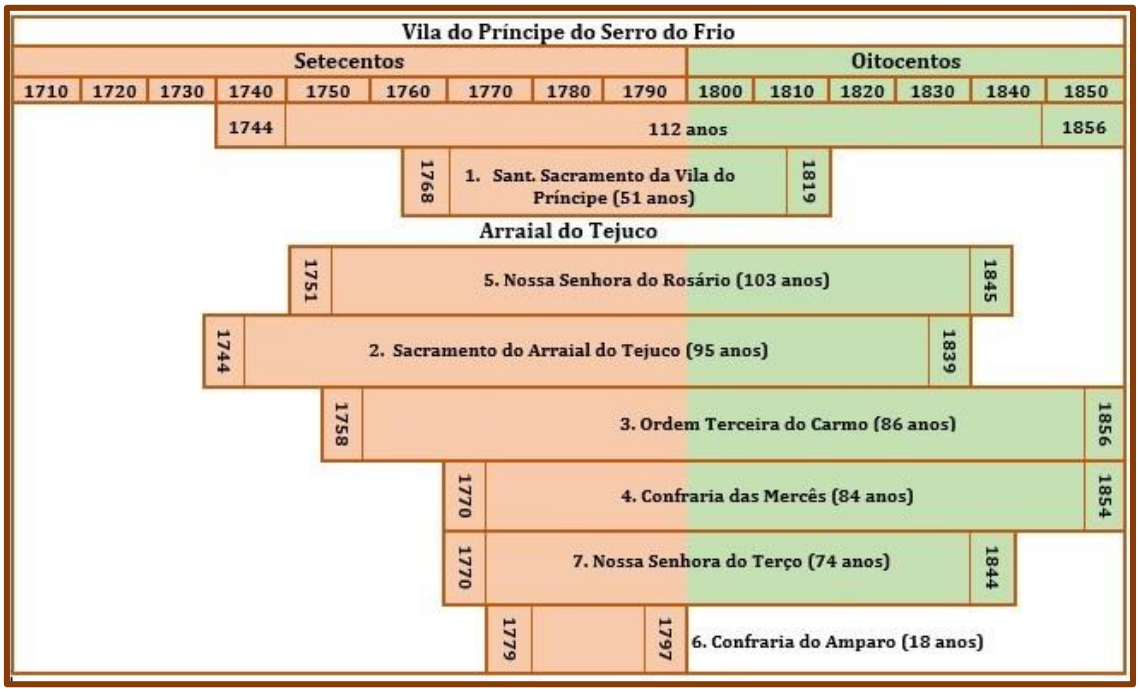
As organizações de leigos das quais trataremos (Gráfico 01) foram subdivididas em sete instituições: 1) Irmandade de Nossa Senhora do Amparo do Arraial do Tejuco – um documento; 2) Irmandade de Nossa Senhora do Amparo da Capela de Nossa Senhora do Amparo do Arraial do Tejuco – um documento; 3) Irmandade do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio – dois documentos; 4) Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Arraial do Tejuco – cinco documentos; 5) Irmandade do Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco – sete documentos; 6) Ordem Terceira Nossa Senhora do Monte do Carmo do Carmo do Arraial do Tejuco – 15 documentos; e, 7) Confraria de Nossa Senhora das Mercês do Arraial do Tejuco – 17 documentos

Gráfico 1 - Quantidade de documentos acondicionados no ACL/ UFMG das sete Irmandades e Confrarias de Diamantina (Arraial do Tejuco) e Serro (Vila do Príncipe do Serro do Frio)

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 Subsérie 10.3 - ACL/UFMG – Compilação Rachel de Ulhôa

A documentação destas sete Organizações de Leigos, coletada por Curt Lange, comprovam a atividade musical na Vila do Príncipe e no Tejuco no decorrer de 112 anos, entre 1744 e 1856 (Quadro 30).

Quadro 30 Detalhamento dos Livros de Registros das sete Irmandades e Confrarias de Diamantina (Arraial do Tejuco) e Serro (Vila do Príncipe do Serro do Frio)



Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel

No Serro (Vila do Príncipe do Serro do Frio), consideramos para efeito de nossa análise, os documentos da Irmandade do Santíssimo Sacramento – 51 anos, 1768 a 1819, bem como um Termo de Ajuste, folha avulsa de 28 de janeiro de 1770

a mesma Irmandade[860], diferentemente do Livro XVIII[861], onde Curt Lange registra e apresenta a documentação de duas organizações de leigos. Tal fato se dá uma vez que não identificamos na documentação selecionada os 13 Termos de Entrada de Irmãos de professores da arte, integrantes da música do Livro de Termos de Entrada da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês e São Benedito (1817 a 1841), replicados por Curt Lange no referido Livro XVIII[862]. Naturalmente, ainda consideramos a possibilidade de haver algum material não identificado em outra pasta do Acervo, contudo, pelo levantamento realizado não se verifica.

Um volume maior de documentos foi encontrado, por Curt Lange, nas igrejas de Diamantina (Arraial do Tejuco), envolvendo seis irmandades, num período de 112 anos entre 1744 e 1856. Da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Santo Antônio foram coletados seis livros de registro de despesas e receitas, compreendendo um período de 95 anos (1744 a 1839). Compõem ainda a organizações de leigos do Arraial do Tejuco, 98 anos da Irmandade de Nossa Senhora do Monte do Carmo (1758 a 1856); 84 anos, entre 1770 a 1854, da Confraria de Nossa Senhora das Mercês; 94 anos, 1751 a 1845, da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário; 18 anos, 1779 a 1797, da Confraria de Nossa Senhora do Amparo; e por fim, 74 anos (1770 a 1844) da Irmandade de Nossa Senhora do Terço da Capela de Santo Antônio. Alerta Curt Lange[863] que não foram encontrados

---

860 Caio César Boschi (1986) publica a relação de mais onze Irmandades na Comarca da Vila do Príncipe – Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, a já listadas por Curt Lange no Anexo do Livro OS Leigos no Poder, intitulado "Irmandades coloniais mineiras identificadas nas fontes e na bibliografia consultada, de acordo com a divisão eclesiástica da Capitania" Geral de Minas Gerais. São essas: 1) Nossa Senhora da Purificação - 1741; 2) Nossa Senhora do Rosário - 1716; 3)Nossa Senhora do Rosário, na capela de Rio Manso -1794 [atual Couto de Magalhães); 4) Nossa Senhora do Rosário, na Capela filial de Santo Antônio do Arraial de Gouveia -1787; 5) Nossa Senhora do Rosário, na Capela filial de Santo Antônio do Rio do Peixe -1804; 6) Nossa Senhora do Rosário, na Capela filial de Tapanhoacanga -1787; 7) Santíssimo Sacramento, na Capela filial de Santo Antônio no Arraial de Gouveia -1787; 8) Santo Antônio - 1771; 9) São Francisco de Assis -1782; 10) São Gonçalo -1751; e 11) Senhor Bom Jesus de Matosinhos na Capela filial do Arraial do Rio Manso - 1813 (BOSCHI, 1986, p. 220 - 221).

861 A fim de facilitar a referência ao volume 08 da Coleção História da Música na Capitania Geral de Minas Gerais – Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco, central no nosso trabalho, nos referiremos a ele como Livro XVIII como apresentado na Introdução.

862 Ver LANGE, 1982, p. 51 a 61.

863 LANGE, 1982, p. 100

nenhum documento de mais quatro Irmandades na Comarca do Arraial do Tejuco: 1) Santo Antônio da Matriz de Santo Antônio; 2) Senhor do Bonfim; 3) São Francisco e 4) Santa Quitéria[864].

Antes de detalharmos nosso estudo sobre cada uma das sete organizações de leigos do Serro e de Diamantina, consideramos pertinente tecermos algumas considerações:

O primeiro aspecto a salientar é o fato da cronologia de arquivamento da documentação[865] das Irmandades e Confrarias nos dar indícios da ordem das "descobertas", da coleta e principalmente das transcrições de cada documento (o Quadro 31 reproduz a ordem deste arquivamento).

Quadro 31 - Cronologia de arquivamento da documentação das Irmandades e Confrarias no Acervo Curt Lange/ UFMG

01	Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (Arraial do Tejuco)
02	Ir. do Santíssimo Sacramento do Matriz de Sto. Antônio do Arraial do Tejuco
03	Ir. de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Arraial do Tejuco)
04	Ir. do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio
05	Confraria Nossa Senhora das Mercês (Arraial do Tejuco)
06	Ir. de Nossa Senhora do Terço da Capela de St. Antônio (Arraial do Tejuco)
07	Ir. de Nossa Senhora do Amparo da Capela de N. S. do Amparo (Arraial do Tejuco)

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

A primeira organização de leigos a ter as transcrições dos seus documentos acondicionados é a Ordem Terceira do Monte do Carmo do Arraial do Tejuco. Integrada por um conjunto documental de 16 documentos (76 folhas), ela contém

---

[864] Salientando que o autor não lista no Arraial do Tejuco a Irmandade de Santa Quitéria, Caio César Boschi, acrescenta a essa relação de LANGE (1982) a Irmandade das Almas – 1756 (BOSCHI, 1986, p. 221).

[865] Para uma visão mais detalhada ver Tabela 3 – Visão geral da documentação da Subsérie 10.3 – página 376

informações valiosas acerca da construção do órgão do Carmo; bem como sobre a prestação de serviços dos músicos Lobo de Mesquita e Antônio da Costa Homem; da participação no cotidiano musical da ordem da Organista Ana Maria dos Santos Mártires; das Festas da Padroeira e da contratação da música para a sua realização.

A segunda Irmandade a ter os seus documentos arquivados é a do Santíssimo Sacramento da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco. Com um conjunto documental integrado por oito documentos (50 folhas). Apresenta a transcrição de seis Livros de Receita e Despesa da Irmandade e dois documentos por nós classificados sob a categorização de Listagem. Esses documentos nos dão indícios, entre outros temas, sobre a riqueza e opulência da Organização; da construção da torre para receber seu sino; sobre a realização de suas festas religiosas; bem como, da prestação de serviço para a Irmandade por Lobo de Mesquita. Para efeito comparativo, reunimos em uma mesma sessão o St. Sacramento do Tejuco, como a quarta Irmandade do mesmo orago, a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio, identificada como única organização a ter seus documentos transcritos e acondicionados por Curt Lange e quarta na ordem de arquivamento, possui dois documentos (26 folhas) no seu conjunto documental.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Arraial do Tejuco é a terceira da Categoria. Cinco documentos (33 folhas) integram seu conjunto documental. A Construção da sua Igreja, a remuneração dos músicos nas festas da padroeira e o concerto de instrumentos estão no centro de suas temáticas. Destaque para os indícios da realização das Festas de Reinado, até hoje realizadas pelas Irmandades do Rosário.

A quinta organização de leigos, a Confraria de Nossa Senhora das Mercês do Arraial do Tejuco é a que reúne o maior agrupamento documental de todas as organizações, com 17 documentos (40 folhas). Traz nas suas transcrições grande riqueza de informações acerca da sua vida musical. Os Termos de Entrada de Irmãos, usados diretamente por Curt Lange para enfatizar o quantitativo de professores da arte da música, dentre eles Lobo de Mesquita, são fontes valiosas de detalhamento das especificidades da congregação.

A Irmandade de Nossa Senhora do Terço da Capela de Santo Antônio, com apenas um documento (três folhas) e a Irmandade de Nossa Senhora do Amparo da Capela de Nossa Senhora do Amparo, como sétima organização e também com um documento (quatro folhas), encerram as Irmandades da Categoria. Tendo em vista que Curt Lange, certamente pela carência de dados, não se dedica a realizar uma leitura e análise das suas transcrições na produção consultada, apesar de não serem abundantes procuramos fazê-lo, de forma a dar uma certa continuidade à pesquisa documental encetada e praticamente não divulgada nas suas produções.

4.1.1 Irmandade de Nossa Senhora do Monte do Carmo do Arraial do Tejuco - Ordem Terceira do Carmo (1758-1856)

A documentação coletada da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo do Arraial do Tejuco (Ordem Terceira do Carmo) é robusta (Quadro 32). Seus três Documentos Referência (Doc. Ref.)[866] somam 52 folhas de registros documentais.

[866] Documentos considerados base de um conjunto documental. Seu conteúdo é replicado parcialmente em um ou mais documentos do agrupamento.

Quadro 32 - Agrupamento Documental – Ordem Terceira do Carmo

Categoria	Irmandades e Confrarias									
Irmandade de Nossa Senhora do Carmo do Arraial do Tejuco (Ordem Terceira do Carmo)										
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação	Temática					
	10.3.35	10.3.39			01	02	03	04	05	06
01	10.3.35.03		01	Listagem	Geral	Órgão				
02	10.3.35.04		01	Listagem	Geral	Órgão		l. Mesquita		
03	10.3.35.05		01	Transcrição Seletiva.		Órgão				
04	10.3.35.06		01	Transcrição Seletiva.					C. Homem	
05	10.3.35.07		14	Trans. Seletiva. Doc. Ref. (13 T. Ent. Músico)		Órgão	Festas	l. Mesquita		
06	10.3.35.08		21	Trans. Seletiva Doc. Ref. (Rec. e Desp. I)	Geral					
07	10.3.35.09		17	Trans. Seletiva Doc. Ref. (Rec. e Desp. II)	Geral					
08		10.3.39.03	01	Notas						Ana Mártires
09		10.3.39.10	01	Notas Articuladas						Ana Mártires
10		10.3.39.14	04	Listagem		Órgão				
11		10.3.39.15	03	Listagem		Órgão				
12		10.3.39.25	01	Listagem	Geral	Órgão		l. Mesquita		
13		10.3.39.26	01	Notas Articuladas	Geral			l. Mesquita		
14		10.3.39.28	01	Notas Articuladas				l. Mesquita		
15		10.3.39.32	04	Notas Articuladas						Ana Mártires
16		10.3.39.45	01	Notas Articuladas						Ana Mártires

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Na Pasta 10.3.35 são encontrados sequencialmente nove documentos (do 10.3.35.03 ao 10.3.35.09)[867]. Nessa primeira sequência observamos que Curt Lange, ao tomar contato com o material coletado, primeiro se certifica que existiam registros referentes à música. Identificado que os assuntos tratados seriam significativos, o musicólogo transcreve os registros referentes à música que seleciona. Inicialmente transcreve 13 Termos de Ajuste sobre a vida musical da Ordem e, posteriormente, seus dois livros de Receita e Despesa. Os temas de destaque são a construção do órgão do Carmo e a participação na Ordem Terceira de Lobo de Mesquita e de Antônio da Costa Homem, bem como a contratação da música na realização das Festas da Padroeira e da semana Santa. Na segunda sequência (documentos da pasta LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39 - documentos 03, 10, 14, 15, 25, 26, 28, 32 e 45) verificamos a existência de temas específicos que trataremos a seguir.

[867] Nesse capítulo para facilitar a identificação das referências da documentação, que é extensa, optamos por deixar no corpo do texto as referências dessa documentação em detrimento dos demais capítulos.

Em um conjunto de 16 documentos, destacamos cinco temáticas principais: 1) de abrangência Geral, agrupando os documentos que se referem à Irmandade como um todo; 2) os que se referem especificamente à construção do órgão de tubos da Igreja do Carmo; 3) os dedicados exclusivamente à vida da organista Ana Maria dos Santos Mártires; 4) um documento dedicado ao organista Antônio da Costa Homem; e, finalmente, 5) os que se referem ao músico, compositor e regente José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita.

4.1.1.1 Documentos de abrangência Geral – Ordem Terceira do Carmo

O grupo classificado como de Abrangência Geral (Quadro 33) é constituído por sete documentos. A disposição destes documentos, observada a sua cronologia e correspondente conteúdo, nos aponta umas das prováveis características da metodologia de organização da documentação por parte de Curt Lange. Conforme veremos em detalhe mais abaixo, identificamos que nos primeiros documentos do agrupamento (documentos 01 – 10.3.35.03 e 02 – 10.3.35.04), estão os registros de uma primeira e preliminar análise. Neles encontramos em forma de pequenas listagens, itens ligados a uma provável prática musical cotidiana da Irmandade. Nos documentos intermediários (documentos 3 -10.3.35.07, 4 - 10.3.35.08 e 5 - 10.3.35.09), foi extraído de forma seletiva, em tese, todos os registros ligados à prática musical da Irmandade nos seus Livros de Termos de Ajustes, de Entrada de Irmãos e de Receita e Despesa. Nos documentos finais do agrupamento (documentos 6 - 10.3.39.25 e 7 - 10.3.39.26), evidencia os temas de seu interesse. Na forma de listagem e notas articuladas reproduz as informações dos registros, referentes à música, por ele considerados de maior relevância.

No primeiro documento deste conjunto (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.03), classificado como Listagem, identificamos o registro de cinco itens de "despesas certas [fixas] que tem a ordem" transcritas do Livro de Receita e Despesas da Ordem Terceira do Carmo ano de 1793: 1) O ordenado do Sacristão; 2) o

ordenado do Organista; 3) os Ofícios das Almas dos Irmãos; 4) a Festa do Dia da Senhora; e 5) a Procissão do Enterro na Sexta-feira da Paixão.

Quadro 33 - Documentos de Abrangência Geral – Ordem Terceira do Carmo – Arraial do Tejuco

Categoria	Irmandades e Confrarias			
Ordem Terceira do Carmo				
Abrangência Geral				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
01	10.3.35.03		01	Listagem
02	10.3.35.04		01	Listagem
03	10.3.35.07		14	Trans. Seletiva. Doc. Ref. (13 T. de Entrada Músicos)
04	10.3.35.08		21	Trans. Seletiva Doc. Ref. (L. de Receitas e Despesas I)
05	10.3.35.09		17	Trans. Seletiva Doc. Ref. (L. de Receitas e Despesas II)
06		10.3.39.25	01	Listagem
07		10.3.39.26	01	Notas Articuladas

Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL – UFMG Compilação de Rachel de Ulhôa

O segundo documento, (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.04), também sob a mesma classificação de Listagem, contém a transcrição de cinco itens de despesa, do biênio 1798-99, com especificação de valores gastos: 1) pagamento de música; 2) fardamento de escravos; 3) remédios para os ditos; 4) Couro para fole do órgão; e 5) afinação do órgão.

Os três documentos seguintes, que classificamos de Documentos de Referência, são constituídos por transcrições de um volume bastante expressivo de atividades ligadas à música. Ou seja, são transcrições seletivas cujo conteúdo foi replicado nos demais documentos do agrupamento.

Outro documento que destacamos é integrado por treze Termos de Ajuste referentes à música. São extraídos do Livro de Termos para o governo da Venerável Ordem 3ª do Carmo, do período de março de 1777 a abril de 1819 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.07). Destes treze Termos, quatro deles tratam especificamente da Festa da Padroeira, Nossa Senhora do Carmo. Dois, o de nº 14, de 19 de março de 1777 e o de nº 10, tratam de um mesmo documento referente à autorização da Mesa de Governo da Ordem para que fossem realizadas as despesas

com a contratação do músico Jozé Henrique da Costa, no dia 16 de junho, para a festa da padroeira e contém o detalhamento da programação, as obrigações do músico e o valor a ser contratado. Já o terceiro Termo, o de nº 64, de 25 de junho de 1786, delibera a respeito da programação das comemorações do dia da padroeira, mas não autoriza a contratação de música, alegando conflitos para a sua definição. Fica deliberado que a condução desta, da música, ficaria a cargo do padre reverendo, que deveria fazê-lo junto com os irmãos e o povo. Por sua vez a última transcrição do livro de Termos reunidos neste documento, o Termo de nº. 86 de 26 de abril de 1819, delibera pela não contratação da música para as "Festas da Senhora do Carmo". A justificativa remete às grandes despesas empreendidas com a reforma da sacristia, do telhado e de reparos com a igreja em geral. Por sugestão do irmão procurador, a festa integraria as "Novenas cantadas pelo povo, e o órgão no seu dia". Um comentário final nos chama a atenção neste termo, deixando uma dúvida sobre seu significado. Dada a impossibilidade de se contratar a música para as Festas da Padroeira "[...] era justo que pudessem entrar, e professar, [no ato religioso] os Irmãos nesta Ordem [e] todos aqueles que existem fora desta Presidência..." (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.07). Não podendo afirmar categoricamente o que o registro significa, podemos nos questionar se qualquer congregado poderia nesse dia se apresentar para cantar ou tocar em homenagem à padroeira?

Os demais seis Termos tratam da substituição do sacristão (nº 86, de 16 de junho de 1805); da construção do órgão (nº 47, 49 e 55); e José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (nº 67 e nº 73), cujo conteúdo destes cinco últimos termos serão abordados mais especificamente nas sessões sobre a construção do órgão do Carmo e o músico Lobo de Mesquita.

Integram ainda a temática geral mais dois documentos considerados de referência. O primeiro documento (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.08), é uma Transcrição Seletiva de 27 anos de registros do Livro de Receitas e Despesas da Ordem Terceira do Carmo, o "Livro I de junho de 1758 a janeiro de 1785". E o segundo, (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.10), é uma Transcrição Seletiva que contém as transcrições dos demais 72 anos de registros da mesma irmandade,

correspondentes ao Livro II de Receitas e Despesas de 05 de dezembro de 1784 a 19 de outubro de 1856.

O penúltimo documento deste agrupamento, com o título de "Aclarações", (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.025), é uma listagem do ano de 1777 a 1809, com registro nominal de músicos prestadores de serviço à Ordem Terceira. Destacamos a observação no fim da página que "nenhum dos músicos mencionados foi irmão da Ordem Terceira do Carmo", sendo um deles Lobo de Mesquita.

O último documento desta temática foi classificado de Notas Articuladas por conter apontamentos diversificados (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.26). Nos parece que os dois lembretes - "Livro de Missas [...] ver ainda a morte do Padre construtor do órgão" e "este livro deve ser novamente revisto" em referência direta ao "1º Livro dos irmãos professores desta venerável Ordem 3ª de Nossa Senhora do Monte do Carmo do Arraial do Tejuco" (por nós não identificado na documentação estudada), associado ao fato que esse documento número 26 da pasta 39, pode indicar que Curt Lange já poderia ter definido que a descoberta de registros referentes ao Órgão do Carmo, apesar de o instrumento estar desativado na época de suas pesquisas, era prova cabal da existência de uma prática musical vigorosa no Arraial do Tejuco do setecentos. Como veremos, a seguir, a construção do órgão do Carmo é detalhadamente comprovada.

4.1.1.2 A construção do Órgão do Carmo

No conjunto de documentos que citam ou se dedicam inteiramente ao órgão do Carmo (Quadro 34), podemos observar, na ordem dos documentos, um aprofundamento de informações acerca da sua construção.

Quadro 34 - Construção do órgão da Ordem Terceira do Carmo – Arraial do Tejuco

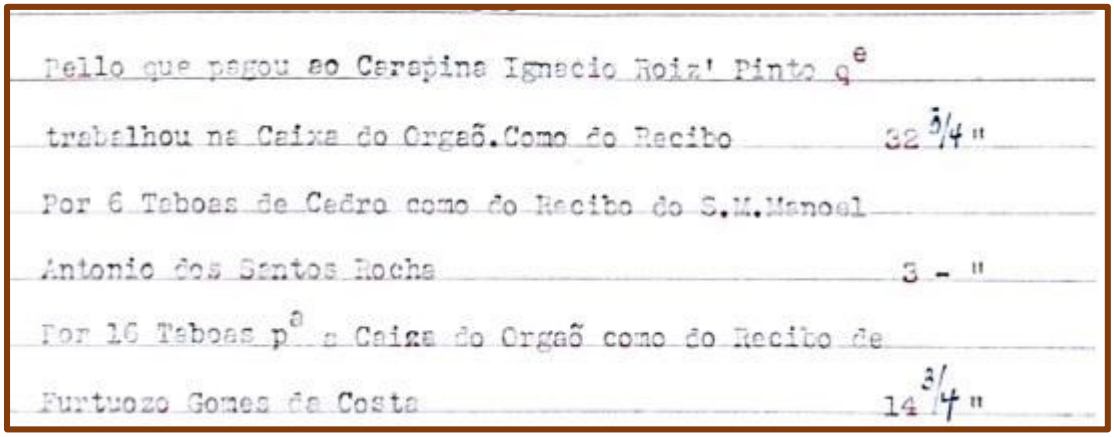
Categoria		Irmandades e Confrarias		
Ordem Terceira do Carmo				
Construção do Órgão				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
01	10.3.35.03		01	Listagem
02	10.3.35.04		01	Listagem
03	10.3.35.05		01	Transcrição Seletiva.
05	10.3.35.07		14	Trans. Seletiva. Doc. Ref. (13 T. de Entrada Músicos)
10		10.3.39.14	04	Listagem
11		10.3.39.15	03	Listagem
12		10.3.39.25	01	Listagem

Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL – UFMG - Compilação de Rachel de Ulhôa

Em uma primeira análise de pequenos registros - seja os de menção direta ao órgão do Carmo, o ordenado do organista ou o registro de despesas com couro para o fole, para afinação do órgão (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.03 e 10.3.35.04), além de outros seis documentos - demonstram que estes registros são cada vez mais detalhados acerca da construção deste instrumento.

O terceiro documento do agrupamento da temática (ver Figura 24), apresenta ainda mais detalhes sobre a construção do órgão (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.05). Em complemento, as Transcrições Seletivas do Livro II de Receitas e Despesas do biênio 1785 – 1786, traz o registro de pagamento ao Padre Manoel de Almeida Silva por sua construção, pela compra de 26 tábuas, bem como do pagamento de carpinteiros. Através deste documento apresentam-se elementos que nos levam a confirmar que a construção do órgão estava sob coordenação do Padre Manoel de Almeida Silva; sendo que esse delegou a carpinteiros a confecção da parte externa, a caixa e a cimalha, assumindo a responsabilidade direta por sua mecânica.

Figura 24 – Cópia de transcrição do registro de pagamento carpinteiros e tábuas para a caixa do órgão do Carmo – Arraial do Tejuco



Pello que pagou ao Carapina Ignacio Roiz' Pinto q^e
trabalhou na Caixa do Orgaõ.Como do Recibo 32 3/4 "
Por 6 Taboas de Cedro como do Recibo do S.M.Manoel
Antonio dos Santos Rocha 3 - "
Por 16 Taboas p^a a Caixa do Orgaõ como do Recibo de
Furtuozo Gomes da Costa 14 3/4 "

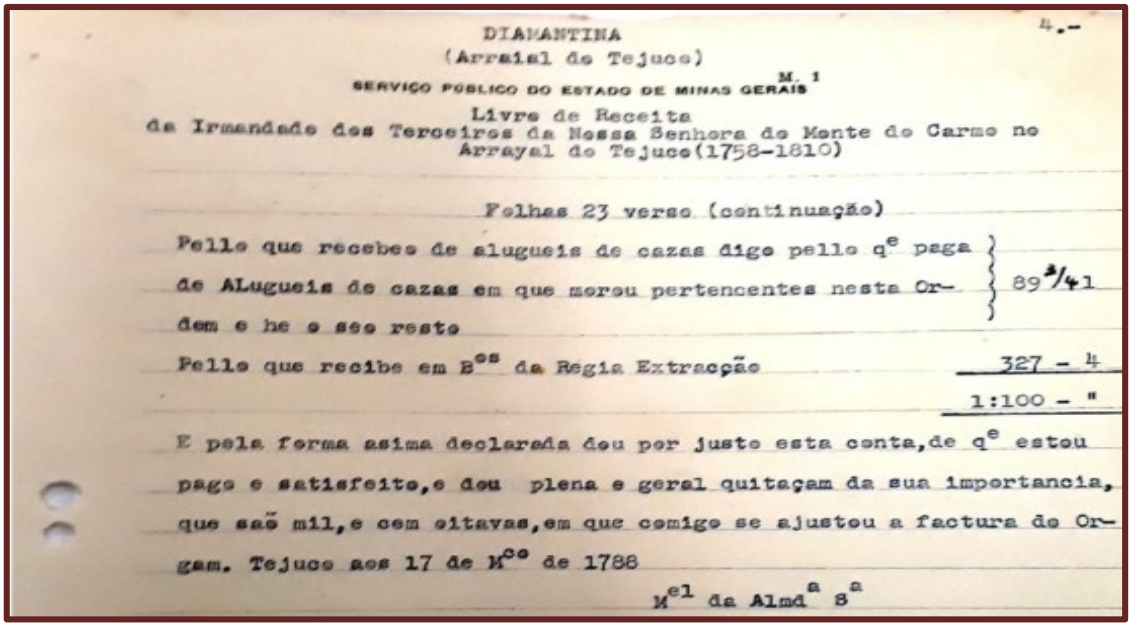
Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.05

O seguinte documento reúne as transcrições do Livro de Termos de Ajustes da Ordem Terceira, contêm três Termos de Ajuste que esclarecem significativamente os acordos realizados para a construção do órgão do Carmo (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.07). O primeiro deles, o Termo de nº. 47 de 06 de junho de 1781, registra a determinação da Ordem em mandar construir um órgão na Igreja do Carmo e a fonte de recursos para arcar com as despesas de sua construção: "esmolas" e doações a serem ofertadas pelos irmãos da Ordem, que seriam anotadas no livro de registros, até atingir o valor necessário para instalá-lo na Capela.

O Termo logo a seguir, correspondente ao nº 49 de 13 de fevereiro de 1782 (5ª transcrição), se trata do Ajuste com o Reverendo Manoel de Almeida Silva para a construção do órgão no valor de "hum conto e trezentos e vinte mil réis" (1:200$000), a serem pagos em duas parcelas: a primeira, seis meses após a assinatura e a outra na entrega do serviço. Finalizando as deliberações acerca do órgão, transcritas por Curt Lange ou um seu colaborador (eventualmente Assis Horta Brasil), o Termo nº 55 de 28 de abril de 1783 delibera que o Órgão seria instalado no meio do coro da Capela.

Ao analisarmos o próximo documento com transcrições de Curt Lange, exclusivamente acerca de registros com o órgão do Carmo, nos deparamos com uma listagem de todos os registros referentes às "esmolas" dos irmãos para custear as despesas com a construção do órgão (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.14). Nele constatamos que a Mesa de Governo da Ordem terceira do Carmo cumpriu o deliberado no Termo de Ajuste nº. 47 de 06 de junho de 1781, onde se encontra anotada criteriosamente todas as "esmolas" (nome do irmão e valor doado) para a instauração de um órgão na sua Capela. Este fato pode também ser verificado por meio do recibo emitido ao seu construtor que tudo correu a contento, cujos registros da transcrição do recibo assinado pelo Reverendo Manoel de Almeida Santos atesta a quitação do valor total a ele devido em 17 de maio de 1788 (Figura 25).

Figura 25 - Cópia de Transcrição de recibo com o valor total do pagamento pela construção do órgão do Carmo – Arraial do Tejuco



DIAMANTINA
(Arraial do Tejuco)
SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS M. 1

Livro de Receita
da Irmandade dos Terceiros da Nossa Senhora do Monte do Carmo no Arrayal do Tejuco(1758-1810)

Folhas 23 verso (continuação)

Pello que recebeo de alugueis de cazas digo pello q^e paga de ALugueis de cazas em que morou pertencentes nesta Ordem e he o seo resto — 89$/41

Pello que recibe em B^os da Regia Extracção — 327 - 4

1:100 - "

E pela forma asima declarada dou por justo esta conta, de q^e estou pago e satisfeito, e dou plena e geral quitaçam da sua importancia, que saõ mil, e cem oitavas, em que comigo se ajustou a factura do Orgam. Tejuco aos 17 de M^oo de 1788

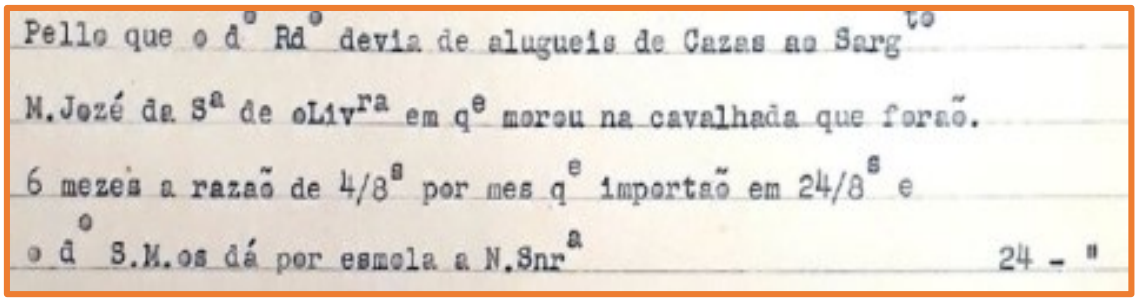
M^el da Almd^a S^a

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.14

Considerando o rol de doações obtidas entre 1 (uma) e 58 (cinquenta e oito) oitavas de ouro, damos destaque à contribuição do Sargento Maria Jozé da Silva de Oliveira, que doa para a Santa 24 (vinte e quatro) oitavas de ouro, como forma de

doação à construção do órgão, referente a seis meses de aluguel de uma casa, que então teria o valor de quatro oitavas de ouro mensais, devidos pelos Reverendo Manoel de Almeida Santos (Figura 26).

Figura 26 - Cópia de Transcrição de doação do Sarg. Maria Jozé da Silva Oliveira – Construção do órgão do Carmo – Arraial do Tejuco


Pello que o d.º Rd.º devia de alugueis de Cazas ao Sarg.to
M.Jozé da S.a de oLiv.ra em q.e morou na cavalhada que forão.
6 mezes a razaõ de 4/8.s por mes q.e importaõ em 24/8.s e
o d.º S.M.os dá por esmola a N.Snr.a 24 - "

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.14

Neste agrupamento (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.015), o documento seguinte apresenta elementos mais coerentes a serem integrados à parte precedente, pois se trata também de uma listagem com as "esmolas" para a construção do órgão. Já o penúltimo documento (LANGE, BRUFMGBUCL10.3.39.025), também integrante da temática de abrangência geral, apresenta uma síntese dos registros encontrados na documentação coletada pelo musicólogo acerca da construção e de consertos realizados no órgão.

O último documento do agrupamento (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.026), registra as datas da fundação da Irmandade e do falecimento do soldado Dragão João Gomes de Mesquita, provavelmente fruto de uma busca por parentes de Lobo de Mesquita, contendo dois lembretes: 1) revisão do 1º Livro de professores da Ordem; e, 2) verificação da morte do construtor do órgão.[868].

[868] Existe igualmente um destaque atribuído por Curt Lange para a transcrição do livro de termos sobre a Festa de Nossa Senhora do Carmo que não será objeto de estudo nesta sessão

4.1.1.3 A organista Ana Maria dos Santos Mártires

Os documentos identificados nas pesquisas de Curt Lange que se dedicam inteiramente à vida de Ana Maria dos Santos Mártires (Quadro 35) foram quatro, todos da pasta 10.3.39 da Subsérie 10.3. O primeiro contém uma breve e sintética nota dos registros sobre a organista na Irmandade "Ana Maria dos Santos, organista mulher do Carmo, desde 1795 até 1806". Sua história identifica que entrou na Ordem Terceira como irmã benemérita dado que, segundo este musicólogo, não foram encontrados registros de cobrança pelos seus serviços e cujos documentos sustentam o teor da nota do Livro do Registro de Irmãos, na folha 156 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.03).

Quadro 35 – Documentos referentes a organista Ana Maria dos Santos Mártires – Ordem Terceira do Carmo – Arraial do Tejuco

Categoria	Irmandades e Confrarias			
Ordem Terceira do Carmo				
Organista Ana Maria dos Santos Mártires				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
01		10.3.39.03	01	Notas
02		10.3.39.10	01	Notas Articuladas
03		10.3.39.32	04	Notas Articuladas
04		10.3.39.45	01	Notas Articuladas

Fonte: Pastas. 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL – UFMG -Compilação de Rachel de Ulhôa

O segundo documento deste conjunto é classificado como Notas Articuladas, compila registros referentes a Ana Maria dos Santos Mártires, como: seu registro no livro dos professores; referência a seu padrasto (José Ribeiro da Silva) e o seu pagamento de anuidade; sua isenção de anuidade em troca de tocar o órgão; sua adesão à Ordem Terceira do Carmo e, o registro de seu falecimento em 1806 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.10).

Sequencialmente neste agrupamento o documento também classificado como Notas Articuladas abarcando as folhas 01 e 02, apresenta as transcrições dos registros referentes a Ana Maria dos Santos Mártires, provavelmente no Livro de Termos. Na terceira folha, apesar de ter no seu cabeçalho os nomes da mãe (Joanna dos Martes [*sic* – Mártyres]) e do padrasto (João Ribeiro da Silva) de Ana, traz os registros ordenados anualmente dos principais acontecimentos com a organista. Na quarta folha encontra-se igualmente uma nota do "Livro dos Irmãos professores"[869] com informações sobre a mesma organista(LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.32). Finalizando o documento com uma Transcrição Seletiva do Termo de Posse de Ana Maria dos Santos Mártires datado de 1778, acompanhado de registros da sua participação na Irmandade (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.45),

De uma análise geral, podemos verificar que não era comum a prestação de serviços por uma mulher artífice à Irmandade. Contudo, fica evidenciado a excepcionalidade do caso tendo em vista que Ana Maria era cega, salienta-se o fato de seus serviços cobrirem as despesas de sua anuidade junto a Ordem Terceira do Carmo. Assim, neste conjunto, consideramos que seus serviços se revelam como permuta laboral fazendo dela uma das primeiras mulheres mineiras a exercerem profissionalmente um ofício, nesse caso o de música.

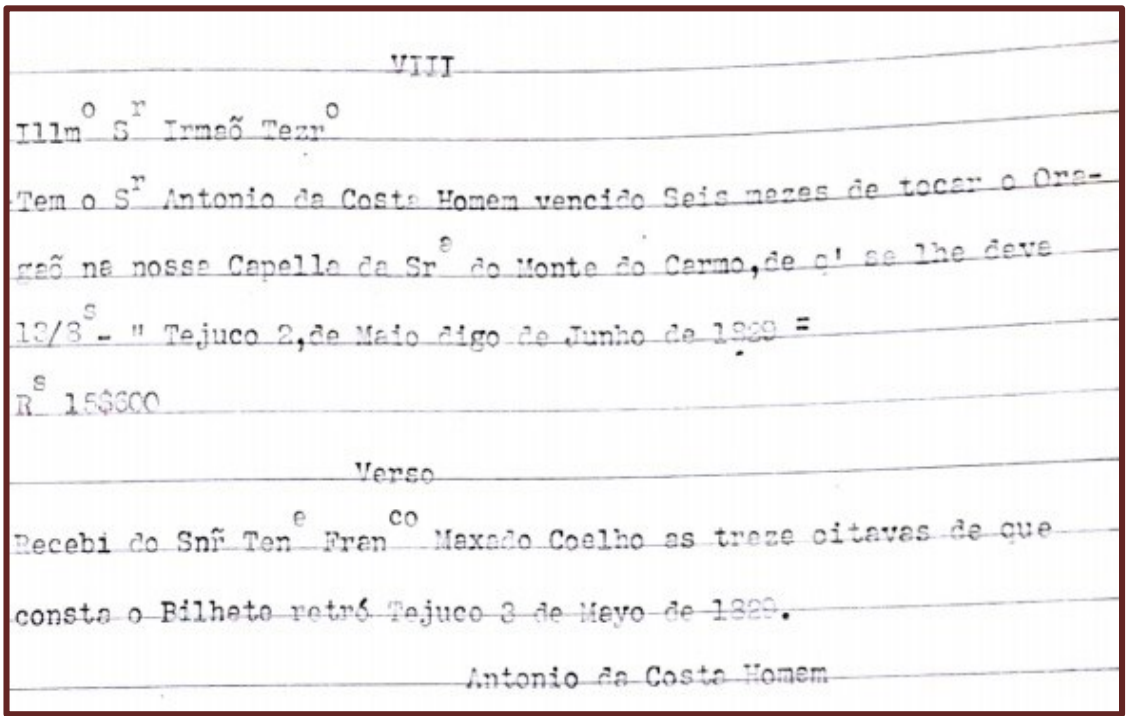
4.1.1.4 Antônio da Costa Homem – Ordem Terceira do Carmo

Um documento de 4 páginas é dedicado ao organista Antônio da Costa Homem.[870] Contém a transcrição de recibos de tocar o órgão junto à Ordem Terceira do Carmo dos anos de 1818 a 1822, 1824 e 1829, onze anos se consideramos de 1818 a 1829. Do ano de 1818 a 1824 registra-se que recebeu 26 (vinte e seis) oitavas de ouro, sendo 6 oitavas para ao seu escravo de tocar o fole.

---

[869] Reforçamos que, pelo menos nas pastas 10.3.35 e 10.3.39, não encontramos registro do Livro dos professores da arte da música.
[870] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.06

Figura 27 – Cópia de Transcrição Recibo de Antônio da Costa Homem – Ordem Terceira do Carmo – 2 de junho de 1829 – Arraial do Tejuco



VIII

Illm^o S^r Irmaõ Tez^o

Tem o S^r Antonio da Costa Homem vencido Seis mezes de tocar o Orgaõ na nossa Capella da Sr^e do Monte do Carmo, de q' se lhe deve 13/8^s - " Tejuco 2, de Maio digo de Junho de 1829 =

R^s 15$300

Verso

Recebi do Snr Ten^e Fran^co Maxado Coelho as treze oitavas de que consta o Bilhete retró Tejuco 3 de Mayo de 1829.

Antonio da Costa Homem

Fonte: LANGE, BRUFMGCL 10.3.35.06

Separamos o último registro do documento referente aos recibos de Antônio da Costa Homem dada as características distintas dos demais (Figura 27). Em primeiro lugar demonstra o atraso do pagamento do organista, um ordenado "vencido a seis mezes [meses] de tocar o orgaõ [órgão]". Em segundo lugar ainda o registro da dívida para com o organista de 13 (treze) oitavas de ouro, uma diminuição de 5 (cinco) oitavas de ouro ao ano de 1824. Essa, segundo consta, corresponderia a 15.300 réis. E finalmente no verso o pagamento da mesma retroativo. Consideramos que esse apontamento indica a dificuldade da Ordem Terceira em honrar com os seus compromissos financeiros já na primeira metade do século XIX.

4.1.2 Irmandades do Santíssimo. Sacramento da Capela de Sto. Antônio do Arraial do Tejuco (1759-1839) e do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe (1768-1819)

Tendo em vista que são da mesma congregação, analisamos as duas Irmandades do Santíssimo Sacramento, da Vila do Príncipe do Serro do Frio e do Arraial do Tejuco, conjuntamente. Vejamos em primeiro lugar a organização de Leigos do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio do Arraial do Tejuco (1759-1839).

Segunda Irmandade a ter sua documentação acondicionada nos arquivos de Curt Lange, apresenta duas sequências distintas de seus sete documentos com 45 folhas (Quadro 36). Uma integrada por documentos arquivados do 10º ao 15º desta pasta (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35) e a outra sequência documentos 43 e 46, localizados em outra pasta (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39). Salientado que entre uma sequência e outra foram acondicionados documentos de várias outras Irmandades e Confrarias, cabe supor que depois de longo período Curt Lange tenha voltado a estudar a documentação referente ao Santíssimo Sacramento do Tejuco.

Quadro 36 - Agrupamento documental da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco

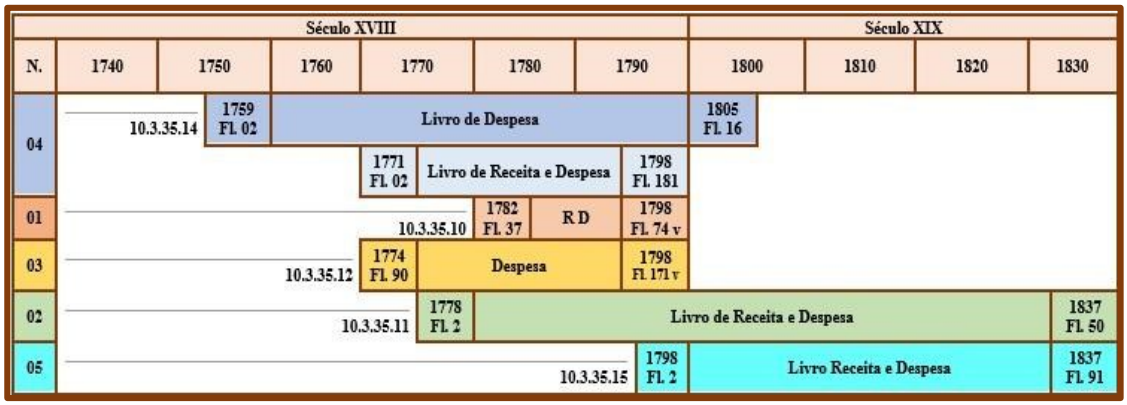
Categoria		Irmandades e Confrarias							
Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de St. Antônio do Arraial do Tejuco									
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação	Temática				
	10.3.35	10.3.39			01	02	03	04	05
01	10.3.35.10		07	Trans. S. L. Receita e Despesas 2 – 1771 - 1798 (receita 1782 a 1798)					
02	10.3.35.11		03	Trans. S. L. Receita e Despesas 3 – 1778 - 1837 (Receita)					
03	10.3.35.12		12	Trans. S. L. Receita e Despesas 2 – 1771 - 1798 (Desp. 1744 a 1798)					
04	10.3.35.14		06	Trans. S. L. Receita e Despesas 1 – 1759 - 1805					
05	10.3.35.15		15	Trans. S. L. Receita e Despesas 5 – 1798 - 1837					
06		10.3.39.43	01	Listagem	Escravos	Torre	J. J. Emerico	Festas	
07		10.3.39.46	01	Listagem	Escravos			Cortejo	Igr. Imagens

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

A primeira sequência de documentos são transcrições selecionadas pelo musicólogo dos cinco Livros de Receita e Despesa da Irmandade. Os documentos de

10 a 16[871] trazem as transcrições dos seus cinco livros de registros, replicados abaixo para melhor entendimento (Quadro 37).[872]

Quadro 37 - Detalhamento dos cinco livros de Receita e Despesa da Ir. do St. Sacramento do Arraial do Tejuco



Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Iniciemos pelo documento do Livro de Receita e Despesa entre 1771 a 1798, abarcando um período de 27 anos (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.10). Os registros da música são transcritos a partir de 1782 como registros de receita. Iniciam-se na folha 37 e concluem no biênio 1797/1798 a folha 74 - verso do códice. O autor registra que o livro é dividido em Receita que corre das folhas 02 a 75 entre 1771 a 1798 e Despesa das folhas 90 a 173, correspondente aos anos de 1774 a 1798 sendo que das folhas 173 – verso a 181 as folhas estão em branco".

O próximo documento traz as transcrições de 41 anos do Livro de Receita e Despesa entre 1798 e 1839 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.11). Os registros das "receitas dos rendimentos" com a música foram transcritos no ano de início do livro,

---

[871] O documento 10.3.35.13 foi desconsiderado, por trazer uma listagem numérica, sem maiores informações.

[872] Não impactando nas informações coletadas dos registros transcritos, esclarecemos que no livro XVIII, apesar de se tratar de um único documento (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.14) tem seu conteúdo replicado nos dando a impressão que são dois livros distintos (LANGE, 1982, p. 207-209 e p. 209-215)

em 1798, e iniciam-se na folha 02 do códice, numa extensão até à folha 50 em um livro de 80 páginas de registros, além de outras 10 em branco que sugerem uma previsão de preenchimento não concluído.

O documento seguinte do qual Curt Lange extrai a informação que "[...] no que se refere à festividade do Corpo de Deus [as despesas] foram pagas, com outras, pela Casa da Administração dos Diamantes" (e cujo conteúdo foi publicado em LANGE, 1982, p. 207 a 209), registrando que contém o Livro de Receita e Despesas de 292 folhas bastante deterioradas "pela humidade, faltando quase todas as folhas" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.14). Os registros de despesas com a música se iniciam na folha 02 do biênio 1759 - 1760 indo até a folha 16 do biênio 1804 - 1805, nos remetendo a um período de 46 anos em que Curt Lange registra em uma nota que "impedimentos diversos impediram continuar com a revisão deste Livro desfalcado".

O penúltimo documento desta sequência traz as transcrições do Livro de Despesa com registro de início do ano 1799, sem apresentar uma data final, cujas transcrições de despesa com a música se iniciam na folha 01 sendo essas transcritas até à folha 86 do biênio 1832 – 1833 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.11). Para a análise nesta pesquisa, consideramos especificamente o período de 34 anos entre 1799 e 1833. Numa sequência de transcrições destas despesas em oitavas de ouro, registra-se que no biênio 1820 - 1821 os apontamentos passam a ser realizados em mil réis.

O último livro desta transcrição seletiva realizada por Francisco Curt Lange nos remete ao Livro de Receita e Despesa sem indicação de datas de início e fim dos documentos registrados, à exceção da indicação do ano de 1774 para as despesas com a música na folha 90, sendo essas transcritas até à folha 165 do biênio 1795 – 1796 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.12). Assim, consideramos para análise o período de 52 anos que contempla as datas entre 1774 e 1796.

Os dois documentos que encerram o agrupamento selecionado neste levantamento se encontram na Pasta 10.3.39 e são constituídas por listagens de registros de vários temas, que acabariam por subsidiar as temáticas presentes no

texto de Curt Lange do Livro XVIII[873], e em que cinco documentos são reproduzidos. Consideramos pertinente registrar que sendo essa uma característica de todos os Livros (I, II, V e XVIII) que integram a Coleção História da Música na Capitania Geral de Minas Gerais, Curt Lange em sessões denominadas de "Documentação" transcreve integralmente o conteúdo de alguns documentos denominados neste levantamento por Documentos de Referência.

A Irmandade do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio é a única organização de leigos da localidade a ter seus documentos coletados por Curt Lange. Classificada como quarta na ordem cronológica arquivada, dois são os documentos acondicionados (Quadro 38): o primeiro, uma folha do Livro de Termos da Irmandade e, o segundo, oito folhas do seu Livro de Receitas e Despesas de 1768 a 1819.

Neste conjunto, verificamos que os dois documentos foram acondicionados em lugares bem distintos: o primeiro na posição 38 de 50 da pasta 10.3.35; e o segundo, na posição 44, de um total também de 50 documentos referentes ao Arraial do Tejuco e à Vila do Príncipe do Serro do Frio, da Pasta 10.3.39.

Quadro 38 - Agrupamento Documental da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio

Categoria		Irmandades e Confrarias				
Irmandade do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio						
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folha	Classificação	Temática	
	10.3.35	10.3.39			01	02
01	10.3.35.38		01	Trans. Seletiva (Livro de Termos)	Festas	
02		10.3.39.44	08	Trans. S. (L. Receita e Despesa 1768 - 1819)		Pg. Música e Músicos

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

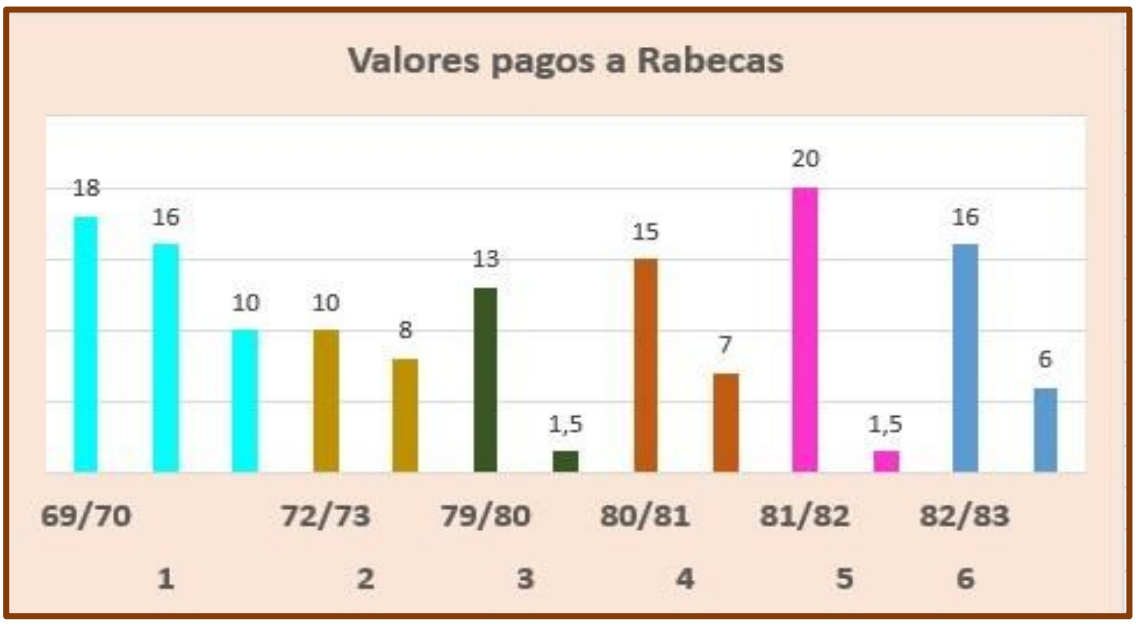
Os registros no Livro de Receitas e Despesas com a música é bem detalhado com especificação nominal do prestador e do serviço realizado. Chama a nossa atenção uma grande variação de valor pago a certas categorias de músicos, seja de

[873] LANGE, 1982, p. 179 a 191.

um mesmo registro vocal, seja de um mesmo instrumento, como o exemplo abaixo que compila registros referentes ao pagamento pela performance das rabecas entre anos 1769 e 1783 (Gráfico 03), e que confirma a diferenciação no pagamento a estes musicistas.

Para ilustrar uma realidade de ambiguidade no pagamento das atuações musicais que não foram contempladas por Curt Lange, na releitura documental destacamos dois exemplos de pagamento a músicos de rabeca neste conjunto: o primeiro do biênio 1779-1780 e o segundo do biênio 1782-1783. O primeiro, anotado no valor de 13 (treze) oitavas de ouro, encontramos referência aos músicos "[...] Felipe de Souza Caldas do mesmo tocar rabeca e seu aprendiz Bernardo nas Domingas e Semana Santa". O segundo exemplo, de forma semelhante no biênio 1782-1783, atribui o valor de 16 (dezesseis) oitavas de ouro "A Felipe Caldas e João de tal de tocar duas rauecas [rabecas]". Nestes dois casos é possível analisar sob diferentes perspectivas estes dois exemplos semelhantes: por um lado, o fato de se atribuir um pagamento único a dois músicos que demonstrava um a questão hierárquica assumida socialmente; a questão que, provavelmente, o "mestre" seria responsável pelo recebimento do valor total e distribuição deste com seu discípulo ficaria a seu encargo segundo seu próprio entendimento, remetendo a dinâmicas de poder entre músicos e o conceito de ensino-aprendizagem prático, cuja arena de concertos ou atuações performáticas, que eram o principal palco de desenvolvimento musical, surgir refletido nestes exemplos. Diante disso, podemos levantar a hipótese que o nível técnico dos cantores e instrumentistas era diferenciado e subjacente a uma hierarquia socialmente aceite num contexto de mestres e aprendizes convidados.

Gráfico 2 – Valores nominais pagos aos Rabequistas da Ir. Do Santíssimo Sacramento - período de 1769 a 1783



Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.44 – Pasta 10.3.39 Subsérie 10.3 ACL/ UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

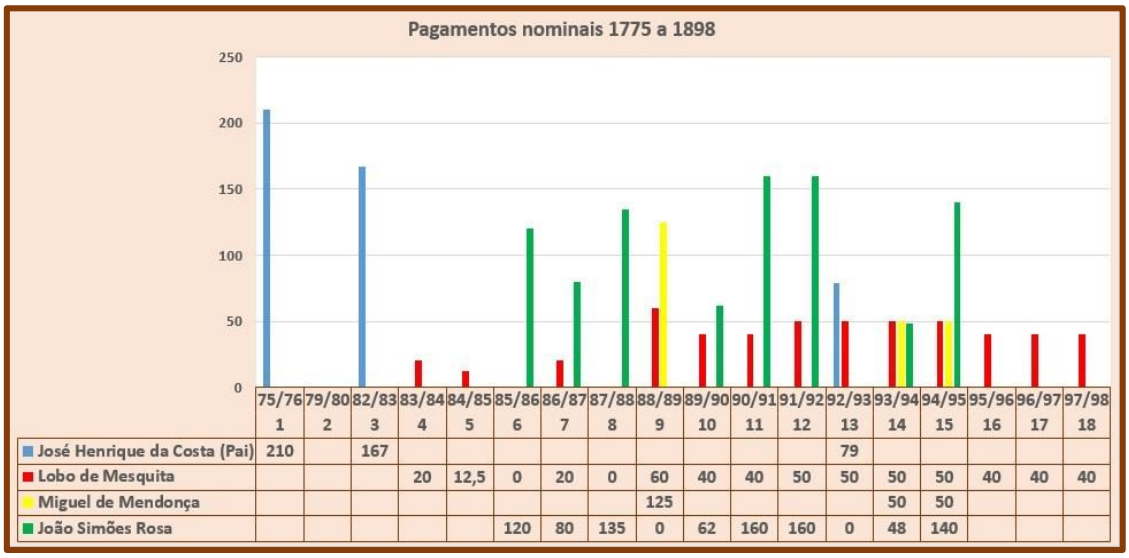
Observa-se também que, como destacado por Curt Lange no Livro XVIII, a quantidade de músicos para um evento variava entre nove e doze músicos, em articular em algumas ocasiões específicas como a Semana Santa, como se verifica no registro referente à regência musical. Destacamos três deles:

> A Felipe da Costa Ribeyro de **reger** a múzica [música] tocar raueção [rabecão] e dous [dois] triples para a muzica [música] da Corrente Semana Santa – 22 [vinte e duas oitavas de ouro];
> Ao Alferes Pedro Rodrigues Lamarxa de **reger** a múzica [música] e cantar temor – 8 [oito oitavas de ouro];
> A Felipe da Costa Ribeiro na dita múzica [música] de cantar e **reger** a mesma – 12 [doze oitavas de ouro] (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.44)

A partir dos dados coletados por Curt Lange, foi possível analisar as informações contidas na documentação reunida por este musicólogo. Ao elaborar um gráfico contendo os apontamentos de gastos nominais, da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco com a música (ver Gráfico 02), foram identificados nove músicos que no decorrer do período de 1763 a 1800 receberam

por serviços de música na Irmandade. Sem o auxílio de um Livro de Termos de Ajuste que certamente detalharia os acordos realizados entre os músicos e a Irmandade, reunimos informações dos registros da receita e despesa tentando recriar as condições para uma análise de dados equitativa.

Gráfico 3 - Registros de pagamentos nominais 1775 a 1800 - St. Sacramento - Arraial do Tejuco



	75/76	79/80	82/83	83/84	84/85	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91	91/92	92/93	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
José Henrique da Costa (Pai)	210		167										79					
Lobo de Mesquita				20	12,5	0	20	0	60	40	40	50	50	50	50	40	40	40
Miguel de Mendonça									125					50	50			
João Simões Rosa						120	80	135	0	62	160	160	0	48	140			

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

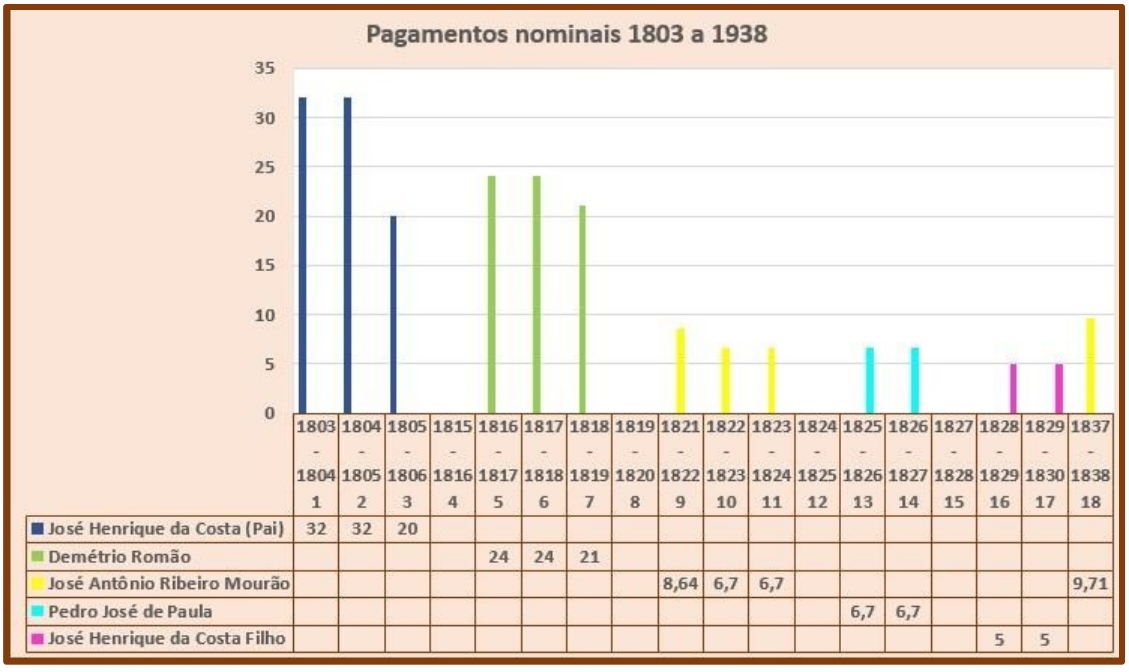
A fim de possibilitarmos uma comparação entre os valores recebido pelos músicos, selecionamos os registros de quatro músicos em específico[874]: Jozé Henrique da Costa (Pai), Lobo de Mesquita, Miguel de Mendonça e João Simões Rosa. Verificamos que nos biênios de 1775-1776 e 1782-1783, Jozé Henrique da Costa (Pai) arrematou a música nos valores de 210 (duzentas e dez) e 167 (cento e sessenta e sete) oitavas de ouro, respectivamente. Já nos biênios 1785-1786 a 1794 -1795, com exceção de 1788-1789 onde se registra que o arremate está em nome de Miguel de Mendonça que recebe 125 (cento e vinte e cinco) oitavas de ouro, e o biênio 1783 - 1784 que não verificamos registro algum. João Simões Rosa é destaque

[874] Os registros dos demais três são muito esparsos.

ficando em evidência por 10 anos (1785 a 1795), arrematando a música por valores variados.

No período de trinta e cinco anos, entre 1803 e 1838 (Gráfico 04), relacionamos cinco dos sete músicos que possuem registros do Livro de Receita e Despesa. A expressiva diminuição de valores a eles pagos pela Irmandade é notória, cujo maior exemplo remete a Jozé Henrique da Costa (Pai) que recebe consecutivamente no biênio 1803-1804, 32 (trinta e duas) oitavas de ouro, em 1803 - 1804, também 32 (trinta e duas) oitavas de ouro, e em 1805-1806, somente 20 (vinte) oitavas de outro. Vinte e dois anos após, nos biênios 1828 - 1829 e 1829 - 1830, Jozé Henrique da Costa Filho recebe pela música 5 (cinco) oitavas de ouro.

Gráfico 4 - Registros de pagamentos nominais 1803 a 1838 – St. Sacramento do Arraial do Tejuco

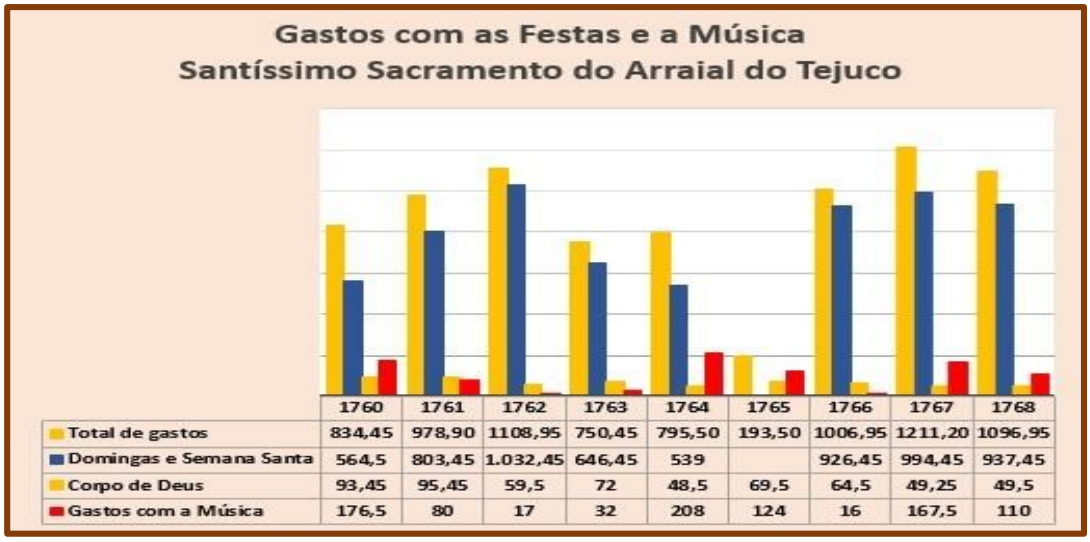


	1803 - 1804 1	1804 - 1805 2	1805 - 1806 3	1815 - 1816 4	1816 - 1817 5	1817 - 1818 6	1818 - 1819 7	1819 - 1820 8	1821 - 1822 9	1822 - 1823 10	1823 - 1824 11	1824 - 1825 12	1825 - 1826 13	1826 - 1827 14	1827 - 1828 15	1828 - 1829 16	1829 - 1830 17	1837 - 1838 18
José Henrique da Costa (Pai)	32	32	20															
Demétrio Romão					24	24	21											
José Antônio Ribeiro Mourão									8,64	6,7	6,7							9,71
Pedro José de Paula													6,7	6,7				
José Henrique da Costa Filho																5	5	

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Observemos outro aspecto passível de análise. No Gráfico 05 apresentamos uma síntese dos gastos totais realizados pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, comparando-os com os gastos pagos exclusivamente à música.

Gráfico 5 - Comparação dos gastos com a música em relação aos gastos totais da Irmandade – St. Sacramento – Arraial do Tejuco

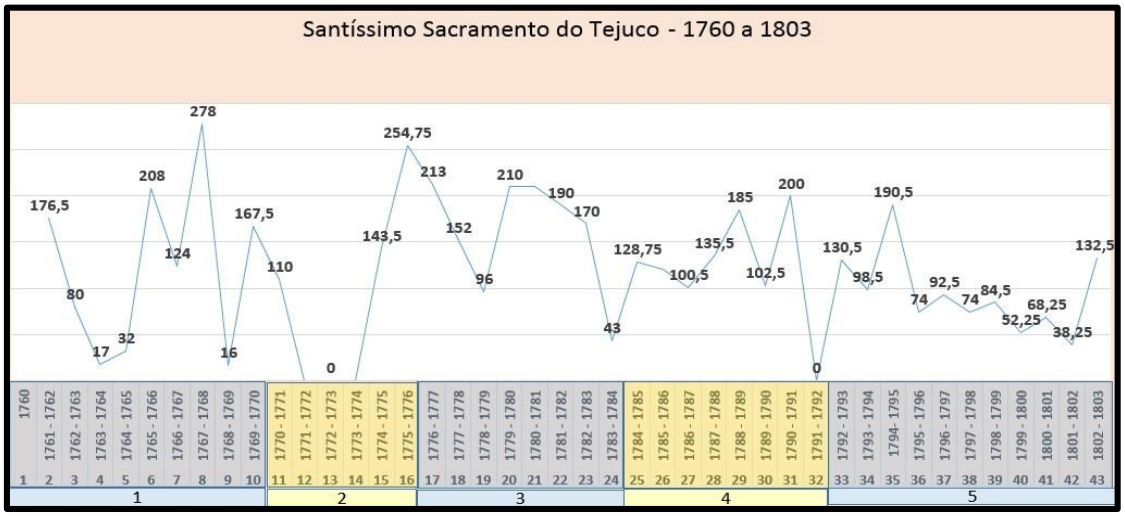


	1760	1761	1762	1763	1764	1765	1766	1767	1768
Total de gastos	834,45	978,90	1108,95	750,45	795,50	193,50	1006,95	1211,20	1096,95
Domingas e Semana Santa	564,5	803,45	1.032,45	646,45	539		926,45	994,45	937,45
Corpo de Deus	93,45	95,45	59,5	72	48,5	69,5	64,5	49,25	49,5
Gastos com a Música	176,5	80	17	32	208	124	16	167,5	110

Fonte: LANGE. BRUFMGBUCL 10.3.35.13- Pasta 10.3.35- Subsérie *10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa*

Verificamos que os gastos totais com a música, representam um percentual de 47% do total dos gastos com as festas pelas Irmandades, ao longo de oito anos. Bastante expressivo se analisado globalmente; quando analisado mensalmente se torna, ao nosso ver, bem menor já que verificamos que os gastos com a remuneração dos serviços dos músicos correspondem a 10% dos gastos totais da Irmandade. Nesse sentido, entendemos que a suntuosidade das festas religiosas, e a consequente distribuição de riqueza advinda da extração do ouro e do diamante, em princípio nos leva a crer que era estendida aos músicos. Contudo, consideramos que os valores a eles pagos eram bem menores do que o imaginado, ao se analisar rapidamente a sua remuneração nos levando a concluir: a música litúrgica no setecentos era valorizada e os músicos não o eram. Mas observemos os gastos totais com a música de forma mais detalhada.

Gráfico 6 - Gastos com a música Irmandade do Santíssimo Sacramento – período de 1760 a 1803 – Arraial do Tejuco



Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.10 a 10.3.35 15 – Pasta 10.3.35 - Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Verificamos a possibilidade de dividirmos os gastos em nove períodos em acordo com as características de cada um deles. A fim de facilitar a visualização dividimos em dois gráficos. Vejamos o período de 1760 a 1803 (gráfico 06).

A importância deste tipo de análise é entendida, por exemplo, quando analisamos os dados do período cinco, 1792 a 1803. Após um biênio atípico (35º biênio – 1794/1795) onde os gastos com a música chegaram a 190 (cento e noventa) oitavas de ouro, os valores investidos na música oscilam de 74 (setenta e quatro) oitavas de ouro em 1795/1796 (36º biênio) e 52,5 (cinquenta e dois vírgula cinco) oitavas de ouro em 1798/1799 (39º biênio). Um declínio considerável que demonstra de forma clara o cenário do Arraial do Tejuco, nos citados anos, uma evidência concreta que contribui para explicar a saída de Lobo de Mesquita para Villa Rica em 1798.

A exceção do segundo período (1770 - 1771 -11º biênio a 1775 - 1776 - 16º biênio), que é marcado por um decréscimo nos investimentos com a música que chega a três biênios sem nenhum investimento (12º biênio – 1771 - 1772; 13º biênio 1772 - 1773; e 14º biênio 1773 - 1774), os primeiro, terceiro e quarto períodos têm

por característica uma grande flutuação no apogeu que excetuando alguns anos atípicos, ficam sempre em valores acima de 100 (cem) oitavas de ouro.

Entre o ano de 1760 (Ano 01) ao biênio 1769 - 1770 (10º biênio), verificamos o primeiro período de flutuação no apogeu de investimentos da música. Apesar de quatro biênios atípicos – 1763 - 1764 (4º biênio); 1764 - 1765 (5º biênio); e, 1768 - 1769 (9º biênio) – com valores abaixo de 32 (trinta e duas) oitavas de ouro, os investimentos são acima de 110 (cento e dez) oitavas de ouro, chegando a 278 (duzentos e setenta e oito) oitavas de ouro.

O terceiro período (1776 - 1777 -17º biênio a 1783 - 1784 -24º biênio) os valores, a exceção do 19º biênio (1778 - 1779) cujos investimentos foram de 96 (noventa e seis) oitavas de ouro, em nenhum outro biênio os valores são menores que 143,5 (cento e quarenta e três vírgula cinco) oitavas de ouro, apesar de seu ápice de investimento ser de 213 (duzentas e treze) oitavas de ouro no seu início em 1776/1777 (17º biênio).

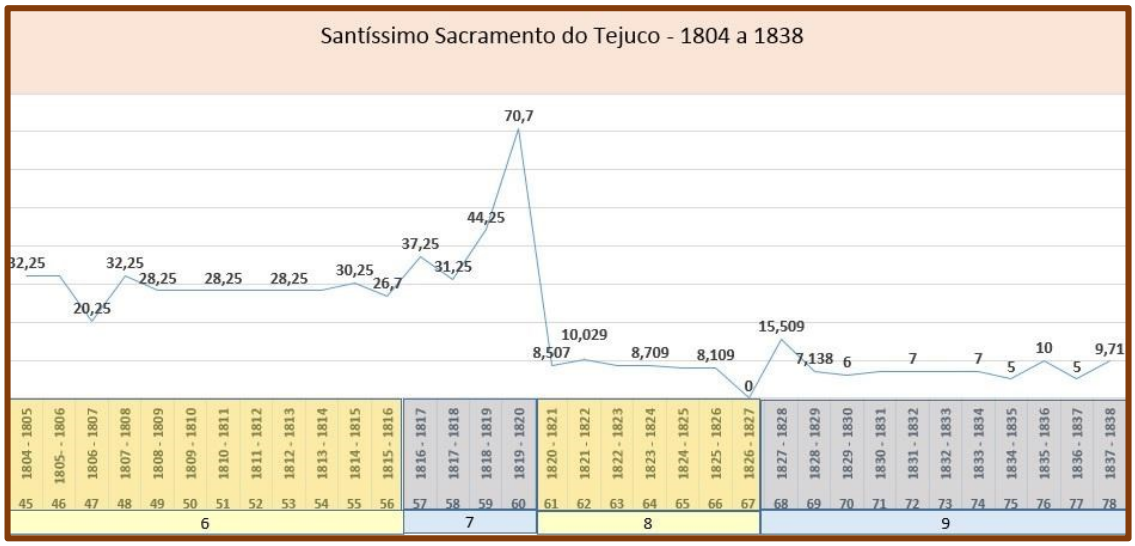
Já o quarto período que apesar de preservar a tendência de flutuação sempre acima de 100 (cem oitavas) de ouro, atinge seu pico no penúltimo biênio do período (31º biênio- 1790 - 1791), com uma queda vertiginosa que chega aos o (zero) de investimentos na música no seu último biênio (32º biênio- 1791 - 1792).

Diferenciado dos já descritos encontramos o quinto período (1792 - 1793 - 33º biênio a 1802/1803 -43º biênio), que apesar de parecer que será marcado pela recuperação dos investimentos na música - visto que se inicia com um investimento de 130,5 (centro e trinta vírgula cinco) oitavas de ouro (33º biênio 1792 - 1793), possui um pico de 190,5 (cento e noventa vírgula cinco) oitavas de ouro, no seu terceiro biênio (35º biênio- 1794 - 1795) – a exceção do seu último biênio (43º biênio- 1802/1803) será sempre flutuante abaixo das 98,5 (noventa e oito vírgula cinco) oitavas de ouro, chegando a 38,25 (trinta e oito vírgula vinte e cinco) oitavas de ouro no seu penúltimo biênio (42º -biênio 1801 - 1802).

Chamando a atenção para o fato de agora iniciaremos a analisando a movimentação dos investimentos na música na primeira metade do oitocentos (Gráfico 07), portanto, a fase da opulência do ciclo do ouro e do diamante a muito já havia se encerrado, consideramos que ao contrário dos primeiros cinco períodos de

investimentos na música da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco, mesmo tendo em vista que desde a fase anterior a tendência é sempre descendente, consideramos que os próximos períodos podem ser considerados de uma flutuação na decadência.

Gráfico 7 - Gastos com a música Irmandade do Santíssimo Sacramento – período de 1804 a 1838 – Arraial do Tejuco



Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.10 a 10.3.35 15 Pasta 10.3.35 - Subsérie 10.3 ACL-UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

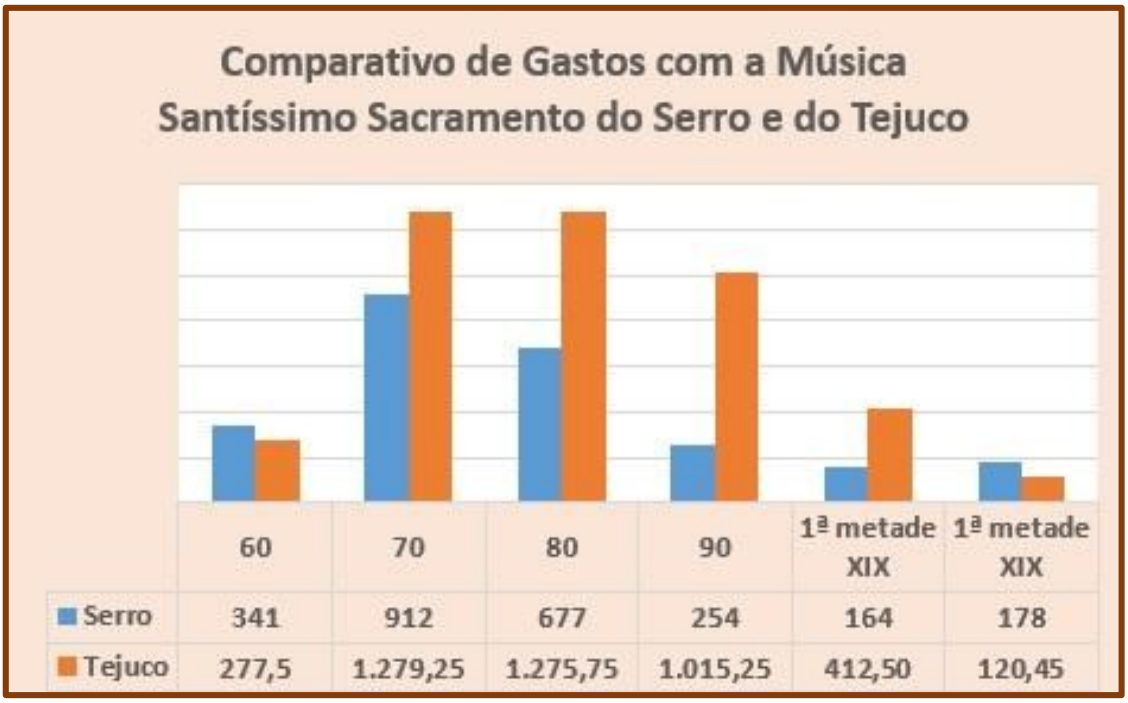
Excetuando o sétimo período (1815 - 1816 -46º biênio a 1819 - 1820 - 60º biênio), onde se ensaia uma linha ascendente, mas breve -- verificada no seu segundo biênio (58º biênio- 1817 - 1818) de 31,25 (trinta e um vírgula vinte e cinco) oitavas de ouro para seu último biênio (60º biênio 1818 - 1819), para 70,7 (setenta vírgula sete) oitavas de ouro – a tendência dos demais períodos é de flutuação na decadência.

O sexto período (45º biênio 1804- 1805 ao 46º biênio 1815- 1816) flutua entre a casa das 20 (vinte) oitavas de ouro a das 40 (quarenta) oitavas de ouro, sendo preponderante uma média de investimentos na música de 28 (vinte e oito) oitavas de ouro. No oitavo período (1820 - 1821 - 61º biênio a 1826 - 1827 - 67º biênio), os investimentos não ultrapassam 10 (dez) oitavas de ouro. E, por último, o

nono período (1827 - 1828 - 68º biênio a 1837 - 1838 - 78º biênio) onde se constata que chegam a 5 (cinco) oitavas de ouro os valores pagos à música.

Confirmando a análise apresentada acima, chegamos ao último gráfico (Gráfico 08) envolvendo a Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Gráfico 8 - Comparativo valores gastos com a música Santíssimo Sacramento do Serro e do Tejuco



	60	70	80	90	1ª metade XIX	1ª metade XIX
Serro	341	912	677	254	164	178
Tejuco	277,5	1.279,25	1.275,75	1.015,25	412,50	120,45

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Vejamos um comparativo - na segunda metade do setecentos por décadas, e o oitocentos agrupados na sua primeira e na sua segunda metade - os gastos com a música do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio e no Arraial do Tejuco. A curva de valores gastos em princípio parece homogênea, sendo que entre as décadas de 1770 e 1780 no Arraial do Tejuco, percebe-se uma certa estabilidade, uma tendência que não se mantém entre a década de 1780 para a segunda metade do séc. XIX, onde a queda dos gastos com a música é acentuada. Destaque para o aumento de 14 (quatorze) oitavas de ouro da 2º em relação a 1ª década do séc. XIX no Serro, ocasião que um valor como esse, anteriormente

inexpressivo, é significativo visto que o ciclo do ouro e do diamante já havia se encerrado.

Diante desta nossa revisita aos dados coletados por Curt Lange, percebemos que ainda hoje, os documentos por ele reunidos possibilitam a extração de dados não tratados pelo musicólogo, podendo estes ainda subsidiar reinterpretações à luz de premissas teóricas contemporâneas.

4.1.3 Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (1751 – 1854)

A Terceira Irmandade identificada nas Pastas em ordem cronológica é a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Cinco itens integram seu agrupamento documental (Quadro 39). Três deles são transcrições dos Livros I, II e III de suas Receitas e Despesas. Os demais dois documentos, são síntese de informações, apesar de essas não terem sido realizadas na totalidade, ou de forma tão sistemática como em outras Irmandades como a Ordem Terceira Carmo ou da Confraria das Mercês, por exemplo (LANGE, BURFMGBUCL 10.3.35.16, 10.3.35.18 e 10.3.35.19).

Quadro 39 - Agrupamento Documental da Irmandade de N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco

Categoria		Irmandades e Confrarias					
Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos							
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação	Temática		
	10.3.35	10.3.39			01	03	04
01	10.3.35.16		05	Trans. Seletiva (L. R. e Despesa II) 1786 - 1808			
02	10.3.35.18		07	Trans. Seletiva (L. R. e Despesa I) 1751 - 1786			
03	10.3.35.19		10	Trans. Seletiva (L. R. e Despesa III) 1708 - 1845			
04	10.3.35.23		01	Pequeno Texto	Igr. e Imagens	Festa R.	Cortejos
06		10.3.39.48	01	Notas Articuladas	Igr. e Imagens		

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

O penúltimo documento da sequência é um registro em forma de um pequeno texto que, identificamos, foi replicado na íntegra no livro XVIII, na parte

dedicada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos[875] (LANGE, BUUFMGBUCL 10.3.35.23). Contudo, infelizmente não identificamos nas transcrições, por ele realizadas, dos três livros de receita e despesa referente ao período de construção da Igreja do Rosário. Esse dado para nós é importante porque permitiria esclarecer uma pequena dúvida em relação à data de início da construção da Igreja do Rosário, visto que se esclareceria um período de sete anos, de 1753 a 1759, de ausência de investimento na Festa do Rosário. Seria um erro de registro de datas no documento? Teria o próprio Curt Lange ou um colaborador anotado equivocadamente?

> Em 1755[876] é citado Jozé Soares, pintor. Entre 1765 e 1766 dão começo as obras da nova Igreja, ainda não concluídas inteiramente em 1786. Em 1772-73 é colocada a Imagem de Santa Efigênia, abençoada a Capela e prevista de novos castiçais dourados pelo pintor Silvestre de Almeida Lopes em 1774-1775, ano em que estão sendo concluídos os Altares novos, pintados por João de Bastos, em 1775-1776 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.23).

Isto posto, para explicação do não investimento na música para a Festa do Rosário entre 1753 a 1759, podemos seguir dois caminhos: considerar que houve um equívoco nos registros das datas, ou então nos atermos a uma afirmação de Curt Lange constante do Livro XVIII: "Só entre 1755 e 1759 não houve atividade musical, o fato dever ser atribuído à construção da Igreja"[877]

Pode se estar questionando o porquê da preocupação com a exatidão desta correspondência de datas. Justificamos tal fato, esclarecemos que a análise dos dados disponíveis nas transcrições dos três documentos de receita e despesa do Rosário nos levou a concluir que a movimentação dos valores gastos com a música é diferenciada em relação às já analisadas como a Ordem Terceira do Carmo e o Santíssimo Sacramento do Serro e do Tejuco. Contrariamente a essas, onde a

---

[875] LANGE, 1982, p. 380 a 413.
[876] No texto do livro está "Em 1777" provavelmente um erro de digitação (LANGE, 1982, p.380)
[877] LANGE, 1982, p. 147

flutuação de valores é acentuada e apesar das somas elevados aplicadas na música, especialmente nas décadas de 1780 e 1790, onde o movimento é de declínio acentuado, nos chama a atenção no Rosário, a constância nos valores investidos na segunda metade do setecentos e sua elevação na primeira metade do oitocentos. Com o objetivo de entendermos essa movimentação, elaboramos um gráfico para cada um dos três documentos que contêm as transcrições dos registros considerados por Curt Lange de relevância. Nos detivemos nos gastos dos 94 anos de registros com a música para a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Para efeito metodológico trabalhamos documento a documento.

Gráfico 9 - Valores da música da Festa do Rosário entre 1751 – 1787
Ir. de N. S. do Rosário do Arraial do Tejuco

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

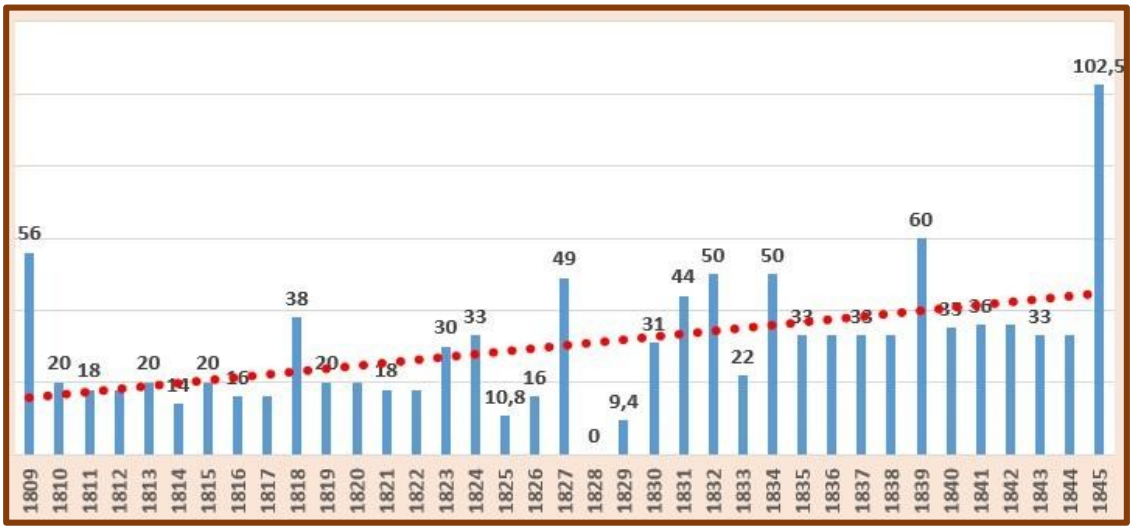
Detalhado no Gráfico 09, o primeiro documento contém os registros de valores da música da Festa de Nossa Senhora do Rosário no decorrer de 36 anos, de 1751 a 1787 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.18). Nesse período, excetuando o período de sete anos entre 1753 a 1759 que não se verifica o registro de gastos com a Festa, os investimentos na música são estáveis. As comemorações do dia da padroeira da Irmandade do Rosário, conforme os registros nesse documento, ficaram em uma faixa entre 20 (vinte) a 28 (vinte e oito) oitavas de ouro, com o destaque que durante 19 anos, de 1768 a 1787 os valores anuais ficaram fixos em 25 (vinte e cinco) oitavas de ouro.

Gráfico 10 - Valores da música da Festa do Rosário entre 1788 – 1808
Ir. de N. S. do Rosário do Arraial do Tejuco

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.16.
Compilação Rachel de Ulhôa

Os registros constantes, dos gastos com a Festa do Rosário, do segundo documento da receita e despesa da Irmandade, (Gráfico 10), correspondem a 20 anos, entre 1788 a 1808 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.16). A tendência continua a mesma: estabilidade e constância. Mantendo prioritariamente os valores acima de 20 (vinte) oitavas de ouro, não se distancia demasiadamente deste patamar. A menor quantia gasta chega a (18 dezoito) oitavas de ouro, entre 1806 a 1808; e a maior a 33 (trinta e três) no ano de 1800.

Gráfico 11 - Valores da música da Festa do Rosário 1809 – 1845
Ir. de N. S. do Rosário do Arraial do Tejuco.



Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.19
Compilação Rachel de Ulhôa

Levando em consideração que se trata da primeira metade do oitocentos, podemos verificar que o documento em tela é um dos mais curiosos (Gráfico 11). Excetuando alguns anos atípicos (1811 - 1812; 1814; 1816 - 1817; 1821 - 1822; 1825;1626; 1828; 1829) onde os valores investidos ficam abaixo das 18 (dezoito) oitavas de ouro, os valores ficam estáveis acima das 20 (vinte) oitavas de ouro apresentando uma linha de tendência ascendente (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.19).

Curt Lange registra uma nota junto ao registro de 56 (cinquenta e seis) oitavas de ouro, levantando a hipótese, uma vez que veremos essa junção de atividades musicais mais à frente, que "o gasto pela música deve achar-se incluído na soma global das despesas [despesas] da Novena, Festa de N. Snrª do Rosário e da posse que somam [...]" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.19).

Como dito anteriormente os picos de valores verificados no período (1809 a 1845) são explicados pela junção de eventos:

> [...] 1827 - Ao Diretor da música para o Te Deum, Novenas, Dia [provavelmente o dia da festa] e Posse [mesa diretora da Irmandade], 49 (quarenta e nove) oitavas de ouro; [...] 1831 – Novenas, Festa e Procissão, 44 (quarenta e quatro) oitavas de ouro; [...] 1832 – Música de toda a Festa e posse, 50 (cinquenta) oitavas de ouro; [...] 1834 Dinheiro da música da Festa ao Diretor Padre João Simões Rosa, 50 (cinquenta) oitavas de ouro; [...] 1839 A música, pela Festa, Te Deum e Procissão, 60 (sessenta) oitavas de ouro [...] (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.19).

Curt Lange, apesar de listar os valores pagos à música pela Irmandade do Rosário, também relaciona os gastos com a Festa da sua padroeira, sem, contudo, realizar qualquer consideração. A sua leitura dos dados se dedica ao levantamento dos nomes dos músicos que atuaram na Irmandade; e, a construção do sino da Igreja, enfatizando por meio de uma listagem uma síntese dos valores despendidos na sua construção de 197,2/4 e 7 (cento e noventa e sete, dois quartos e sete vinténs) de oitavas de ouro.

Salientamos a atuação na Irmandade do organista Antônio da Costa Homem que atuou, segundo os registros do Rosário, em 1808/1809 recebendo 18 (dezoito) oitavas de ouro "da múzica [música] da festa" e em 1821/1822 sendo a ele pago 5

(cinco) oitavas de ouro "pela múzica [música] do domingo de outubro, ocasião em que foi "Diretor da Múzica [música] Jozé Antônio Ribeiro Mourão" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.19).

Outro dado superficialmente comentado por Curt Lange é acerca das Festas dos Reinados. Entendemos que sendo estrangeiro e tendo marcadamente se dedicado a comprovação da existência de uma cultura erudita na Capitania de Minas Gerais, que uma Festa tão diferenciada do seu universo não tenha lhe despertado o interesse[878].

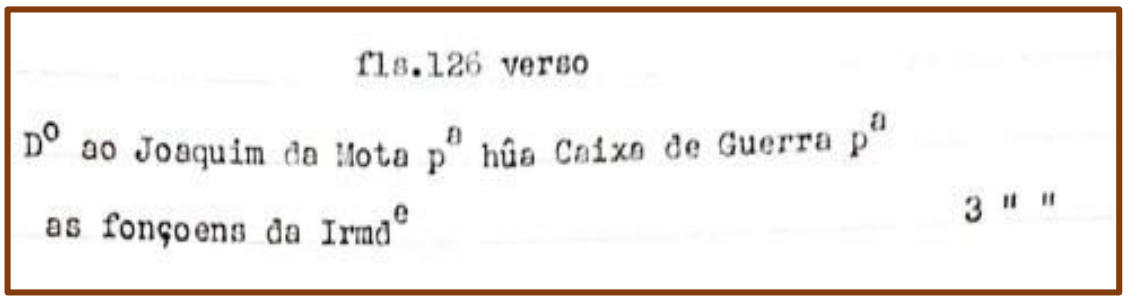
Nosso entendimento acerca da presença de pífanos, caixas de guerra e do pagamento de licença, provavelmente ao Senado da Câmara, para a sua utilização nos dias da Festa de Nossa Senhora do Rosário divergem da de Curt Lange. Na nossa interpretação a Festa do Rosário, a exemplo do que ainda hoje acontece, era integrada por dois momentos distintos: um similar as comemorações das outras Irmandades e Confrarias onde era realizada uma missa solene com música contratada para tal fim, sendo acompanhada de terço e novenas; e, outro com uma procissão diferenciada das demais irmandades e confrarias. Daí a importância das caixas de guerra e dos pífanos, uma vez que a procissão centrada na realização do Reinado, conta com um rei e uma rainha que em cortejo acompanhados por um Bando, grupo de músicos tocando pífanos, tambores (as caixas de guerra), circulam pela localidade levando o estandarte e a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Aliada ao fato de ser essa uma tradição secular que ainda hoje é anualmente realizada, com pequenas particularidades locais, em todo o Brasil, acreditamos ter encontrado no já referido documento registros que embasaram essa nossa conclusão (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.19).

---

878 No livro XVIII Curt Lange replica na integra em uma sessão intitulada Viagens no Tejuco no período 1808 – 1818, ao tratar do que denomina de "música e manifestações folclóricas" (LANGE, 1982, p. 454), trechos que extrai dos livros de Spix e Martius – Viagens pelo Brasil (edição de 1938) e de August de Saint-Hilaire – Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil (edição de 1941), das atividades musicais da Irmandade do Rosário e do Amparo (que veremos mais adiante). Consideramos que esse seja o único contato de Curt Lange com essas atividades.

Damos destaque a anotação encontrada no ano de 1822/1823 (Figura 28) que traz o texto: Dinheiro ao Joaquim da Mota para uma caixa de guerra **para as funções da Irmandade** [grifos nosso]; bem como a seguinte (Figura 29): Dinheiro para quatro pífanos comprados a Thomas Bernardo **para os toques da Irmandade** [grifos nosso]. Os termos "para as funções da Irmandade" e "os toques da Irmandade" nos levam a concluir que tanto as caixas de guerra, quanto os pífanos não integravam aleatoriamente às práticas do Rosário tinham funções específicas.

Figura 28 - Cópia da Transcrição do registro da compra de Caixas de Guerra Ir. N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco

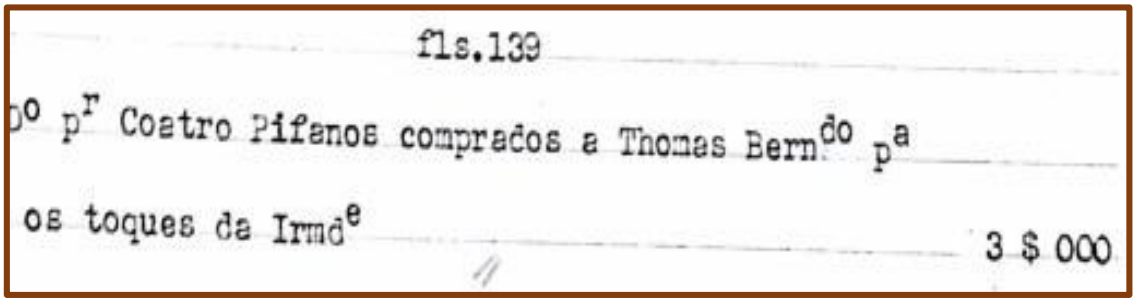

fls.126 verso

Dº ao Joaquim da Mota pª hûa Caixa de Guerra pª

as fonçoens da Irmdᵉ 3 " "

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.19 (1822 – 1823)

Figura 29 - Cópia da transcrição do registro da compra de Pífanos – Ir. . N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco


fls.139

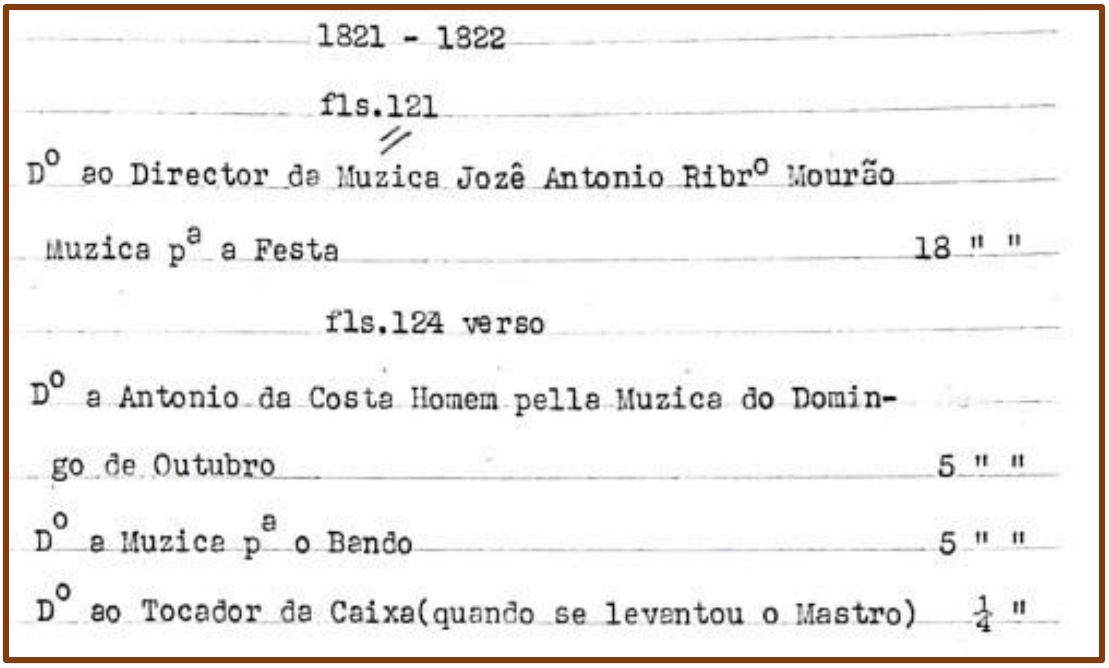
Dº pʳ Coatro Pifanos comprados a Thomas Bernᵈᵒ pª

os toques da Irmdᵉ 3 $ 000

Fonte: LANGE,, BRUFMGBUCL 10.3.35.19 (1826 – 1827)

Corrobora essa interpretação a série de registros encontrados no mesmo documento (Figura 30).

Figura 30 - Cópia da transcrição do registro de pagamentos diversos – Irmandade N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco



1821 - 1822

fls.121

Dº ao Director da Muzica Jozê Antonio Ribrº Mourão

Muzica pª a Festa 18 " "

fls.124 verso

Dº a Antonio da Costa Homem pella Muzica do Domingo de Outubro 5 " "

Dº a Muzica pª o Bando 5 " "

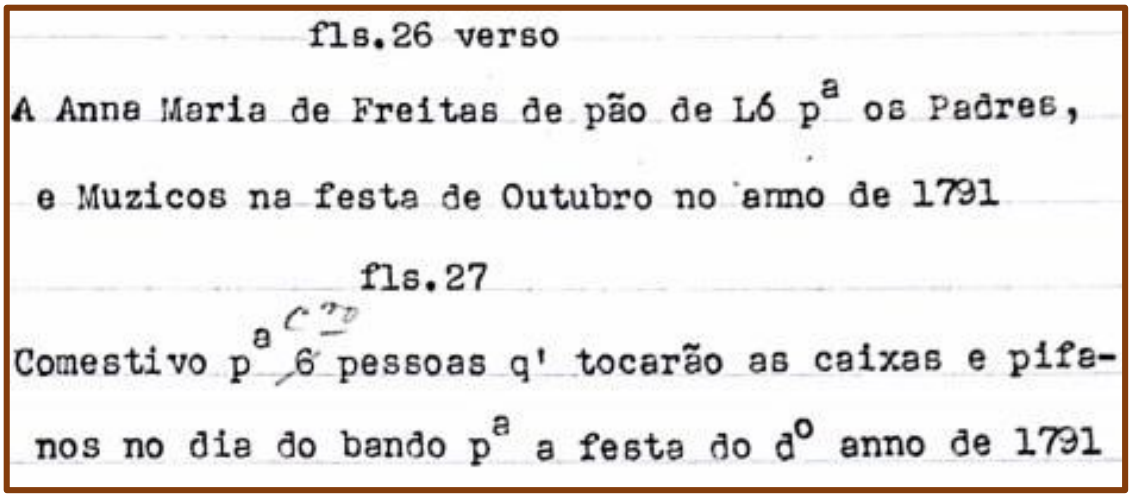
Dº ao Tocador da Caixa(quando se leventou o Mastro) ¼ "

Fonte: LANGE,, BRUFMGBUCL 10.3.35.19

Em 1821 - 1822 encontramos quatro registros distintos. O primeiro diz respeito a música da Festa. Nele lê-se: Dinheiro do Diretor da música Jozé Antônio Ribeiro Mourão para a Festa – 18 (dezoito) oitavas de ouro. O segundo, também presente em vários outros anos, geralmente com valores pagos também muito similares, diz respeito à missa do domingo próximo ao dia de Nossa Senhora do Rosário. O terceiro se refere ao "Bando". Assim como Terno, se refere ao conjunto de instrumentistas (tocadores de caixas e de pífanos) que acompanha um cortejo. No caso específico, ao cortejo de Nossa Senhora do Rosário. E por fim, o quarto registro que aponta o pagamento a um tocador de caixa.

Pertinente observarmos também outra especificidade dos registros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (Figura 31): o pagamento de comida, "comestivos" para os padres, músicos e para "pessoas que tocarão as caixas e pífanos no dia do bando para a festa do anno [ano] de 1791" (LANGE, BRUFMGBUCL, 10.3.35.19).

Figura 31 - Cópia de transcrição do registro de valores pagos para alimentação dos integrantes da Festa do Rosário – Arraial do Tejuco



fls.26 verso

A Anne Maria de Freitas de pão de Ló p^{a} os Padres,

e Muzicos na festa de Outubro no anno de 1791

fls.27

Comestivo p^{a} 6 pessoas q' tocarão as caixas e pífa-

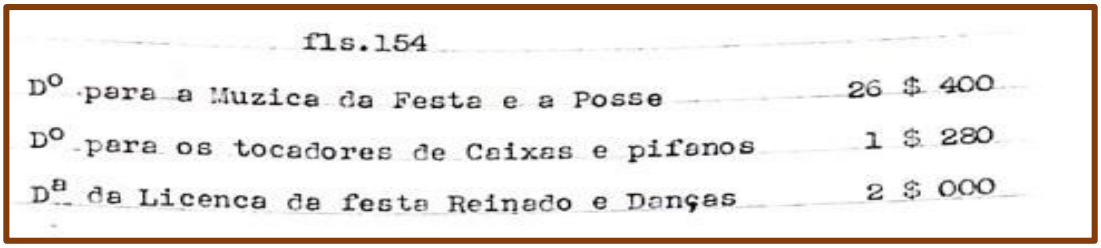
nos no dia do bando p^{a} a festa do d^{o} anno de 1791

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.16 (1791 – 1792)

Assim como divergimos da interpretação de Curt Lange acerca da quantidade de registros referentes aos pífanos e caixas que para ele demonstram "uma notória predileção pelos pífanos e caixas de guerra no período que se estende de 1825 a 1830"[879] e para nós refletem que esses instrumentos integravam a prática musical da Irmandade; também discordamos do seu entendimento acerca do pagamento de licença para a realização da Festa com suas danças ao som de caixas. Para Curt Lange, um reflexo do crescimento das despesas da administração e aumento da burocracia (LANGE, 1982, p. 381), para nós, uma tentativa de dificultar a realização das festas de tradição específica a comunidade da Irmandade do Rosário (Figuras 32 e 33).

[879] LANGE, 1982, p. 381

Figura 32 - Cópia de transcrição do registro de pagamentos da música, instrumentos e de Licença para Festa, Reinado e Dança – Ir. do Rosário – Arraial do Tejuco



fls.154

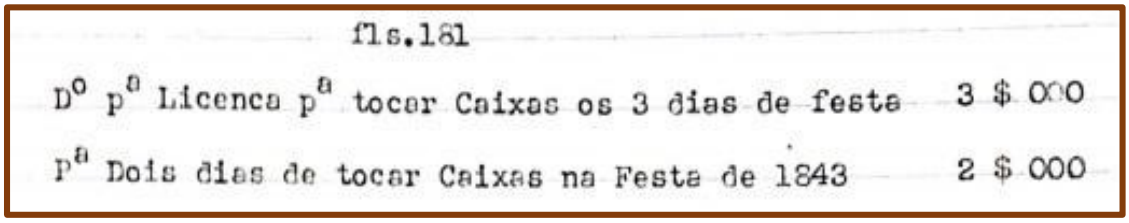
Dº para a Muzica da Festa e a Posse 26 $ 400

Dº para os tocadores de Caixas e pifanos 1 $ 280

Dª da Licença da festa Reinado e Danças 2 $ 000

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.19 (1833 – 1834)

Figura 33 - Cópia de transcrição do registro de pagamento de licença para tocar caixas na Festa do Rosário – Arraial do Tejuco



fls.181

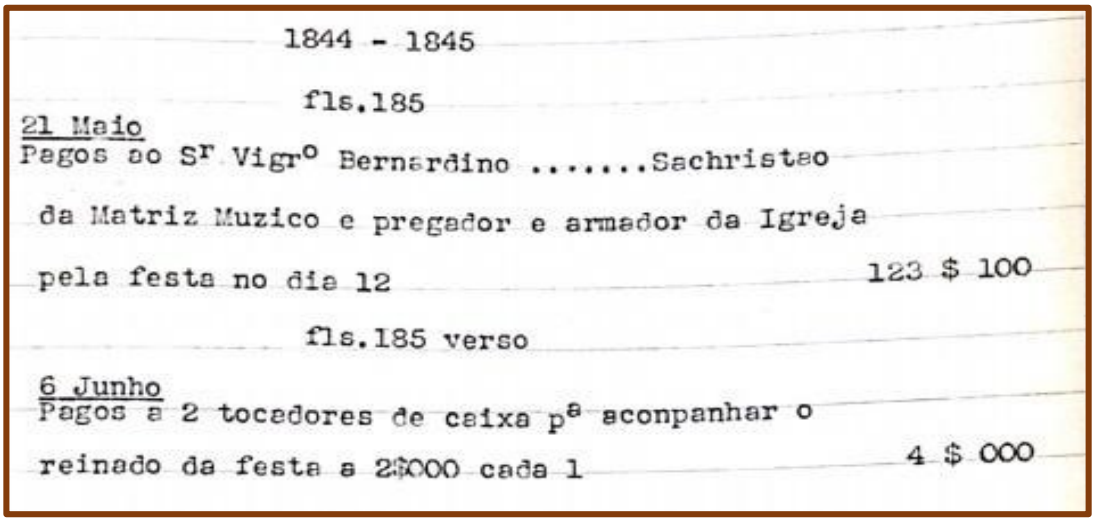
Dº pª Licença pª tocar Caixas os 3 dias de festa 3 $ 000

pª Dois dias de tocar Caixas na Festa de 1843 2 $ 000

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.19 (1842 – 1843)

Consideramos que esse registro também contribui para a nossa conclusão que havia momentos distintos nas comemorações à padroeira da Irmandade e que o Reinado era um destes. Finalizamos nossa análise da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Arraial do Tejuco replicando o último registro do Livro III de Receita e Despesas (Figura 34). Nele destacamos o pagamento do maior valor pago a música, em 1845, último ano de registro de 123$100 (cento e vinte e três mil e cem réis) o que convertido em oitavas de ouro corresponde ao valor de 102,5 (cento e dois vírgula cinco) oitavas de ouro. E ainda, o pagamento em 6 de junho "a dois tocadores de caixa para acompanhar o reinado da festa [...]".

Figura 34 - Cópia de transcrição do registro de pagamento pela Festa e ao tocador de caixa - 1844/1845
Ir. do Rosário – Arraial do Tejuco



1844 - 1845

fls.185

21 Maio
Pagos ao Sr Vigro Bernardino .....Sachristeo
da Matriz Muzico e pregador e armador da Igreja
pela festa no dia 12 123 $ 100

fls.185 verso

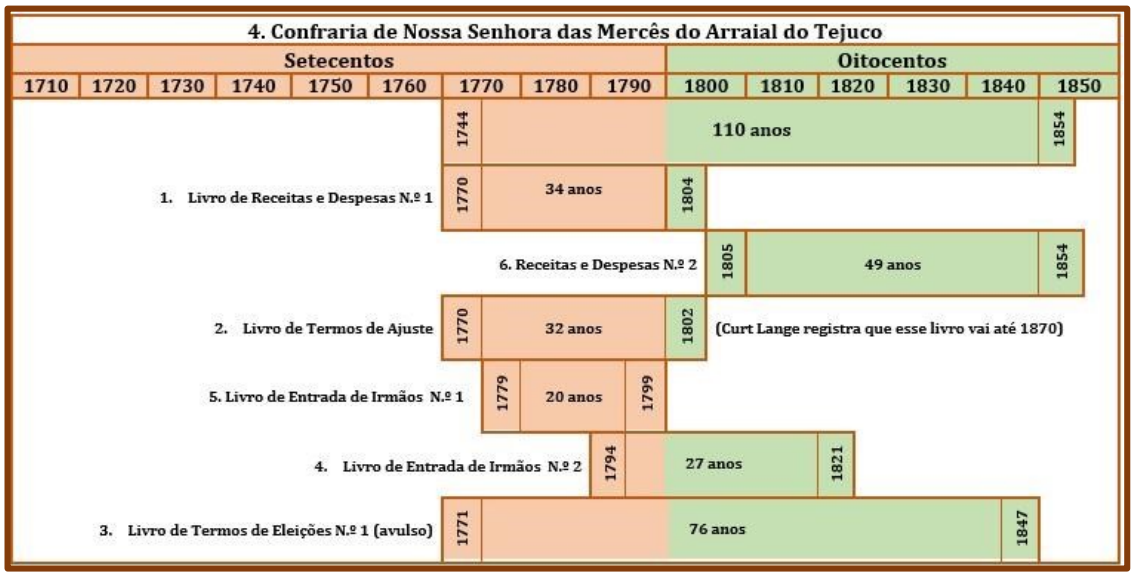
6 Junho
Pagos a 2 tocedores de caixa pa aconpanhar o
reinado da festa a 2$000 cada 1 4 $ 000

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.16

4.1.4 Confraria de Nossa Senhora das Mercês dos Homens Crioulos do Arraial do Tejuco (1770 – 1854)

A Confraria de Nossa Senhora das Mercês é a que mais nos traz informações, dada a diversidade de fontes coletadas (Quadro 40). São esses: dois Livros de Receita e Despesa, um Livro de Termos de Ajuste, dois livros de Entrada de Irmãos e um Livro de Eleições.

Quadro 40 - Cronologia de Livros oficiais da Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco



Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Seguindo o nosso método de estudo da organização dos documentos referentes aos estudos e transcrições de pesquisa de Curt Lange, chegamos à conclusão que o conjunto documental da Congregação das Mercês, em seus dezessete documentos (Quadro 41), possui 08 temáticas preponderantes: 1) de Abrangência Geral; 2) referentes a Lobo de Mesquita; 3) que registram a Entrada dos Irmãos Músicos; 4) que registram a construção da Igreja do Carmo e a compra de suas Imagens; 5) que descrevem as Festas e Novenas; 6) da doação de um órgão; e, 7) da construção do Sino.

Quadro 41 - Conjunto Documental - Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco

Categoria	Irmandades e Confrarias										
Confraria de Nossa Senhora das Mercês do Arraial do Tejuco (Confraria das Mercês)											
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação	Temática						
	10.3.35	10.3.39			01	02	03	04	05	06	07
01	10.3.35.21		01	Trans. Seletiva (Certidão de Missa Rezada)		J.J. Emerico					
02	10.3.35.22		01	Notas Articuladas		J.J. Emerico		Órgão			
03	10.3.35.44		02	Trans. Seletiva (Termo de Ajuste)	Geral						
04		10.3.39.04	05	Trans. Seletiva (T. de Entrada de Irmãos)			E. Músicos	Órgão			
05		10.3.39.05	01	Trans. Seletiva (T. de Entrada de Irmãos)			E. Músicos				
06		10.3.39.06	01	Trans. Seletiva (T.de Entrada de Irmãos)		J.J. Emerico					
07		10.3.39.13	04	Transcrição Seletiva (Termo de Ajuste)				Órgão	Sino	F. e Novenas	
08		10.3.39.16	02	Transcrição Seletiva (Termo de Ajuste)	Geral						
09		10.3.39.17	01	Notas Articuladas							Igr. Imagens
10		10.3.39.18	02	Trans. Seletiva (L. de Receita e Despesa) Doc. Ref.	Geral						
11		10.3.39.19	01	Transcrição Seletiva (Termo de Ajuste)	Geral						
12		10.3.39.22	04	Transcrição Seletiva (Livro de Eleições)		J.J. Emerico	E. Músicos				
13		10.3.39.23	07	Trans. Seletiva (L. de Receita e Despesa) Doc. Ref.	Geral						
14		10.3.39.24	02	Trans. Seletiva (L. de Receita e Despesa) Doc. Ref.	Geral						
15		10.3.39.30	02	Transcrição Seletiva (Livro de Eleições)		J.J. Emerico	E. Músicos				
16		10.3.39.37	02	Trans. Seletiva (T.de Entrada de Irmãos)			E. Músicos				
17		10.3.39.47	01	Notas Articuladas	Geral						Igr. Imagens

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Detalharemos cada uma destas temáticas conforme ficaram em evidência em cada um dos dezessete documentos analisados. Ressaltando que um mesmo documento pode fazer parte de uma ou mais temáticas, iniciamos o relato pelos documentos classificados como de Abrangência Geral. Esses registram fatos ou dados que dizem respeito à Congregação como um todo e evidenciam a normatização do seu funcionamento ou sua estrutura física de forma ampla.

4.1.4.1 Documentos de Abrangência Geral – Confraria das Mercês

Sete são os documentos desta temática (Quadro 42). Os três primeiros documentos são transcrições de Termos de Ajuste, dois são transcrições seletivas de dois livros de receitas e despesas da Confraria; um nos traz a transcrição de alguns trechos do Livro de Eleições para os cargos da sua administração; e, finalmente, uma série de transcrições do seu Livro de Termo de Entrada, sendo predominante a de músicos.

Apesar de serem três os Termos de Ajuste reunidos nessa temática, dois deles, o documento três e o documento oito, dizem respeito à mesma reunião (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.44 e 10.3.39.16). Esses documentos contém a decisão da mesa diretora da congregação que a 2 de setembro de 1772, determina

que a exemplo de “uns crioulos” que pleitearam o ingresso na confraria, todos seriam aceitos.

Quadro 42 –Documentos de Abrangência Geral – Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco

Categoria		Irmandades e Confrarias		
Confraria das Mercês - Arraial do Tejuco				
Temática		Abrangência Geral		
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
03	10.3.35.44		02	Trans. Seletiva (Termo de Ajuste)
08		10.3.39.16	02	Transcrição Seletiva (Termo de Ajuste)
10		10.3.39.18	02	Trans. Seletiva (L. de Receita e Despesa) Doc. Ref.
11		10.3.39.19	01	Transcrição Seletiva (Termo de Ajuste)
13		10.3.39.23	07	Trans. Seletiva (L. de Receita e Despesa) Doc. Ref.
14		10.3.39.24	02	Trans. Seletiva (L. de Receita e Despesa) Doc. Ref.
		10.3.39.37	01	Trans. Seletiva (Termo de Entrada)

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Contudo, apesar de aceitos, ficou vedado a esses a possibilidade de ocupar quaisquer cargos ou empregos na confraria sendo os mesmos de acesso exclusivo aos seus irmãos fundadores. Quanto a novos irmãos pretos, fica explícito a vedação, a esses, do uso da Opa [veste] da irmandade em atos públicos ou particulares, com a justificativa da irmandade “[...] ser sô [só] distinta pelos homens crioulos”. Outra ressalva foi que aos novos irmãos, fossem esses crioulos ou pretos, seria garantido os “sufrágios e indulgências” da irmandade, bem como o acompanhamento e sepultamento no seu falecimento. Observamos que a diferença entre um documento e outro é que o segundo nos parece uma revisita ao documento primário uma vez que essa segunda transcrição é mais ampliada. Aliado a esse assunto destacamos o documento 07 desta temática. Ele contém as restrições de entrada explicitadas no documento anterior, dizendo claramente que “em 7 de janeiro de 1772 Manoel de S. Payo [Sampaio] Bello [...] deu por entrada uma oitava e meia de ouro [...], porém não terá cargo algum nem exercitará emprego ou jurisdição alguma, somente gozará das indulgências e sufrágios e mais graças concedidas pela Irmandade” [...] sem assinaturas (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.37). Curioso é observar que o Termo é elaborado em janeiro, oito meses antes da realização da reunião de 2 de setembro de 1772 que a torna uma regra.

O último documento que agrupamos nesta temática é uma transcrição seletiva de um Termo de Ajuste, a transcrição 11ª (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.19). Também referente a uma reunião do ano de 1772, mas realizada dois meses depois, no dia 17 de novembro traz a decisão unânime da mesa em deliberar que por um ano, a começar do primeiro dia da próxima novena que fosse realizada, os Termos de Ajuste da Música seriam firmados pelo preço de 100 mil réis. Convertendo esse valor em réis em oitavas de ouro em um câmbio que variava de 1.200 réis a 1.500 réis chegamos a um valor aproximado entre 66 (sessenta e seis) a 83 (oitenta e três) oitavas de ouro. Analisando os livros de receitas e despesas, o que certamente Curt Lange deve ter feito (apesar de não haver nenhuma observação nem no livro nem na sua documentação), verificamos que esses valores não são encontrados. O maior valor pago aos músicos da festa (certamente a de N. Senhora das Mercês no dia 15 de agosto e as novenas) foi de 54 (cinquenta e quatro) oitavas de ouro entre novembro de 1770 a janeiro de 1772. Já no ano a que se refere especificamente o termo de ajuste, o valor pago foi de 30 e ¾ de oitavas de ouro.

Finalizando essa temática incluímos um pequeno registro que encontramos no documento quatro, que classificamos de uma Transcrição Seletiva de Termos de Entrada de Irmãos. Consideramos pertinente inseri-lo nesta sessão porque para nós reflete uma tendência interpretativa demonstrada por Curt Lange de buscar e registrar o vínculo de pessoas "importantes", de destaque social, nas irmandades e confrarias. Esse documento possui uma pequena anotação, entre as transcrições de um termo e outro, da anotação da "Entrada de duas filhas de Chica da Silva e uma preta nação Minas escrava de Francisca. Obs.: Da gente importante da Irmandade" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04).

4.1.4.2 Documentos referentes a Entrada de Irmãos Músicos- Confraria das Mercês

Agrupamos cinco documentos nessa temática (Quadro 43). Três documentos extraídos dos dois Livros de Entrada de Irmãos, um do período de 1774

a 1799 e o outro de 1788 a 1795; e dois do Livro de Eleições da Congregação do Carmo datado de 1771 - 1772 a 1846 - 1847.

Quadro 43 – Documentos de Entrada de Irmãos Músicos - Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco

Categoria		Irmandades e Confrarias		
Confraria das Mercês do Arraial do Tejuco				
Temática		Entrada de Irmãos Músicos		
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
04		10.3.39.04	05	Trans. Seletiva (T. de Entrada de Irmãos)
05		10.3.39.05	01	Trans. Seletiva (T. de Entrada de Irmãos)
12		10.3.39.22	04	Transcrição Seletiva (Livro de Eleições)
15		10.3.39.30	02	Transcrição Seletiva (Livro de Eleições)
16		10.3.39.37	02	Trans. Seletiva (T.de Entrada de Irmãos)

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Com o objetivo de verificarmos como se deu a entrada destes irmãos na congregação, analisando a sua similaridade com as condições da entrada na congregação de Lobo de Mesquita, elaboramos um quadro síntese com os dizeres de sete Termos de Entrada de Irmãos Músicos nas Mercês. Como veremos a seguir, em comparação a maioria dos Termos apresentados, o Termo de Lobo de Mesquita é um dos mais simples. Além dos dizeres de praxe de abertura, registra seu compromisso como novo membro em cumprir os estatutos da Irmandade, contendo somente a informação do valor de sua entrada. Esse valor, de oitava e meia de ouro, vai estar presente nos Termos onde é explicitado na maioria dos Termos, nos mostrando que era um valor padrão. Contudo, veremos Termos onde não se observa qualquer referência a nenhum pagamento. Nesses casos, verificamos que a entrada é justificada pelos serviços gratuitos prestados pelo novo membro. Uma novidade que não verificamos em qualquer outra Irmandade ou Confraria é a menção ao estipêndio, que conforme o próprio Curt Lange é a "preferência quando da contratação da música paga" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04). Mas passemos a uma análise mais detalhada a partir do quadro 44 logo abaixo.

Quadro 44 - Trechos dos Termos de Entrada de Irmão Músicos da Confraria das Mercês. Arraial do Tejuco

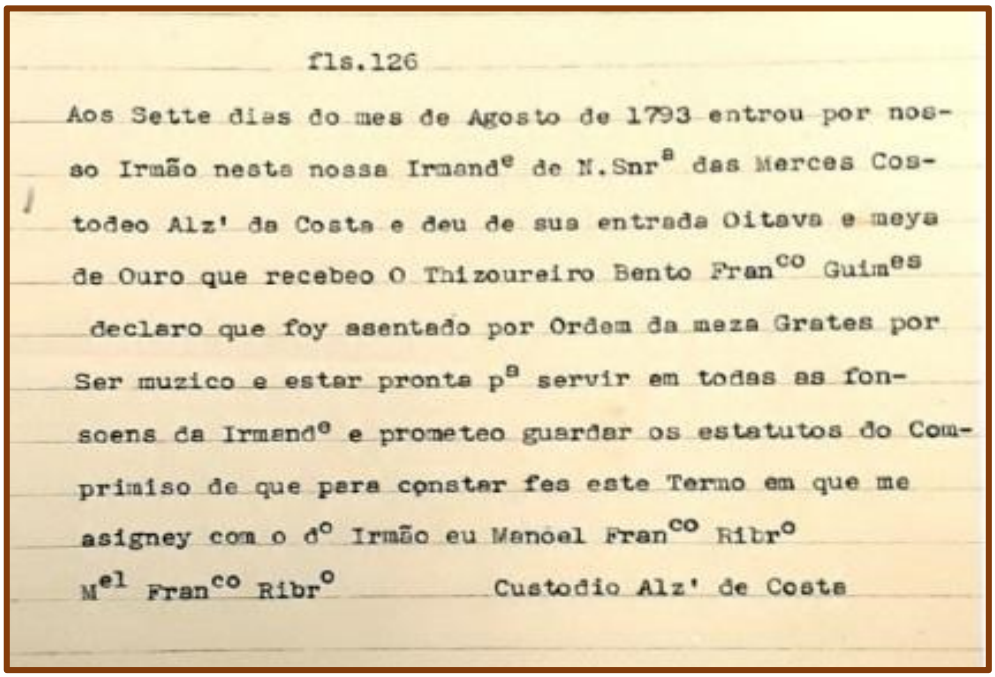
1788	Joaquim José Emerico Lobo de Mesquita	"[...] e deu de entrada Oitava e meia de oiro [ouro] [...] e prometeu guardar os estatutos do compromisso [...]"
1791	Capitão Antº Ribeiro Mourão.	"Possivelmente pai de José Antº Ribeiro que fazia festa e música no Santíssimo Scra do Tejuco 1821/1822, e talvez também de Demétrio Mourão de 1816 a 1890".
1793	Custódio Alves da Costa	"[...] deu de entrada oitava e meya [meia] de ouro [...] por ser músico e estar pronto para servir em todas as fonsoens [funções] da Irmandade [...]" [Tesoureiro Manoel Franco Ribiero].
	Demétrio Romão de São Jorge	"[...] por exercitar A Arte da muzica [música], e fazer utilidade a Capella [capela] de cantar em algumas fonsoens [funções] de grates [grátis]) [...] e por isso gozando dos sulgragioz [sufrágios] e grados consedidos [agrados concedidos] a nossa Irmandade e sugto [sugeito] a pagar os anuaes [a anuidade]. " [Tesoureiro Manoel Franco Ribeiro].
	João de Azevedo Couto Homem [Coutinho da assinatura]	" [...] Pardo por exercitar A Arte da muzica [música], e fazer utilidade a Capella [capela] de cantar em algumas fonsoens [funções] de grates [grátis] [...] e por isso gozando dos sulgragioz [sufrágios] e grados consedidos [agrados concedidos] a nossa Irmandade e sugto [sugeito] a pagar os anuaes [a anuidade]". [Tesoureiro Manoel Franco Ribeiro].
1793	Jozé de Lafoens [Lafoiz na assinatura] (Termo 8)	" [...] por exercitar a Arte da muzica [música] e estar pronto pa [para] as muzicas [músicas] que precisar [precisar] na Capella [capela] da mma Snra [da mesma Nossa Senhora] e só ganhará estupendio [estipêndio] (preferencia quando da contratação da música paga) quando se carezer [carecer] de muzica [música] que se deve pagar terá neste cazo [caso] preferencia [...]"[Tesoureiro Manoel Franco Ribeiro]..
LANGE - BRUFMGBUCL 10.3.39.04		
1802	Antônio Costa Homem [sic?] (Termo 1)	'[...} por oitava e meia de ouro
1803	Jozé Antônio Ribeiro Mourão (Termo 2)	"[...] e por ser muzico [musico] entrou sem dar a entrada [...] pela razão do dº [dito] irmão sacrificarce [sacrificasse], a tocar em todas as funçoens [funções] desta Irmandade sem estupendio[estipêndio] algum [...]".
1809	Francisco Floriano dos Santos (Termo 3)	[...] [olhar novamente o documento pois está cortado].
LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.05		

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04 E 10.3.39.05. Subsérie 10.3 – ACL/UFMG

Aliados ao Termo de Entrada de Lobo de Mesquita de janeiro de 1788 (Quadro 44), o agrupamento de Termos de Entrada de Irmãos Músicos na Confraria das Mercês, extraídos dos seus livros oficiais por Curt Lange, correspondendo ao período de 1793 a 1809, nos dá um panorama das suas especificidades. Podemos concluir embasados nos Termos de 1789 de Custódio Alves da Costa e no Termo de 1802 de António Costa Homem que o valor estipulado para a entrada de um irmão músico era de uma oitava e meia de ouro uma vez que essa aparece em um período de quatorze anos (entre 1788 e 1802).

Contudo, observamos também em nossa análise que ao contrário do Termo de Lobo de Mesquita, onde não se verifica nenhuma justificativa para a sua entrada, o Termo de Entrada de Custódio Alves da Costa (Figura 35) justifica que o seu ingresso na Confraria se deu por este sempre "estar pronto para servir em todas as funções da Irmandade" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04. T.E nº. 4, p. 2); ou o de Demétrio Romão de São Jorge "de fazer utilidade a Capela e cantar algumas funções gratuitamente" (LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39.04. T.E nº. 5, p. 2).

Figura 35 - Cópia da transcrição do Termo de Entrada de Custódio Alvez da Costa – Confraria das Mercês (07.08.1793) Arraial do Tejuco



fls.126

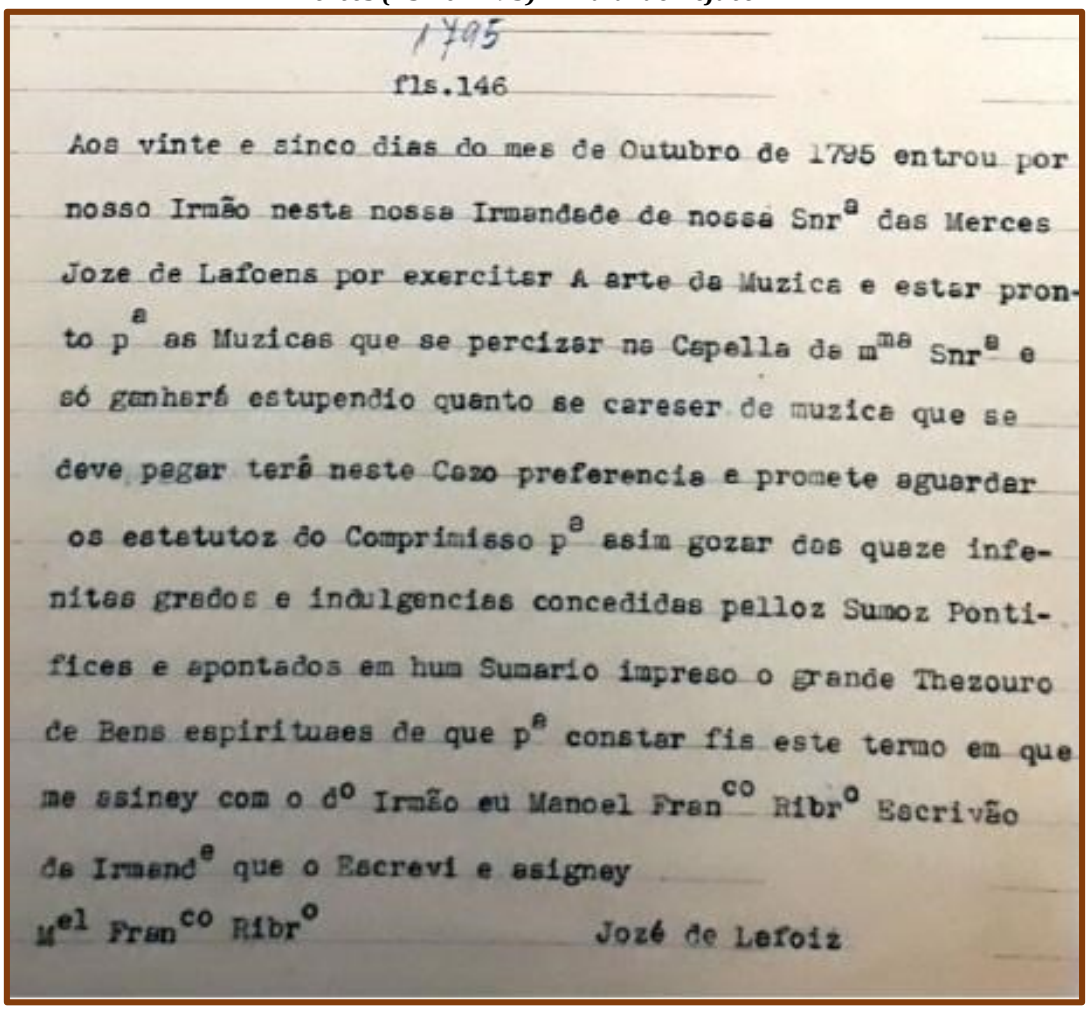
Aos Sette dias do mes de Agosto de 1793 entrou por nosso Irmão nesta nossa Irmand^{e} de N.Snr^{a} das Merces Custodeo Alz' da Costa e deu de sua entrada Oitava e meya de Ouro que recebeo O Thizoureiro Bento Fran^{co} Guim^{es} declaro que foy asentado por Ordem da meza Grates por Ser muzico e estar pronta p^{a} servir em todas as fonsoens da Irmand^{e} e prometeo guardar os estatutos do Compromiso de que para constar fes este Termo em que me asigney com o d^{o} Irmão eu Manoel Fran^{co} Ribr^{o}

M^{el} Fran^{co} Ribr^{o} Custodio Alz' de Costa

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04.

Esta mesma justificativa “por estar pronto para servir a Irmandade” sofre uma pequena, mas substancial variação no Termo de Entrada do Músico Jozé de Lafoens [Lafoiz na assinatura] (Figura 36) onde lê-se “[...] pronto para as músicas que precisar a Capela” (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04. T.E nº. 8, p. 4). Destacarmos a redação que se segue neste termo, onde pela primeira vez em nossas pesquisas encontramos o registro direto acerca da preferência de contratação de músico na Confraria das Mercês, sendo registrado: “só ganhará estupendio [estipêndio] (preferência quando da contratação da música paga), destaque no documento “quando se carecer de música que se deve pagar terá preferência”.

Figura 36 - Cópia da transcrição Termo de Entrada de Jozé de Lafois – Confraria das Mercês (25.10.1795). Arraial do Tejuco



1795

fls.146

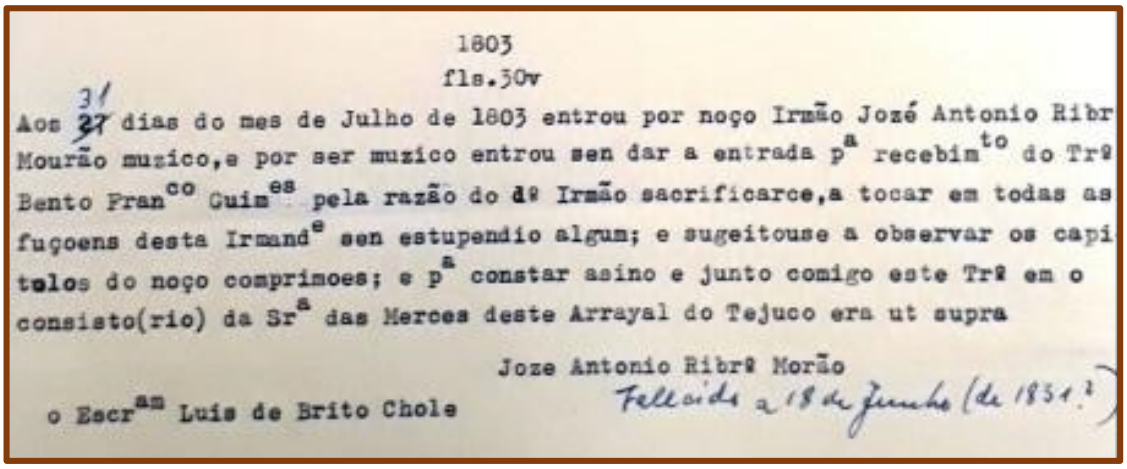
Aos vinte e sinco dias do mes de Outubro de 1795 entrou por nosso Irmão nesta nossa Irmandade de nossa Snr^a das Merces Joze de Lafoens por exercitar A arte da Muzica e estar pronto p^a as Muzicas que se percizar na Capella de m^ma Snr^a e só ganhará estupendio quanto se careser de muzica que se deve pagar terá neste Cazo preferencia e promete aguardar os estetutoz do Comprimisso p^a asim gozar dos quaze infenitas grados e indulgencias concedidas pelloz Sumoz Pontifices e apontados em hum Sumario impreso o grande Thezouro de Bens espirituaes de que p^a constar fis este termo em que me asiney com o d^o Irmão eu Manoel Fran^co Ribr^o Escrivão da Irmand^e que o Escrevi e asigney

M^el Fran^co Ribr^o Jozé de Lafoiz

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04

Chamamos a atenção para o caso de entrada de um irmão músico justificada pelo não "estupendio"[880] (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04. T.E nº. 8, p. 4). Esse é o caso do Termo de Entrada do músico Jozé Antônio Ribeiro Mourão (Figura 37). Seu termo nos traz a seguinte redação "[...] e por ser músico entrou sem dar entrada [...] pela razão do dito irmão sacrificar-se em todas as funções da Irmandade sem estupendio [estipêndio] algum [...]" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.05. T.E nº. 2).

Figura 37 - Cópia da transcrição do Termo de Entrada de Jozé Antônio Ribeiro Morão – Confraria das Mercês (31.07.1803) Arraial do Tejuco



1803
fls.30v

Aos 31 dias do mes de Julho de 1803 entrou por noço Irmão Jozé Antonio Ribr Mourão muzico,e por ser muzico entrou sen dar a entrada pª recebimto do Trº Bento Prancº Guimes pela razão do dº Irmão sacrificarce,a tocar em todas as fuçoens desta Irmande sen estupendio algum; e sugeitouse a observar os capitolos do noço comprimoes; e pª constar asino e junto comigo este Trº em o consisto(rio) da Srª das Merces deste Arrayal do Tejuco era ut supra

Joze Antonio Ribrº Morão

o Escrªm Luis de Brito Chole

Felicida a 18 de Junho (de 1831.)

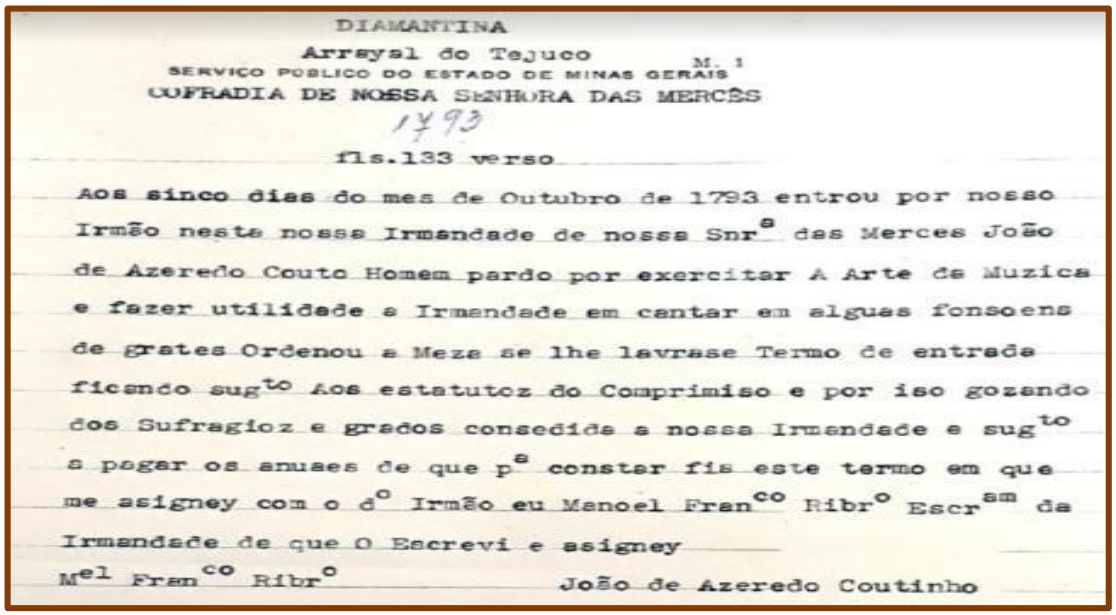
Fonte LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.05.

Por fim destacamos o último Termo por ser esse diferenciado. O Termo de Entrada de João Azevedo Coutinho (Figura 38) que no ano de 1793, onde está explicitado na justificativa da sua inclusão na confraria que ele é "Homem Pardo, por exercitar a arte da música e fazer utilidade a Capela e contar em algumas funções[...]" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.05. T.E nº. 7. p. 04). Contudo ao contrário dos

[880] Grafia correta estipêndio: ordenado, pagamento.

demais onde se verifica essa disponibilidade anterior a entrada do músico em prestar serviços gratuitos a Confraria fica João Azevedo sujeito a pagar anuidade.

Figura 38 - Cópia da transcrição do Termo de Entrada de João de Azevedo Coutinho – Confraria das Mercês (05.10.1793). Arraial do Tejuco



DIAMANTINA
Arraial do Tejuco M. 1
SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
CONFRADIA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS
1793
fls.133 verso

Aos sinco dias do mes de Outubro de 1793 entrou por nosso Irmão neste nosso Irmandade de nossa Snr^a das Merces João de Azeredo Couto Homem pardo por exercitar A Arte de Muzica e fazer utilidade a Irmandade em cantar em alguas fonsoens de grates Ordenou a Meza se lhe lavrase Termo de entrada ficando sug^to Aos estatutoz do Comprimiso e por iso gozando dos Sufragioz e grados consedidos a nossa Irmandade e sug^to a pagar os anuaes de que p^a constar fis este termo em que me asigney com o d^o Irmão eu Manoel Fran^co Ribr^o Escr^am da Irmandade de que O Escrevi e asigney

M^el Fran^co Ribr^o João de Azeredo Coutinho

Fonte; LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.38.07.

4.1.4.3 Documentos referentes à construção e aquisição de Imagens da Igreja das Mercês

Dos dezessete documentos do agrupamento da Confraria das Mercês, dois deles (Quadro 45) contêm transcrições dos registros da construção e aquisição de imagens para sua Igreja. Foram denominamos de Notas articuladas pois contêm várias anotações, extraídas particularmente do Livro de Termos da Confraria, que compõem o texto no Livro XVIII que descreve discursivamente a construção do templo e entronização das imagens sacras da Confraria a Igreja de Nossa Senhora das Mercês. Nas observações de Curt Lange aparece uma menção rápida acerca da data da festa da Festa anual de Nossa Senhora das Mercês e da obrigatoriedade de realização de novenas mensais para a mesma Santa (temas que nos dedicaremos a seguir).

Quadro 45 - Documentos referentes a Igrejas e imagens – Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco

Categoria		Irmandades e Confrarias		
Confraria das Mercês do Arraial do Tejuco				
Temática		Igrejas e Imagens		
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
09		10.3.39.17	01	Notas Articuladas
17		10.3.39.47	01	Notas Articuladas

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04 E 10.3.39.05. Subsérie 10.3 – ACL/UFMG

Destacamos a distância cronológica da elaboração do primeiro documento de nº. 09 em relação ao segundo de nº. 17. As informações entre os dois são complementares sendo verificado um ir e vir temporal provavelmente pela ordem de coleta das informações. Para efeito metodológico, reunimos as informações em torno da construção e pintura da Igreja e da feitura das imagens. Vamos a elas.

A construção da Igreja de N. Senhora do Amparo se inicia em 1778 com a implementação do projeto "riscos da igreja" [projeto arquitetônico] elaborado pelo Guarda Mor José Soares tendo custado 6 (seis) oitavas de ouro. Em 1783 - 1784 já existia coro, sendo o assoalho construído em 1787 - 1788. A sua pintura "foi contratada em 1794 com Manoel Alves Passos" sendo registrado que a "Capela Môr [Mor] do Arco para dentro" o valor foi de 300 mil réis, sendo que em 1805 se fez "a Sanchristia da pte de sima" [a sacristia da parte de cima].

Um histórico do retábulo principal da Capela é encontrado. Iniciado com a contratação de Manoel Pinto Bessa, registrado no Termo de Ajuste Em razão do falecimento do contratado é celebrado novo Termo, em 1789, com o pintor, Jozé da Silva. Nesse Termo é registrado que a madeira do retábulo já tinha sido comprada (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.17). Complementa Curt Lange a informação sobre o retábulo no próximo documento, que "em 1789 - 1790 pagou-se pelo Retábulo 203 e 1/2 oitavas [duzentas e três e meia oitavas de ouro]" (LANGE, BRUFMGBUCL

10.3.39.17)[881]. Em 1772/1773 foi ajustado o "feytio" das imagens de Nossa Senhora das Mercês e de São Gonçalo Garcia com Eugenio Alves Maya, pelo valor de 58 ¾ (cinquenta e oito e três quartos de) oitavas de ouro, sendo que a pintura de ambas foi de responsabilidade de José Antônio Miranda.

4.1.4.4 Documentos referentes ao detalhamento de Novenas e Festas – Confraria das Mercês

Dois são os documentos que entre outras temáticas tratam das Novenas e das Festas da Confraria das Mercês (Quadro 46).

Quadro 46 – Documentos referentes às Novenas e Festas – Confraria das Mercês. Arraial do Tejuco

Categoria	Irmandades e Confrarias			
Confraria das Mercês do Arraial do Tejuco				
Temática	Novenas e Festas			
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
07		10.3.39.13	04	Transcrição Seletiva (Termo de Ajuste)
09		10.3.39.17	01	Notas Articuladas

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 – Subsérie 10.3 ACL/UFMG Compilação Rachel de Ulhôa

Um Termo de Ajuste de 24 de junho de 1791 acerca da realização da Festa de Nossa Senhora das Mercês é uma das transcrições encontradas no documento Nele encontramos o detalhamento de toda a festa que foi integrada por novena com música, exposição do "senhor morto", missa cantada, sermão de manhã e tarde e um procissão com os andores de N; Senhora das Mercês, N. Senhora da Saúde e Santa Efigênia. O valor da música para toda a festa foi fechado em 16 (dezesseis) oitavas

[881] Até o momento não termos identificado o documento que contém os registros do apontamento referente ao valor do retábulo.

de ouro, pagamento realizado pela Mesa da Confraria (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.13).

O segundo documento referente às novenas e festas contém Notas Articuladas. Esclarece que a Festa de Nossa Senhora das Mercês inicialmente era realizada no dia 06 de janeiro, contudo em 1787 passa a ser realizada em 15 de agosto (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.17).

4.1.4.5 Documentos referentes ao Órgão doado à Confraria das Mercês

Quadro 47 – Documentos referentes a doação do órgão das Mercês – Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco

Categoria		Irmandades e Confrarias		
Confraria das Mercês do Arraial do Tejuco				
Temática		Órgão		
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
02	10.3.35.22		01	Notas Articuladas
04		10.3.39.04	05	Trans. Seletiva (T. de Entrada de Irmãos)
07		10.3.39.13	04	Transcrição Seletiva (Termo de Ajuste)

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 – Subsérie 10.3 ACL/UFMG Compilação Rachel de Ulhôa

As transcrições com as informações sobre o órgão do Carmo (Quadro 47) é composta por três documentos (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.22, 10.3.39.04 e 10.3.39.13). Destaque para a transcrição do Termo de Entrada de João Antônio dos Santos, que salienta que esse ingressaria na Confraria das Mercês de forma gratuita, devendo ficar registrado que sua função seria a de "tocar os foles do órgão". Cabe salientar que a sua entrada se deu em 1788, mesmo ano de ingresso na Confraria de Lobo de Mesquita. Encontramos também o Termo de Entrada de Conrado Caldeira Brant que

> [...] deu por esmolla [esmola] para sua entrada hum Orgo [um órgão] que se axa [acha] no coro da ditta capella [dita capela] por cuja esmolla [esmola] se mandou fazer o do [dito] irmão este termo

> de entrada ficando remido [dispensado] para não pagar anuaes [anuidade] e tudo o mais [...] (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04).

Demonstrando um mecanismo de controle da Confraria a doação de Caldeira Brant foi registrada em um Termo de Ajuste em 27 de julho de 1788, contendo essa a doação e a contrapartida solicitada pelo doador que consistia em rezar uma Salve Rainha na sua intenção, após os terços dos sábados. Fica claro que essas deveriam ser rezadas "por sua tenssão [intenção] enquanto o dito irmão fosse vivo [...]" LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.13. Curt Lange afirma que possivelmente esse órgão era um *portativ* (órgão de pequeno porte, portátil), que deve ter pertencido aos bens de Felisberto Caldeira Brant, passado por herança ao Conrado, irmão menor do famoso contratador" (LANGE, 1982, p. 338).

4.1.5 Irmandade de N. S. do Terço da Capela de Sto. Antônio do Arraial do Tejuco (1770-1844)

Um único documento, coletado por Curt Lange, é da Irmandade de Nossa Senhora do Terço da Capela de Santo Antônio do Arraial do Tejuco (Quadro 48). Composto por 03 folhas, cobre 74 anos (1770 – 1844) de registros ligados à música da Irmandade. No Livro XVIII, Curt Lange reproduz esse documento[882], sem contudo dedicar-lhe um texto específico. Citação à Irmandade é feita por ele na sessão dedicada a Irmandade do Santíssimo Sacramento, sediada na mesma matriz, quando se refere à construção do órgão da igreja; "a construção do órgão para a Matriz de Santo Antônio correu sempre por conta do Santíssimo Sacramento, vindo em seguida a Irmandade de Santo Antônio. A de Nossa Senhora do Terço era bem pobre, e via-se impedida de contribuir"[883].

---

[882] LANGE, 1982, p. 423 a 431
[883] Idem, p. 187-188

Quadro 48 – Conjunto documental da Ir. de N. Senhora do Terço – Arraial do Tejuco

Categoria		Irmandades e Confrarias		
Irmandade de Nossa Senhora do Terço da Capela de Sto. Antônio do Arraial do Tejuco (1770-1844)				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folha	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
01		10.3.39.29	03	Trans. Seletiva (Livro Receita e Despesa)

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Apesar de cobrir um período de 74 anos, de 1770 a 1844, somente 32 deles (pelo menos os transcritos por Curt Lange) possuem registros acerca de gastos anuais com a música. Dois músicos são citados nominalmente: Lobo de Mesquita, por tocar o órgão, e Manoel de S. Payo Bello pela música da Festa da Senhora do Terço, nos mostrando que nessa Irmandade Lobo de Mesquita recebeu, no biênio 1785/1786, módicas 02 (duas) oitavas de ouro por tocar na Festa da Padroeira, e no biênio 1786/1787 1 (uma) oitava de ouro por tocar na promulgação da eleição de uma nova administração da Irmandade. Curt Lange, na sessão dedicada a Lobo de Mesquita[884] comenta o registro. Sem citar valores afirma em relação aos empregos e pagamentos recebidos pelo músico das Irmandades e Confrarias onde prestou serviço que "[...] E nossa Senhora do Terço, também sediada no Santo Antônio [na Matriz], foi de poucos recursos, não podendo fazer peso na economia doméstica de José Joaquim Emerico"[885].

Destaque para o ano de 1797 - 1798 quando se registra o aluguel de uma casa para se guardar o incenso para as ladainhas e os canos [provavelmente bastões de madeira/ lanças] para uma cavalhada.

Conforme pode ser observado no Gráfico 12, abaixo, dos 74 anos, Curt Lange extrai 13 anos de transcrições com dados específicos de gastos anuais com a música. A leitura destes dados nos possibilita dizer que os gastos com a música,

[884] LANGE, 1982, p. 111 a 125
[885] Idem, p. 117

tanto nos dois primeiros anos de registro quanto nos três últimos, são expressivos para o porte da Irmandade.

Gráfico 12 – Gastos com a Música – Irmandade de N. Senhora do Terço – Arraial do Tejuco

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Nos dois anos iniciais os gastos são acima de 40 oitavas de ouro. Em 1770, podemos verificar um gasto de 43,2 oitavas de ouro e em 1781, 11 anos depois, um gasto de 42 oitavas de ouro. De 1782 a 1796 um declínio acentuado é verificado, sendo que no biênio 1792/1793 chegam a 8 oitavas de ouro. Em 1793 - 1794 se inicia uma curva ascendente que chega a impressionantes 45 oitavas de ouro em uma época onde o ciclo dos diamantes estava em franca diminuição. Nos impressiona ainda, que no final da primeira década do oitocentos, em 1844, é registrado um gasto de 33 (trinta e três) oitavas de ouro.

Destaque damos ao registro do biênio 1797/1798 de uma possível prática pela Irmandade, da Festa de Cavalhada. Existente ainda hoje em algumas parte do Brasil, a Cavalhada se trata de uma representação da luta entre mouros e cristãos, onde ambos os lados competem, geralmente a cavalo, por inserir bastões/ lanças em

uma argola pequena estrategicamente colocada no "campo de batalha"[886] A citação é simples: "Cobrança aluguel da caza [casa] que tinham canos para a cavalhada – 1 oitava e meia de ouro e seis vinténs".

4.1.6 Irmandade de Nossa Senhora do Amparo da Capela do Amparo (1779-1791)

Quadro 49 Agrupamento de Documentos da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo da Capela de Nossa Senhora do Amparo – Arraial do Teiuco

Categoria		Irmandades e Confrarias		
Irmandade de Nossa Senhora do Amparo da Capela de N. S. do Amparo				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
01		10.3.39.31	04	Trans. Seletiva (Livro de Termos)

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Chegamos à última Irmandade a ter seus documentos acondicionados por Curt Lange. Documento 31 da pasta 10.3.39 nos traz a transcrição de 18 anos do Livro de Termos da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo -1779 – 1797 (Quadro 49). Além de ser possível identificar a participação dos músicos João Simões Rosa e Lobo de Mesquita como membros da mesa administrativa do Amparo, levantamos 03 temas preponderantes no teor dos apontamentos. São eles, a reforma da Igreja, que absorve a atenção da Irmandade impactando na realização de Festas e Novenas, geralmente realizadas em substituição às comemorações da Festa da Padroeira; e, à posse de Irmãos.

---

[886] É uma representação dramática, um teatro ao ar livre que encena uma batalha medieval. As Cavalhadas sempre foram corridas ao som de uma banda de música ao vivo. A cavalhada representa os combates, oriundas das guerras travadas entre mouros e cristãos. com os cavaleiros vestidos de azul e vermelho, cada um representando os grupos antagônicos. No Brasil, registram-se desde o século XVII. Fonte: http://www.minasgerais.com.br/pt/eventos/senhora-dos-remedios/cavalhada Consultado: 05.09.2020

Os primeiros apontamentos, transcritos por Curt Lange, nos levam a concluir que os irmãos músicos da Irmandade não supriam a música nas festas, novenas e missas realizadas. Somente na última transcrição, se registra claramente que a Irmandade somente custearia a música por meio do desconto nas anuidades dos "irmãos músicos", quando estes participassem da festa de Nossa Senhora do Amparo. Registra-se ainda que as demais despesas correriam por conta dos demais irmãos.

Como bem destaca Curt Lange em um pequeno texto que antecede a réplica do teor deste documento no Livro XVIII[887], "A melhor comprovação de ter sido José Joaquim Emerico mulato fica comprovada com a sua inclusão nesta Irmandade[888]

4.1.4.1 Festas e Novenas

O primeiro registro em 1779 nos mostra que as Novenas foram realizadas, por deliberação da mesa diretora da Irmandade, em substituição a Festa da Padroeira uma vez que a Irmandade estava envolvida com as obras que estavam sendo efetivadas. Está proposto no Livro de Termos a realização de "uma novena rezada e no próprio dia da missa que o próprio capelão costumava dizer" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.31) nos levando a concluir que para essa missa a música não seria contratada. Tendo sido esse registro anotado na folha 15 do referido Livro, mais à frente na folha 18 observa-se outro registro agora sendo apontado a impossibilidade de se realizar a Festa de Nossa Senhora do Amparo com as esmolas, doações da Irmandade. Curt Lange específica que assina esse Termo o músico João Simões Rosa, provavelmente como tesoureiro (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.31).

No ano de 1781, em 25 de dezembro, portanto dois anos depois, ainda é verificada a impossibilidade de realização da Festa de N. Senhora do Amparo, sendo sua data transferida de 26 de dezembro para o dia 08 de setembro do ano seguinte,

---

[887] LANGE,1982, p. 417 a 422
[888] Idem, p. 417.

provavelmente ampliando o prazo de sua realização. No ano de 1781, em 25 de dezembro, ainda é registrada a impossibilidade de sua realização. Sem registro que possamos confirmar se a Festa foi realizada no ano seguinte, 1782, fica evidenciado que no ano de 1783 não seria realizada tendo em vista que o dinheiro da Irmandade seria utilizado na despesa do forro da sacristia.

Em 7 de agosto de 1785, seis anos após a transcrição do primeiro registro por Curt Lange, se observa a resolução de fazer a Festa de N. Senhora do Amparo no dia 08 de setembro do mesmo ano. Entretanto, fica o registro que essa seria realizada "à custa dos mezarios [mesários] e mais irmãos, sem qualquer despesa para a Irmandade. Esse mesmo arranjo é verificado nos registros de 10 de agosto de 1786, e em 5 de agosto de 1787. Curt Lange registra nessa transcrição que não aparece o nome de Lobo de Mesquita nos registros encontrados (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.31).

Finalmente, em 21 de setembro de 1797, dez anos depois, na última transcrição do documento, o tesoureiro e procurador da Irmandade, informa que tendo em vista o adiantamento das obras da Capela não seria possível realizar a Festa da Padroeira às custas da Irmandade. Contudo, "para maior frequência e fervor nos irmãos e irmãs" fica a Irmandade responsável por custear a música por meio do desconto da anuidade dos irmãos músicos, sendo o custo de realização de novenas e do senhor exposto custado pela doação dos demais irmãos.

4.1.4.2 Reformas e pinturas da Capela

Como visto na seção anterior, a reforma da Capela do Amparo permeia os 18 anos de registro da Irmandade. Contudo, o primeiro registro concreto da sua realização é encontrado em 1779 onde está anotado que o "pintor e dourador Silvestre de Almeida Lopes foi incumbido de pintar a Capela" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.31).

Outro apontamento é verificado no ano de 1782 onde está registrado que a 06 de fevereiro se tomou a decisão de mudar um dos altares laterais para a receber

a imagem de Santa Barbara. O destaque vai para o registro que os 19 “abaixo assinados”, entre eles João Simões Rosa, na qualidade de Juiz de Santa Bárbara e José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, como escrivão da mesma Santa, promovem uma “opra” no dia da páscoa revertendo os rendimentos para a Irmandade investir nas obras da Capela. A localização do altar de Santa Bárbara é registrada, “no altar direito da Capela”, bem como o apontamento que a Irmandade deveria “entregar o altar perfeito e arrumado no mesmo estilo de Santa Bárbara”. Se verifica ainda a anotação que o Juiz de Santa Bárbara e demais irmãos envolvidos na realização do evento deveriam entregar o valor arrecadado “no dia seguinte de sua realização”. A Irmandade coube garantir o local e todos os demais preparativos para a sua realização (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.31). Ao comentar esse evento no Livro XVIII Curt Lange faz uma análise que infelizmente não encontramos comprovação: “Trata-se de um oratório, sendo por demais plausível que José Joaquim tenha sido incumbido de compor a música, já que do Confrade João Simões Rosa não conhecemos atividade compositora” (LANGE, 1982, p. 142).

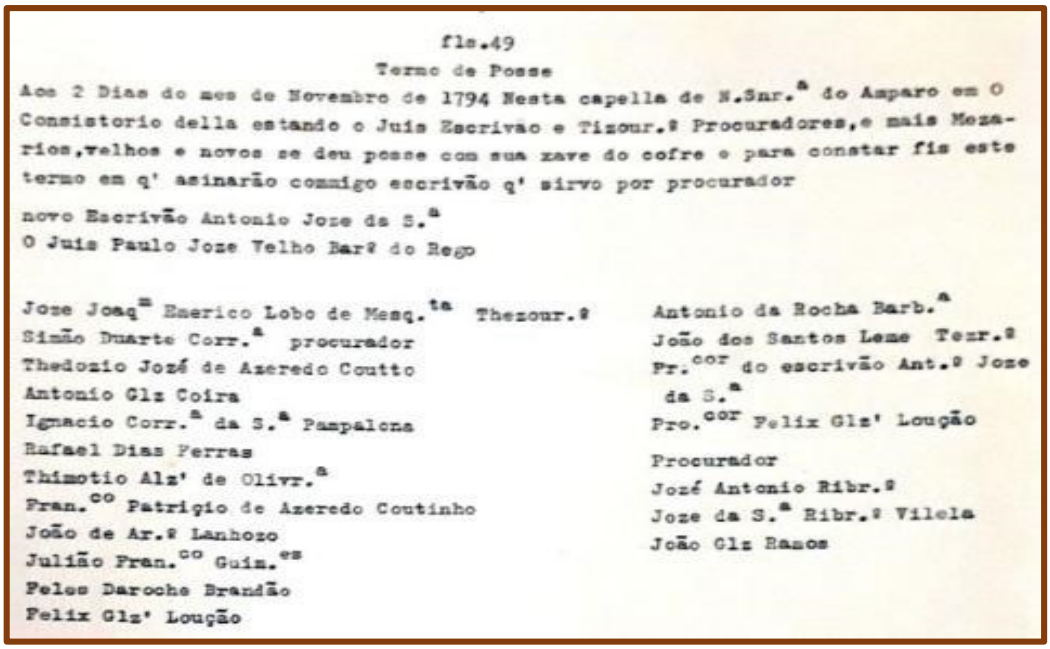
Nos chama a atenção a doação realizada em 27 de dezembro de 1781 pela Juíza [sem registro da devoção] Ana Maria do Bonfim Lima Castro de 220 (duzentas e vinte) oitavas de ouro para se adquirir uma luminária (Alampada) para a Capela, de um custo total de 300 (trezentas) oitavas de ouro. O valor é completado pelos irmãos que juntos doaram 74 (setenta e quatro) oitavas de ouro, e por João Simões Rosa, então tesoureiro da Irmandade que doou 20 (vinte) oitavas de ouro faltantes. Observado que os apontamentos somam 314 (trezentos e quatorze) oitavas de ouro, não verificamos qualquer observação nesse sentido.

Encerra os registros referentes à reforma da Capela de N. Senhora do Amparo a transcrição do Termo de Ajuste da pintura dos dois altares laterais, o do Divino Espírito Santo e o de Nossa Senhora do Parto. Ambos são realizados pelo irmão Silvestre de Almeida Lopes pela quantia de 456 (quatrocentos e cinquenta e seis) oitavas de ouro. Esse termo é datado de 13 de fevereiro de 1796 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.31).

4.1.4.3 Posse de Irmãos

As transcrições de alguns Termos de posse de Irmãos na mesa diretora da Irmandade são observadas no documento. O primeiro deles é datado de 2 de novembro de 1794 sendo o Termo de Posse do novo escrivão da Irmandade. O destaque vai para a assinatura de Lobo de Mesquita como tesoureiro (Figura 39), O segundo é um registro da saída de um procurador e a nomeação de um novo, sendo também destacado a presença da assinatura de Lobo de Mesquita como tesoureiro em 24 de fevereiro de 1795. Segue no mesmo ano um Termo de posse do Capelão também assinado como tesoureiro por Lobo de Mesquita, com destaque para a assinatura de João Simões Rosa sem especificação de função (Figura 40). Finalizando o Termo de Posse em 08 de novembro do mesmo ano, com o registro por parte de Curt Lange de assinam Lobo de Mesquita como tesoureiro e João Simões Rosa como escrivão (Figura 41).

Figura 39 - Cópia de transcrição Termo de Posse novos membros da Mesa da Ir. de N.S. do Amparo (2.11.1784) Arraial do Tejuco



fls.49

Termo de Posse

Aos 2 Dias do mes de Novembro de 1794 Nesta capella de N.Snr.ª do Amparo em O Consistorio della estando o Juis Escrivão e Tizour.º Procuradores,e mais Mezarios,velhos e novos se deu posse com sua xave do cofre e para constar fis este termo em q' asinarão commigo escrivão q' sirvo por procurador

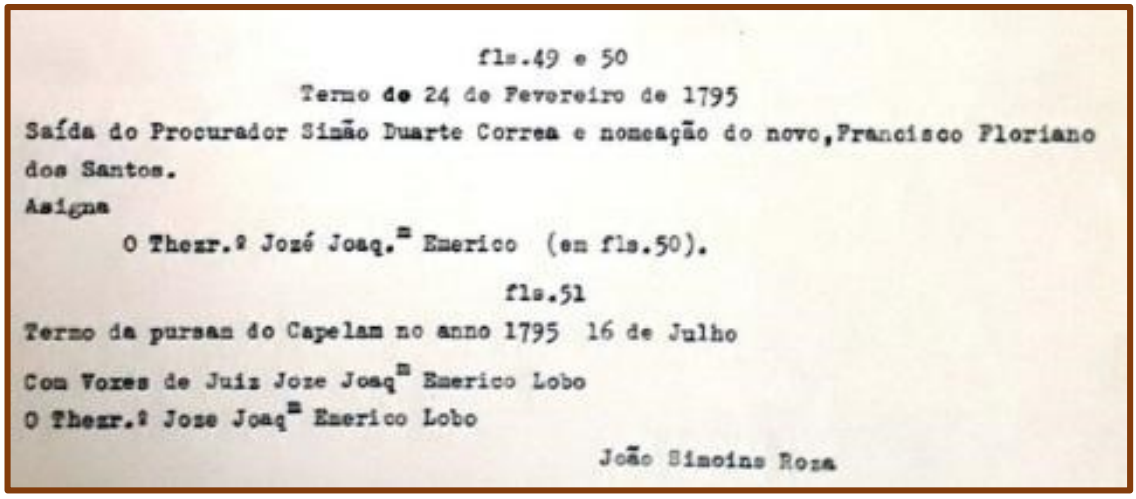
novo Escrivão Antonio Joze da S.ª
O Juis Paulo Joze Velho Barº do Rego

Jose Joaqm Emerico Lobo de Mesq.ta Thezour.º
Simão Duarte Corr.ª procurador
Thedozio Jozé de Azeredo Coutto
Antonio Glz Coira
Ignacio Corr.ª da S.ª Pampalona
Rafael Dias Perras
Thimotio Alz' de Olivr.ª
Fran.co Patrigio de Azeredo Coutinho
João de Arº Lanhozo
Julião Fran.co Guim.es
Feles Daroche Brandão
Felix Glz' Loução

Antonio da Rocha Barb.ª
João dos Santos Leme Tezr.º
Pr.cor do escrivão Ant.º Joze da S.ª
Pro.cor Felix Glz' Loução
Procurador
Jozé Antonio Ribr.º
Joze da S.ª Ribr.º Vilela
João Glz Ramos

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.31

Figura 40 - Termo de Posse de 24.02.1795 - Ir. de N. S. do Amparo – Arraial do Tejuco



fls.49 e 50

Termo de 24 de Fevereiro de 1795

Saída do Procurador Simão Duarte Correa e nomeação do novo,Francisco Floriano dos Santos.

Asigna

O Thezr.º Jozé Joaq.m Emerico (em fls.50).

fls.51

Termo da pursan do Capelam no anno 1795 16 de Julho

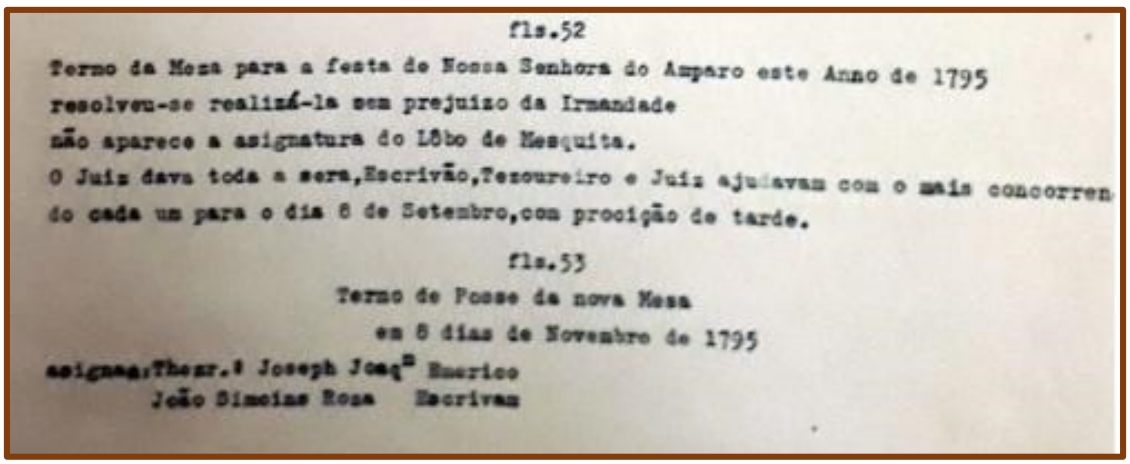
Com Vozes de Juiz Joze Joaqm Emerico Lobo

O Thezr.º Joze Joaqm Emerico Lobo

João Simoins Roza

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.31

Figura 41 - Cópia da transcrição de Registros de Curt Lange de Termos de Posse de 1795 – Ir. N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco



fls.52

Termo da Meza para a festa de Nossa Senhora do Amparo este Anno de 1795 resolveu-se realizá-la sem prejuizo da Irmandade

não aparece a asignatura do Lôbo de Mesquita.

O Juiz dava toda a sera,Escrivão,Tesoureiro e Juiz ajudavam com o mais concorren do cada um para o dia 8 de Setembro,com procição de tarde.

fls.53

Termo de Posse da nova Mesa

em 8 dias de Novembro de 1795

asignaa:Thezr.º Joseph Joaqm Emerico

João Simoins Roza Escrivam

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.31

4.1.5 Senado da Câmara da Vila do Príncipe do Serro do Frio

Quadro 50 - Agrupamento de Documentos do Senado da Câmara da Vila do Príncipe do Serro do Frio do Frio

Categoria		Senado da Câmara		
Senado da Câmara da Vila do Príncipe do Serro do Frio				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Descrição
	10.3.35	10.3.39		
01	10.3.35.39		01	Valores anuais de gastos com a música (1781 a 1783)

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.39

Somente um documento diz respeito ao Senado da Câmara da Vila do Príncipe do Serro do Frio (Quadro 50). Cinco são os apontamentos sendo observado que todos os registros estão destinados ao "Rdo vigário (Reverendo Vigário) e mais sacerdotes". Sendo na sequência: 1) 1780 –"pelas quatro festas, Cera e Muzica [música], conforme a ordem de 26 de maio de 1744 [sic] 545 ½ (quinhentos e quarenta e cinco oitavas e meia de ouro); 2) Ordem do Capitão General Rodrigo Jozé de 08 de maio de 1781: funeral da Senhora Rainha May D. Maria Victoria. [...] por conta das quatro festas, e do Funeral, Sermões, Cera, e Muzica [música] conforme a ordem já ditta [dita], 356 ¾ (trezentos e cinquenta e seis oitavas de ouro e três quartos); 3) [...] das quatro festas deste anno [ano], 524 ¾ 6 (quinhentos e vintes e quatros oitavas de ouro, três quartos e seis vintes); 4) [...] das quatro festas deste anno [ano], cera e Muzica [música], 444 ¾ 4 (quatrocentos e quarenta e quatro oitavas e três quartos de ouro e quatro vintes). Mais duas notas são registradas. A primeira registrando a presença de uma carta de Bernardo Jozé de Lorena de 13 de dezembro de 1797, informando do nascimento da terceira infanta dos príncipes do Brasil; e, segundo, a Ordem Régia de 26 de maio de 1744, para a realização das quatro Festas Oficiais: Corpo de Deus, Santa Izabel, Anjo Custódio, e Conceição.

4.2 José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita

Os registros referentes a Joaquim José Emerico Lobo de Mesquita (1746-1805) – (Lobo de Mesquita) estão presentes nas transcrições de Curt Lange em quantidade razoável de documentos, integrados nas pastas 10.3.35 e 10.3.39, uma vez que o músico prestou serviço em várias Irmandades. Na sua pesquisa, por mais informações e repertórios, Curt Lange encontrou várias partituras de Lobo de Mesquita que restaurou e divulgou largamente. Ao longo de suas pesquisas Curt Lange empreende uma busca intensa das origens do músico e da sua passagem por Diamantina, Vila Rica e Rio de Janeiro. A que se salientar que a partitura de Lobo de Mesquita da Antífona de Nossa Senhora é uma das primeiras a serem entregues ao musicólogo em meio às muitas que lhe foram vendidas.[889] O musicólogo adota como lugar de nascimento de Lobo de Mesquita a Vila do Príncipe do Serro do Frio. Destaca trecho de um folheto de Geraldo Dutra de Moraes intitulado "Música Barroca Mineira"[890] apesar de apontar o fato que não se verifica a presença "indispensável" de fotografia ou de microfilme que comprove o fato de Lobo de Mesquita ter nascido do referida localidade "[...] a 12 de outubro de 1946, sendo filho natural do português Joseph Lobo de Mesquita da escrava Joaquina Emerenciana".[891] Curt Lange enfatiza que não encontrou, dentre os livros de batismo da arquidiocese arquivados no Museu dos Diamantes, justamente o livro que comprovaria o nascimento de Lobo de Mesquita. Outro dado levantado por Geraldo Dutra de Moraes no mesmo citado documento é que o professor de Lobo de Mesquita foi o Padre Manuel da Costa Dantas, apontado como mestre de capela da Matriz da Vila do Príncipe, condição essa também não confirmada. Salienta o musicólogo, ainda, que o cargo de mestre de capela somente seria possível na Catedral de Mariana.[892]

---

[889] LANGE, 1982, p. 112
[890] Idem, p. 112
[891] Ibidem
[892] Ibidem

Como veremos mais detalhadamente a seguir, Lobo de Mesquita ocupa diferentes lugares na estrutura de cinco das sete irmandades com as quais estamos trabalhando. Podemos delimitar dois vínculos principais: como prestador de serviço, nas Irmandades e Confrarias de brancos e consequentemente de maior poder aquisitivo, ou como filiado nas Irmandades e Confrarias de "mulatos" e crioulos e por isso de menor poder aquisitivo[893]. Na ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, entre o biênio 1786-1787 a 1795-1796, na Irmandades de Nossa Senhora do Terço da Capela de Santo Antônio do Arraial do Tejuco, com atuações específicas em 1785 e 1786, e no Santíssimo Sacramento da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco, entre 1783-1784 a 1797-1798 possui um vínculo exclusivamente profissional como prestador de serviço, e como inquilino da última no período de 1788-1789 a 1797-1798. Já na Irmandade de Nossa Senhora das Mercês Lobo de Mesquita era vinculado como membro, tendo tomado posse em 1788, bem como na Irmandade de Nossa Senhora do Amparo onde não se tem uma comprovação da sua entrada, mas se pode comprovar por meio de dois documentos datados de 1795 que ele possuía o cargo de tesoureiro nos confirmando a sua filiação.

[893] Em uma sessão dedicada a Lobo de Mesquita disponibiliza um quadro onde registra que o valor recebido pelo músico ao longo de 13 biênios (1783–1784 a 1797–1798) foi de 818 (oitocentos e dezoito) oitavas de ouro e dois vinténs, pagando por sua moradia 428 (quatrocentos e vinte e oito) oitavas de ouro, tendo um saldo a seu favor assim de 390 – 2 (trezentos e noventa) oitavas de ouro e dois vinténs. (LANGE, 1982, p. 121)

Quadro 51 – Registros de ganhos de Lobo de Mesquita das Irmandades e Confrarias do Arraial do Tejuco

Vinculo de Lobo de Mesquita com as Irmandades e Confrarias do Arraial do Tejuco															
Santíssimo Sacramento	20	12,5	0	20	0	60	40	40	50	50	50	50	40	40	40
Carmo				4	4,5	0,5	50	50	50	50	50	50	50		
Terço			2	1											
Amparo												X	X	X	X
Mercês												X	X	X	X
Pagamento de Aluguel						60	40	40	50	48	40	50	40	30	30
Saldo	20	12,5	2	25	4,5	0,5	50	50	50	52	60	50	50	10	10
Biênio	1783 1784	1784 1785	1785 1786	1786 1787	1787 1788	1788 1789	1789 1790	1790 1791	1791 1792	1792 1793	1793 1794	1794 1795	1795 1796	1796 1797	1797 1798
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 – Compilação Rachel de Ulhôa

Nos chama a atenção no Quadro 51 o fato de logo na sua chegada ao Arraial seu vínculo se dá com a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco. Infelizmente, na falta de um Livro de Termos de Ajuste, esta constatação só é possível de ser obtida por meio do registro de pagamento de 20 (vinte) oitavas de ouro ao músico no Livro de Receitas e Despesas da Irmandade. É destaque também o fato que nos últimos dois biênios de permanência do Lobo de Mesquita no Tejuco, 1996-97 e 1797-98 seu vínculo com a Ordem Terceira do Monte do Carmo é interrompido, ficando evidenciado uma significativa diminuição nos ganhos de Lobo de Mesquita, o que provavelmente dificultou o pagamento de dois alugueis para a Irmandade do Santíssimo Sacramento. Qualquer ilação em torno da saída de Lobo de Mesquita da Ordem Terceira do Monte do Carmo do Arraial do Tejuco fica dirimida diante do fato que ele se vincula em 1º de setembro de 1789 a mesma ordem só que em Vila Rica.[894] Voltemos a analisar a documentação referente diretamente a Lobo de Mesquita nas Irmandades e Confrarias do Tejuco.

[894] LANGE, 1982, p. 123

4.2.1 Lobo de Mesquita na Ordem Terceira do Carmo

Na documentação da Ordem Terceira do Carmo encontramos cinco documentos ligados ao seu nome (Quadro 52). O documento LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.04, abre o conjunto documental na forma de listagem, constando nessa a menção a compra de remédios para o organista.

Quadro 52 - Documentos referentes a Lobo de Mesquita – Ordem Terceira do Carmo. Arraial do Tejuco

Categoria		Irmandades e Confrarias		
Ordem Terceira do Carmo				
José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
01	10.3.35.04		01	Listagem
02	10.3.35.07		14	Trans. Seletiva. Doc. Ref. (13 T. de Entrada Músicos)
03		10.3.39.25	01	Listagem
04		10.3.39.26	01	Notas Articuladas

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 – Subsérie 10.3 – ACL/UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Já o segundo documento[895] é integrado por 13 Termos de entrada de músicos, do período de março de 1777 a abril de 1819. Dois Termos dizem respeito diretamente a Lobo de Mesquita. O primeiro é o Termo de Ajuste nº 67, datado de 17 de julho de 1789, que delibera sobre sua contratação, suas obrigações como organista, as concessões da Ordem para com ele e a sua remuneração. O segundo é o Termo de Ajuste nº. 73, de 16 de junho de 1791, que complementa o termo anterior. Esses dois Termos esclarecem que Lobo de Mesquita era um prestador de serviço da Ordem Terceira.

Em princípio, no ano de 1789, este músico tão destacado por Curt Lange, tinha como obrigação tocar o órgão em todas as Missas e Ladainhas que festejassem

[895] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.04

a sua padroeira, N. S. do Carmo, bem como na novena e dia de Santa Quitéria, no tríduo de Santo Elias, na Novena e dia de Santa Tereza, no centenário de N. Senhora das Dores e nos Cultos a São José. Em contrapartida, a Ordem deveria providenciar um tocador dos foles do órgão e pagar ao organista 50 (cinquenta) oitavas de ouro anuais, em dois pagamentos iguais, a cada seis meses. Contudo, em 1791, uma mudança altera as exigências laborais da entidade patronal, dado que passa a ser discriminado que Lobo de Mesquita deveria, aliás seria "obrigado" a tocar o órgão em todas as funções que a Ordem promovesse na Capela, com a ressalva que se nas ditas funções houvesse música, nesse caso, seria o organista um dos primeiros contemplados no ajuste da música. Outro destaque é a ressalva que se houvesse algum devoto que quisesse fazer qualquer festejo dentro da então Capela do Carmo, o pagamento ao organista recairia sob sua responsabilidade individual. Ao final do Termo é deixado explícito que as deliberações não afetariam o ordenado do organista que continuaria em 50 (cinquenta) oitavas de ouro anuais, na forma já ajustada no Termo anterior.

No penúltimo documento desta sequência, Curt Lange registra Lobo de Mesquita e os demais músicos, cujos nomes encontraram apontamentos junto à Ordem Terceira do Carmo, como não sendo irmãos associados a esta organização[896]

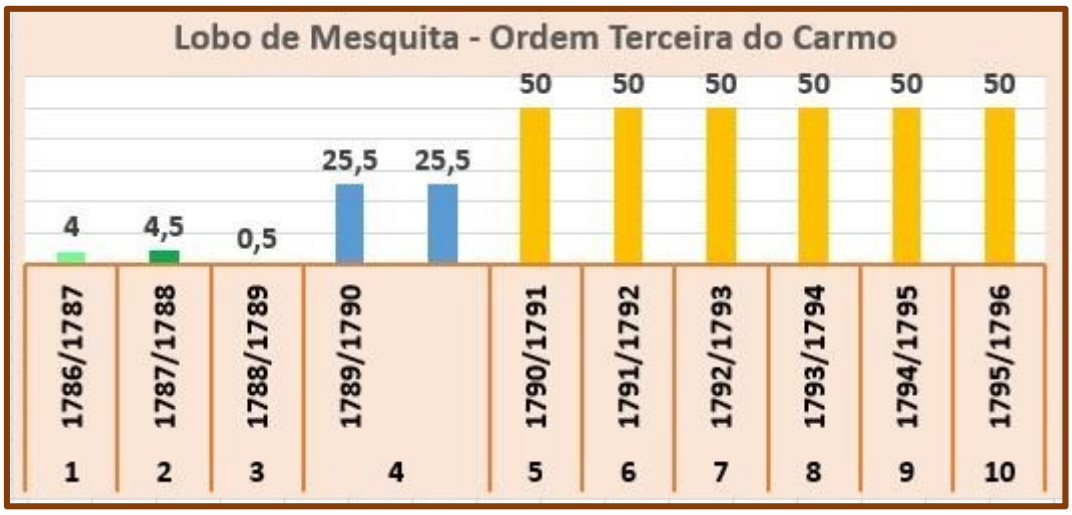
O documento classificado como Notas Articuladas, demonstra a busca de Curt Lange por indícios que possibilitassem a reconstrução da vida de Lobo de Mesquita (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.28). Contém registros da família, como João Gomes de Mesquita e Manoel Alexandre de Mesquita e Freitas, retirados dos registros transcritos do "1º Livro dos Irmão professores" da Ordem Terceira do Carmo. Destacamos dois apontamentos, ao final do documento: "Irmandade de N. S. de Rosário na freguesia da Conceição da Villa do Príncipe do Serro do Frio no ano de 1728"; e, "na provisão expedida em Lisboa a 14 de setembro de 1767, assina um D. José Joaquim Lobo da Silveira". Não podemos deixar de associar os apontamentos nesse documento, a uma aparente tentativa de fazer um levantamento dos músicos

[896] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.025.

Mesquitas da época, corroborando com o fato de Curt Lange declarar em diversas produções bibliográficas que considerava Emerico Lobo de Mesquita como de proveniência portuguesa, dada a qualidade do seu repertório musical. Este aspecto, que demonstra um certo preconceito sobre o tipo de formação musical que ocorria nesta delimitação geográfica, reforça a imagem implícita que não considerava os brasileiros de cor, nos rincões das Minas Gerais, fossem capazes de produzir a música que produziram. Este aspecto, que esteve na origem da polêmica levantada sobre a autenticidade do repertório encontrado e divulgado por Curt Lange sobre Minas Gerais[897], alinhava-se também ao novo conceito denominado de mulatismo musical[898]

Mas retomando o tema sobre este compositor, focando agora nos valores pagos pela Ordem Terceira do Carmo ao músico (Gráfico 13), fica evidente que nos anos de 1786 a 1789 ele tocou o órgão esporadicamente para a Ordem.

Gráfico 13 - Ordenado de Lobo de Mesquita entre 1786 e 1798 – Ordem Terceira do Carmo Arraial do Tejuco

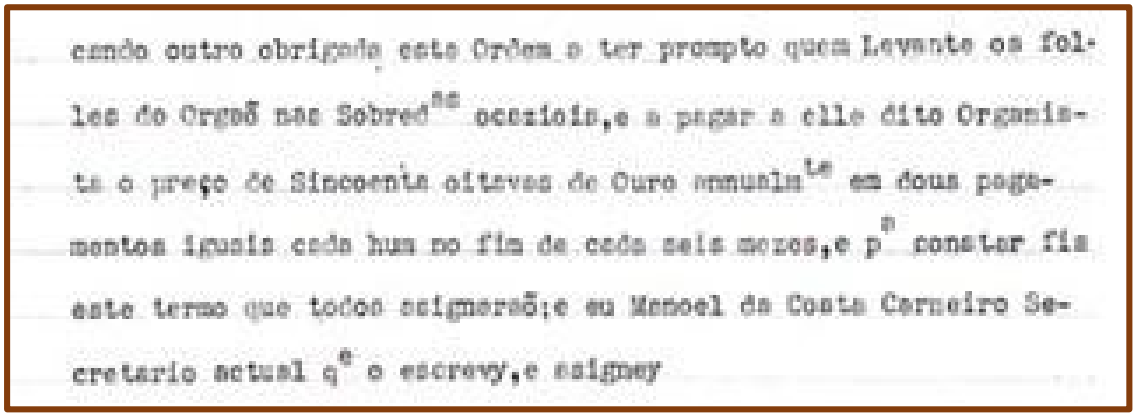


Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 – Subsérie 10.3 – ACL/UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

[897] REMIÃO, 2018
[898] MACHADO NETO, 2012; LOQUE, 2018.

No biênio 1789-1790, observa-se dois pagamentos de 25,5 (vinte e cinco e meia) oitavas de ouro e, posteriormente, valores fixos de 50 (cinquenta) oitavas de ouro entre 1790 e 1796, demonstrando o vínculo do músico como organista oficial da Ordem Terceira do Carmo, como comprovado no Termo de Ajuste celebrado (Figura 42).

Figura 42 - Detalhe de cópia da transcrição de Termo de Ajuste Ordem Terceira do Carmo com Lobo de Mesquita celebrado em 17.07.1789. Arraial do Tejuco



cando outro obrigado este Ordem o ter prompto quem Levante os fol-
les do Orgaõ nas Sobred^as occazioins,e a pagar a elle dito Organis-
ta o preço de Sincoenta oitavas de Ouro annuals^te em dous page-
mentos iguais cada hum no fim de cada seis mezes,e p^a constar fis
este termo que todos asignaraõ;e eu Manoel da Costa Carneiro Se-
cretario actual q^e o escrevy,e asigney

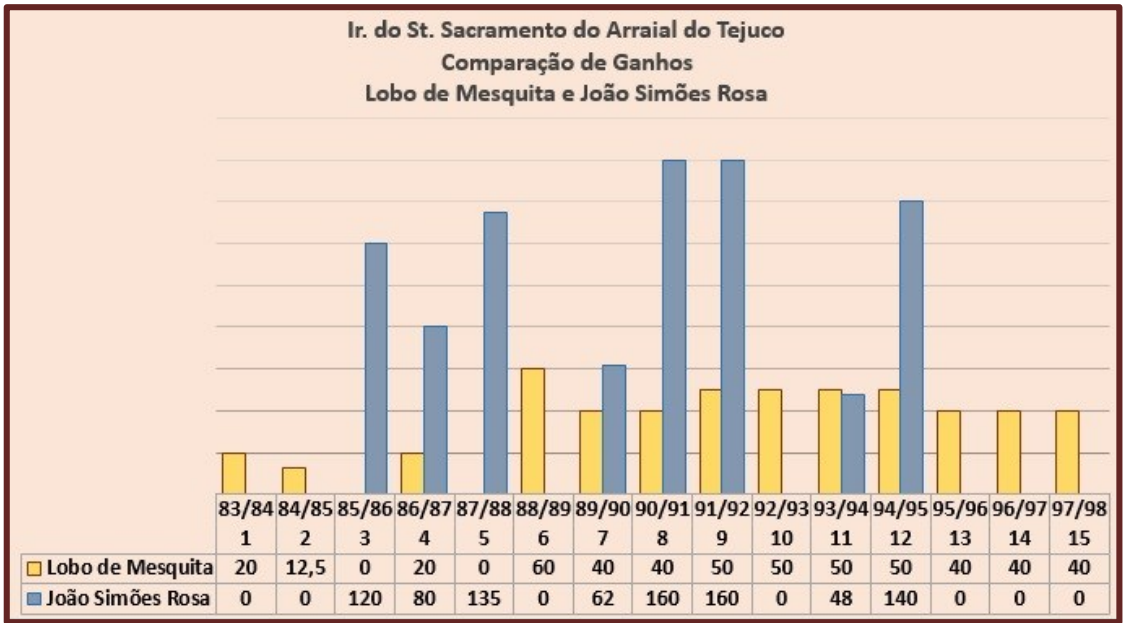
Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.07

4.2.2 Lobo de Mesquita no Santíssimo Sacramento da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco

A documentação referente à Irmandade do Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco nos fornece informações acerca de vários músicos e regentes. A compilação destes dados nos proporcionou analisar em paralelo estas duas realidades. Destacamos a remuneração de Lobo de Mesquita e João Simões Rosa (Gráfico 14). Categorizado como organista, Lobo de Mesquita recebeu, a título de ordenado, uma média de 40 oitavas de ouro, uma remuneração para tanger o órgão que variou desde 12,5 (doze e meia) oitavas de ouro em 1784/1785, e 60 (sessenta) oitavas de ouro em 1788/1789 considerado como seu ápice, encerrando seu desempenho laboral em 40 (quarenta) oitavas de ouro no biênio 1788/1789. Em comparação a João Simões Rosa, intitulado como Regente - que excetuando os anos

de 1793/1794 onde recebe 48 (quarenta e oito) oitavas de ouro, e 1789/1790, 62 (sessenta e duas) oitavas de ouro, recebe pagamentos que variam de 80 (oitenta) a 160 (cento e sessenta) oitavas de ouro em período concomitante à atuação de Lobo de Mesquita. Todos os indícios nos indicam que os valores pagos a João Simões Rosa são referentes a arremates para a música e, portanto, não são específicos para o músico mas para um grupo de músicos. Mas mesmo tendo essa premissa em mente nos impressiona o fato de o pagamento a João Simões Rosa era para um evento ou dois e o de Lobo de Mesquita, conforme está no seu Termo de Ajuste era para várias datas mensais.

Gráfico 14 - Comparação de valores pagos a Lobo de Mesquita e João Simões Rosa. Arraial do Tejuco



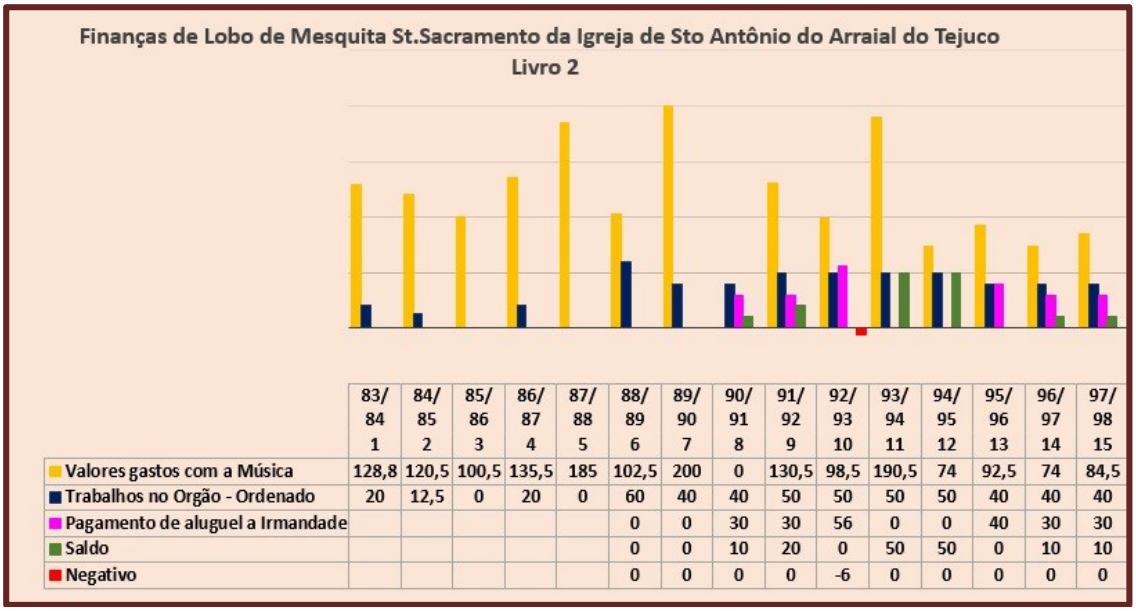
	83/84	84/85	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91	91/92	92/93	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Lobo de Mesquita	20	12,5	0	20	0	60	40	40	50	50	50	50	40	40	40
João Simões Rosa	0	0	120	80	135	0	62	160	160	0	48	140	0	0	0

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Ademais devemos analisar esses dados, observando que nos anos de 1790 a 1798, está anotada como receita do Santíssimo Sacramento do Tejuco o pagamento de aluguel (casa de moradia) pago por Lobo de Mesquita, no valor mensal, de 40 (quarenta) a 50 (cinquenta) oitavas de ouro. Curt Lange, registra que considera

esses valores abusivos, uma vez que verifica o pagamento de valores bem inferiores: 04 (quatro) oitavas de ouro pelo Reverendo Luis dos Reis Silva, e 05 (cinco) oitavas de ouro por José Caetano de Carvalho[899]. Essa informação nos motiva a investigar os registros financeiros referentes a Lobo de Mesquita em detalhes (Gráfico 16).

Gráfico 15 - Finanças de Lobo de Mesquita no St. Sacramento do Arraial do Tejuco



	83/84 1	84/85 2	85/86 3	86/87 4	87/88 5	88/89 6	89/90 7	90/91 8	91/92 9	92/93 10	93/94 11	94/95 12	95/96 13	96/97 14	97/98 15
Valores gastos com a Música	128,8	120,5	100,5	135,5	185	102,5	200	0	130,5	98,5	190,5	74	92,5	74	84,5
Trabalhos no Orgão - Ordenado	20	12,5	0	20	0	60	40	40	50	50	50	50	40	40	40
Pagamento de aluguel a Irmandade						0	0	30	30	56	0	0	40	30	30
Saldo						0	0	10	20	0	50	50	0	10	10
Negativo						0	0	0	0	-6	0	0	0	0	0

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Desconsiderando que o músico tinha, comprovadamente, outra fonte de renda prestando serviços à Ordem Terceira do Carmo, pois estamos avaliando a relação de trabalho entre o mesmo e a Irmandade do Santíssimo Sacramento, verificamos que os únicos anos que Lobo de Mesquita recebeu integralmente seu ordenado foi no biênio 1793 - 1794. Salientado que no biênio 1792 - 1793 o seu ordenado foi de 50 (cinquenta) oitavas de ouro, e o aluguel pago foi de 56 (cinquenta e seis) oitavas de ouro, nos demais anos, seu ordenado retorna para os cofres da Irmandade, na forma de pagamento de aluguel, em percentuais entre 60 e 75%, chegando a 100% no biênio 1795 - 1796.

[899] LANGE, 1982, p. 204

Diante destas análises extraídas dos dados contidos nos documentos até agora revisitados, demonstramos a possibilidade de uma rediscussão do lugar de Lobo de Mesquita na estrutura social do período. Percebemos que as diferentes funções a ele atribuída, nas diferentes organizações da época - como prestador de serviço comum (tangedor do órgão), especialmente na Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de Sto. Antônio do Arraial do Tejuco, o que se mantém na Ordem Terceira do Carmo, se caracterizava muito mais como uma relação de dependência e subordinação do que uma relação pacífica e emancipadora, presente na interpretação de Curt Lange. O valor da remuneração de Lobo de Mesquita, pagos por serviços musicais prestados à Irmandade do Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco, e o valor pago, pelo mesmo, a essa mesma Irmandade pelo aluguel de sua casa de morada, apontam para uma relação de apropriação/ violência, não explicitada - dada o período e as premissas teóricas a ela intrínsecas – na interpretação dada, a esses dados, por Francisco Curt Lange entre as décadas de 1940 a 1980. Essa possibilidade, confessamos, desde o princípio da elaboração deste nosso trabalho, nos motivou a buscar por mais material, nos documentos de pesquisa, por ele reunidos.

4.2.3 Lobo de Mesquita na Confraria de Nossa Senhora das Mercês

A organização dos documentos, estudos e transcrições de Curt Lange evidenciam que inicialmente o musicólogo explorava a documentação encontrada, transcrevendo ora pequenos trechos de forma literal ora na forma de notas com as suas observações, os registros de gastos com a música ou de evidências da existência de uma prática musical nas documentações analisadas.

Aqui como em todas as Irmandades e Confrarias observamos o seu interesse com os registros ligados de alguma forma ao organista, maestro e compositor Joaquim José Emerico Lobo de Mesquita – (Lobo de Mesquita). Exitoso em sua busca, Curt Lange, dedica seis documentos do conjunto à transcrição de informações a seu respeito (Quadro 53). Não nos parece casual que os dois

primeiros documentos que compõem o conjunto documental da Congregação das Mercês comprovam a dedicação de Curt Lange em levantar informações acerca de Lobo de Mesquita.

O primeiro documento é uma transcrição do texto de uma certidão extraída da folha 19 - verso, onde o Capelão Padre Manoel Antônio da Silva, em 13 de agosto de 1805, certifica ter "dito treze missas pela alma do falecido Jozé Joaquim Emerico" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.21). Curt Lange comprova o vínculo de Lobo de Mesquita com a Congregação das Mercês nesta certidão extraída do Livro de Certidões de Missas Rezadas, aberto pelo escrivão da Congregação das Mercês, Manoel Francisco Ribeiro em 07 de outubro de 1776.

Quadro 53 – Documentos referentes a Lobo de Mesquita – Confraria das Mercês. Arraial do Tejuco

Categoria		Irmandades e Confrarias		
Confraria das Mercês - Arraial do Tejuco				
Temática		J. J. Emerico Lobo de Mesquita		
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Classificação
	10.3.35	10.3.39		
01	10.3.35.21		01	Trans. Seletiva (Certidão de Missa Rezada)
02	10.3.35.22		01	Notas Articuladas
06		10.3.39.06	01	Trans. Seletiva (T.de Entrada de Irmãos)
12		10.3.39.22	04	Transcrição Seletiva (Livro de Eleições)
15		10.3.39.30	02	Transcrição Seletiva (Livro de Eleições)

Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

Já o segundo documento, por nós classificado como Notas Articuladas, traz as impressões de Curt Lange, sobre os registros referentes ao organista no Livro de Receitas e Despesas que vai de 1770 a 1803. Curt Lange deixa claro que do ano de entrada de Lobo de Mesquita (1788) até o ano de sua saída do Tejuco (1789), ele não encontrou nenhum registro da contribuição do músico para a Confraria, fato que o leva a levantar duas hipóteses. A primeira que

> [...] José Joaquim Emerico deve ter sido dispensado de pagamento no momento da sua entrada ou pouco depois, porque aquela não foi

> registrada. Também é possível que a sua atuação como organista fosse brindada gratuitamente desde o momento da entrada como irmão, pois registrou-se um pagamento só em 1787, um ano antes, em folha 108 - verso [,] (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.22)

A segunda hipótese levantada por Curt Lange é que "Tendo sido Nossa Senhora das Mercês da devoção de José Joaquim, sem dúvida deve ter-lhe dedicado diversas obras" (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.22).

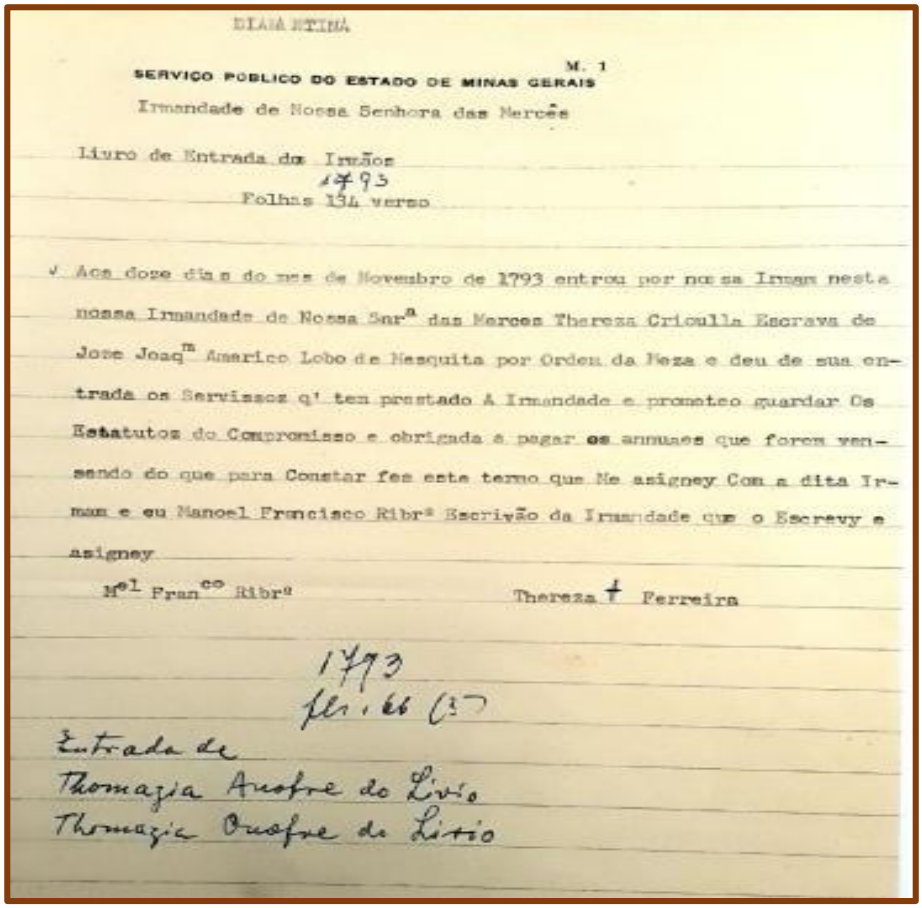
Contendo a transcrição de 10 Termos de Entrada de irmãos na Confraria encontramos no quarto documento do conjunto documental das Mercês, documento 4 LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.04, dois termos referentes diretamente a Lobo de Mesquita. Retirado do Livro de Termos de Entrada de Irmãos nº. 1 da Confraria, de 1788 a 1795, destacamos nessa temática a transcrição do Termo de Entrada de nº. 5. Trata-se da transcrição da Entrada, em 1793, de Thereza Crioula, escrava de Lobo de Mesquita, com a justificativa em que essa se deu em função dos serviços já prestados à Irmandade. Curt Lange no texto do livro XVII acredita que esses serviços provavelmente "em lavagem de roupa e limpeza da igreja; tal serviço ela deve ter prestado espontaneamente, seu proprietário, interessado ao mesmo tempo que ela gozasse dos privilégios outorgados pela Congregação".[900]

Encontramos no documento 6 (LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39.06), replicado aqui na Figura 43, a transcrição de todo o teor do seu termo de entrada, o que se mostrará importante. Para além do fato que no corpo do termo a escrava de Lobo de Mesquita é denominada de Thereza Crioula, a assinatura no final do Termo é certamente como o seu nome de batismo Thereza Ferreira, Curt Lange toma o cuidado de replicar a assinatura em cruz sobre seu nome indicando claramente que ela era analfabeta. Somada a esse registro outra especificidade deste documento é o registro de Curt Lange da data 1793 e duas vezes o nome Thomázia Onofre Lívio nos levando a crer que no mesmo ano de entrada de Thereza, 1793, se deu a entrada de Thomázia Onofre Lívio, esposa de Lobo de Mesquita. Entretanto, apesar deste

[900] LANGE, 1982, p. 142

registro, Curt Lange afirma textualmente que a entrada de Thomázia se deu no mesmo ano de seu marido Lobo de Mesquita, em 15 de agosto de 1788. Visto que até o momento não identificamos na documentação analisada o Termo de Entrada de Thomázia replicamos aqui os termos expressos no Livro XVIII: [...] deu de sua entrada oitava e meya [meia] de ouro, porducto [produto] que vençeu [venceu] O Irmão Joze Joaqum de tocar o Orgó [órgão] na do [dita] Capella [capela]".[901]

Figura 43 - Cópia da transcrição do Termo de Entrada de Thereza Onofre do Lívio Escrava de Lobo de Mesquita (12.11.1793). Arraial do Tejuco



SERVIÇO PUBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

M. 1

Irmandade de Nossa Senhora das Mercês

Livro de Entrada dos Irmãos

1793

Folhas 134 verso

Aos doze dias do mes de Novembro de 1793 entrou por nossa Irman nesta nossa Irmandade de Nossa Snr[a] das Mercez Thereza Crioulla Escrava de Joze Joaq[m] Amarico Lobo de Mesquita por Ordem da Meza e deu de sua entrada os Servissos q' tem prestado A Irmandade e prometeo guardar Os Estatutos do Compromisso e obrigada a pagar as annuaes que forem vencendo do que para Constar fes este termo que Ne asigney Com a dita Irman e eu Manoel Francisco Ribr[a] Escrivão da Irmandade que o Escrevy e asigney

M[el] Fran[co] Ribr[a] Thereza † Ferreira

1793

fls. 66 (3ª)

Entrada de

Thomazia Anofre do Livio

Thomazia Onofre do Litio

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.06

Curt Lange relata que não estabeleceu um vínculo entre o casal, mesmo sendo o valor de sua entrada coincidente com o valor do "ordenado recebido por

[901] LANGE, 1982, p. 140

José Joaquim como organista na Capela das Mercês"[902]. Contudo, referente ao ordenado do Lobo de Mesquita na Congregação das Mercês não encontramos no conjunto documental, disponível e analisado, um documento que desse sustentação para essa afirmação de Curt Lange. Antes sim ele afirma textualmente:

> A percepção de ordenado de José Joaquim Emerico é mínima. Pagou-se a ele, por acompanhamento da Festa de Nossa Senhora das Mercês, em 1786, a quantia de ¾ oitava de ouro [¾ de uma oitava de ouro]. Se somarmos a entrada da mulher de José Joaquim Tomazia Onofre do Lírio descontando-se do seu ordenado (se houve) oitava e meia, chegaríamos a um superávit de ¾ oitava em favor do organista e compositor; mas, como não mais aparecem assentamento em nome dele, fica-nos vedado o conhecimento exato da sua situação nas Mercês, devendo supor-se que tenha atuado sem cobrar ordenado[903]

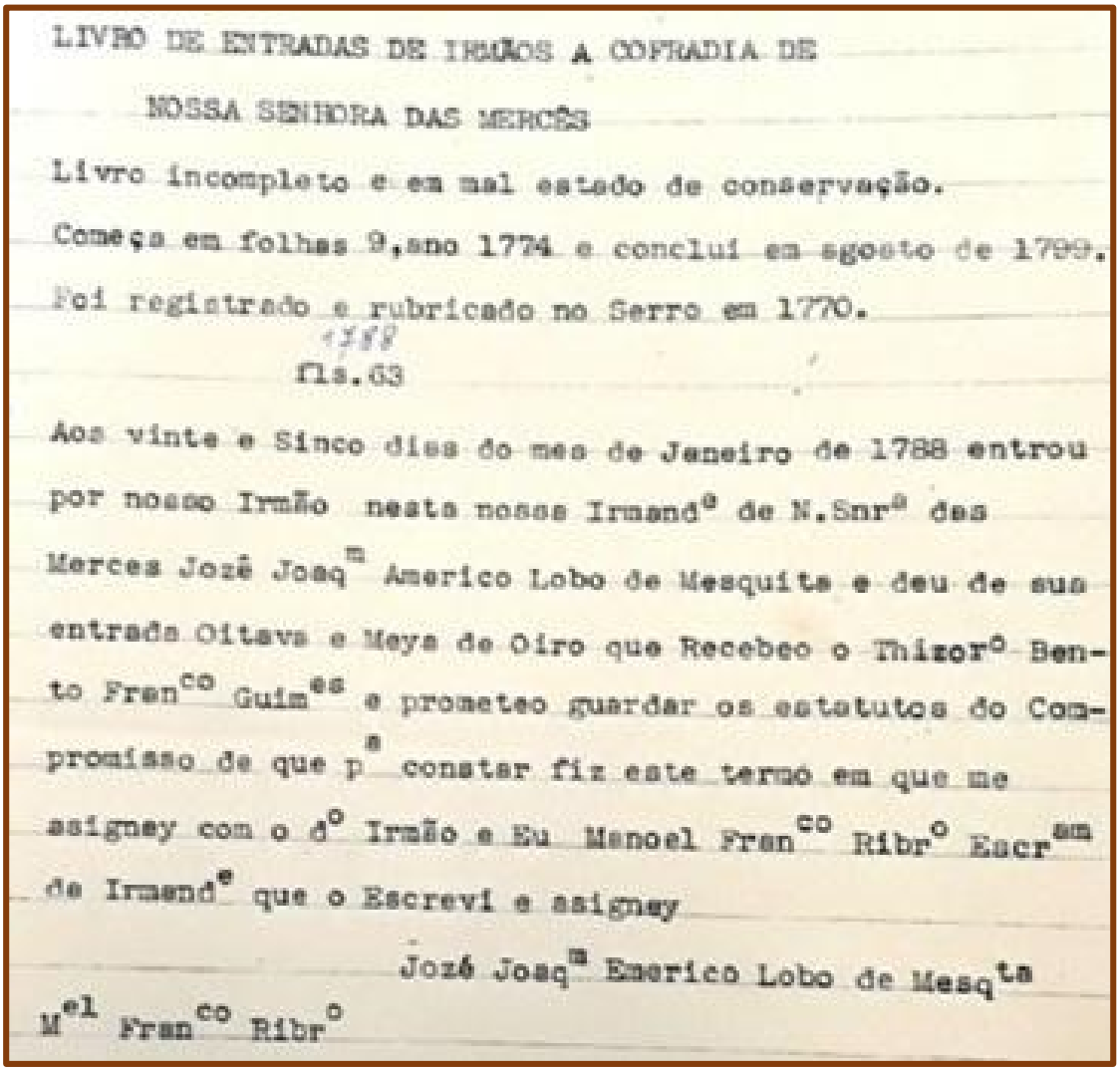
Cabe observar, também, que no texto do livro XVIII, Curt Lange registra que o vínculo matrimonial entre Thomázia e Lobo de Mesquita foi descoberto perto da data que publicou o Livro XVIII, portanto em torno de 1982, pelo historiador Tarquínio José Barbosa de Oliveira,[904] infelizmente não citando como essa descoberta se deu.

Apesar de ter sido registrado cinco anos antes, 1788, da entrada de Thereza Crioula em 1793, o Termo de Entrada de Lobo de Mesquita foi arquivado por Curt Lange em penúltimo lugar no documento quatro. Como pode ser observado na Figura 44, trata-se de um Termo de conteúdo sucinto sem qualquer informação adicional à sua condição de músico, organista ou compositor, explicita que ao dar entrada na confraria paga a quantia de uma oitava e meia de ouro, prometendo guardar os estatutos da confraria.

---

[902] LANGE, 1982, p. 140
[903] Idem, p. 339
[904] Idem. p. 140

Figura 44 - Termo de Entrada de Lobo de Mesquita (25.01.1788) – Confraria das Mercês – Arraial do Tejuco



LIVRO DE ENTRADAS DE IRMÃOS A CONFRADIA DE

NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Livro incompleto e em mal estado de conservação.

Começa em folhas 9,ano 1774 e conclui em agosto de 1799.

Foi registrado e rubricado no Serro em 1770.

1788

fls.63

Aos vinte e Sinco dias do mes de Janeiro de 1788 entrou por nosso Irmão neste nosso Irmand^{o} de N.Snr^{a} das Merces Jozé Joaq^{m} Americo Lobo de Mesquita e deu de sua entrada Oitava e Meya de Oiro que Recebeo o Thizor^{o} Bento Fran^{co} Guim^{es} e prometeo guardar os estatutos do Compromisso de que p^{a} constar fiz este termo em que me asigney com o d^{o} Irmão e Eu Manoel Fran^{co} Ribr^{o} Escr^{am} de Irmand^{e} que o Escrevi e asignay

Jozé Joaq^{m} Emerico Lobo de Mesq^{ta}

M^{el} Fran^{co} Ribr^{o}

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.06.

Concluindo o agrupamento de documentos referentes a Lobo de Mesquita estão dois documentos que tratam dos cargos e pessoas eleitas para a mesa diretora da Confraria. O primeiro traz uma listagem com o resultado das eleições para os cargos da Confraria de 1788 - 1789 a 1793 - 1794, 1796 - 1987 e 1802 a 1805. O nome de Lobo de Mesquita aparece para o ano de 1789 como juiz para a devoção de

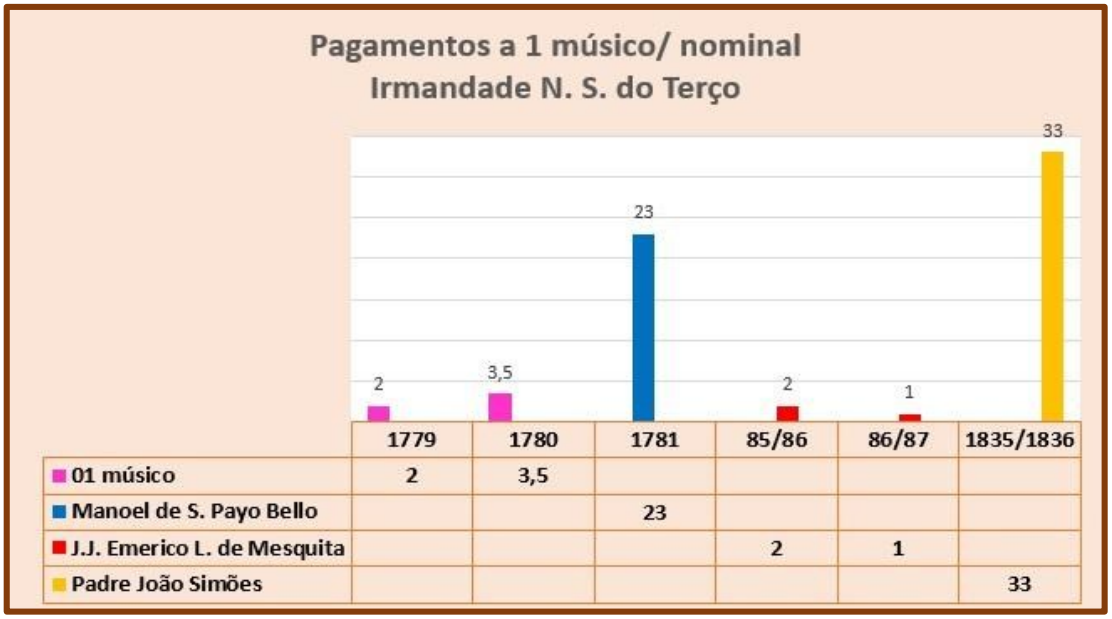
Nossa Senhora da Saúde em parceria com o Reverendo Manoel da Cunha Freitas[905] Já o segundo, nos parece replicada todos os cargos e nomes para o ano de 1789 (LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.30)

4.2.4 Lobo de Mesquita na Irmandade de N. S. do Terço da Capela de Sto. Antônio do Arraial do Tejuco (1770-1844)

Para nós a citação nominal a Lobo de Mesquita (Gráfico 16) no biênio 1785 - 1786 de 2 (duas) oitavas de ouro, valor igual ao pago a um músico no ano de 1779 nos leva a concluir que não havia nenhum tratamento especial ao nosso músico protagonista sendo o valor a ele pago igual a outro músico, nesse caso anônimo. Quanto ao músico Manoel de S. Payo Belo, esse deu entrada em 7 de setembro de 1772 na Confraria das Mercês, apesar de não podendo nela ter cargo ou emprego, possibilidades exclusivas aos seus irmãos fundadores. Contudo, tendo em vista o pagamento a ele realizado, de 23 oitavas de ouro em 1781, podemos concluir que esse pode ter recebido por um grupo de músicos.

[905] LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.22

Gráfico 16 – Registros de pagamento de músicos da Ir. de N. S. do Terço do Arraial do Tejuco

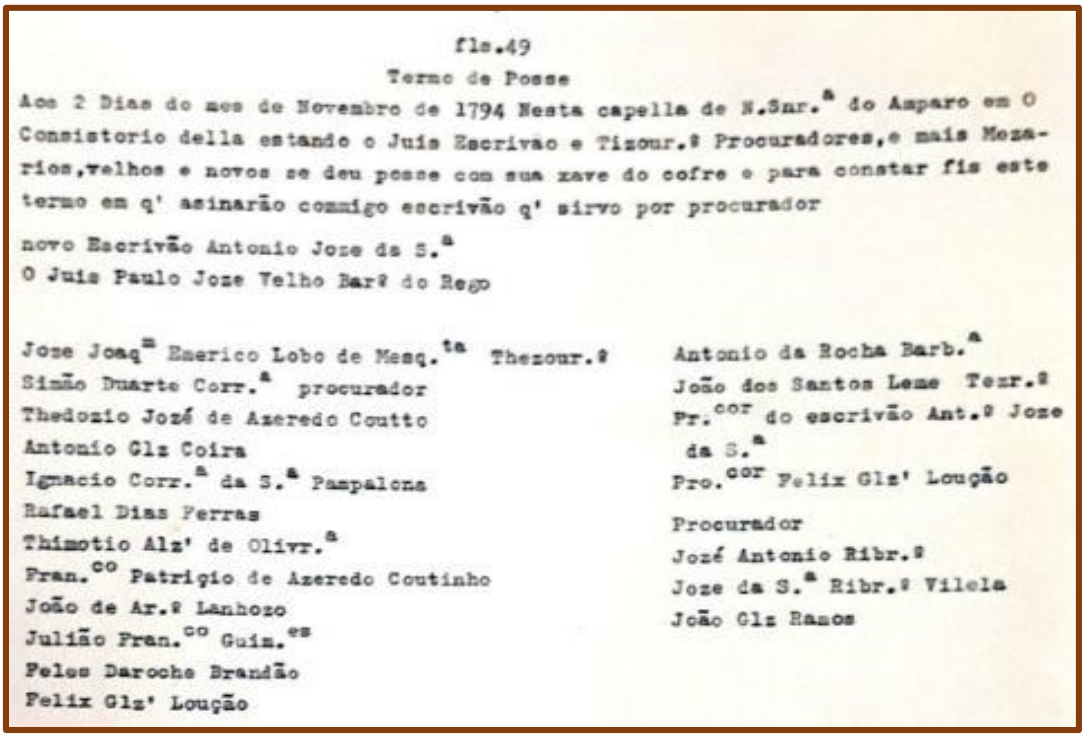


Fonte: Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL- UFMG. Compilação Rachel de Ulhôa

4.2.5 Lobo de Mesquita na Irmandade de Nossa Senhora do Amparo da Capela do Amparo (1779-1791)

As transcrições de alguns Termos de posse de Irmãos na mesa diretora da Irmandade são observadas no documento. O primeiro deles é datado de 2 de novembro de 1794 sendo o Termo de Posse do novo escrivão da Irmandade. O destaque vai para a assinatura de Lobo de Mesquita como tesoureiro (Figura 45), O segundo é um registro da saída de um procurador e a nomeação de um novo, sendo também destacado a presença da assinatura de Lobo de Mesquita como tesoureiro em 24 de fevereiro de 1795. Segue no mesmo ano um Termo de posse do Capelão também assinado como tesoureiro por Lobo de Mesquita, com destaque para a assinatura de João Simões Rosa sem especificação de função (Figura 46). Finalizando o Termo de Posse em 08 de novembro do mesmo ano, com o registro por parte de Curt Lange de assinam Lobo de Mesquita como tesoureiro e João Simões Rosa como escrivão (Figura 47).

Figura 45 - Cópia de transcrição Termo de Posse novos membros da Mesa da Ir. de N.S. do Amparo (2.11.1784) Arraial do Tejuco



fls.49

Termo de Posse

Aos 2 Dias do mes de Novembro de 1794 Nesta capella de N.Snr.ª do Amparo em O Consistorio della estando o Juis Escrivão e Tizour.º Procuradores,e mais Mezarios,velhos e novos se deu posse com sua xave do cofre e para constar fis este termo em q' asinarão commigo escrivão q' sirvo por procurador

novo Escrivão Antonio Joze da S.ª
O Juis Paulo Joze Velho Barº do Rego

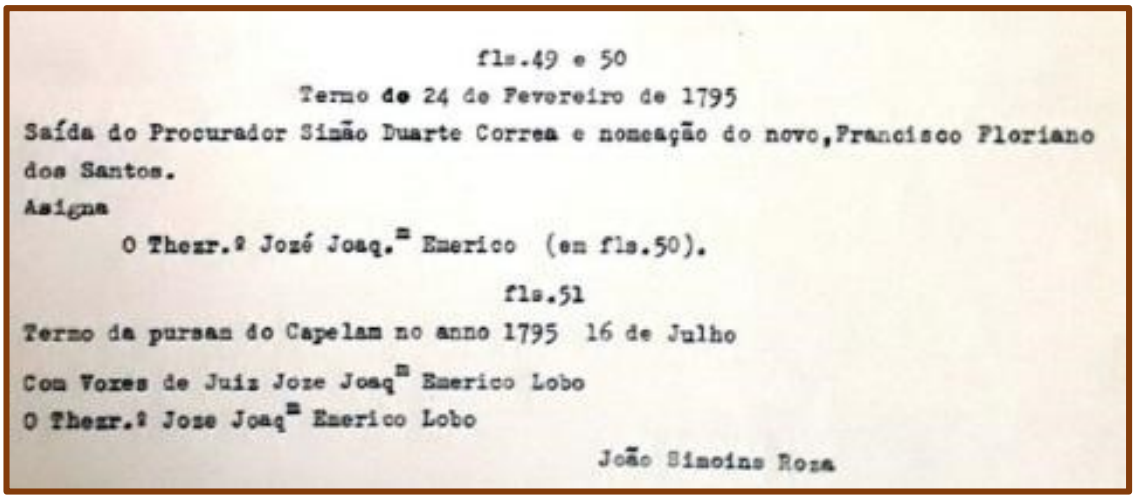
Joze Joaqm Emerico Lobo de Mesq.ta Thezour.º
Simão Duarte Corr.ª procurador
Thedozio Jozé de Azeredo Coutto
Antonio Glz Coira
Ignacio Corr.ª da S.ª Pampalona
Rafael Dias Perras
Thimotio Alz' de Olivr.ª
Fran.co Patrigio de Azeredo Coutinho
João de Ar.º Lanhozo
Julião Fran.co Guim.es
Feles Daroche Brandão
Felix Glz' Loução

Antonio da Rocha Barb.ª
João dos Santos Leme Tezr.º
Pr.cor do escrivão Ant.º Joze da S.ª
Pro.cor Felix Glz' Loução

Procurador
Jozé Antonio Ribr.º
Joze da S.ª Ribr.º Vilela
João Glz Ramos

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.31

Figura 46 - Termo de Posse de 24.02.1795 - Ir. de N. S. do Amparo – Arraial do Tejuco



fls.49 e 50

Termo de 24 de Fevereiro de 1795

Saída do Procurador Simão Duarte Correa e nomeação do novo,Francisco Floriano dos Santos.

Asigna

O Thezr.º Jozé Joaq.m Emerico (em fls.50).

fls.51

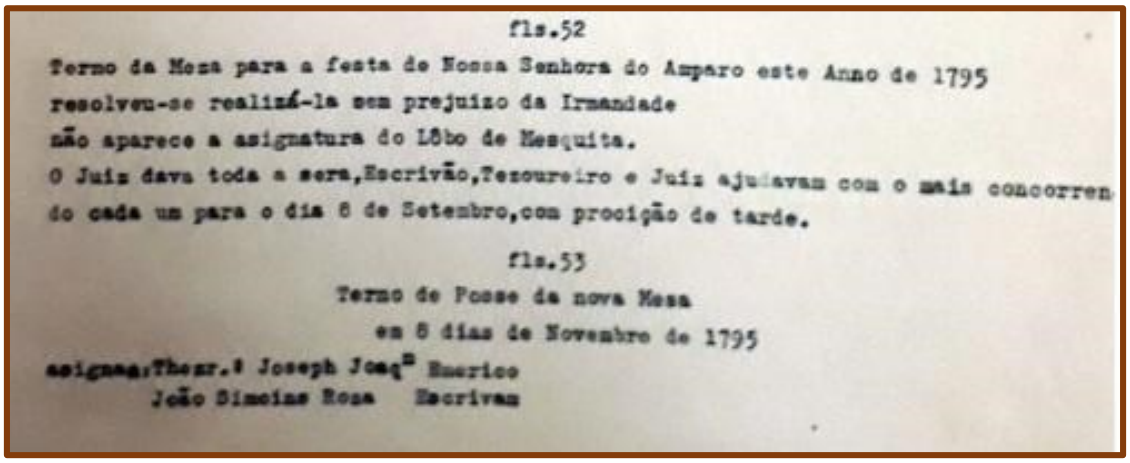
Termo da pursan do Capelam no anno 1795 16 de Julho

Com Vozes de Juiz Joze Joaqm Emerico Lobo
O Thezr.º Joze Joaqm Emerico Lobo

João Simoins Roza

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.31

Figura 47 - Cópia da transcrição de Registros de Curt Lange de Termos de Posse de 1795 – Ir. N. S. do Rosário – Arraial do Tejuco



fls.52

Termo da Meza para a festa de Nossa Senhora do Amparo este Anno de 1795
resolveu-se realizá-la sem prejuizo da Irmandade
não aparece a asignatura do Lôbo de Mesquita.
O Juiz dava toda a sera,Escrivão,Tezoureiro e Juiz ajudavam com o mais concorren
do cada um para o dia 8 de Setembro,com procição de tarde.

fls.53

Termo de Posse da nova Mesa
em 8 dias de Novembro de 1795
asignaa:Thesr.º Joseph Joaq.ª Emerico
João Simoins Roza Escrivam

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.39.31

4.2.6 Lobo de Mesquita: Diversos

Passaremos, agora para um conjunto documental acerca de Lobo de Mesquita extraído das pastas 10.3.35 e 10.3.39, que optamos em reunir nesta sessão por serem difusos na abordagem ou por tratar de temas ligados a Lobo de Mesquita, mas com foco diferenciado ao registrado na categoria Irmandades e Confrarias. São 13 documentos. Os subdividimos, conforme o seu conteúdo, em 5 subgrupos que passaremos a tratar. No Quadro 54 uma síntese destes para termos noção do todo.

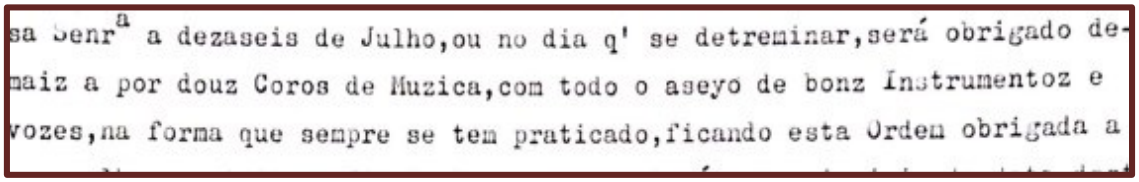
Quadro 54 – Documentos referentes a Lobo de Mesquita - Diversos

Categoria		Músicos e Regentes		
Lobo de Mesquita: Diversos				
Qt.	Pastas de Origem		Nº de Folhas	Descrição
	10.3.35	10.3.39		
Na Ordem Terceira do Carmo de Vila Rica				
01	10.3.35.24		01	Termo de Ajuste 1º de setembro de 1798 – Ordem 3ª do Carmo de Villa Rica
	10.3.35.43		01	Listagem participação de J. J. Emerico – Ordem 3ª do Carmo de Villa Rica
Obras: anotações				
02	10.3.35.27		01	Descrição do Officium Defunctorum
03	10.3.35.28		02	Dispositivo Litúrgico do Officium Defunctorum
04	10.3.35.29		01	Análise do Officium Defunctorum
05	10.3.35.32		01	Relação das partes com andamento da Missa em Mib
06	10.3.35.33		01	Listagem com duração: Missa n.° 02, Ladainha e Te Deum
Em busca das origens				
07	10.3.35.40		01	Listagem participação dos "Lobos" de Mesquita no Senado da Câmara do Serro
08		10.3.39.02	04	Pesquisa "Mesquitas" em Portugal
Anotações cronológicas				
09	10.3.35.45		04	Cronologia I
10	10.3.35.46		03	Cronologia II
[Acervo: Buscar]				
11	10.3.35.47			[scanear]
12	10.3.35.48			[scanear]

Pastas 10.3.35 e 10.3.39 da Subsérie 10.3 ACL – UFMG - Compilação de Rachel de Ulhôa

O primeiro subgrupo reúne dois documentos que têm como temática a Ordem Terceira do Carmo de Vila Rica. Primeiramente a transcrição do termo de ajuste de prestação de serviços de Lobo de Mesquita assinado com a Ordem em 1º de setembro de 1798 (LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35.24). Com esse documento Curt Lange comprova sua mudança do Tejuco para Vila Rica. Possui esse termo informações detalhadas do contrato entre as partes. Por um lado, o "novo professor", por sua proposta, foi contratado para "a música" de todo o ano da Ordem. E por outro o pagamento de 80 (oitenta) oitavas de ouro pela Ordem Terceira. Nos parece implícito que o termo "a música" envolvia não só a execução, como a composição apesar de Lobo de Mesquita ser citado como professor, fato que diferencia a sua condição de organista referidas na Ordem Terceira do Carmo e da Irmandade de Nossa Senhora Do Carmo, ambas do Arraial do Tejuco. Nos chama a atenção um trecho que reproduzimos abaixo, por ser esse uma especificidade deste termo em particular.

Figura 48 – Detalhe de cópia de transcrição do Termo de Ajuste de Lobo de Mesquita com a Ordem Terceira de Vila Rica – 1º de setembro de 1798


sa Senr^a a dezaseis de Julho,ou no dia q' se detreminar,será obrigado de-
maiz a por douz Coros de Muzica,com todo o aseyo de bonz Instrumentoz e
vozes,na forma que sempre se tem praticado,ficando esta Ordem obrigada a

Fonte: LANGE, BRUFMGBUCL 10.3.35.24

Após o detalhamento de todas as ocasiões que Lobo de Mesquita seria responsável, pela música, no decorrer do ano detalha o Termo de Ajuste que o "professor" estaria obrigado a garantir na Festa do Carmo "[...] dois coros de música com todo asseio de bons instrumentos e vozes, na forma que sempre se tem praticado [...]" (Figura 48). Entendemos por asseio por todo um conjunto de procedimentos que envolviam a performance musical, da vestimenta a qualidade sonora apresentada pelo conjunto instrumental e vocal que deveria soar conforme o padrão da época. Isso nos faz pensar que além de todo um comportamento padrão, uma sonoridade específica também era esperada como resultado do que se definia como "música" à época. Curt Lange enfatiza no texto sobre Lobo de Mesquita em Vila Rica se referindo ao Termo de Ajuste entre o músico e a Ordem Terceira

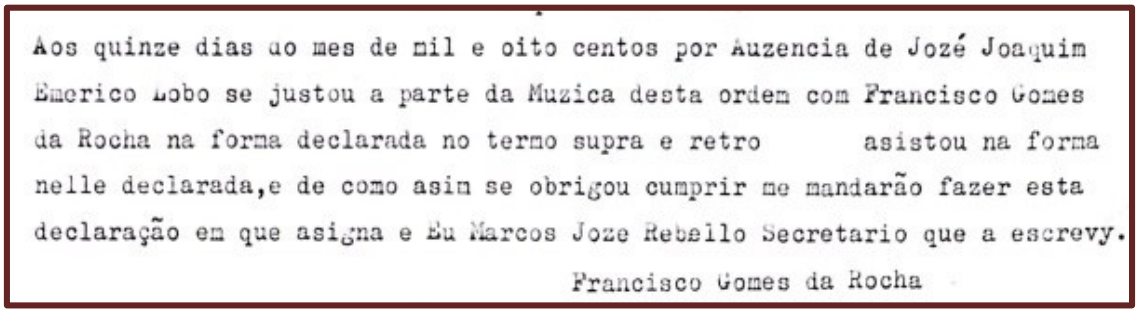
> [...] o convênio foi abusivo de parte da Mesa do Carmo, pouco restando a José Joaquim, uma vez repartidas as quantias estipuladas com seus companheiros. A Ordem Terceira do Carmo, onde houve congregação dos comerciantes de Vila Rica, nunca foi dadivosa nas retribuições aos serviços de música, nem sequer nos melhores anos de mineração [...][906]

Conforme pode ser comprovado nesse mesmo documento que consta a transcrição do seu Termo de Ajuste, a estada de Lobo de Mesquita em Vila Rica, se dá em data anterior a 15 de outubro de 1800, quando comprovadamente assume "a

[906] Lange, 1982, p. 146

parte da música" na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Vila Rica o músico Francisco Gomes da Rocha (1745-1808).

Figura 49 - Cópia de transcrição do Termo de Ajuste de substituição de Lobo de Mesquita por Francisco Gomes da Rocha 15 de outubro de 1800. Vila Rica



Aos quinze dias do mes de mil e oito centos por Auzencia de Jozé Joaquim Emerico Lobo se justou a parte da Muzica desta ordem com Francisco Gomes da Rocha na forma declarada no termo supra e retro asistou na forma nelle declarada,e de como asim se obrigou cumprir me mandarão fazer esta declaração em que asigna e Eu Marcos Joze Rebello Secretario que a escrevy.

Francisco Gomes da Rocha

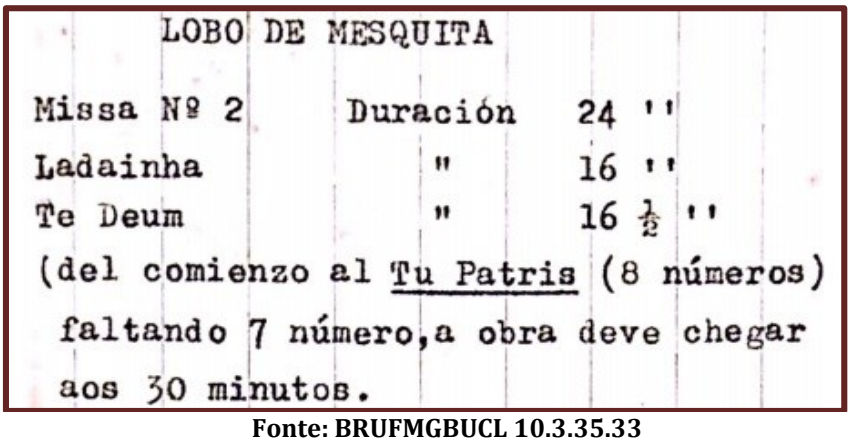
Fonte: BRUFMGBUCL 10.3.35.24

Passemos agora para o segundo documento referente com referência a Lobo de Mesquita na Ordem Terceira do Carmo de Vila Rica (LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35.43). Podemos dividir esse documento em 3 partes. Na primeira encontramos uma síntese da passagem de Lobo de Mesquita por Vila Rica. Curt Lange reafirma que essa se deu de 1798 a 1800. Que Lobo de Mesquita regeu a música do "Tríduo das Quarenta Horas pela quantia de 32 oitavas de ouro". Nos fica a dúvida se essa se deu pela Ordem Terceira do Carmo ou pelo Santíssimo Sacramento, uma vez que essa informação está ligada a outra onde Curt Lange registra que "actuou [atuou] na Irmandade (do Santíssimo Sacramento) Francisco Gomes da Rocha e Jerônimo de Souza Lobo". Na segunda parte encontra-se mais referências à atuação de Lobo de Mesquita, sem indicação da fonte. Encontramos no texto de Curt Lange no Livro VIII os esclarecimentos do conteúdo do documento. O musicólogo esclarece que foi em busca de mais informações acerca de Lobo de Mesquita. Na cidade mineira de Caeté, antiga Vila Nova da Rainha, encontra o registro que o músico foi o responsável pela música fúnebre por ocasião da morte de imperatriz do Brasil Leopoldina, realizada na referida cidade, sendo que há a referência que à música de José Joaquim Emerico foi executada "primorosamente". Destacamos, entretanto, que Curt Lange, tanto no documento, como já comentamos, quanto no texto do livro não nos informa a fonte da informação.

Na terceira e última parte do documento está uma transcrição de uma citação a Saint-Hilaire, feita por John Mawe, utilizada por Curt Lange de forma indireta no Livro VIII. O comentário é a dificuldade de se transportar pianos para o Tejuco, apesar do musicólogo considerar que os recursos financeiros dos Intendentes dos Diamantes, seriam suficientes para tanto dependendo somente da vontade desses[907]

Chegamos agora no segundo subgrupo de documentos integrado por cinco documentos. Tratam de obras de Lobo de Mesquita. Os três primeiros contêm a análise do Ofício dos Defuntos de Lobo de Mesquita. O primeiro (LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35.27), e uma transcrição das informações do Frei Ludovico Bertazzo esclarecendo a Curt Lange as partes, os dispositivos litúrgicos de um *Officium Defuntorum* simples e um solene. O segundo (LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35.28) e o terceiro (LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35.29) a aplicação destas partes, a identificação da estrutura padrão, no Ofício de Lobo de Mesquita. Já o quarto (LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35.32) documento vai explicitar a listagem das partes com indicações de andamento da Missa em Mib do compositor. E, finalmente, o quinto (LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35.33) que replicamos abaixo, com os andamentos de 3 de suas obras: Missa n. º 2, a Ladainha e um Te Deum

Figura 50 - Listagem elaborada por Curt Lange de composições de Lobo de Mesquita com a respectiva duração



LOBO DE MESQUITA

Missa Nº 2 Duración 24 ''
Ladainha " 16 ''
Te Deum " 16 ½ ''
(del comienzo al Tu Patris (8 números)
faltando 7 número, a obra deve chegar
aos 30 minutos.

Fonte: BRUFMGBUCL 10.3.35.33

[907] LANGE, 1982, p. 79

O próximo e penúltimo subgrupo é composto por dois documentos. O primeiro (LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35.40) contém transcrições pontuais extraídas do livro de despesas e receitas do Senado da Câmara da Vila do Príncipe do Serro do Frio. O segundo (LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39.02) é a busca pelos Mesquita na Irmandade de Santa Cecília de Lisboa, de alguma ligação com Emerico registro da patente de alferes que é citado no primeiro termo com a Confraria do Carmo, mas que não é confirmada por outros documentos. Nesse documento Curt Lange registra que o nascimento de Lobo de Mesquita se deu no Serro do Frio a 12 de outubro de 1746, sendo filho natural do português Joseph Lobo de Mesquita e da sua escrava Joaquina Emerenciana.

O último subgrupo também reúne dois documentos que contêm cronologias referentes à trajetória de Lobo de Mesquita. O primeiro LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35.47 deles é o mais completo e o segundo LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35.48, uma réplica menos detalhada deste. Destacamos no primeiro documento dois aspectos: a indicação que a Antífona de Nossa Senhora, composição de Lobo de Mesquita foi encontrada por Curt Lange em 1944 e três questões que Curt Lange lança acerca da música. São elas:

> Se o Padre Almeida Silva fez o primeiro órgão em 1782, José Joaquim Emerico teria atuado só como professor de música, ou existia outros instrumentos anteriormente? 2) Teria vindo do Serro, da Bahia, de Ouro Preto, ou do Rio? 3) Seria Solteiro, casado, teria filhos?

4.3 Considerações finais do capítulo

Para o leitor, sem dúvida, esse foi o capítulo mais árido. Exercitamos o que Curt Lange fez de melhor: transformar dados em narrativa. Não é fácil. Nosso grande aliado para a tabulação de dados foram os recursos da *Microsoft*. Diante da quantidade de dados a serem analisados nos sentimos na obrigação de mais uma vez ressaltar o trabalho hercúleo de Curt Lange. Sua raiz está firmemente ancorada nos

dados primários dos registros oficiais das organizações de leigos e senado da câmara do Serro e Diamantina coloniais. Quantos pesquisadores o fizeram?

Concluímos que o musicólogo trabalha a partir dos registros da documentação primária por ele encontrada (registros referentes a música dos livros oficiais das das sete Irmandades e Confrarias do Serro e Diamantina coloniais e do Senado da Câmara do Serro), em três etapas distintas. A primeira podemos denominar de *exploração documental* onde é evidenciado que a partir de uma análise preliminar de cada organização, o musicólogo lista os possíveis temas a serem aprofundados. Todos logicamente relacionados a vida musical da entidade em questão. Como segundo passo observamos a transcrição, da documentação primária, de *registros intermediários*, uma seleção de temas com apontamentos mais detalhados. E. por fim, os *registros finais*, elementos que estiveram presentes nas duas etapas anteriores, mas que agora são novamente destacados com riqueza de detalhes.

Somente conseguimos perceber essas três etapas adotadas por Curt Lange como método de trabalho, realizando a organização da documentação por ele acondicionada em seu arquivo. Caso não o fizéssemos não teríamos como chegar a essa conclusão. Na nossa busca pela atualização da interpretação dos dados contidos nos documentos por ele intitulados de "estudos e transcrições" referentes a Diamantina e Serro coloniais conseguimos identificar seu método de busca e priorização de temas de seu interesse. Selecionando e digitalizando esse material, bem como realizando a análise e detalhamento do mesmo em face a estrutura e conteúdo de cada documento e, particularmente reunindo a documentação por assunto, conseguimos perceber o método de seleção dos conteúdos priorizados pelo musicólogo para integrarem o texto do livro referentes às práticas musicais das duas localidades, percebendo as sutilezas da organização de seus argumentos.

Ademais, somente utilizando desta estratégia, conseguimos enxergar às práticas não contempladas pelo musicólogo que em acordo ao conceito cunhado por Walter

Benjamin (1892-1940) [908] é denominado de leitura do "contrapelo" da história. Essa metodologia evidencia a importância do historiador, no nosso caso do musicólogo, de realizar nos documentos pesquisados e nas narrativas a elas correspondentes, a leitura das histórias não contadas. Em levantar as evidências das práticas daqueles que foram colocados à margem da narrativa. Realização, no nosso caso, somente possível, na organização e catalogação dos documentos de pesquisa de Curt Lange, ou seja, na revisão destes documentos às avessas, invertendo o olhar, enxergando às práticas que o musicólogo não evidenciou em sua narrativa. Levantando, em certa medida, restos de uma história não contada, silenciada pelo objetivo precípuo de Curt Lange na elaboração do seu texto acerca da história da música no Arraial do Tejuco e na Vila do Príncipe do Serro do Frio[909].

Confrontando o material documental estudado com a publicação referente à história da música em Diamantina e no Serro coloniais publicada em 1982, por Curt Lange, particularmente os textos referentes às irmandades e confrarias mais abastadas - Ordem Terceira de N. Sra. do Carmo do Arraial do Tejuco, as Irmandades do Santíssimos Sacramento do Serro e do Tejuco e a Confraria de N. Sra. das Mercês -, nota-se que o musicólogo procurava constantemente evidências que comprovassem a sua tese da existência de uma escola de "músicos mulatos" na Minas colonial. Destaque deve ser dado ao músico José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1947-1805). Central na pesquisa de Curt Lange acerca da música em Diamantina e Serro coloniais, como as demais interpretações do musicólogo é baseado nos registros por ele encontrados nos livros oficiais das ditas irmandades. Contudo, os argumentos que constroem o cenário musical e social da época, sob sua ótica, são marcados pela idealização. Percebe-se, em certa medida, a construção de um personagem que reflete o ideal de um músico de sucesso, altamente reconhecido e inserido socialmente. Nossa interpretação dos registros encontrados é diferente da do musicólogo. Citamos como exemplo nossas as

---

908 BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: VERLAG, Suhrkamp (org.) *Magia e técnica, arte e política*: ensaio sobre literatura e História da cultura. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

909 Agradeço ao Professor Loque Arcanjo pela valiosa contribuição com as conclusões ora enumeradas.

denominações atribuídas a Lobo de Mesquita nos livros de registro das organizações de leigos indicam que o músico não era tão destacado socialmente quanto considerado por Curt Lange. No Senado da Câmara do Serro, o referido músico, na sua condição de prestador de serviço, era destacado como músico e regente, mas nas Irmandades de leigos, tanto do Serro quanto do Tejuco, em conformidade com a estratificação social escravista do período colonial mineiro, recebe denominações diferenciadas. Na Irmandade do Santíssimo Sacramento do Serro do Frio (1768 a 1819), congregação de homens de destaque da administração real e do comércio, era nominado nos livros de receitas e despesas da Irmandade como "tangedor de órgão" ou "organista", recebendo um ordenado de 40 a 60 oitavas de ouro mensais. Na Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco (1759-1839), também de brancos, era denominado de "organista responsável pela instalação do órgão". Já nas duas Irmandades que congregavam os "crioulos" e os "pardos", Emerico Lobo de Mesquita é destacado como membro da mesa administrativa, sendo explicitamente registrado na Irmandade de Nossa Senhora do Amparo, a composição por sua parte, de uma Missa para Quarta-feira de Cinzas. Concluímos, que apesar das Irmandades Religiosas serem espaços que foram apropriados como lugares possíveis de manifestação identitária por parte de seus membros, a relação profissional, entre essas Irmandades e os Senados da Câmara com os prestadores de serviços musicais, se caracterizava muito mais como uma relação de dependência e subordinação que uma relação pacífica e emancipadora, presente na interpretação de Curt Lange.

Outro aspecto que gostaríamos de destacar na publicação de Curt Lange é que as irmandades e confrarias mais pobres (N. Sra. do Amparo, N. Sra. do Terço e N. Sra. do Rosário), foram relegadas a um segundo plano, sendo sucintamente descritas, acompanhadas apenas pela transcrição da sua documentação. Não podemos desconsiderar que o olhar do musicólogo não cabia, em certa medida, uma vez que não estava ambientado, dada a sua formação germânica, com uma cultura marcadamente entranhada na cultura afro-brasileira, como as manifestações em torno da devoção a Nossa Senhora do Rosário. Contudo, não podemos deixar de registrar que ao se falar em uma história da música em Diamantina e Serro coloniais

todos os fenômenos musicais são importantes. Muitas são as possibilidades que se apresentam a partir dos indícios de uma prática musical que está fortemente presente nos registros setecentistas e chega aos nossos dias.

Em suma, a observação do processo metodológico utilizado por Curt Lange na organização da documentação referente às irmandades e confrarias de Diamantina e Serro coloniais, permite observar que o musicólogo utilizava de forma parcial os dados documentais coletados. Neste âmbito, o Livro XVIII - Vila do Príncipe do Serro do Frio - da Coleção História da Música em Minas, reflete um posicionamento que a música era suntuosa nesta localidade privilegiando apenas as atividades das irmandades mais abastadas e de alguma forma mais restritas socialmente.

Finalizando destacamos um aspecto negativo por nós identificado na organização dos documentos acondicionados no ACL-UFMG (pastas 10.3.35 e 10.3.39), a ausência de datas que indicassem a cronologia da coleta da documentação. Foi necessário, como pode ser verificado nas análises que apresentamos, que deduzíssemos após nosso estudo, por exemplo, a ordem da coleta e acondicionamento da documentação pela ordem que esse foi aparecendo na documentação. Fizemos uma planilha para uma melhor visualização desta cronologia, reproduzida a seguir.

Tabela 3 - Visão geral da documentação da Subsérie 10.3

Pasta 10.3.35		Pasta 10.3.39	
10.3.35. 01	Bibliografia - Relatos de Viagem	10.3.39. 01	Bibliografia – Relatos de Viagem
10.3.35. 02	Descartado na análise	10.3.39. 02	J. J. Emerico Lobo de Mesquita
10.3.35. 03	Ir. e C. – Carmo	10.3.39. 03	Ir. e Conf. - Carmo
10.3.35. 04	Ir. e C. – Carmo	10.3.39. 04	Ir. e Conf. - Mercês
10.3.35. 05	Ir. e C. – Carmo	10.3.39. 05	Ir. e Conf. - Mercês
10.3.35. 06	Antônio da C. Homem	10.3.39. 06	Ir. e Conf. - Mercês
10.3.35. 07	Ir. e Conf. – Carmo (D.R - 13 T. de Entrada)	10.3.39. 07	Bibliografia Colaboradores
10.3.35. 08	Ir. e Conf. – Carmo (D.R - LRD I)	10.3.39. 08	Bibliografia Colaboradores
10.3.35. 09	Ir. e Conf. – Carmo (D.R - LRD II)	10.3.39. 09	Bibliografia Colaboradores
10.3.35. 10	Ir. e Conf. – St. S. Tejuco (D.R – LRD)	10.3.39. 10	Ir. e Conf. - Carmo
10.3.35. 11	Ir. e Conf. – St. S. Tejuco	10.3.39. 11	Bibliografia - Memorialistas
10.3.35. 12	Ir. e Conf. – St. S. Tejuco (D.R – LRD)	10.3.39. 12	Bibliografia - Memorialistas
10.3.35. 13	Descartado na análise	10.3.39. 13	Ir. e Conf. - Mercês
10.3.35. 14	Ir. e Conf. – St. S. Tejuco (D.R – LRD)	10.3.39. 14	Ir. e Conf. – Carmo
10.3.35. 15	Ir. e Conf. – St. S. Tejuco (D.R – LRD)	10.3.39. 15	Ir. e Conf. – Carmo
10.3.35. 16	Ir. e Conf. –Rosário (D.R – LRD)	10.3.39. 16	Ir. e Conf. - Mercês
10.3.35. 17	Descartado na análise	10.3.39. 17	Ir. e Conf. - Mercês
10.3.35. 18	Ir. e Conf. – Rosário (D.R – LRD)	10.3.39. 18	Ir. e Conf. – Mercês (D.R – LRD)
10.3.35. 19	Ir. e Conf. – Rosário (D.R – LRD)	10.3.39. 19	Ir. e Conf. - Mercês
10.3.35. 20	Descartado na análise	10.3.39. 20	Descartado na análise
10.3.35. 21	Ir. e Conf. – Mercês	10.3.39. 21	Descartado na análise
10.3.35. 22	Ir. e Conf. – Mercês	10.3.39. 22	Ir. e Conf. - Mercês
10.3.35. 23	Ir. e Conf. – Rosário	10.3.39. 23	Ir. e Conf. – Mercês (D.R – LRD)
10.3.35. 24	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 24	Ir. e Conf. – Mercês (D.R – LRD)
10.3.35. 25	Bibliografia - Relatos de Viagem	10.3.39. 25	Ir. e Conf. – Carmo
10.3.35. 26	Descartado na análise	10.3.39. 26	Ir. e Conf. – Carmo
10.3.35. 27	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 27	Bibliografia - Revista
10.3.35. 28	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 28	Ir. e Conf. – Carmo
10.3.35. 29	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 29	Ir. e Conf. – Terço
10.3.35. 30	Bibliografia – Colaboradores	10.3.39. 30	Ir. e Conf. - Mercês
10.3.35. 31	Bibliografia – Indeterminado	10.3.39. 31	Ir. e Conf. - Amparo
10.3.35. 32	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 32	Ir. e Conf. – Carmo
10.3.35. 33	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 33	Bibliografia - Revista
10.3.35. 34	Descartado na análise	10.3.39. 34	Bibliografia -Revista
10.3.35. 35	Bibliografia – Indeterminado	10.3.39. 35	Bibliografia - Memorialista
10.3.35. 36	Bibliografia – Colaboradores	10.3.39. 36	Bibliografia - Revista
10.3.35. 37	Descartado na análise	10.3.39. 37	Ir. e Conf. - Mercês
10.3.35. 38	Ir. e Conf. – St. S. Serro	10.3.39. 38	Bibliografia - Revista
10.3.35. 39	Senado da Câmara do Serro	10.3.39. 39	Bibliografia - Memorialista
10.3.35. 40	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 40	Bibliografia - Indeterminado
10.3.35. 41	Bibliografia – Indeterminado	10.3.39. 41	Bibliografia - Memorialista
10.3.35. 42	Descartado na análise	10.3.39. 42	Bibliografia - Colaborador
10.3.35. 43	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 43	Ir. e Conf. – St. S. Tejuco
10.3.35. 44	Ir. e Conf. – Mercês	10.3.39. 44	Ir. e Conf. – St. S. Serro (D.R – LRD)
10.3.35. 45	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 45	Ir. e Conf. – Carmo
10.3.35. 46	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 46	Ir. e Conf. – St. S. Tejuco
10.3.35. 47	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 47	Ir. e Conf. - Mercês
10.3.35. 48	J. J. Emerico Lobo de Mesquita	10.3.39. 48	Ir. e Conf. - Rosário
		10.3.39. 49	Bibliografia - Memorialista
		10.3.39. 50	Bibliografia - Indeterminado

Fonte: LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35 e 10.3.39 – compilação Rachel de Ulhôa

Considerações Finais

Enfatizamos ao longo da tese a prática musicológica de Curt Lange e sua escrita da História da música do Serro e Diamantina coloniais. Adicionalmente às conclusões que apresentamos ao final de cada um dos quatro capítulos, destacamos duas principais a que chegamos. A primeira diz respeito à constatação da centralização da pesquisa de Curt Lange na busca por informações acerca do músico Lobo de Mesquita. Essa postura, defendemos, impacta particularmente na sua leitura acerca do lugar social do músico "mulato" na sociedade da época, visto que idealiza sua posição social considerando essa de destaque, sendo o referido músico, para o musicólogo, altamente reconhecido por seu talento e por suas composições. E a segunda, como consequência desta, consiste na elaboração de uma narrativa parcial da história da música no Serro e em Diamantina coloniais, visto que conduz sua investigação para a comprovação desta interpretação, direcionando claramente seu interesse, em busca de evidências da presença de Lobo de Mesquita nas diversas irmandades e confrarias.

O período pesquisado por Lange cobre 112 anos, iniciando em 1744, e terminando em 1856. Os locais investigados incluem, além de Serro e Diamantina, Ouro Preto e Rio de Janeiro, onde viveu José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. Ao considerar o músico mineiro comparável aos compositores europeus, o musicólogo, além de apresentar uma interpretação idealizada da sua vida e obra, deixa de lado práticas que não considera de importância por remeter a outras tradições culturais diferentes da tradição litúrgica europeia.

A principal manifestação por ele não explorada e evidente nos registros encontrados, é o reisado e a congada, ambos relacionados com a Irmandade de N. Sra. Do Rosário. Essas manifestações são tão arraigadas na região, que até hoje são realizadas pela Irmandade. É certo que Curt Lange dada a sua formação germânica não tinha intimidade com manifestações tão peculiares, tendo tido acesso a elas via breve descrição dos viajantes Spix e Martius. É perceptível o seu interesse exclusivo no que ele denominou de "música erudita". Não identificamos nenhum indício que o

musicólogo tenha cogitado em questionar quais as Irmandades e Confrarias ainda estavam atuantes no Serro e Diamantina, e quais às práticas musicais a ela vinculadas e sua ligação com às práticas musicais setecentistas. Este fato não diminui o mérito e a extensão da coleta dos documentos nas igrejas das irmandades e confrarias, que consumiu toda a atenção do musicólogo.

Lembramos que Paulo Castagna classifica o trabalho de Curt Lange como positivista uma vez que uma das características desta corrente está presente no trabalho do musicólogo nas "amplas compilações de informações históricas, sem uma suficiente reflexão do seu significado"[910]. Contudo, discordamos em parte desta constatação, uma vez que consideramos que Curt Lange reflete sim acerca dos dados que organiza. A questão não é a falta de reflexão e análise de dados, e sim a sua interpretação que nos parece idealizada, apesar de estar ancorada em registros documentais. Uma interpretação que temos o dever de respeitar, mas podemos por nossa parte discordar, pois essa é condizente com sua noção de música que estabelece o que é "importante", de valor, de qualidade, segundo os seus valores. Ou seja, ao escrever a sua história da música de Serro e Diamantina coloniais, Curt Lange só percebia o que a musicologia de tradição germânica considerava importante para ser registrado e valorizado. Consideramos que Curt Lange percebeu Lobo de Mesquita não na colônia, mas como se fosse um músico alemão do séc. XIX (noção romantizada do músico e da música). No entanto, voltamos a concordar com as considerações de Paulo Castagna, na medida em que avaliamos que Curt Lange não realizou estudos suficientes para denominar o que narrou como uma História da música. O livro VIII, como descrito na introdução, reflete essa constatação, uma vez que se evidencia a aglutinação de textos que nos parecem reunidos por ocasião da sua publicação. Entretanto, é fato que o musicólogo constrói uma imagem acerca da vida colonial e da inserção de Lobo de Mesquita e do músico "mulato" em geral nessa sociedade, que repercute até os dias de hoje. Pode-se argumentar que o musicólogo tenha feito uma clara opção pela descrição e análise

---

[910] Paulo Castagna, 2008a, p. 13

em torno exclusivo da música litúrgica. Sim, com certeza, essa seria uma decisão de cunho particular absolutamente legítima e inquestionável. Contudo, consideramos que a estrutura e dinâmica proposta para o Livro VIII não explicita essa opção. Sem especificar diretamente sua escolha, salvo no texto com o título "Em torno à música erudita nas Minas Gerais e com particular ênfase referente à Vila do Príncipe do Serro do Frio e do Arraial do Tejuco"[911], o autor apresenta cada uma das sete Irmandades as quais coletou algum tipo de material apresentando a documentação comprobatória logo a seguir. Acrescenta-se a esse fato a referência que o próprio musicólogo faz a textos de sua autoria, como, por exemplo, "As Danças coletivas públicas no período Colonial brasileiro e as Danças das corporações de ofícios em Minas Gerais", que abordam aspectos das manifestações culturais da colônia, pouco explorados no Livro VIII. Isso posto, atribuímos a essa constatação a nossa interpretação que o musicólogo, no Livro VIII em particular constrói uma narrativa parcial da história da música em Diamantina e Serro, levando por consequência a impressão que a música nas localidades se resume à música litúrgica, uma vez que não explora indícios documentais de outras manifestações artísticas.

As afirmações que realizamos acima estão ancoradas no cruzamento que realizamos da análise dos documentos de pesquisa, constantes na Série 10.3 (Pastas 10.3.35 e 10.3.39), com o texto apresentado no Livro VIII. Citaremos, a título de ilustração da nossa afirmação, que Curt Lange preenche a narrativa acerca de fatos não explicitados, com comentários que vão ao encontro à imagem que idealiza, particularmente referentes à trajetória de Lobo de Mesquita. Ressaltamos, contudo, para sermos justos, que o musicólogo registra em uma das suas conjecturas "[...] confessamos ao leitor que essas linhas não vão além de uma simples, embora justificada, especulação"[912]. Essa afirmação é realizada quando o autor investiga sobre as origens de Lobo de Mesquita, completamente inserida em uma concepção étnica da formação do povo brasileiro que admite a miscigenação, mas marcada pela concepção da supremacia do branco, particularmente, nesse caso, o europeu. Uma

[911] LANGE, 1982, p. 88 - 109
[912] LANGE, 1982, p. 130

abordagem que é preponderante em toda a sua narrativa, nas palavras de Pedro Vaccari (2021), que resume bem a ideologia de raça impregnada no conceito de Curt Lange de "mulatismo musical" onde a ideologia racial nos imprime uma interpretação de identidade cultural, em detrimento às inúmeras variáveis do contexto social e cultural característico da sociedade estamental da colônia mineira. Nesse caso particularmente [...] a raça negra seria inferior e, portanto, precisaria se fundir à branca para, na mestiçagem, formar o biótipo brasileiro por excelência, que, por sua vez, produziria a arte nacional [...][913]. Fazemos menção a esse conceito por entendermos que esta visão está presente na interpretação do musicólogo quando esse conjectura acerca da origem de lobo de Mesquita. Considerando inicialmente que o músico era português, sendo inadmissível que o mesmo fosse natural da Capitania das Minas Gerais, Curt Lange, quando encontra indícios de sua origem autóctone procura dar garbo ao fato de Lobo de Mesquita ser mestiço.

> [...] chegaríamos à conclusão de que a conjunção da notaria vocação musical dos judeus, com a não menos intensa que possuem os povos de origem africana, associadas ainda à magnífica tradição musical portuguesa, viriam a **manifestar-se em José Joaquim Emerico como a verdadeira eclosão de um gênio** (grifos nosso) [...]"[914].

A leitura de uma deferência de destaque ao músico também é observada quando o musicólogo descreve a ligação de Lobo de Mesquita com as diferentes Irmandades e Confrarias. Citamos como exemplo a particular interpretação feita ao fato comum da realização de 13 missas póstumas, por ocasião do falecimento do músico, realizada pela Confraria de Nossa Senhora das Mercês:

> Como José Joaquim se achava fora das exigências dos crioulos, por ser mulato, teve, a segurança de saber-se amplamente protegido, **pois a sua condição de cristão, homem bondoso e prestativo** (grifos

[913] VACCARI, 2021, p. 40
[914] LANGE, 1982, p. 130

> nossos), também no marco da Confraria, lhe deve ter significado grande simpatia [...][915].

Como último destaque dos exemplos da construção da narrativa de Curt Lange, transcrevemos uma passagem quando da interpretação do registro de reformas na casa alugada de Lobo de Mesquita, transcrita do livro de registros da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco, "Despeza [despesa]no conserto das cazas [casas] do Santíssimo em que mora José Joaq^{m} tocador de órgão (LD 1, fls. 128)"[916]

> É possível que nosso compositor tenha reclamado melhoras na sua moradia; em vista de estar pagando elevado, ou melhor dizendo, exorbitante aluguel, deve-se isso ser interpretado como tendência ao bem estar, a uma casa espaçosa, respondendo a aspiração de possuir uma sala ou saleta para dar aulas aos seus alunos[917].

Falando agora da música contratada pelas irmandades e confraria, concluímos, mesmo sem ter realizado uma pesquisa sociológica, que é possível inferir pelo estudo sistemático e comparativo dos contratos da música compilados por Curt Lange, que ela não era valorizada esteticamente, apenas existia para cumprir uma exigência de exibição de poder religioso ou estatal, não importa executada por quem, seja o "mulato" Lobo de Mesquita ou a cega Ana Maria dos Santos Mártires. Este aspecto parece enfatizado pelo costume da contração da música por arremate, vencendo o menor preço. Identificamos a evidência da existência de uma rede de músicos que participavam do mercado artístico, sendo inexplicável o fato de não haver evidências de outros compositores do calibre de Lobo de Mesquita, ou que chegavam ao mesmo resultado estético ligado à sonoridade pretendida na época. Fica para nós evidente que a grande atração de Curt Lange pela música de Lobo de Mesquita se dá não só pelo acesso aos seus manuscritos, mas pela execução musical de seus manuscritos, pela sedução sonora,

---

[915] LANGE, 1982, p. 139
[916] Idem p. 116
[917] LANGE, 1982, p. 116

de composições realmente magníficas. Esse encanto, consideramos, faz com que o musicólogo idealize as condições de vida do músico, fechando os olhos para o fato que esse vivia, e os registros dos seus gastos e ganhos evidenciam isso, nos limites da pobreza, mal conseguindo se sustentar. Um dado que nos leva a afirmar, contrariamente à leitura de Curt Lange, que Lobo de Mesquita e os demais músicos não eram valorizados como artistas, mas explorados como artesãos. Ou seja, o cenário construído em torno das práticas musicais do setecentos mineiro é limitado pela musicologia tradicional germânica, sem ferramentas para perceber as facetas de uma outra realidade complexa, como a brasileira.

Para finalizar voltemos às três questões motivadoras da nossa pesquisa: 1) um estudo dos registros contidos no material de pesquisa de Curt Lange, (cartas, bibliografia e documentos) revela a sua prática musicológica? 2) até que ponto estamos alinhando e revendo os procedimentos metodológicos da pesquisa musicológica de abordagem histórica à luz de novas tendências? 3) é compreendida, pela musicologia brasileira, a importância da revisita das fontes para as narrativas que estabelecemos ou construímos da música na história hoje?

Quanto à primeira questão, a resposta é sim. Um estudo dos registros contidos no material de pesquisa de Curt Lange (cartas, bibliografia e documentos) revelaram a sua prática musicológica. Procuramos levantar nessa tese, e esperamos tê-lo demonstrado ao longo dos quatro capítulos, que o musicólogo tinha uma metodologia definida, marcada pelo cuidado na organização do seu material e zelo pelas fontes. Como ponto negativo desta organização do material, apontamos a falta de datação dos mesmos, sendo que para estabelecer uma cronologia dos seus documentos houve a necessidade de esquematizarmos o seu material, categorizando-o e classificando-o de forma a criar uma estrutura que permitisse dar unidade a cada tema por ele tratado. Quanto à sua bibliografia, essa é crucial dentro da sua narrativa, uma vez que o seu conteúdo é totalmente integrado no texto do Livro VIII, não sendo em nenhum momento discutido, somente adotado. As correspondências nos revelam um homem destemido, mas até certo ponto inflexível em suas convicções. Um bom exemplo é a tentativa de se fazer um concerto em Diamantina com um grande coral e uma grande orquestra. Acreditamos que esse

seria viabilizado, sem perda de qualidade, com uma redução da quantidade de artistas para executá-lo. Atitude, pelo menos não a percebemos, nunca cogitada por Curt Lange, que queria um concerto grandioso com aproximadamente 250 participantes.

Quanto à segunda questão acerca da revisão dos procedimentos metodológicos das pesquisas de abordagem histórica à luz de novas tendências, apesar de não encontrarmos textos explícitos, se percebe que a produção bibliográfica da segunda metade das décadas de 2010 e princípio de 2020 paulatinamente foi trazendo avanços em relação às décadas anteriores no sentido de buscar a crítica e a reflexão dos processos metodológicos ou das suas abordagens. Citamos como exemplo a busca por parâmetros internos da música do período colonial mineiro, como ponto de partida para a sua análise e seu entendimento em detrimento da utilização de modelos conceituais levando à utilização de ferramentas intrínsecas à música coetânea, particularmente a europeia. Poucos foram os trabalhos nas décadas de 2010 e anos iniciais de 2020 que fugiram a essa constatação.

Verificamos, ainda, uma tendência de retorno aos trabalhos dos musicólogos pioneiros fundantes da musicologia histórica em Minas Gerais, bem como um retorno às fontes primárias de pesquisa, em uma clara busca de novos caminhos de pesquisa. Essa constatação responde à nossa terceira questão, sobre a compreensão pela musicologia brasileira, da importância desta revisita às fontes das narrativas estabelecidas ou construídas da história da música hoje. Se verifica que esse é um dos caminhos tomados pelos novos pesquisadores o que pode, caso essa tendência se confirme e as pesquisas em andamento se concretizem, se mostrar como a consolidação de uma vertente musicológica mineira. Consideramos que a nossa pesquisa se enquadre nessa tendência.

Chegando ao final da nossa tese nos questionamos a pertinência da sua realização. Como falamos na introdução procuramos fazer capítulos autônomos, mas que nos ajudassem a chegar à nossa meta de avaliar a prática musicológica de Francisco Curt Lange e sua escrita da História da Música em Serro e Diamantina coloniais, por meio do estudo dos seus documentos de pesquisa. Consideramos que

alcançamos nossa meta. No decorrer das pesquisas bibliográficas e documentais bem como no decorrer da elaboração dos textos dos quatro capítulos conseguimos refazer os caminhos percorridos por Curt Lange, lendo os indícios deixados por ele em suas correspondências e documentos de pesquisa.

O processo de construção desta tese foi para nós um deleite de leitura e compreensão da forma de trabalhar de um grande musicólogo, que sem sombra de dúvida contribuiu para os rumos da musicologia brasileira. Reinterpretar seus documentos foi uma ousadia permitida por ele próprio, na medida que nos lega seus documentos de pesquisa e correspondências, acreditamos, na certeza que seriam material de novas investigações. Contudo, com toda a reverência ao musicólogo, apresentamos uma interpretação do seu material afinada com uma visão de mundo contemporânea, que procura observar os fenômenos sociais e culturais inseridos no contexto em que foram produzidos, com toda a sua gama de variáveis, resultado das relações humanas e do modo como a cultura é produzida.

Propomos com a nossa interpretação uma alteração significativa nas bases do conceito de "mulatismo musical". Deslocamos a imagem construída por Curt Lange da figura do "mulato" na sociedade colonial, atribuindo-lhe um lugar não de destaque, tendo estes uma relação pacífica e emancipadora com as instituições da época, mas de dependência e subordinação em relação às mesmas.

Lobo de Mesquita, para nós, sem perda da qualidade estético musical da sua obra, era um homem que exercia o ofício de músico, estando sujeito ao peso da sua condição de artífice na sociedade estamental do período.

Abrindo possibilidade para pesquisas futuras, consideramos viável um estudo das organizações de leigos que tiveram seu início no setecentos e estão atuantes até os dias de hoje, como a referida Irmandade de N. Senhora do Rosário, que mantém um calendário centenário de homenagens à Santa, mas também a Ordem Terceira do Carmo, cujo órgão encanta aos Diamantinenses e turistas que têm a oportunidade de ouvi-lo.

Outro aspecto que salientamos, de possibilidade de pesquisas futuras, é o exame da documentação original, acondicionada no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina, em busca de prováveis registros não coletados pelo

musicólogo, uma vez que é perceptível que Curt Lange realizou uma seleção dos registros acerca da prática musical, integrantes particularmente, dos registros cartoriais das Irmandades e Confrarias. Não se pode descartar a possibilidade de haver, nessa documentação, registros que não foram considerados relevantes, indícios não estudados pelo musicólogo. Nos cabe salientar que realizamos uma visita ao Arquivo Eclesiástico e constatamos que a documentação está, infelizmente, interditada para desinfecção uma vez que foi verificada a presença de insetos na mesma. Contudo, checamos as especificações de datas dos períodos dos documentos arquivados, constatando que correspondem aos anos e organizações de leigos pesquisados por Curt Lange. Diante destas possibilidades é possível afirmar que existe ainda muita história a ser investigada e escrita. Seria importante observar a continuidade das práticas musicais documentadas por Curt Lange nos dias de hoje. Perguntamos: Qual o repertório atual? São usados os manuscritos do acervo local?

Voltando às teorizações de Jacques Le Goff, um aspecto que abordaremos em futuros trabalhos é o grau de monumentalização da obra de Curt Lange, particularmente a sua interpretação da vida e obra de Lobo de Mesquita. No capítulo primeiro foi possível observarmos que essa é basilar e não questionada pela maioria dos musicólogos brasileiros. Observamos que novos aspectos e focos de observação são objeto de pesquisas musicológicas ao longo do tempo. Mas perguntamos: Em que medida a interpretação de Curt Lange acerca das práticas musicais, particularmente referentes a Lobo de Mesquita, são preponderantes na produção musicológica acerca da música no período colonial mineiro?

Esperamos estar adicionando, com o nosso trabalho, uma pequena peça ao gigantesco quebra-cabeças que é a história da musicologia no Brasil, uma história em permanente construção.

Fontes

Série 2.1 – Correspondências enviadas

LANGE, BRUFMGBUAL 2.1.070.036 – Corsila Mendonça - 11 de março de 1956 – Arcebispo de Diamantina – Dr. José Newton de Almeida Batista.

LANGE, BRUFMGBUAL 2.1.070.037 –Rio de Janeiro 14 de Janeiro de 1958 – Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista

LANGE, BRUFMGBUAL 2.1.070.055 – Rio de Janeiro - 11 de março de 1956 – Assis Alves Horta – Fotógrafo.

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.070.180 – Rio de Janeiro - 23 de março de 1956 – Assis Alves Horta - Fotógrafo

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.208 – 29 de janeiro de 1958 – Arcebispo de Diamantina – Dom José Milton [Newton] de Almeida Baptista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.246 – Mendonça - 30 de dezembro de 1956 –Assis Alves Horta – Fotógrafo

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.267 – Belo Horizonte - 01 de abril de 1958 – Arcebispo de Diamantina – Dom José Milton [Newton] de Almeida Baptista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.363 – Belo Horizonte - 10 de maio de 1958 – Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.078.401 – Rio de Janeiro - 5 de fevereiro de 1959 - Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.079.081 – Belo Horizonte – S/D - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.080.243 – Belo Horizonte – 30 de junho de 1958 – Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.080.269 – Rio de Janeiro - 5 de fevereiro de 1959 – Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.080.287 – Rio de Janeiro - 22 de março de 1959 – Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.099 – Rio de Janeiro - 29 de agosto de 1959 - Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.100 - Rio de Janeiro - 6 de março de 1960 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.152 – Rio de Janeiro - 30 de agosto de 1959 - Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.273 – São Paulo - 07 de setembro de 1959 - Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.031 – Rio de Janeiro - 29 de setembro de 1959 - Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.230 – Salvador - 18 de agosto de 1959 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.081.303 – Rio de Janeiro - S/D - Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.082.055 – Rio de Janeiro - 02 de setembro de 1959 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.082.124 - Rio de Janeiro – 15 de abril de 1960 - Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.082.134 - Montevideo – 20 de setembro de 1960 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.132.057 – Montevideo – 12 de outubro de 1960 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.083.170 - Rio de Janeiro - 31 de março de 1960 - Cônego Walter Almeida

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.083.217 – Rio de Janeiro - 16 de abril de 1960 – Prefeito de Diamantina - Sylvio Felício dos Santos

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.083.213 - Montevideo – 06 de maio de 1960 - Arcebispo de Diamantina – Dom. José Newton de Almeida Batista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.083.269 - Austin – 31 de junho de 1960 - Arcebispo de Diamantina – Dom José Newton de Almeida Batista

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.084.164 – Rio de Janeiro 19 de outubro de 1964- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.084.232 - Rio de Janeiro - 31 de março de 1960 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.097.330 - São Paulo – 23 de maio de 1965 - Cônego Walter Almeida

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.096.009 – Belo Horizonte – 27 de setembro de 1964 - Cônego Walter Almeida

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.096.059 – Montevideo – 24 de janeiro de 1967 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.097.330 – Montevideo – 19 de julho de 1969 - Cônego Walter Almeida

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.101.251 – Ouro Preto – 29 de setembro de 1972 -- Cônego Walter Almeida

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.101.252 – Montevideo – 18 de junho de 1967 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.106.221 – Montevideo – 19 de julho de 1969 - - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.106.317 – Belo Horizonte – 29 de outubro de 1972 - Delegado da Diretoria do Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.106.320 – Belo Horizonte – 29 de outubro de 1972 -- Cônego Walter Almeida

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.096.059 2.1.102.124 – Montevideo – 11 de junho de 1969 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.054 – Belo Horizonte – 9 de novembro de 1972 -- Cônego Walter Almeida

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.142 – Montevideo – 15 de janeiro de 1973 -- Cônego Walter Almeida

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.144 – Belo Horizonte – 27 de outubro de 1972 – Colaborador - Geraldo Miranda

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.055 – Ouro Preto – 29 de setembro de 1972 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.179 – Belo Horizonte – 13 de dezembro de 1972 – Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.180 – Ouro Preto – 5 de novembro de 1972 – Colaborador - Geraldo Miranda

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.193 – Montevideo - 6 de agosto de 1980 - Cônego Walter Almeida.

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.195 – Belo Horizonte – 10 de novembro de 1972 – Colaborador - Geraldo Miranda

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.120.252 – Montevideo – 27 de julho de 1973 –- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.121.030 – Montevideo – 24 de janeiro de 1967 - Cônego Walter Almeida

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.124.178 – Montevideo – 28 de julho de 1978 –- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.122.125 – Montevideo – 3 de junho de 1974 –- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.132.137 – Montevideo – 18 de setembro de 1977 –- - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.132.246 – Montevideo – 25 de setembro de 1977 –- - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.135.038 – Montevideo –20 de janeiro de 1980 –- Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.136.124 – Montevideo – 12 de março de 1979 –- - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.137.158 – Montevideo – 1º de novembro de 1979 – Murilo Rubião – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.138.056 – Montevideo – 19 de junho de 1979 –- - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.139.187 – Montevideo – 28 de novembro de 1980 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.139.206 – Montevideo – 13 de agosto de 1980 – Murilo Rubião – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.030 – Montevideo –20 de janeiro de 1980 –- - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.042 – Montevideo – 30 de outubro de 1980 – Rui Mourão – Diretor dos Museu e Casas Históricas de Minas Gerais

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.043 – Montevideo – 14 de outubro de 1980 - - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.044 – Montevideo – 3 de novembro de 1980 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.074 – Montevideo – 30 de outubro de 1980 - - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.075 – Montevideo – 5 de abril de 1981 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.077 – Montevideo – 28 de fevereiro de 1981 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.140.250 – Montevideo – 19 de março de 1981 – Rui Mourão – Diretor dos Museu e Casa Histórica de Minas Gerais

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.142.064 – Montevideo – 24 de setembro de 1981 – Gerson Silvestre Alencar Gonçalves – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.142.171 – Montevideo – 1 de outubro de 1981 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.143.141 – Montevideo – 18 de fevereiro de 1982 – Gerson Silvestre Alencar Gonçalves – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.143.232 – Montevideo – 19 de abril de 1982 – Gerson Silvestre Alencar Gonçalves – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.143.269 – Montevideo – setembro de 1981 - Fotógrafo e colaborador – Assis Alves Horta

LANGE, BRUFMGBUCL 2.1.147.122 – Montevideo – 24 de dezembro de 1983 – Gerson Silvestre Alencar Gonçalves – Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais

LANGE, BRUFMGBUCL S/N – Montevideo – 26 de agosto de 1981 - Delegado da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Diamantina – João Brandão Costa.

LANGE, BRUFMGBUCL S/N – Montevideo – 31 de janeiro de 1984 -- Arcebispo de Brasília – Dom José Newton de Almeida Batista

Série 10.03 –Documentos de pesquisa – Estudos e transcrições

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 01 - Bibliografia - Relatos de Viagem

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 02 - Descartado na análise

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 03 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 04 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 05 - - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 06 – Antônio da Costa Homem

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 07 - - Ordem Terceira do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 08 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 09 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 10 – Ir. Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 11 -Ir. Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 12 - Ir. Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 13 - Descartado na análise (somente título)

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 14 - Ir. Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 15 - Ir. Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 16 – Ir. de N. Senhora do Rosário

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 17 – Descartado na análise

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 18 – Ir. de N. Senhora do Rosário

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 19 – Ir. de N. Senhora do Rosário

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 20 – Descartado na análise (somente título)

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 21 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 22 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 23 – Ir. de N. Senhora do Rosário

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 24 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 25 – Bibliografia - Relatos de Viagem

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 26 – Descartado na análise (somente título)

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 27 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 28 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 29 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 30 – Bibliografia - Colaboradores

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 31 – Bibliografia - Indeterminado

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 32 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 33 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 34 – Descartado na análise (somente título)

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 35 – Bibliografia - Indeterminado

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 36 – Bibliografia - Colaboradores

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 37 – Descartado na análise (somente título)

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 38 – Ir. Santíssimo Sacramento do Serro do Frio

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 39 – Senado da Câmara do Serro do Frio

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 40 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 41 – Bibliografia - Indeterminado

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 42 – Descartado na análise (somente título)

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 43 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 44 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 45 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 46 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 47 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.35. 48 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 01 – Bibliografia – Relatos de viagem

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 02 – J. J. Emerico Lobo de Mesquita

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 03 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 04 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 05 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 06 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 07 – Bibliografia – Colaboradores

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 08 – Bibliografia –Colaboradores

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 09 – Bibliografia – Colaboradores

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 10 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 11 – Bibliografia – Memorialistas

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 12 – Bibliografia – Memorialistas

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 13 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 14 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 15 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 16 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 17 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 18 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 19 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 20 – Descartado na análise (somente título)

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 21 – Descartado na análise (somente título)

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 22 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 23 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 24 - Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 25 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 26 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 27 – Bibliografia – Revista

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 28 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 29 - Ir. N. Senhora do Terço

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 30 - Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 31 - Ir. N. Senhora da Capela do Amparo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 33 – Bibliografia – Revista

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 34 – Bibliografia – Revista

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 35 – Bibliografia – Memorialista

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 36 – Bibliografia – Revista

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 37 - Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 38 – Bibliografia – Revista

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 39 – Bibliografia – Memorialista

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 40 – Bibliografia – Indeterminado

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 41 – Bibliografia – Memorialista

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 42 – Bibliografia –Colaboradores

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 43 – Ir. Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 44 – Ir. Santíssimo Sacramento do Serro do Frio

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 45 - Ordem Terceira de N. Senhora do Carmo

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 46 – Ir. Santíssimo Sacramento do Arraial do Tejuco

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 47 – Ir. N. Senhora das Mercês

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 48 – Ir. de N. Senhora do Rosário

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 49 – Bibliografia – Memorialista

LANGE BRUFMGBUCL 10.3.39. 50 – Bibliografia – Memorialista

Referências bibliográficas

ALGE, Barbara. The influence of German Musicology in the Work of Francisco Curt Lange. *Revista OPUS,* Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 9-38, junho. 2014. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Downloads/101-161-1-PB.pdf Acesso em agosto de 2021

ALGE, Barbara. Música nos tempos coloniais: um olhar a partir da prática musical em Minas Gerais hoje. *Música em Contexto*, Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília, volume 1, Ano XI, p. 143-171, 2017. Disponível em: https://www.periodicos.unb.br/index.php/Música/article/view/11132 Acesso em agosto de 2021

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes:* Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII. 5ª reimpressão. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000. 525p.

ANUNCIAÇÃO, Maria da Consolação. O Canto da Verônica nas cidades históricas mineiras: um estudo de literatura musical comparada. IN: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, V, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004, p. 188-197.

ARCANJO, Loque. Francisco Curt Lange e o modernismo musical no Brasil: política e redes sociais entre os anos de 1930 e 1940. *E-hum, Revista Científica*. Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes do Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH. vol.3, no.2, p. 66-81, 2010. Disponível em: https://revistas.unibh.br/dchla/article/view/423/226. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

ARCANJO, Loque. Francisco Curt Lange e Mário de Andrade entre o Americanismo e o Nacionalismo Musical (1932 – 1944). *Revista Temporalidade*. Belo Horizonte, vol. 3, n. 1, Edição 05, p. 35-57, 2011. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5420. Acesso em: 05 de agosto de 2021.

ARCANJO, Loque & SILVEIRA, Sara Bittencourt Marcucci. A música colonial mineira na musicologia e na correspondência de Francisco Curt Lange (1944 – 1946). In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, I, 2017, São João del-Rei, *Anais...* São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2017, p. 319-336. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portalrepositorio/File/emhcv/ANAIS%20do%20I%20EMHCV.pdf. Acesso em: 05 de agosto de 2021.

ARNO, Ciro. *Memórias de um estudante*. 2ª Edição correta e ampliada. 1949

ASSIS, Ana Cláudia. *Os Doze Sons e a Cor Nacional:* conciliações estéticas e culturais na produção de César Guerra-Peixe (1944-1954). Belo Horizonte, 2005. 268 f. Tese

(Doutorado em História0. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas. Gerais, Belo Horizonte, 2006 Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VCSA-6X5FEP. Acesso em: 08 de agosto de 2021.

ARTIERES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas - FGV, volume 11, n. 21, p. 9-34, 2008. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287. Acesso em: 08 de agosto de 2011.

BARBOSA, Elmer Corrêa (Org.). *O ciclo do ouro, o tempo e a música do barroco católico*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – MEC – Funarte. 1978. 459 p.

BÉHAGUE, Gerard. Música "barrôca" mineira: problemas de fontes e estilística. *Revista Universitas*, Universidade Federal da Bahia, volume 2, n.2, p. 133-158. 1969. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/universitas/issue/view/7. Acesso em: 05 de setembro de 2021.

BÉHAGUE, Gerard. Música mineira colonial à luz de novos manuscritos. *Revista Barroco,* Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, vol. 3, p. 15-27, 1971.

BIASON, Mary. Angela. Os músicos e seus manuscritos. *Per Musi*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. n.18, p. 17-27, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pm/a/4pC3wj7cJFjBzpnhHBcgndR/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 2 de agosto de 2021

BIASON, Mary. Angela. Os festejos pelo fracasso da Inconfidência Mineira, 1792 *Revista Brasileira de Música*. Rio de Janeiro, Programa de pós-graduação em música da Escola de Música da UFRJ, v. 25, n. 2, p. 299-319, 2012. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/view/29256. Acesso em: 2 de agosto de 2021.

BINDER, Fernando; CASTAGNA, Paulo. Teoria musical no Brasil: 1734-1854. *Revista Eletrônica de Musicologia*, Curitiba, vol. 1, nº2, 1996. Disponível em: http://www.rem.ufpr.br/ REM/REMv1.2/vol1.2/teoria.html Acesso em setembro de 2021.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: VERLAG, Suhrkamp (org.) *Magia e técnica, arte e política*: ensaio sobre literatura e História da cultura. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos no poder*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1986. 464 p.
BOURDIEU. Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1988. p. 183-191.

BUDASZ, Rogério. Perspectivas para o estudo da ópera e teatro musical no Brasil do período colonial ao primeiro reinado. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, VI, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004. p. 22-37.

BUSCÁCIO, César Maia. *Americanismo e nacionalismo musicais na correspondência de Curt Lange e Camargo Guarnieri (1934-1956).* Ouro Preto: Editora UFOP, 2010. 272 p.

BRANDÃO, Domingos Sávio Lins. *O sentido social da música em Minas colonial*. Belo Horizontes, 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1993. Monografias: Acervo Curt Lange, v. 267, 1993.

BRANDÃO, Domingos Sávio Lins. Música, estilo e sociedade colonial mineira. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, III, 1998. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1999. p. 53-69.

BRANDÃO, Domingos Sávio Lins; SOUZA MELO, Raissa Anastásia de. A formação do campo artístico-musical em minas barroca. *Revista Modus*, Barbacena, EdUEMG, Ano 5, n. 7, p. 9-30. 2010. Disponível em: https://revista.uemg.br/index.php/gtic-modus/article/view/755. Acesso em agosto de 2021.

BRANDÃO, Domingos Sávio Lins. Análise Musical e Musicologia Histórica, *Revista Modus,* Barbacena, EdUEMG, Ano 7, n. 10, p. 21-36. 2012. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Downloads/anaraissa-journal-manager-02-anlise-musical-e-musicologia-histrica%20(1).pdf. Acesso em agosto de 2021.

CAMARGO, Fernando Emboaba. *Florêncio José Ferreira Coutinho – compositor dos tempos coloniais – partituras e documentação.* São Paulo, 2013. 197f. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27157/tde05092013094208/ptbr.php Acesso em agosto de 2021

CARDOSO, André. *8ª. Lição para as matinas de quarta-feira Santa, uma atribuição de autoria entre Jerônimo de Souza Lobo e José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita e edição Crítica*. Rio de Janeiro, 1996. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música Brasileira. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNIRIO. Rio de Janeiro, 1996.

CASTAGNA, Paulo. O manuscrito de Piranga (MG). *Revista Música*, São Paulo, Departamento de Música da ECA-USP, v.2, n.2, p. 116-133, 1991. Disponível em: http://dx.doi.org/10.11606/rm.v2i2.55029. Acesso em setembro de 2021

CASTAGNA, Paulo. Um manuscrito musical brasileiro para os impropérios da "Adoração da Cruz" de Sexta-Feira Santa. *ARTEunesp*, São Paulo, n.12, p. 75-105, 1996. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Downloads/ImproperiosDaAdoraoDaCruz.pdf. Acesso em setembro de 2021.

CASTAGNA, Paulo. *O estilo antigo na prática musical religiosa paulista e mineira dos séculos XVIII e XIX*. São Paulo, 3v. 989f. 2000, Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2000a. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333390218_CASTAGNA_Paulo_O_estilo_antigo_na_pratica_musical_religiosa_paulista_e_mineira_dos_seculos_XVIII_e_XIX_Sao_Paulo_2000_Tese_Doutoramento_Faculdade_de_Filosofia_Letras_e_Ciencias_Humanas_da_Universida/link/5ceaf22692851c4eabc11362/download
Acesso em outubro de 2019

CASTAGNA, Paulo. Imprecisões do termo "música colonial". *Opus Brasiliensis*, Juiz de Fora, ano 2, n. 2, p. 9, 2º semestre de 2000b. Disponível em: https://paulocastagna.com/producao/producao/#Artigos%20em%20peri%C3B3dicos. Acesso em outubro de 2019

CASTAGNA, Paulo. Estilo antigo e estilo moderno na música antiga latino-americana. In: SEKEFF, Maria de Lourdes. *Arte e Cultura: Estudos interdisciplinares.* São Paulo: Annablume, 2001. p. 69-85. Disponível em: https://paulocastagna.com/producao/producao/#Livros%20e%20cap%C3%ADtulos%20de%20livros. Acesso em agosto de 2021.

CASTAGNA, Paulo. O estilo antigo no Brasil, nos séculos XVIII e XIX. COLÓQUIO INTERNACIONAL A MÚSICA NO BRASIL COLONIAL, I , Lisboa, 2000*. Anais*... Lisboa: Fundação *Calouste Gulbenkian*, 2001. p. 171-215.

CASTAGNA, Paulo. As claves altas na prática musical religiosa paulista e mineira dos séculos XVIII e XIX. *Per Musi*. Belo Horizonte, v.3, 2002a. p. 27-42. Disponível em: https://www.periodicosdeminas.ufmg.br/periodicos/per-musi-revista academica-de-música/. Acesso em agosto de 2021

CASTAGNA, Paulo. (Org.). *Sábado Santo*: Restauração e Difusão de Partituras. (Matinas do Sábado Santo de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita). Belo Horizonte: Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, v. 3, 2002b. 300p.

CASTAGNA, Paulo. *A música religiosa mineira no século XVIII e primeira metade do século XIX*. Apostila do curso História de Música Brasileira V. 6. São Paulo: Instituto de Artes da UNESP, 2003. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/988/o/CASTAGNA_Paulo._Apostilas_do_curso_de_Hi.pdf. Acesso em setembro de 2021

CASTAGNA, Paulo. Níveis de organização na música religiosa católica dos séculos XVIII e XIX: implicações arquivísticas e editoriais. In: COLÓQUIO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA E EDIÇÃO MUSICAL, I, Mariana (MG), Julho, 2003. *Anais*... Mariana: Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, 2004. p. 79-104. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333384671_CASTAGNA_Paulo_Niveis_de_organizacao_na_música_religiosa_catolica_dos_seculos_XVIII_e_XIX_implicacoes_arquivisticas_e_editoriais_I_COLOQUIO_BRASILEIRO_DE_ARQUIVOLOGIA_E_EDICAO_MUSICAL_Mariana_MG_18-20. Acesso em setembro de 2021.

CASTAGNA, Paulo. Pesquisas iniciais sobre os mestres da capela diocesanos no Bispado de Mariana (1748-1832). In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, V, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004a. p. 55-76 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333384863_CASTAGNA_Paulo_Pesquisas_iniciais_sobre_os_mestres_da_capela_diocesanos_no_Bispado_de_Mariana_1748-1832_V_ENCONTRO_DE_MUSICOLOGIA_HISTORICA_Juiz_de_Fora_19-21_jul_2002_Anais_Juiz_de_Fora_Centro_Cultur. Acesso em agosto de 2021

CASTAGNA, Paulo. Em direção a uma história da musicologia no Brasil. In: FÓRUM DO CENTRO DE LINGUAGEM MUSICAL, VI, 2004, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ECA-USP, 2004b, p. 69-81.

CASTAGNA, Paulo. Uma análise paleo arquivística da relação de obras do arquivo musical de Florêncio José Ferreira Coutinho. ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, VI, 2002. *Anais...* Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004c. p. 38-84. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Downloads/2006-FlorencioJoseFerreiraCoutinho.pdf. Acesso em agosto de 2021

CASTAGNA, Paulo. Avanços e perspectivas na musicologia histórica brasileira. *Revista do Conservatório de Música da Universidade Federal de Pelotas - UFPeL*, Pelotas, n. 1, p. 32 – 57, 2004d. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RCM/article/view/2431. Acesso em agosto de 2021.

CASTAGNA, Paulo. (Coord.). Patrimônio Arquivístico-Musical Mineiro; Textos Introdutórios: Júnia Ferreira Furtado, Maria Inês Guimarães, CD1; Governo do Estado de Minas Gerais, 2007.

CASTAGNA, Paulo. A musicologia enquanto método científico. *Revista do Conservatório de Música da UFPel*, Pelotas, n. 1, 2008a. p. 7-31. Disponível em: esearchgate.net/publication/333149908_CASTAGNA_Paulo_A_musicologia_enquanto_metodo_cientifico_Revista_do_Conservatorio_de_Música_da_UFPel_Pelotas_n_1_2008_p_7-31_ISSN_1984-350X/citation/download. Acesso em agosto de 2021.

CASTAGNA, Paulo. Avanços e perspectivas na musicologia histórica brasileira. *Revista do Conservatório de Música da Universidade Federal de Pelotas - UFPel*, Pelotas, n.1, 2008 b, p. 32-57, 2008. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RCM/article/view/2431 Acesso em: agosto de 2021.

CASTAGNA, Paulo. Produção musical e atuação profissional de João de Deus de Castro Lobo (1794-1832): do desaparecimento de seus autógrafos à transmissão de sua música pelas redes sociais. *Revista Opus*, Revista Associação Nacional de Pesquisa e pós-graduação em música - ANPPOM, v.18, n.1, 2012, p. 9-40. Disponível em: https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/174. Acesso em agosto de 2021.

CASTAGNA, Paulo. Dificuldades do estabelecimento de autoria no catálogo de obras de João de Deus de Castro Lobo (1794-1832). ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, III, São João del-Rei, 2019. *Anais*... São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2021, p. 347-396. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/emhcv/ANAIS%20III%20EMHCV.pdf Acesso em agosto de 2021

CINTRA, Luciano. A constituição do produto-música no Brasil Colonial. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, 2006, VII, 2008. *Anais...* Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2010. p. 137-147.

COELHO, Eduardo Lara. Coalhadas e rapaduras: estratégias de inserção social e sociabilidade de músicos negros, São João del-Rei. São João del-Rei, 2011. 180f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de São João Del-Rei, 2011. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/pghis/Dissertacao_eduardo_lara_coelho.pdf Acesso em agosto de 2021

CONTIN, Neri Rodrigues. *Do Musical na Quarta-Feira de Trevas em São João Del Rei (Matinas e Laudes).* Rio de Janeiro, 1997, Dissertação (Mestrado em Música Brasileira). Programa de Pós-Graduação em Música Brasileira. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNIRIO. Rio de Janeiro, 1997.

COMBAT, Heitor. Estudo sobre a distribuição dos naipes na obra "Tércio". In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais...* Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984. p. 117-130.

COMBAT, Heitor. Um "Magnificat" de J.J. Emerico Lobo de Mesquita (1746-1805). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, II, 1985, São João del Rei, MG, *Anais...* Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1987. p. 67-87.

COMBAT, Heitor. Atualização e execução de peças musicais do setecentos mineiro – problemas e soluções. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, III, Ouro Preto, 1987. *Anais...* Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1989, p. 103-116.

COSTA, Robson Bessa. *O baixo contínuo no Officio de Defuntos de Lobo de Mesquita*. Belo Horizonte, 2006, 171 f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em http://livros01.livrosgratis.com.br/cp022514.pdf . Acesso em agosto de 2021.

COTTA, André Guerra. Correspondência pessoal como fonte histórica e musicológica. In: COLÓQUIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO, 8, n. 01, 2006, p. 1-18. Disponível em: http://seer.unirio.br/coloquio/article/view/132/93. Acesso em agosto de 2021.

COTTA, André Guerra*. O Tratamento da Informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros*. Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2000, 293f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação. Escola de Biblioteconomia. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Belo Horizonte, 2000. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-A4RFM9. Acesso: out.2019.

COTTA, André Guerra. Para além das Barras Duplas: uma reflexão preliminar sobre às s práticas musicais nas novenas do século XVIII e XIX. *Revista Música Hoje*, Niterói: Universidade Federal Fluminense – UFF. 2002. Disponível em: *http://pesquisadores.uff.br/academic-production/para-al%C3%A9m-das-barras-duplas-uma-reflex%C3%A3o-preliminar-sobre-pr%C3%A1ticas-musicais-nas*. Acesso em: agosto de 2022

COTTA, André Guerra. *História da Coleção Curt Lange*. Rio de Janeiro, 2009, 466f. Tese (Doutorado em Música. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.repositoriobc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11504?show=full. Acesso em: abril de 2022

COUTO, Soltar. *Vultos e Fatos de Diamantina*. Belo Horizonte, 1954. p. 256-257

CRESPO FILHO, Sílvio Augusto. *Contribuição ao estudo da música em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

CRESPO FILHO, Sílvio Augusto. O Himno a 4 de Marcos Coelho Netto – Uma Análise. *Revista Música.* São Paulo, v. 1, n. 2, p. 69-78, 1990. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistamúsica/article/view/55003/58647. Acesso em abril de 2022.

CRESPO FILHO, Sílvio Augusto. A Antífona Virgo Prudentíssima de Francisco Gomes da Rocha. In*: Revista Música*, São Paulo, v. IV, nº2, p. 131-15, 1993.

CROWL JR; Harry Lamott. A Presença da Música Portuguesa no Brasil Colônia. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, I, 1994. *Anais...* Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1995. p. 19-34.

CUSICK, Suzanne. Gênero e música barroca. *Per Musi*, Belo Horizonte, 20: p. 7-15 2009. Disponível em: http://www.música.ufmg.br/permusi/port/numeros/20/num20_cap_0. Acesso em agosto de 2021.

DE PAULA, Rodrigo Teodoro. *Música e Representação nas Cerimônias de Morte*: Perspectivas para uma abordagem da música religiosa em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. In. ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XIII, 2001, Belo Horizonte. *Anais....* ANPPOM, v. II, p. 455-461.

DE PAULA, Rodrigo Teodoro. *Música e Representação nas Cerimônias de Morte em Minas Gerais (1750-1827)* - Reflexões para o estudo da memória sonora na festa. Belo Horizonte, 2006, 157f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/GMMA7XXM3W/1/rodrigo_teodoro.pdf
Acesso em setembro de 2021.

DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite Maria Oliveira. *O Ensino e a transmissão do conhecimento musical setecentista no Distrito Diamantino pesquisas, repercussão e receptividade dos estudos de Curt Lange.* In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, I, 2017, São João del-Rei. *Anais...* São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2017, p. 337-351. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portalreepositorio/File/emhcv/ANAIS%20do%20I%20EMHCV.pdf. Acesso em agosto de 2021.

DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite Maria Oliveira. *Irmandades do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe do Serro do Frio e da Igreja de Santo Antônio do Arraial do Tejuco*: proposta de uma releitura de fontes documentais por Curt Lange. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, II, 2018, São João del-Rei. Anais.... São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2018, p. 271-286. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/emhcv/Anais%20do%20II%20EMHCV.pdf Acesso em agosto de 2021.

DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite Maria Oliveira. *Mapeamento, Categorização e Classificação Documental na Série 10.3 do Acervo Curt Lange da UFMG*: Irmandades

e Confrarias. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, III, 2019, São João del-Rei. *Anais*.... São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2019a, p. 277-287. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/emhcv/ANAIS%20III%20EMHCV.pdf Acesso em abril de 2022

DE ULHÔA, Rachel; ROCHA, Edite Maria Oliveira. Na trilha de Curt Lange: um mapeamento documental na Série 10.3 do Acervo Curt Lange da UFMG (ACL-UFMG). In: NAS NUVENS CONGRESSO DE MÚSICA, 5º, 2019, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: 5º-nas-nuvens-congresso-de-música, 2019b. Disponível em: https://música.ufmg.br/nasnuvens/wpcontent/uploads/2019/11/Trabalho40.pdf. Acesso em: abril de 2022
https://www.youtube.com/watch?v=7Nj4EdVNHgo (video youtube) Acesso em: abril de 2022

DOTTORI, Maurício. *Ensaio sobre a Música colonial mineira*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

DOTTORI, Maurício. Ut Rhetorica Música – Análise do Moteto "O vos omnes" a dois coros de Manoel Dias de Oliveira. *Revista Música*, São Paulo, vol.3, n.1. p. 53-69, 1992. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistamúsica/article/view/55038/58680. Acesso em abril de 2022

DIAS, Sergio. *Sobre a existência, nas Minas Gerais, de uma Escola de Compositores Setecentistas* (subsídios para uma introdução ao fenômeno musical mineiro da segunda metade do século XVIII). Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em Música). Conservatório Brasileiro de Música - CBM, Rio de Janeiro, 1992.

DIAS, Sergio. Música Colonial Brasileira. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA JUIZ DE FORA, I, 1994. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró- Música, 1995, p. 11-18.

DIAS, Sergio. (Org.). *A Originalidade da Música Mineira do Período Colonial*. Rio de Janeiro: Inédito, 1996. 267 p.

DIAS, Sergio. Por Uma Análise da Música Mineira Setecentista Através de Uma Nova Percepção das Suas Fontes. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, III, 1998. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1999, p. 23-34.

DIAS, Sergio. Considerações sobre a originalidade da música mineira setecentista. IN: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, IV, 2000. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2002. p. 143-172

DUCKLES, Vincent, *et al*. Musicology. In: SADIE, Stanley (ed.). *The new Grove dictionary of music and musicians*. London: Peninsula Publ. Lim., 1980. v.12, p. 836-863.

DUCKLES, Vincent; PASLER, Jann. The nature of musicology. Grove Music Online. 31 Jan. 2014. Oxford University Press. Disponível em: https://www.oxfordmusiconline.com/grovemusic/view/10.1093/gmo/9781561592630.001.0001/omo-9781561592630-e-0000046710. Acesso em fevereiro de 2022.

DUPRAT, Régis. O estanco da música no Brasil Colonial. *Revista Art*, Universidade Federal da Bahia, Salvador, n. 8, p. 3-19, 1981.

DUPRAT, Régis. A música brasileira do século XVIII e a definição do seu estilo. *Revista Art*, Universidade Federal da Bahia, Salvador, v. 7, p. 3-8, 1983.

DUPRAT, Régis; BALTAZAR, Carlos Alberto (Org.). *Acervo de manuscritos musicais: Coleção Francisco Curt Lange*. Volume I – Compositores mineiros dos séculos XVIII e XIX. Museu da Inconfidência. Acervo de Manuscritos Musicais, Coleção Francisco Curt Lange. Belo Horizonte, Ouro Preto, Ed. da UFMG, 1991.

DUPRAT, Régis. *Música do Brasil Colonial (II)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 1999a.

DUPRAT, Régis. O estanco da música no Brasil colonial. In: MARCONDES, Neide; BELLOTO, Manoel (orgs.). *Labirinto e Nós: imagem ibérica em terras da América*. São Paulo: Editora da Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999b. p. 53-74. Disponível em: https://www.academia.edu/50276826/O_estanco_da_música_no_Brasil_Colonial. Acesso em agosto de2021

DUPRAT, Régis. A Música Sacra no Brasil Colonial e Imperial. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 29, p. 243-255, 2001.

DUPRAT, Régis (Coord. Geral); BIASON, Mary Angela (Coord. Técnica). *Acervo de manuscritos musicais: coleção Francisco Curt Lange: compositores anônimos*. v. III. Belo Horizonte, Ouro Preto: Editora UFMG, Museu da Inconfidência, 2002.

DUPRAT, Regis. A música sacra no Brasil colonial: uma reflexão ontológico-hermenêutica. *Revista Brasileira de Música*. Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da UFRJ. Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 287-298, 2012. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/view/29255. Acesso em agosto de 2021.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. A estemática e a edição de obras brasileiras do século XVIII e XIX. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, VI, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004. p. 101-124.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. A edição do Salve Regina de Lobo de Mesquita segundo Curt Lange. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, VIII *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2010. p. 146-157.

FAGERLANDE, Marcelo. *O Baixo contínuo no Brasil:* A Contribuição dos tratados em língua portuguesa. Rio de Janeiro, 2002, 221f. Tese (Doutorado em Música). Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO, 2002.

FAGERLANDE, Marcelo. *O Baixo contínuo no Brasil: A Contribuição dos tratados em língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2011. 200 p.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. Análise comparativa de quatro edições do *Bajulans* atribuída a Manoel Dias de Oliveira (1734/5–1813). In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXII, 2012, João Pessoa. *Anais*... ANPPOM, 2012. p. 415-422. Disponível em: https://anppom.com.br/congressos/index.php/22anppom/JoaoPessoa2012/schedConf/presentations. Acesso em agosto de 2021.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. *Música Sacra e Religiosa Brasileira dos Século XVIII e XIX*: Teorias e práticas editoriais, 1ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Do Autor, 2014. Disponível em http://www.músicasacrabrasileira.com.br/ebooks/Música_sacra.pdf. Acesso em agosto de 2021.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. *Três estudos sobre a Antífona Salve Regina de Lobo de Mesquita: edições. Análises e gravações*. Rio de Janeiro: S2 Books. 124 p. 2020a. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Downloads/Figueiredo-2020-antifona-lobo-de-mesquita-ebook-salve-regina.pdf. Acesso em setembro de 2020

FIGUEIREDO, Carlos Alberto (org.). Coleção música sacra mineira. V. I. Rio de Janeiro: FUNARTE. Ebook. 2020b.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. *Música Sacra e religiosa brasileira dos séculos XVIII e XIX*: Teoria e práticas editoriais. 2. ed. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2017. v. 01. 359 p. Disponível em duas versões (PDF e e-book). Disponível em: http://www.músicasacrabrasileira.com.br/ebook-música-séc18-19.php. Acesso em outubro de 2021

FONSECA, Maria da Conceição Rezende. Música mineira nos Séculos XVIII e XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais*... Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984a. p. 39-42

FONSECA, Maria da Conceição Rezende. A história e o Museu da Música da Arquidiocese de Mariana, MG. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais*... Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984b. p. 43-49.

FONSECA, Maria da Conceição Rezende. Museu da Música da Arquidiocese de Mariana, Minas Gerais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais*... Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984c. p. 51-59.

FONSECA, Maria da Conceição Rezende. *A música na história de Minas Colonial.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1989

FONSECA, Modesto Flávio Chagas. Antífona Salve Regina de J. J. Lobo de Mesquita. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO, II, 2012. *Anais*... Rio de Janeiro: SIMPOM, 2012. p. 1270-1279. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/simpom/article/view/2554/1883.
Acesso em agosto de 2021.

FONSECA, Modesto Flávio Chagas. *Um caminho para a análise de estilo*: a expressão musical para a declamação do texto da antífona Salve Regina em obras de compositores setecentistas mineiros. Rio de Janeiro, 2013, 291f. Tese (Doutorado em Música). Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2013.
Disponível em: http://www.unirio.br/ppgm/arquivos/teses/modesto-flavio
Acesso em janeiro de 2020.

FORBES, Jack. *African and Native Americans*: the language of race and the evolution of Red-Black people. Illinois: University of Illinois, 1993

GOMES, Ângela de Castro. Escuta de si, escrita da História. In: *História em reflexão* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONTIJO, Clovis Salgado. Forma e estilo na música colonial brasileira e na música europeia dos séculos XVII e XVIII. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, III, 1998. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1999, p. 33-36.

GUATIMOSIM. Júlio; BRAGA, Natália; TEMPESTA, Julia e ROCHA, Edite. Oneyda Alvarenga e Curt Lange: análise documental de uma relação epistolar. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXIX, 2019, Pelotas. *Anais*... ANPPOM, 2019, p. 1-9, 2019. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2019/5842/public/5842-20706-1-PB.pdf
Acesso em agosto de 2021

GUIMARÃES, Maria Inês. O Catálogo Temático da obra de Lobo de Mesquita. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, IV, 2002. *Anais*... Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2002., p. 173-190.

GUIMARÃES, Maria Inês. José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. In: *José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita*. CASTAGNA, Paulo (coord.). Pesquisa musicológica, edição e comentários Carlos Alberto Figueiredo, Chiquinho de Assis, Marcelo Campos Hazan, Maria Inês Guimarães, Paulo Castagna; pesquisa litúrgica e arquivística Aluízio José Viegas; Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais/ Secretaria de Estado de Cultura, 2008. 401p.

HORA, Edmundo. O que podemos compreender a partir da ornamentação do Adagio da Sonata "Sabará". IN: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, V, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2004. p. 298-307.

KATER, Carlos. Análise e música brasileira dos séculos XVIII e XIX. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA JUIZ DE FORA. I, 1994. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música de Juiz de Fora, 1995. p. 35-53.

KANJI, Ricardo; MARANHÃO, Ricardo; CASTAGNA, Paulo; VOLPATO, Reinaldo. História da música brasileira. São Paulo: Telebrás, Cepec, Frontlog, Vídeo. 10v. 1999. Disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=WO1Uwyn62v4
https://www.youtube.com/watch?v=MXD_BVH0ae4
https://www.youtube.com/watch?v=BEYAT3FGaIw
https://www.youtube.com/watch?v=2E9ZwYlOlPk
https://www.youtube.com/watch?v=Bjjj7UYHCfc
https://www.youtube.com/watch?v=i5SZCPzNitk
https://www.youtube.com/watch?v=fudp2F9UkQQ
https://www.youtube.com/watch?v=h-v2xcFU60Q
https://www.youtube.com/watch?v=A3AG-xyIlmA
https://www.youtube.com/watch?v=cTuuSB-BYXo
Acesso em abril de 2022

LANGE, Francisco Curt. La música en Minas Gerais – Un informe preliminar. *Boletín Latino-Americano de Música*. Brasil, Imprensa Nacional, VI, 1946. p. 409-494.

LANGE, Francisco Curt. *Archivo de música religiosa de La Capitania Gerais. Brasil, siglo XVIII*. Mendoza: Escola Superior de Música. Departamento de Musicologia. Universidad Nacional de Cuyo, 1951. Disponível em: https://www.worldcat.org/title/archivo-de-música-religiosa-de-la-capitaniageral-das-minas-gerais-brasil-siglo-xviii/oclc/29298737. Acesso em outubro de2020.

LANGE, Francisco Curt. Os compositores na Capitania Geral das Minas Gerais. Separata da *Revista Estudos Históricos*, n. 3 e 4. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1965. Disponível em:

http://www.memoriadamúsica.com.br/site/index.php/historia-e-música-na-universidade2/366-308-os-compositores-na-capitania-geral-das-minas-gerais. Acesso em outubro de 2020.

LANGE, Francisco Curt. A organização musical durante o período colonial brasileiro. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, V, Coimbra Portugal, Gráfica Coimbra, 1966. Disponível em: https://www.worldcat.org/title/organizacao-musical-durante-o-periodo-colonial-brasileiro-por-francisco-curt-lange/oclc/46016358 2 Acesso em outubro de 2020

LANGE, Francisco Curt. A música na vila real de Sabará. *Revista Estudos Históricos*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras n. 5, p. 97-198, 1967.

LANGE, Francisco Curt. As Danças coletivas públicas no período Colonial brasileiro e as Danças das corporações de ofícios em Minas Gerais. *Revista Barroco*, Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros – UFMG, n. º 01. p. 15-62, 1969.

LANGE, Francisco Curt. Um fabuloso redescobrimento: para a justificação da existência da música erudita no período colonial brasileiro. *Revista de História*, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, ano 26, v.54, n.107, p. 45-67, 1976.

LANGE, Francisco Curt. *História da música nas irmandades de Vila Rica: Freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto*. Coleção História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais v.1. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, Conselho Estadual de Cultura. 1979a. 458 p.

LANGE, Francisco Curt. *A música na Irmandade de São José dos Homens Pardos ou Bem Casados* - Coleção da História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais. v. 2. Ouro Preto: Anuário do Museu da Inconfidência, ano III, p. 11-231, 1979b. 224 p.

LANGE, Francisco Curt. História da música nas irmandades de Vila Rica: Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. Coleção História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais. v.5. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. Conselho Estadual de Cultura. 1981. 256 p.

LANGE, Francisco Curt. *História da música na Capitania Geral de Minas Gerais: Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco*. Coleção História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais, v.8. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. Arquivo Público Mineiro. Conselho Estadual de Cultura, 1982. 470p.

LANGE, Francisco Curt. A música em Minas Gerais: um informe preliminar IN: MOURÃO, Rui. *O Alemão que descobriu a América*. Belo Horizonte: Itatiaia, p. 99-179, 1990.

LEONI, Aldo Luiz. *Os que vivem da arte da música*: Vila Rica, século XVIII. Campinas, 2007. 185f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2007.
Disponível em:
https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/1340135
Acesso em agosto de 2018.

LEONI, Aldo Luiz. Historiografia musical e hibridação racial. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 95-119, 2010. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/viewFile/29288/16440. Acesso em agosto de 2021

LE GOFF, Jacques. Documento Monumento. In: LEITÃO Bernardo *et al*. *História e Memória*. 7ª edição revisada. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2013. p. 462-476

LUNA, Renato Somberg Moisés. Breve História da música antiga em Minas Gerais. *Revista Pretexto*. Belo Horizonte: FUMEC, V.6, n.1 p. 33-44. 2005. Disponível em: https://doi.org/10.21714/pretexto.v6i1.410. Acesso em agosto de 2021.

MACHADO NETO, Diósnio. Administrando a festa: Música e Iluminismo no Brasil colonial. 2008, 470f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Comunicação e Artes – ECA, Universidade de São Paulo – USP, 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27140/tde-05072009-230904/pt-br.php Acesso em outubro de 2021

MACHADO NETO, Diósnio. *Em vão vigiam as sentinelas*: cânones e rupturas na historiografia musical brasileira sobre o período colonial. 2011. 322f. Tese (Livre Docência), Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.
Disponível em:
https://repositorio.usp.br/item/002261704 Acesso em agosto de2021.

MAGNANI, Sérgio. Histórico de um trabalho de restauração de obras musicais do Século XVIII. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais*... Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984a. p. 103-104.

MAGNANI, Sérgio. Restauração de Ave Regina Angelorum de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais*... Belo Horizonte: Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1984b. p. 105-115.

MAGALHÃES, Beatriz Castro. Pesquisa musicológica do espaço colonial brasileiro: perspectivas ideológicas e mercadológicas do seu desenvolvimento no espaço contemporâneo. *Música em Contexto*, Universidade de Brasília – UNB. 1, p. 73-89. 2007. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12536/1/ARTIGO_PesquisaMusicologicaEspaco.pdf. Acesso em agosto de 2021

MAWE John. *Viagens ao interior do Brasil*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Zelio Valverde, 1978, 347 p.

MEDAGLIA, Júlio. A música em Minas Gerais. O Estado de Minas – Suplemento Literário. Belo Horizonte, 10 julho de 1965

MIRANDA, Daniela. *Músicos de Sabará*: a prática musical religiosa a serviço da câmara (1749-1822). Belo Horizonte. 2002. 168 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VGRO-5KRP2U. Acesso em agosto de 2021

MIRANDA, Daniela. Músicos de Sabará: a música religiosa a serviço da Câmara (1749-1822). In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, V, 2002. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004. p. 308-321

MONTEIRO, Maurício. Apolo e Dionísio na Música Colonial Mineira. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA JUIZ DE FORA, I, 1994. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1995, p. 71-75.

MONTEIRO, Maurício. *João de Deus de Castro Lobo e* às *práticas musicais nas associações religiosas de Minas Gerais (1794-1832*). São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1995.

MONTEIRO, Maurício. Uma introdução sobre a musicologia no Brasil (o caso da música colonial mineira). In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, III, 1998. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1999, p. 103-114.

MONTEIRO, Maurício. Na esfera dos limites, no círculo das articulações. Música em Minas colonial. In: Magalhães, F. (Curadoria); CURTI, A. H. (Coord.). *Aleijadinho e seu tempo: fé, engenho e arte.* Rio de janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2006, p. 59-63.

MONTEIRO, Maurício. Música e Identidade em Minas Gerais Colonial. *Caletroscópio,* Revista do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos e Linguagem. São Paulo: v. 4, p. 63-87, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/3666/2886. Acesso em set. 2021

MONTEIRO, Maurício. *Música e Vida Cotidiana em Minas Gerais, séculos XVIII e XIX*. Parte I. Ouro Preto: Editora Castro Lobo, 2018. 317p.

MORETZSOHN, Julio. *Missa a 4 vozes para Quarta-feira de Cinzas com violoncelo obbligato e órgão de J. J. Emerico Lobo de Mesquita* - um estudo interpretativo. Rio de Janeiro, 1997. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO, 1997.

MORETZSOHN, Julio. *As Missas de J. J. Emerico Lobo de Mesquita* - um estudo analítico e estilístico. Rio de Janeiro, 2008. 651f. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO, 2008.

MOURÃO, Rui. *O alemão que descobriu a américa*. Belo Horizonte: Itatiaia. Brasilia: Instituto Nacional do Livro. 1990. 179p.

MOYA, Fernanda Nunes. Francisco Curt Lange e o Americanismo Musical nas décadas de 1930 e 1940. *Revista Faces Históricas,* v.2, p. 17-37. 2015.

NEVES, José Maria. *Situação e problemática da música mineira colonial*. In: SEMINÁRIO SOBRE CULTURA MINEIRA COLONIAL. 1980, Belo Horizonte. *Anais*... Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, Imprensa Oficial, 1980. p. 93-108

NEVES, José Maria. *Maurício e os compositores mineiros setecentistas*. José Cândido de Andrade Muricy. (Org.). Estudos Mauricianos. Rio de Janeiro: FUNARTE. Instituto Nacional de Música. Projeto Memória Musical Brasileira, v. 1, 1983, p. 55-64.

NEVES, José Maria. A música brasileira setecentista vista através de manuscritos pertencentes a arquivos musicais portugueses. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, I, 1984, Mariana. *Anais...* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1984. p. 137-160.

NEVES, José Maria. Elementos da tradição oral na música sacra mineira. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, VI, Rio de Janeiro,1993. *Anais*... Rio de Janeiro: ANPPOM, 1993. p. 215-216.

NEVES, José Maria (Org.). *Catálogo de obras Música Sacra Mineira*. 1. ed. v. 01. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1997a.

NEVES, José Maria. *Música sacra mineira: seleção de partituras*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997b. v. 1. 319p.

NEVES, José Maria. Presença de Curt Lange. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, I, 1998, Curitiba. *Anais*... Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1998. p. 14-18.

NEVES, José Maria. Arte, artesanato e tradição oral na música colonial brasileira. *Arte Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. TRAVASSOS, Elizabeth (Org.). Rio de Janeiro – IPHAN. nº 28. 174-197. 1999.

NEVES, José Maria. *Música Sacra Mineira: Biografias, estudos e partituras.* 2ª ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2000a. V.1 384p.

NEVES, José Maria. A música religiosa no Brasil colonial. In: JORNADAS GULBENKIAN DE MÚSICA ANTIGA, XXI, 2000, Lisboa. *Anais*... Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000b. p. 186-196.

NOVAES, Felipe; ROCHA, Edite Maria Oliveira. Solicitações de pagamento e autos de arrematação de música em Vila Rica (1775-1812): uma abordagem metodológica. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXIX, 2019, Pelotas. *Anais*... ANPPOM, 2019a. p. 1-8. Disponível em: https://anppom.com.br/congressos/index.php/29anppom/29CongrAnppom/paper/view/5722. Acesso em agosto de 2021.

NOVAES, Felipe; ROCHA, Edite Maria Oliveira. Mapeamento das relações sócio profissionais de oficiais músicos em Vila Rica entre 1775 e 1798. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXIX, 2019b, Pelotas. *Anais*... ANPPOM, 2019. v. 1. p. 1-8. Disponível em: https://anppom.com.br/congressos/index.php/29anppom/29CongrAnppom/paper/view/5724. Acesso em agosto de 2021.

NOVAES, Felipe. A música na arquitetura jurisdicional do Estado Monárquico Luso: Vila Rica em contexto. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, III, 2019c, São João del Rei. Anais... Universidade Federal de São João del Rei, 2019c, v. 1. p. 153-167. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/emhcv/ANAIS%20III%20EMHCV.pdf. Acesso em agosto de 2021.

NOVAES, Felipe. *Entre Santos e mosquetões: arremates de música em Vila Rica (1775-1812)*. Belo Horizontes, 2019, 258f. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019a. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/30424. Acesso em agosto de 2021.

NOVAES, Felipe. Vila Rica em festa (1775-1812): atuação do oficialato em música nas festividades do Senado da Câmara. In: Congresso da CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXIX, 2019, Pelotas. *Anais*... ANPPOM, 2019b, p. 1-8. Disponível em: https://anppom.com.br/congressos/index.php/29anppom/29CongrAnppom/paper/view/5722. Acesso em agosto de 2021.

NOVAES, Felipe; ROCHA, Edite. Maria Oliveira. Oficiais músicos e qualidade social por cor em Vila Rica nos finais do Setecentos. In: COLÓQUIO DE PESQUISA EM MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, II, 2019, Ouro Preto. *Anais*... Universidade Federal de Ouro Preto, 2019c. v. 1. p. 1-15. Disponível em: https://música.ufop.br/sites/default/files/música/files/caderno_de_resumos_do_i_i_coloquio_7_jul._2019.pdf?m=1562540176. Acesso em agosto de 2021.

NOVAES, Felipe. Negociantes de fino trato: música, festas e arremates em Vila Rica (1775-1812). In: NAS NUVENS CONGRESSO DE MÚSICA, V, 2019, Belo Horizonte. *Anais*... Belo Horizonte: 5º-nas-nuvens-congresso-de-música, 2019d. p. 1-11. Disponível em: https://música.ufmg.br/nasnuvens/index.php/5o-nas-nuvens-congresso-de-música-anais-2019/ Acesso em agosto de 2021

NOVAES, Felipe. Dois de janeiro de 1762: um requerimento e outro modo de financiar a música em Vila Rica. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXX, 2020, Manaus. *Anais*..., ANPPOM, 2021. p. 1-11. Disponível em: https://www.academia.edu/45029268/ Acesso em agosto de 2021.

OLIVEIRA, Tarquíno José Barbosa de. A música oficial em Vila Rica, 1772-1796. Ouro Preto: texto datilografado, 1979.

OLIVEIRA, Manoel Dias de. *Bajulans*. Estudo e edição de Rubens Ricciardi. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, X, 1997. Goiânia, *Anais*... ANPPOM, 1997. p. 281-282.

OLIVEIRA, Katya Beatriz de; RÓNAI, Laura Tausz. A prática musical religiosa no Brasil e em Portugal na segunda metade do século XVIII: paralelo e fundamentação para a interpretação vocal da música de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. *Per Musi,* Belo Horizonte, n.24, 2011, p. 151-166. Disponível em: http://música.ufmg.br/permusi/permusi/port/numeros/24/num24_cap_15.pdf. Acesso em setembro de 2021

OLIVEIRA, Katya Beatriz de. *A interpretação vocal na missa em Mi bemol de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita*: por uma interpretação historicamente fundamentada, focalizando o soprano solo Quoniam. Rio de Janeiro, 2011. 241f. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em música. Centro de Letras e Artes. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, 2011. Disponível em: https://pt.slideshare.net/katybia/dissertao-de-mestrado-unirio. Acesso em agosto de 2021.

PAULA. Rodrigo Teodoro de. *Música e Representação nas Cerimônias de Morte em Minas Gerais (1750-1827) Reflexões para o estudo da memória sonora na festa.* Belo

Horizonte, 2006. 157f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/GMMA7XXM3W/1/rodrigo_teodoro.pdf. Acesso em agosto de 2021

PARDINI, Rodrigo; ROCHA, Edite. Um olhar através dos indícios da atividade musical das associações religiosas de leigos nos registros do Senado da Câmara (São João del-Rei, 1731-1750). In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, III, 2020, São João del-Rei. *Anais*... Universidade Federal de São João del-Rei, 2020, p. 81-91.

PIRES, Sérgio Macedo. *Lobo de Mesquita e a Música Colonial Mineira*. Belo Horizonte, 1994. Dissertação (Mestrado em Música). Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário - CBM-CEU, Rio de Janeiro, 1994.

PIRES, Sérgio Macedo. A edição crítica do Te Deum mais conhecido de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. In: COLÓQUIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UFRJ, 7º, Rio de Janeiro. *Anais* ... Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

PRECIOSO. Daniel. Aspectos da música religiosa na colônia: Regentes, compositores e instrumentistas pardos (Vila Rica, 1770-1808). Histórica – *Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 50, p. 1-13, 2011. Disponível em: http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao50/materia02/ Acesso em de outubro de 2020.

QUIRINO, Daniel Costa de Morais *Música Viva 1942*: Práticas de Cooperação Internacional e Estratégia de Consagração Cultural. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação – ANPPOM, 2019, 168 p.

REMIÃO, Cláudio. *Música e Brasil – uma interpretação histórica dos primeiros usos do barroco*. Rio Grande do Sul, 2004. 157f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/34325010/CL%C3%81UDIO_ROBERTO_DORNELLES_REMI%C3%83O_M%C3%9ASICA_E_BRASIL_UMA_INTERPRETA%C3%87%C3%83O_HIST%C3%93RICA_DOS_PRIMEIROS_USOS_DO_BARROCO. Acesso em agosto de 2021.

REMIÃO, Claudio Roberto Dornellas. *O caso Curt Lange: análise de uma polêmica (1958-1983)*. Porto Alegre, 2018. 329p. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Programa de pós-graduação em História. Escola de Humanidades. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2018. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8475 Acesso em agosto de 2021.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou ... In: Escrita de si, escrita da História. *Revista História em Reflexão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas – FGV, 2004, p. 35 -42

RICARDO, Felipe Novaes. A música sacra em Minas setecentista: a divergência em comum. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA UFMG, V, 2016, Belo Horizonte. *Anais*... Brasil em perspectiva: passado e presente. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016a. v. 1. p. 393-403. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br. Acesso em agosto de 2021

RICARDO, Felipe Novaes. Um universo e instável equilíbrio: tensão e repouso na linguística musical do barroco mineiro. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE MÚSICA IBERO-AMERICANA (SIMIBA), IV, e CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSICOLOGIA (ABMUS), I, 2016b, Belo Horizonte. *Anais*... Belo Horizonte, Escola de Música da UFMG, 2016. p. 174-190. Disponível em: https://abmus-simiba.weebly.com/anais.html Acesso em agosto de 2021.

RICARDO, Felipe Novaes. O moteto na tradição piranguense: práticas mineiras. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXVI, 2016, Belo Horizonte. Anais..., ANPPOM, 2016c. p. 1-8. Disponível: https://www.anppom.com.br/congressos/index.php/26anppom/bh2016/schedConf/presentations. Acesso em agosto de 2021.

RICARDO, Felipe Novaes. *Volutas agudas e esmeriladas: tensão e repouso na linguística musical do Barroco Mineiro*. In: Otávio Luiz Machado. (Org.). Universidade de Ideias. 1ed. Frutal: Prospectiva, v. 7, p. 40-79. 2016d. Disponível: https://www.aacademica.org/repositorio.digital.uemg.frutal/12.pdf. Acesso em agosto de 2021.

RICARDO, Felipe Novaes; ROCHA, Edite Maria Oliveira. Estudo musicológico sobre o impacto da violência em Minas Gerais setecentista: assimetrias, significados, linguagem e distinção social. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DO CAMPO DAS VERTENTES, I, 2017, São João del-Rei. *Anais*... Universidade Federal de São João del-Rei: 2017. p. 302-320. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portalrepositorio/File/emhcv/ANAIS%20do%20I%20EMHCV.pdf. Acesso em agosto de 2021.

RICARDO, Felipe Novaes. Um duro e feio golpe: violência e música nas Minas setecentista. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA UFMG, VI, 2017, Belo Horizonte. *Anais*...: Belo Horizonte: Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas FAFICH /UFMG, 2018, v. VI. p. 223-231. Disponível em: https://api.ephisufmg.com.br/annals/ENPHIS%202018%20%20UFMG_%20ANAIS%202018%20_%20vers%C3%A3o%202.pdf
Acesso em agosto de 2021

RICCIARDI, Rubens Russomanno. Moteto *Bajulans* e *Populе* Meus de Manoel Dias de Oliveira. In ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, X, 1997, Goiânia. *Anais*... ANPPOM, 1997. p. 275-284.

RICCIARDI, Rubens Russomanno. Manuel Dias de Oliveira: esboço biográfico e a partitura de "Eu vos adoro". *COLÓQUIO INTERNACIONAL A MÚSICA NO BRASIL COLONIAL*, *I*, Lisboa, 2000. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 235-292.

RICCIARDI, Rubens Russomanno. *Manuel Dias de Oliveira, um compositor brasileiro dos tempos coloniais – partituras e documentos*. São Paulo, 2000, 142f. Tese (Doutorado em Música). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2000. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001100924. Acesso em agosto de 2021

RICCIARDI, Rubens Russomanno. Florêncio José Ferreira Coutinho e a Sexta-Feira Maior de Manhã. In: PAIS, José Machado; BRITO, Joaquim Pais de; CARVALHO, Mário Vieira de. *Sonoridades luso-afro-brasileiras*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2006. p. 39-46.

ROCHA, Edilson Assunção. A missa grande de Antônio dos Santos Cunha: influência operística na obra de um compositor colonial mineiro. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XVI, 2006, Brasília. *Anais*... ANPPOM, 2006. p. 1003-1008. Disponível em: https://www.anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/POSTERES/13_Pos_Perf/13POS_Perf_01-014.pdf. Acesso em agosto de 2021

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. Capitão Manoel Dias de Oliveira – parca documentação para uma longa vida. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA JUIZ DE FORA. I, 1994. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música. 1995. p. 54-61.

SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Distrito Diamantino*. 4ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1976.

SILVA, Dário A. F da. *Memória sobre o Serro antigo*. Ed. do autor. Serro: Tipografia Serrana, 1928.

SILVA, Handel Cecilio Pinto de. O órgão setecentista de Diamantina: em busca da identidade deste instrumento. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XXI, 2006, Brasília. Anais... ANPPOM, 2006, p. 579 – 586. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/04_Com_Musicologia/sessao09/04COM_MusHist_0905-157.pdf. Acesso em dezembro de 2021.

SOARES, Eliel Almeida MACHADO NETO, Diósnio. Exemplos de Figuras Retóricas de Interrupção e Silêncio em José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE MÚSICA NA AMAZÔNIA. BOA VISTA -RR (SIMA), IV, Roraima, 2014 *Anais*... Roraima, 2014, p. 350-362. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/Musicologia_2014_ANAIS.pdf Acesso em dezembro de 2021.

SOARES, Eliel Almeida. O Emprego de Elementos Retóricos na Música Colonial Brasileira. In: *Música, Cultura e Identidade no Bicentenário da Elevação do Brasil a Reino Unido* Editores: Ruthe Zoboli. 2017a. p. 154-181. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/309616563_O_Emprego_de_Elementos_Retoricos_na_Música_Colonial_Brasileira. Acesso em agosto de 2021

SOARES, Eliel Almeida. *O Emprego da Retórica na Música Colonial Brasileira*. São Paulo, 2017, 533f. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (USP), 2017b. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27157/tde07072017141033/publico/ELIELALMEIDASOARESVC.pdf. Acesso em agosto de 2021

SOARES, Eliel Almeida. A retórica em quatro compositores da música colonial brasileira: Manuel Dias de Oliveira, José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, André da Silva Gomes e José Maurício Nunes Garcia". *Per Musi,* n. 39, p. 1-31. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/view/14913. Acesso em agosto de 2021.

SPIX e MARTIUS. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. v. 02. 432p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/573991/001118266_Viagem_pelo_Brasil_v.2.pdf?sequence=15&isAllowed=y Acesso em agosto de 2021

SPIX e MARTIUS. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. v. 02. 492p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/573991/001118266_Viagem_pelo_Brasil_v.3.pdf?sequence=16&isAllowed=y Acesso em agosto de 2021

TONI, Flávia Camargo. Música nas Irmandades da Vila de São José e o Capitão Manoel Dias de Oliveira. São Paulo, 1985, Dissertação (Mestrado em Artes). Departamento de Informação e Cultura (CBD), Escola de Comunicação e Artes ECA, Universidade de São Paulo, 1985. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/000717023. Acesso em outubro de 2020.

TONI, Flávia Camargo e CAZONE, Valquíria Maroti. Mário de Andrade, Francisco Curt Lange e Carleton Sprague Smith: as discotecas públicas, o conhecimento musical e a

política cultural. *Revista Instituto de Estudos Brasileiros,* São Paulo, n. 57, p. 181-204. 2013.

VACCARI, Pedro Razzante. *O negro e a música nos trópicos*: o embraquecimento histórico do Padre Maurício Nunes Garcia. São Paulo, 2021, 236f. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho". Instituto de Artes UNESP. São Paulo. 2021. Disponível em:
https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/204643/vaccari_pr_dr_ia.pdf?sequence=3&isAllowed=y
Acesso em maio de 2022.

VIANA, Fábio Henrique. Maravilha e conhecimento na arte religiosa de Minas colonial. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 24, 2011a, p. 143-150. Disponível em:
https://www.scielo.br/j/pm/a/rxMVzhmWyhrYQqpnWZh6fgJ/?lang=pt&format=pdf. Acesso em agosto de 2021

VIANA, Fábio Henrique. *A paisagem sonora de Vila Rica e a Música Barroca dos Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2011, 203f. Tese (Doutorado em História). Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011b. Disponível em:
https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAFI-8M5JZR. Acesso em agosto de 2021

VIEGAS, Aluízio José. Música em São João del-Rei de 1717 a 1900. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, São João del-Rei, n. 5, 1987.

VIEGAS, Aluízio José. O teatro e a ópera no período colonial em São João-del-Rei. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, III, 1998. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 1999, p. 258-270.

VIEGAS, Aluízio José. O inventário de um músico são-joanense do século XVIII: Lourenço José Fernandes Braziel. ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA DE JUIZ DE FORA, VI, 2004. *Anais*... Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2006. p. 258-270.

VOLPE, Maria Alice. Irmandades e ritual em Minas Gerais durante o Período Colonial: o Triunfo Eucarístico de 1733. *Revista Música*, São Paulo, v. 8, n. 1/2, p. 5-55, 1997.

WERLANG, Guilherme. Estilo e personalidade na música do ciclo do ouro em Minas Gerais. In: *Latin American Music review,* v. 12, nº.2, Autumn-Winter. University of Texas Press, 1991.